O
Investigador Portuguez
EM
INGLATERRA.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

Condo et compono, quæ mox depromere possim.

HOR.

VOL. VIII.

LONDRES:

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

NOVEMBRO, de 1813.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA PORTUGUEZA.

CUMPRINDO com o que promettemos a pag. 379 do Vol. VII. do nosso Jornal; e para satisfazer a impaciencia, e vivos dezejos d'alguns dos nossos Subscriptores Inglezes, vamos inserir a interessantissima Memoria aprezentada a Academia Real das Sciencias de Lisboa, por Luis Antonio de Oliveira Mendes, sobre o seguinte

PROGRAMMA.

Determinar com todos os seos Symptomas as doenças agudas, e chronicas, que mais frequentemente acommettem os Pretos recem-tirados da Africa: examinando as Cauzas da sua mortandade depois da sua chegada ao Brazil:

se talvez a mudança do Clima, se a vida mais laborioza, ou se alguns outros motivos concorrem para tanto estrago; e finalmente indicar os methodos mais apropriados para evitalo, prevenindo-o, e curando-o. Tudo isto deduzido da experiencia mais sizuda, e fiel.

——— quod non
Multa dies, et multa litura coërcuit, atque
Præsectum decies non castigavit ad unguem.
HORAT. DE ART. POET.

ENTRE os projectos, em que se tem, desde a sua origem, e estabelecimento empregado esta Real Academia; nenhum he mais digno de louvor, do que o prezente, que foi dado para discorrer-se; porque ao tempo, em que ella compadecida se manifesta huma perfeita, e verdadeira amiga desta porçaõ mais desgraçada da especie humana, consultando em geral os interesses dos Pretos recem tirados dos Reinos Africanos para o Brazil, na preservaçaõ das suas vidas; consulta tambem em particular os dos seos senhores, que, por effeito da compra, de continuo arriscaõ o seu valor, e importancia que com aquelles se sepulta: e em commum os do Estado, que sabe, e peza, que elles saõ tanto mais preciozos, quanto necessarios para a estabilidade, e promoçaõ da Agricultura, e das differentes manufacturas nos Dominios do Ultramar; de cujos transportes continuados, fazendo successivamente girar o Commercio, e pôr em actividade a navegaçaõ, se percebem avultadissimos Direitos.

Para proseguir em hum assumpto taõ vasto, e em hum objecto que por si mesmo se faz recommendavel, e digno das maiores attençoens, procedendo methodica, e, quanto possivel me seja concizamente; dividirei este discurso em seis partes, ajuntando a cada huma dellas as reflexoens precizas; e estas em seu todo derivadas da mais sizuda, e fiel experiencia.

Na primeira parte: tratarei da natureza, e da qualidade do ar que os Pretos respiraõ na Africa: da salubridade das aguas; da temperança, ou intemperança de seu clima natalicio; da liberdade do seu viver; dos seos costumes; no que, e quanto se occupaõ; de que se sustentaõ; e finalmente do vestuario, que lhes serve de resguardo ao Corpo.

Na segunda parte: tratarei do modo, cauzas, e principio porque saõ desapossados da sua apreciavel liberdade; concluindo com os systemas, pelos quaes os Pretos na mesma Africa saõ trazidos para o Cativeiro.

Estes dois pontos ao tempo que fazem parte do Discurso, lhe servem de huma preciza introducçaõ; e por isso tive por conveniente principiar por elles, para os conhecimentos necessarios.

Na terceira parte; tratarei da lastimoza situaçaõ dos Pretos escravos; e subdividirei a mesma escravidaõ em tres distinctas idades, a saber. A primeira quando saõ desnaturalizados do seu paiz ate ao Porto maritimo, aonde na Africa saõ revendidos para serem transportados para o Brazil: a segunda, quando saõ transportados, e entregues ao Commissario ate áquella epoca em que saõ revendidos no Brazil a diversos Senhores: a terceira, quando na America os Senhores os compraõ, e os ficaõ possuindo ate ao ultimo espaço das suas vidas.

Na quarta parte: tratarei das doenças agudas, que ordinariamente os acommettem, e que saõ adquiridas nas mudanças, e variaçoens dos seos alongados transportes; aonde tudo de máo, e contrario á saude os persegue.

Na quinta parte: tratarei das doenças Chronicas, tirando algumas dellas a sua origem das agudas, de que escapáraõ; e indicando donde sejaõ provenientes as outras, que de novo insurgem.

Neste lugar a seu tempo pela demonstraçaõ dos factos deduzidos, e tirados da mais fiel experiencia, me verei obrigado a tirar as duas necessarias concluzoens. Primeira, que os Pretos, que da Africa saõ transportados para o Brazil, escapando a tántos contra tempos; inclemencias, e infortunios, podem ser chamados homens de pedra, ou de ferro. Segunda, que a cauza de toda a sua grande mortandade, e estrago, alem das outras cauzas que menos concorrem, he o modo, porque saõ tratados; e que faz nascer a maior parte das suas molestias: as quaes cada vez mais vaõ crescendo, e levaõ os Pretos a Sepultura.

Na sexta parte: tratarei com fidelidade dos meios de se acautelarem, e de se curarem humas, e outras

B 2

enfermidades, sendo tudo deduzido da experiencia,* das mais exactas informaçoens e da presencial observaçaõ deste fatal estrago; fazendo esta ultima parte hum perfeito jogo com as reflexoens, e principios estabelecidos, e expontaneamente nascidos de todas as outras precedentes.

Capitulo I.

Da natureza, e da qualidade do ar, que os Pretos respiraõ na Africa; da indole dellas; da salubridade das aguas, da temperança do seu Clima natalicio; da liberdade do seu viver; dos seos costumes; no que, e o quanto se occupaõ; de que se sustentaõ; e finalmente do vestuario.

He coiza por todos bem sabida, que a grande porçaõ de Pretos que da Africa saõ transportados para fornecer de escravatura a todo o Brazil, he extrahida da Costa chamada da Mina; de Cabinda; do Reino de Angola; do Novo Rodondo; de Benguella; de Cabo Verde;† portos todos estes da Costa de Leste na Africa; sem que se falle nas Ilhas adjacentes de Bissau, e Cacheu; de Fernando Po; da Ilha do Principe; de S. Thomé; da do Anno Bom;‡ e de Moçambique, na Contracosta.||

Todas estas terras, segundo descrevem as cartas Geograficas, ficaõ de 1 a 8 gráos ao Norte, e ao Sol do Equador.

Desta deducçaõ se tira a certeza de que os Pretos exportados para o Brazil, ainda considerados no centro dos seos certoens, saõ na sua origem, e nascimento, habitadores dispersos do meio dia.

Em razaõ desta sua situaçaõ local, he claro, que

* Falla-se da experiencia domestica, e naõ da Clinica.

† Da Ilha de Cabo Verde se exporta a escravatura para o Pará.

‡ Naõ se falla nas Ilhas de Bissau, e de Cacheu, e em todas as outras mais; porque ainda que em os seos certoens hajaõ pretos; com tudo quantos se podem reduzir á escravidaõ, saõ poucos, ou quando muito sufficientes para o serviço da terra.

|| De Moçambique he donde os Francezes, e Portuguezes vaõ buscar, e negociar escravos, que transportaõ para a Azia.

sendo elles habitadores da Zona Torrida, o seu Clima vem a ser intemperado, e ardentissimo, o que obriga ao terreno, e conseguintemente aos habitadores a demaziada evaporaçaõ, e transpiraçaõ. Por isso mesmo a athmosfera, que sobre elles carrega, e circula, he a mais crassa, e o ar mais pezado, e menos puro, que se pode considerar, sem que, por essa mesma cauza de situaçaõ, possa haver viraçaõ, e ventos successivos, que refrescando os, os refaça de hum novo ar, e este saudavel que os vivifique.

Sendo pois toda aquella dita Costa de Africa, e ainda muito mais seos entranhados certoens, pela falta das viraçoens ate do mar, o paiz mais ardente, que se pode suppor, em tanto extremo, que se poderia dizer, que o nosso dia de veraõ he para elles de rigorozo inverno; vem elle tambem a ser muito doentio.

Porem os Pretos que no seu seio nasceraõ, e que dentro delle tem o berço maternal; alli vivem com satisfaçaõ plena; tendo este clima pelo melhor; porque outros naõ conhecem; e por effeitos da correlaçaõ, que o nascimento tem com o clima, em hum ar quasi empestado, lograõ no seu tanto huma perfeita saude, e saõ proporcionalmente menos acommettidos das grandes, e crueis enfermidades; do que outros quaesquer, que lá entraõ, que ou saõ prezas certas; ou pelo menos passao por hum gravissimo perigo trazendo porem sempre com sigo os vestigios, posto que degenerados, daquellas enfermidades.

O que estes habitadores na força da ardencia do clima tem mais a seu favor, que de algum modo os refresca, e que vivifica a sua cultura dos campos, he o Cacibo, ou Cacimba da noute:* porem essa mesma lhe he prejudicial e infecta; porque desse mesmo pezado orvalho he que se originaõ algumas das suas enfermidades; o que melhor se confirma com a experiencia, do que succede ás pessoas estranhas no paiz, que fogem a Cacimba, para tambem fugirem a muitas enfermidades; e sendo por ella apprehendidos, infallivelmente adoecem: porem os Pretos da Africa ja a ella habituados, vivem, e dormem expostos a

* Cacimba he hum orvalho, que na Africa entra insensivelmente a cahir sobre a terra, desde o pôr do sol ate ao amanhecer.

essa mesma Cacimba, sem que tanto lhesprejudique; e menos ainda lhes prejudicaria, se sendo capazes de razaõ abraçassem a prevençaõ que os estranhos abraçaõ.

As aguas de que uzaõ estes habitadores da Africa concentrados nos seos certoens, aonde vivem dispersos, a excepçaõ daquelles que habitaõ nas proximidades dos rios correntes, que vem desembocar ao mar em a Costa, como saõ os Rios Manjuba, Angoi, que tem o seu principio na Lagoa Dembe, o rio Padron, Ambria, Bengo, Libongo, Danda, Zanze*, Palmeirim, Coanza,† sem que se falle em outros muitos riachos, que vem de encontro a estes, e na grande Lagoa do Marasvi, que conta legoas: as aguas digo de que uzaõ, saõ pessimas; porque alem de serem augmentadas, ou pelo menos conservadas, por essa mesma perenne Cacimba, os habitantes de longe se alimentaõ das aguas enxarcadas, e depozitadas, que aos poucos estaõ vertendo os pequenos regatos; e quando estes lhes faltaõ, e deixaõ de suprir, se valem das aguas estagnadas, e detidas das immundas lagoas, que alli existem; havendo sitios, aonde nenhumas outras ha senaõ estas.

Nos pagos, ou Aldeas em que habitaõ, alguns se valem de fazer huns fossos mui profundos, que chegaõ a imitar aos nossos poços. Nelles por natureza se achao aguas, alem de sempre tepidas, grossas, salitrozas, e de ordinario barrentas; o que bastaria para prejudicar á saude quando outra couza mais naõ concorresse.

Estes povos no seu clima natalicio tem toda a liberdade no seu viver e tem como huma regra inalteravel, e sem limites taõ somente a sua vontade. Naõ obstante esta franqueza do seu viver, tem certas leis, ainda que muito poucas, a que vivem sujeitas. Adop-

* Zanze, he hum rio que vem desembocar na proximidade da Cidade de Loanda no Reino de Angola, onde se vai buscar a melhor agua para os habitantes daquella Cidade: por onde tambem descem em canoas muitos mantimentos, e madeiras; o que tudo he beneficiado pelos Prétos.

† Coanza, he outro rio que vem de longe desembocar proximo á Cidade de S. Paulo de Loanda; pelo qual tambem se conduzem, e descem os mantimentos, e as madeiras para a dita Cidade; tudo fabricado pelos Pretos.

taõ entre os seos costumes a Polygamia; e saõ severos em fazer guardar, e cumprir (para me explicar assim) no seio da sua incultura a fidelidade conjugal.

O caracter destes povos, aindaque vivendo no centro da barbaridade, e do gentilismo, he o serem por genio rezolutos, doceis, sizudos, e de boa fé: por isso em tudo a que se entregaõ, e de que saõ susceptiveis, saõ extremozos, e constantes. Saõ amantes em ultimo extremo: saõ vingativos, quando desenganados lhe daõ motivos para o serem, e por isto sendo capazes do amor, e do odio; com facilidade traçaõ hum pelo outro: nunca desabridamente por effeitos da inconstancia, mas sim pela ardencia, auge, e reconhecimento da offensa. Saõ muitissimo fieis aquem se inclinaõ, e chegaõ a estimar; e tem odio com o mesmo extremo a quem chegaõ a aborrecer: o que melhor, e muito confirmará o que se hade deduzir nas outras partes.

Saõ os Pretos da Africa sadios, fortes, robustos, e de huma boa compleiçaõ, e natureza no seu tanto. Entre outras demonstraçoens, a que mais por ora nos desengana, e nos convence, vem a ser; que elles na sua minoridade, e ainda ja adultos, fazem pôr por enfeite, e signal em as suas faces muitos lanhos, e estes atrevassados, e profundos, cujos golpes chegaõ quasi ate aos ossos, sem que passem pelo perigo de vida; o que bem confirmaõ as infinitas cicatrizes maiores, e menores, que vemos em as faces dos Pretos, que da Africa saõ transportados para o Brazil, e do Brazil para Portugal.

Esses ditos lanhos naõ só tem por fim o enfeite, que elles prezumem; mas tambem saõ indicativos da familia, do Reino, do Prezidio, e do lugar, aonde nascerao, e saõ moradores; como por exemplo, de Ambaque, Ginga, Caçancha, Gólo, Dalandula, Chicamba, Mixicongo, Congo, &c.

Supportaõ ainda mais, pois quando saõ permutados, soffrem o signal privativo do *Certanejo*, que os leva na escravidaõ, para serem conhecidos, e achados, no cazo de fuga. Ainda de mais lhe accresce, que chegando ao Porto Maritimo, aonde haõ de ser embarcados, ahi tornaõ a ser mercados no peito direito com as

armas do Rey, e da Naçaõ, de quem ficaõ sendo vassallos, e vaõ viver sujeitos na escravidaõ; cujo signal a fogo lhes he posto com hum instrumento de prata no acto de pagar os direitos: e a esta marca lhe chamaõ *Carimbo.*

Soffrem de mais outra marca, ou carimbo, que a fogo tambem lhes manda pôr o privativo senhor delles, debaixo de cujo nome e negociaçaõ elles saõ transportados para o Brazil; a qual lhes he posta, ou no peito esquerdo, ou no braço, para tambem serem conhecidos no cazo de fuga: sem que nestes lances a natureza ceda a taés martyrios.

Estes povos pela maior parte vivem na inercia, e apenas se occupaõ em dois unicos trabalhos: primeiro, e principal no da agricultura, plantando o milho; o feijaõ, o aypim*; a mandioca†; a malagueta‡ o gergelim; o mandubim, de que fazem extrahir duas especies de azeite para o seu consumo; o gingibre, que ás vezes mascaõ, ainda que a maior parte deste genero lhes he levada do Brazil; e outras mais couzas, quanto elles consideraõ, que saõ sufficientes para o proprio sustento, e para o de toda a sua familia. Segundo, no da caça, e esta taõ somente quanta preciza seja para o mesmo fim.

Ainda que se acabe de dizer, que os Pretos na Africa se entregaõ mais a estes dois generos de trabalho, como o principal, e o mais precizo para a subsistencia da vida; com tudo demais se entretem no negocio do marfim, e da cera, cujos generos permutaõ por fazendas aos Certanejos.

Entre elles, assim como entre os Certanejos, corre o marfim como dinheiro: porque havendo, como ha em Loanda, o contracto delle, o contractador, que he

* O aypim he huma raiz de palmo ate dois palmos, que os Pretos na Africa costumaõ comer cozida; entre nós corresponde, e he semelhante ao nabo; e isso entre elles faz as vezes de páo.

† A Mandioca he huma raiz da mesma natureza, porem de outra especie; da qual se faz a farinha de páo, a quenga, de que se fallará no lugar competente, e tambem o enfunge, matete, angu, mingau.

‡ A Malagueta he, entre outras especies de pimentas a de que muito gostaõ os Pretos, por ser a mais ardente: he encarnada.

comprador certo, paga o marfim de conta, isto he, o de trinta, e dois arrateis para cima, a vinte oito mil reis o quintal; o meiaõ a razao de deseseis mil reis o quintal; o muido, ou escaravelha, isto he, de deseseis arrateis para baixo, a razaõ de seis mil, e quatro centos o quintal: tendo o contracto o privilegio exclusivo, para que nenhum outro possa transportar marfim para fora.

A cera de que muito abunda aquelle paiz, porque os Pretos costumaõ tirar o mel, que he o seu assucar, igualmente he negociada, e permutada com os Certanejos; e ainda que os Pretos naõ a saibaõ beneficiar, com tudo os Certanejos nos Prezidios tem as suas caldeiras, nas quaes a fervem, e beneficiaõ de hum tal modo, que transportaõ cera amarella, e branca; tendo cada paõ della 2, 3, e 4 arrobas, que he transportada pelos Pretos.

Como pois o seu primeiro desvelo, e o trabalho dos Pretos consista na agricultura, como mais necessaria para o seu viver, e estabilidade; diremos alguma coiza sobre ella. De hum modo celebre fazem a cultura dos campos, e a plantaçaõ doque necessitaõ. Saõ taõ inertes, e taõ pouco industriozos, que sendo lavrada a terra com humas paz de ferro, que saõ as suas enchadas, serviço este em que se occupaõ todos da familia indistinctamente; entre estes só tres saõ os que semeiaõ. Hum destes vai adiante com hum páo, que tem ferro na ponta, com o qual faz huma covinha: o segundo, que logo se segue, lança nessa cova a semente do que querem plantar: o terceiro, que vai em ultimo lugar, com o pé cobre de terra a semente, e desta sorte fazem huma plantaçaõ a que chamaõ *á corda*; e esta crescendo se deixa ver toda em carreiras. Em soccorro da agricultura, alem das chuvas, que he no que consiste o seu inverno por pouco tempo, nada mais apreciavel ha do que o orvalho da noite, ou cacimba; que para este intento he essencial, pois que a ella se deve a fertilidade dos campos.

Como hum dos trabalhos, e o segundo em que se empregaõ aquelles habitantes, he o da caça; deve saber-se, que amanhecendo, logo o Preto se arma do arco grande, e do pequeno, e da espingarda. Para o grande leva flexas de ferro, e estas finas; e para o pe-

queno que he o *Budoque**, ballas de barro. Com o arco grande mata a caça grossa; com o pequeno, e com a espingarda a caça miuda: e tendo a sufficiente para 1, 2, 3, dias, retira-se para o seu domicilio. Se no actò de caçar matou elefante com o arco grande, e com as settas de ferro, ou ainda com Zagaia†, que tambem leva, delle tira quanto pode trazer; e dá parte aos vizinhos para no outro dia hirem buscar o mais; pertencendo ao caçador as partes que elles tem por mais delicadas, como saõ as pontas, ao que impropriamente se chama *dentes* de marfim, e as escaravelhas, que vem a ser os dentes do elefantes.

Em dous, e tres dias, que dura a caça, que se trouxera, em nada mais trabalhaõ. Ao cuidado das mulheres, e da familia fica o cozinhar a caça ao seu modo, e gosto. A' excepçaõ desta, de algumas galinhas, e de alguns porcos, que criaõ em as suas *cortelhas*, isto he em huns pequenos curraes, desconhecem outras carnes; assim como o peixe, que muito pouco para tantos se cria em as suas pequenas lagoas; e se o provaõ com maior abundancia, he aquelle, que salgado se leva dos Portos Maritimos por negociaçaõ para os certoens.

Esses mesmos povos Africanos no centro da sua rusticidade pouco uzo fazem, na comida, das hervas; de sorte que muito poucos as comem cruas; alguns mais porem uzaõ dellas cozidas, e temperadas com azeite, e com pimenta do seu paiz, e as comem acompanhadas do seu paõ.

* O Budoque he hum arco, como da rebeca, porem muito maior, feito da madeira mais forte, que se pode achar: das extremidades do arco sahem duas cordas parallelas, e entre huma, e outra no meio da corda se faz huma pequena rede, aonde se depozita a balla de barro; e comprimindo-se o arco, com a expediçaõ da balla, feita a pontaria, o caçador mata a caça, que quer.

† A Zagaia he hum ferro, que na extremidade tem huma ponta com com duas rebarbas, como de anzol; e como hum dos dentes do garfo da fisga, a que no Brazil na pesca das Baleias chamaõ *arpuaõ*. Este ferro costuma ter na extremidade hum páo, ao qual está preza huma corda, cuja ponta fica tendo comsigo o caçador. Com esta Zagaia na caça gròssa, como de elefante, faz tantos tiros, quantos saõ sufficientes para a matar, puchando para si, por meio da corda, a Zagaia; que emprega tantas vezes, quantas saõ sufficientes para matar quanta caça lhe parece.

Nos contornos, e proximidades de varios dos Portos Maritimos na Africa, na distancia de hum ate dois dias de jornada, ha todo o genero de hortalice ordinaria, de que uzamos, assim como tambem os legumes, e as aboboras, de que elles muito gostaõ; porem quanto mais se vai alongando a viagem pela terra dentro em maior numero de dias, a hortalice mansa, como saõ as coves, o repolho, a alface, e toda a mais vai desapparecendo.

Os Pretos na Africa algum uzo fazem das frutas; porem nunca em grande abundancia, porque muito poucas tem. Todas ellas pela maior parte saõ frutas bravas; e as de que mais se alimentaõ saõ os *arassás* de toda a especie (que correspondem ás nossas peras); e mais do que arassá chamado *Guoi jaba;* e ainda em mais abundancia dos cocos, e *Dendes,* de que logo fallaremos. Alem destas frutas, ha outras a que podemos chamar mansas, como saõ as laranjas, as bananas, e os ananazes; que todas desapparecem segundo a distancia.

As cazas da habitaçaõ dos Pretos na Africa saõ cobertas humas de palha brava, e comprida, e outras das folhas dos coqueiros*, de fora com paredes de taipa†, a que no Brazil chamaõ *sanzalas,* ou *palhoças*‡, á imitaçaõ das cabanas, que se achaõ situadas na Trafaria, e na costa vizinha ao mesmo lugar.

Nada despendem os Pretos na Africa em a construcçaõ destas cazas; porque cortando, e ajuntando com

* O coqueiro, he huma arvore bem semelhante á palmeira, com a differença de ser muito mais elevada, e mais grossa. As suas folhas saõ de 12 a 20 palmos de comprido cada huma.

† Taipa he huma parede de barro, que se faz do modo seguinte: Espetaõ-se alguns páos a prumo na terra na distancia de 2 ate 3 palmos: e nestes páos por fora, e por dentro se atravessaõ varas finas, que saõ prezas aos páos aprumados, como juncos, ou vimes, a que no Brazil chamaõ *Sipo;* o vaõ do gradamento he cheio de barro amassado; e este seccando forma huma perfeita parede.

‡ Sanzala, ou palhoça; no Brazil he caza de Preto que mora no campo, na roça, ou no engenho; a qual he coberta tambem de palha, e tem algumas das paredes de fora de taipa, e outras vezes tem as paredes de fora feitas simplesmente de palha do mesmo coqueiro, que se vai prendendo no gradamento das varas; assim como se costuma fazer o telhado, ou cobertura com a mesma palha tambem preza no gradamento superior.

tempo a palha, e a madeira preciza, saõ por hum commum accordo convocados os vizinhos para esta dita construcçaõ.

Nestas mesmas cazas a primeira, que he a principal, e maior, está dos lados cercada dos *Giraus**, sobre os quaes se lança a palha para as camas dos Pretos. No meio dessa caza está a cozinha, que consiste em huma fogueira, aonde se coze, e se assa a comida: e ao redor della, naõ obstante a ardencia do clima estaõ assentados os da familia a tomar o calor em quanto a fogueira dura a qual lhes serve de luz; e por isso ao por do sol se accende ate ao amanhecer, e de dia, como a fogueira lhes falta, se vaõ assentar ao Sol.

Em hum, e outro lugar sempre estaõ a caximbar, e cheios de prazer porque entaõ nada lhes falta; he aonde fazem as suas cantilenas, e festons, que saõ acompanhadas do atabaque†, *Canza*‡, pandeiro, marimbas‖, berimbáos, castanholas, bater das palmas

* Girau, vem a ser quatro forquilhas de páo, que se cravaõ na terra com a altura da cama, que se quer fazer; e de humas forquilhas a outras se passaõ travessas, que saõ amarradas nas mesmas forquilhas pelos sipós; e nas travessas vem prender com o mesmo sipó muitas varas, que juntas humas ás outras, formaõ hum como estrado, sobre o qual se lança a cama dos Pretos: e por isso Girau na lingua da terra se chama a cama do Preto.

† Atabaque he hum quadrado de madeira á imitaçaõ de hum meio alqueire: porem de altura de hum quarto de palmo, que na parte superior, e inferior he cuberta de pelle de animaes; e faz o som de hum pequeno tambor: quando em huma, e outra parte alternativamente tocaõ os Pretos com huns pequenos páos, ou ainda com a maõ extrahem delle o som, que querem pela maior ou menor pancada.

‡ O canzá, he outro instrumento dos Pretos: elle se faz de hum gomo de cannas bravas, ao que na linguagem do Brazil chamaõ *tabócas*; o gomo tem de comprido tres, e quatro palmos, e palmo, e meio de circumferencia. Abrem huma tenda no meio do lado deste tubo, ficando porem nas suas extremidades sempre fechado pelos nós dos outros gomos, pelos quaes este se cortára: pela superficie delle fazem com ferros humas graduadas escallas; e estas profundas, a pequenas distancias; de sorte, que correndo-se com hum pequeno paõ, que tem a figura de hum dos nossos fuzos, para baixo, e para cima, segundo a força, que lhe applicaõ, extrahem hum novo som, que serve de segunda ao atabaque.

‖ Marimba, he outro instrumento dos Pretos formado do modo seguinte. Entre dois arcos semicirculares de páo fazem prender tantas *combucas*, ou *cuités*, que correspondem no feitio aos nossos cabaços, quantos saõ os sons graduados, que querem dar a este instrumento. Na parte superior as sobreditas cambucas ou cuités saõ circularmente cortadas, bem como os côcos, que ja vem feitos, e trabalhados do Brazil, e

concavas, e de differentes formas de assabios, que por elles saõ inventados com muita variedade.

Elles se sustentaõ de feijaõ cozido, o qual he temperado com sal de pedra, que tem a côr amarella, e he tirado da terra em Dembo, e levado pelos certanejos; genero entre elles de tanto consumo, que faz hum dos artigos da sua permutaçaõ. Temperaõ esse mesmo feijaõ com azeite chamado de côco, que he bem semelhante ao das oliveiras. Tambem algumas vezes, ainda que menos, o temperaõ com outro azeite, chamado de Dende*, e de mais lhe ajuntaõ a pimenta malagueta.

Tambem se nutrem com o milho primeiramente pizado, e depois cozido, de que fazem varias comidas. Huma dellas consiste em quebrarem a pilaõ o milho depois de cozido, de sorte, que separando-lhe a casca, fica partido, e o temperaõ com o mesmo sal, azeite, e pimenta.

Reduzem esse mesmo milho a huma especie de farinha, e cozinhando-a simplesmente na consistencia de paõ mal cozido, a isto chamaõ na lingua da terra *Anfunge*, e na do Brazil, cuscuz. Com esta farinha bem

postas em ordem com prizaõ, pela meia circumferencia do arco fazem por transversalmente humas pequenas taboas em falso, bem semelhantes ás teclas dos cravos; e sendo estas furadas pelo meio, fazem passar, e enfiar huma corda, que vai prender nas extremidades do arco; as quaes taboas vem tapar, ainda que em falso, a bôca dos tubos, ou cambucos; e dando com humas especies de vaquetas, ou páos pequenos nas teclas, que querem, segundo a maioridade da pancada, e do tubo, passando de huns a outros rapidamente, conseguem diversos sons. Nas extremidades do arco prende huma corda bamba, a qual serve de pôr ao pescoço a marimba na altura, que querem, para a tocar, e transportar.

* Dendé he huma arvore, ou huma especie de coqueiro, que tem cinco, e seis palmos de grosso, com as folhas semelhantes ás da Palmeira, porem muito grandes e largas. No pé das folhas proximas ao olho, ou palmito sahem huns grandes cachos, como os da uva, que pezaõ de duas a tres arrobas; e neste grande cacho está apinhoado hum sem numero de fructos, que começando na grandeza dos pequenos peros, no espaço, e intervallo de huns a outros, estaõ outros mais pequenos, que acabaõ no tamanho de amendoas. Este fructo começando preto, acaba cor de açafraõ; e quando assim está se considera madura. He carnudo como os pequenos pecegos, tendo por caroço huns pequenos côcos, que quebrados tambem se comem. Cortado este cacho, tiraõ-se os fructos, e estes primeiramente se cozem, e depois se pizaõ: e separada deste modo a massa oleoza do caroço, se poem a ferver, e da superficie da agua se vai tirando com abundancia este gostozissimo azeite, que conserva a mesma cor do açafraõ.

apurada a que chamaõ *Fubá*, se fazem humas adelgaçadas papas, tambem simplesmente cozidas, e que mais se bebem, do que se comem: as quaes saõ dadas aos doentes: na lingua da terra lhe chamaõ *Matete*. Tanto o anfuge, como o matete, tambem se costuma fazer da farinha chamada de paõ, e da mandioca, ao que se chama *Angu*, e *Mingau*.

Quebrado ao pilaõ o milho (sem ser cozido) o deitaõ de molho por alguns dias, e fermentando, delle rezulta huma especie de cerveja quasi avinagrada, de que muito os pretos uzaõ em lugar de vinho, ou de agua-ardente; e a ella tanto se costumaõ entregar, que os chega a embebedar; e na lingua da terra lhe chamaõ *Aluá*: porem quando nos seos certoens apparece a cachaça, agua ardente do Brazil, a que chamaõ *Giribitá*, preferem esta bebida á outra.

Continuando-se na descripçaõ dos paens de que os Pretos uzaõ, vem a ser hum delles, alem do aypim, tambem a mandioca, de que fazem a farinha chamada de páo* e a quenga†.

Alem disto tambem costumaõ torrar o milho, bem como nos assamos as castanhas; e depois delle entrar a estalar, e a abrir, o julgaõ assado, ao que no Brazil chamaõ *Pipoca*. Este milho antes de se torrar he molhado, e salpicado de sal, para que tome o gosto delle; o que igualmente se faz ao feijaõ, quando tambem se torra‡.

* A farinha de páo vem a ser a raiz da mandioca relada, a qual depois de se achar neste estado, he metida nos *tapitis*, que saõ sacos tecidos de palha, bem como a dos abanos, os quaes pendurados se poem com pezos a escorrer; a sua humidade, e o succo, que ella deita, he a gomma do Brazil. Depois de hum, ou dous dias he esta farinha tirada dos *tapitis*, e posta a torrar-se em huma grande frigideira de barro, que leva muitos alqueires, e successivamente se mexe a farinha, ate que fique torrada.

† Quenga he feita da raiz tambem da mandioca da maneira seguinte. Deita-se huma porçaõ da raiz da mandioca de molho em agua por cinco dias, para o fim de amollecer, e largar a casca; e quando a larga se chama *mandioco puba*. Pelo éspaço de mais de oito dias ja sem casca se deixa estar de molho; e depois delles se poem por hum dia a seccar ao sol; e a isto he que no Brazil chamaõ *carima*.

Pizada ella, e temperada com o sal, isto he que chamaõ—quenga—e no Brazil mingau.

‡ Tanto do milho como do feijaõ, e ainda do arroz, que pouco gastaõ sendo tudo pizado, e reduzido a farinha, fazem outras muitas comidas,

Estando pois preparado qualquer destes generos do seu diverso paõ, passaõ os pretos a temperar hum molho muito salgado, e ardente pela muita malagueta, que moem, no qual vaõ molhando aos poucos a carne.

Quanto ao seu vestuario: os Pretos na Africa andaõ quasi nus. A dous retalhos de fazenda se reduz a compostura dos individuos de ambos os sexos: hum que os cobre da cintura ate ao meio da perna, dando volta ao redor da cintura, e se ata com hum orello; ao que chamaõ Tangas: outro que do pescoço, sendo atado por baixo dos braços, vem ate aos joelhos, a que chamaõ *Molele*, e lhes serve de lençol: e quando o naõ trazem assim atado, o trazem como manta por cima do hombro direito, hindo atravessar, e sobrepor por baixo do hombro esquerdo.

As fazendas, que os Pretos na Africa costumaõ fazer suas pelas permutaçoens para este intento, saõ as fazendas grossas, vindas do Malabar, a que mesmo chamaõ *fazenda* de preto. Alem de todas estas saõ as baetas, serafinas, cres, e linhagens.

Alguns delles costumaõ trazer as suas tangas de hum tecido de palhinha muito fina, e macia, com o que suprem as fazendas mencionadas.

CAPITULO II.

Do modo, cauzas, e principio, porque os Pretos da Africa saõ desapossados da sua apreciavel liberdade.

Ainda que os Pretos Africanos vivaõ na franqueza, e na liberdade dos seos costumes, tendo por melhor lei a sua unica vontade; com tudo nós ja dissemos que tinhaõ, ainda que poucas, humas certas leis, a que estavaõ sujeitos.

Segundo ellas, 4 vem á ser os modos, pelos quaes os Pretos Africanos saõ metidos, e adstringidos ao captiveiro. Dous outros modos porem naõ podem ser

como he o *Abrem*, a *Pamenha*, a *Caragem*, a *Cangicu*, e o *Acacan*, desse mesmo milho, e farinha de páo torrada, ajuntando-se-lhe sal quanto tem pere, *Mandubim*, gergelim, e algum assucar, sendo tudo torrado, e pizado de tal sorte, que se reduza á mais fina farinha; a estas comidas saborozissimas chamaõ *Fubá* de milho, fuba de farinha, das quaes abunda o Brazil.

dellas derivados, porque tem principio na força, e na traiçao pela maior parte; e no animo, e vontade dos Pais, e dos maridos, quando castigaõ as mulheres, e os filhos.

Ja tambem dissemos, que esses povos incultos adoptavaõ a polygamia. Entre elles, segundo as leis constituidas, vem a ser o maior, e o primeiro dos crimes o misturar-se algum com a mulher, que está adscripta por outro no numero das suas concubinas. No centro de Africa parece que he ouvida a interrogaçaõ de Juvenal, achada na Sat. 2. ver. 37. Aonde agora estas lei Julia *de adulteriis?* Dormes?—Respondem os Africanos, que naõ, porque provado o crime, o reo he castigado.

Para este fim, assim como para outros, os Africanos d'entre si em cada hum dos Prezidios tem escolhido hum seu Juiz, aquem chamaõ *Sova*, para os julgar. Nestes mesmos Prezidios se achaõ tambem capitaens mores, que saõ postos por Patentes dos Governadores das Terras, e Cidades Maritimas. Estes Capitaens Mores tem huns certos homens da terra, pretos com vezes de soldados, a quem por paga se lhes dá huma farda annual. O Capitaõ mor muitas vezes se incorpora ao Sova, e o ajuda a julgar. A pena ultima em aquelle continente he a escravidaõ; e havendo cauza civil, ou crime commettido, interrogadas as testemunhas, he o devedor, e o adulterador julgado á escravidaõ: e em continente saõ lançados em ferros, e adjudicados ao credor, e ao offendido, que os pode vender como seos: porque, pelo Juizo da Sentença proferida, ficáraõ sendo servos da pena.

Entre aquelles povos ha o costume, e o regresso, de que quando qualquer he condemnado ao cativeiro, pode este nomear alguns que por elle vaõ soffrer a escravidaõ; porem isto só se entende sobre aquelles, a que elle tem direito, como por exemplo, pode nomear os filhos, as mulheres, e os sobrinhos.

Eisaqui conservado na sua simplicidade, e achado o instituto de Romulo, referido por Dion. Halic. no liv. II. cap. 27. e por Jac. Gothofred. ad Leg. XII. Tabb. Tab. 4. pelo qual se permittia ao Pai dar, e entregar o filho á noxa, e vendello por tres vezes.

As mulheres porem, que saõ adulteras, e adjudica-

das á sua culpa, e ao credor com escravidaõ, naõ tem direito de poder dar substituidor, nomear, e pôr algum outro por si: porque entre elles se julga que naõ tem a quem nomear. Eisaqui sustentado outro costume dos Romanos, e delles transferido a nos, que as mulheres saõ principio, e fim da familia.

Feita pois por este modo a nomeaçaõ pelo condemnado, que só se lhe aceita em mais pessoas, do que huma, ate seis, sete, oito, e mais, segundo a gravidade do delicto, e maioria da divida: os que saõ nomeados, vaõ logo sendo mettidos em ferros, e se faz a divizaõ, e repartiçaõ desses novos captivos entre os Sovas, e os offendidos, ou credores: e cada hum delles pode permutar os escravos que lhe foraõ adjudicados.

Quando algum dos Pretos he visto, e apanhado em seara alhea, roubando os fructos, e levando o que naõ he seu; provado o crime na prezença do Sova, he julgado á escravidaõ, podendo tambem fazer a nomeaçaõ das pessoas, de que ja fizemos mençaõ. Eisaqui em hum paiz inculto postos em pratica os capitulos da Lei Aquilia, que elles desconhecem inteiramente.

Quando hum Reino faz guerra a outro Reino, e vem a ser vencedor, tendo o direito de matar os vencidos; trocaõ estes seos direitos no da escravidaõ, podendo-os por isso mesmo permutar. Eisaqui no centro do gentilismo mais bem desempenhados os direitos da guerra.

O quinto modo, pelo qual o homem livre he innocentemente trazido, e obrigado á escravidaõ, he o da força, e aleivozia. Quando alguns de entre elles persuadem, e levaõ a outros enganadamente a certos sitios, e ahi lançando-se aos que querem fazer captivos, os prendem; e os vaõ vender aos certanejos, quando estes estaõ em lugares certos a permutar escravos, como em Feiras; o que de ordinario vem a succeder aos de menor idade, por serem os mais capazes de cahir nesta fraude: e provando-se este mesmo crime, os delinquentes saõ julgados pelos Sovas á escravidaõ. Eisaqui entre elles posta em pratica a pena de Taliaõ.

Algumas vezes succede; que os pais de familias necessitados, querendo castigar os filhos, e as suas concubinas, vaõ permutar aos certanejos as mesmas con-

cubinas, e filhos, entregando-os á escravidaõ. Eisaqui o Patrio poder, e o Direito Marital, de que ha vestigios na Jurisprudencia dos Romanos, elevado ao seu ultimo gráo, e mais benigno, do que entre elles, no Gentilismo, pela excluzaõ *vitæ et necis.*

Continuar-se-ha.

EDINBURGH REVIEW.

Em o No. 42 deste preciozo Jornal acha-se a analyse da obra intitulada.

A Tour through Italy, exhibiting a view of its Scenery, its Antiquities, and its Monuments, particularly as they are objects of classical Interest, and Elucidation: with an account of the present state of its Cities and Towns, and occasional observations on the recent Spoliations of the French. By the Rev. John Chetwode Eustace. 2 vol. 4to. London. 1813.

He escuzado dizermos que a analyse que desta obra fazem os sabios Redactores daquelle Jornal, he quanto a nos, mui judicioza, como o saõ, em geral, todas as que sahem de pennas taobem aparadas. Com tudo saõ homens; e como taes estaõ sujeitos a errar, e a ser enganados.

O author da Citada obra sahindo de Vienna em Janeiro de 1802 dirigio-se a Munich; e de lá passou pelo Tyrol para Italia. Passando por estradas desertas, e cercadas de precipicios ficou admirado de que naõ fossem frequentes os roubos, e assassinios por caminhos em que facilmente se podem armar ciladas, e em que bastaria espantar o cavallo do passageiro para lançar este em terra, e o roubar, &c. Se assim naõ acontece frequentemente, he isso inteiramente devido, diz o citado author, á influencia do Christianismo, e á authoridade do clero, que tem humanado os rudes ha-

bitantes dos Alpes. Elle accrescenta—que o viajante continuará a passar por alli com segurança, em quanto *os principios francezes* naõ passarem das Cortes, e cidades situadas nas planicies para os escrondrijos daquellas montanhas, &c. &c.

O author falla como hum verdadeiro Christaõ, que nos parece ser naõ só de nome, mas tambem do coraçaõ. Negar a grandissima influencia da Religiaõ de Jesus Christo, na civilizaçaõ do Genero Humano e no melhoramento dos costumes, seria hum perfeitissimo desvario, que naõ pode ter a sua origem senaõ ou n'huma profunda ignorancia, ou n'huma decidida perversidade de coraçaõ.

Os Redactores do Edinburgh Review naõ negaõ a influencia do Evangelho, nem dos seos propagadores Catholicos para melhorar o caracter da sociedade; mas negaõ, e com razaõ, quanto a nós, que se deva attribuir áquella cauza unica a segurança dos viajantes pelo Tyrol: e para combater a opiniaõ do author dizem os Redactores, que elle se devia lembrar dos *enxames de salteadores que ha nos dominios de Suas Magestades Fidelissima, e muito Catholica na Peninsula.* No. 42 pag. 382.

Nos concordamos com os Redactores que a segurança dos viajantes pelas montanhas do Tyrol naõ he só e inteiramente devida a influencia do Evangelho, e dos seos Ministros: mas o que nos espanta, e escandaliza he que para combaterem o author vaõ buscar exemplos dos muitos salteadores que ha em Portugal, apezar de a Religiaõ daquelle Reino ser a de Jesus Christo. Os Redactores da Revista de Edinburgh nos permittiraõ que lhe digamos, que analizando elles huma obra sobre a Italia, deviaõ primeiro que tudo ter conhecimentos exactos do Paiz para saber, se o que diz o Author que analyzaõ he, ou naõ exacto. Ora se os sabios Redactores da Revista de Edinburgh possuissem estes conhecimentos; quando elles quizessem citar exemplos de criminozos para provar que naõ he só o Christianismo que influe nos costumes, e acçoens dos Povos, naõ iriaõ procura-los a Portugal, tendo-os na mesma Italia, tendo-os na Provincia de Bergamo, tendo-os nos Estados Pontificios, tendo-os n'huma palavra, na propria Capital do Mundo Chris-

taõ onde era espantozo o numero de criminozos, e de assassinos.

Parece pois, ou que os sabios Redactores da Revista de Edinburgh naõ tem conhecimentos exactos dos costumes dos habitantes da Italia; ou que, se os tem, os desprezáraõ, pára seguirem a opiniaõ desses ignorantes, e mentirozos viajantes, que tiveraõ a impudencia de escrever á cerca dos habitantes de Portugal, sem nunca passarem de Lisboa.

Nos temos em muito boa conta os Redactores, da Revista de Edinburgh para nos persuadir-mos—que elles citáraõ Portugal, como paiz em que ha enxames de assassinos, só com o fim de insultar a Naçaõ Portugueza, como escandaloza, e injustissimamente tem feito muitos dos seos compatriotas, nos quaes mal se pode decidir qual he maior, se a ignorancia com que escrevem; se a perversidade com que o fazem! Suppomos pois illudidos aquelles sabios Redactores; e para que o naõ estejaõ por mais tempo convem desengana-los; para isso bastará que lhes citemos a authoridade do seu illustre, e valorozo compatriota o Major-general Henry Mackinnon, que morreo valorozamente na tomada de Cidade Rodrigo por assalto.

I must add, diz aquelle General*, *that at a distance from the Capital, I know not any nation where there appears to be more purity of morals than in Portugal*—They have in the country a peculiar virtue, from the kindness with which they treat servants; many of whom, attached to the same family from one generation to another, acquire by their savings, small properties, which in time enable them to rise and become independent. The occupation of a servant is here by no means so degrading as in England, and most other parts of Europe. Pag. 42 e 43.

I cannot help remarking, *that the general character of the Portugueze is sadly disfigured by foreign writers of travels*:—and I think I can account for it, by their residence in Lisbon alone.—When the inhabitants of

* Veja-se a sua pequena, mas interessante obra intitulada, *A Journal of the Campaign in Portugal and Spain containing remarks on the inhabitants, customs, trade, and cultivation of those countries, from the year* 1809 to 1812.

Portugal are described by travellers, you have therefore little more than the account of these foreigners corrupted by trade, wealth, misery, and the vices of a court; that they are prone to murder, and every species of crime. One would naturally be led to suppose, that the manners of the capital would influence the provinces; particularly of this kingdom, whose chief city is without bounds, and greater in proportion to the extent of the country, than any other capital in Europe: but this is not the cause: for the badness of the roads, and of accommodation, renders the intercourse very difficult, and very few of the provincial families ever leave their homes.—The gentry lead at their homes, a most harmless and inoffensive life: they have few or no luxuries, and are very willing that strangers should partake of their fare.—They are universally religious, every house of any consequence having its chapel and daily mass. The lower orders of people are equally civil, obliging, and inoffensive. THE GREATEST CRIME YOU EVER HEAR COMMITTED, IS PILFERING—ROBBERIES, AND MURDERS ARE SCARCELY KNOWN; AND AS TO ASSASSINATIONS, I NEVER HEARD OF ONE IN THE COUNTRY. Pag. 57, 58, e 59.

Nos transcrevemos em Inglez as passagens da obra do General Mackinnon, porque ignoramos se os Redactores do Edinburgh Review sabem Portuguez; e á vista dellas esperamos que aquelles sabios Jornalistas naõ citem, para o futuro Portugal como paiz de salteadores, e de criminozos: elles devem ser tanto mais acautelados a este respeito, quanto he verdade, que elles pertencem a huma Naçaõ no meio daqual os grandes crimes saõ desgraçadamente taõ frequentes, que rara he a semana em que os papeis publicos naõ façaõ mençaõ de roubos, e de assassinios, que horrorizaõ a humanidade; e crimes perpetrados naõ só na immensa capital da Gram-Bretanha, mas nas provincias! Entretanto que nos será facil, facillimo, provarlhes, que mesmo em Lisboa, se passa hum anno e mais sem haver hum só assassinio! E com tudo talvez seja huma verdade que naõ ha hum so paiz em toda a Europa em que as Leis sejaõ menos executadas: assim como o he tambem que em nenhum estado as leis, apezar do seu rigorismo, estaõ em taõ prompta, e ri-

gida execuçaõ, como na Gram-Bretanha! Mas tal he a differença da indole dos Portuguezes, á dos Inglezes!

LITERATURA PORTUGUEZA.

Londres, 11 *de Outubro de* 1813.

Senhores Investigadores.

O seguinte Soneto foi realmente composto no asiago dia a que allude; naõ he porem o dezejo de fazer alarde de sentimentos patrioticos, que devem manifestar-se com obras, e naõ com versos, o que me incita a pedir a Vmces. queiraõ inseri-lo n'hum dos seus numeros; he taõ somente o amor proprio (talvez bem infeliz n'esta occasiaõ) de Poeta. Tendo Vmces. ja publicado, ha algum tempo, hum Soneto em lingoa Italiana, esperei que naõ recusariaõ a mesma honra ao que lhe offereço, cujo assumpto he Portuguez, e o Author tambem Portuguez.

Sou de Vmces. com a estimaçaõ que merecem, &c.

S.

SONETO.

Il giorno 1. di Febbrajo 1808, in cui fu dichiarato da Francesi il Portogallo Paese di conquista.

O Lusitania, i figli tuoi dolenti
Han visto lacerar l'augusta immago
Dé loro Ré, per inalzar sul Tago
L'effigie del Tiranno delle genti.
Di sangue, non di lagrime, torrenti
Scorrer dovrian per cancellar l'oltraggo!
Sangue vuoi Lusitania! E il cuor presago
Accoglie, o Patria, i voti tuoi frementi.
E voi splendor di quest' impêro estinto

Serenate, Ombre illustri, il guardo offeso,
Non mi vedrete mai fra ceppi avvinto
Baciar la man da cui son villipeso,
Libera hõ l'alma! E di catene cinto
Sensa viltâ saprõ soffrirne il peso.

SONETOS INEDITOS DO GRANDE BOCCAGE.

Il n'est de malheureux, que les cœurs detrompés.
Voltair. Trag. de Merop.

SONETO.

Em vaõ para tecer-me hum ledo engano,
Filózofo ostentozo industrias cança:
Diz-me em vaõ, que exalando-se a Esperança
Repoza na Apathia o peito humano.

O Nauta, a sossobrar no pégo insano,
Vê rir-se ao longe a cérula Bonança,
A mente esperançoza enfrêa, amansa
Os roncos, e as bravezas do Occeano.

Se nos Mizeros cahe da maõ dos Fados
O negro Desengano, ei-los anciozos,
E á desesperaçaõ, e á fúria dados....!

Dourai-nos o-provir, ó Ceos piedozos!
Justos Ceos! Dem se quer, Jardins sonhados
As flores da ventura aos Desditozos.

BOCCAGE.

SONETO.

A' MEMÓRIA DE ARMIA.

Quando meu coraçaõ de Amor vivia,
(Ufana a liberdade em ver-se escrava)
E quando para mim se variava
O Ceo n'hum rizo, o Ceo n'hum ai de Armia:

Das escuras Irmaãs a mais sombria,
E que mais com seu pêzo o mundo aggrava,
Na vista divinal, que me encantava,
Roubou luz á minha alma, e luz ao dia!

Naõ mais, Dor, Fado meu; Dor, meu costume!
Cedo a paz gozarei, que o peito anhela,
Nos olhos do meu Bem, do Ceo ja lume!

Junto á Ninfa immortal na estancia bella,
Os dias perennaes, que vive hum Nume,
Irei (Nume em ser seu) viver com ella.

BOCCAGE.

ODE

AO GRANDE MARQUEZ DE POMBAL.

STROPHE 1.

Naõ o vil interesse d'oiro, ou prata;
Naõ a esperança de honras,
A minha vos levantaõ; nem da Plebe,
De subitas catastrophes amiga,
As tumultuozas ondas me arrebataõ:
He só, he só a gloria
E o amor da virtude quem me inflàma.

2.

Debalde os mares tumidos cô vento
Que brama, e ronca ao longe
Tentaõ com furia horrenda a immovel rocha
Que o grosso rolo d'agua estala, e quebra
Sobre o fixo cachopo alcantilado
Em vaõ no ar saltando
Em crespa, e branca espuma cahe desfeito.

3.

Magnanimo Marquez tu com sereno
Intrepido semblante
Encarando a fortuna rugir ouves
Da ingratidaõ o monstro abominavel;
Tu com placido esprito olhas cercado
De imposturas, e affrontas,
Satiras vis de petulantes Momos.

4.

Assim o sabio Socrates constante,
No meio dos algoses,
Naõ perde a cor ; com animo tranquillo,
Empunha, e bebe a taça do veneno :
Assim taobem o grande Belizario
Vê sem torcer o rosto
Nas inimigas máos luzir o ferro.

5.

Vós de quem conta o mundo heroicos feitos,
Vós Gregos, vós Romanos
Alçai das campas as mirradas frentes ;
Vós premios dizei, dizei, que palmas,
Que coroas triunfais vos deo a Patria,
Que em venenos em ferros
Em exilios crueis naõ transtornasse ?

6.

Rasgai o veo, que os vossos olhos venda,
Alienados Luzos !
Quem deo a maõ á Lizia que jazia
Em pó, e crespo famo sepultada !
Quem a mascra rompeo da Hipocrizia !
Quem sacou d'entre as trevas
A ley do dia, as Artes, e as Sciencias ?

7.

Entre loiros, e palmas quantas vezes
Seu nome ao Ceo levastes !
Eu mesmo, eu mesmo vi luzente nuvem
De alvos hymnos fender, toldar os ares !
No concavo das tubas, Sonorozas
Ainda os ecos duraõ
Ainda alvejaõ famosos obeliscos.

8.

Aves nocturnas, aves, que anciadas
Andais cós torpes bicos
Qual a branca seara devastando,
As louras messes do sagrado Pindo ;

Ide grasnar ao longe. Nestes campos
Só doces Brognes voaõ,
Só brancos cisnes nestas fontes bebem.

9.

Naõ se escarnece aqui do alheio vicio,
Persuade-se a virtude;
Canta-se hum peito forte huma alma grande;
Esta difficil meta ninguem toca
Sem primeiro trilhar espinhos d'arte:
Entaõ ao monte sobe,
Se activo genio pela maõ o guia.

10.

Assim colhendo os loiros .... mas onde
Fraco batel me levas
Das ondas, e dos ventos impelido!
Estes naõ saõ os mares, que eu sulcava,
Foi-me da maõ o leme resvelado;
Ah torna debil barco
Onde te mostra o rumo a fixa estrella.

11.

Pende Astrea dos Reys, saõ os Ministros
Fieis executores
Das supremas vontades dos Soberanos;
Aos nossos olhos saõ inacessiveis
As maximas subtiz do gabinete,
E os Principes na terra
Ou maos, ou bons, naõ devem ser julgados.

12.

Taobem tem manchas a triforme Deoza,
Que as ondas prateando
Nos torna alegre a tenebroza noite;
Naõ escapou dos Zoilos atrevidos
O mesmo Author do dia luminozo;
Mas ladrem caens embora
Que sempre he alva a lua, e o Sol brilhante

13.

Almas eu vejo de remorsos cheias
Com as máos tapando o rosto,

Confuzas esconderem-se aos meus versos;
Com vosco falo, ó vós, ao braço ingratos
Que ás honras vos subio de alga, e lodo:
Tremei, tremei indignos,
Ouvindo a vós terrivel da verdade.

De Francisco Manoel do Nascimento, naõ impressa ate hoje.

THEATRO DA ILHA DA MADEIRA.

O excellente epilogo, que aprezentamos aos nossos leitores, foi recitado naquelle theatro, por occaziaõ do sempre fausto e plausivel natalicio de S. A. R. o Principe Regente nosso Senhor. Elle nos foi remettido por hum dos nossos correspondentes naquella parte dos Dominios Portuguezes, sem o nome do author, que teve a modestia de occultalo; mas o talento que elle descobre, posto que immaturo, como nos escreve aquelle amigo, he de hum felecissimo agouro na carreira das Muzas. Nos o publicamos com a mais viva satisfaçaõ, tanto por que esperamos que elle obtenha os suffragios, taõ justamente merecidos, como pelo considerar-mos indice dos progressos que a literatura e gosto fazem naquella ilha. O nosso patriotismo exulta, quando ouvimos, que ha na cidade do Funchal hum theatro, mantido por huma sociedade de literatos e illustres amadores, do baixo do nome de socios do Bomgosto; onde se estuda a declamaçaõ, e se aperfeiçoa o talento dramatico, que tanto contribue para os progressos da civilizaçaõ—quando ouvimos, que a tragedia, que taõ pouco se cultiva nos theatros Portuguezes, tem apparecido no da Madeira, em todo o esplendor da sua excellencia, e dignidade. Actores particulares e instruidos he so que podiaõ crear aquella escola de refinamento, e cultura, que tanto se admira nas duas capitaes do mundo civilizado. Mas nem os habitantes de Londres, nem os de Pariz possuem huma lingoa taõ propria da magestade da scena, como a Portugueza; e estamos certos, que se os benemeritos, e illustres socios do Bomgosto na ilha da Madeira con-

tinuaõ da mesmos sorte a promover aquella fonte de instrucçaõ publica, bem depressa daraõ á patria o modello, que caracteriza as artes do Bomgosto, e aperfeiçoamento moral, e excitaraõ as muzas nacionaes a compor obras, que naõ façaõ envejar as dos Shakespears e dos Racines. Nos naõ podemos expressar melhor os nossos sentimentos de admiraçaõ e de estima por taõ digna, e esclarecida sociedade, como a do Bomgosto na ilha da Madeira, do que em publicar os progressos que ella tem feito, e vai fazendo neste ramo taõ brilhante, e necessario, á gloria nacional, á propagaçaõ das luzes, do bomgosto, e da literatura, de que ja naõ he pequeno annuncio o seguinte—

ELOGIO

A SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE REGENTE DE PORTUGAL.

Offerecido aos Senhores Socios do Bomgosto, e Recitado no Oitavario dos annos do Mesmo Senhor em 1812. No Theatro do Bomgosto da Cidade do Funchal.

Rompendo o seio dos medonhos mares
O valor Portuguez vagava altivo;
Na Europa vencedor o braço heroico
Nas igneas costas da Africa troava.
Já prodigios, sem conto, annuncios eraõ
De outros maiores, que forjar deviaõ
Da Azia orgulhoza as asperas cadêas.
Sorrio-se entaõ o Ceo; mais doce gloria
Patenteou ao Luzitano Throno.
Solitarios, incognitos Paizes
A Regia Fantazia demandaraõ:
Leis em vez de grilhoens, mansos costumes
Em vez dos raios de Mavorte irozo:
Amor, e Paz, e deleitozas Artes
Tinhaõ de ataviar Terrenos novos;
Tinha d'erguer abella Natureza
A fronte ornada de melhores fructos,
E gloriar-se dos cuidados do homem.
Tal d'entre o horror, c'o luctuozo arcâno
De amontoados seculos surgiste
E hum nome houveste, oh nitida Madeira.

Teu chaõ pizando a Portugueza Audacia
Julgou entrar n'hum Paraizo novo.
Mimozas Flores, Arvores sombrias,
Frescos Arroios, innocentes Aves
A's lidas suas hospedagem deraõ.
Soou a humana voz, o rude instincto
Se humilhou á razaõ; e o Sceptro Luzo
Cuidadozo polio teus bens agrestes.
Ah! de quanto disvello; e mimos quantos
Alvo tens sido, oh deleitavel Ilha!
Naõ devem mais aos chefes seus a antiga
Habitaçaõ do Luzitano Imperio!
Quaõ viva gratidaõ deve inspirar-te
O quadro augusto de Monarcas tantos!
A cuja sombra bem feitora e pura
Fostes crescendo em opulencia, e força;
E o que faltava de esplendor e dita
Para elevar de todo a gloria tua,
Em fim o alcanças nos faustozos tempos,
No Reino amavel de Joaõ o sexto.
Com que ternura insinuar-se deve
No seio teu este sagrado nome!
Quantas delicias deve dar-lhe o egregio
Seu natalicio venturozo Dia!
Hoje o descantaõ as Modestas Muzas;
Grata armonia em seu louvor erguendo.
Amparadas por elle aqui dezenhaõ
Na varia scena os melindrozos quadros
Da proficua Moral: ou ja rizonhas
Trajando as leves roupas graciozas
Do commum procedor, ou ja traçando
De hum excelso Heroismo os nobres rasgos:
Esta a Bonina derradeira, e bella,
Que os institutos sociaes adorna:
Da travessa Thalia os sabios rizos,
Da sizuda Melpomene os dictames
Saõ o remate do sublime impulso,
Que os homens ajuntou, e ergueu Cidades.
Do Principe melhor cumpria aos Fados
Dar-te o mor brilho, avantajar-te em tudo
Oh nobre, oh linda, oh candida Madeira.
D'elle mimoza os Paternais Carinhos
No seio acolhe, e agradecida exulta.
Arrebatada em jubilos festeja.
O memoravel Dia magestozo,
Que trouxe ao Mundo a ja perdida imagem
Do famozo Trajano, o Rio, o Justo

Magnanimo Joaõ, á quem o Sceptro
Buscar devêra na choupana humilde.
A singella Virtude, o meigo Affago
No Regio coraçaõ azillo houveraõ.
Nos vastos Reinos, que affortuna, e manda,
Quizéra ver a curva vassalagem,
O vergonhozo, timido Respeito
Tornado em simples, filial ternura.
O bem dos Povos seus hé taõ somente
O seu prazer, sua paixaõ, e gloria.
Hum benefico rizo, e avoz ingenua
Da saã verdade nos seus labios vôa.
Pouzaõ-lhe n'alma as maximas austeras
Dos Antoninos, dos Catoens, dos Titos.
Do supremo poder tomando as redeas
As Leis acata, e á rispidos deveres
Os puros dias fervorozo dobra.
Entre as mil illuzoens da pompa, e sceptro
O melhor dos Mortais intacto brilha.
Do immenso poderio apenas goza
Pelo affecto qu'inspira, e bens qu'espalha.
Tal foi o Dom, que n'este dia excelso
Generozo orvalhou o Ceo benigno.
Deu hum Modello aos arbitros das gentes,
Deu aos Povos hum Pay, á terra hum numen.

FEITO

Por hum Portuguez, sempre Amigo do seu Principe, da sua Patria, e dos Homens.

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ.

Lisboa, 21 *de Septembro de* 1813.

Huma pessoa, que sem fumos de literato, seja com tudo mediocremente versado na liçaõ dos melhores authores Latinos, e Gregos, e que tenha tambem lido nos originaes, ou em boas traducçoens, algumas das melhores obras, que tem produzido a Italia, a França, a Inglaterra, e Alemanha; quando volta para caza, e para a nossa literatura, pasma de ver o grande numero

de authores Portuguezes, que nos chamamos classicos, da maior parte dos quaes elle antes naõ conhecia, nem as obras, nem o nome.

O seu espanto cresce, quando reflecte, que do maior numero dos ditos authores saõ as ediçoens rarissimas; e por tanto carissimas: prova que se naõ reimprimem, e por consequencia, que naõ saõ lidos: nem pode admittir-se a desculpa—que as obras, saõ muito antigas; porque antigos saõ Camoens, Ferreira, Bernardes, Barros, Couto, &c.; e com tudo reimprimem-se, e lem-se.

O nome de *Classicos* supponho eu que foi dado nas aulas aos authores latinos, em razaõ da difficuldade, que fez distribuir os authores, e os estudantes em classes, conforme o seu adiantamento. Os authores Latinos, que nos restao quasi todos saõ dignos de se lerem; alias a falta da facilidade, que deo aos modernos a arte da Imprensa, limitava o numero dos authores entre os antigos—mas segue-se daqui por ventura, que nos devemos chamar classico Portuguez todo o livro impresso no nosso idioma? Esta authoridade negaria eu ate a hum Diccionarista, para justificar a genuinidade das palavras, que poem como Portuguezas no seu Diccionario, pois considero que entre nos ha duas seitas, huma de *Quinhentistas*, outra de *Gallo verbistas*, que se devem recuzar igualmente por textos de lingua para termos, quanto mais para fraze, e estilo.

A estas consideraçoens ajunto outra que me animou a mandar a Vm^ces^. os dois extractos seguintes. Entre os authores, cujo merito de pureza de lingua he incontestavel, observo que o assumpto, e algum defeito no methodo saõ cauza de que se naõ possaõ ler seguidamente as suas obras; e por tanto naõ he facil que se reimprimaõ, ou se comprem por alto preço.

Seria pois hum serviço (a meu ver muito grande) que faria á Literatura Portugueza hum Jornal taõ acreditado, e taõ lido, como o Investigador, se publicasse de quando em quando extractos bem escolhidos de Authores Portuguezes do credito, cujas obras saõ raras, e de difficil leitura seguida.

Com este fim remetto a Vm^ces^. os dois extractos seguintes do Padre Antonio Vieira: e talvez para outra occaziaõ mandarei alguns de Fr. Luiz de Souza.

1 EXTRACTO.

Encomendou El Rey D. Joaõ o Terceiro a S. Francisco Xavier o informasse do Estado da India por via de seu companheiro, que era Mestre do Principe: e o que o santo escreveo de la sem nomear officios, nem pessoas, foi que o verbo *Rapio* na India se conjugava por todos os modos. A fraze parece jocoza em negocio taõ serio, mas fallou o servo de Deos, como falla Deos, que em huma palavra diz tudo. Nicolaõ de Lyra sobre aquellas palavras de Daniel—*Nebucadonosor Rex misit ad congregandos Satrapas, Magistratus, et Judices:* declarando a Etimologia de Satrapas, que eraõ os Governadores das provincias, diz que este nome foi composto de *Sat*, e de *Rapio*. *Dicitur Satrapæ quasi satis rapientes, quia solent bona inferiorum rapere.* Chamaõ-se Satrapas, porque costumaõ roubar assaz. E este assaz he o que especificou melhor S. Francisco Xavier, dizendo que conjugaõ o verbo *Rapio* por todos os modos. O que eu posso acrescentar, pela experiencia que tenho, he, que nem só do Cabo de Boa Esperança para lá, mas tambem das partes daquem se uza igualmente a mesma conjugaçaõ. Conjugaõ por todos os modos o verbo *Rapio*, porque furtaõ por todos os modos da arte, naõ fallando em outros novos, e exquizitos, que nem conheceo Donato, nem Despauterio. Tanto que la chegaõ começaõ a furtar pelo modo Indicativo; porque a primeira informaçaõ que pedem aos praticos, he que lhe apontem, e mostrem os caminhos, por onde podem abarcar tudo. Furtaõ pelo modo Imperativo: porque como tem o mero, e mixto imperio, todo elle applicaõ despoticamente ás execuçoens na rapina. Furtaõ pelo modo Mandativo, porque aceitaõ quanto lhes mandaõ, e para que mandem, todos os que nam mandaõ, nam saõ aceitos. Furtaõ pelo modo optativo; porque dezejaõ quanto lhes parece bem; e gabando as coizas dezejadas aos donos dellas, por cortezia sem vontade as fazem suas. Furtaõ pelo modo conjunctivo; porque ajuntaõ o seu pouco cabedal com o daquelles, que manejaõ, e basta só que ajuntem a sua graça, para se-

rem quando menos meyeiros na ganancia. Furtaõ pelo modo Potencial; porque sem pretexto, nem ceremonia uzaõ de potencia. Furtaõ pelo modo Permissivo; porque permittem, que outros furtem, e estes compraõ as permissoens. Furtaõ pelo modo Infinitivo; porque naõ tem fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixaõ raizes, em que se vam continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas: porque a primeira pessoa do verbo he a sua; as segundas os seos criados, e as terceiras, quantas para isso tem industria, e consciencia. Furtaõ juntamente por todos os tempos; porque do prezente (que he o seu tempo) colhem quanto dá de sy o triennio: e para incluirem no prezente o preterito, e futuro; do preterito desenterraõ crimes, de que vendem os perdoens, e dividas esquecidas, de que se pagaõ inteiramente: e do futuro empenhaõ as rendas, e anticipaõ os contratos, com que tudo o cahido, e nam cahido lhe vem a cahir nas maons. Finalmente nos mesmos tempos nam lhe escapaõ os Imperfeitos, Perfeitos, Plusquam-Perfeitos, e quaesquer outros: porque furtam, furtáram, furtavam, furtariam, e haveriaõ de furtar mais, se mais ouvesse. Em summa, que o rezumo de toda esta rapante conjugaçam vem a ser o supino do mesmo verbo: a furtar, para furtar—E quando elles tem conjugado assim toda a voz activa, e as miseraveis Provincias soportando toda a passiva; elles como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos, e ricos; e ellas ficam roubadas, e consumidas.

He certo que os Reys naõ querem isto, antes mandam em seos regimentos tudo o contrario: mas como as Patentes se daõ aos Grammaticos destas conjugaçoens tam peritos, ou tam cadimos nellas, que outros effeitos se podem esperar dos seos Governos? Cada Patente destas em propria significaçaõ vem a ser huma licença geral *in scriptis*, ou hum Passaporte para furtar. Em Holanda, onde ha tantos armadores de Corsarios, repartem-se as Costas da Africa, da Azia, e da America com tempo limitado, e nenhum pode sahir a roubar sem Passaporte, a que chamaõ carta de Marca. Isto mesmo valem as Provizoens, quando se dam aos que eraõ mais dignos da Marca, que da carta. Por

mar padecem os moradores das conquistas a pirataria dos Corsarios estrangeiros, que he contingente: na terra soportao a dos naturaes, que he certa, e infallivel. E se alguem duvida qual seja maior, note a differença de huns a outros. O pirata do mar nam rouba aos da sua Republica; os da terra roubaõ os vassallos do mesmo Rey, em cujas maons juráram homenagem: do Corsario do mar posso-me defender; aos da terra naõ posso resistir: o Corsario do mar depende de ventos; os da terra sempre tem por si a monçam: em fim o Corsario do mar pode o que pode; os da terra podem o que querem; e por isso nenhuma preza lhe escapa. Se ouvesse hum ladraõ omnipotente, que vos parece que faria a cobiça junta com a omnipotencia? Pois isso he o que fazem estes Corsarios.

EXTRACTO II.

Cuidavaõ, e diziaõ os Sabios antigos, que em differentes Ilhas do mundo reynavaõ differentes Deidades; que em Creta reynava Jupiter, que em Delos reynava Apollo; que em Samo reynava Juno; que em Chypre reynava Venus, e assim das outras. Se o Imperio da Mentira naõ fora taõ universal no mundo; podera-se suspeitar, que nesta nossa Ilha tinha a Sua Corte a Mentira. Todas as terras assim como tem particulares estrellas, que naturalmente predominaõ sobre ellas; assim padecem tambem differentes vicios, a que geralmente saõ sujeitas. Fingiraõ a este propozito os Alemaens huma galante fabula. Dizem, que quando o Diabo Cahio do Ceo, que no ar se fez em pedaços, e que estes pedaços se espalharaõ em diversas Provincias da Europa, onde ficáraõ os vicios, que nellas reynaõ. Dizem, que a cabeça do Diabo Cahio em Hespanha; e que por isso somos fumozos, altivos, e com arrogancia graves. Dizem, que o peito cahio em Italia; e que daqui lhes veio serem fabricadores de machinas, naõ se darem a entender, e trazerem o coraçaõ sempre cuberto. Dizem, que o ventre cahio em Alemanha, e que esta he a cauza de serem inclinados á gula, e gastarem mais que os outros com a meza, e com a taça. Di-

zem, que os pez cahiraõ em França, e que daqui nasce serem pouco socegados, apressados no andar, e amigos de bayles. Dizem, que os braços com as maons e unhas crescidas, hum cahio em Hollanda, outro em Argel; e que dahi lhes veyo (ou nos veyo) o serem corsarios. Esta he a substancia do Apologo, nem mal formado, nem mal repartido: porque ainda que a applicaçaõ dos vicios totalmente naõ seja verdadeira, tem com tudo a semelhança de verdade que basta para dar á Satyra. E supposto a Hespanha lhe coube a cabeça; cuido eu que a parte della que nos toca ao nosso Portugal, he a lingua: ao menos assim o entendem as Naçoens estrangeiras, que de mais perto nos trataõ. Os vicios da lingua saõ tantos que fez Drexelio hum Abecedario inteiro, e muito copiozo delles. E se as letras deste Abecedario se repartissem pelos Estados de Portugal; que letra tocaria ao nosso M... ?* Naõ ha duvida, que o M. M——— M. murmurar, M. motejar, M. maldizer, M. malsinar, M. mixericar, e sobre tudo M. mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos, e por todos os modos aqui se mente. Novellas, e Novellos saõ as duas moedas correntes desta terra: mas tem huma differença, que as Novellas armaõ-se sobre nada, e os Novellos armaõ-se sobre muito, para tudo ser moeda falsa.

Na B——— que he a cabeça desta nossa Provincia do B. acontece algumas vezes o que no M. quasi todos os dias. A manhece o Sol muito claro, promettendo hum fermozo dia, e dentro em huma hora se tolda o Ceo de nuvens, e começa a chover como no mais entranhado inverno. Succedeo-lhe hum cazo como este a Dom Fabrique de Toledo, quando veyo restaurar a B. no anno de mil seis centos e vinte cinco. E tendo toda a gente da Armada em campo para lhe passar mostra, admirado da inconstancia do clima, disse: En el B. hasta los cielos mienten. Naõ sey se he isto descredito, se desculpa. Que mais pode fazer hum homem, que ser tam bom como o ceo da terra, em que vive?

* Para a mostra do estilo, e da linguagem do P. A. Vieira parecenos muito escuzado o nome das Cidades a que elle dirige a sua censura; e assim evitaremos que se nos faça alguma.—Os Redactores.

Outra terra ha na Europa, na qual eu estive ha poucos annos, em que se experimentaõ cada dia as mesmas mudanças, pelas quaes Galeno naõ quiz curar nella; porem alli ha outra razaõ; porque como a terra tem jurdiçaõ sobre o Ceo; segue o Ceo ás influencias da terra. Mas o que se disse do Brazil por galantaria se pode affirmar do M. com toda a verdade. He experiencia inaudita a que agora direy, e naõ sey, que fé lhe daraõ os Mathematicos, que estaõ mais longe da Linha. Quer pezar o Sol hum Piloto nesta Cidade, onde estamos, e naõ no porto onde está surto o seu navio, senaõ com os pez em terra, toma o Astrolabio na maõ com toda a quietaçaõ, e segurança. E que lhe acontece? Couza prodigioza! Hum dia acha que está o M. em hum gráo; outro dia em meyo; outro dia, em dous; outro dia, em nenhum. E esta he a cauza por que os Pilotos, que nao saõ praticos nesta Costa, areaõ, e se tem perdido tantos nella. De maneira, que o Sol, que em toda a parte he a regra certa, e infallivel, por onde se medem os tempos, os lugares, as alturas, em chegando á terra do M. ate elle mente. E terra onde ate o Sol mente; vede, que verdade fallaraõ aquelles, sobre cujas cabeças, e coraçoens elle influe. Acontece-lhe aqui, aos moradores o mesmo que aos Pilotos, que nenhum sabe em que altura esta. Cuida o homem nobre hoje que está em altura de honrado, e á manhaã achase-se infamádo, e envilecido. Cuida a donzella recolhida, que está em altura de virtuoza, e á manhaã acha-se murmurada pelas praças. Cuida o Ecclesiastico, que está em altura de bom Sacerdote, e á manhaã acha-se com reputaçaõ máo de homem. Em fim hum dia estais aqui em huma altura, e ao outro dia n'outra, porque os labios saõ como o Astrolabio. He isto assim? A vos mesmos o ouço, que eu naõ o advinhey. Vede, se he certa a minha verdade, que naõ há verdade no M——.

SCIENCIAS.

CONTINUAÇAÕ

Dos Extractos dos Elementos de Chimica concernente á Agricultura, &c. &c. &c. Por Sir Humphrey Davy.

Continuados de pag. 586 *do Volume VII.*

CERA.

A cera acha-se em muitos vegetaes; obtem-se em abundancia das bagas da Murta (Myrica cerifera); pode tambem ser extrahida das folhas de muitas arvores; no seo estado puro he branca. A sua gravidade especifica he 9,662; derrete-se no calor de 155.; he dissolvida por alcohol fervendo, mas naõ frio: he insoluvel n'agoa; as suas propriedades como hum corpo combustivel saõ bem sabidas.—A cera do reino vegetal he precisamente semelhante á que achamos nas colmeas. Segundo as experiencias de M. M. Gay Lussac e Thenard, 100 partes de cera constaõ de carvaõ 81,784 — de oxygenio 5,544—de hydrogenio 12,672.

OLEOS FIXOS.

O Oleo fixo obtem-se expremendo-se as sementes, e frutas das plantas; a azeitonã, a amendoa, as sementes do linho, e o nabo *bravo* (napus Rapa) produzem os oleos fixos vegetaes mais communs; as suas propriedades saõ assas notorias. A sua gravidade especifica he menor, que a da agoa; a do oleo da azeitona, e sementes de nabo he 913; a das sementes

do linho, e amendoa 932; a do oleo da palmeira 968; e finalmente a do oleo da noz, e bolota da faia 923. Muitos dos oleos fixos gelaõ em hum gráo de calor inferior, ao que a agoa necessita para chegar a este estado; e para evaporar necessitaõ de hum mais elevado, do que a agoa requer. Os productos da combustaõ dos oleos saõ—agoa, e gas acido carbonico.—Cem partes de azeite doce, conforme Gay Lussac, e Thenard, contem de carvaõ 77,213, — de oxygenio 9,427—de hydrogenio 13,360.—A lista seguinte representa todas as especies de oleos fixos, e das arvores, que os produzem.—Oleo de azeitona, da arvore Oliveira *(Olea Europea)* oleo das sementes do linho commum *(linum usitatissimum, et perenne)* oleo da Avelam *(coryllus avellana)* da Noz *(Juglans regia)* oleo de linho canamo *(cannabis sativa)* oleo da amendoa doce *(Amygdalus communis)* oleo da Faia *(Fagus sylvatica)* oleo de nabo bravo *(Brassica napus e campu-tris)* oleo de Papoulas *(Papaver somniferum)* oleo de Gergelim *(Sesamum orientale)* oleo de pepino, e abobora *(cucurbita pepo a malapepo)* oleo de mustarda *(Sinapis nigra, et arvensis)* oleo de Giraasol *(Helianthus annuus et perennis)* oleo de palma christi *(Ricinus communis)* oleo das sementes do Tabaco *(Nicotiana tabacum et rustica)* oleo do miolo da ameixa *(Prunus domestica)* oleo dos bagulhos *(vitis vinifera)* manteiga de cacáo *(Theobroma cacoa)* oleo de Loureiro *(Laurus nobilis)*—os oleos fixos saõ substancias muito nutrientes; saõ de grande importancia na sua applicaçaõ para os usos da vida: no estado de combinaçaõ formaõ a melhor sorte de sabaõ duro, saõ usados extensamente nas artes mecanicas, e na preparaçaõ de cores e vernizes.

OLEOS VOLATEIS.

Oleos volateis *ou essenciaes* differem dos fixos em poderem evaporar em hum gráo de calor muito menor, em serem soluveis em alcohol, e mui pouco n'agoa.—Muitos dos oleos volateis distinguem-se pelo seo cheiro, gosto, gravidade especifica, e outras qualidades sensiveis. Com tudo podemos considerar hum

cheiro peculiar e forte como o caracteristico principal de cada especie ; inflammaõ-se com maior facilidade, que os fixos, e produzem neste processo as mesmas substancias i. e. agoa, acido carbonico, e carvaõ. O cheiro particular das plantas parece em quasi todos os casos depender de certos oleos volateis, que ellas contem. Todas as agoas de cheiro distilladas devem as suas propriedades particulares aos oleos volateis, que tem em soluçaõ. Por meio da uniaõ dos oleos aromaticos a fragrancia das flores, que naturalmente he taõ fugitiva, fica, para assim dizer, encorporada, e permanente.

CARVAÕ.

A taboada seguinte contem os rezultados das experiencias de M. Mushot relativamente á quantidade de carvaõ produzida por differentes madeiras. 100 partes de—

Lignum vitæ	26,8	Faia	19,4
Mahogani Suretenia	25,4	Bordo Americano	19,9
Laburnum	24,5	Olmo	19,5
Castanheiro	23,2	Pinheiro de Noruega	19,2
Carvalho	22,6		

ACIDOS.

Os acidos do reino vegetal saõ numerosos ; os verdadeiros acidos vegetaes, que existem ja formados nos succos, ou orgaos das plantas, saõ o oxalico, o citrico, o tartarico, o benzoico, acetico, malico, e prussico ; cristallizaõ se, e a cor dos seos cristaes he branca ; ao contrario o acetico, malico, e prussico tem-se obtido meramente em estado fluido ; todos saõ mais ou menos soluveis n'agoa, tem hum sabor azedo, excepto os acidos galhico, e prussico ; o primeiro destes tem hum gosto adstringente, e o segundo tem hum sabor semelhante ao da amendoa amarga. O acido oxalico acha-se, sem estar combinado, no liquido que escorre da ervilha *(cicer arietinum)*, pode-se ex-

trahir da herva azedas (oxalis acetosella) e todas as outras especies de Rumex; juntamente do *Geranium acidum*. O acido oxalico descobre-se, e distingue-se facilmente dos outros acidos pela sua propriedade de decompor todos os saes calcareos, e formar com a cal hum sal insoluvel n'agoa; e alem disso por cristallizar na forma de prismas quadrilateros. O acido citrico he o acido particular do succo dos limoens, e laranjas. Póde-se tambem obter das bagas da murta commum, do *Vaccinium oxycoccos*, e do fruto da sylva macha*. Este acido he distinguido por formar com a cal hum sal insoluvel n'agoa, e capaz de ser decomposto pelos acidos mineraes. Podemos extrahir o acido tartarico do succo das amoras, e uvas, e juntamente da polpa do tamarindo. He caracterizado pela propriedade, que possue, de formar com a potassa hum sal difficultosamente soluvel n'agoa, e com a cal hum sal insoluvel capaz de ser decomposto pelos acidos mineraes. O acido benzoico tira-se de varias substancias resinosas por meio da distillaçaõ, taes como o benjoim, estoraque, e o balsamo de Tolu. O seu cheiro aromatico, e a sua grande volatilidade o distinguem de todos os outros acidos. O acido malico obtem-se do succo das maçaãs, ameixas, fruto da pertileira, bagas do sabugueiro, uvas de corintho, morangos, e amoras do *Rubus Idaeus*. Forma com a cal hum sal soluvel, e esta propriedade o distingue dos acidos acima mencionados. Acido acetico ou vinagre pode-se extrahir do succo de differentes arvores. Distingue-se do acido malico pelo seu cheiro particular, e dos mais acidos vegetaes por formar com os alkalis, e terras saes, que se podem dissolver. O acido galhico obtemse aquecendo-se o pó de galhas em hum fogo brando, e gradual, e recebendo-se a materia volatil em hum vaso frio. Observar-se-haõ ao depois cristaes brancos, os quaes tem a propriedade caracteristica de darem huma cor de purpura escura ás soluçoens de ferro. O acido prussico vegetal he extrahido por distillaçaõ das folhas de louro, da polpa de pecego, da cereja, e da

* Naõ temos certeza de que esta seja a verdadeira intelligencia das palavras—*Cranberry*, *Wortleberry*, e *Hip*.

Os Redactores.

amendoa amarga. A sua propriedade essencial he aquella de que, quando se mistura com huma pequena quantidade d'alkali, e se lança em soluçoens de ferro, forma hum precipitado verde atirando á azul. He muito analogo nas suas propriedades ao acido prussico derivado das substancias animaes, ou ao que se obtem, passando o ammoniaco sobre o carvaõ quente; com a excepçaõ porem, que este ultimo forma com oxido vermelho de ferro huma substancia de cor azul ferrete—chamada "*azul Prussiano.*" — Alem destes tem-se achado mais dois acidos vegetaes nos productos das plantas; i. e. o acido *morolyxico* na substancia salina que escorre da amoreira branca, e o acido *quinico* em hum sal, que he fornecido pela Casca Peruviana; porem estes acidos tem meramente sido descobertos nestas substancias.—O acido phosphorico acha-se em estado simples na cebola; e os acidos phosphorico, sulphurico, muriatico, e nitrico existem em muitos compostos salinos no reino vegetal; porem naõ se podem propriamente classificar em o numero dos productos vegetaes. Alguns acidos saõ produzidos pela combustaõ de substancias vegetaes, e pela acçaõ, que o acido nitrico tem sobre estas; os resultados destes processos saõ, acido canforico, acido mucoso ou saclactico, e o acido suberico; o primeiro he derivado da canfora; o segundo da gomma ou mucilagem; e o terceiro da cortiça pela acçaõ do acido nitrico.

OXIDOS METALLICOS.

Os unicos oxidos metallicos, que se achaõ nas plantas saõ os de ferro, e manganesia: descobrem-se nas cinzas das plantas, e unicamente em mui pequena quantidade. Quando as cinzas tem huma cor escura atirando a vermelho he signal, que ha grande porçaõ d'oxido de ferro, quando porem saõ negras ou purpureas contem oxido de manganesia; e participando d'ambas as cores segue-se, que nellas existem as duas substancias.

Analyse de Ervilhas.

3840 partes de	Partes
Ervilhas maduras produzem, de amido	1265
Materia fibrosa analoga á amido com as cascas das ervilhas	840
Huma substancia analoga á gluten	550
Mucilagem	249
Materia sacarina	81
Albumen	66
Materia volatil	540
Phosphatos terreos	11
Perda	299

Analyse de casca de carvalho.

1000 partes de casca de carvalho secca tirada de huma arvore pequena privada da epiderme, contem

De fibra lignea	876
——tannino	57
——extracto	31
——mucilagem	18
——materia que durante a evaporaçaõ se torna insoluvel provavelmente huma mistura de Albumen, e extracto	9
——perda em parte materia salina	30

LEIS CHIMICAS.

M. M. Gay Lussac, e Thenard, tem deduzido tres proposiçoens, as quaes elles tem chamado *leis*, das suas experiencias em substancias vegetaes. A primeira he, " que huma substancia vegetal he sempre acida, quando a porçaõ de oxygenio combinada com o hydrogenio he maior, do que a que existe n'agoa." A segunda he " que huma substancia vegetal he sempre resinoza, ou oleosa, ou espirituosa, quando ao contrario a quantidade do oxygenio em estado de combinaçaõ com o hydrogenio he menor, do que a que existe n'agoa." A terceira he " que huma substancia vegetal naõ he acida, ou resinoza, mas sim sacarina ou mucilaginosa, ou analoga á fibra lignea ou amido,

quando as porçoens de oxygenio, e hydrogenio saõ iguaes, ás que existem n'agoa.

BATATAS.

Huma grande quantidade de amido, albumen, e mucilagem acha-se frequentemente depositada nas raizes bulbosas, e mesmo nas raizes communs; e estas substancias existem na maior abundancia, quando o succo tem cessado de escorrer, e de dar nutrimento aos renovos brotados na primavera. A batata he a raiz, que contem nas suas cellulas e vasos a maior quantidade de materia soluvel; e o seu uso como alimento he muito importante. As batatas em geral produzem de $\frac{1}{5}$ ate $\frac{1}{7}$ parte do seu pezo de amido secco. De 100 partes de batata chamada em Inglez *Kidney* o Dr. Pearson obteve de 23 ate 28 partes de farinha, as quaes continhaõ de 20 a 23 de amido e mucilagem : e 100 partes de batata por nome *apple potatoe* achei dis Mr. Davy, em varias experiencias produzir de 18 a 20 partes d'amido puro. De cinco libras da variedade chamada *Captain Hart*, M. Skrimshire, jun. obteve 12 onças d'amido ; da mesma quantidade da batata *rough red*, 10 onças e meia ; da batata *Moulton white* 11 onças e tres quartos da batata *Yorkshire kidney*—10 onças e 3 quatros, da *Hundred eyes*—9 onças—da *Purple red*—8 onças e meia, da *ox noble*—8 onças e 1 quarto. As outras substancias soluveis da batata saõ o albumen, e mucilagem.

Segundo a analyse de Einhoff 7680 partes de batatas produzem :

De amido	1153
—— materia analoga á amido . . .	540
—— albumen	107
—— mucilagem no estado de huma soluçaõ saturada	312
	2112

Destes resultados podemos concluir que pelo menos a quarta parte do pezo da batata he materia nutritiva.

NABOS, &c.

Nabos, cenouras, e cenouras brancas produzem principalmente materia sacarina, mucilaginosa, e extractiva. Eu obtive diz Mr. Davy de 1000 partes de nabos, 7 partes de mucilagem, 34 de materia sacarina, e huma parte de albumen, 1000 partes de cenouras renderaõ 95 partes de assucar, 3 partes de mucilagem, e meia parte de extracto ; 1000 partes de cenouras brancas deraõ 90 partes de materia sacarina, e 9 partes de mucilagem ; 1000 partes das censuras de *Walcheren* produziraõ 98 partes de assucar, 2 partes de mucilagem, e 1 de extracto.

FRUTAS.

As frutas na organizaçaõ das suas partes molles, aproximaõ-se á natureza das raizes bulbosas. Ellas contem huma certa quantidade de nutrimento accumulado nas suas cellulas para o uso dos seos embrioens ; mucilagem, assucar, e amido achaõ-se em muitas dellas frequentemente em estado de combinaçaõ com acidos vegetaes. Quasi todas as arvores de fruto na Gram Bretanha tem sido naturalizadas em consequencia da materia sacarina, que possuem, a qual unida com os acidos vegetaes e mucilagem faz, com que ellas sejaõ naõ só agradaveis ao paladar, mas ao mesmo tempo nutrientes. Podemos avaliar quaes saõ as melhores frutas para a manufactura dos liquores fermentadas pela gravidade relativa dos succos, que dellas se espremem. A melhor bebida, que se obtem das macans, e peras, he produzida por aquellas, cujos succos saõ os mais densos ; e podemos fazer huma comparaçaõ toleravelmente exacta quanto a bondade das differentes frutas, lançando-as juntamente em huma solucaõ de sal saturada, ou huma soluçaõ forte de assucar ; aquellas, que descerem mais ao fundo, indicaraõ conter o mais excellente succo.

GRAÕ.

As sementes e graõs, que usamos como alimento, constaõ principalmente de amido, ou mucilagem coagulada, as quaes em geral estaõ combinadas com gluten, oleo, ou materia albuminosa. No trigo com o gluten; nas ervilhas e favas com materia albuminosa; nas sementes do nabo bravo, sementes do linho commum, e canamo, e nos miolos de quasi todos os caroços, com oleos. Eu tenho obtido de 100 partes de trigo de hum graõ perfeito, e boa qualidade semeado no outono—de amido 77—de gluten 19; — de 100 partes de trigo semeado na primavera—de amido 70—de gluten 24; de 100 partes de trigo de Barbaria —de amido 74—de gluten 23; de 100 partes de trigo da Sicilia—de amido 75—de gluten 21. Eu tenho examinado differentes amostras de trigo da America do Norte, e todas estas continhaõ mais gluten, que o trigo produzido na Gram Bretanha. Em geral o trigo dos paizes quentes abunda mais em gluten, e em partes insoluveis; he de huma maior gravidade especifica, mais duro, e mais difficultoso de moeer-se. O trigo do sul da Europa em consequencia de possuir a maior quantidade de gluten he particularmente appropriado para fazer macarroens, e outras preparaçoens de farinha, em que a qualidade glutinosa se considera excellente. Em humas experiencias feitas com cevada, eu obtive de 100 partes de boa cevada de *Norfolk*—de amido 79—de gluten 6 —de folhelhos 8—as sete partes restantes foraõ materia sacarina.

Einhoff tem publicado huma analyse muito exacta da farinha de cevada. Elle achou em 3840 partes.

De materia volatil	360
——albumen	44
——materia sacarina	200
——mucilagem	176
——phosphato de cal com algum albumen .	9
——gluten	135
——folhelho com algum gluten e amido .	260

De amido com huma pequena porçaõ de gluten	2580
——perda	79

O mesmo chimico achou em 3840 partes de centeyo, 2520 partes de farinha, 930 de folhelho, e 390 de humidade; e a mesma quantidade farinha sendo analysada produzio—

De amido	2345
——albumen	126
——mucilagem	426
——materia sacarina . . .	126
——gluten humido . . .	364

O resto folhelho e perda.

Eu obtive de 1000 partes de centeyo produzido em Suffolk—de amido 61 partes e de gluten 5;—de 100 partes de avea, de Sussex—de amido 59—de gluten 6—e de materia sacarina 2. Tambèm em 1000 partes de ervilhas de Norfolk, achei 501 partes de amido, 22 de materia sacarina, 35 de materia albuminosa, e 16 de extracto, o qual tornou-se insoluvel durante a evaporaçaõ do fluido sacarino. Einhoff extrahio de 3840 partes de favas da especie (vicia faba) de amido 1312,—de albumen 31—de outras materias, que se podem julgar nutrientes, taes como materia gummoza, amidea, e materia fibroza analoga á materia animal, 1204. A mesma quantidade de feijoens (Phaseolus vulgaris) produzio de materia semelhante á amido 1805, — de albumen, e materia de natureza quasi analoga á substancia animal 851—de mucilagem 799. De 3840 partes de lentilhas Einhoff alcançou 1260 partes d'amido, e 1433 de huma materia semelhante á materia animal, a qual este chimico descreve ser huma substancia viscosa, insoluvel n'agoa, quando secca soluvel em alcohol, de huma cor semelhante á da cola, e que talvez seja huma modificaçaõ particular do gluten. Bucholz obteve de 16 partes de sementes de linho canamo 3 partes d'oleo,—3½ de albumen,

perto de 1¾ de materia gummoza, e sacarina. Os folhelhos insoluveis das sementes pesaraõ 6¼ partes.

FLORES.

Differentes partes das flores contem diversas substancias: Fourcroy e Vanquelin acharaõ, que o pollen da tamareira continha huma materia analoga ao gluten, e hum extracto soluvel, no qual havia grande quantidade d'acido malico. Link descobrio no pollen da aveleira muito tannino, e gluten.—O nectario das flores tem materia sacarina, e os insectos maiores attrahidos por esta introduzem-se nas ditas flores, o que faz com que a impregnaçaõ venha a ser mais infallivel; visto que o pollen por este meio he frequentemente applicado ao estigma; e isto particularmente acontece, quando os orgaons femeninos, e masculinos estaõ situados em differentes flores, ou plantas. Alguns tem proposto, que a fragrancia das flores de pende dos oleos volateis, que estas contem, e que estes oleos pela sua continua evaporaçaõ cercaõ a flor com huma especie de atmosfera odorifera; a qual ao mesmo tempo, que ingoda os maiores insectos he provavel, que defenda as partes da fructificaçaõ dos estragos dos insectos mais pequenos. Os oleos volateis ou substancias odoriferas parecem ser particularmente destructivas destes pequenos insectos e animalijos, que se sustentaõ da substancia vegetal; milhares *d'aphidas* vem-se frequentemente no talo e folhas da roseira, mas nunca na flor. Os naturalistas uzaõ de canfora para conservar as suas collecçoens: as madeiras, que contem oleos aromaticos, saõ notaveis pela sua duraçaõ, e por naõ serem carcomidas; o que se observa particularmente no cedro, no páo de rosa (Amyris balsamifera) e no cypreste; deste ultimo foraõ feitas as portas de Constantinopla, as quaes conservaraõ-se em estado perfeito desde o tempo de Constantino até ao do Papa Eugenio quarto—periodo este naõ menos de 1100 annos.—Os petalos das flores produzem materia sacarina e mucilaginosa. Do lilio branco se obtem mucilagem em grande quantidade, e do lilio amarello mucilagem e assucar; os petalos do *convolvulus* daõ assu-

car, mucilagem, e materia albuminosa.—Naõ se tem ainda feito observaçoens mui exactas quanto á natureza da *materia corante* das flores: estas materias corantes saõ geralmente muito transitorias, particularmente as uzuaes, e vermelhas; os alkalis mudaõ para verde, e os acidos para vermelho as cores da maior parte dos vegetaes. Podemos fazer huma imitaçaõ da materia corante digirindo soluçoens de galhas com a cal; obtem-se hum liquido verde, o qual torna-se vermelho pela acçaõ de hum acido, e de novo recobra a sua côr verde lançando-se alkalis na mistura.—As materias corantes amarellas saõ as mais permanentes; o *carthamo* contem huma materia corante amarella, e vermelha; a amarella he facilmente dissolvida n'agoa, e da vermelha se prepara rebique por hum processo occulto.

NUTRIÇAÕ.

A taboada seguinte contem huma relaçaõ da quantidade das materias soluveis ou nutritivas contidas nas differentes substancias, de que temos tratado, e de algumas outras, de que nos servimos para o nosso sustento, ou do gado. As analyses, diz Mr. Davy, saõ minhas: e foraõ feitas naõ com intençaõ de descobrir a intima composiçaõ chimica dos productos, mas sim a sua natureza geral e a sua quantidade. As materias soluveis extrahidas das ervas, excepto aquella produzido do *fiorin* cortado no inverno, foraõ obtidas por M. Sinclair, (jardineiro do Duque de Bedford), de pesos iguaes d'ervas, as quaes foraõ cortadas quando as sementes estavaõ maduras; as ditas substancias foraõ-me remettidas por desejo de S. Excellencia para investigaçaõ chimica; e formaõ parte dos rezultados de huma importante, e extensa serie de experiencias em ervas feitas por direcçaõ do Duque, em *Woburn Abbey*, as quaes passaremos a expor.

Taboada das quantidades das materias soluveis ou nutritivas produzidas por 1000 partes de differentes substancias vegetaes

Vegetaes.	Quantidade total de materia soluvel ou nutritiva.	Mucilagem ou amido.	Materia sacarina ou assucar.	Gluten ou Albumen.	Extracto ou materia que se torna insoluvel durante a evaporaçaõ.
Trigo de Middlesex .	955	765		190	
Trigo de primavera .	940	700		240	
Trigo mangrado .	210	178		32	
Trigo alforrado . .	650	520		130	
Trigo da Sicilia . .	956	725		230	
Trigo da Sicilia . .	961	722		439	
Trigo da Polonia .	950	750		200	
Trigo do Norte d'America	955	730		225	
Cevada de Norfolk .	920	790	70	60	
Avea d'Escocia . .	743	641	15	87	
Centeo de Yorkshire .	792	645	38	109	
Fava commum .	570	426		103	41
Ervilhas seccas . .	574	501	22	35	16
Batatas . .	de 260 até 200	de 200 até 155	de 20 até 15	de 40 até 30	
*Linseed Cake** . .	151	123	11	17	
Acelgas vermelhas .	148	114	121	13	
Acelgas brancas .	136	13	119	4	
Cenouras brancas .	99	9	90		
Cenouras . .	98	3	95		
Nabos . . .	42	7	34	1	
Nabos da Suecia .	64	9	51	2	2
Couve . .	73	41	24	8	
Trevo de folha larga .	39	31	3	2	3
Trevo de raiz comprida	39	30	4	3	2
Trevo branco .	32	29	1	3	5
Sainfoin† . . .	39	28	2	3	6
Lucerne‡ . .	23	18	1		4
Meadow Fox-tail Grass§	33	24	3		6
Perennial Rye‖ .	39	26	4		5
Fertile Meadow . .	78	65	6		7
Roughish Meadow¶ .	39	29	5		6
Crested Dogs-tail** .	35	28	3		4
Spiked Fescue .	19	15	2		2
Sweet scented soft .	82	72	4		6
Sweet scented vernal††	50	43	4		3
Fiorin . . .	54	46	5	1	2
Fiorin cortado no inverno	76	64	8	1	3

* Linseed Cake—he o residuo que fica depois de extrahir-se o oleo das sementes do linho.

† Sainfoin he huma especie d'erva o seo nome botanico parece-nos ser *hedysarum onebrychis.*

‡ Lucerne—especie d'erva—nome botanico—*Mendicago sativa.*

§ Meadow, &c. outra especie d'erva nome botanico *Alopecurus Pratensis.*

‖ Perennial Rye outra especie d'erva—nome botanico *Lolium Perenne.*

¶ Roughish meadow outra especie d'erva—nome botanico *Poa Trivialis.*

** Crested Dog's-tail—outra especie—nome botanico *cynosurus cristatus.*

†† Sweet scented vernal—outra especie—nome botanico *Anthoxantum Odoratum.*

Todas estas substancias foraõ analysadas no seo estado verde, e natural. He provavel, que a superioridade de varios artigos de alimento proceda em grande parte das suas quantidades relativas de materias soluveis, e nutritivas; com tudo naõ devemos julgar, que estas indicaõ o seo valor absoluto. Materias albuminosas, e gelatinosas tem os caracteres de substancias animaes; o assucar he mais, e a materia extractiva menos nutriente, do que outros quaesquer principios compostos de carvaõ, hydrogenio, e oxygenio. Taõbem certas combinaçoens destas substancias talvez sejaõ mais nutritivas, que outras.

PHILOSOPHIA MEDICA.

Principes de la Medicine Legale, ou Judiciaire, &c. Principios de Medicina legal, ou Judicial; traduzidos do Alemaõ do Dr. Metzger; e augmentados com varias notas, pelo Dr. J. J. Ballard, Medico Ordinario do Grande Exercito, Membro das Sociedades de Medicina de Paris, de Toloza, &c. &c. &c.

Naõ se poderia formar huma exacta idea da Medicina, da extensaõ, e caracter de suas attribuiçoens, se ella fosse considerada, (como querem os seos inimigos que fallaõ do que naõ entendem), como restricta em seu estado, e na sua pratica, á observaçaõ dessa multidaõ de males individuaes, e particulares, a que ella oppoem, com mais ou menos felicidade, differentes meios de alivio, ou cura. He huma verdade, que, ordinariamente a Medicina se vê circumscripta, e reduzida a huma occupaçaõ mais util, que brilhante: mas he tambem hum facto, que ella sahe muitas vezes desse penoso circulo para se applicar e prover ás precizoens do corpo social, para entreter numerozas relaçoens com as differentes repartiçoens da Administraçaõ Publica, esclarescendo-as nos seos maiores interesses, ja pela applicaçaõ das verdades, que ella-

possue, aos diversos pontos da Jurisprudencia, ou da Policia Geral; e ja pela utilidade de seos Conselhos no tempo dessas desastradas epidemias, que os progressos da civilizaçaõ tem feito menos frequentes; e cujos estragos tem feito algumas vezes epocas notaveis nos annaes dos Povos.

Algumas partes distinctas e separadas da Medicina tem essencialmente por objecto esta ligaçaõ, estas importantes relaçoens que daõ maior extensaõ á sua utilidade, e maior brilhantismo ás suas applicaçoens. Tal he a Medicina Legal, que se deve considerar antes como huma Sciencia distincta, e separada, do que como huma exposiçaõ regular, huma escolha methodica dos dados, e indicios certos que se podem tirar de todas as partes da Medicina, e mui principalmente da anatomia, da physiologia, da Chimica-medica, e da hygiena, para illustrar a administraçaõ publica e a Jurisprudencia civil, ou criminal em muitos pontos duvidozos, ou cujo exame se acha intimamente connexo com o profundo conhecimento da organizaçaõ humana.

O tratado de Medicina legal que annunciamos he dividido em sete secçoens, nas quaes Mr. Metzger comprehende a Medicina legal, que elle naõ confunde, como ordinariamente se tem feito, com a Hygiena, e Policia Medica.

A primeira secçaõ tem por objecto dar a conhecer as condiçoens necessarias ao exercito da Medicina legal, e as relaçoens desta parte da Medicina com a anatomia, a Physiologia e os outros ramos das Sciencias Medicas.

Nas outras seis secçoens trata 1. das feridas, ou lezoens: 2. das differentes questoens relativas aos partos: 3. das doenças duvidozas, e principalmente das doenças fingidas, ou occultas, da alienaçaõ, &c.: 4. das differentes idades, e da duraçaõ da vida: 5. e 6. de hum grande numero de questoens relativas á geraçaõ, e faculdades reproductivas.

A introducçaõ de Mr. Metzger aprezenta, com o discurso preliminar do traductor hum complexo de generalidades, que nos parecem huma das partes mais interessantes desta obra.

Mr. Ballard, traductor desta excellente obra, dá

hum esbôço do estado da Medicina Legal em França desde o tempo de S. Luis ate á fundaçaõ das cadeiras de Medicina Legal em as novas escolas Francezas. Elle dá depois huma idea geral dos relatorios judiciaes, e do exercicio da Medicina legal nas differentes partes da Alemanha.

Quanto a Mr. Metzger, depois de ter dado na sua introduçao huma idea geral da origem, e dos principios da Medicina legal, faz huma rapida enumeraçaõ dos tratados geraes, das grandes collecçoens de factos, e de observaçoens, das indagaçoens especiaes, &c. que tem por objecto esta parte da Medicina. Procura depois fazer conhecer a necessidade deste ramo do ensino medico tanto para os Professores de Medicina, como para o jurisconsulto.

Segue-se a estas vistas geraes hum esboço das especies de formalidades, ou de condiçoens que se exigem nos relatorios de Medicina, ou de Cirurgia legal.

As noçoens que formaõ o corpo da obra, a parte pratica e dogmatica da Medicina legal, saõ expostas com muito methodo por Mr. Metzger, e segundo o estado mais adiantado deste importante ramo da Medicina, ou das outras partes desta Sciencia, e da Philosophia Natural, que a podem esclarecer.

O author alem disso, fez addiçoens muito importantes aos numerozos, e variados conhecimentos que constituem o objecto essencial da sua obra.—Elle trata de huma maneira mui profunda, tudo o que he relativo ás differentes especies de lezoens ou de feridas; e o que diz respeito aos delicados, e variados phenomenos da alienaçaõ mental, aos quaes os authores precedentes naõ tinhaõ prestado huma attençaõ proporcional á sua importancia.

Parecem-nos muito instructivas, em geral, e muitas dellas indispensaveis, as notas que se achaõ no fim desta obra, e que constituem hum terço della.

A traducçaõ desta interessante obra he dedicada ao habil Professor Chausier, que he hum dos Medicos que se tem occupado com o maior zelo, e proveito do ensino, e progressos da Medicina Legal.

CORRESPONDENCIA.

CONTINUAÇAÕ

Da resposta á Carta sobre o Tratado de Commercio entre Portugal, e Inglaterra.

Se os raciocinios precedentes saõ exactos, fica demonstrado que naõ somente he difficil, mas que he talvez impossivel decidir *à priori* do merito de hum Tratado de Commercio: e por consequencia que he hum verdadeiro absurdo huma petiçaõ de principio sustentar que hum contracto bilateral he desvantajozo (como diz o Author), nocivo quer dizer para huma das Partes Contractantes, ao mesmo tempo, que se affirma (seja verdade, ou naõ) que o Contracto, naõ está executado em hum artigo se quer dos que saõ favoraveis a essa mesma Parte:—mas acha-se de mais que o merito intrinseco de hum Tratado de Commercio he problematico, huma vez que se despe de todas as circunstancias, que o acompanharaõ—pois o mesmo que foi proveitozo para huma das Partes, e nocivo para a outra; teria sido o contrario, ou igual para ambas, se huma das Naçoens se houvesse comportado, como devia.

Unindo a estes principios o outro de que, cada dia, se sente mais a necessidade, isto he, a urgente precizaõ que tem o Soberano de que os seos vassallos, e homens de talento escrevaõ, e publiquem as suas ideas sobre os interesses da Naçaõ, a fim de que ellas se façaõ geraes; sem o que jamais se approveitaraõ os immensos recursos que lhe deo a Natureza, e o valor dos seos Antepassados, sem o que seraõ taõ escuzadas, como injustas as queixas contra os Estrangeiros, quando a culpa he toda nossa—usarei eu da liberdade que dou ao Author da Carta, discutindo algumas das suas mais singulares asserçoens.

Admittindo como exacta a narraçaõ, que elle faz, do que se passou em Portugal com os lanificios; e naõ negando que o Conselho retroativo que elle dava ao nosso antigo Governo, teria sido bom, ao menos para obrigar

a Gram-Bretanha a desistir do seu excessivo alteamento de Direitos de entrada sobre os vinhos de Portugal; naõ me parece igualmente admissivel a propoziçaõ que 135 por cento de direitos sobre os lanificios, teriaõ coberto o *deficit* annual, que agora se experimenta, para as despezas do Exercito Portuguez, apezar, e alem, do subsidio Inglez de dois milhoens esterlinos.—Se 135 daõ 12,—100 dariaõ mais de 8; e com effeito em alguns annos precedentes anda por mais de 800 mil libras esterlinas o valor dos lanificios importados, metade para o Brazil, metade para Portugal, pouco mais, ou menos.

Mas aqui he que se vê como os interesses de hum Estado se tocaõ todos, e como todos devem ser pezados juntos.—Quem diz ao Author que esses 135 por cento seriaõ cobrados lealmente, sabendo a malversaçaõ que reina (segundo se diz) nas nossas Alfandegas, em hum, e outro hemisferio? Huma parte desses lanificios passa para Hespanha; e naõ cessaria este transito com hum taõ enorme direito? Naõ buscariaõ os Inglezes outra estrada para a Hespanha?

Naõ offereceria esse tributo enorme hum attractivo irresistivel ao extraviador dos direitos em huma Costa deserta, e taõ vasta, como a do Brazil?

Naõ sei se he taõ seducente; mas naõ he menos perigoza a sentença seguinte do Author—*Este artigo* (o 15 do Tratado) *cauza á Naçaõ Portugueza hum prejuizo muito maior do que lhe teria cauzado huma invazaõ de hum exercito inimigo: por que, se Portugal, por exemplo, tivesse sido invadido pelos Hespanhoes, os Inglezes bloqueavaõ os Portos declaravaõ guerra á Hespanha, &c. Naõ podiaõ os Portuguezes ser supridos com coiza alguma por mar: viaõ se obrigados a cultivar o resto das suas terras para ter que comer; e naõ só a continuar a manufacturar, como faziaõ; mas a augmentar o numero, e perfeiçaõ de suas fabricas para ter de que se vestir; e assim por necessidade a augmentar a sua industria, &c.* Investigador Portuguez, tom. VII. pag. 412.

Naõ pensáraõ por certo assim os Povos de Portugal quando aproveitaraõ o primeiro instante que lhes offereceo a insurreiçaõ de Hespanha, para sacodir o jugo Francez! Naõ: elles calcularaõ, que huma boa parte delles teria que sustentar as precizoens de hum esfaimado exercito Francez, a cobiça insaciavel dos seos Generaes, e Commissarios; em quanto a outra havia de ser recrutada, ou conscrita á força para ir pelejar nas guerras dos seos oppressores a 500, ou 600 leguas da sua Patria: elles calculáraõ que haviaõ de ser retalhados em pedaços para os Reis, para os Principes, e Duques que a Corsica Familia produzisse, e do que tiveraõ huma amostra com a primeira divizaõ que do Reino, que

nós achamos taõ pequeno, fez Bonaparte em tres, ou quatro pedaços—para a Rainha de Etruria—para o Principe da Paz, &c. &c. &c., segundo o Tratado de Fontainebleau, assignado pelo Snr. Ysquierdo.—Parece que os Povos de Portugal viraõ melhor do que o Author da Carta, que na hypothese de ficar sujeitos á França, ou a Hespanha, naõ tinhaõ grande esperança de ver prosperar as suas manufacturas, *que rivalizavaõ ja com as melhores da Europa, e algumas excediaõ a maior parte dellas:* nem esperáraõ mais dos *canaes*, e das *estradas*, que Junot lhes prometteo, do que do segundo *Camoens* que elle lhes profetizou.

Pode ser hum problema (como li em alguma parte do seu Jornal) se haveria Rey que ouzasse pedir aos seos Povos os sacrificios, e esforços, que fizeraõ os de Portugal de sua livre vontade: mas huma vez, que assim o quizeraõ, acho que fizeraõ bem: basta que depois da paz continuem a ter taõ leaes, taõ nobres, e taõ energicos dezejos!

Naõ he taõ grande desgraça, como pensa o Author da Carta, haver quem se *atreva a dizer que naõ convem aos Portuguezes ter fabricas; porque primeiro devem ter que comer.* Invest. Port. tom. VII. pag. 419.

Talvez que se este erro fosse mais geral tivessem as nossas fabricas prosperado mais!

Os sectarios *desta herezia* naõ pertendem que se dê com huma machado nas Fabricas, que vierem por si naturalmente; nem que se negue auxilio áquellas, que prometterem prosperar com elle!...mas como elles tem visto naõ somente em Portugal, mas em outros reinos, o rediculo effeito de Fabricas por conta do Governo (que se esquece de destruir os obstaculos fizicos, e moraes que impedem as Fabricas de nascer; e que removidos, fariaõ talvez desnecessarios os esforços, e as despezas desse Governo); desapprovaõ este methodo de fazer andar o carro a diante dos bois:—e quando depois de 27 annos de trabalhos Herculeos do Grande Marquez de Pombal para estabelecer 220 Fabricas, se vê que o producto total das Importaçoens, e Exportaçoens entre o Brazil, e Portugal, junto, montava antes de 1807 somente a 45 milhoens de cruzados, como Vmces. disseraõ a pag. 722 do Vol. IV. do seu Jornal—rim-se ou antes choraõ, e dizem em baixa voz que a metade do dinheiro, que estas tentativas de Fabricas custaraõ ao Erario, empregada em 27 annos a abrir estradas, Rios, e Canaes, soltando os embaraços, que impedem a cultura de taõ vastos desertos em todas as provincias do Reino, teria rendido muito mais; e dobrando a povoaçaõ, teriaõ posto os Portuguezes em huma situaçaõ muito diversa a respeito dos seos inimigos, agora que ao menos esta provado, como disse o

insolente Mr. de Bourgoing, que—*la valeur chez les Portugais est la seule qualité qui a resisté à l'engourdissement de toutes leurs autres facultés.*

He rizivel o quadro que o Author faz do estado das nossas Fabricas antes do Tratado! Elle naõ espera por certo que nos o acreditemos.—A' excepçaõ d'alguma Seragoça, e de panno para os fardamentos da tropa, que ninguem nos impedirá de tirar da Covilhã, Fundaõ, e Portalegre; quem comprou em Lisboa outro panno de laã para se vestir, senaõ Inglez, ou Francez? Apenas se começaraõ a fiar alguns algodoens em Thomar, e Alcobaça: e tendo nos tanto algodaõ, e taõ barato, quem nos impedirá na paz de renovar estas fiaçoens?

Linho nem proprio tinhamos bastante; e com tudo era huma das maiores occupaçoens da gente miuda do Reino, e que mais hia para o Brazil.

Outro tanto se pode dizer do ferro; a cultura das melhores amoreiras do Piemonte, e a fiaçaõ dos organsins, &c. &c. de que tanto se occupou o Conde de Linhares, saõ obra de dois dias, e he fabricaçaõ em que nenhum Tratado dará vantagem aos Inglezes sobre nos, se nos soubermos fazer o que devemos:—e he pois com semelhantes rezultados de Pigmeo em consequencia de esforços de Gigante que nos temos saudades da prizaõ com que tinhamos peado o commercio, e a navegaçaõ do Brazil? O tratado, de certo, devia ter hum prazo mais curto do que o de 15 annos!...Feito para o Brazil, naõ devia ser com tanta facilidade applicado a Portugal, e muito menos entendido, como foi, por exemplo, na venda por miudo, na reexportaçaõ, &c. &c., antes de se saber, como os Inglezes o entendiaõ, e executavaõ: mas pensava por ventura o Author da Carta em 1809, quando se negociou o Tratado, que as ferragens, e o panno de linho da Provincia do Minho; e os estampados da Estremadura haviaõ de ter sahida para o Brazil, depois que Soult tivesse entrado em Lisboa, ou que Massena fosse Rey de Portugal, como se diz que trazia a Patente na algebeira?...

He precizo tambem alargar hum pouco as ideas.—Que os Inglezes tenhaõ lucrado com o commercio de Portugal, e do Brazil—naõ ha duvida:—mas foi por ventura facil persuadir á Naçaõ Ingleza a despender as enormes sommas que tem desembolsado para a guerra da Peninsula com a esperança de lucra-las pelo commercio? O Author ignora por certo a deciziva opiniaõ contraria do partido de homens mui notaveis em Inglaterra como saõ Lord Grenville, Lord Grey, e outros? E se S. A. R. julgou a propozito secundar os votos dos seos fieis, e heroicos Povos de Portugal, offerecendo os maiores sacrificios á Gram-Bretanha, para a rezolver a

subministrar os auxilios em gente, em armas, e dinheiro que S. A. R. naõ podia entaõ dar aos seos vassallos, pode-se accuzar o excesso dos sacrificios, mas naõ a intençaõ.— Pode-se cuidar em remediar as consequencias, se Bonaparte naõ durar tanto, como o tratado de Commercio; porque se elle durar ate o anno de 1825, he de recear, que as ferragens, e os pannos de linho, e as chitas de Portugal naõ prosperem muito ate entaõ—mas em fim, a grande obra da salvaçaõ da Peninsula, e da Europa está muito adiantada. Ninguem a julgava provavel em 1809; e o Author aposto que era hum dos primeiros incredulos desse tempo.

E quem o naõ foi em 1809, e 1810? Longe de mim ate a mais leve suspeita de querer desacreditar a opiniaõ—que o Soberano deve proteger, e animar a Industria dos Povos!— Mas se naquella epoca apparecesse hum Tratado em que o Soberano estipulasse com grande cautela a favor das Fabricas de Portugal, por certo naõ faltaria quem perguntasse com hum rizo Sardonino, se aquellas Reservas se faziaõ em attençaõ a Bonaparte, ou a Massena?...

Huma das Thezes que o A. sustenta com mais vantagem na sua Carta he que a falta de provizoens que he contraria as Fabricas em Portugal, naõ existe no Brazil, e nas Ilhas.— Os raciocinios do A. saõ sempre Patrioticos, e quasi sempre exactos, huma vez que se lhe admitte a hypothese, que os Portuguezes pensaõ uniformemente, e se occupaõ seriamente dos interesses da sua Patria.—Deste erro (bem desculpavel) nascem os mais. Elle esquecesse, que ainda naõ ha muitos annos, que entre nos mesmos se fallava com mofa do que podiaõ fazer os nossos taõ injustamente desconhecidos, e desprezados Guerreiros; e que entre esses que se chamavaõ Politicos em Portugal, huns faziaõ consistir a segurança do Reino na falta de estradas, outros nos ciumes das Potencias Maiores: exercito, e marinha pareciaõ-lhes superfluidades; e aqui ao menos eraõ coherentes: porque para elevar as forças de Mar, e Terra ao numero e costeamento necessario para defender a Monarquia com a gloria, que promette, e facilita o innato valor dos Portuguezes, era mister que hum Reino ja limitado em superficie, (á proporçaõ do seu vizinho) se naõ conservasse peado em cultura, industria, Povoaçaõ, credito, &c. &c. &c.

Em quanto Portugal aprezentava na Europa o Spectro de huma Potencia, razaõ era que o Brazil fosse huma colonia no sentido Francez, e Inglez, e como corollario desta triste Doutrina, que as Ilhas, posto que regurgitando de gente, e mantimentos, naõ tivessem huma fabrica.

Agora que o Brazil, Graças á Magnanima Resoluçaõ de

S. A. R. he hum Reino Irmaõ, como sempre o foi aos olhos da antiga Legislaçaõ Nacional Portugueza, segundo Vmces. observararaõ muito bem a pag. 589 do Tom. IV. do seu Jornal, ninguem nos embaraça de erigir fabricas no Brazil; e se basta para que ellas alli prosperem, que as estrangeiras sejaõ o mais caras que he possivel, poucas destas poderaõ competir com as que se estabelecerem em Villa Rica, no Serro Frio, &c. &c. &c.

He certo que huma Naçaõ industrioza cujos Fabricantes sejaõ todos Escravos, sera espectaculo novo; mas nem por isso direi d'antemaõ que seja impossivel.—A's vantagens naturaes une o Brazil agora duas de novo, e muito grandes. Huma positiva, outra negativa. A 1. o principio dado ás fundiçoens de ferro. A 2. a certeza de que alli naõ haverá Inquiziçaõ.

Porem o A. carece geralmente de huma advertencia, e he que naõ argumente, ás vezes, ás avessas do que a Logica recommenda. Esta Arte naõ consente, que da possibilidade se induza a existencia: o argumento inverso he o unico legitimo. Que o Brazil tenha extensaõ, e fertilidade de sobejo para dar todos os mantimentos necessarios, ninguem duvida; mas que ja produza tudo quanto se pode dezejar, nao he hum facto notorio—antes naõ ha muito tempo que os Americanos do Norte levavaõ farinhas a Pernambuco, e ao Pará. Manteiga, Azeite, Queijos, Carnes salgadas, Peixe salgado, apenas se conhecem, e muitas se importaõ de fora Considerou ja o A.—quem hade trabalhar nestas novas fabricas; naõ digo como Mestres, mas como obreiros, no cazo que os Inglezes continuem a açoitar o Commercio da Escravatura, e cheguem a anniquila-lo? Pensou ja nos meios de fazer trabalhar os Brancos, que no Brazil reputaõ o trabalho manual inferior á sua dignidade? Achou o methodo de extinguir o vicio geral da mancebia dos Senhores com as escravas, e de substituir o legitimo matrimonio? Sabe dizer-nos se em falta de escravos estaõ os Capitalistas do Brazil determinados a fazer a despeza de mandar ir da Europa Colonos livres tirados daquelles paizes donde se expatriaõ com facilidade, em quanto o Governo, embaraçado pela falta de rendimento Publico, naõ tem meios de accelerar esta melhor colonizaçaõ?

O A. da Carta pode ter a vaidade que nesta sua composiçaõ se assemelha muito a hum Grande Homem da Antiguidade, de quem se disse—" que os Parceceres que elle dava no Senado, eraõ os melhores possiveis para a Republica de Plataõ, mas de forma nenhuma applicaveis ás fezes de Romulo."

Porque o Brazil he *fertilissimo*, affirma elle que ja tem em si tudo quanto preciza. Porque he vastissimo suppoem que he povoado.

Porque tem gente imagina que he habitado por huma Naçaõ industrioza. Ora apeemo-nos da imaginaçaõ do A., e batamos á porta da Realidade!.........

Taõ longe está o Brazil de produzir tudo o que os commodos da vida requerem para hum Europeo, que ainda o anno passado consentio o Governo de S. A. R. (com algum receio que lhe viessem a faltar para si), consentio, digo aos Negociantes Inglezes o exportar graons do Rio Grande para Portugal.—E quantas couzas vaõ aqui n'hum só facto comprehendidas!.........

Sabe-se (desgraçadamente ha seculos) que nos tempos mais serenos, e nos melhores annos, he Portugal obrigado a importar huma excessiva quantidade de comestiveis para seu consumo. Era de crer que a guerra da Restauraçaõ augmentasse esta necessidade. Era vizivel a confuzaõ em que as invazoens de Soult, e de Massena, e ate os estragos dos nossos exercitos haviaõ de pôr os lavradores.—Foi notoria a extrema carestia dos generos em Lisboa, e no Porto.—Sabia-se que os trigos naõ podiaõ vir livremente do Mediterraneo, da França, do Baltico; e bem se podia concluir que todo o lucro desta immensa importaçaõ havia de redundar em beneficio para os Americanos do Norte:—mas a nada disto se moveo huma Alma viva no Brazil, e em Portugal!! Ambos ficáraõ—hum Mudo—outro Quêdo.

Mas naõ para aqui tudo!......Sugeiro o Governo de Portugal aos Negociantes Portuguezes que mandassem vir trigos do Rio Grande; *mas elles com fermozo rizo honesto, como quem do proposta lhe pezara*, afferrados á maxima Chineza de naõ pensar, nem fazer senaõ a que pensáraõ, e fizeraõ seos Avós, (que em ponto de commercio naõ saõ a melhor escola), escuzaraõ-se de entrar nessa empreza. Especuláraõ os Inglezes, e ganháraõ (naõ digo quantos por cento, porque o naõ sei), mas sei que lhe sahio o trigo do Rio Grande posto em Lisboa mais barato do que o trigo que vinha dos Açores!

Bem hajaõ os Negociantes Inglezes!......Senaõ fosse esta especulaçaõ feliz, e se naõ fossem os soccorros das diversas capitanias, que Sua Alteza Real mandou ir para Portugal (tanto quanto o aperto, que esperamos seja bem temporario, da Sua Real Fazenda o permittio), pareceria que o Brazil naõ produz senaõ Mandioca ou Assucar, e Café; pois em tamanha precizaõ nada tinha que offerecer á Sua Patria May!

Bem haja Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso

Senhor, que, alem de tantas outras provas do Amor que tem aos seos Vassallos, lhes dá esta de approvar que Vmces. escrevaõ com liberdade, e imparcialidade; de sorte que ouvindo-se o pro, e o contra, sem offender pessoalmente alguem, venha a aclarar-se a verdade.

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ.

Londres, 8 *de Outubro de* 1813.

Em o No. 28 do seu Jornal se achaõ publicados o primeiro Ajuste entre os Commissarios Portuguezes e Inglezes relativo ás Duvidas do Celebre Tratado de Commercio entre as duas Naçoens, huma Carta respectiva dos mesmos Commissarios Portuguezes ao Embaixador; e algumas reflexoens sobre ambos aquelles documentos. Todos elles assim como o 2. Appendice do mesmo No. me suscitaraõ algumas outras reflexoens, que tomo a liberdade de dirigir lhes, e espero hajaõ Vmces. de inserir em o seu Jornal.

Quaes, e que taes saõ os unicos quatro pontos que abrange aquelle Ajuste, e as razoens porque se conveyo nelles, e naõ se tratou do mais, apparecem claramente do mesmo, e da Carta dos Commissarios, pois falaõ por Si. He com tudo certo, e Vmces. o declaraõ, que aquelle Ajuste Preliminar está ainda longe de abranger todos os pontos litigiozos, e de remover todas as duvidas do Tratado. E naõ he menos certo que quaesquer outras Estipulaçoens que se ajustem, e todas juntas, sendo semelhantes, estaraõ sempre igualmente longe desse fim.

Os Portuguezes reclamaõ os seus direitos. O mesmo para si, que os Estrangeiros querem para Elles. Em fim a Perfeita reciprocidade, e mutua conveniencia que o seu Soberano fixou como Baze eterna do Tratado. A falta della, alem de outros motivos, he que o annullou essencialmente, e annullará sempre quaesquer novos Tratados ou Ajustes, que se façaõ, ainda que possaõ temporariamente executar-se.

Elles se lembraõ dos ajuntamentos e conferencias que tiveraõ áquelle mesmo respeito, e das Instrucçoens e reprezentaçoens que d'ellas emanáraõ. Decorreo hum Anno em profundo Silencio, e por fim foraõ convocados para se lhes communicar aquelle Ajuste; mas naõ ob-

stante tamanha demora, e a promessa que lhes certificaraõ dera o Governo Inglez, e que induzio á concluzaõ dos pontos unicos que elle mesmo propozera; estaõ ainda á espera da Soluçaõ devida ás suas justissimas pertençoens, que se pozeraõ com tudo de parte para ceder o lugar as delles.

Logo porem que os nossos commissarios foraõ taõ condescendentes, naõ ha tanta vazaõ de queixa pelo que estipularaõ. Elles seguráraõ a excluzaõ dos vazos Britanicos de Construcçaõ Estrangeira, que o Tratado tinha ja providenciado, e segurárao tambem hum modo mais certo para evitar o Contrabando e verificar as rendas das nossas Alfandegas; elles obtiveraõ hum resarcimento pelos direitos alheios de que nos havia feito prezente o Tratado, mas seus Donos nunca cederaõ; e em fim somente o modo de verificar o valor das fazendas Britanicas, que elles parecem inculcar que se amplie ou generalize em os nossos Portos, he que naõ poderá convir nos de forma alguma, porque a mesma practica deste e outros Paizes a que se referem aconselha muito pelo contrario a conservar as nossas Pautas, e a renovalas, e acrescentalas amiudadamente.

Os nossos Commissarios tambem nos previnem que as Prezas tomadas pelos Inglezes tem *Registers* ou documentos semelhantes áquelles que se reconheceraõ como sufficientes para admissaõ em os nossos portos dos seus Navios de Construcçaõ Britanica; mas como aquelles naõ saõ nelles admissiveis deve por isso haver toda a vigilancia, e se por la sempre aparecerem naõ deixar nunca de as tratar com o mesmo respeito e *Amizade* com que saõ aqui tratados os nossos Navios de Construcçaõ Estrangeira, que saõ quazi todos os que temos, e por consequencia quasi todos que nos fizeraõ o favor de excluir dos portos Britanicos. Com tudo aquelles documentos ou Registers especificaõ sempre a origem do Cascò, e por tanto he facilimo distinguir hum dos outros. O Ponto está em naõ crer de leve, mas olhar sempre para elles.

Em fim os nossos Commissarios quando trataraõ do modo de verificar o Valor das Fazendas Britanicas naõ se esqueceraõ tambem de apontar que eraõ somente aquellas sujeitas aos direitos de 15 por C. Mas como acontece agora que as Fazendas de Laã, que ainda ha pouco pagavaõ direitos grandes, e que pelo Artigo 26 do Tratado ficaraõ pozitivamente excluidas de todas as Estipulaçoens do mesmo Tratado devendo por isso naõ somente continuar a pagar os mesmos direitos que pagavaõ, mas ainda muito maiores á proporçaõ daquelles com que tem sido sobrecarregados aqui os nossos vinhos, que ficaraõ do dito Tratados igual-

mente excluidos; como acontece pois, digo, que os direitos das fazendas de Laã se achem reduzidos agora a menos de ametade do que pagavaõ? E que ao mesmo tempo que se pertende segurar, e melhorar a Renda Publica, seja ella assim taõ enormemente defraudada de Milhoens? He crivel, he possivel tanta Avareza de huma parte e tanta condescendencia da outra? Naturalmente ha de querer imputar se a culpa aos Commissarios; mas a Sua Honra, o seu caracter requerem, e os obrigaraõ a fazer recahir o odio sobre quem toca.

Poisque direi da nova pauta feita em Lisboa, e que Vmces. inseriraõ no segundo appendice do seu dito Jornal? Ella seria por si so capaz de fazer arripiar os Cabelos a todos os Portuguezes. He huma pauta de avaluaçoens das Fazendas de Laã; em que naõ somente se declaraõ *com pez de Lam*, e como coiza clara e sabida os direitos de 15 por C. para ficarem regulando para as mesmas fazendas, referindo-se sim ao artigo 15 do Tratado, mas sem dizer huma palavra, ou fazer cazo algum do Artigo 26 que a respeito de semelhantes fazendas destroe absolutamente aquelle, e todos os outros artigos do mesmo Tratado, conforme ja observei, mas de mais a mais, e como para fazer transbordar a taça de Fel que nos querem fazer tragar, se declaraõ igualmente as avaluaçoens, e os direitos de toda a qualidade de fato ja feito, como sobre—cazacas, cazacas, vestias, calçoens, silouras, &c. &c. e se inculca assim reconhecida e admittida a sua entrada!!!

E que maré haõ de levar os nossos Alfayates, Sapateiros e outros muitos officiaes, e suas mizeraveis familias, alem de infinitas outra recolhidas e honestas, que adquiriaõ, como ninguem ignora, a sua subsistencia com semelhantes empregos? Naõ lhes bastaõ os dias de amargura, e as fomes que tem ja curtido, e as desgraças porque tem passado? Agora que o sol principiava a rayar teraõ ainda a ver, teraõ a soffrer que lhes seja arrancado o paõ da boca por Estrangeiros, e que sejaõ pelos mesmos assim entregues elles, as suas mulheres, e os seus filhos ás Garras da Mizeria e da desesperaçaõ. Tanta prezumpçaõ, tanta injustiça brada aos Ceos! Naõ pode subsistir, nem poderia supportar-se.

Desenganem-se para sempre. Naõ pode existir Tratado, ou Estipulaçaõ alguma entre Naçoens Independentes que naõ sejaõ perfeitamente reciprocos. Este hé o principio eterno de justiça, e o que altamente proclamou o nosso Principe Magnanimo, e tudo que se oppozer a elle cahira por si mesmo.

Concluirei finalmente com huma explicaçaõ que me sus-

citaõ as suas reflexoens que saõ derigidas aos *Bons* Portuguezes. Ella me parece tanto mais necessaria, que infelizmente, e por motivos que todos nos conhecemos, o sentido de muitos de nossos termos, como por exemplo *Protecçaõ Reciprocidade*, &c. se acha hoje invertido, e nossas expressoens confundidas.

Por Bom Portuguez, entendo eu, todos os Portuguezes. E se for necessario trarei em meu apoio a authoridade de hum Estrangeiro famozo, o Grande Wellington. Elle franca e altamente proclamou ao Mundo inteiro, que os Portuguezes todos se sujeitaraõ com a mais Heroica constancia á geral devastaçaõ do seu Paiz, e das suas propriedades (pelos Inimigos e pelos Amigos) e ás maiores tribulaçoens, e soffrimentos Pessoaes; e que apezar de tudo, e das mais insidiozas e lizongeiras promessas, naõ soube ja mais de *Hum* so, que naõ fosse fiel á boa cauza, fiel ao seu Principe, e á sua Patria*.

Consequentemente se deduz, e com orgulho o repito, que todos os Portuguezes saõ *Bons* Portuguezes.

* Ninguem faz mais alto conceito da nossa heroica Naçaõ do que nos; e todo Portuguez, para quem o nome de Patria naõ he hum nome vaõ, deve sentir hum nobre orgulho de pertencer a huma Naçaõ cujos feitos gloriozos naõ tem iguaes no Mundo! Estamos bem persuadidos com o Grande Lord, e com o A. desta Carta, que desde a feliz restauraçaõ de Portugal se naõ tem achado hum só Portuguez, que naõ fosse fiel ao seu Principe, e á Sua Patria: com tudo ignora o A. que entre nós mesmos tem havido, naõ poucos intrigantes, que sem serem infieis, (no rigor da palavra) tem procurado pintar como taes muitos dos seos compatriotas, levados somente do dezejo de vinganças, arrastados por inveterados odios, e por interesses particulares bem viz? Ignora que esta casta infame de gente tem feito a desgraça de muitos Portuguezes, em quem se naõ tem achado hum crime? E chamará tambem a taes intrigantes boms Portuguezes? O mesmo Grande Lord sabe que tem havido, e ha desgraçadamente grandes dilapidaçoens, principalmente nas Alfandegas: seraõ tambem bons Portuguezes os que perpetraõ taes roubos? Bom Portuguez he todo aquelle que cumpre com fidelidade, e zêlo os seos deveres, que falla a verdade ao seu Governo, que lhe mostra os males, e os meios de os remediar, que prefere sempre o bem e os interesses do Estado ao seu bem, e interesses particulares: e pode o A. da casta sustentar que todos os Portuguezes assim o fazem? Ah! Se assim fosse, naõ teria Portugal chegado ás bordas do precipicio: naõ haveria em nossas finanças o *deficit* que ha, o qual naõ provem das despezas da Caza Real, como ja mostramos: nós naõ teriamos sido obrigados a contrahir emprestimos: nos estariamos independentes, e livres de toda a influencia estrangeira: nos seriamos infinitamente mais respeitados dos estranhos. Leia o A. os nossos mesmos Historiadores: leia o nosso Barros, e Couto; e elles lhe diraõ se ainda em tempos de mais virtude, e de melhores costumes todos os Portuguezes eraõ bons. N'huma palavra quando o A provar que a nossa Naçaõ he composta de Anjos, entaõ podera censurar que se falle em *bons* Portuguezes, na suppoziçaõ de que ha alguns, que o naõ saõ.

Os Redactores.

Elles sempre foraõ, e seraõ sempre capazes de tudo sacrificar pelo Principe, e pela Patria, e nunca soffrêraõ, nem jamais soffreraõ o Jugo ou Prepotencia alguma de Estrangeiros, pois ainda que naõ sejaõ Inimigos d'elles, saõ com tudo, como devem, muito mais Amigos de si mesmos.

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ.

Londres, 18 *de Outubro de* 1813.

SENDO como he bem sabido, que pelo Tratado de Commercio concluido entre as Cortes do Rio de Janeiro, e a de Londres em 19 de Fevereiro de 1810 ficaraõ excluidos de serem admettidos nos dominios Portuguezes todos os navios Inglezes que naõ saõ de Construcçaõ Britannica; mas que naõ sei por que fatalidade os de prezas tem lá ate agora sido admettidos; e vendo-se agora outra ves a mesma estipulaçaõ ratificada pelos ajustes aqui concluidos pelos nossos Commissarios; parece-me ser de muita importancia que Vmces. publiquem no seu numero d'este mes as formas dos registos que as Alfandegas Inglezas custumaõ dar aos navios de construcçaõ Britannica, (os quaes saõ os unicos admettidos nos nossos Portos) e aos de prezas, (os quaes de lá saõ excluidos como fica dito) para que os nossos officiaes a quem toca o exame d'elles conheçaõ a differença que há entre huns, e outros; e inda que he provavel que os ditos nossos Commissarios já tenhaõ mandado outras semelhantes copias ao nosso Governo, eu julgo que este he hum meio mais facil para chegar ao conhecimento de todos; e se lhes parecer que tem lugar o incerillas, aqui as acharaõ incluzas para esse fim*.

Sou com muito respeito

De Vmces.

C. P. de C.

* Nos publicamos estas formas de registos, naõ tanto com o fim que o A. tem em vista; como por nos parecer que se devem adoptar taes formas de registos, ou outras muito analogas, nos Dominios de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor: d'outra sorte os Direitos Reaes continuaraõ a ser defraudados, como ate agora o tem sido. Os Redactores.

(No. 346.)

In pursuance of an Act passed in the 26th year of the Reign of King George the Third, intituled, "An Act for the further increase and encouragement of Shipping and Navigation"—

George Reid and William Clark, of Mincing-lane, Merchants,

Certificate of British Registry. Seal.

Having taken and subscribed the oath required by this Act, and having sworn that themselves, together with Philip Cashl Skirrard, of Worthing, Sussex, are sole Owners of the Ship or Vessel called Carshalton Park, of London, whereof William Clark is at present Master, and that the said ship or vessel was built at Southampton, in the year 1811, as appears by a Certificate of Registry, No. 313, granted at London, 19th October, 1811, now delivered up and cancelled; and P. Dear, Tide-surveyor at Southampton, having certified that the said ship or vessel is British built, has two decks and three masts, that her length from the fore part of the main stem to the after part of the stern-post aloft is 118 feet 8 inches, her breadth at the broadest part above the main wales 29 feet and half an inch, her height between decks 7 feet 1 inch, and admeasures $454\frac{16}{94}$ tons, that she is a square sterned carvel built ship, has no gallery, and a man-head; and the said subscribing Owners, having consented and agreed to the above description, and admeasurement, and having caused sufficient security to be given, as is required by the said Act, the said ship Carshalton Park has been duly registered at the Port of London.

Signed J. Wilmott and Co.

Seal.

Signed J. Brayshorff.

N. B. Admeasured on the Stocks.

Given under our hands and seals of office, at the Customhouse in the said Port of London, this 13th day of November, in the year 1811.

Entered in the Register-General's office, 14th Nov. 1811,
(Signed) W. Moss.

Entered in the Secretary's office, 14th Nov. 1811.
(Signed) J. Rellnap.

(Numero 346.)

Em conformidade de hum Acto passado no anno 26 do Reinado do Rey George Terceiro, entitulado "hum Acto para maior augmento e animaçaõ do Commercio e Navegaçaõ"*—

George Reid e William Clark, de Mincing-lane, Negociantes

Certificado do Registro Britannico.

Sello.

Tendo tomado, e assignado o juramento exegido pelo Acto, e tendo jurado que elles, juntamente com Philip Cashl Skirrard, de Worthing, Sussex, saõ Unicos donos do Navio ou embarcaçaõ chamado Carshalton Park, de Londres, do qual William Clark he Capitaõ ao presente; e que o ditto Navio ou embarcaçaõ foi feito em Southampton no anno de 1811, como parece pelo Certificado do Registro numero 313, concedido em Londres em 19 de Outubro de 1811; entregue agora, e fica nullo sem effeito; e P. Dear, Examinador dos Mares ou agoas em Southampton tendo nos certificado que o ditto navio ou embarcaçaõ he de construccaõ Britannica, tem duas cobertas e trez mastros, que o seu cumprimento da proa a popa saõ 118 pez e 8 polegadas: a sua largura na parte mais larga saõ 29 pez e meia polegada: sua altura entre as cobertas, sete pez e huma polegada, e mede 454$\frac{15}{94}$ tonelladas, que a sua construcçaõ he de huma forma quadrada a maneira de huma galera, naõ tem tolda, e a figura de hum homem; e os dittos donos tendo consentido e concordado na discripçaõ e medida acima, e tendo dado segurança sufficiente como se requer pelo ditto Acto, o ditto navio Carshalton Park, tem sido dividamente Registrado no Porto de Londres.

Assignados J. Willmott e Co. Cobrador.

Sello.

Assignado J. Brayshorff.

N. B. Medido no Estaleiro.

Dado debaixo das nossas Maõs e Sellos d'Officio na Alfandega do ditto Porto de Londres no dia terceiro de Novembro de 1811.

Entrado no Officio Geral do Registro, 14 de Nov. 1811.
(Assignado) W. Moss.

Entrado no Officio dos Secretarios, 14 de Nov. de 1811.
(Assignado) J. Rellnap.

* Nos damos a traducçaõ tal, qual nos foi mandada.—Os Redactores.

(No. 308.)

In pursuance of an Act passed in the 26th year of the Reign of King George the Third, intituled "An Act for the further increase and encouragement of Shipping and Navigation :—"

William Hibbert, of Billiter-court, Merchant,

Certificate of British Registry.

Seal.

Having taken and subscribed the oath required by this Act, and having sworn that themselves, together with George Hibbert, of Billiter-court, Merchant, are sole Owners of the ship or vessel called Ann, of London, whereof James Hamilton is at present Master, and that the said ship or vessel was a prize, condemned in the High Court of Admiralty, 14th June 1799, as appears by a Certificate of Registry, No. 356, granted at London, 25th November, 1811, now delivered up and cancelled; and Nicholas Robilliard, Surveyor for the Act of Navigation, having certified to us that the said ship or vessel is foreign built, has three decks and three masts, that her length from the fore part of the main stem to the after part of the stern-post aloft is 123 feet 10 inches, her breadth at the broadest part above the main wales 34 feet 11 inches, her height between decks 5 feet 10 inches, and admeasures 631$\frac{47}{94}$ tons, that she is a square-sterned ship with flush deck, has quarter galleries, and a woman bust head, and the said subscribing Owners having consented and agreed to the above description and admeasurement, and having caused sufficient security to be given, as is required by the said Act, the said ship Ann has been duly registered at the Port of London.

Signed W. Read and Co.
Seal.

Signed J. D. Hume, and Co.

N. B. Admeasured afloat.

Given under our hands and seals of office at the Custom-house in the said Port of London, this 19th day of November, in the year 1812.

Entered in the Register-General's office, 21st November, 1812.

(Signed) JOHN COVEY.

[Certificate of British Plantation Registry.]

(Numero 308.)

Em conformidade de hum Acto passado no anno 26 do Reinado do Rey George Terceiro, intitulado "hum Acto para maior augmento e animaçaõ do Commercio e Navegaçaõ"—

William Hibbert, de Billiter-court, Negociante.

Certificado do Registro Britannico.

Sello.

Tendo tomado e assignado o juramento exegido pelo Acto, e tendo jurado que elle junto com George Hibbert, de Billiter-court, negociante, saõ unicos donos do navio ou embarcaçaõ chamado Ann, de Londres, do qual he Capitaõ ao presente James Hamilton, e que o ditto navio ou embarcaçaõ foi huma Preza, condemnada na Alta Corte do Almirantado em 14 de Junho de 1799, como parece pelo Certificado de Registro, Numero 356, concedido em Londres em 25 de Novembro de 1811, e entregue agora, e fica nullo sem effeito; e Nicholas Robilliard, examinador do Acto de Navegaçaõ, tendo-nos certificado que o ditto navio ou embarcaçaõ he de construcçaõ estrangeira, tem trez cobertas e trez mastros; que o seu comprimento da proa a popa he de 123 pez e 10 polegadas; a sua largura na parte mais larga he de 34 pez e 11 polegadas; sua altura entre as cobertas 5 pez e 10 polegadas e mede 631$\frac{47}{94}$ Toneladas, que elle he hum navio da popa quadrada, com coberta corrida, tem toldas de quartel, e a figura de huma Senhora; e os dittos donos tendo consentido e concordado com a descripçaõ e mediçaõ acima, e tendo dado sufficiente fiança, como se requer pelo ditto Acto; o ditto navio Ann, tem sido dividamente Registrado no Porto de Londres.

Assignado W. Read.

Sello.

Assignado J. D. Hume.

N. B. Medido sobre a agua.

Dado debaixo de nossas maõs e sellos de Officio na Alfandega do ditto Porto de Londres, aos 19 de Novembro de 1812.

Entrado na Officio Geral do Registro, 21 de Novembro, de 1812.

(Assignado) JOHN COVEY.

Certificate of British Plantation Registry.]

Pago por Custodio Pereira de Carvalho em 9 de Outubro de 1813, aos Snrs. Corretores Sherman e Willcox, como consta da conta e recibo que vimos dos dittos Corretores, pelo Brigue Intriga do qual he Capitaõ Joaõ da Costa Carvalho tendo dado entrada quando chegou de Pernambuco em 18 de Agosto e aclariou em o 1 de Septembro para sahir para o mesmo Porto de Pernambuco.*

		INWARDS.	£. s. d.	£. s. d.	POR ENTRADA.
1818. Aug. 18	To paid	Dover Pier duty .	£. 3 11 0	£. 3 11 0	Direitos de Dover Pier.
20		Entering inwards, tonnage, &c.	35 7 0	35 7 0	Id. de Toneladas por entrada.
28		London Dock dues .	25 8 3	25 8 3	Idem da Dock.
—		Trinity dues . ,	8 13 0	8 13 0	Idem da Trindade.
—		Per Harbour Pass .	0 14 6	0 14 6	Passe do Porto.
—		Per Admeasurement Certificate	1 12 6	1 12 6	Certidaõ de mediçaõ.
		OUTWARDS.			POR SAHIDA.
Aug. 23	To paid	Entering out, Tonnage, &c.	37 1 6	37 1 6	Direitos de Toneladas.
Sept. 1		Lights inwards and outwards	39 9 0	39 9 0	Idem de Luzes para dentro e para fora.
—		Tilbury Port dues .	0 5 0	0 5 0	Idem do Porto de Tilbury.
—		Clearing out, Bonds, &c.	5 15 6	5 15 6	Por aclariar p^{a}. fora e fianças.
				157 17 3	a Cambio de $67\frac{1}{2}$ rs. 561,288, ou rs. 2,201, cada Tonelada.

* Podendo acontecer que haja em Portugal, ou no Brazil quem duvide da verdade do que fica dito em o volume 7, do nosso Jornal desde pag. 240 ate 242, por isso publicamos este documento.—Os Redactores.

POLITICA.

AMERICA.

RIO DE JANEIRO.

O Principe Regente Nosso Senhor Foi Servido commetter por Aviso expedido da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, em data de 14 de Junho deste anno, á Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabrigas, e Navegaçaõ deste Estado do Brazil, e Dominios Ultramarinos o Exame, e Verificaçaõ das perdas, e damnos, que tem experimentado os Negociantes Portuguezes, assim Proprietarios, como Interessados nas carregaçoens dos Navios Portuguezes empregados no Commercio da costa de Africa, e que foraõ tomados pelas Embarcaçoens Britanicas, para se poder tratar por meio de hum exacto e especificado conhecimento, e em consequencia da reclamaçaõ, a que o Mesmo Augusto Senhor Mandou proceder pelo seu Embaixador em Londres, da justa e devida indemnisaçaõ de taes prejuizos; ordenando que fossem admittidas justificaçoens legaes com todas as solemnidades da Lei, e assistencia do Consul Britanico, e com a especificada declaraçaõ do valor justo das perdas e damnos soffridos pelos sobreditos Interessados em cada hum cazo separado, a fim de se poder conhecer a perda, que houve em cada Navio tomado, e em consequencia, reunidas as sommas dos valores parciaes, o prejuizo total, que dellas resulta; e ordenando outro sim, para que este procedimento seja uniforme e coherente, que a sobredita Real Junta espeça sem perda de tempo as convenientes Ordens, e Instrucçoens ás Mezas da Inspecçaõ nas outras Capitanias Ultramarinas destes Estados para alli procederem á referida verificaçaõ na fôrma indicada: e por quanto ha de proceder nesta Corte a semelhantes justificaçoens o Dezembargador Juiz Conservador dos Privilegiados do Commercio, e nas mais Capitanias as Mezas de Inspecçaõ, onde as houver, e na falta dellas

os ouvidores, ou Juizes de Fóra; mandou a mesma Real Junta affixar Edictaes, para que chegue á noticia de todos o Paternal Disvelo, com que o Principe Regente Nosso Senhor tanto protege a fortuna de seus vassallos, e para que os interessados, que tiverem soffrido taes perdas e damnos, compareçaõ desde logo perante as Estaçoens indicadas a legitimarem pelo modo competente os seus prejuizos, ajuntando documentos, contas, e mais provas, que tiverem, e igualmente inserir este na Gazeta.

ESTADOS UNIDOS.

FINANÇAS.

Lê-se nas Gazetas Americanas huma carta de M. Jones, interino Secretario do Thezoiro, que faz as vezes de M. Gallatin, datada de 19 de Julho, e dirigida a M. Bibb, Prezidente do Committee dos Meios, e Modos sobre o objecto de novas exigencias, que se faraõ precizas para as despezas da guerra. Diz a sobredita carta que as despezas addicionaes das Repartiçoens da Guerra, e da Marinha, requereraõ hum novo emprestimo de dois milhoéns de dollars para o serviço do anno corrente. Passa depois a fazer ver, que como o emprestimo para o serviço do anno corrente naõ pode convenientemente fazer-se naquelle anno taõ cedo, que satisfaça ao que se preciza no Thesoiro, no principio do mesmo anno, propoem-se, em consequencia, que alem da somma dos dois milhoens sobreditos, para o prezente anno, se authorize agora hum emprestimo sufficiente, com as sommas que se receberem das rendas publicas, para pagar as despezas dos primeiros tres mezes do anno de 1814.

O que o Thezoiro necessita para aquelles tres mezes, se calcula da maneira seguinte :—

Despeza.	Dollars.
Despezas Civis, diplomaticas, e miscellaneas	400,000
Para a devida Publica, exclusivas as notas do Thesoiro, e juros dellas, que se tem de pagar nos mezes de Janeiro, e Fevereiro, de 1814: e que seraõ tiradas do excedente do fundo de amortizaçaõ no anno de 1813 .	1,100,000
Para as Repartiçoens da Guerra, e Marinha .	6,000,000
	7,500,000

Receita.	
Receita avaliada—Direitos das Alfandegas, durante aquelle periodo . . .	1,500,000
Venda das terras publicas, e direitos internos, que se poraõ em vigor no 1. de Janeiro de 1814	250,000
Balanço que ficará no Thesoiro aos 31 de Dezembro proximo, se avalia em perto de dois milhoens de dollars. Como esta somma he de algum modo maior do que he necessario, para se reter permanentemente no Thesoiro, se pode della applicar para as necessidades do primeiro quartel do anno de 1814 a somma de	250,000
Total	2,000,000
Somma que se deve providenciar pelo emprestimo	5,500,000
	7,500,000

Consequentemente toda a somma que se julga conveniente que o Prezidente tinha authoridade de obter por via de emprestimo, antes do fim do prezente anno, vem a ser 7,500,000 dollars, da qual se avalia que 2,000,000 seraõ precizos para o prezente anno, e o residuo para supprir o serviço do anno de 1814.

DOCUMENTO IMPORTANTE.—RELAÇOENS COM A FRANÇA.

Mensagem do Presidente dos Estados Unidos ao Congresso.

A' Casa dos Representantes dos Estados Unidos.

Remetto á Casa dos Representantes hum Relatorio do Secretario de Estado, que contem a informaçaõ requerida em suas Resoluçoens de 21 de Junho proximo passado.

(Assignado) JAMES MADISON.

Washington,
12 de Julho, 1813.

O Secretario de Estado, a quem se referîram varias Resoluçoens da Casa dos Representantes, de 21 do passado, requerendo-se-lhe que desse informaçaõ sobre certos pontos, relativos ao decreto Francez de 28 d'Abril, 1811; tem a honra de fazer ao Presidente o seguinte relatorio:—

FORNECENDO a informaçaõ que requer a Casa dos Representantes, o Secretario de Estado presume, que se poderá julgar sufficiente, que elle refira o que agora se exige, que parte disso tem ja sido communicado; e supprir o que falta. Elle porém considera mais conforme ás vistas da Casa, naõ attender ao que ja se communicou e satisfazer todas as perguntas, dando resposta a cada huma dellas; com a explicaçaõ propria que lhe diz respeito.

A Casa dos Representantes requereo informaçaõ—quando, por quem, e em que maneira, recebeo este Governo a primeira noticia do Decreto do Governo Francez, que tem a data de 28 d'Abril, de 1811, e que se representa ser huma revogaçaõ definitiva dos Decretos de Berlin e Milaõ:—Se Mr. Russel Ex-encarregado de Negocios dos Estados Unidos, junto ao Governo Francez, jamais admittio ou negou a este Governo, a exactidaõ da declaraçaõ do Duque de Bassano a Mr. Barlow, como se refere na carta de Mr. Barlow de 12 de Maio, 1812, ao Secretario de Estado, que o dicto De-

creto tinha sido communicado ao predecessor de Mr. Barlow, ali; e apresentar á Casa qualquer correspondencia com Mr. Russel, sobre esta materia, que naõ sêja improprio communicar; e tambem qualquer correspondencia entre Mr. Barlow, e Mr. Russel, que exista na Secretaria de Estado; por onde se averigue se o Ministro da França nos Estados Unidos jamais informou este Governo da existencia do dito Decreto; e apresentar ante a Casa, qualquer correspondencia com o dito Ministro, relativa a isto, e que naõ sêja improprio communicar; com qualquer outra informaçaõ, que esteja em posse do Poder Executivo, e cuja publicaçaõ se naõ supponha contraria ao interesse publico; que seja relativa ao dito Decreto, e sirva a mostrar em que tempo, por quem, e em que maneira se fez primeiramente saber a este Governo, ou a algum de seus Agentes ou Representantes; e ultimamente informar a Casa se o Governo dos Estados Unidos jamais recebeo da França alguma explicaçaõ das razoens porque aquelle Decreto se occultou deste Governo, e seu Ministro, por tanto tempo depois de sua data; e se este Governo pedio alguma explicaçaõ disso, e se a França omittio o dálla; se este Governo tem feito algumas Reprezentaçoens, ou expressado o seu desgosto ao Governo Francez por tal omissaõ.

Estas perguntas abráçam dous objectos distinctos. O primeiro refere-se ao comportamento do Governo da França, a respeito deste Decreto. O segundo, ao Governo dos Estados Unidos. Para satisfazer ao que a Casa deseja sobre o ultimo objecto, parece proprio o tractallo, em dous pontos de vista differentes; primeiro, no que respeita o comportamento deste Governo, nesta transacçaõ; e segundo, no que respeita o seu comportamento para com ambos os Belligerantes em algumas occasioens importantes connexas com ella. As resoluçoens naõ exigem especialmente hum relatorio de tal extençaõ: porém como as medidas do Executivo, e os actos do Congresso, fundados nas communicaçoens do Executivo, que se referem a hum dos Belligerantes, tem, por huma consequencia necessaria relaçaõ immediata huns com os outros, parece que tal relatorio obviamente se comprehende nos seus objectos. Fundado neste principio se preparou o relatorio, na esperança de que quanto mais plena informaçaõ se desse sobre cada ramo da materia, maior satisfacçaõ teria a Casa.

O Secretario de Estado tem a honra de participar, em resposta áquellas perguntas; que a primeira noticia que este Governo recebeo do Decreto Francez de 28 d'Abril, de 1811; foi communicada por Mr. Barlow, em huma carta, datada de 12 de Maio, 1812, que foi recebida nesta repartiçaõ aos 13 de Julho seguinte; que a primeira intimaçaõ a Mr. Barlow,

da existencia deste decreto, segundo o que apparece de suas communicaçoens, lhe foi feita pelo Duque de Bassano, em huma conferencia naõ formal em algum dos dias entre o 1 e 10 de Mayo, 1812: e que a communicaçaõ official disso a Mr. Barlow, foi feita aos 10 daquelle mez, e a requirimento seu; que Mr. Barlow remetteo huma copia daquelle decreto, e da carta do Duque de Bassano, que o annunciava, a Mr. Russell, em carta datada de 11 de Mayo, naqual elle tambem informou a Mr. Russell que o Duque de Bassano tinha dicto que o decreto lhe tinha sido devidamente communicado a elle Mr. Russell; que Mr. Russell respondéra, em huma carta a Mr. Barlow, datada de 29 de Mayo, que o primeiro conhecimento, que tivera de tal decreto, era o que resultava de sua carta; e que repetidas vezes tinha ja referido isto mesmo a este Governo. O papel marcado (A) he a copia de hum extracto da carta de Mr. Barlow á repartiçaõ de estado, de 12 de Mayo, 1812. (B) a carta do Duque de Bassano a Mr. Barlow de 10 do mesmo mez; (C) o extracto de huma carta de Mr. Barlow a Mr. Russell, de 11 de Mayo; (D) extracto da resposta de Mr. Russell de 29 de Mayo; e (E) a carta de Mr. Russell á repartiçaõ de estado, datada de 30.

O Secretario de Estado participa tambem, que nem o Ministro Francez, nem outra alguma pessoa fez jamais communicaçaõ alguma a este Governo, relativamente ao Decreto de 28 d'Abril, de 1811; senaõ a que se refere; e que nunca se deo a este Governo explicaçaõ alguma da causa por que se naõ communicou a este Governo, nem se publicou ao tempo de sua data; nem, em tanto quanto se sabe, aos representantes ou agentes dos Estados Unidos na Europa. Pedio-se ao Ministro da França, que explicasse a causa de hum procedimento, apparentemente taõ extraordinario, e digno de objecçaõ; elle respondeo que a primeira noticia que tinha recebido daquelle decreto foi pelo navio Wasp, em huma carta do Duque de Bassano, de 10 de Mayo, 1812; em que elle exprimia a sua admiraçaõ, excitada pela communicaçaõ de Mr. Barlow, de que naõ tivesse recebido a carta de Mayo, 1811, que se mandou primeiro em que lhe transmittio a copia do decreto para informaçaõ deste Governo. Esperávam-se mais explicaçoens de Mr. Barlow, mas nenhumas se déram. O ponto de vista em que este Governo olhou para esta transacçaõ, foi mencionado pelo Presidente na sua mensagem ao Congresso; e communicado tambem a Mr. Barlow, em huma carta de 14 de Julho, 1812; com as vistas das explicaçoens, que se pediram ao Governo Francez. Aos 9 de Mayo, de 1812, o Imperador sahio de Paris para o Norte, e dous dias depois o seguio o Duque de

Bassano. A morte de Mr. Barlow, suspendeo huma negociaçaõ para o ajuste das offensas, e arranjamento de nosso commercio, com o Governo da França, negociaçaõ que continuava havia longo tempo, e que se diz estava proxima a concluir-se, quando Mr. Barlow morreo. O seu successor, novamente nomeado, esta authorizado a recomeçar a negociaçaõ, e a concluilla. Elle tem instrucçoens de exigir do Governor Francez a reparaçaõ de todas as injurias, e huma explicaçaõ dos motivos porque se occultou a este Governo o conhecimento do decreto, tanto tempo depois de sua adopçaõ.

Dos documentos a que se refere parece, que Mr. Barlow naõ perdeo tempo, logo que soube da existencia do decreto Francez de 28 de Abril, de 1811, em pedir copia delle, e remettella a Mr. Russell, o qual immediatamento a apresentou ao Governo Britannico urgindo, sob fundamento desta nova prova da revogaçaõ dos Decretos Francezes, que fossem revogadas tambem as Ordens Britannicas em Conselho. A nota de Mr. Russell a Lord Castlereagh, he datada de 20 de Mayo; a resposta de Lord Castlereagh he de 23; na qual promette submetter o decreto á consideraçaõ do Principe Regente. Mas parece, que naquelle tempo se naõ deo motivo a esperar, que se revogariam as Ordens em Conselho, em consequencia daquelle decreto; e que posto que ao depois se alegasse como fundamento de sua revogaçaõ; com tudo a revogaçaõ se deve attribuir a outras causas. A sua revogaçaõ naõ teve lugar senaõ aos 23 de Junho; mais de hum mez ao depois que o decreto Francez se apresentou ao Governo Britannico, demora ésta, que de si mesmo indica, em hum periodo de tal momento e taõ critico, naõ sómente negligencia, mas desattençaõ ao decreto Francez. Podem produzir-se outras provas de que a revogaçaõ das Ordens em Conselho Britannicas, naõ foi produzida pelo decreto Francez. Eu referirei huma, que além do testemunho que se contem nas cartas de Mr. Russell, aqui communicadas, marcadas (G) se julga convincente. Na communicaçaõ de Mr. Baker a Mr. Graham, em 9 de Agosto, 1812; que se fundou nas instrucçoens de seu Governo, na data taõ moderna de 17 de Junho; e em que diz elle, que se mandaria para este paiz huma declaraçaõ official, propondo huma revogaçaõ condicional das Ordens em Conselho, em tanto quanto ellas dizem respeito aos Estados Unidos; naõ se faz a menor mençaõ do decreto Francez. Huma das condiçoens que entaõ se contemplava era que as Ordens em Conselho se revivessem no fim de 8 mezes, a menos que o comportamento do Governo Francez, e o resultado das communicaçoens com o Governo dos Estados Unidos, fosse tal

que, na opiniaõ do Governo Britannico fizesse que se revivessem: condiçaõ que prova incontestavelmente, que o decreto Francez naõ foi considerado pelo Governo Britannico com fundamento sufficiente para a revogaçaõ das Ordens em Conselho. Prova tambem que, naquelle dia o Governo Britannico tinha resolvido naõ revogar as Ordens sobre a base daquelle decreto; visto que a revogaçaõ proposta tinha de depender, naõ do que o Governo Francez havia ja feito, mas sim do que elle poderia fazer para o futuro; e dos arranjamentos em que se devia entrar com os Estados Unidos, independentes da revogaçaõ Franceza.

O decreto Francez de 28 de Abril, 1811 foi transmittido aos Estados Unidos pelo navio Wasp, navio publico, que havia muito tempo tinha estado esperando nos portos da Gram Bretanha, e França, pelas cartas do nosso Ministro, relativas a estes importantissimos negocios, com ambos os Governos. Recebeo-se na repartiçaõ de estado aos 15 de Julho, 1812; quasi hum mez depois da declaraçaõ de guerra contra a Gram Bretanha, a noticia da revogaçaõ das Ordens em Conselho naõ foi recebida senaõ pelo meado do mez seguinte. Portanto, era impossivel que nem hum nem outro destes actos, em qualquer ponto de vista que se olhassem, pudessem ser tomados em consideraçaõ, ou tivessem influencia alguma na decisaõ daquelle importante acontecimento.

Se o Governo Británnico estivesse disposto a revogar as suas Ordens em Conselho, em conformidade do principio que professa, tello movido, e com a condiçaõ, que elle mesmo tinha prescripto, naõ havia razaõ para demorar a sua revogaçaõ até que se produzisse hum decreto, tal como o de 28 de Abril de 1811. A declaraçaõ do Governo Francez de 5 d'Agosto, de 1810, tinha plenamente satisfeito a tudo que o Governo Britannico exigia, segundo seus mesmos principios, naquelle ponto. Por elle se declaravam revogados os decretos de Berlin e Milaõ, para ter isso effeito no 1 de Novembro seguinte, no qual dia teve effeito. A unica condiçaõ, que se lhe ajunctava, era; que ou a Gram Bretanha seguisse o exemplo, e revogasse as suas Ordens em Conselho; ou que os Estados Unidos, puzessem em vigor contra ella o seu Acto de Naõ-importaçaõ. Esta condiçaõ éra de sua natureza subsequente, naõ precedente, reservando á França o direito de revíver os seus decretos, no caso em que se naõ executasse nenhuma das alternativas. Por esta declaraçaõ se punha inteiramente no poder da Gram Bretanha o terminar esta controversia da maneira mais honrosa para ella. A França lhe tinha cedido o terreno, debaixo da condiçaõ, com que a Gram Bretanha tinha declarado que deseja conformar-se. Se ella satisfizesse a

isto, o Acto da naõ-importaçaõ naõ se teria posto em vigor, nem se podiam reviver os decretos Francezes. Recusando acceder, ella se fez responsavel por tudo que se seguio depois.

Pelo decreto de 28 de Abril 1811, se disse, que estávam definitivamente revogados os decretos de Berlin e Milaõ ; e se declarava; que o fundamento daquella revogaçaõ éra o acto de Naõ-importaçaõ contra a Gram-Bretanha. A revogaçaõ, annunciada pela declaraçaõ de 5 de Agosto, 1810, éra absoluta e final, excepto quanto á condiçaõ que lhe éra subsequentemente annexa. Este ultimo Decreto reconhece, que aquella condiçaõ se tinha executado, e renuncia o direito de o reviver, em consequencia, daquella execuçaõ ; e se extende retrogradando ao 1. de Novembro, o que confirma todas as circumstancias da revogaçaõ precedente. O ultimo acto portanto, quanto a revogaçaõ, naõ he outra cousa senaõ a confirmaçaõ do primeiro. He neste sentido que aquelles dous actos se deviam entender em França. Ate no mesmo sentido que o devem entender as outras Potencias.

Revogando as Ordens em Conselho sob o pretexto do Decreto Francez de 28 d'Abril de 1811, o Governo Britannico tem concedido, que as devia ter revogado ao tempo da declaraçaõ de 5 d'Agosto de 1810. He impossivel fazer distincçaõ entre os dous actos, ou separar hum do outro, de maneira que se possa justificar com principios solidos, e consistentes, a revogaçaõ das Ordens em Conselho sob o fundamento de hum acto, e negar a sua revogaçaõ, pelo outro. O segundo acto faz a revogaçaõ definitiva mas porque razaõ ? Porque se tinha posto em força o Acto de Naõ-importaçaõ, contra a Gram-Bretanha; na conformidade da condiçaõ subsequente, affixa á primeira revogaçaõ; e sua negativa em naõ revogar as suas Ordens em Concelho. Estando o acto ainda em força, e sendo nelle expressamente fundado o Decreto de 28 de Abril de 1811, a Gram Bretanha revoga as suas Ordens em Concelho, sobre a base deste ultimo Decreto. A concluzaõ he, portanto, irresistivel, de que por ésta revogaçaõ, vistas todas as circumstancias do caso, o Governo Britannico tem reconhecido a justiça das pretensoens dos Estados Unidos em esperar a revogaçaõ na primeira occasiaõ. Aceitando a ultima revogaçaõ, sanccionou a precedente ; tem tambem sanccionado o comportamento deste Governo, em pôr em execuçaõ o Acto de Naõ-importaçaõ contra a Gram Bretanha ; fundado na revogaçaõ precedente.

Desta revogaçaõ do Governo Britannico resultam outras importantes consequencias. Por conclçauzõ obvia e justa, a aceitaçaõ do Decreto de 28 de Abril, de 1811, como fun-

damento da revogaçaõ das Ordens em Concelho, se devia entender retrocedendo ao 1. de Novembro, 1810, dia em que teve effeito a revogaçaõ precedente. O Secretario de Estado tem plena confiança, que se a disputa podesse ser submettida ao juizo de hum tribunal de justiça imparcial, tal houvera sido a sua decisaõ. Elle confia igualmente, que tal será o juizo que pronunciará sobre isso o mundo illuminado, e imparcial. Porém, se estes dous actos se podessem separar hum do outro, de maneira que este podesse ter sido a base da renovaçaõ das Ordens em Conselho, distinctamente do primeiro ; segue-se que, trazendo a data de 28 de Abril, de 1811, a revogaçaõ devia ter relaçaõ daquella data. Na interpretaçaõ legal, entre as naçoens, assim como entre os individuos, devem olhar-se os actos desde o tempo em que começam a obrar ; e quando elles impôem á outra parte huma obrigaçaõ moral ou politica, aquella obrigaçaõ começa com o principio do acto. Porém tem-se argumentado, que o decreto Francez naõ foi promulgado, nem notificado ao Governo Britannico, senaõ hum anno depois de sua data. Esta objecçaõ naõ tem vigor. Aceitando hum acto, cuja data he de hum anno anterior á sua promulgaçaõ, admitte-se que no intervallo naõ se fez cousa alguma repugnante a elle. Naõ se pode presumir, que Governo algum aceitásse de outro, como base sobre que fundava huma medida importante, hum acto de data anterior e remota, empenhando-se em certo curso de comportamento de que aquelle mesmo Governo se tinha desviado, e que tinha violado, durante o intervallo. Se qualquer Governo violasse hum acto, cujas determinaçoens éra obrigado a observar por outro anterior, relativamente a outra parte interessada ; e que professava ter observado, antes de sua aceitaçaõ pela outra parte, naõ se podia presumir que deixaria de o violar depois da aceitaçaõ. A conclusaõ he irresistivel, que se o outro Governo aceitou tal acto, com o conhecimento de sua violaçaõ antecedente, fundamentando nelle alguma medida de sua parte : tal acto deve ter sido somente o motivo apparente ; e naõ o motivo real de tal medida.

(Continuar-se-ha.)

EUROPA.

PRUSSIA.

CONTINUAÇAÕ

Dos Bulletins do Exercito combinado do Norte de Alemanha, Commandado por S. A. R. o Principe de Suecia.

No. XIII.

Quartel-general de Leyda, Septembro 12, 1813.

O Principe da Corôa mudou o seu quartel-general hontem á noite para este lugar. Muitos dos officiaes que ficáram prisioneiros na ponte de Torgau, affirmáram hontem que o Principe de Moskwa estava morto. Outros dizem que o viram na cabeça de ponte exhortando as suas tropas a defendella. Os mesmos officiaes referem, que poucos momentos antes que as columnas Suecas e Russianas apparecessem na planicie, o Principe de Moskwa se poz á frente da reserva, composta de duas divisoens, e marchando contra o exercito Prussiano, exclamou, " A victoria he nossa: dentro em dous dias estaremos em Berlin." Elle porém, demorou a marchá, vendo a multidaõ dos batalhoens, que chegávam; e a desordem se fez completa, com a chegada da cavallaria.

As divisoens do exercito Prussiano, que soffreram mais, se estaõ reorganizado, e concertando as suas perdas. He difficil mostrar mais valor, ou mais perseverança, do que mostráram os soldados novos Prussianos. O batalhaõ do Landwehr se póde agora comparar ás melhores tropas da Europa.

Naõ existem zelos alguns no Exercito Combinado. Elle aprezenta a pintura de huma familia de homens valorosos, que tem jurado vencer ou morrer na defensa da honra de seus Soberanos, e da liberdade da Europa.

O General Winzingerode ja se moveo cruzando o Elbe, com alguns milhares de Cossacos; e o General Czernicheff ja occupa Dessau e Cothen.

O exercito está juncto ao Elbe, e se ajunctam materiaes em muitos pontos para a passagem daquelle rio. Tres mil homens Prussianos do Landsturm passaram o Elbe em Leutzen, para o fim de proteger os antigos subditos de Prussia.

O Landsturm da Pomerania Sueca ja tem estado em serviço activo. Dous mil cidadaons de Stralsund se offereceram voluntariamente para trabalhar nas fortificaçoens daquella praça.

As participaçoens de nossos agentes secretos em Leipsic referem, que chegáram ali correiros, annunciando a entrada das tropas Austriacas em Munich.

No. XIV.

Quartel general Koswig, 14 *de Septembro,* 1813.

O Principe da Coroa mudou o seu quartel general para este lugar, antes de hontem.

O exercito tem feito hum movimento geral para o Elbe. Elle está occupado com os meios de obter pontos fortes juncto áquelle rio, a fim de auxiliar o Grande Exercito.

Os exercitos do centro, commandados pelos Generaes Blucher, e Benigsen, se aproximaõ a Dresden. O Capitaõ Sueco Platen, dos hussares de Morner, que foi mandado a effectuar huma juncçaõ com o General Blucher, conseguio o seu fim nas vizinhanças de Bautzen.

O ardente dezejo de Napoleaõ, de annihilar o exercito do Norte de Alemanha, tem occasionado áquelle Soberano muita perda de tempo, e muita gente em marchas, e contra marchas. A fim de sustentar as operaçoens do Marechal Principe de Ragusa, em Hoyeswerda, aos 7 de Septembro, este corpo, com a força de 25.000 homens teve ordem de marchar para Berlin, a fim de effectuar huma juncçaõ ali com o Principe de Moskwa. Por tanto se devia mandar hum forte destacamento para o flanco direito do General Blucher e obrigallo a retirar-se. O Duque de Ragusa chegou a Hoyeswerda na manhaã do dia 8; porem recebendo a noticia da batalha de Dennewitz, se retirou apressadamente duas horas depois; marchando por Konigsbruck para Dresden, aonde o Imperador Napoleaõ, que o precedeo, entrou na manhaã de 9.

Duas vezes o Imperador Napoleaõ com as suas guardas, e o corpo do Duque de Ragusa fez movimentos offensivos: e duas vezes, obrigado pelas circumstancias, se retirou com precipitaçaõ e perda.

Na retirada de 8, o corpo do Duque de Ragusa foi atacado em Hoyeswerda, pelo destacamento do Coronel Figner, das guardas Russianas. O coronel, á frente de 800 cavallos, perseguio o Duque de Ragusa até Konigsbruck matou-lhe muita gente da sua retaguarda, e tomou-lhe mil prisioneiros. Continuando sem intermissaõ o seguimento do inimigo, este official se encontrou com a bagagem, tomou a maior parte della, matou-lhe muita gente, trouxe 400 cavallos de puchar. Voltando depois para Grossenhayn, derrotou dous esquadroens do inimigo, pertencentes á divisaõ de Girardin. Pessoas, que este official mandou para Dresden, o asseguraram, quando voltáram, que aquella cidade estava provida de mantimentos, e necessarios do exercito somente para 15 dias; e nada restava para os habitantes.

A corte de Saxonia, antigamente taõ feliz, e tranquilla, vê agora a sua capital exposta a todos os horrores de hum sitio. O mesmo Rey, que era abençoado por seus subditos, he agora huma miseravel testemunha das calamidades que opprimem o seu povo, sem que lhe seja possivel alliviallas; e sem outro prospecto mais do que o vellas ainda mais aggravadas.

A naçaõ Saxonia conhece a sua humiliaçaõ, e a de seu Soberano; e dezeja tornar a assumir a sua graduaçaõ entre os Estados independentes: ja se manifesta hum espirito patriotico; e bem depressa se veraõ na Saxonia 100,000 homons armados, em defeza dos interesses da Alemanha, e da grande cauza da Europa.

A legiaõ Saxonia se está formando ao mesmo tempo que a de Baden; e os Alemaens podem mostrar, que saõ dignos de seus antepassados. He de esperar, que, em breve tempo, todas as naçoens desde as costas de Baltico até as margens do Rheno se levantaraõ em massa, e repulsaraõ os oppressores do Continente para a margem esquerda daquelle rio. O temor ja os naõ póde assustar; porque 400,000 guerreiros victoriosos estaõ promptos em todos os tempos para os soccorrer e ajudar.

Os Alliados naõ tem designios contra a França: elles amam, elles respeitam os, Francezes; porem estaõ determinados a naõ ser governados senaõ por seus proprios Principes, e por suas leys. Se os Francezes do dia de hoje saõ dignos daquelle glorioso nome, elles se deixaraõ de pelejar por huma causa, que tem trazido tantas calamidades ao genero humano, e que expoem a sua reputaçaõ a tanto perigo.

Segundo as noticias de Italia, o Vice Rey foi completamente derrotado pelo exercito do General Hiller.

Hum desertor, que chegou neste momento de Leipsic, refere: que o Duque de Dalmacia, Soult, foi outra vez derrotado no terreno Francez, pelo Marquez de Wellington.

A molestia do General Lagerbring, Chefe do Estado-maior do exercito Sueco, privou o exercito, por algum tempo, de seus serviços. O General Von Sparre supre o seu lugar, e cumprirá com estes deveres emtanto quanto as occupaçoens deste official lhe permittirem.

O Principe Carlos de Mecklemburg Schwerin tem tomado o commando do Landsturm do paiz.

Pequenos destacamentos tem ja passado o Elbe, e tem atirado mutuamente alguns tiros de espingarda, com os postos avançados Francezes.

No. XV.

Quartel-general de Zerbst, 16 *de Septembro*, 1813.

O Principe da Coroa mudou hontem o seu quartel-general para esta cidade. O General Czernicheff passará hoje o Elbe com hum corpo de cavallaria e artilheria. Elle levará o terror á retaguarda do inimigo, e effectuará huma juncçaõ com os partidarios do grande exercito de Bohemia.

O Capitaõ Russiano Fabeck, pertencente ao corpo do General Czernicheff, que tinha ja passado o Elbe, avançou para Naumburg, aonde achou o General Thielman com perto de 1,000 cavallos. O Capitaõ Fabeck, que se lhe tinha unido com 80 Cossacos somente, atacou o inimigo em Querfurth e tomou prisioneiros hum Coronel Bavaro hum Tenente-coronel Francez, 40 officiaes, e 500 soldados! Elle entregou os soldados ao regimento de Cossacos do corpo do General Thielman, e mandou todos os officiaes para esta parte do rio.

As noticias de Cassel referem, que reyna a maior consternaçaõ naquella cidade, e paizes adjacentes. Os membros do corpo diplomatico estaõ fazendo preparaçoens para a sua partida. O Ministro Francez, Reinhardt, manifestá grande inquietaçaõ.

O Principe de Eckmuhl ainda occupa a linha por detraz do Steckwitz; e aos 12 do corrente tinha o seu quartel general em Ratzeburg. Tinha destacado o General Pe-

cheux com 8 ou 9 mil homens para Magdeburg. O General Conde Walmoden foi informado deste movimento por cartas, que tem sido interceptadas, na margem esquerda do Elbe. Elle partio com parte de suas forças para Domitz, a fim de vigiar os movimentos do inimigo, e se se offerecesse occaziaõ de obrar offensivamente contra elle.

A guarda avançada do exercito do General Blucher, estava aos 13, em Bautzen, e continuou o seu movimento para Dresden, perseguindo as tropas Francezas, á proporçaõ, que estas se retirávam. Hontem se receberam noticias do General Wobeser, que esta em Falkenberg, diante de Herzberg, aonde o General Tauenzien tem o seu quartel-general; elle refere que dous corpos d'exercito do inimigo, sob o commando do Rey de Napoles, com 13 regimentos de cavallaria, estavam na margem direita do Elbe. As patrulhas avançaram para a posiçaõ do General Wobefer; e tentaram interceptar hum comboy de mantimentos, porem sem bom successo.

Os Generaes Blucher, e Benigsen daraõ boa conta destes dous corpos, se elles naõ tornarem a passar para a margem esquerda do Elbe. O General Tauenzien obrara consequentemente de concerto com o exercito Alliado, de quem elle forma a esquerda.

O quartel-general das tropas Succas esta em Roslau. A vanguarda esta ja na margem esquerda do Elbe, e adiante os seus postos avançados até Dessau. O General Bulow, tem o seu quartel-general em frente de Wittenberg; o cerco começara immediatamente. A guarniçaõ desta praça foi reforçada.

PROCLAMAÇAÕ.

O Principe da Coroa de Suecia aos Saxonios.

SAXONIOS!—O Exercito Combinado do Norte da Alemanha tem passado as vossas fronteiras; naõ para fazer a guerra ao povo de vosso paiz: mas somente para atacar os seus oppressores.

Vós naõ podeis deixar de desejar ardentemente o bom successo de nossas armas, cujo objecto só he reviver a vossa arruinada prosperidade, e restabelecer o vosso Governo no seu explendor e independencia. Nós continuamos a considerar a todos os Saxonios como amigos. A vossa propriedade sera respeitada; o exercito observará a mais exacta disciplina, e as suas necessidades seraõ suppridas da ma-

neira menos pezada ao vosso paiz. Naõ desampareis as vossas casas, continuai como d'antes nas vossas occupaçoens usuaes.

Bem cedo importantes acontecimentos vos libertaraõ do perigo de huma politica ambiciosa. Sede dignos descendentes dos antigos Saxonios, e se o sangue Alemaõ tem de derramar-se, seja pela independencia da Alemanha, e naõ para o prazer de hum simples individuo, com quem naõ estais ligados por laço algum, nem por interesse algum commum. A França he bella, e assaz extensa; os conquistadores da antiguidade se contentariam com tal Imperio. Os mesmos Francezes desejam voltar aos seus limites, que a natureza lhes tem prescripto. Elles odiam a tyrannia, posto que lhe sejam subordinados. Aventurai-vos por fim a dizerlhes, que estais resolvidos a ser livres; e estes mesmos Francezes vos louvaraõ; e elles mesmos vos animaraõ a perseverar em vossa generosa empreza.

CARLOS JOAÕ.

Quartel-general de Jnterbock, 10 *de Septembro,* 1813.

No. XVI.

Quartel-general de Zerbst, 20 *de Septembro.*

O General Von Puttlitz, que está encarregado da observaçaõ de Magdeburgo, se acha postado em Mockern: elle enviou varios destacamentos de infanteria para a margem esquerda do Elbe.

Duas companhias do regimento de Joseph Napoleaõ, compostas de 164 homens, com o seu chefe de batalhaõ, e outros dous officiaes, se passáram para as nossas avançadas em Biederitz, na noite de 16 para 17 de Septembro. Elles tiveram permissaõ de conservar as suas armas, e foram levados ao quartel-general de S. A. R., d'onde seraõ mandados para Hespanha, pela via de Stralsund.

Parte do Landsturm de Priegnitz, debaixo do commando do Major Von Puttlitz, cruzou o Elbe, e tomou posse das vizinhanças de Sechausen e Ostenburg. Elle protege os habitantes de Marca Antiga de Brandenburg contra as requisiçoens de partidas errantes, e Governo de Westphalia.

O Tenente-general Conde Walmoden, tendo recebido informaçaõ de que o Principe de Eckmuhl tinha destacado a divisaõ do General Pecheux, para a margem esquerda do

Elbe, passou aquelle rio em Donitz, e na sua marcha, aos 16, se encontrou com o inimigo. O General Pecheux se tinha postado vantajosamente nas alturas por detraz de Goerde. Começou a canhonada; o ataque feito pelos atiradores de Lutzow e Reiche, e os bem combinados movimentos das columnas de infanteria, forçaram o inimigo a deixar as alturas, e formar-se em massa na planicie. Ao momento em que as nossas columnas tinham chegado até as alturas, a cavallaria, e os Cossacos appareceram no flanco esquerdo do inimigo. Naõ obstante isto, elle fez huma obstinada defeza, sustentou hum vivo combate com a infantaria, e repulsou varios ataques da cavallaria. Com tudo depressa foi obrigado a ceder á artilheria, parte da qual seguio de mui perto a infanteria. Sendo o inimigo repetidas vezes atacado pela infanteria, de varios lados, dezejou accelerar a sua retirada; e desde entaõ a sua desordem foi completa; porque cahio sobre elle tanto a infanteria como a cavallaria. O corpo do inimigo teria sido totalmente destruido, senaõ fosse o chegar a noite, e ser o terreno escabroso, o que fez que se salvasse huma parte. O campo de batalha ficou cuberto de mortos e feridos. Tomamos 8 peças d'artilheria, 12 carros de muniçaõ, e grande quantidade de bagagem. O General de brigada Meilzinski, dous ajudantes do General Pecheux, e mais de 1,000 homens, ficaram prisioneiros. Ainda no dia seguinte se apanharam prisioneiros em todos os lados; de maneira que o todo chega a perto de 1,800 homens. O General Pecheux perdeo o seu cavallo, e escapou-se a pé. O resto de sua divisaõ se esta retirando em desordem para Bleckede; perseguido pelos Cossacos, debaixo do commando do General Tettenborn.

A nossa perda consiste em 30 officiaes e 400 soldados mortos ou feridos. Os maiores Von Lutzou, Firks, e Schasser, estaõ feridos; o Major Devaux foi morto. Todas as tropas debaixo do commando do Tenente general Conde Walmoden andaram ás invejas humas das outras, neste dia, qual mostraria mais zelo, e valor. O terceiro regimento de husares Inglezes, o 1. da Legiaõ, e varios outros batalhoens das Legioens Ingleza e Russiana, se distinguiram muito. Os atiradores de Lutzou e Reiche tomaram a primeira peça. A artilheria Ingleza, e os corpos de fogueteiros merecem os maiores louvores.

Durante este ataque, o inimigo avançou, com alguns milhares de homens contra Boitzenberg porem sem nenhum effeito. O General Walmoden mudou o seu quartel-general, aos 17, para Dannenberg, para ficar mais perto, e poder melhor observar aquella parte do corpo d'exercito do Principe de Eckmuhl, que ficou na margem direita do Elbe.

O grande exercito unido de Bohemia deve ter ganhado

novas vantagens; as contas officiaes ainda naõ chegaram. Sabemos por noticias particulares de Leipsic, que na noite de 16, 8,000 de cavallaria, 2,000 dos quaes estavam desmontados, e varias peças d'artilheria desmontadas chegaram ali. O hospital de campanha foi trazido de Dresden para Leipsic, e parte delle se passou até Merseburg.

A falta de forragem em Dresden he taõ grande, que ha algum tempo, que morrem todos dias 200 cavallos.

O General Thielman apprisionou em Weissenfels, hum general, 37 officiaes, e 1,200 soldados. Aos 14, os Cossacos tomaram em Wartzen hum comboy de carros carregados de trigo, que era destinado para a guarniçaõ de Torgau, e era escoltado por hum batalhaõ Saxonio. O Coronel Von Menzdorf interceptou correiros, cujas cartas expoem o estado de abatimento do exercito Francez.

O General Blucher tem o seu quartel-general em Bautzen, pela sua ala direita, combina as suas operaçoens com as do exercito unido do Norte d'Alemanha, e pela sua ala esquerda se communica com o exercito de Bohemia. Tendo recebido noticia de que o 6. corpo d'exercito do inimigo marchava para Grossen Hayn, o General Blucher mandou marchar para Camenz o corpo do General Sachen. A vanguarda deste corpo perturbou o inimigo todo o dia 15 e 16. O 6. corpo do exercito retrocedeo para Dresden, e o 1. corpo de cavallaria se poz em movimento para seguir a infanteria. O General Conde Tauenzien se preparava para o seguir.

O General Wurtemburgez, Franquemont, se tinha queixado ao General Delort, chefe do estado maior do 4. corpo, que as suas tropas andavaõ sempre em avançada na vanguarda, e na retirada, na retaguarda. Aquelle general lhe respondeo: "Deveis estar satisfeito que isso assim seja: he do nosso interesse que vos todos sejaes mortos; porque do contrario, bem depressa vos voltareis contra nos."

A Dinamarca, que tem cedido ás ameaças e ardilez do Baraõ Alquier, aos 3 de Septembro declarou guerra á Suecia. He estranho, que nesta declaraçaõ, as hostilidades previamente commettidas contra a Suecia, tanto por mar como por terra, se passassem em silencio: Nos esperamos que o Governo Dinamarquez, sendo informado das occurrencias no progresso da guerra, percebera finalmente o perigo que corre; e obrigado pelo total desarranjo de suas finanças, tomará a resoluçaõ, e aceitara as proposiçoens, que se lhe fizeram. Do contrario, se aquella Corte naõ se unir á cauza commum senaõ quando esta tiver triumphado, naõ tera nisso merecimento, nem sera de utilidade alguma o alcançar-lhe condiçoens moderadas. Todo o Norte vê, com

pezar, a illuzaõ do Governo Dinamarquez. O Ministro Alquier, que ali he conservado, deve elle mesmo admirar-se do poder e effeito de suas ordens. Ao momento em que todos os principes da Confederaçaõ do Rheno, se estaõ preparando para sacudir o jugo; he difficultoso explicar a razaõ da submissaõ da Corte de Copenhagen.

No. XVII.

Quartel general de Zerbst, 22 de Septembro de 1813.

O General Howaiski, com os seus Cossacos, e o General Von Dobshuss, com 4 esquadroens, que fazem parte da guarda avançada do General Tauenzien, se encontraram, aos 19 do corrente, entre Borack e Schwediss, com o 1., 8., e 19. regimentos Francezes de caçadores de cavallo, atacaramnos com tam bom successo, que destes 3 regimentos apenas se escaparam 30 homens. O Coronel Talleyrand, 2 tenentes coroneis, e 16 officiaes, e 500 homens ficáram prisioneiros, o resto foi morto ou ferido. Huma circumstancia notavel, e que sómente se pode attribuir á falta de uniaõ que reyna nas tropas do inimigo, he, que toda a nossa perda consistio em hum só Cossaco ferido. O General Dobschuss occupou Cosdorf e Muhlberg. O General Wobeser observa Torgau. Dous grandes botes, que vinham pelo Elbe abaixo carregados de muniçoens e vestuario para a guarniçaõ desta ultima fortaleza, foram tomados. O Capitaõ Von Zeunert, que fora mandado com 30 homens do Landweher, de cavallo, para a margem esquerda do Elbe, destruio os entrincheiramentos, construidos junto a Rogatz. O inimigo mandou de Wolmirstadts 100 homens, para impedir isto; porem o Capitaõ Zeunert cahio sobre elles, á frente dos seus 30 homens, e depois de huma obstinada resistencia os passou á espada. Tomáram-se alguns prisioneiros que todos estávam feridos. O mesmo Capitaõ Zeunert ficou gravemente ferido nesta acçaõ.

O Coronel Bjornstjerna, tendo sido destacado com as tropas Suecas para a margem esquerda do Elbe, marchou aos 20 para Kemberg, na esperança de surprender ali huma companhia de Polacos; mas estes tinham ja deixàdo o lugar, e tomáram o caminho de Leipsic. O coronel foi por fim reconhecer a cabeça de ponte junto a Wittenberg, e tomou junto mesmo á artilheria da praça hum corpo avançado, e hum correio que trazia varias cartas. Entre estas ha varias do Go-

vernador-general Lapoype, dirigidas ao Marechal Ney, Duque de Elchingen; ao Duque de Reggio; e aos generaes Regnier, Narbonne, e Margaron. O contheudo destas cartas mostra,naõ sómente que os soldados, mas ate mesmo os officiaes e sargentos daquella fraca guarniçaõ de Wittenberg, desertam todos os dias.

O General Conde Walmoden refere, em data de 19, que o General Tettenborn perseguio o inimigo na sua fugida para Bleckede e Brackede, Lunenburgo, Winoen, e mesmo até Harburg: em toda a parte temos apanhado soldados, que ficavam atraz. O General Pecheux se escapou com 500 ou 600 homens, que ajunctou em Lunenburg, aonde chegou na manhaã do dia seguinte ao da batalha, e procedeo em sua marcha para Winsen, e Hopte, sem parar. O general inimigo Osten tinha ido adiante com hum destacamento de Harburg para Winsen, mas deixou aquelle lugar, quando o nosso destacamento se aproximou: ainda se acham dispersos pelo caminho muitos feridos. O numero de prisioneiros tem crescido a 1,300 durante o seguimento foram tomadas as bandeiras, pertencentes ao regimento 3 de linha. Aos 18, o inimigo fez hum grande reconhecimento de Mollen, para a parte de Zarrentien; e por fim atirou com sigo para traz, indo com a sua ala direita contra Boitzenburg. O Conde Walmoden recebeo ordens de atacar o Principe de Eckmuhl, com as suas forças unidas. Elle he sustentado por 15,000 homens do Landsturm de Mecklenburg, sob o commando do Principe Hereditario.

A leva em massa se ésta organizando em toda a parte, na margem direita do Elbe Este exemplo bem depressa será seguido na margem esquerda do Elbe, e em breve se extendera huma guerra nacional desde o Elbe até o Rheno, semelhante áquella com que começou a libertaçaõ da Hespanha. Os chefes dos districtos esperam somente signal para ajunctar as suas forças; e este momento naõ esta mui distante.

O General Blucher tem puchado adiante hum forte destacamento para Konigsbruck. O Conde Von Tauenzien tomou posse de Liebenwerda, e Elsterwerda, e da linha por detraz do Elster. O inimigo levantou o seu campo de Stolzenhagen, junto a Elsterwerda, na noite de 19 para 20: calcula-se em 4,000 homens. Segundo as ultimas noticias El Rey de Napoles estava em Grossen Hayn.

O Imperador Napoleaõ em pessoa, aos 17, atacou o posto de Nollendorf, nos estreitos passos da Bohemia, porém foi repulsado, pelos corpos Austriacos dos generaes Colloredo, e Meerveld, com perda de 7 peças de artilheria, 1 estandarte,

e 4,000 prisioneiros, e o General de Brigada Kreutzer, que foi tomado.

O exercito unido do Norte d'Alemanha tem tomado mais de 28,000 prisioneiros desde o fim da tregoa. Desde 17 de Agosto até 18 de Septembro passaram por Berlin, como prisioneiros de guerra, 18,257 soldados, e 299 officiaes; e mais de 2,000 se acham de caminho para aquella cidade; de 2 a 3,000 ficam doentes nos hospitaes de Juterbock, Treuenbrietzen, Belzig, e Brandenburg; e o corpo d'exercito sob o Conde Walmoden, que manda os seus prisioneiros para Stralsund, tem tomado mais de 4,000. Se accrescentar-mos a este numero o dos mortos, e extraviados, podemos contar, que a perda total do exercito opposto ao do Norte da Alemanha, naõ he menos de 45,000 homens desde 17 de Agosto.

Os prisioneiros tomados pelo exercito sob o General Blucher, e grande exercito de Bohemia, chegam a 40,000. Podemos por tanto sem exaggeraçaõ calcular a perda do inimigo, desde a renovaçaõ das hostilidades em mais de 100,000 homens, e 250 peças de artilharia.

Se, como ha razaõ de esperar, a Baviera e Wurtemberg se unirem á causa da liberdade da Alemanha, o Imperador Napoleaõ naõ terá mais de 150,000 homens, que oppor aos Alliados.

El Rey de Dinamarca, mandou sahir o ministro Prussiano, e deo como causa disso, que como a Prussia esta em guerra com o Imperador Napoleaõ, naõ se podia soffrer por mais tempo a presença daquelle ministro em Copenhagen. Esta corte trabalha por se justificar com os alliados, por causa da sua declaraçaõ contra a Suecia, e pretende ter dado aquelle passo, meramente para evadir incessantes instancias do Baraõ Alquier, que pedia 10,000 homens mais, para serem mandados para o Holstein. Nisto porém parece que ha huma vasta differença, entre a intençaõ e o acto.

O inimigo ja naõ tem posiçaõ forte na margem esquerda do Elbe, de Wittenberg ate Schernbeck. Os seus postos avançados estaõ entre este ultimo lugar, e Magdeburgo. O General Czernicheff está em Bernburg, o Major Von Roseusten em Rosenburg o menor, e o Major Czeczenski em Zoerbig. As partidas destacadas tem penetrado até Halle, aonde se pozéram em connexaõ com o General Thielman, e dali até Delttsch e Billerfeld, e na ala esquerda até Egein e Wantzleben. Elles somente poderam tomar hum pequeno numero de prisioneiros; porque nunca acharam o inimigo com força consideravel. O Major Von Lowenstem tomou hum transporte de 1,300 medidas de cevada e outros provimentos, que se destinavam para Magdeburgo.

A vanguarda do exercito Russiano, commandada pelo Conde Von Woronzoff, está em Acken (na margem esquerda do Elbe.) A vanguarda Sueca, debaixo do commando do General Schulzenheim, está em Dessau.

O Principe da Coroa tem confiado o cerco de Wittenberg ao General Bulow.

No. XVIII.

Quartel-general de Zerbst, 26 de Septembro, 1813.

Aos 21 ao romper do dia, dous officiaes Saxonios appareceram ante os postos avançados Suecos em frente de Worlitz, e os informaram de que os seus batalhoens, se passariam para nos. O Coronel Bjornstierna, acompanhado por alguns hussares, foi ter á frente dos batalhoens para os receber. O seu commandante, o Major Von Bunau, declarou, em nome de toda a sua tropa, que desejava combater debaixo das bandeiras de Sua Alteza Real pela liberdade da Alemanha. Este batalhaõ he o primeiro do regimento d'El Rey: a sua força chega a 8 officiaes e 360 soldados. Entrou em Worlitz com bayonetas fixas, e tambores batentes; e terá o nome de 1. batalhaõ da Legiaõ Saxonia d'El Rey. Em tres dias, ao mais tardar, se completara a 800 homens.

O official Cossaco Obreis, que foi destacado com 30 homens, aos 23 junto a Goldwitz, tomou hum capitaõ, 2 officiaes, e 40 dragoens Saxonios, prisioneiros, depois de hum ligeiro combate.

Seis barcas canhoneiras Suecas, commandadas pelo Capitaõ Kruger, canhonearam com bom effeito a cidade de Stettin, o suburbio de Damm, e as baterias que ligam estes dous lugares.

Aos 24 de Agosto, se desmontaram tres peças em Damm. O Tenente-coronel Fermain, o seu ajudante, hum sargento-maior, e varios soldados fôram mortos; e grande numero feridos, da parte do inimigo. Aos 30 de Agosto, a porta de Damm foi arrombada a tiros de artilharia: e no 1. de Septembro, se dirigio o fogo contra a mesma cidade. As barcas tiveram alguns homens mortos nestas acçoens.

Para attrahir a attençaõ da guarniçaõ de Wittenberg da parte aonde se tinham aberto as trincheiras, e diminuir portanto a nossa perda, recebeo o General Bulow ordens de bom-

bardear a praça da parte opposta. As 2 horas da tarde de 24 mandou atacar os suberbios. As judiciosas disposiçoens, que fez o General Hirschfeldt, fizeram com que o ataque fosse completamente bem succedido. Os suburbios fôram tomados, e o inimigo repulsado em todos os pontos : nós tivemos poucos feridos, e nem hum só homem morto. Este ataque faz grande honra ao General Hirschfeldt.

Abriram-se as trincheiras da parte de Luthersbrunn, na noite de 24 para 25 : o bombardeamento começou na mesma noite, e se incendiaram varias partes : o fogo continuou desde as 10 horas da noite até ás 5 horas da manhaã seguinte. Podia distinguir-se o fogo das torres de Leipsic e Dresden. Ao mesmo tempo se abrio segunda parallela, da parte do castello. A cavallaria do Conde Woronzow guarnece Halle, Querfurth, Erusleben, Bernsburg e Halberstadt.

Esteve em Quedlinburg hum destacamento. Parte desta cavallaria formou huma juncçaõ com o grande exercito de Bohemia, e marchou para a retaguarda do General Lefebvre, que escaramuçava com o General Thielmann. Em Leipsic tudo esta na maior confuzaõ. Esta cidade ja naõ póde pagar as contribuiçoens de dinheiro, mantimentos, e cavallos, que se lhe impoem de todas as partes. O povo esta reduzido a tal gráo de miseria, que as authoridades, que levam estas ordens tem tudo que temer. Os soldados Francezes estaõ cançados, e enfadados de huma guerra sem objecto a que elles chamam guerra de assucar e caffé.

O General Czernicheff partio para huma expediçaõ secreta, com hum corpo de 3,000 cavallos.

O Major Hellwig, do corpo do General Bulow, abrio, na margem esquerda do Elbe huma communicaçaõ com a vanguarda do General Schulzenheim, em Dessau.

O Feld-marechal, Conde Stedinck, mandou construir obras consideraveis acima de Rosslau, e entre o Elbe e o Mulda. O General Baraõ Winzingerode esta formando a cidade de Achen em huma fortaleza.

O governo militar entre o Oder, e o Vistula tem posto todo o Landsturm na margem direita do Oder, debaixo das ordens do general commandante dos sitios de Stettin e Custrin. Este Landsturm formará huma massa de perto de 55,000 homens em huma linha de 7 milhas Alemaãs. O Landsturm na margem esquerda do Oder produzirá na mesma extensaõ igual numero de gente. Esta força naõ he certamente necessaria, em conjuncçaõ com as tropas de linha, para accelerar o rendimento destas praças. Consequentemente em huma linha de 14 milhas Alemaãs ha ja organi-

zada huma massa de 100,000 paizanos, que estaõ promptos a pelejar em defensa e protecçaõ de suas casas.

Quando Magdeburgo estiver cercado, se chamará a campo o Landsturm daquella provincia; a cada passo que o exercito Alliado der para diante, achará massas, que o ajudem.

Cartas recebidas de Dresden referem, que o Principe de Neufchatel está mui descontente, e que tem feito as mais urgentes reprezentaçoens, para persuadir o Imperador Napoleaõ, que faça a paz. Se se tivessem seguido os seus conselhos, a humanidade teria tido menos que lamentar.

No. XIX.

Aos 27 de Septembro começou o inimigo a fazer a sua retirada de Grossenhayn, para cruzar o Elbe em Meissen; e assevera-se, que se está preparando para evacuar Dresden. Os desertores nos asseguram, que os armazens militares daquella cidade fóram ja queimados; e que os habitantes se acham expostos á mais horrorosa miseria.

O General Conde Tauenzien, sem a menor demora, destacou a sua cavallaria ligeira em seguimento do inimigo: destinam-se varios destacamentos fortes para a margem esquerda do Elbe. A infanteria daquelle general felizmente se unio ja ao corpo de exercito de Blucher. O quartel-general deste, se mudou para Elsterwerda aos 28. O General Benigsen tem estado em Zittau desde os 25; pela actividade unida destes tres corpos se espéra que o inimigo será em breve forçado para traz, para o paiz entre o Elbe, e o Saale.

Wittenberg continua a ser vivamente bombardeada. Na noite de 27 a 28, a cidade estava incendiada em varios pontos; ardeo huma torre do castello, e cahio abaixo.

Alem das bombas, se usam igualmente os foguetes, debaixo da mui habil direcçaõ do Capitaõ Inglez Bogue. A guarniçaõ respondeo aos nossos ataques, com a sua artilheria; mas inteiramente sem effeito: podem os sitiados talvez tentar huma sortida, porem o General Bulow está diante da praça com 30,000 homens; e se for necessario póde ser reforçado com mais 10,000.

As necessidades de Magdeburgo tem chegado ao seu maior auge. Mais de cem mil familias, que estavam absolutamente sem subsistencia, sahiram daquella cidade. Grande parte da guarniçaõ, que he composta de todas as

naçoens, está doente. A inimizade dos Saxonios e Westphalianos contra o militar Francez, tem arrebentado em violentos disturbios; fizeram-se fogo huns aos outros com armas pequenas, e os Francezes fôram obrigados em sua defeza a voltar as peças d'artilheria contra os amotinados. O Imperador Napoleaõ deo ordem aos seus generaes para tomar Dessau, custasse o que custasse. Recebeo-se informaçaõ disto em tempo sufficiente para se noticiar ao Major-general Schulzenheins, que evacuasse a praça, e se retirasse gradualmente para as obras da cabeça de ponte. Executou-se isto aos 27, entre o meio dia e as 2 horas da tarde. O inimigo naõ emprehendeo cousa alguma contra o General Von Schulzenheim. O Coronel Bjornstierna, que estava em Worlitz, teve ordens de retroceder para a margem direita do Elbe. Antes de hontem, a partida que cubria os trabalhadores, na cabeça de ponte, fez hum reconhecimento até Dessau. Aquelles postos do inimigo, que se tinham aventurado a sahir da cidade fôram rebatidos, e repulsados até as ruas; e a partida de reconhecimento voltou para traz a pôr-se de dentro dos entrincheiramentos. Nestas escaramuças tivemos 20 homens mortos, e feridos.

Logo depois recebemos noticias de que o inimigo tinha recebido reforços em Dessau, e estava avançando contra a cabeça de ponte. O Feld-marechal, Conde Stedink, mandou contra elle o Coronel Bjornstierna com 1,000 infantes, e alguns cavallos, e duas peças d'artilheria. O inimigo se retirou appressadamente para a cidade, e fechou as portas. Alguns officiaes moços e soldados, levados de demasiado valor, atiráram com sigo, a pezar da chuva de balas do inimigo das casas e dos muros, a huma porta, e trabalháram por arromballa com machados, mas os pregos e travessas de ferro, fizeram isto impossivel. O Coronel Bjornstierna ordenou ás suas tropas, que se retirassem para a cabeça de ponte. Quando elle tinha chegado á distancia de 100 varas o inimigo abrio a porta, e fez fogo com 3 peças d'artilheria. O coronel fez alto, e respondeo ao fogo com a sua artilheria, marchou contra o inimigo, que tornou a marchar para a cidade; e fechou as portas. A nossa perda consiste em dous officiaes mortos, e alguns feridos; e 3 ou 4 soldados mortos, e perto de 40 feridos. O Coronel Bjornstierna teve 3 cavallos mortos ou feridos. Pela noite, tornou o inimigo a sahir da cidade e tornou a sua direcçaõ para a ponte que atravessa o Mulsia, a qual estava encarregada a hum batalhaõ, sob o commando do Coronel Aldercreutz. Este valoroso official cruzou a ponte, atacou o inimigo, e o repulsou outra vez para a cidade, cujas portas entaõ se fecháram.

Hontem as 9 horas da manhaã, o inimigo se mostrou com hum corpo de 7 ou 8 mil homens, nas vizinhanças de Oranienbaun, entre o Muldau e o Elbe: como nos tinhamos recolhido os nossos postos, o inimigo mostrou symptomas de marchar contra os intrincheiramentos, e de os forçar. O Tenente-general Baraõ Sandels se poz á frente de tres batalhoens, sahio de nossas linhas e foi directamente ao inimigo. Derrotou, e o levou diante de si pelo caminho por onde tinha vindo; por mais de hum quarto de milha Alemanha. Como este general tinha recebido ordens de voltar para a cabeça de ponte, elle as executou com tal precisaõ, que naõ poderia ser melhor em hum movimento de parada. O fogo da mosqueteria contra os atiradores, continuou por algumas horas; e o inimigo naõ emprehendeo mais cousa alguma: segundo o que referem os camponezes o inimigo perdeo mais de 600 homens: Tivemos hum official morto, 10 feridos; e perto de 300 soldados mortos ou feridos.

O Feld-marechal, Conde Von Stedinck, queria passar a noite na cabeça de ponte, e foi necessaria toda a persuasaõ de S. A. R, o Principe da Coroa, para alcançar delle que se abstivesse de tal resoluçaõ.

O Tenente-coronel Marowitz, que tinha sido destacado como partidario, para sustentar as operaçoens do General Tettenborn, forçou a sua entrada em Brunswick, surprendeo as tropas ali; e aprisionou hum coronel, e 400 officiaes e soldados.

O Capitaõ Russiano Barotzi foi atacado em Halle, por tropas mui superiores ás suas em numero; mas este valoroso official manobrou taõ bem, que repulsou o inimigo, e tomou-lhe alguns prisioneiros.

Hum destacamento, que se mandou contra Merseburg achou a cidade ja evacuada pelo inimigo.

O General Conde Woronzow, tendo sabido que o inimigo se tinha voltado para Cothen, mandou os Capitaens Oreschoff e Lowenstein, que marchassem contra elle, com hum destacamento de Cossacos. Elles se lançaram sobre os tres esquadroens de Uhlanos Polacos, derrotaram-nos, e tomáram prisioneiros o official commandante e 40 soldados.

A communicaçaõ do Imperador Napoleaõ com a França está cortada ao ponto, que os seos mensageiros se vem na necessidade de serem escoltados por divisoens inteiras. Até aqui eram somente as tropas ligeiras quem fazia esta especie de guerra: mas agora, os habitantes de varios districtos principiam a seguir o exemplo dos Hespanhoes e Russianos, fazendo causa commum com os militares dos alliados

A deserçaõ do exercito do inimigo he mui grande: passam-se para a nossa parte, 30 ou 40 homens todos os dias.

Temos interceptado varios officios do Conde Dernath, Ministro Dinamarquez na Corte de Saxonia, a Mr. Von Rosencrantz. Como estes eram destinados a dar á Corte de Dinamarca a informaçaõ necessaria, relativamente ao estado dos negocios em Dresden, ter-se-ha cuidado de que elles cheguem ao lugar do seu destino.

No. XX.

Quartel-general de Dessau. 4 *de Outubro de* 1813.

O Principe Real transferio hoje para aqui o seu Quartel General. A tentativa que o inimigo faz a 29 de Septembro para tomar as obras da ponte de Roslau, apenas traçadas, foi-lhe mais fatal, do que se tinha supposto. Os officiaes, e soldados feitos prizioneiros, os desertores, e habitantes do paiz, concordaõ em avaliar a sua perda em 1,500 pelo menos. De 7 a 800 homens foraõ alli enterrados. O General Sandels cauzou-lhe esta perda somente com tres batalhoens.

O General Blucher, por meio de huma daquellas marchas, de que apenas se acha hum exemplo na Historia, e que só o seu enthusiasmo pela liberdade do seu paiz lhe pode sugerir, avançou com a maior parte do seu exercito das vizinhanças de Bautzen para Elster, e posto que teve de conduzir com sigo os aprestos de huma ponte, elle effeituou a passagem em hum taõ curto espaço de tempo como o faria hum simples viajante. Depois de passar o Elbo, atacou o 4. corpo do exercito inimigo, commandado pelo General Bertrand, no dia 3 de Outubro, junto a Wurtenburg, po-lo em derrota, matou hum grande numero de inimigos, repulsou-os de todos os seos intrinchiramentos, e tomou 16 peças, 70 caixoens, e 1,000 prizioneiros.

O Tenente Coronel Lewenftern, com hum pequeno destacamento de Cossacos, pelejou contra mais de 2,000 do inimigo nas ruas de Bernburg. Depois de hum conflicto de duas horas, e tendo o inimigo sido reforçado com artilharia, a cidade foi abandonáda, mas retomada no dia seguinte. A coragem e habilidade desenvolvidas pelos Cossacos nesta occaziaõ, bem como em todas as precedentes, faz-lhes a maior honra. Estas intrepidas tropas naõ somente saõ os olheiros do Exercito, mas combatem tambem nas fileiras, rompem esquadroens, atacaõ quadrados de infantaria, passaõ a nado os rios, e aprezentaõ-se na retaguarda dos inimi-

gos, onde espalhaõ o terror, e a desordem. O exercito Russiano atrevessou hoje o Elbo em Acken. O General Winzingerode ordenou á sua vanguarda, debaixo do commando do Conde Woronzow, que avançasse para Cothen.

A cidade de Acken será brevemente fortificada taõ bem, que será precizo hum sitio regular para a tomar. He hum ponto na margem esquerda, que o inimigo se descuidou de occupar, e de que o exercito alliado tirará agora essenciaes vantagens.

O exercito Sueco, depois de ter estabelecido huma ponte de botes sobre o Elbo em Roslau, passou o Rio esta manhaã ao romper do dia, e marchou para Dessau. Seos postos avançados se estendem ate Raguhn e Jonitz, e sua juncçaõ com o exercito do General Blucher esta effeituada. O exercito do Marechal Ney abandonou Dessau, e Jonitz pelas cinco horas desta manhaã. Sua retaguarda foi vigorozamente perseguida, e se lhe tomáraõ alguns prizioneiros.

Seraõ ainda precizos cinco, ou seis dias antes que as fortificaçoens de Roslau se possaõ concluir. Ellas saõ traçadas em hum bello plano, que faz muita honra ao General Sparre.

O terceiro corpo do exercito Prussiano, commandado pelo General Bulow crusará á manhaã o Elbo, bem como o corpo commandado pelo General Tauenzien. O General Thumen permanecerá em frente de Wittenberg. Este General continuará o sitio com o mesmo vigor, que mostrou em Spandau. Logo que esta Praça caia em poder dos alliados, estes seraó senhores do Elbo; ella cobrirá Berlin, e servirá ao mesmo tempo de depozito para os exercitos alliados.

Hum viajante chegado de Cassel diz que o General Czernitscheff chegára alli a 28, tomou a cidadella, e poz em liberdade os prisioneiros de Estado. Espera-se a confirmaçaõ desta noticia.

Ante hontem S. A. R. o Principe da Coroa passou revista ao batalhaõ Saxonico, que passou para os alliados. Esta tropa tem a mais bella figura. Ella exprimio a resoluçaõ em que estava de servir a cauza de Alemanha, e de seu paiz natal.

(Este bulletin conclue annunciando a rendiçaõ da Praça, e cidadella de S. Sebastiaõ, e a derrota de Soult no dia 31 de Agosto, e no 1 de Septembro).

No. XXI.

Quartel-general de Dessau, 6 *de Outubro de* 1813.

O inimigo retira-se na direcçaõ de Leipsic. O Quartel-general do Marechal Ney esteve em a noite de 4 para 5 em Bitterfeld. O Major Ozeczensky, perseguindo o inimigo na margem direita do Mulda, combateo todo o dia 4 com a cavallaria da retaguarda; elle diversas vezes cercado, matou, e fez hum grande numero de prisioneiros. O Capitaõ Obreskoff, que foi mandado com 80 Cossacos para a margem direita do Mulda a fim de formar e estabelecer communicaçaõ com a guarda avançada do General Blucher, perseguindo o inimigo entre Oranienbaum, e Golp, fez 38 prisioneiros. O General O'Rourk marchou para Zerbig; e o Tenente-coronel Melnikoff para Landsberg. Elle, e o Tenente-coronel Chrapowitsky tiveraõ hontem huma acçaõ brilhante entre Landsberg, e Delitsch. O General Francez Fournier sahio de Leipsic com huma divizaõ de cavallaria, e 4 peças de artilharia para se lhe oppor. O inimigo apezar da superioridade de sua força foi repellido, e perseguido ate as portas de Delitsch, com huma consideravel perda em mortos, e feridos, alem de 150 prisioneiros, hum dos quaes he official. O Tenente-coronel Lowenstern continuou a perseguir, em frente de Bernburg, a cavallaria inimiga, que posto superior em numero, fez demonstraçoens de se retirar para Magdeburg.

O Major Baraõ d'Essen, Ajudante de Campo do Principe da Coroa, e o Capitaõ Russiano Krasnakutzkie marcharaõ com hum regimento de Cossacos para Delitsch. O Coronel Stael perseguio o inimigo com muito vigor. Elle mesmo se distinguio por seu valor, e habilidade no combate diante de Dessau no dia 26 de Septembro.

A expediçaõ do General Czernitscheff foi seguida do mais brilhante successo. Jamais se desenvolveo, de huma maneira mais eminente sangue frio, talentos, e valor. O General, depois de tres gloriozos combates, entrou em Cassel no dia 30 de Septembro, por capitulaçaõ. Elle marchou no dia 24 para Eisleben, a 25 para Rofla, e evitando o encontrar-se com hum corpo Westphaliano debaixo das ordens do General Bastineller, postado em Heilligenstadt, fez hum movimento lateral, passou por Sondershausen, e chegou no dia 26 de tarde a Muhlhausen. Dalli marchou, e chegou n'hum dia a Cassel. O Rey recebeo noticia da sua chegada somente duas horas antes. Investindo a cidade por todos os lados, ordenou aos Cossacos e aos hussares de Irum, que ata-

cassem os batalhoens inimigos em Bettenhausen, com seis peças de artilharia. Por meio de huma brilhante carga as peças foraõ tomadas, o inimigo disperso, e feitos prisioneiros mais de 400. O Coronel Bredriaga foi morto nesta occaziaõ. A morte deste official que tinha hum valor naõ vulgar, foi sentida por todo o exercito Russo. Os fugitivos foraõ perseguidos dentro mesmo da Cidade: porem como as ruas estavaõ trincheiradas, os Russos tiveraõ por fim que retroceder. O Rey ajuntou dois batalhoens de guardas, e mil cavallos, e fugio pela estrada que conduz para Franckfort. O Coronel Benkendorff carregou quatro esquadroens de cavallaria legeira, que formavaõ parte da escolta: nem hum só escapou: elle tomou 250 homens, e dez officiaes. O General Czernitscheff foi entaõ informado que o General Bastineller estava marchando contra Cassel. Durante a noite do dia 28 marchou para Melzulgen, a fim de o encontrar com toda a sua força. O corpo inimigo foi disperso: somente 20 curasseiros foraõ tomados, e duas peças. As tropas que seguiraõ o Rey dispersaraõ se igualmente: mais de 300 destas tropas se uniraõ ao General Czernitscheff, e marcharaõ com elle no dia 30 contra Cassel. Elle empregou a artilharia tomado ao inimigo em canhonear a cidade. A porta de Leipsic foi tomada pelo Coronel Benkendorff. Naquelle momento o General Czernitscheff offereceo termos de capitulaçaõ ao General de divizaõ Alix. Este obteve livre passagem para as tropas Francezas, e Wesphalianas com suas armas e bagagem militar. Estas tropas foraõ escoltadas por Cossacos ate á distancia de duas milhas de Cassel. A cidade foi occupada na tarde do dia 30 pelos Russianos. A alegria dos habitantes foi superior a toda a descripçaõ. A maior parte das tropas Westphalianas vem correndo a alistar se debaixo das bandeiras dos Alliados. Mais de 1,500 estavaõ ja alistados quando o Correio partio; e a concussaõ dada ao reino de Westphalia he da mais violenta natureza. Neste momento he que o Norte d'Alemanha deve justificar as esperanças que a Europa tem do seu patriotismo, e do valor de seos habitantes.

As guardas avançadas do exercito combinado do Norte de Alemanha, e do exercito da Silezia estaõ distantes humas das outras meia legua somente.

O grande exercito da Bohemia entrou na Saxonia. O Hetman Platoff teve no dia 29 de Septembro huma acçaõ, em Altenburg, com o General Lefevre Desnouettes, que commandava 8,000 homens entre os quaes se achavaõ cinco brigadas de cavallaria da guarda. Este corpo foi completamente batido, e perdeo mais de 1000 prizioneiros, cinco peças, e tres estandartes, e foi perseguido ate Zeitz. O

corpo commandado pelo General Thielman, e o do Coronel Mentzdorff se lhe uniraõ quando elle estava perseguindo o inimigo.

O Principe da Coroa vio desfilar hontem por esta cidade huma parte do 3 corpo do exercito Prussiano debaixo das ordens do General Bulow: e hoje o 4 corpo commandado pelo General Conde Tauenzien. S. A. R. observou de novo com prazer estas valorozas tropas, e ficou altamente satisfeito com o estado do seu equipamento, e seu ar militar, e nobre.

DINAMARCA.

DECLARAÇAÕ

De Guerra contra a Suecia.

Desde o momento em que se concluio, em Jonkoping, a paz entre a Dinamarca, e a Suecia; S. M. tem feito esforços, taõ sinceros como constantes para manter a amizade e boa intelligencia com aquelle estado vizinho, mas ao mesmo tempo naõ podia deixar de observar, que o Governo Sueco, longe de ser animado pelos mesmos sentimentos, tinha demasiado frequentemente dado provas de differente disposiçaõ.

Pelo tractado de Jonkoping, era a Suecia obrigada a expulsar de suas costas os navios de guerra, e corsarios dos inimigos de Dinamarca. Elles continuáram naõ somente a deter os navios mercantes, juncto ás costas de Suecia; mas até aprezar alguns dentro dos portos de Suecia. Raras vezes se dignou responder; e nunca deo remedio algum ás reiteradas queixas do Governo Dinamarquez, relativamente ás perdas que resultavam daquelle estado das couzas, ao Commercio Dinamarquez e da Norwega. Desta maneira a costa Sueca, no Categate, ficou ao depois da paz, relativamente á navegaçaõ Dinamarqueza, na mesma posiçaõ hostil, em que estava durante a guerra. A declaraçaõ de guerra que o Governo Sueco se deixou persuadir que devia publicar contra a Inglaterra, naõ produzio a este respeito alteraçaõ alguma: e depois do restabelecimento de paz com a Gram Bretanha, os perigos, a que ficava exposta a navegaçaõ Dinamarqueza, se extendêram a toda a costa Sueca. O navegante Dinamarquez podia esperar achar-se protegido

contra todo o ataque da parte dos inimigos de sua naçaõ, nas costas de huma Potencia amiga e vizinha. Elle devia crer que hum Governo, que constantemente basofia da sua liberdade e independencia, estaria disposto, ainda que fosse somente pela consideraçaõ de sua propria dignidade, a manter os seus direitos territoriaes. Porém os marinheiros Dinamarquezes fôram enganados mui frequentemente em suas esperanças, quando no momento de perigo procurâram protecçaõ no territorio Sueco; aonde os botes armados do inimigo esperavam huma facil preza. Despojado de sua propriedade; e muitas vezes perseguido pelo inimigo até ao mesmo continente Sueco, somente lhe restava o sentimento e dor de suas perdas: porem ao mesmo tempo se despertava a sua justa indignaçaõ, vendo o governo de huma naçaõ vizinha dispensar-se de prestar aquella protecçaõ, que elles tinham direito de esperar.

A estipulaçaõ do tractado de paz de Jonkoping, que determinava, que fosse restituida toda a propriedade dos respectivos subditos dos dous estados, que depois da ruptura estivesse posta em estado de sequestro, foi executada da parte de Dinamarca sem alguma demora: e com a mais escrupulosa exactidaõ. Na Suecia, pelo contrario, tem ainda sido detida a propriedade de varios vassallos Dinamarquezes. As reprezentaçoens frequentemente renovadas, a fim de a obter ou o seu valor, naõ produziram senaõ frivolos subterfugios, ou promessas de indemnizaçaõ; cuja realidade até aqui se tem esperado em vaõ.

A Suecia naõ se limitou a dar estas provas de disposiçoens pouco amigaveis para com Dinamarca.

Ja por hum tractado, concluido no principio do anno passado, entre as Cortes de S. Petersburgo, e Stockholm; e que foi ao depois confirmado em Abo, a Suecia ficou segura do auxilio da Russia, para a execuçaõ do plano entaõ fixo de tomar o reyno de Norwega. Com a mesma intençaõ se concluio depois hum similhante tractado, entre a Suecia, e a Gram-Bretanha.

Mas antes de chegar ás hostilidades declaradas, elle dezejou experimentar meios mais moderados porém naõ menos insidiosos.

A Suecia trabalhou por seduzir os habitantes da Norwega, mandando para este Reyno de tempos a tempos proclamaçoens insidiosas, e esforçando-se assim por allienallo do dominio de seu legitimo e hereditario Soberano. Ao mesmo tempo grande numero de navios carregados de graõ para a Norwega, que se tinham successivamente despachado por conta do Governo Dinamarquez, e de varios individuos, fôram detidos nos portos Suecos, aonde tinham sido obriga-

dos a procurar refugio, ja por occasiaõ de perigos do mar ja por causa dos corsarios do inimigo. Foram absolutamente inuteis todas as reprezentaçoens que se fizeram contra huma medida, violenta em si mesmo, e atroz por suas consequencias a respeito dos habitantes de Norwega. O Governo Sueco, em vez de resposta, usou de hum pretexto taõ pouco applicavel ás cargas de graõ de que se tractava, isto he; que éra prohibida em Suecia a exportaçaõ de graõ. Nos naõ podemos deixar de entender o objecto dos obstaculos, que se oppunham a dar mantimentos á Norwega. Era pela fóme que se desejava obrigar os Norwegas a que se submettessem ao dominio de Suecia.

O Governo Sueco, descançando em seus poderosos Alliados, naõ se envergonhou de propor a S. M., que cedesse a Norwega por outros paizes, de que a Suecia naõ estava de posse, e de que ella naõ podia, nem devia esperar o poder dispôr livremente.

Naõ podendo obter o seu objecto, nem com proposiçoens atraiçoadas, a que se uniam frequentemente as ameaças; nem pelas reiteradas tentativas para induzir os Norwegas a que atraiçoassem os seus deveres para com seu Soberano, o Governo Sueco manifestou o seu mau humor pela suspensaõ das relaçoens ministeriaes entre os dous Estados. O encarregado de negocios de S. M. teve ordem de retirar se de Stockholmo, e se mandou recolher a missaõ Sueca em Copenhagen. O Consul-geral Dinamarquez em Gottenburgo, foi tambem mandado despejar. Pouco depois o Governo Sueco suspendeo toda a communicaçaõ entre os dous Estados. Desta maneira tinha ja a Suecia rompido todas as relaçoens amigaveis com a Dinamarca. Fechou se o accesso aos Estados de Suecia a todos os vassallos de Dinamarca.

Naõ parou aqui. Prohibio se o curso ordinario dos correios entre Dinamarca e Norwega, pela Suecia, como se tinha estipulado nos tractados.

Os navios Suecos tivéram ordem de naõ pagar os direitos do Sund, ainda que S. M., em virtude de tractados anteriormente concluidos com a Suecia, e do novo coufirmado pelo tractado de Jonkoping, tinha a elles o mais incontestavel direito.

Porém naõ bastou, que os vasos Suecos fossem desta maneira dispensados por seu governo, de preencher a obrigaçaõ de pagar os direitos de Sund; os navios armados Suecos empregáram a força para impedir que os vasos de outras naçoens pagassem os direitos.

Por fim hum official Sueco de marinha declarou, por escripto ao Governador d'El Rey em Bornholm, que tinha ordem de aprehender todos os navios que trouxessem ban-

deira Dinamarqueza; e interromper toda a communicaçaõ entre Christiansoe e Bornholm. Pouco tempo depois hum official da Marinha Real, que voltava de Bornholm para Copenhagen foi impedido em alto mar, por hum brigue Sueco, e levado a Ystadt, d'onde naõ voltou ainda. Tendo o Governo Sueco por tantos meios, naõ somente dispensado-se de preencher os deveres de bom vizinho, para com a Dinamarca, e tendo suspendido todas as communicaçoens, que em geral subsistiam entre paizes e Estados vizinhos, a respeito dos quaes existia huma reciproca boa intelligencia, tanto por occasionar perdas aos vassallos d'El Rey, tendentes a subjugar a Norwega, S. M. se vê obrigado; posto que a seu pezar, a recorrer ás armas, e repelhir com a força todo e outro qualquer insulto da parte de hum governo, que por longo tempo tem exercitado hostilidades contra os Estados Dinamarquezes, e contra os vassallos d'El Rey.

Tem-se ja expedido as ordens necessarias, a este respeito, aos Chefes do exercito, e Esquadra da Sua Magestade.

Nunca houve huma guerra defensiva mais justa—Nunca Governo algum deo maiores provas de paciencia, e soffrimento, em differir o recurso ás armas, para manter a segurança do Estado; e proteger a propriedade de seos subditos.

A necessidade somente podia induzir S. M. a tomar huma rezoluçaõ taõ repugnante aos sentimentos do seu coraçaõ. Mas estes devem ceder necessariamente ao dever de defender os Estados, e subditos, que a Providencia lhe confiou, contra ataques perfidos, e naõ provocados da parte de hum Governo, cujos planos hostiz contra a Dinamarca, toda a Europa conhece.

S. M. que sempre descança com inteira confiança na immovel fidelidade, e constante affeiçaõ de hum povo amado; naõ dezejava comprar huma vergonhoza, e precaria paz, pelo sacrificio de seos valorozos, e leaes Norwegas. Mas elle dezeja sinceramente que o Governo Sueco, reparando as injurias que tem feito aos vassallos de S. M., e adoptando, e proseguindo em principios pacificos, possa dar occaziaõ a que se restabeleça entre as duas Naçoens, aquella boa intelligencia, que somente he adaptada aos seos reciprocos interesses.

Dado em Copenhague aos 3 de Septembro de 1813.

SUECIA.

CARTA

De S. A. R. o Principe de Suecia a S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, em dáta de 23 de Março de 1813.

Sire,

Em quanto Vossa Magestade intrigou, ou a fez intrigar contra mim somente de huma maneira directa, eu julguei do meu dever naõ lhe oppor mais, do que tranquillidade, e silencio: mas hoje que a Nota de Duque de Bassano a M. d'Ohsson procura lançar entre mim, e o Rey o mesmo facho de discordia, que facilitou a Vossa Magestade a entrada em Hespanha; estando cortadas todas as relaçoens ministeriaes, eu me dirigo directamente a Vossa Magestade para lhe recordar a conducta leal, e franca da Suecia, ainda mesmo em tempos os mais difficeis.

'As communicaçoens que M. Signeul foi encarregado de fazer por ordem de V. M., o Rey mandou responder que a Suecia, convencida de que só a Vos, Sire, he que ella devia a perda da Sua Finlandia, jamais poderia crer em vossa amizade para com ella, se vos lhe naõ fizesseis dar a Norvega para a indemnizar do mal que vossa politica lhe tinha feito.

A respeito de tudo o que se acha em a Nota do Duque de Bassano relativamente á invazaõ da Pomerania, e á conducta dos Corsarios francezes, os factos fallaõ por si mesmos; e comparando as datas se julgará quem tem razaõ, se V. M. se o Governo Sueco.

Ja cem navios estavaõ tomados e mais de 2,000 marinheiros gemiaõ em ferros, quando o Governo se vio em a necessidade de tomar hum Corsario, que debaixo de bandeira Franceza, vinha a nossos portos roubar nossos navios, e insultar a nossa confiança nos tratados.

M. o Duque de Bassano diz que V. M. naõ provocou a guerra; e com tudo, Sire, V. M. passou o Niemen á frente de 400,000 homens!

Desde o momento em que V. M. se entranhou no interior daquelle Imperio, o rezultado deixou de ser duvidozo. O

Imperador Alexandre, e o Rey previraõ, ja desde o mez d'Agosto, o fim da Campanha, e seos immensos rezultados.

Todas as combinaçoens militares asseguravaõ que V. M. ficaria prisioneiro: Vos escapastes desse perigo, Sire: mas vosso exercito, a flor da França, da Alemanha, e da Italia, ja naõ existe. La ficaraõ insepultos esses valentes guerreiros que salvaraõ a França em Fleurus, que venceraõ na Italia, que resistiraõ ao ardente clima do Egypto, e que fixaraõ a victoria debaixo de vossos estandartes em Marengo, em Austerlitz, em Jena, em Halle, em Lubeck, em Friedland, &c. &c. Enterneça-se vossa alma, Sire, á vista deste dilacerante quadro; e se para acabar de a commover este quadro ainda naõ basta, recorde se da morte de mais de hum mil haõ de Francezes que tem perecido no campo da honra, victimas das guerras que V. M. tem emprendido!

V. M. invoca seos direitos á amizade do Rey! Permitti-me, Sire, que vos lembre o pouco apreço que de della fizestes em momentos, em que huma reciprocidade de sentimentos, teria sido mui util para a Suecia! Quando o Rey, depois de ter perdido a Finlandia, escreveo a V. M. rogando-lhe que conservasse á Suecia as ilhas de Aland, V. M. lhe respondeo—*Dirigi-vos ao Imperador Alexandre; elle he grande, e generozo:* e para conservar a medida de sua indifferença, fez inserir n'huma gazeta official, no momento da minha partida para a Suecia (Moniteur de 21 de Septembro de 1810, No. 264.)—que havia hum interregno no Reino, durante o qual os Inglezes faziaõ impunemente o Commercio.

O Rey separou-se da liga de 1792, porque esta pertendia repartir a França, e porque elle naõ queria ter parte na desmembraçaõ dessa bella Monarquia. Elle decidio-se a este acto, monumento de sua gloria politica, tanto por sua affeiçaõ para com o povo Francez, como pela necessidade de cicatrizar as feridas do Reino. Este comportamento virtuozo e sabio, fundado sobre o principio—que cada Naçaõ tem o direito de se governar por suas leis, por seos uzos, e por sua vontade; esta conducta he a mesma que lhe serve de regra neste momento.

Vossa systema, Sire, quer prohibir ás Naçoens o exercicio dos direitos que ellas receberaõ da natureza, os de commerciar entre si, de se ajudar, de corresponder, e viver em paz: e com tudo, a existencia da Suecia he dependente de huma extensaõ de relaçoens commerciaes, sem as quaes naõ pode passar.

Longe de ver no comportamento do Rey huma mudança de Systema, o homem esclarecido, e imparcial achara nelle somente a continuaçaõ de huma politica justa, e constante, que se devia ter desenvolvido em hum tempo, em que os

Soberanos se uniaõ contra a liberdade da França; e que he seguida com energia em hum momento, em que o Governo Francez continua a conspirar contra a liberdade dos Povos, e dos Soberanos.

Eu conhecia as boas disposiçoens do Imperador Alexandre, e do Gabinete de S. James para a paz. As calamidades do Continente a reclamaõ, e V. M. naõ a deve rejeitar. Possuidor da mais bella Monarquia da terra, quererá V. M. estender sem cessar os seos limites, e deixar a hum braço menos poderozo que o seu, a triste herança de guerras interminaveis? Naõ se entregará V. M. ao cuidado de cicatrizar as feridas de huma revoluçaõ da qual so resta á França a lembrança de sua gloria militar, e das desgraças reaes no seu interior? Sire, as liçoens da historia rejeitaõ a idea de huma Monarquia universal; e o sentimento da independencia pode estar amortecido, mas naõ extincto no coraçaõ das Naçoens. Attente V. M. a todas estas consideraçoens, e pense huma vez realmente nesta paz geral, cujo nome profanado tem feito derramar tanto sangue.

Eu nasci nessa bella França que vos governaes, Sire, e sua gloria, e sua prosperidade nunca poderaõ ser-me indifferentes. Mas sem cessar de fazer votos por sua felicidade, eu defenderei, com todas as faculdades da minha alma assim os direitos do Povo que me chamou, como a honra do Soberano, que se dignou nomear-me seu filho, nesta luta entre a liberdade do mundo, e a oppressaõ. Eu direi aos Suecos —Eu combato por vos, e os votos das Naçoeus livres acompanharaõ nossos esforços.—

Em politica, Sire, naõ ha, nem amizade, nem odio; ha somente deveres a preencher para com os Povos, que a Providencia nos encarregou para governar. Suas leis, e seos privilegios saõ bens que lhes saõ charos; e se para lhos conservar he precizo renunciar a vinculos antigos, e a affeiçoens de familia, hum Principe que dezeja preencher sua vocaçaõ, jamais deve hesitar sobre o partido que deve tomar. O Duque de Bassano annuncia que V. M. evitará hum rompimento; mas, Sire, naõ foi V. M. que interrompeo nossas relaçoens commerciaes, ordenando a captura dos navios Suecos no seio da paz? Naõ he o rigor de suas ordens, que ha tres annos nos tem prohibido toda a communicaçaõ com o continente, e que desde essa epoca tem feito reter mais de cincoenta navios Suecos em Rostock, Wismar, e outros portos do Baltico?

M. o Duque de Bassano accrescenta, que V. M. naõ mudára de systema, e que seos mais ardentes dezejos saõ de rejeitar huma guerra que V. M. olharia como huma guerra civil; o que indica, que V. M. quer conservar a Pomerania

Sueca, e que naõ renuncia á esperança de governar a Suecia, e de aviltar deste modo, sem correr algum risco, o nome e o caracter Sueco V. M. designa indubitavelmente a guerra entre os Alliados : ora sabe se qual he a sorte, que ella lhes destina. Mas recorde-se V. M. do descontentamento que manifestou, quando soube do armisticio que eu concedi a esta valoroza Naçaõ, em Abril de 1809, e nelle achará a necessidade a que este paiz se tem visto reduzido de fazer tudo o que ate hoje tem feito para conservar sua independencia, e preservar-se do perigo a que vossa politica, Sire, o teria arrastado, se elle a tivesse conhecido menos.

Se os acontecimentos que, ha quatro mezes, se tem rapidamente seguido huns aos outros, tem feito imputar aos Generaes de V. M. o desarmamento das tropas Suecas da Pomerania, e a remessa dellas para França, como prizioneiros de guerra; naõ se achará, Sire, hum pretexto taõ facil para refutar—que V. M. jamais quiz confirmar as sentenças do Conselho de prezas, e que, ha trés annos, vos tendes feito excepçoens particulares contra a Suecia apezar de que aquelle Tribunal tinha sentenciado a nosso favor. De resto, Sire, ninguem na Europa se illudira a respeito da infamia que V. M. imputa aos seos Generaes.

A Nota do Ministro do Rey, encarregado dos Negocios Estrangeiros, e a resposta que M. de Cabre lhe deo a 4 de Janeiro de 1812, vos provaraõ Sire, que S. M. tinha antecipado vossos dezejos, pondo em liberdade todas as equipagens dos Corsarios. O Governo, desde entaõ, estendeo suas consideraçoens ate ao ponto de enviar Portuguezes, Argelinos, e Negros tomados no mesmo Corsario, os quaes se diziaõ vassallos de V. M. Nada pois devia oppor-se a que V. M. ordenasse a remessa dos officiaes, e soldados Suecos ; e com tudo elles ainda gemem em ferros !

Quanto ás ameaças que a Nota do Duque de Bassano contem, e aos 40,000 homens que V. M. quer dar á Dinamarca, eu julgo do meu dever naõ entrar em miudo exame sobre estes objectos, tanto mais quanto eu duvido que o Rey de Dinamarca se possa aproveitar deste soccorro.

Pelo que pertence á minha ambiçaõ pessoal, confesso que tenho huma mui grande—he a de servir a cauza da humanidade, e assegurar a independencia da Peninsula Scandinavia. Para o conseguir eu conto com a justiça da cauza que o Rey me ordenou que defendesse, com a perseverança da Naçaõ, e com a lealdade de seos Alliados.

Qualquer que seja vossa determinaçaõ, Sire, para a paz, ou para a guerra, eu terei por V. M. os mesmos sentimentos de hum antigo companheiro de armas.

FRANÇA.

NOTICIAS OFFICIAES, EXTRAHIDAS DOS PAPEIS FRANCEZES.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente, recebeo a seguinte noticia do exercito, em data de 13 de Septembro, 1813.

O Quartel General do Imperador estava em Dresden. O Duque de Tarentum, com o 5, 11, e 3, corpo, estava postado na margem esquerda do Spree. O Principe Poniatowski, com o 8. corpo estava em Stolpen. Todas estas forças estavam assim concentradas na margem direita do Elbe, dentro de hum dia de marcha de Dresden.

O Conde Lobau, com o 1. corpo estava em Nollendorf, na avançada de Peterswalde; o Duque de Treviso em Pirna; o Marechal St. Cyr, nas alturas de Borna, occupando as desembocaduras de Furstenwalde e Geyersberg: o Duque de Belluno em Altenberg.

O Principe de Moskwa estava em Torgau, com o 4., 7., e 12., corpo. O Duque de Ragusa, e El Rey de Napoles com a cavallaria do General Latour Maubourg, estávam marchando para Grossen Hayn. O Principe de Eckmuhl estava em Ratzeburg.

O exercito do inimigo de Silezia estava na direita do Spree. O da Bohemia, os Russianos e Prussianos, na planicie de Toplitz, e hum corpo Austriaco em Marienberg. O exercito inimigo, de Berlin, estava em Juterbock.

O General Francez Margaron, occupava Leipsic com hum corpo de observaçaõ. O Castello de Sonnestein, acima de Pirna, foi occupado, fortificado, e armado. Sua Magestade deo o commando de Torgau ao Conde de Narbonne.

Os quatro regimentos das guardas de honra fôram agregados, o primeiro aos caçadores de montanhas das guardas: o segundo aos dragoens; o terceiro aos granadeiros de cavallo; o quarto ao primeiro regimento de lanceiros. Estes regimentos das guardas lhes suppriraõ instructores, e todas as vezes que marcharem á batalha, seraõ unidos a soldados

veteranos, por quem seraõ guiados e cujos cascos, ou esqueletos elles reforçaraõ. Hum esquadraõ de cada regimento das guardas de honra fará sempre o serviço junto ao Imperador, com hum esquadraõ fornecidos por cada regimento das guardas; o que fara montar o numero dos esquadroens em serviço a 8.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha recebeo a seguinte noticia do exercito de 17 de Septembro, 1813.

Aos 14 o inimigo desembocou de Toeplitz para Nollendorf, a fim de flanquear a divisaõ Dumonceau, que estava nas alturas. Esta divisaõ se retirou em boa ordem para Gieshabel, aonde o Conde Lobau ajunto o seu corpo. Desejando o inimigo atacar o campo em Grieshabel, foi repulsado, e perdeo muita gente.

Aos 15 o Imperador deixou Dresden, e marchou para o campo de Pirna. Elle dirigio o General Mouton-Duvernet, commandante da divisaõ 24, pelas aldeas de Langenhenersdorf e Bera; flanqueando assim a direita do inimigo. Ao mesmo tempo o Conde de Lobau o atacou em frente: o inimigo foi repellido com a ponta da espada nas costas, por todo o resto do dia.

Aos 16 o inimigo occupava ainda as alturas alem de Peterswalda. Ao meio dia se principiou a perseguillo, elle foi desalojado de sua posiçaõ. O General Ornano fez algumas bellas cargas com a divisaõ de cavallaria das guardas, e o Principe Poniatowski, com a cavallaria ligeira Polaca. O inimigo foi repulsado para a Bohemia, em grande desordem. Elle fez a sua retirada com tanta actividade, que somente lhe podemos apanhar alguns prisioneiros, entre os quaes se acha o General Blucher, que commandava a guarda avançada, e he filho do General em Chefe Russiano, Blucher.

A nossa perda foi insignificante. O Imperador dormio em Peterswalda, aos 16, e aos 17 voltou para Pirna.

Thielman, hum General que desertou do serviço Saxonia, com hum corpo de partidarios e desertores, tinha marchado para o Saal. Hum Coronel Austriaco, tambem como partidario, marchou para Golditz. Os Generaes Margaron, Lefebre Desnouettes, e Pire, fôram com columnas de infantaria, e cavallaria, em seguimento destas partidas do inimigo: esperando dar boa conta dellas.

Paris, 26 de Septembro.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha Regente, recebeo a seguinte noticia do exercito, datada de 19 de Septembro :—

Aos 17, pelas 2 horas da tarde, o Imperador montou a cavallo, e em vez de ir para Pirna, foi ter aos postos avançados. Tenda percebido que o inimigo preparava grande quantidade de faxinas, para defender a decida das montanhas, Sua Magestade ordenou ao General Duvernet, que o atacasse ; este General tomou a aldea de Arbesan, com a divisaõ 42, e expulsou o inimigo para as planicies de Toplitz. Foi encarregado de manobrar de tal maneira, que podesse reconhecer inteiramente a posiçaõ do inimigo, e obrigallo a patentear as suas forças. Este General foi perfeitamente bem succedido na execuçaõ de suas instrucçoens. Elle se empenhou em huma viva canhonada, alem do alcance de artilharia, e que lhe causou mui pequeno damno ; porém havendo huma bateria Austriaca de 24 peças deixado a sua posiçaõ para se aproximar á divisaõ Duvernet, o General Ornano ordenou que os lanceiros de vermelho das guardas a carregassem ; elles tomáram estas 24 peças, e passaram á espada todos os artilharios, mas somente poderam trazer com sigo os cavallos, duas peças de artilharia, e hum trem de dianteira.

Aos 18, o Conde Lobau ficou na mesma posiçaõ occupando a aldea de Arbesan, e todos as desembocaduras da planicie. As 4 horas da tarde o inimigo mandou huma divisaõ para surprender a altura acima da aldea de Keimitz. Esta divisaõ foi repulsada, á ponta da espada, (l'epée dans les reins) e se fez fogo de metralha por huma hora. Aos 18, pelas 9 horas da noite, Sua Magestade chegou a Pirna : e aos 19, o Conde de Lobau tornou ás suas posiçoens adiante de Hollendorf e do campo de Giesherbel. A chuva cahia em torrentes.

O Principe de Neufchatel se acha alguma cousa molesto com hum accesso de febre.

Sua Magestade esta muito bem.

O Marechal Duque de Valmy recebeo em Mayence hum correio de Dresden, que lhe encarregou de fazer saber em Paris, que até os 19 de Septembro naõ havia nada de novo no exercito ; e que era possivel que se passasse algum tempo,

antes que se expedisse algum correio; assim que se naõ admirassem, se estivessem alguns dias sem receber noticias do exercito.

Paris, 1 *de Outubro*, 1813.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente recebeo a seguinte noticia do exercito, datada de 26 de Septembro :—

O Imperador passou em Pirna os dias 19 e 20. Sua Magestade ordenou, que se lançasse huma ponte ao Elbe, naquelle lugar, e se estabelecesse na margem direita huma cabeça de ponte.

Aos 21 veio o Imperador dormir em Dresden; e aos 22 foi para Hartaw. Elle ordenou immediatamente que desembocasse pelo bosque de Bischoffwerder, o 11 corpo, commandado pelo Duque de Tarentum; e o 5. corpo, commandado pelo General Lauriston; e o 3. corpo, commandado pelo General Souham. O exercito do inimigo em Silezia—que tinha marchado, a direita commandada por Sachen para Camenz; a esquerda commandada por Langeron para Neustadt, na desembocadura de Bohemia; e o centro, commandado por York, para Bischoffwerder—se retirou instantaneamente de todos os lados. O General Girard, commandante da nossa guarda avançada, o seguio rapidamente, e fez alguns prisioneiros.

O inimigo foi repellido pelejando até o Spree. O General Lauriston entrou em Neustadt.

Negando-se assim o inimigo á batalha, voltou o Imperador para Dresden, aos 24, para tomar huma posiçaõ nas alturas de Weissig.

O 8. corpo, commandado pelo Principe Poniatowski, tornou a passar para a margem esquerda.

O Conde de Lobau, com o 1. corpo, ainda occupa Grieshubel.

O Marechal St. Cyr occupa Pirna, e a posiçaõ de Dohna. O Duque de Belluno occupa a posiçaõ de Freyberg.

O Duque de Ragusa, com o 6. corpo, e a cavallaria do General Latour Maubourg, estava além de Grossenhayn: elle tinha repulsado o inimigo para a margem direita, além de Torgau; para facilitar a passagem de hum comboy de

20,000 quintaes de farinha, que hiam pelo Elbe acima em botes ; e que chegaram a Dresden.

O Duque de Padua esta em Leipsic ; o Principe de Moskwa está entre Wittenberg e Torgau.

O General Conde Lefebvre Desnouettes hia com 4,000 cavallos em seguimento do traidor Thielman. Este Thielman he hum Saxonio, a quem El Rey encheo de favores Em paga de tantos beneficios, elle se mostrou o inimigo mais irreconciliavel de seu Rey e de sua Patria. A frente de 3,000 cavallos, parte Prussianos, parte Cossacos, e Austriacos, elle roubou as cavalherices d'El Rey, impôz em toda a parte contribuiçoens para seu uso particular, e tractou os seus compatriotas com todo o odio de hum homem atormentado pelo crime. Este desertor condecorado com o uniforme de Tenente General Russiano marchou para Naumberg, aonde naõ havia nem commandante nem guarniçaõ, e surprendeo ali 300 ou 400 doentes. Comtudo o General Lefebvre Desnouettes o encontrou aos 19 em Freyberg, tomou-lhe os 300 ou 400 doentes, que aquelle malvado tinha arrancado de suas camas, fez alguns centos de prisioneiros, tomou alguma bagagem, e retomou alguns carros que elle havia roubado. Thielman refugiou se entaõ para Zeist, aonde o Coronel Munsdorff, partidario Austriaco, se lhe ajuntou. O General Lefebvre Desnouettes o atacou aos 24 em Altenburg, matou-lhe muitos homens, e entre outros hum Principe de Hohenzollern, e hum Coronel.

A marcha de Thielman tinha causado alguma demora nas communicaçoens de Erfurth e Leipsic.

O exercito inimigo de Berlin parece que esta fazendo preparaçoens para lançar huma ponte em Dessau.

O Principe de Neufchatel esta molesto de huma febre biliosa : tem estado de cama por alguns dias. S. M. nunca teve melhor saude.

MINISTERIO DA GUERRA.

EXERCITOS DE ARAGAÕ E CATALUNHA.

COPIA

De huma Carta dirigida a Sua Excellencia o Ministro da Guerra, pelo Marechal Duque d'Albufera.

Villa Franca, 16 *de Septembro.*

MONSEIGNEUR!

No principio de Septembro, Lord Bentinck se mudou da costa do mar para as margens do Ebro, e estabeleceo o quartel-general do exercito Anglo-Hespanhol em Villa Franca, occupando o Col de Ordal; formando armazens em Villa Nova, e mandando manobrar os corpos de exercito do General Copons, e divisoens de Whittingham e Sarsfield, no Lobregat Superior, para Manresa, Esparaguera, e Mariorell. O ajuntamento de 30 peças de artilharia, a huma marcha de distancia de minha linha, e todas as disposiçoens de manobra e formaçaõ me annunciaram hum proximo ataque. Eu resolvime a anticipallo, e impedir que os meus movimentos fossem apertados e restrictos ás portas de Barcelona.

Aos 12, se ajuntou o exercito de Aragaõ no Lobregat, em quanto o General em Chefe, Conde Decaen, convidando o eu a isso, trouxe parte do exercito de Catalunha. Eu lhe ordenei que restringisse, e guardasse a minha direita das tropas do General Copons: e que marchasse ao depois para S. Saturni, sobre Villa Franca, e cooperasse no meu ataque pela estrada grande.

As 8 horas da noite eu passei a ponte de Mollins-del-Rey, com huma lua clara, que favoreceo a minha marcha; e a divisaõ Harispe, que hia na vanguarda, marchou para Ordal.

Aquella posiçaõ mui difficil e mui escabrosa, e a que se naõ póde chegar, senaõ depois de passar por hum desfiladeiro de tres leguas, estava occupada com huma guarda avançada de

9,000 homens, debaixo das ordens do Coronel Frederico Adams, composta de tropas Inglezas, Calabrezas, e por gente escolhida da divisaõ Sarsfield.

O General em Chefe Lord Bentinck tinha chegado ali na mesma noite, com o Almirante Hallowell, fosse para preparar as suas disposiçoens, para hum ataque immediato; ou fosse, por alguma informaçaõ que recebeo de meus movimentos, para reforçar este importante ponto: a infantaria na posiçaõ era sustentada pela artilheria, e huma reserva de cavallaria.

Aos primeiros tiros de espingarda, o General Melsop, commandante da guarda avançada, adiantou com vivacidade os voltigeurs do regimento 7. de linha, derrotou os postos, e formou a sua brigada em frente dos redutos. A cavallaria do inimigo foi vista descendo em columna pela estrada, com a intençaõ de repulsar, o que o inimigo indubitavelmente julgou ser hum reconhecimento; porem a nossa artilheria ligeira os fez desapparecer em breve tempo, e os voltigeurs arremeçaram-se á montanha. A vivacidade e extençaõ do fogo, que o inimigo immediatamente começou ao longo de toda a sua frente, nos mostrou qual era a sua força. O General Melsop ordenou ao 1. batalhaõ do 7. que avançasse, o qual elle em pessoa sustentou com o 2.; em quanto o 44. regimento de sua parte montou os redutos: elle tornou-se a formar, repulsou os atiradores, e com a espada na maõ, á frente de sua columna, ordenou, que se tocasse a degolar, e se tomou pela força a primeira posiçaõ do inimigo.

Houve neste ponto o mais obstinado combate; o inimigo furioso, e com grandes gritos, voltou segunda vez com reservas de novo, para obter posse da posiçaõ; e segunda vez foi repulsado para a sua segunda posiçaõ, de onde nos abismou com o seu fogo.

A nossa infantaria, acostumada a assaltos, soube como se havia tornar a formar, e voltou ao ataque com constancia: hum pelotaõ de çapadores, que tinha marchado com a guarda avançada, se cubrio de gloria: o Chefe de Batalhaõ Feuchere, do regimento 44, ficou ferido, capitaneando as suas tropas. Eu ordenei a divisaõ Herbert que avançasse havendo-a eu formado na esquerda da estrada; em quanto o General Harispe marchava com a sua reserva, o regimento 116 de linha, para sustentar a 1. brigada. Por fim combinouse hum esforço geral, e o 2. batalhaõ do 116 teve ordem de hir para a esquerda e flanquear o 2. reduto. O seu Commandante, Bugeaud, executou o movimento com igual arte e vigor. A brigada Melsop atacou ao mesmo tempo com ir-

resistivel furia, e ficamos em toda a parte senhores do campo de batalha. Em hum instante ficou cuberto de mortos e feridos: os Hespanhoes e Calabrezes fugiram em desordem para os matos e montanhas.

Logo que as tropas se tornaram a formar, eu mandei ao General Delort, commandante da cavallaria, que avançasse para seguir os Inglezes: que se retiraram precipitadamente pela estrada real. Eu esperava alcançar a sua artilharia, que tinha podido obter pôr-se em retirada. O regimento 4. de hussares derrotou os hussares de Brunswick; e, naõ obstante algumas descargas da infantaria, obteve tomar quatro peças da artilharia Ingleza, que me trouxeram com os seus cavallos, e dous caixoens; tomaram tambem muita bagagem, e 500 prisioneiros, para se ajuntarem aos 1,200 mortos ou feridos. O regimento 27 Inglez, de linha, ficou quasi todo destruido: o seu Coronel e General Frederico Adams, Ajudante de Campo do Principe Regente, ficou ferido; grande numero de officiaes pereceo nesta acçaõ: a nossa perda foi comparativamente muito pequena.

Parte da guarniçaõ de Barcelona, commandada pelo General Conde Mauricio Mathieu, e huma divisaõ do exercito de Catalunha, com 4 batalhoens Italianos, tinha marchado, durante a noite, debaixo das ordens do General em Chefe Decaen, para passar o Lobregat, e o Noya. Antes de chegar a Martorell, teve o General Mathieu de combater e desalojar tres batalhoens de Erolles, em posiçoens mui difficultosas. Pela noite tomou alguns prisioneiros, e partio outra vez para S. Estevan, e S. Saturni. De manhaã, vio o corpo de Manso, e alguns Calabrezes em ordem de batalha; ordenou que fossem atacados pelo General Ordonneau, com alguma cavallaria, e somente a sua guarda avançada, do regimento 18 ligeiro, debaixo das ordens do Chefe de Batalhaõ Pellegrin, derrotou os dous primeiros batalhoens. O inimigo foi disperso, deixando 80 prisioneiros, e 50 mortos ou feridos. O General em Chefe Decaen seguio o General Matthieu com toda a pressa possivel; mas em consequencia de infinitas difficuldades, depois de huma mui longa marcha, por caminhos quasi impraticaveis, á cavallaria, e até mesmo á infantaria que só pôdia avançar hum por hum, em distancia, amanheceo o dia antes que podessem tomar a posiçaõ de S. Saturni.

O ataque do Coronel d'Ordal, que se naõ concluio senaõ ás duas horas da manhaã, por huma marcha vagarosa do exercíto d'Aragaõ, favoreceo os meus designios pelo resto do dia. A infantaria seguio, ao romper do dia, o General Delort, que marchou na vanguarda com a cavallaria, e o batalhaõ do Commandante Bugeaud. Eu ordenei-lhe que fizesse

halto a huma legua de distancia deste lado de Villa Franca, por detraz das alturas, d'onde se descubrio todo o exercito inimigo em ordem de batalha, em tres linhas. Huma grande baixa, a estrada, e huma ponte intersectada cubriam a frente; a sua esquerda se aproximou á aldea de S. Cugat, no que os nossos atiradores o anticiparam. Eu tive por hum momento a esperança de que este exercito desdobrado daria tempo a completarem-se os nossos movimentos; porem Lord Bentinck, sabendo sem duvida que havia perigo na sua posiçaõ, somente dezejou fazer huma apparencia por hum momento. Elle levantou campo e passou pelas linhas. Começou immediatamente a retirada, em boa ordem, para Villa Franca. Eu mandei avançar a artilharia e cavallaria; a qual brevemente causou alguma desordem nas columnas do inimigo.

Em quanto passavamos a baixa, e a minha infanteria desembocava para seguir a marchar sem demora, o inimigo deixou Villa Franca, e se tornou a formar na retaguarda. Com huma honrada confiança, que se naõ enganou, todos os habitantes ficaram em suas cazas, e viram respeitadas as suas pessoas, e a sua propriedade, no meio de huma das mais vivas acçoens. A cavallaria começou a alcançar a retaguarda, quando esta deixava a Villa: o Coronel Christophe, á frente dos hussares, e de hum esquadraõ de couraçeiros, apertou vivamente a artilheria que tinha desordenado: hum fogo de infantaria, que se achava de embuscada, e os hussares de Brunswick, cubriram o movimento do inimigo; e se fizeram ataques de ambas as partes com muito vigor. A brigada do regimento 24 de dragoens, e a cavallaria ligeira Westphaliana manobrou ao mesmo tempo na direita: o General Meyer, que a conduzio, encontrou o regimento de cavallaria Ingleza No. 20, e alguns hussares de preto; atacou-os com dous esquadroens, o primeiro á frente das tropas achou opposiçaõ do Coronel Bentinck, commandante da cavallaria inimiga, deram-se mutuamente alguns golpes de espada.

Em quanto assim estavamos mixturados, hum batalhaõ, occulto em huns matos e vinhas, abrio repentinamente o mais vivo fogo; o resto do regimento 24 de dragoens marchou adiante, seguido pelo batalhaõ, commandado por M. Bugeaud, que em todo o dia formou a guarda avançada do exercito. O inimigo, a favor deste ultimo esforço, passou huma segunda baixa, e queimou a ponte na estrada, deixando mais de 150 cavallos, que foram tomados, e ainda maior numero de mortos, feridos, e prizioneiros. Os hussares de preto, ou do Duque de Brunswick, soffreram particularmente nestas ultimas acçoens; desde este momento nos chegaram prisioneiros em consideravel numero. O exercito Inglez oc-

cupou por hum momento a posiçaõ de Arbes, e de La Vendreil, de onde, pela noite, alcançou a estrada de Allafulla, que he hum continuo desfiladeiro no costa do mar. Parece que se vai postar para Cambrils e Hospitalet; os doentes foram retirados de Tarragona, e toda a frota se aprezentou para cubrir a sua retirada. Nós nos adiantamos para a parte de Vendreil, aonde postei o General Meyer com a guarda avançada. Tendo se retirado parte dos Hespanhoes, pela estrada de Igualada, a cavallaria ligeira os atacou com o seu valor ordinario, e nos trouxe alguns homens e cavallos, pertencentes aos dragoens de La Mancha, tropas perfeitamente bem montadas, e bem parecidas.

O General Bentinck, aos 15, me escreveo pedindo-me permissaõ para fazer as ultimas honras ao capitaõ de dragoens Hanson, homem de grande distincçaõ por seu valor: eu me dei pressa a permittir, que assistisse hum official Inglez.

O inimigo perdeo mais de 3,500 homens, naõ somente em mortos e feridos, mas tambem em prisioneiros e desertores, sem incluir a perda de sua bagagem e artilharia. As tropas que entraram em combate merecem os maiores elogios; a artilharia servio com a maior distincçaõ, e cada arma mostrou hum ardor illimitado, e grande devoçaõ. Rogo a V. Excellencia que receba a lista dos differentes soldados que mereceram premios, e que a submeta a S. M.

Sou, &c.

O Marechal Duque D'ALBUFERA.

P. S. Todas as noticias que recebi das fortalezas de Denia, Sagunto, Peniscola, Morella, Lerida, Tortosa, e Mequinenza, saõ mui satisfactorias; as suas guarniçoens estaõ em mui bom estado; ellas tem derrotado o inimigo, em toda a parte em que elle tem feito movimentos juncto a ellas.

O General Baraõ Robert, que commanda em Tortosa, queimou todos os botes, que o inimigo tinha ajunctado no Ebro Inferior, e ganhou brilhantes vantagens.

Paris, 4 de Outubro.

O Senado se ajunctou hoje 4 de Outubro pelo meio dia, sob a presidencia de S. A. Serenissima o Principe Archichanceller do Imperio, que foi recebido segundo a forma usual.

S. A. Serenissima, tendo tomado o seu lugar, abrio a sessaõ, e disse :—

" Senhores !—Trago ao Senado, por ordem de S. M. o Imperador e Rey, os documentos relativos á guerra com Austria e Suecia.

" Esta communicaçaõ, determinada pelas leys do Estado somente tem sido demorada por accidentes imprevistos.

" Explicaçoens sobre taõ grandes interesses naõ accrescentariam cousa alguma á convicçaõ, que vos deveis ter pelo conhecimento de factos, que somente de per si informam, e naõ podem ser suppridos pelo raciocinio.

" Ha, porem Senhores, huma circumstancia em que me demorarei, e que naõ escapara a vossa sabedoria, nem a attençaõ da Europa. A continuaçaõ da guerra he contraria aos dezejos de S. M. Elle tem feito tudo para impedir que recomeçassem as hostilidades ; e vereis que, ainda quando se perderam as esperanças de accommodaçaõ, o Imperador manifestou o dezejo de que se tornasse a ajunctar hum Congresso, e trabalhou seriamente em reconciliar os interesses dos differentes belligerentes."

Tendo S A. R. acabado de fallar, hum dos Secretarios leo os sobreditos documentos officiaes. Depois desta communicaçaõ, o Senado, a proposiçaõ de S. Excellencia o Conde Lacepede, presidente annual, deliberou sobre apresentar a S. M. o Imperador e Rey, hum Memorial de Agradecimentos, e encarregou ao official correspondente, que o preparasse.

Paris, 5 de Outubro.

S M. a Imperatriz Raynha, Regente, recebeo as seguintes noticias do exercito, em data de 29 de Septembro :—

O Imperador tem dado o commandado de hum dos corpos das guardas novas ao Duque de Reggio. O Duque de Castiglione se poz em marcha com o seu corpo, para tomar huma posiçaõ nas desembocaduras do Saale. O Principe Poniatowski marchou com o seu corpo para Peneg. O General Conde Bertrand, aos 26, atacou o corpo d'exercito inimigo de Berlin, que cubria a ponte lançada em Wurtemburgo, forçou-o, tomou-lhe alguns prisioneiros, e o expulsou pelejando até á cabeça de ponte. O inimigo evacuou a margem esquerda, e destruio a sua ponte. O General Bertrand mandou immediatamente destruir a cabeça de ponte. O

Principe de Moskwa marchou contra Oranienbayn, e o 7. corpo contra Dessau. Huma divisaõ Sueca, que estava em Dessau, se deo pressa a passar para a margem direita. O inimigo foi igualmente obrigado a destruir a sua ponte; e se arrazou a cabeça de ponte. O inimigo atirou da outra parte do rio algumas bombas que cahiram em Wittenberg.

Aos 28, o Imperador passou revista ao 1. corpo de cavallaria nas alturas de Weissig.

O mez de Septembro tem sido muito máo, muito molhado, contra o que he usual neste paiz. Espera-se que o mez de Outubro sera melhor.

O Principe de Neufchatel está melhor de sua febre biliosa; e vai convalescendo.

Paris, 7 de Outubro.

Hoje, quinta-feira, á huma hora, S. M. a Imperatriz Raynha e Regente sahio do Palacio das Thuillerias, e foi ter ao Senado, com o sequito, ordem, e procissaõ, que se publicou nos jornaes.

Os Gram-Officiaes do Senado, e 24 Senadores, receberam a S. M. na porta exterior do seu Palacio. A Imperatriz Raynha e Regente tendo descançado no quarto, que estava preparado para à receber, foi ter ao salaõ das sessoens.—(Seguia-se aqui os nomes e ordem da procissaõ dos Creados, Officiaes de Estado, &c.) Quando S. M. chegou, todos os Senadores se descubriram, e puzeram de pé.

S. M. subio ao throno colocado á esquerda do Imperador, e os Ministros e Gram-officiaes se sentáram em cadeiras á direita e esquerda. S. M. entaõ fez a seguinte falla:—

"SENADORES!—As principaes Potencias da Europa indignadas pelas pretençoens da Inglaterra, uniram, no anno passado, os seus exercitos aos nossos, para obter a paz do mundo, e o restabelecimento de todas as naçoens. Com as primeiras casualidades da guerra se despertaram as paixoens dormentes. A Inglaterra, e a Russia conduziram a Prussia e Austria a unir-se a sua causa. Os nossos inimigos desejaram destruir os nossos alliados, e castigallos por sua fidelidade. Desejaram levar a guerra ao seio de nosso bello paiz, vingar os triumphos, que levaram nossas victoriosas aguias ao centro de seus Estados. Eu sei melhor que ninguem o que o nosso povo teria de temer, se jamais soffresse ser conquistado. Antes que eu subisse ao throno, a que fui chamada pela escolha de meu augusto esposo, e pela vontade de meu

pay, tinha a melhor opiniaõ da coragem e energia deste grande povo. Esta opiniaõ tem crescido todos os dias, por tudo quanto tenho visto debaixo de meus olhos. Informada, por estes quatro annos passados, dos mais intimos pensamentos de meu esposo, sei que sentimentos o agitariam sentado em throno envilecido, e debaixo de huma coroa sem gloria.

" Francezes, o vosso Imperador, o vosso paiz, e a vossa honra vos chamam."

O Principe Archichanceller tendo recebido as ordens de S. M. permittio que fallasse o Ministro da Guerra, o qual subio á tribuna, e leo hum relatorio dirigido ao Imperador.

O Principe Archichanceller, tendo outra vez recebido as ordens da Imperatriz, permittio que, em nome de S. M. fallasse o Conde Reynaud, hum dos dous Oradores do Conselho de Estado, que apresentou ao Senado hum projecto de Senatus Consultum, depois de ter explicado os seus motivos.

O projecto do Senatus Consultum tem por objecto huma leva de 280,000 homens, 120,000 dos quaes seraõ das classes de 1814, e annos precedentes; nos departamentos, que naõ tem contribuido para a ultima leva de 30,000 homens; e 160,000 da conscripçaõ de 1815.

O Conde de Lacepede se levantou e disse :—

" Senora !—Antes que proponha ao Senado medidas relativas ao projecto do Senatus Consultum, que acaba de ser apresentado, tenho a honra de pedir a V. M. Imperial e Real que me permitta offerecer-lhe, em nome de meus collegas, a respeitosa homenagem de todos os sentimentos de que estamos penetrados vendo que V. M. preside no Senado, e ouvindo as memoraveis palavras, que pronunciastes do throno. Com que gratidaõ, com que religioso cuidado, conservaremos nós para sempre a sua memoria!

" Senadores!—Tenho a honra de propor-vos, que se remetta o projecto a huma Commissaõ."

Em conformidade das ordens da Imperatriz Raynha e Regente, o Principe Archichanceller propoz a votos, a proposiçaõ do Conde Lacepede, que foi adoptada. Procedeo-se ao escrutinio para a nomeaçaõ da commissaõ. A commissaõ será compostá do Conde Lacepede, Duque de Dantzic, Conde de la Apparent, Conde Dejean, Conde Colchen. Fará o seu relatorio sabbado que vem.

S. M. adiou a sessaõ, e voltou para as Thuillerias com o seu sequito. A partida da Imperatriz do palacio das Thuillerias, a sua chegada ao palacio do Senado, e a sua volta para

as Thuillerias, fôram annunciadas por salvas de artilharia. S. M. foi acompanhada em seu progresso de gritos "Viva a Imperatriz!" "Viva o Imperador!"

Paris, 9 *de Outubro*, 1813.

Hoje, sabbado, se ajuntou o Senado Conservador, sob a Presidencia do Principe Archichanceller do Imperio, entaõ o Senador, Conde Dejean, em nome da commissaõ especial nomeada na sessaõ de 7 deste mez, fez o relatorio sobre o projecto de Senatus Consultum, apresentado naquelle dia, relativo á leva de 280,000 homens; e o Senatus Consultum foi approvado pelo Senado.

SESSAÕ DO SENADO A 4 DE OUTUBRO DE 1813.

GUERRA COM A SUECIA.

Relatorio a Sua Magestade o Imperador e Rey.

Sire,

Por hum tratado assignado em Fontainebleau a 31 de Outubro de 1807, com Sua Magestade o Rey de Dinamarca, Vossa Magestade garantio a este Soberano a integridade, e independencia de seos Estados.

Posto que estes empenhos fossem conhecidos pela Suecia, esta offereceo em 1810 fazer cauza commum com a França na guerra que se preparava contra a Russia, se Vossa Magestade consentisse em lhe garantir a acquisiçaõ da Norwega que ella ardentemente dezejava sem outros direitos, sem outros titulos mais que sua conveniencia. Vossa Magestade tomou esta proposta como hum ultrage. Nenhuma consideraçaõ podia mover a V. M. a trahir os interesses da sua Alliada.

A Suecia foi procurar n'outra parte o apoio que V. M. recuzava prestar á sua ambiçaõ. Unio-se a vossos inimigos para despojar Vossa Alliada: offereceo á Russia, em paga dos bons officios, ou do emprego das forças que lhe deviaõ segurar a acquiziçaõ da Norwega, tomar parte na guerra contra a França. Hum artigo especial do tratado assignado

em Petersburgo a 24 de Março de 1812, determinou, que no cazo em que a Dinamarca consentisse na cessaõ da Norwega, se lhe concederiaõ indemnizaçoens, que só podiaõ verificar-se em territorio Francez.

Estes empenhos sem exemplo nos annaes dos povos, fizeraõ-se communs a Inglaterra, e por huma transacçaõ de 3 de Maio ultimo, esta Potencia accedeo ás convençoens ja existentes entre a Russia e a Suecia, e garantio a uniaõ da Norwega aos Estados de S. M. Sueca, como parte integrante de seu Reyno.

Por estes dois tratados, a Suecia se poz em estado de guerra contra V. M.

Mas ha ja longo tempo que ella tinha violado o tratado de paz de 6 de Janeiro de 1810. Esquecendo-se das condiçoens generozas que V. M. lhe tinha concedido; desprezando a obrigaçaõ que tinha contrahido em premio da restituiçaõ da Pomerania Sueca, de fechar os portos ao Commercio Inglez, ella lhos havia aberto desde aquelle mesmo anno: elles converteraõ-se em verdadeiras colonias Inglezas: nelles rezidiaõ consules Britanicos; e posto que a Suecia tivesse declarado guerra á Inglaterra, as frotas, e comboys desta Potencia entravaõ livremente e se demoravaõ em suas bahias. Os generos coloniaes, e as mercadorias Inglezes se accumulavaõ em seos portos para serem transportadas para a Pomerania, e inundarem dalli o Continente.

Tudo isto naõ era bastante para a Suecia: ella veio a vias de facto contra os vassallos de V. M.: elles foraõ assassinados no posto de Stralsund, sem que fosse possivel obter huma reparaçaõ sufficiente deste attentado. Navios com a bandeira de V. M. foraõ maltratados em alto mar pelos navios da marinha Sueca. Hum delles, o Mercurio, atacado á viva força na Sond pelo brigue de guerra *Venta-litle* foi conduzido a hum porto Sueco, onde sua equipagem foi posta em ferros.

Todas as representaçoens do Governo de V. M. foraõ inuteis: consequentemente V. M. ordenou que a Pomerania fosse occupada ate que a Suecia desse as satisfaçoens que devia á dignidade da vossa coroa. V. M. sentia uzar de rigor para com huma Naçaõ que estima, e que, durante quasi duzentos annos, tinha seguido o systema da França.

Estas dispoziçoens, Sire, que só tinhaõ tido por objecto fazer voltar a sentimentos mais justos hum amigo que desconhecia as suas obrigaçoens, foraõ ferir hum inimigo ja ligado contra nos. Em execuçaõ destes empenhos, cujas estipulaçoens principaes acabo de aprezentar a V. M., he que as

tropas Suecas, no principio desta campanha, se atreveraõ a invadir o territorio Francez.

V. M. por hum novo tratado com a Dinamarca, estreitando os laços que a ligaõ a esta Potencia, e unindo-se mais estreitamente á sua cauza, contrahio o reciproco empenho de declarar a guerra á Suecia.

Eu proponho a V. M. o fazer publicar o estado da guerra entre a França e a Suecia, e ordenar ao mesmo tempo que o tratado de 10 de Julho ultimo concluido entre a França e a Dinamarca, seja communicado ao Senado, e promulgado como lei do Estado, na conformidade de nossas Constituiçoens.

Dresda, 20 de Agosto de 1813.

O Ministro dos Negocios Estrangeiros,

(Assignado) DUQUE DE BASSANO.

COPIA

Do tratado entre a França e a Dinamarca assignado em Copenhague, a 10 de Julho de 1813.

Sua Magestade o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, &c. e S. M. o Rey de Dinamarca, e da Noruega, &c. &c. querendo apertar mais estreitamente os vinculos da alliança, que felismente subsiste entre elles, e julgando necessario entenderem-se a respeito do que exige, nas circunstancias actuaes o interesse da cauza commum, nomearaõ para Plenipotenciarios, a saber.

S. M. o Imperador dos Francezes, &c. &c. o Snr. Baraõ d'Alquier, seu enviado extraordinario, e ministro plenipotenciario na Corte de Copenhague ;

E S. M. o Rey de Dinamarca, o Snr. Niels Rosenkrans, &c. seu Ministro intimo, e Chefe da Repartiçaõ dos Negocios Estrangeiros ; os quaes depois de se terem communicado seos plenos poderes respectivos, convieraõ nos artigos seguintes :

Artigo 1. As duas altas partes contractantes garantem reciprocamente a integridade de suas possessoens, tanto Europeas, como coloniaes.

2. Tendo-se a Russia, e a Inglaterra obrigado a apoiar as vistas da Suecia sobre a invazaõ da Noruega ; tendo a Prussia da sua parte adherido a seos empenhos, os quaes por sua

natureza constituem a Suecia, a Russia, e a Prussia em estado de hostilidade contra a Dinamarca:

E tendo-se a Suecia resolvido a estes projectos de *invadimento* contra huma Potencia alliada da França, posto que ella tivesse conhecimento da garantia dos Estados Dinamarquezes, estipulada a 31 de Outubro de 1807, pelo tratado de Fontainebleau; mas tendo alem disso tomado, de concerto com a Inglaterra, a Russia, e a Prussia, o empenho de constranger a Dinamarca a unir suas forças ás dos inimigos da França, a fim de conquistar huma indemnidade pela Noruega no territorio do Imperio Francez.

Estas duas altas partes contractantes declararaõ a guerra, a saber; a França á Suecia; e a Dinamarca á Russia, a Suecia, e á Prussia.

As declaraçoens de guerra teraõ lugar de huma, e de outra parte nas vinte e quatro horas que se seguirem a notificaçaõ da ruptura do armisticio que actualmente existe entre a França, e a Russia e seos respectivos alliados.

3. Estas duas altas partes contractantes se obrigaõ a mutuamente se ajudarem com todos os seos meios para a defensa da cauza commum.

4. Ellas se obrigaõ igualmente a naõ tratar da paz com seos inimigos communs senaõ de concerto.

5. Os anteriores tratados existentes entre as duas Potencias saõ mantidos, e confirmados em todas as estipulaçoens naõ derogadas pelo prezente.

6. O prezente tratado sera ratificado, e as ratificaçoens seraõ trocadas em Dresda no espaço de quinze dias, ou antes sendo possivel.

Em fe do que nos abaixo assignados, em virtude de nossos plenos poderes, os temos assignado, e sellado com o sello das nossas armas.

Feito em Copenhague, a 10 de Julho de 1813.

(Assignados) O Baraõ de Alquier.
Niels Rosenkranz.

GUERRA COM A AUSTRIA.

Relatorio a Sua Magestade o Imperador e Rey.

SIRE,

A primeira guerra da Austria contra a França durou seis annos. Ella terminou pelos preliminares de Leoben. O

exercito Francez estava entaõ senhor da Hollanda, da Belgica, das margens do Rhin, das provincias Italianas da Austria, do Condado de Gorice, da Istria, da Styria, da Carinthia, do Tyrol ; elle estava postado sobre as alturas de Sumering-Berg, a pouca distancia de Vienna, que a Corte tinha ja abandonado.

A moderaçaõ do vencedor parecia huma garantia da duraçaõ da paz ; mas apenas tinhaõ decorrido quinze mezes, chegou-se a persuadir ao Gabinete de Vienna que tudo estava mudado em França : hum exercito Francez estava nas margens do Nilo, e a desordem da administraçaõ interior tinha conduzido o Governo a licenciar huma grande parte das tropas. A Austria correo ás armas.

O tratado de Luneville poz fim a segunda guerra d'Austria, que durou dois annos. Os exercitos Francezes estavaõ sobre o Save, e nesse mesmo Leoben onde a primeira guerra tinha sido terminada.

Conceberaõ-se lizongeiras esperanças de que a paz seria de longa duraçaõ ; julgou-se que o Gabinete Austriaco, que se tinha rezolvido a romper os empenhos de Leoben pela consideraçaõ do estado em que se achava entaõ o interior da França, naõ teria para o futuro motivo para romper a paz, quando taes circunstancias ja naõ existiaõ.

A França consagrava todos os seos esforços ao restabelecimento da sua marinha, e aos preparativos dirigidos contra a Inglaterra. A Italia estava desguarnecida de tropas e nosso estado militar se achava no pé de paz. Nosso unico exercito estava junto em Bolonha.

O Gabinete de Vienna esqueceo-se das liçoens do passado. Ligou-se com a Russia e com a Inglaterra ; e os exercitos Austriacos marcharaõ para a Baviera. O exercito Francez apossou-se em breve da Capital, e dos tres quartos da Monarquia ; elle podia dictar leis duras ; consentio em condiçoens moderadas, e o tratado de Presburgo foi assignado na Capital da Hongria.

A terceira guerra de Austria terminou em tres mezes : ella acabou como a terceira guerra punica, pela tomada da Capital. Esta infeliz cidade naõ tendo tido parte nas paixoens do seu gabinete, estranha á ambiçaõ que tinha dirigido a sua politica, gemendo por cauza de erros de que ella era victima, foi o objecto das consideraçoens, e respeitos do Vencedor. Todo o mundo se persuadio, que o Gabinete de Vienna, esclarecido pela experiencia, só cuidaria para o futuro de conservar a paz. Mas quatro annos depois, V. M. estava em Hespanha ; e a Austria confiando-se nos immensos armamentos que ella tinha de longo tempo preparado ; tendo 400,000 homens em armas, naõ vendo algum exercito

que a podesse embaraçar de chegar ás margens do Rhin, naõ examinou se huma nova guerra era justa; ella naõ calculou a sorte da guerra, julgou o bom successo seguro; e rezolvida por esta consideraçaõ unica, invadio a Baviera.

Em tres mezes, o exercito Francez estendeo suas conquistas ate a Hongria, e Moravia; occupou segunda vez a capital, e ficou senhor da maior parte do territorio da Monarquia. A existencia mesmo do Imperio de Austria se achava compromettida. Mas as consideraçoens do vencedor estavaõ constantemente dirigidas para hum unico fim—o de forçar a Inglaterra a reconhecer em fim os direitos maritimos de todas as naçoens, sem os quaes naõ pode existir nem equilibrio, nem repoizo na Europa, elle consentio em assignar o tratado de Vienna, que poz termo á quarta guerra de Austria, e cuja moderaçaõ espantou o mundo. Se acazo se naõ julgou que a paz seria eterna, houve ao menos lizongeiras esperanças de que ella tivesse huma longa duraçaõ.

Com effeito o Gabinete de Vienna pareceo reconhecer seos verdadeiros interesses, naõ cuidar em fim senaõ em reparar suas perdas, em fazer desapparecer e curar a ferida do papel moeda, que devorava a fortuna publica, e a dos particulares, e em fundar a prosperidade do estado sobre huma politica sabia, e nenhuma longa paz. Elle licenciou seu exercito, e as necessidades de sua organizaçaõ interior fixáraõ toda a sua attençaõ. A guerra entre a França, e a Russia tornou-se eminente: a Austria antecipou os dezejos da França, e lhe propoz sua alliança. Assignou-se hum tratado a 14 de Março de 1812: hum exercito Austriaco marchou com o exercito Francez para a defensa dos grandes interesses do Continente; e o sangue Austriaco correo nos combates contra os Russos.

Os politicos que só olhavaõ para os principios adoptados ate entaõ pelo Gabinete de Vienna, espantavaõ-se de huma alliança, que elles sabiaõ que era contraria a seos sentimentos secretos: mas outros politicos naõ menos esclarecidos julgando das disposiçoens á vista da situaçaõ real, vendo sahir a Austria, depois de tantos sacrificios, de huma luta, que por quatro vezes lhe havia sido funesta, considerando o calamitozo estado de suas finanças, os embaraços de sua administraçaõ, as complicaçoens de sua organizaçaõ interna; julgavaõ que ella queria renovar o systema de Kaunitz, e assegurar, como pelo tratado de 1755, huma longa paz, que lhe desse tempo de recoperar sua antiga prosperidade. Elles pensavaõ que seu interesse bem entendido a conservaria na alliança. Como transacçaõ de circunstancia, o tratado de 14 de Março de 1812, era huma falta de gabinete: mas considerado independentemente da Guerra da Russia, olhado

como a base de hum systema que devia segurar quarenta annos de paz, a alliança parecia dictada por grandes vistas; ella era o meio mais efficaz para cicatrizar tantas feridas, que ainda vertiaõ sangue.

Estas consideraçoens, por mui tocantes que fossem, naõ se acharaõ fundadas. A alliança de 1812 naõ foi o rezultado de hum systema, mas o producto das circunstancias. Logo que os desastres dos mezes de Novembro, e Dezembro ultimo foraõ conhecidos pelo Gabinete de Vienna, elle julgou que a fortuna tinha abandonado a França, e se apressou a adoptar outro systema: de governo alliado, a Austria converteo-se em inimigo poderozo: o corpo auxiliar, que combatia com o exercito Francez foi o *noyau* do principal exercito destinado a combater.

Com tudo, acontecimentos inesperados tinhaõ escapado a toda a previdencia: elles naõ tinhaõ entrado nos calculos da Austria: ella estava sem finanças, sem exercitos: está provado que todos os seos esforços naõ poderiaõ chegar no mez de Janeiro a pôr em armas 60,000 homens. Tendo tomado sua rezoluçaõ antes de ter os meios de a sustentar, e calculando que lhe seriaõ precizos seis mezes para se achar em estado de aprezentar hum exercito em campo de batalha, o Gabinete de Vienna conheceo a necessidade de occultar seos projectos debaixo das apparencias de fidelidade a seos empenhos, e do amor da paz. Elle propoz sua mediaçaõ as Potencias belligerantes, mas ao mesmo tempo começou suas levas, e correo ás armas. O Ministro que dirigia suas finanças entregue todo a restauraçaõ da Monarquia, tinha, posto que inimigo da França, adherido á alliança, como o unico meio de conseguir o restabelecimento dos negocios interiores. Elle oppoz a mais forte resistencia á guerra, e deo-se-lhe hum successor. Crearaõ-se immediatamente 100 mil francos de hum novo papel moeda; transtornaraõ-se os planos de ordem, e de economia adoptados, e o Gabinete se precipitou na guerra. Em vaõ os homens illustrados reprezentavaõ, que o exercito naõ existia; que os cascos dos regimentos naõ podiaõ completar-se senaõ com recrutas, que eraõ precizos, ao menos, desoito mezes para reorganizar o estado militar da Austria, que os negocios dos grandes naçoens naõ se conduzem, e governaõ aos empurroens, que hum grande systema naõ he obra de hum improvizo; que, visto naõ se ter renunciado a entrar em luta com a França, teria sido precizo ficar neutral em 1812, e tratar desde entaõ de restabelecer o exercito: mas que tendo adoptado a alliança em 1812, era precizo persistir nella em 1813: elles reprezentavaõ que com huma sabia politica e alguma prudencia em obrar, a Austria podia tirar

partido das circunstancias, colher vantagens reaes sem se expor á sorte de huma guerra em que ella se tornaria parte principal, que exigira exercitos na Silezia, na Saxonia, na Baviera, na Italia: que aprezentar-se em huma luta sem se ter preparado para ella, era expor-se a catastrophes funestas, ou pelo menos arremeçar-se ao meio de todas as incertezas de huma guerra longa, e geral em que toda a Europa ia entrar. Que se, com tudo, se julgavaõ favoraveis as circunstancias para a Austria recobrar sua influencia, era hum engano o naõ perceber que as bazes de toda a grandeza para hum Estado saõ boas finanças, hum bom systema monetario, e exercitos bem organizados, bem equipados; e hum bom exercito naõ consiste no grande numero de homens, mas na qualidade dos soldados: que perseverando por alguns annos no systema de alliança, a Austria teria recuperado sua antiga prosperidade, e com ella esta independencia real que funda huma boa administraçaõ interna, e militar.

Mas os partidistas da guerra respondiaõ—que se raciocinava como se a França fosse a mesma; entretanto que a fortuna tinha mudado; entretanto que a flor dos seos soldados tinha sido devorada pelos flagellos do inverno: elles diziaõ que se a Austria naõ tinha senaõ recrutas, era só contra recrutas que ella tinha de combater: que nenhum Governo podia re-crear aquella cavallaria Franceza, taõ formidavel que em Retisbona, e em Wagram, tinha decidido a victoria: que tinha chegado o momento de realçar as aguias Austriaças, de humilhar as aguias Francezas, e de fazer entrar a França nos seos antigos limites.

Desde o mez de Abril, o Gabinete de Vienna se obrigou, e promettéo aos inimigos da França de se achar a 20 de Junho no campo da batalha com 150,000 homens.

No entanto que a Austria se armava abertamente, o Gabinete fazia huma guerra de insinuaçoens para enfraquecer a França tentando a fidelidade de seos alliados. Elle mostrou a Austria, á Dinamarça, á Saxonia, á Baviera, á Wurtemberg, e mesmo á Napoles, e á Westphalia, como amiga, e alliada da França, que só queria a paz, que nada dezejava para si mesma. Elle as induzia a que naõ fizessem armamentos inuteis, a que naõ dessem á França soccorros, que naõ teriaõ objecto; porque naõ se tratava de pelejar, mas de fazer a paz, porque a Austria teria 150,000 homens em armas para os pôr na balança contra aquelle dos dois partidos que quizesse continuar a guerra. Estas insinuaçoens naõ podiaõ impor hum momento, senaõ aos Gabinetes mui pouco esclarecidos para acreditar o desinteresse do Gabinete Austriaco.

Mas as batalhas de Lutzen, e de Wurtschen espantaraõ ainda mais que os desastres de Novembro, e Dezembro, aquelles que taõ mal tinhaõ julgado a cerca dos meios da França, e previsto taõ pouco os acontecimentos: talvez quereriaõ elles retrogradar; mas o Gabinete estava empenhado: elle se esforçou em attribuir as novas victorias á cauzas independentes da força dos exercitos Francezes; todavia, sua marcha tornou se incerta; propoz as mais contradictorias pertençoens; queria ser alliado da França, pondo de parte todas as clauzulas do tratado de alliança; queria ser mediador, e ficar ligado a nossos inimigos.

Respondeo-se-lhe que a Austria era senhora de renunciar a alliança; que a França naõ se offenderia disso, mas que naõ queria esses meios termos, recursos communs da irrezoluçaõ, e da fraqueza. Aceitou-se a convocaçaõ e abertura de hum Congresso, posto que se previo que elle naõ teria hum prompto rezultado para a guerra actual, mas como hum meio de conservar abertas as negociaçoens, que conduzissem hum dia á paz.

Eu naõ exporei aqui a maneira com que o Gabinete Austriaco exerceo a mediaçaõ: taõ pouco me demorarei mais á cerca do Congresso de Praga; elle naõ existio.

Depois das batalhas de Lutzen, e de Wurtschen, a Russia, e a Prussia estariaõ sinceramente dispostas para tratar, se ellas naõ tivessem a esperança de induzir a Austria a entrar em sua luta, e de lançar sobre ella o pezo da guerra. Tal he o circulo viciozo em que o Gabinete de Vienna tem posto a Europa: elle pertendia conduzir nossos inimigos a fazer a paz, e ligando-se com elles, tomando sobre si mesmo a maior parte dos perigos, e dos sacrificios, os animava a fazer a guerra: elle pensava que conduzia as Potencias, e era por ellas conduzido: ellas o impelliaõ para a guerra por seu unico interesse. A Russia, sublevando os povos desde o Vistula ate o Rhin concebeo a esperança de levantar entre nos e ella huma barreira de desordem, e de anarquia: frustrada esta tentativa, offereceo-se-lhe outro meio; aproveitou-o destramente; e precipitou a Austria na guerra.

O Gabinete Austriaco, depois das frequentes experiencias que tinha tido do poder dos exercitos Francezes, naõ podia seriamente pensar, em nos repellir, dentro d'alguns mezes, para os nossos antigos limites: seriaõ precizos vinte annos de victorias para destruir o que vinte annos de triumphos crearaõ. Mas, se tal era o seu pensamento, porque razaõ depois da paz de 1809 licenciou a Austria os seos exercitos? Porque razaõ se alliou com França em 1812?

Nenhum dos passos do Gabinete de Vienna tinha escapado ao das Tuilerias. Desde o mez de Novembro a mu-

dança de systema da Austria tinha sido prevista; e se o Governo pedio á Naçaõ levas extraordinarias, quando o General d'York nos trahio, porque esta traiçaõ lhe fez prever a deserçaõ da Prussia; elle exigio novas levas, quando a Prussia desertou, porque elle previo a deserçaõ da Austria. Esta previdencia he que tem desconcertado as combinaçoens do Gabinete de Vienna, e que por os exercitos Francezes em estado de fazer frente a todos os seos inimigos.

Mas, Sire, as Potencias colligadas conhecem que para tentar o complemento dos projectos, que ja naõ encobrem, devem fazer os maiores esforços. He necessario que á voz de V. M. se levantem novos batalhoens no seio da França para pôr vossos poderozos exercitos em estado de levar á vante a guerra com hum novo vigor, e prover a tudo o que possa acontecer.

Quando toda a Europa está em armas, quando, alem dos exercitos regulares, os Governos colligados chamaõ ao combate os *Landwehr*, os *Landsturm*, e fazem de todo o homem hum soldado, o povo Francez deve á sua segurança e gloria o mostrar huma nova energia. Elle deve consagrar á conquista de huma paz estavel esforços proporcionados aos que fazem seos inimigos para realizar os projectos de huma ambiçaõ sem limites.—Dresda, 20 d'Agosto de 1813.

O Ministro dos Negocios Estrangeiros
(Assignado) DUQUE DE BASSANO.

Os mais documentos officiaes que se leraõ na sobredita sessaõ parecem-nos muito interessantes; mas sendo muitos, e muito extensos; por isso os inseriremos em os No. 30 e 31 do nosso Jornal.

No dia 14 de Outubro se ajuntou o Senado Conservador as duas horas, sob a Prezidencia do Archi-Chanceller do Imperio.

O Senador Conde Segur, em nome de hum Committe especial nomeado na sessaõ de 12 de Corrente, fez relatorio sobre hum projecto de Senatus Consultum, aprezentado hoje, relativo á ilha de Guadalupe. O Senatus Consultum foi approvado pelo Senado, e se expedio o seguinte

DECRETO.

Artigo 1. Naõ se concluira tratado algum de paz entre o Imperador dos Francezes, e a Suecia, sem que a Suecia tenha previamente renunciado á posse da Ilha Franceza de Guadalupe.

2. He prohibido a todo o Francez na Ilha de Guadalupe, sobpena de deshonra*, o prestar juramento qualquer ao Governo de Suecia—aceitar delle algum emprego—darlhe qualquer auxilio.

3. O prezente Senatus Consultum será transmittido por huma mensagem a S. M. o Imperador†.

Pelo Imperador, em virtude dos poderes, que nos foraõ confiados.

(Assignada) MARIA LUIZA.

Pela Imperatriz Regente, CAMBACERES, DUQUE DE CADORE.

EXERCITO DA CATALUNHA.

Extracto de huma carta a S. Excellencia o Ministro da Guerra, escripta pelo General Decaen, commandante do exercito da Catalunha, datada de Gerona, 7 de Outubro, 1813.

MONSEIGNEUR!

Tinha eu ordenado ao General de Divisaõ Lamarque, que marchasse para Olot, com a brigada Petit, composta dos regimentos 67, e 113; e hum esquadraõ do 29; a fim de observar os movimentos dos Hespanhoes, que se dizia terem alguns designios contra La Cerdagne, nas Fronteiras de França.

* Os habitantes de Guadalupe deixáraõ de ser vassallos de S. M. Corsica, ha muito tempo: prestáraõ juramento de fidelidade a S. M. Britanica, a quem a ilha de Guadalupe pertence pelo Direito de Conquista. Com que direito pois decreta o mais infame Senado, *Conservador* do mais infame tyranno, a respeito dos habitantes de huma ilha, que lhe naõ pertence, e que naõ saõ subditos seos? E quem impoem a pena de *deshonra?* He hum senado que he a vergonha do seculo, e a *deshonra* da mesma França! Os Redactores.

† Se os encarregados de lha levarem, poderem chegar onde elle estiver. Os Redactores.

O General Petit manobrou, em conformidade das instrucçoens que tinha recebido. Aos 28 de Septembro estava em Campredon; aos 29 voltou para Olot; no 1. e 2. dia de Outubro marchou para o pé de Grau, na direcçaõ de St. Privat, e aproveitou-se da presença de suas tropas para exigir o pagamento das contribuiçoens; e ajunctar algumas requisiçoens para a subsistencia de sua brigada.

Os Hespanhoes incommodados com estes movimentos, se aproximáram a Olot aos 2; e tomaram huma posiçaõ, em numero de 3 á 4 mil homens, nas alturas de St. Privat.

O General Petit os reconheceo aos 3; resolveo atacallos aos 4 e expulsallos daquelles vizinhanças, o que se executou com vigor e discernimento.

O General Petit partio de Olot ao romper do dia; chegou pelas 7 horas da manhaã á presença do inimigo, e achando o mais forte do que na noite precedente; os regimentos de Burgos, Tarragona, Ausonia, &c. coroaram com duas linhas de infanteria as montanhas na direita, e esquerda de St. Privat; hum esquadraõ dos hussares de S. Narcisse estava em ordem de batalha no vale, protegido pela infanteria.

A brigada Franceza fez halto, para se formar, e descançar algum tanto; o inimigo tomou isto como effeito da irresoluçaõ; desceo com grande gritaria, e atacou vivamente algumas companhias de voltigeurs, que se formaram na vanguarda. O General Petit mandou immediatamente tocar ao ataque; os seus quatro batalhoens instantaneamente marcharam na direcçaõ que se lhe tinha prescripto; o inimigo admirado deste ataque se retirou de posiçaõ em posiçaõ, todas foram tomadas, e cubertas com os seus mortos.

As difficuldades do terreno, que demoravam a nossa marcha, permittiram que os Hespanhoes frequentemente se tornassem a formar; o fogo foi mui vivo desde as 8 horas até o meio dia; e durou até as 4 horas de tarde. Por fim tudo foi obrigado a ceder, ante a infatigavel coragem de nossas tropas, que perseguiram o inimigo por varias leguas do campo de batalha, e o dispersaram completamente. Nos tomamos somente alguns prisioneiros; mas elle perdeo muita gente na retirada, pelo fogo de nossa mosqueteria, e grande numero se lançou pelos precipicios abaixo em sua fugida.

Esta acçaõ nos custou 2 officiaes, e 7 sub-officiaes e soldados mortos; e 7 officiaes, e 61 soldados feridos. Tenho a honra de remetter com esta a V. Excellencia huma lista da perda de cada regimento em particular.

As boas disposiçoens e comportamento do General Petit, saõ dignos de elogio. Elle foi excellentemente apoiado,

pela devoçaõ dos regimentos 113 e 67, de caçadores montados; e hum batalhaõ do regimento 11 de linha. Algumas companhias deste batalhaõ postas em reserva no monte Olivet, debaixo das ordens do Tenente coronel Jacques, fizeram hum movimento, com arte e denodo, que foi mui util ao ataque geral.

(Assignado) Conde DECAEN.

Paris, 21 *d'Outubro*, 1813.

No dia 20 recebeo-se hum despacho telegrafico transmittido de Moguncia pelo Duque de Valmy, em que diz que no dia 11 e 12 do Rey de Napoles, o Principe de Moskwa, e o Duque de Castiglione, bateraõ o inimigo por toda a parte onde o encontraraõ: tomaraõ hum grande numero de officiaes superiores, e 3,800 prisioneiros.

No dia 18 recebeo-se outro despacho telegrafico datado de Moguncia a 16, no qual se annunciava que a 9 o Duque de Castiglione acutilara, ou tomara 800 homens entre Naumburg e Weissenfels, e que as partidas inimigas que tinhaõ chegado ate Weimar, se tinhaõ retirado a toda apressa.

N. B. Estes dois despachos saõ evidentemente fabricados para de algum modo socegar a inquietaçaõ, e desgosto que reina em Paris pela falta de noticias do exercito. Se o Duque de Valmy recebeo taes noticias; se as communicaçoens de Moguncia ate o grande exercito Francez estaõ livres, porque se naõ expedem, ou porque naõ chegaõ correios a Paris com algumas noticias officiaes do *grande homem?* Naõ tem chegado: logo he porque se naõ tem podido expedir correios, ou porque estes tem sido interceptados, antes de Chegarem a Moguncia: porque de Moguncia para Paris estaõ as communicaçoens livres. Nestes mesmos forjados despachos naõ se diz onde está Bonaparte, nem onde está postado o seu grande exercito!! Tudo isto confirma o que diz Lord Aberdeen—*que a communicaçaõ de Bonaparte com a França está totalmente destruida.*

Mais: ate hoje servia-se Bonaparte das communicaçoens telegraficas para annunciar alguma grande victoria: agora serve-se dellas o Duque de Valmy para

dizer que naõ sabe de seu amo, nem do seu exercito!

No dia 17 deo a Imperatriz Regente audiencia ao Corpo municipal de Paris, que lhe foi protestar sua fidelidade e o *amor* que Paris e toda a França tem a seu marido, e a boa vontade com que os Francezes estaõ promptos a fazer todos os sacrificios para sustentar a gloria de seu tyranno. Todo o mundo sabe como estas fallas, e deputaçoens se arranjaõ em França: ellas naõ podem ser tomadas como a verdadeira expressaõ dos Francezes: escravos como elles saõ, fazem o que lhe dizem.

O Vice-Rey de Italia, que tem sido batido pelos Austriacos, e que se tem visto obrigado á retroceder, expedio o seguinte

DECRETO.

Artigo 1. Proceder-se-ha a huma leva de 15,000 homens tirados das conscripçoens dos annos de 1808, 1809, 1810, 1811, 1812, 1813, para o serviço do exercito activo.

2. A leva sera proporcional ao numero de homens que saõ disponiveis entre as classes daquelles annos.

3. Esta leva sera feita dentro de quinze dias depois da publicaçaõ do prezente Decreto.

4. O Ministro da Guerra fara conhecer os depozitos para os quaes os conscriptos devem ser enviados.

Segue-se huma proclamaçaõ datada de Gradisca a 11 de Outubro de 1813 ao Povo da Italia, feita no estilo de Bonaparte, de quem a Vice Rey provavelmente a recebeo: as mesmas fanfarronadas, as mesmas mentiras, os mesmos lugares communs: com tudo ella mostra evidentemente a inquietaçaõ, e susto do pobre rapaz, que se vio ja obrigado a abandonar a Carniola, e a Istria, e a ceder Trieste.

PORTUGAL.

Tendo o Excellentissimo Conde de Funchal convocado em 2 de Julho de 1812, na Caza dos Ministros de Portugal em Londres, os Portuguezes residentes na dita cidade, a fim de lhe propor huma subscripçaõ a favor dos desgraçados orfaons, que se acharaõ vagando pelas ruas de Lisboa, em consequencia da terceira invazaõ Franceza; e tendo encarregado desta arrecadaçaõ, e remessa para o seu destino aos Snrs. Joze Sebastiaõ de França, Custodio Pereira de Carvalho, e Manoel Ribeiro Guimaraens; estes realizáraõ as assignaturas seguintes.

Subscreveraõ.

	£.	s.	d.
O Conde de Funchal	50	0	0
Rafael da Cruz Guerreiro	20	0	0
J. S. De França	10	10	0
J. F. Duarte	10	10	0
J. C. Lucena	10	10	0
Ignatius Palyart	10	10	0
M. A. de Paiva	10	10	0
A. Rib. Braga	30	0	0
J. L. Ratton	10	10	0
Gregorio Franchi	6	6	0
J. R. Braga	10	10	0
Franc. Rolim	1	0	0
J. C. Stocqueler	10	10	0
F. Segueira	6	6	0
A. M. Pedra and Co.	40	0	0
Antonio Machado Braga } Antonio Joze Lour. Vieira }	10	10	0
Joaquim Andrade	10	0	0
Antonio Lopes da Cunha	5	5	0
J. A. Carn. Leaõ	10	0	0
Joaõ Chris. da Silva	10	0	0
Fructuozo	10	0	0
Sampayo	10	0	0
M. J. F. Camelo	10	0	0
F. J. Rodrigues	5	0	0

	£.	s.	d.
F. Pinto	5	0	0
J. D. Bomtempo	5	0	0
Antonio Rebello	10	10	0
S. Brown	5	0	0
M. Clamouse Brown	5	5	0
J. F. Pinto	5	0	0
Joaõ Allen	10	0	0
Antonio S. d'Amorim	10	0	0
J. A. G. d'Oliveira, Sobrinho	5	5	0
Jacome Ratton	3	0	0
Custodio Pereira de Carvalho	20	0	0
Rod. Navarro d'Andrade	20	0	0
Barrozo Martins Dourados, e Ca.	10	0	0
Soares e Irmaõ	10	10	0
Honorio Joze Teixeira	10	0	0
Ant. Ribeiro	5	0	0
Dr. B. J. d'Abrantes e Castro	10	0	0
Vicent. P. Nolasco	10	0	0
Joze Monteiro d'Almeida	20	0	0
Caetano Dias Santros	10	10	0
Guilherme Victor Fryer	10	10	0
M. Rib. Guimaraens	20	0	0
J. da S. Areias	3	0	0
Joze Duarte Silva	5	0	0
Manoel de Souza Freire	10	0	0
J. C. P. de Neyva	10	10	0
L. R. de Sa	10	10	0
Ambrozio Joaquim dos Reys	5	0	0
Antonio Juliaõ da Costa	10	0	0
Luiz Monteiro	10	10	0
Joaõ Coltsmann	20	0	0
Faria do Porto	15	0	0
Total	638	7	0

Os Senhores J. S. de França, Custodio Pereira de Carvalho, e Manoel Ribeiro Guimaraens, naõ só cuidáraõ zelozamente na cobrança da sobredita subscripçaõ, mas adiantáraõ a sua remessa da maneira seguinte—

	£.	s.	d.
Em huma letra sacada pelos Senhores A. M. Pedra e Fos. e Ca. em 7 do mesmo mez de Julho de 1812, a cargo dos Senhores Francisco Joze Roiz de Brito e Ca.	200	0	0
Em huma dita sacada em 25 do seguinte Agosto pelo Senhor Daniel Nunes Ribeiro, a cargo dos Senhores Ribeiro, Viuva Gaspar, e Filhos	400	0	0

Que mandáraõ entregar pelo Senhor Antonio Ribeiro Guimaraens . . .	36	4	4
Portes de Cartas, e corretagens das letras	2	2	8
Total	638	7	0

Estas quantias foraõ em Lisboa recebidas pelo Senhor Joze Bento de Araujo, que as entregou na Caza Pia do Desterro como consta de tres recibos, que nos foraõ aprezentados, da maneira seguinte—

£. s. d.		Reis.
200 0 0	em 21 d'Agosto ao Cambio de 69	695,652
400 0 0	em 23 de Sept. ao Cambio de 70	1,371,428
36 4 4	em 27 de Julho do cor. anno, ao do.	124,171
2 2 8	de corretagem, e portes de Cartas	
638 7 0		2,191,251

Cuja publicaçaõ os sobreditos Senhores nos pediraõ que fizessemos, para que os Senhores subscriptores fiquem scientes de que o seu dinheiro chegou ao fim para que o deraõ.

No momento em que hiamos mandar para a imprensa este artigo recebemos a seguinte conta corrente, relativa ao objecto de que se trata.

Deve a Caza Pia do Convento do Desterro em conta corrente comigo Joze Bento de Araujo, Haver

Deve

Anno	Mez	Dia	Descripção	Rs.
1812.	Outubro	6.	A dinheiro que hoje entreguei ao Administrador e Escrivaõ da mesma Caza Pia como do conhecimento da entrega que conservo	695,652
	Novem.	3.	A dito que mais entreguei aos ditos na mesma conformidade . . .	1,371,428
1813.	Agosto	11.	Idem ditto . .	124,171
			Total Rs.	2,191,251

Haver

Anno	Mez	Dia	Descripção	Rs.
1812.	Agosto	28	Por huma letra sacada de Londres á ordem do Comite nomeado para á sustentaçaõ dos infelises da Caza Pia que cobrei de Franc. Joze Roiz de Brito . . .	695,652
	Outubro	30.	Pòr 1 letra que na mesma conformidade me pagaraõ Rib. V. Gaspar e Fos. . . .	1,371,428
1813.	Julho	28.	Por dinheiro que de Londres me mandou entregar o Snr. Manoel Rib. Guimaraens, e recebi do Snr. Ant. Rib. Guimaraens . . .	124,171
			Rs.	2,191,251

Declaro e certifico que recebi e entreguei as quantias assima declaradas na conformidade que declara aconta supra cujas letras foraõ remetidas de Londres pelos Snrs. Manoel Ribeiro Guimaraeus, Joze Sebastiaõ de França, e Custodio Pereira de Carvalho, as quaes cobrei em seus dividos vencimentos, e entreguei seus productos ao Administrador e Escrivaõ da sobre dita Caza Pia, como consta dos conhecimentos da entrega que tinho em mui poder. Lisboa 2 de Outubro de 1813.

Joze Bento de Araujo.

Quartel General de Hernani, 1 *de Septembro de* 1813.

ORDEM DO DIA.

Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, tem a mais completa satisfaçaõ em mandar transcrever nesta ordem o Aviso, que abaixo segue ; por manifestar o bom conceito, que a Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino merecem os Officiaes, e Soldados do Exercito.

AVIZO.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.—Tendo levado á Presença dos Governadores do Reino os Officios, que Sua Excellencia o Marechal General Duque da Victoria ultimamente me dirigio, referindo os detalhes das acçoens, que tem havido desde a memoravel batalha de Victoria, mui particularmente nos dias 28 e 30 do mez passado ; e tendo visto os mesmos Governadores, com a maior satisfaçaõ, quanto as tropas Portuguezas se distinguiraõ nas sobreditas acçoens, continuando a dar as mais decisivas provas do seu valor, e da sua disciplina, devida essencialmente ás fadigas e incansaveis esforços de Vossa Excellencia; me encarregou o Governo de significar a Vossa Excellencia, nos termos mais expressivos, o regozijo, com que recebeo taõ gratas noticias, e de recommendar-lhe ao mesmo tempo, que no Real Nome do Principe Regente Nosso Senhor haja Vossa Excellencia de agradecer a todos os Officiaes e Soldados do seu Exercito a parte, que tiveraõ nestes gloriosos successos, os quaes o mesmo Governo fará constar na Soberana Presença de Sua Alteza Real pela primeira occasiaõ.

Deos guarde a Vossa Excellencia. Palacio do Governo em 19 de Agosto de 1813.

D. Miguel Pereira Forjaz,

Sr. Marquez de Campo Maior,

Ajudante General...Mozinho.

Quartel General de Lesaca, 2 de Septembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

I. Declara se a Promoçaõ seguinte :

Por Portaria datada de 14 de Agosto proximo passado, em consequencia de Proposta de Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo-Maior.

Governador da Praça de Almeida, o Sr. Brigadeiro Thomaz Guilherme Stubbs, com a Patente, que actualmente tem.

Capitaõ da 5 Companhia do Regimento de Cavallaria No. 11, o Capitaõ do Regimento de Cavallaria No. 3, Joaõ Shee.

Capitaõ effectivo, e Ajudante graduado em Capitaõ do Deposito Geral de recrutas de Mafre, José Joaquim de Faria, continuando a fazer as funcçoens de Ajudante do referido Deposito.

Alferes effectivo do Regimento de Infantaria No. 18, o Alferes aggregado ao mesmo Regimento, Joaquim de Araujo e Lacerda.

O Ajudante do Batalhaõ de Caçadores No. 8, James Leechi, demittido do Real Serviço, pelo requerer, allegando motivos attendiveis.

Regimento de Infantaria No. 4.

Capitaõ da 1. Companhia de Granadeiros, o Capitaõ Dudgeon.

Capitaõ da 1. Companhia, o Tenente Bernardino Mascaranhas da Roza:

Tenente, o Alferes Antonio José Silverio.

Regimento de Infantaria No. 6.

Capitaõ da 6. Companhia, o Tenente Francisco Pinto Henriques.

Pagador, o Quartel Mestre, Manoel José de Faria.

Quartel Mestre, o Sargento Quartel Mestre, Manoel Pereira Leite.

O Pagador Joaquim Cardoso de Abreu, demittido do

Real Serviço, por naõ ter os annos da Lei, e ser muito doente.

Regimento de Infantaria No 7.

Capitaõ da 1. Companhia, de Granadeiros, o Capitaõ José Homem Cupertino.

Capitaõ da 3. Companhia, o Tenente Modesto Henrique Bustorf.

Capitaõ da 4. Companhia, o Tenente Manoel Xavier Freire.

Tenentes, os Alferes Antonio Bartholomeu Xavier, e Bruno Antonio Soares Serraõ.

Regimento de Infantaria No. 13.

Capitaõ da 1. Companhia de Granadeiros, o Capitaõ Joaquim Antonio de Almeida.

Capitaõ da 2. Companhia, o Tenente Antonio Carlos de Mendonça Furtado.

Pagador, o Tenente Joaõ Pereira de Mattos.

Tenentes, os Alferes Luiz José Cabral de Quadros, Francisco Antonio de Carvalho, e Lourenço Justiniano Francisco de Lima.

Ajudante com o gráo de Tenente, o Alferes Diogo Ignacio de Sousa.

Ajudante, o Alferes José Climaco Braamcamp.

Alferes, os Ajudantes com o gráo de Alferes, Domingos José da Silva, e Francisco Joaquim de Almeida.

O Pagador Feliciano Ignacio de Araujo, reformado na fórma da Lei.

Alferes Antonio Pedro Gomez de Leiros reformado na forma da Lei.

Regimento de Infantaria No. 18.

Capitaõ da 2. Companhia de Granadeiros, o Capitaõ Hugh Lumley.

Capitaõ da 2. Companhia, o Tenente Manoel Ferreira Aranha.

Tenente, o Quartel Mestre Antonio Duarte Pimenta, contando a antiguidade deste Posto da data da presente Portaria.

Quartel Mestre, o Alferes Francisco Pires de Magalhaes.

Regimento de Infantaria No. 19.

Capitaõ da 1. Companhia, o Tenente Joaquim José da Silva.

Tenente, o Alferes Luiz José de Sousa Prégo.

Regimento de Cavallaria No. 12.

Pagador, o Quartel Mestre José dos Santos Pereira.
Quartel Mestre, o Sargento Quartel Mestre Francisco Fernandes Vaz Pinto.

Quartel General de Lesaca, 5 de Septembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

Tendo o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal General Duque da Victoria mandado dirigir a Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior os officios, que abaixo seguem, os quaes encerraõ os elogios, e agradecimentos das Cortes, e da Regencia do Reino de Hespanha sobre a conducta dos Exercitos Alliados: manda o Senhor Marechal transcrevelos, para conhecimento do Exercito Portuguez, que tanta parte teve nos acontecimentos, que mereceraõ taes elogios, estando certo, de que o mesmo Exercito ficará muito lisongeado com a approvaçaõ, que as Cortes, e a Regencia do Reino de Hespanha daõ á conducta dos Exercitos Alliados.

---

1. OFFICIO.

Estado Maior Geral de Campanha dos Exercitos Hespanhoes. Excellentissimo Senhor. O Excellentissimo senhor Secretario de Estado, e do Despacho da Guerra do Hespanha, e Indias, com data de 16 do corrente diz ao Excellentissimo Senhor Duque de Ciudad-Rodrigo, General em Chefe dos Exercitos Nacionaes, o seguinte ... " Excellentissimo Senhor—Os Deputados Secretarios das Cortes Geraes e Extraordinarias me dizem com a data de hoje o seguinte. As Cortes Geraes Extraordinarias depois de terem ouvido as partes do Duque de Ciudad-Rodrigo, datadas do 1. e 4 do corrente, relativas as brilhantes acçoens sustentadas pelo Exercito Alliado do seu commando desde o dia 25 de Julho até 2 do corrente inclusivo, saõ servidas de votarem a mais expressiva acçaõ de graças ao Illustre Duque de Ciudad-Rodrigo, General em Chefe dos Exercitos Alliados, e aos

dignos Chefes, Officiaes e tropas do seu commando pelas brilhantes acçoens, a que se referem as ditas partes." O que traslado a Vossa Excellencia por ordem do Senhor Duque para satisfaçaõ sua, e dos mais Generaes, Chefes, Officiaes e Tropa do Exercito Portuguez do seu commando. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Quartel General de Lesaca 29 de Agosto de 1813. Excellentissimo Senhor. O General Chefe do Estado Maior Geral de Campanha Hespanhol.

Luiz Wimpffen.

Exmo. Sr. D. Guilherme Carr Beresford.

---

2. OFFICIO.

Estado Maior Geral de Campanha dos Exercitos Hespanhoes. Excellentissimo Senhor. O Excellentissimo Senhor Secretario de Estado, e do Despacho universal da Guerra de Hespanha e Indias com data de 13 do corrente diz ao Excellentissimo Senhor Duque de Ciudad-Rodrigo, General em Chefe dos Exercitos Hespanhoes, o seguinte. "Excellentissimo Senhor. Com singular complacencia vio a Regencia do Reino as repetidas acçoens brilhantes sobre os inimigos, com que os Exercitos do commando de Vossa Excellencio se tem coberto de novas glorias, e de que Vossa Excellencia dá relaçaõ nos seus officios escriptos de San Estevan, e Lesaca com dato do 1. e 4 do corrente, conduzidos pelo Coronel D. Gaspar de Goicoechea, Ajudante General do Estado Maior Hespanhol. S. A. me prevenio, que o communicasse immediatamente as Cortes Geraes e Extraordinarias, e ao publico por meio da gazeta, para jubilo, e satisfaçaõ universal; e tem resolvido ao mesmo tempo, que em seu Nome se sirva Vossa Excellencia de manifestar a todo o Exercito Alliado a gratidaõ, e apreço, com que tem visto o seu distincto comportamento, e generosos sacrificios em taõ memoraveis acçoens: e mui particularmente ao Capitaõ General dos Exercitos Nacionaes, D. Guilherme Carr Beresford, ao Tenente General Conde de Avisbal, e aos mais Generaes, e Chefes Britannicos, Portuguezes, e Hespanhoes, que com tanto acerto preencheraõ as ordens, e designios de Vossa Excellencia, a quem S. A. tributa hum novo testemunho do seu reconhecimento, e admiraçaõ pela sabedoria, e heroica constancia, com que se dedica, sem cessar, a conseguir a total liberdade da Peninsula, que taõ principal influxo ha

de ter no bem da Europa, e de ambos os mundos. De ordem de S. A. o participo a V. Excellencia com particular gosto meu, reiterando-lhe os sentimentos do meu affecto, e respeito."—O que traslado a V. Excellencia por ordem do referido Senhor Duque para sua satisfaçaõ, e do exercito Portuguez do seu commando.—Deos guarde a V. Excellencia por muitos annos. Quartel-general de Lesaca 25 de Agosto de 1813.—Excellentissimo Senhor.—O General Chefe do Estado Maior Geral de Campanha Hespanhol.—Luiz Wimpffen.—Excellentissimo Senhor D. Guilherme Carr Beresford.

Ajudante General.—Mozinho.

Quartel-general de Hernani, 9 de Septembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior tem novamente a satisfaçaõ de poder empregar-se na mais agradavel parte do seu dever, que he fazer justiça aos benemeritos do exercito de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, pela sua conducta na frente do inimigo.

Sua Excellencia torna ainda ter o gosto de repetir ao exercito (cujo ardor e zelo no serviço da patria chega a ponto taõ subido !) que a emulaçaõ dos corpos e individuos, e o desejo de engrandecerem a sua gloria, he tal, que a unica differença entre elles a este respeito consiste em se lhes apresentarem mais ou menos occazioens para mostrarem o seu fervor, e patriotismo. Cada tentativa feita contra o inimigo, ou emprehendida por este da nova occasiaõ a Sua Excellencia para louvar a valente conducta dos corpos, e dos individuos.

Sua Excellencia taõ somente faz justiça aos corpos empregados ao assalto, e tomada da Praça de S. Sebastiaõ no dia 31 do mez passado, assegurando-lhes a sua perfeita satisfaçaõ, e admiraçaõ pela conducta, que tiveraõ, da qual Sua Excellencia foi testemunha. Os soldados Portuguezes na só patentearaõ entaõ o seu ardente desejo, mas tambem a capacidade de rivalizarem na conducta com os seus camaradas, e alliados do exercito Britanico.

A 3. Brigada de Infantaria Portugueza merece os elogios do Senhor Marechal: e roga Sua Excellencia ao Senhor Marechal de Campo Frederico Sprye, que asse-

gure da sua approvaçaõ ao Senhor Coronel Luiz do Rego Barreto do regimento No. 15, ao Senhor Coronel M'Creagh do regimento No. 3 (da conducta dos quaes Senhores Coroneis fazem os maiores elogios os Senhores Generaes, debaixo de cujas ordens elles operaraõ), e aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados destes dois regimentos da brigada, pelo seu comportamento taõ honroso para a patria.

Sua Excellencia naõ pode deixar de particularisar a conducta de todo o destacamento da 10. brigada de infantaria Portugueza, que foi ao assalto, commandada pelo Senhor Coronel M'Bean; e a do Major K. Snodgrass, que merecem o mais alto elogio. Nunca se mostrou valor mais determinado, e ao mesmo tempo que melhor se regulasse, do que o do referido destacamento; foi admirado por todos! O Senhor Coronel M'Bean aceitará, e dará ao Major K. Snodgrass, aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados a segurança da admiraçaõ, e os agradecimentos de Sua Excellencia.

Deseja Sua Excellencia, que o batalhaõ de Caçadores No. 8, da terceira brigada de infantaria, e o destacamento do batalhaõ de Caçadores No. 5, da decima brigada recebaõ a certeza da sua plena approvaçaõ. Sua Excellencia ficou particularmente satisfeito da ordem, e regularidade, com que o batalhaõ de Caçadores No. 8, debaixo do commando do Tenente Coronel Dudley St. Leger Hill, se reunia, e se conservava prompto, depois da tomada da Praça. Sua Excellencia tem razaõ para estar contente pelo mesmo motivo com os mais corpos, que entraraõ no assalto.

Sua Excellencia naõ póde deixar de admirar os sentimentos, que animáraõ os destacamentos da 9. brigada de infantaria, e dos corpos Portuguezes da divisaõ ligeira, que se offereceraõ para hirem voluntariamente ao assalto: Sua Excellencia presenciou, que a sua conducta no mesmo assalto foi tal, qual se poderia esperar de quem se offereceo para elle por altos estimulos de honra.

No mesmo dia teve a 9. brigada occasiaõ de mostrar ao inimigo, que era daquelles mesmos soldados, que o vencêraõ nos campos de Victoria, e Pamplona: e o batalhaõ de Caçadores No. 3, de sustentar junto de Vera a sua antiga reputaçaõ contra o inimigo.

A conducta da 7. brigada no seu ataque de noite contra o campo inimigo nas abas do porto de Maia merece os elogios de Sua Excellencia; e o Senhor Coronel Joaõ Douglas os receberá para si, e dará aos officiaes, officiaes inferiores, e soldados da Brigada.

O Senhor Marechal de Campo Carlos Frederico Lecor fará saber á 6. brigada, que commanda, a satisfaçaõ de Sua

Excellencia pelo comportamento, que ella teve; e lhe dará os agradecimentos de Sua Excellencia.

A conducta do exercito Portuguez satisfez plenamente a Sua Excellencia, que naõ faltará a informar della a S. A. R.: e Sua Excellencia passa a preencher as vistas e desejos paternaes de S. A. R. recompensando parte dos que se distinguiraõ; posto que todos merecêraõ louvores, e agradecimentos.

Aproveita-se Sua Excellencia desta conjunctura para exprimir a sua satisfaçaõ pelo zelo, e cuidado dos officiaes de Saude do exercito Portuguez em tratarem dos feridos, e pelos seus esforços em lhes procurarem todo o allivio, e accommodaçaõ possivel, que as suas circumstancias exigem, e que a sua conducta merece. Naõ ha dever mais sagrado, do que o de assistir aos valorosos soldados, que se sacrificaõ pela cauza da patria; nem cousa, que mais console o seu espirito, do que receber em taes occasioens os desvelos, e attençoens dos seus officiaes de toda a classe, ainda que particularmente os de Saude saõ os que mais podem allivia-los da sua mortificaçaõ. Tambem se aproveita Sua Excellencia com muito prazer desta occasiaõ, para dar os seus aggradecimentos ao Senhor Doutor Guilherme Wynn, Cirurgiaõ honorario da Camara de S. A. R., e do exercito pelos grandes serviços, que Sua Excellencia tem experimentado delle em razaõ do seu cargo, durante estes tres ultimos annos. O zelo, actividade, e conhecimentos deste official tem sempre andado a par.

Officiaes, Sargentos-ajudantes, e Sargentos promovidos, contando a antiguidade dos Postos, a que sobem do dia 31 de Agosto proximo passado.

Major do regimento de infantaria No. 3, Carlos Stewart Campbell. Major do regimento de infantaria No. 13, K. Snodgrass, graduados em Tenentes Coroneis.

Capitaõ do Regimento de infantaria No. 3, Bento José Valente. Capitaõ do regimento de infantaria No. 13, Severino Joaquim Ferreira da Costa. Capitaõ do regimento de infantaria No. 15, Antonio Joaquim Rozado, graduados em Majores.

Tenente do regimento de infantaria No. 13, Joaõ Antonio Pereira de Castro. Tenente do regimento de infantaria No. 24, José de Azerêdo Pinto. Tenente do regi-

mento de infantaria No. 24, Antonio de Padua. Tenente do batalhaõ de Caçadores No. 5, Manoel Joaquim de Menezes, graduados em Capitaens.

Alferes do Regimento de Infantaria No. 15, Antonio Carlos de Magalhaens, Alferes do Regimento de Infantaria No. 15, Antonio Guedes Seabra. Alferes do Batalhaõ de Caçadores No. 5, Jose Carrasco Guerra, graduados em Tenentes.

Ajudante com a Patente de Alferes do Regimento de infanteria, No. 15, Theotonio Nobre, Tenente com o exercicio que actualmente tem.

Sargento do Regimento de Infanteria, No. 13, Antonio Luiz da Cunha. Sargento Ajudante do Regimento de Infantaria No. 15, Jeronymo Caetano de Almeida Manso, Alferes dos respectivos Regimentos.

Sargento Ajudante do Regimento de Infantaria No. 15, Telesforo José de Mattos, Alferes do Regimento de Infantaria No. 3.

Sargento Ajudante do Regimento de Infantaria No. 24, Francisco Antonio. Sargento do Regimento de Infantaria No. 24, Joaõ Pinto. Sargento Ajudante do batalhaõ de Caçadores No. 3, Manoel Martins Taveira, Alferes dos respectivos Corpos.

Officiaes, e Sargentos promovidos, que sendo de Divisoens, que naõ fizeraõ o Sitio da Praça de S. Sebastiaõ, foraõ ao assalto, por se offerecerem voluntariamente, contando a antiguidade dos Postos, a que sobem, do dia 31 de Agosto proximo passado.

Capitaõ do Regimento de Infantaria No. 11, Antonio de Gouvêa da Maia, graduado em Major.

Tenente do Regimento de Infantaria No. 11, Ignacio Pereira de Lacerda. Tenente do Regimento de Infantaria No. 23, Jeronymo Rogado de Oliveira, graduados em Capitaens.

Alferes do Regimento de Infantaria No. 17, Joaquim José de Santa Anna. Alferes do Batalhaõ de Caçadores No. 1, Pedro Ozorio da Fonceca, graduados em Tenentes.

Sargento do Regimento de Infantaria No. 11, José Gomes. Sargento do Regimento de Infantaria No. 11; Joaõ Antonio Coelho. Sargento do Regimento de Infantaria No. 17, Marçal Jose. Sargento do Regimento de Infantaria No. 17, Manoel Barraõ. Sargento do Regimento de

Infantaria No. 23, Joaquim Roberto. Sargento do Regimento de Infantaria No. 23, José Ignacio. Sargento do Batalhaõ de Caçadores No. 1, Manoel José Pires Carreiro, Alferes dos respectivos Corpos.

Ajudante General—Mozinho.

Quartel General do Calhariz, 23 de Setembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

Sua Excellencia o Snr. Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, manda se publique ao Exercito a Portaria seguinte.

PORTARIA.

Sendo muito conveniente ao bem do Real Serviço, que os Officiaes sahindo de Coroneis para Brigadeiros naõ possaõ conservar a situaçaõ de Coroneis de Regimentos, exceptuando o Corpo da Guarda Real da Policia de Lisboa, cujo Chefe poderá ter o commando do mesmo Corpo até o Posto de Brigadeiro inclusivo: he o Principe Regente Nosso Senhor Servido, cunformando-se com o parecer do Marquez de Campo Maior, Marechal e Commandante em Chefe dos seus Exercitos, que os Coroneis de Regimentos passando a Brigadeiros effectivos fiquem desligados dos respectivos regimentos. D. Miguel Pereira Forjaz, do Conselho de Sua Alteza Real, Tenente-General dos Reaes Exercitos, e Secretario dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e da Marinha o tenha assim entendido, e faça expedir as participaçoens necessarias. Palacio do Governo em 13 de Setembro de 1813. Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

José Lucio Travassos Valdez.

Capitaõ Assistente do Ajudante General.

Quartel General do Calhariz, 24 de Setembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

S. Excellencia o Snr. Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, Commandante do Exercito, mandando publicar a Promoçaõ, que Suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino foraõ Servidos fazer, naõ pode dexiar passar em silencio a mudança, que a patente actual do Snr. Marechal de Campo Felippe de Souza Canavarro obrigou

a fazer no Commando do Corpo da Guarda Real da Policia.

S. Excellencia aproveita esta occasiaõ para assegurar ao sobredito General da sua plena satisfaçaõ e approvaçaõ pela sua conducta em todo o tempo do seu Commando. O Snr. Marechal tem grande satisfaçaõ em dizer, que a conducta deste General foi tanto approvada, e agradavel ao Publico como util ao Serviço de Sua Alteza Real; e estimará que se offereça occasiaõ para lhe mostrar mais efficazmente a sua approvaçaõ; e roga ao dito Senhor General, que receba os seus agradecimentos em quanto esta se naõ offerece.

Declara-se a Promoçaõ seguinte:

Por Portaria datada de 10 *do corrente, em consequencia de Proposta de S. Excellencia o Snr. Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior.*

Chefe do Corpo da Guarda Real da Policia de Lisboa com a Patente de Coronel, o Snr. Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 13, D. Joaquim da Camara.

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 13, o Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 1., o Snr. Joaõ Carlos de Saldanha Oliveira e Daun.

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 1, o Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 12, Joaõ Paes de Sande e Castro.

Tenente Coronel effectivo do Regimento de Infantaria No. 12, o Tenente Coronel aggregado ao mesmo Regimento, Guilherme Beaty.

Tenente Coronel do Regimento de Cavallaria, No. 12, o Tenente Coronel annexo ao Deposito Geral de Cavallaria, Antonio Carlos Cary.

O Alferes do Regimento de Infantaria No. 9, Alexandre Pitta Bezerra, aggregado no mesmo Posto ao mesmo Regimento; por mostrar ignorancia nas Ordens da Brigada muitas vezes repetidas, relativas ao Serviço das Guardas, e sua formaçaõ, e por manifestar, em muitas occasioens, hum caracter grosseiro mesmo para com os seus Superiores.

Jose Lucio Travassos Valdez,

Capitaõ Assistente do Ajudante General.

Quartel General do Calhariz, 25 de Septembro de 1813.

ORDEM DO DIA.

Declara-se a Promoçaõ seguinte.

Por Portaria datada de 4 do Corrente, em consequencia de Proposta de Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo-Maior.

Maior effectivo, conservando o exercicio que actualmente tem, e vencendo o soldo de effectivo, desde 15 de Maio ultimo, o Major aggregado á primeira Plana extincta da Corte, e Assistente do Quartel Mestre General do Exercito, Antonio Candido Cordeiro.

Major effectivo do Regimento de Infantaria No. 19, o Major aggregado ao mesmo Regimento, Joaquim Caldeira do Crato.

Major do Regimento de Infantaria No. 21, o Capitaõ graduado em Major do Regimento de Infantaria No. 11, Joaquim Telles Jordaõ.

Capitaõ da Companhia de Veteranos do Castello de Villa de Conde, o Tenente do Batalhaõ de Caçadores No. 7, André Camacho Jorge.

Alferes do Regimento de Infantaria No. 9, o Alferes do Regimento de Infantaria No. 22, Sebastiaõ Lobo de Vasconcellos.

O Major do Regimento de Infantaria No. 24, J. W. Beathy, demittido do Real Serviço, a fim de voltar a servir no Exercito de S. M. B.

Por Portaria datada de 14 do corrente.

Tenente Coronel com o exercicio que actualmente tem, o Major o Snr. Conde de S. Lourenço, Ajudante de Campo de S. Excellencia Senhor o Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, contando a antiguidade deste Posto do dia 12 de Agosto proximo passado, em que entregou a SS. EE. os Senhores Governadores do Reino, os Despachos de S. Excellencia o Snr. Marechal General Duque da Victoria, relativos aos Combates que houveraõ desde 25 de Julho proximo passado, e Batalhas de 28 e 30 do mesmo mez.

Ajudante de Ordens do Snr. Brigadeiro Wilson, com a Patente que actualmente tem, o Major Joaõ Pinto da Cunha, Ajudante de Campo do dito Senhor Brigadeiro.

O Capitaõ de Batalhaõ de Caçadores No. 7, Felippe Jacob Veloso e Horta, reformado em Major, com o soldo de vinte

mil réis por mez correspondente ao Posto de Capitaõ, pois ainda que naõ tem o tempo de Serviço preciso para esta reforma, provem a impossibilidade em que se acha de continuar o Real Serviço, de ter sido ferido gravemente na Batalha de Albuera.

Alferes do Regimento de Infantaria No. 20, o Alferes do Batalhaõ de Caçadores No. 8, Francisco Lopes de Carvalho.

Alferes do Regimento de Infantaria No. 23, os Alferes do Regimento de Infantaria No. 20, José Marçal de Oliveira, e Lourenço Caetano Cayola.

Por Portaria da mesma data.

Capitaõ da 1. Companhia do Regimento de Infantaria No. 10, o Tenente Guilherme Gordon.

Capitaõ da 8. Companhia do Regimento de Infantaria No. 11, o Tenente Ralph Meredith.

Capitaõ da 7. Companhia do Regimento de Infantaria No. 13, o Tenente J. M. Browne.

Capitaõ da 2. Companhia do Regimento de Infantaria No. 16, o Tenente C. Lempriere.

Capitaõ da 5. Companhia do Regimento de Infantaria No. 19, o Tenente Wal Starkey.

Capitaõ da 6. Companhia do Batalhaõ de Caçadores No. 5, o Tenente Joaõ Dobbs.

Capitaõ da 1. Companhia do Batalhaõ de Caçadores No. 12, o Tenente Patricio Grant.

Todos os sobreditos Officiaes do Exercito de Sr M. B.

José Lucio Travassos Valdez,

Capitaõ Assistente do Ajudante General.

Secretaria do Ajudante General em Tolosa 13 *de Setembro de* 1813.

ORDEM DO DIA.

Determina S. Excellencia o Snr. Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, que se publique ao Exercito a Sentença, que abaixo segue.

Antonio de Mello Boquete natural da Cidade de Elvas, que assentou Praça de Soldado em o 1. de Novembro de 1801, que passou a Cabo de esquadra em 16 de Março de 1802, e a Cadete a 8 de Maio do mesmo anno, e a Porta Bandeira no 1. de Março de 1809, e a Alferes por Decreto de 25 de Setembro de 1811, passou a aggregado em 11 de Novembro de 1812, pela sua falta de zelo, assiduidade, e

attençaõ ás suas obrigaçoens, procurando eximir-se do serviço com pretexto de molestia. Passou por hum Conselho de Guerra pelos máos comportamentos, que teve com hum Cadete do mesmo Regimento, e sendo condemnado a prisaõ rigorosa por dois mezes, e confirmada a Sentença, foi Sua Alteza Real Servido perdoar-lhe a dita pena. Foi depois promovido a effectivo em 6 de Agosto de 1813, e prezo em 12 de Agosto por desobedecer ás ordens dos seus Superiores, naõ se reunindo ao Regimento em marcha, faltando ás Paradas dos dias 11 e 12, e em occaziaõ de se achar o inimigo na frente, e ignorar-se se encontraria ou naõ no mesmo dia. O Conselho de Guerra, que teve lugar por todos estes factos, o condemnou a ser demittido, com infamia, do Real Serviço em 17 de Agosto de 1813, no Campo junto a Véra; e Sua Excellencia o Snr. Marechal Marquez de Campo Maior confirmou esta Sentença no Quartel General de Lesaca, em 7 de Setembro de 1813.

A Copia autentica da Sentença he a que se segue.

Vendo-se neste Campo junto a Véra o Processo verbal do reo Antonio de Mello Boquete, Alferes do Regimento No. 17, Auto do Corpo de delicto, testemunhas sobre elle preguntadas, interrogatorios, e defeza do mesmo, decidio-se uniformemente, que a sobredita culpa se achava provada, e o reo della convencido, por quanto se mostrava commettia faltas reiteradas, e omissoens pouco ordinarias, e desobediencia ás ordens dos seus Superiores, allegando desculpas frivolas, e de modo algum admissiveis, mostrando já por estes factos, como por outros anteriores o que tudo se patenteia, naõ obstando contra elle qualquer prova de fraqueza, colhendo se da interpretaçaõ Litteral do Artigo 4. do Regulamento o contrario: por tanto o julgaõ complice no Cap. 6.; §. 14 do Regulamento, que diz: *Hum Official a quem a ambiçaõ naõ incita a servir bem, como deve, e que para o fazer he preciso constrangido, he indigno do seu posto:* e no Art. 1. de Guerra, que diz; *Todo aquelle que recusar por palavras, ou discursos obedecer ás Ordens dos seus Superiores, concernentes ao Serviço, será condemnado a trabalhos nas Fortificaçoens.* E mandaõ que o reo seja demittido do Real Serviço com infamia.—Campo junto a Vera, 27 de Agosto de 1813.

Ajudante General—Mozinho.

Quartel General do Calhariz, 30 *de Septembro de* 1813.

ORDEM DO DIA.

1. Declara-se as Promoçoens seguintes :

Por Portaria datada de 7 *do corrente, em consequencia de Proposta de Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo-Maior.*

Major do Regimento de Infantaria No. 24, o Capitaõ do Regimento de Infantaria No. 13, Benjamin Orlando Jones.

Por Portaria datada de 18 *do corrente.*

Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 4, o Tenente Coronel do Batalhaõ de Caçadores No. 10, Ricardo Armstrong.

Ajudante do Regimento de Infantaria No. 17, o Tenente Ajudante de Ordens do Sr. Tenente General Joaõ Hamilton, Francisco Henriques Teixeira.

Tenente da primeira Companhia de Veteranos da Praça de Abrantes, o Tenente do Regimento de Infantaria No. 16, Joaõ Correa Manoel de Aboim.

Ajudante de Cirurgia effectivo do Batalhaõ de Caçadores No. 6, o Ajudante de Cirurgia do mesmo Batalhaõ, Sebastiaõ de Oliveira Monteiro, ficando restituido á Patente, Honras, Direitos, e augmento de soldo que dantes tinha.

O Tenente Coronel do Regimento de Infantaria No. 4, Allan William Campbell, aggregado no mesmo Posto ao referido Regimento.

O Capitaõ do Regimento de Infantaria No. 11, Carlos Waldron, demittido do Real Serviço, a fim de voltar a servir no Exercito de S. M. B.

O Capitaõ do Regimento de Infantaria No. 5, Joaõ Mc Namara, demittido do Real Serviço, a fim de voltar a servir no Exercito de S. M. B.

Por Portaria datada de 28 *do corrente.*

Major, com o exercicio que actualmente tem, o Capitaõ José Lucio Travassos Valdez, Assistente do Ajudante Ge-

neral do Exercito, contando a antiguidade deste Posto do dia 11 do corrente, em que entregou a SS. EE. os Senhores Governadores do Reino os Despachos de Sua Excellencia o Sr. Marechal General Duque da Victoria, relativos á tomada da Praça de S. Sebastiaõ, e Batalha do dia 31 do mez passado.

O Tenente Coronel do Batalhaõ de Caçadores No. 12, A. C. Crookshank, demittido do Real Serviço, a fim de voltar a servir no Exercito de S. M. B.

2. Sua Excellencia o Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, conformando-se com a opiniaõ da Junta Militar dos Medicos Inglezes, concede dois mezes de licença ao Cirurgiaõ Walter da segunda Brigada de Infantaria, para hir tratar da sua saude a Inglaterra.

José Lucio Travassos Valdez,
Capitaõ Assistente do Ajudante General.

Sua Alteza Real Foi Servido mandar crear huma Junta de Saude, para entender superiormente, com assistencia do Provedor Mór, nas medidas de precauçaõ, que fizeram necessarias as noticias da peste ou molestias contagiosas, que se tem manifestado em alguns portos do Mediterraneo. He acompanhada a Portaria de 14 Artigos, que servem de Regimento da Junta.

Tambem se publicou a Portaria de 28 de Septembro, que classifica as pessoas, que so podem ser escusas do Serviço Militar da primeira e segunda linha.

PORTARIA.

Querendo o Principe Regente Nosso Senhor prevenir os abuzos, que podem rezultar da má intelligencia das leis, Alvaras, e Portarias publicadas sobre o recrutamento da Tropa de linha, e Milicias; os quaes, contra a Sua Real Intençaõ, poderaõ cauzar huma diminuiçaõ no numero das Recrutas precizas para a conservaçaõ do Estado completo do Exercito, ficando individamente izentos muitos individuos dos que deveriaõ ser recrutados, e recrutando-se incompetentemente outros que devem ser izentos, ou pelas suas circunstancias fyzicas, isto he, por falta de idade, altura, robustez, e constituiçaõ propria para o serviço do Exercito; ou pelos privi-

legios, que he indispensavel guardar em attençaõ á populaçaõ, agricultura, pesca, commercio, navegaçaõ, artes, officios, e sciencias, cujos ramos necessitaõ ser promovidos, animados, e protegidos para conservaçaõ do Estado civil, e militar; he o mesmo Senhor Servido Mandar declarar, depois de ouvir o parecer do Marechal dos seos Exercitos, e Commandante em Chefe, o Marquez de Campo Maior, que todos os sobreditos privilegios se fiquem entendendo da maneira porque vaõ explicados nos artigos juntos, assignados por D. Miguel Pereira Forjaz do Conselho de S. A. R. Tenente General dos seos Exercitos, e Secretario dos Negocios Estrangeiros, Guerra, e Marinha; os quaes deveraõ ser considerados como fazendo parte desta Portaria para se lhes dar a sua mais inteira execuçaõ, em quanto o Mesmo Senhor naõ mandar o contrario. O mesmo Secretario o tenha assim entendido, e faça expedir as ordens necessarias.

Palacio do Governo em vinte e oito de Septembro de 1813.

Com quatro Rubricas dos Governadores do Reino.

Em o seguinte No. daremos os artigos de que falla esta Portaria.

Lemos na excellente Gazeta Portugueza—o *Mercurio*—No. 235 a resposta a hum artigo do *Concizo* de Cadiz, que nos parece mui bem feita: por isso com muito gosto a vamos inserir.

Resposta a hum artigo do Conciso.

No Conciso de 30 de Septembro se aponta hum erro commettido por mim, pelo Redactor da Gazeta de Lisboa, e pelo do Telegrafo, nas traducçoens que publicamos da Proclamaçaõ do Principe Real de Suecia, inserida no seu segundo Boletim.

Diz a Proclamaçaõ que se esperava que instruido Bonaparte ao menos *pelo exemplo do Norte e da Hespanha*, renunciasse á idea de subjugar o Continente, e no Mercurio No. 214 acha-se—*instruido ao menos pelo exemplo do Norte da Hespanha*—isto he falta-lhe unicamente hum e, que naõ foi mais que hum erro tipografico, que sem duvida me escapou na revisaõ.

Se o Conciso se limitasse a dizer que eu, e os outros apontados tinhamos commettido hum erro, naõ faria eu mais que

agradecer o seu reparo: mas como lhe chama velhacaria ou picardia, empregada para fazer apparecer a cooperaçaõ de Portugal, de que se naõ lembrou (diz o Conciso) o Principe de Suecia, he indispensavel a justificaçaõ e o desaggravo.

Portugal, Senhor Conciso, para apparecer com gloria na idade presente e nas futuras, por seus heroicos esforços, auxiliados por providencias acertadas do actual Governo, naõ depende das ardilezas dos Redactores de Periodicos. As batalhas de Vimeiro, Fuentes de Honor, Bussaco, Salamanca, e Vittoria, em que ou naõ entráraõ, ou mui pouco ajudáraõ as tropas Hespanholas, saõ padroens eternos de honra e fama para os descendentes dos Heroes de Aljubarrota, e Linhas de Elvas. Se a Hespanha, como ninguem duvida, se tem immortalisado pela resoluçaõ firme de naõ succumbir ao poder do Despota que pertendia subjuga la, Portugal, o pequeno Reino de Portugal, antecipou-se a pôr em campo hum exercito numeroso (attenta a sua populaçaõ), e exactamente disciplinado; e com elle, a par de seus generosos alliados, conseguio triunfos mui importantes, e que decididamente influiraõ para o estado presente do Reino de Hespanha.

Eu, como Portuguez, estimaria que o Principe da Suecia honrasse Portugal pelo seu Nome; bem que esteja persuadido que debaixo da denominaçaõ geral de Hespanha, elle comprehendeo este Reino, pois na ommissaõ se faria grave injustiça, assaz estranha ao seu caracter. Mas esta intelligencia que dou por huma vez ás expressoens do novo defensor dos direitos dos povos opprimidos, nunca terá para mim a extensaõ que o Senhor Conciso lhe quer dar, quando diz que *sempre se comprehende Portugal quando se falla de Hespanha.* Sei bem que na Historia se emprega muitas vezes este ultimo nome para significar ambos os Reinos; mas naõ he inutil repetir agora que Portugal he, e será sempre, em quanto houverem coraçoens verdadeiramente Portuguezes, hum Reino livre, separado, e independente; e se o Senhor Conciso se honra com razaõ de ser Hespanhol e vassallo de Fernando VII., eu me honro com a mesma de ser Portuguez e vassallo do Principe Regente de Portugal.

So no campo, so na determinaçaõ de preferir a morte ao jugo da Tyrannia, formaõ estes dois Reinos huma unica Naçaõ; e este estreito laço de amisade que os une de concerto a Inglaterra, pelo bem particular de cada humas das tres naçoens, e que felizmente se naõ desata por artigos frivolos de Escriptores indiscretos, he com razaõ naõ só considerado como a origem preciosa de suas glorias presentes, e da prosperidade que se promettem no futuro, mas como a primeira-

baze solida em que se começou a levantar o grandioso edificio da restauraçaõ da Europa.

Mais poderia dizer, mas falta lugar e tempo, e como acabo de receber o artigo, levo em gosto remetter hoje mesmo esta amostra do que se escreveria com mais vagar.

INGLATERRA.

Londres, 30 *de Septembro* 1813.

Senhor,

Muito desejaria en conformar-me com o desejo, que Vossa Merce me manifesta de lhe dar huma relaçaõ circumstanciada do estado actual, assim como do progresso da Real Fabrica de ferro de S. Joaõ de Hyppanema na Capitania de St. Paulo, fundada em 1810, debaixo da direcçaõ de Mr. Hedberg, e alguns Mineiros Suecos; porem receo que o meu limitado saber das Obras desta natureza, faça muito imperfeita a minha exposiçaõ, e por tanto vejo me obrigado a ser muito succinto para errar menos.

Quem observasse o estado do terreno em Agosto 1810, quando se poz o alicerce da fabrica do ferro, e que tenha o menor conhecimento do Chaõ do Brazil, do trabalho fraco dos escravos (principalmente empregados), diminuidos á terceira parte do que eraõ na sua origem; Chuvas destruidoras, e os muitos dias Sanctos que nâm permittem continuar o trabalho, (contados hums com outros 125 dias por anno); e o comparar imparcialmente com o que tem sido practicado nas melhores circumstancias em outros Paizes, (sem omittir as difficuldades que se encontraõ em todas os Estados Nascentes), o que Hyppanema apresenta em Agosto 1813, quando tudo foi acabado; Engenhos, rodas, Folles, Diques, e Canos das pedras cortadas, que deram ás agoas nova, e conveniente direcçaõ, fora o Forno Alto, em que porem se trabalha com a maior actividade e alem disto observar os armazens de pedra, fechados ou abertos para a conservaçaõ dos instrumentos, e petrechos de ferro, e de madeira; nova caza para dar aposento á inteira Colonia com seu chefe, e Officiaes perto da fabrica, Engenho magnifico no rio de Sorocaba para serrar Madeira, pelo qual ja 6000 duzias de

taboas foram cortadas, e transportadas pela corrente mesmo até a fabrica; as estradas reaes que se communicaõ em todas as dirrecçoens com ella, particularmente com o rico Morro de ferro chamado Goraciaba; e finalmente considerando a tendencia que esta Obra deu, e dará á Capitania de St. Paulo para augmentar a Populaçaõ, e industria Nacional; nam ha duvida nenhuma de que naõ existe sua igual no inteiro, e infinito Continente Americano; e que rivalizerá com as melhores fabricas de Europa se d'ella se fizer justa applicaçam, e será para sempre a mais evidente prova da sabia vontade de Sua Alteza Real o Principe Regente do Portugal, como tambem do Patriotismo, e luzes do Grande Ministro, seu fundador, que mandou trabalhar estas ricas Regioens, e percebeo muito bem, que o Brazil tinha entre os seus limites o melhor ferro do Mundo.

P. S. Pelas ultimas cartas do Rio de Janeiro consta-me que as primeiras barras de ferro da nova Fabrica ja foraõ recebidas naquella Cidade para se experimentarem, e que o ferro he da melhor qualidade.

Sou com muita estima
De V. M^ces^.
B.

PROCLAMAÇAÕ

De Imperador Alexandre ás Suas Guardas, por occasiaõ da derrota de Vandamme.

Neste memoravel dia, valentes guerreiros das minhas Guardas, vos tendes coberto de louros immortaes, e feito á vossa Patria assignalados serviços. Com valor sem igual resististes, e desbaratastes depois hum inimigo muito superior em numero, que dos arredores de Toeplitz marchava furiozo a invadir a Bohemia. Vossos peitos foraõ baluartes, que fizeraõ parar seos passos: e por este terrivel golpe he que preparastes o caminho para a completa victoria, que se seguio. Hum consideravel corpo do inimigo foi vencido, desbaratado, e completamente destruido: o seu Chefe, Generaes, Officiaes, e sete mil prizioneiros, 66 peças de artilharia, grande numero de caixoens, e carros cahiraõ em vosso poder. Assim vencem os Russos, e sabem abater o orgulho de hum inimigo temerario! Guardas, defensores do vosso Soberano, e da Vossa Patria, neste dia sempre famozo

mantivestes a gloria do vosso nome; recebei de mim, e da vossa Patria o testemunho da nossa gratidaõ: esta, assim como a vossa gloria immortal, foi comprada a preço do vosso sangue, e a custo de brilhantes façanhas. Em testemunho de minha inteira satisfaçaõ confiro as bandeiras de S. Jorge aos Regimentos de Ismaylowski, e Semoanowsky, e as trombetas da mesma ordem aos regimentos de Ismaylowsky, e aos Cassadores. Possa a maõ de Deos proteger-vos, defensores da fé, e da justiça.

Agosto 29, de 1813.

ALEXANDRE.

CARTA

Do Imperador Alexandre a Madama Moreau.

Toplitz, 6 *de Septembro,* 1813.

"MADAMA,

"Quando a terrivel desgraça que succedeo, juncto a meu lado, ao General Moreau, me privou das luzes, e da experiencia daquelle grande homem, eu entretinha a esperança de que á força de cuidado se poderia obter conservállo á sua familia, e á minha amizade. A Providencia dispôz outra cousa. Elle morreo como tinha vivîdo, na plena energia de huma alma forte e constante. Naõ há senaõ hum remedio aos grandes males da vida, que he o ter quem delles participe. Na Russia, Madama, achareis estes sentimentos em toda a parte; e se vos convem fixar-vos ali, eu procurarei todos os meios de embelezar a existencia d'huma pessoa, de quem farei hum dever de ser o consolador e o apoyo. Rogovos, Madama, que descanceis nisto irrevogavelmente; naõ me deixeis ignorar nunca circumstancia alguma, em que vos possa ser util, e escrevei-me sempre directamente. Conhecer d'antemaõ os vossos desejos, será para mim hum prazer. A amizade, que consagrei a vosso marido, existe alem da sepultura; e naõ tenho outro meio de a mostrar, ao menos em parte, para com elle, senaõ fazendo tudo quanto estiver em meu poder para segurar a felicidade de sua familia. Nestas tristes e crueis circumstancias, aceitai, Madama, estes signaes de amizade, e as seguranças de todos os meus sentimentos.

"ALEXANDRE."

Repartiçaõ da Guerra, 6 de Outubro.

Recebêram-se na Secretaria de Lord Bathurst officios do Feld Marechal Marquez de Wellington, datados de Lezaca 19, e 27 de Septembro: o seguinte saõ extractos:—

Naõ tem occurrido nada de importancia nas posiçoens do exercito depois que me dirigi a V. S. aos 10 do corrente. Tendo a guarniçaõ de Pamplona feito varias sortidas, durante o bloqueio, e sido em todas ellas repulsada com perda, executou huma com força consideravel, aos 10; provavelmente com as vistas de reconhecer a força com que se mantinha o bloqueio; porém foi immediatamente repulsada. O Marechal-de-Campo D. Carlos de Hespanha, que commanda o bloqueio ficou infelizmente ferido, mas ainda póde exercitar o seu commando; e elle tem informado mui favoravelmente, a respeito dos officiaes e tropas empregadas debaixo de seu commando nesta occasiaõ.

Lezaca, 27 de Septembro, 1813.

Tenho a honra de incluir a copia de hum officio de 15 e 17 do corrente, que recebi do Tenente-general Lord Guilherme Bentinck, d'onde apparece que a sua guarda avançada sob o Coronel Adam, foi atacada por huma força consideravel do inimigo, na noite de 12 do corrente, no passo de Ordal; a que tinha sido obrigado a retirar-se com perda de 4 peças d'artilheria. Eu confio que a perda de gente naõ seria aonsideravel; mas naõ tenho recebido as listas da que soffreram os corpos empenhados nesta occasiaõ.

Dà-me grande prazer o poder participar, que as tropas Hespanholas, que entráram em acçaõ: a saber: os regimentos de Badajoz, Tiradores de Cadiz, e Voluntarios d'Aragaõ, que compunham huma brigada de infanteria da divisaõ do General Sarsfield, do 2. exercito, se comportáram notavelmente bem; assim como o 2. batalhaõ do regimento 27; a infanteria ligeira Calabrez; e a companhia de atiradores do 4. regimento de linha de Legiaõ Alemaã d'El Rey, e regimento de Roll. Em consequencia deste acontecimento o Tenente-general Lord Guilherme Bentinck se retirou para as vizinhanças de Tarragona, e ouço que o inimigo tornou o cruzar outra vez o Lobregat.

Naõ tem acontecido cousa nenhuma de extraordinario na frente do exercito que está debaixo de meu commando immediato.

Extracto de hum officio do Tenente-general Lord Guilherme Bentinck ao Feld-Marechal Marquez de Wellington, datado de Tarragona, 15 *e* 17 *de Septembro,* 1813.

Segundo a intençaõ, que expressei na minha carta de 27 d'Agosto, o exercito se moveo para diante, e chegou a Villa Franca aos 15 de Septembro. Todas as noticias continuáram a corroborar a partida de huma força consideravel de Suchet, para França. Foi somente aos 27, que se começáram a levantar duvidas, a respeito da verdade deste facto. Parece que se tinham mandado grandes destacamentos com os comboys que fôram para França, os quaes voltáram com outros de carne salgada, e muniçoens; e, em tanto quanto pude saber, naõ sahîram da Catalunha mais de 3,000 homens. O publico tinha sido enganado, pela mudança de todos os officiaes empregados Hespanhoes: e pelas preparaçoens que se fizéram para a defensa, e supprimentos de Barcelona.

A força Franceza tinha até aqui sido dispersa pelo Lobregat, em Sabadell, e contornos de Barcelona.

Aos 11, o inimigo unio cousa de 12,000 homens em Molins de Rey, todas as suas forças disponiveis de Ampurdam, e todas as guarniçoens chegáram a Barcelona; e tudo pareceo indicar hum movimento geral.

O exercito Britannico estava postado em Villa Franca, e nas aldeas em sua frente, atê as montanhas do Lobregat. O passo de Ordal, por onde vai a estrada grande, estava occupado pela avançada do exercito, sob o commando do Coronel Adam, e tres batalhoens da divisaõ de General Sarsfield. O passo éra mui forte, e eu naõ tinha apprehensoens de que pudesse ser forçado. A linha provavel de ataque como certa, éra voltando pela nossa esquerda, por Martorell e San Sadorni, aonde se postou o primeiro exercito.

Eu naõ tinha numero de gente igual ao que os Francezes podiam trazer contra mim: Eu tinha sido obrigado a deixar a divisaõ do General Wittingham em Reus e Vals, por falta de mantimentos, e meios de transporte. A divisaõ do General Sarsfield estava tambem sem subsistencia; porém em ordem a naõ me retirar inteiramente para a retaguarda, ou naõ estar preparado para tirar partido de quaesquer circumstancias favoreis, eu tomei sobre mim anticipar os mantimentos que sabia que vinham do General Elio, e que eu podia dar, por estarem embarcados em transportes Britannicos. Eu duvidei que o inimigo tivesse intençaõ de avançar; mas se elle o fizesse, o forte situado em minha frente, ou o desvio de Martorell se viesse por aquelle caminho, me dariaõ tempo sufficiente, para me retirar em segurança. Porem aos

12, pela meia noite, o inimigo atacou o passo de Ordal, e o tomou, depois de huma obstinada resistencia, por ter grande superioridade de numero. Os corpos foraõ obrigados a salvar-se nas montanhas ; e duas peças de 6, com duas peças de montanha infelismente cahiraõ nas maons do inimigo. A unica satisfaçaõ que tenho he que o valor tanto dos Inglezes, como dos Hespanhoes: da firmeza, e galhardia destes fallaõ todos os officiaes Britannicos, que estiveraõ prezentes, em termos da maior admiraçaõ. Sinto ter de dizer, que o Coronel Adam ficou gravemente ferido; assim como o Tenente-coronel Reeves e varios outros officiaes do segundo batalhaõ do regimento 27. O Calabrez naõ soffreo muito. Naõ posso dar huma lista exacta da nossa perda, mas espero que se achará naõ ser consideravel: oiço que 2,000 homens se uniraõ ao Coronel Manso, junto a S. Sardoni ; entre elles ha 200 das nossas tropas ; e grande numero tem ja vindo a unir-se de varias partes da costa, e chegaõ a todas as horas. Eu quiz immediatamente o exercito em retirada ; os dragoens, e couraçeiros do inimigo nos apertaraõ mui de perto ; foraõ porem valorozamente carregados, ainda que mui superiores em numero, pela nossa cavallaria, a qual pelo meio dia acabou de os perseguir.

Sou muito obrigado ao Coronel Lord Frederico Bentinck, pelo juizo e espirito com que dirigio as operaçoens de sua brigada. O regimento 20 de dragoens, commandado pelo Tenente-coronel Hawker, os hussares do Brunswick, pelo Tenente-coronel Schraeder ; a cavallaria Siciliana, pelo Capitam Stagdpede, se distinguiraõ muito : o exercito fez a sua retirada, sem perda para Vendrills, donde marchou outra vez na mesma noite para Altafiella, e hontem de noite se acampou em frente desta cidade.

Septembro 17—Incluo as participaçoens dos differentes officiaes commandantes dos corpos, e artilharia, na acçaõ de Ordal, para informaçaõ de V. S.

Septembro 17 ás 9 horas da noite —Acabo de receber noticia de que o inimigo sahio de Villa Franca esta manhaã, e voltou para Molino de Rey, junto ao Lobregat. Incluo huma lista dos mortos, e feridos.

Terragona, 15 de Septembro de 1813.

My Lord,

Tenho a honra de vos informar, que perto das 11 horas na tarde de 12, o inimigo atacou o piquete postado em

frente de Ordal. O corpo livre Calabrez se tinha previamente movido do outeiro para a esquerda da poziçaõ, a fim de occupar o terreno mais para a sua direita, onde estaõ as ruinas de huma fortificaçaõ velha. As 12 o inimigo tentou forçar a sua passagem; a hora da noite que era fez que nos fosse impossivel averiguar com exactidaõ quaes eraõ as intençoens do inimigo, nem descobrir a extensaõ de sua força: resistio se ao ataque na esquerda da estrada com muita galhardia; e o inimigo foi repetidas vezes repellido pelas tropas Hespanholas, que occupavaõ o terreno, entre a estrada, e o lugar em que eu estava postado: a força principal do inimigo foi dirigida contra a direita da poziçaõ. Perto das duas horas me participou o Capitaõ Baraõ de Cremains, que o Coronel Adam, e o Tenente-coronel Reeves estavaõ ambos feridos; que o inimigo estava ganhando terreno, e vencendo as nossas tropas na direita. Eu avancei com os Calabrezes, e ataquei a esquerda do inimigo. Este tinha ja conseguido flanquear a direita da poziçaõ, e as tropas que tinhaõ defendido o flanco foraõ obrigadas a retirar-se; eu por tanto determinei retroceder, conservando a posse dos oiteiros na esquerda da estrada.

Ao amanhecer mandei huma patrulha para o valle de S. Saturni, e em consequencia da informaçaõ que tive, de que a Villa de S. Saturni estava occupada por tropas Hespanholas, marchei com a intençaõ de me tornar a unir ao exercito, pela estrada, que vai dalli para Villa Franca; depois de cruzar o rio que esta em frente da Villa, fui atacado por huma consideravel força do inimigo tanto de infantaria, como de cavallaria, e obrigado a retroceder pelo caminho de Barcelona. Alcancei atravessar a estrada real, sem que o inimigo o percebesse, e dalli parti na direcçaõ de Sedges, na esperança de que o inimigo naõ teria occupado aquelle lugar; e que poderia embarcar o corpo alli, ou em Villa Nueva, o que tenho a satisfaçaõ de participar, que se executou no primeiro lugar durante a noite de 13.

Tenho a honra de transmittir a V. S. a participaçaõ do ataque na direita da poziçaõ, a qual recebi do Capitaõ Miller, commandante da campanhia de atiradores de De Roll; e do Capitaõ Waldron, que commandou o segundo batalhaõ do regimento 27; depois que ficaraõ feridos o Tenente-coronel Reeves, e o Capitaõ Mills. Sou &c.

(Assignado) J. Carey, Com. C. F. C.

Ao Tenente-general Lord W. Bentinck.

Lista dos mortos, e feridos.

Mortos—1 capitaõ, 2 subalternos, 1 sargento, 24 soldados, e 7 cavallos.

Feridos—1 Coronel, 1 Tenente-coronel, 2 capitaens, 13 subalternos, 1 do estado-maior, 7 sargentos, 53 soldados, e 3 cavallos.

Extraviados—2 capitaens, 3 subalternos, 1 sargento, 32 soldados, 54 cavallos, 40 mulas.

N. B. Naõ se pode bem averiguar o numero dos mortos, feridos, e extraviados do 2. batalhaõ do regimento 27, corpo livre Calabrez, companhia de atiradores do De Roll, e 4. batalhaõ da Legiaõ Aleman d'El Rey; porque estes corpos se viraõ obrigados a dispersar-se pelas montanhas. Ja voltáraõ 700 homens, e sabe-se que muitos outros estaõ em marcha para se unirem ao exercito. Pela mesma razaõ he igualmente impossivel averiguar correctamente a perda da brigada Hespanhola.

O corpo Britanico, a saber, o 2. batalhaõ do regimento 27, o corpo livre Calabrez, e as companhias de atiradores naõ excederaõ de 1,100 homens na acçaõ.

REPARTICAÕ DR GUERRA, 7 DE OUTUBRO.

Receberaõ-se officios do General Cathcart, e de Sir Carlos Stewart, do que o seguinte saõ extractos, e copias.

EXTRACTO

De hum officio do General Cathcart, datado do Toeplitz, a 13 de Septembro, de 1813.

Os Austriacos tomaraõ posse das estradas, que vaõ para a Saxonia por Marienberg, e Altenberg; e o General Kleinau das que vaõ ter a Chemnitz, e Freyberg. O paiz entre o Elbo, e o Elster he corrido pelas partidas dos corpos dos Alliados. Estas participaõ que o inimigo se tem empregado em mudar os doentes, e os convalescentes, e bagagem para Leipsic.

OFFICIO DE SIR CARLOS STEWART.

Praga, 14 *de Septembro de* 1813.

MY LORD,

Aos 8 do corrente o corpo commandado pelo Conde de Wittgenstein e a parte do corpo do General Kleist, que está debaixo das ordens do General Ziethen, o qual tinha outra vez avançado pelas montanhas para alem de Peterswalde, e Zehista, na estrada de Dresden, foraõ atacados

por huma força mui superior do inimigo, e houve huma renhida acçaõ.

O Conde de Wittgenstein tinha o seu quartel-general em Pirna, quando o inimigo começou a avançar. A principal contenda durante o dia foi pela aldéa de Dohna, que foi defendida com muito valor, e galhardia pelos Alliados: mas trazendo o inimigo numero mui crescido junto á noite, o Conde Wittgenstein determinou-se a retroceder, e evacuar Donha: o corpo do General Ziethen teve, em consequencia ordem de occupar Pirna pela noite, e o corpo do Conde Wittgenstein se retirou para Peterswalde.

A perda dos Alliados, na acçaõ deste dia se pode avaliar em perto de 1,000 homens mortos, e feridos; a do inimigo he muito mais consideravel.

S. A. R. o Duque de Cumberland estava no campo; e ajudou a acçaõ deste dia.

O General Kleinau foi destacado com hum corpo para Freyberg, e Chemnitz, na esquerda, em quanto os Austriacos se movéraõ, como eu disse no meu priméiro officio, para Messig, e Leutmeriz, junto ao Elbo.

Aos 9 o inimigo continuou a avançar, e os Alliados se retiraraõ pelejando, e disputando cada polegada de terreno nas montanhas. Bonaparte tinha chegado, e vinha avançando com huma força mui consideravel, fosse com a determinaçaõ de fazer hum ataque geral; ou com o fim de huma grande demonstraçaõ, para cobrir hum movimento retrogrado, e mudar hum grande armazem de polvera de Konigstein para Dresden.

Avançando o inimigo, deraõ-se ordens immediatamente para que os Austriacos fizessem huma contramarcha, e os Alliados começaraõ logo a ajuntar todas as suas forças, nos ja victoriozos campos de Culm, e Toeplitz.

Aos 10 o inimigo apertou, apparentemente com maior força, das montanhas para Culm, e Toeplitz. Elles naõ somente avançaraõ, com as columnas que seguiaõ a retaguarda do Conde Wittgenstein; mas tambem com outro corpo mui consideravel por Zinfalde, e Kraufen. A este tempo as columnas Austriacas naõ tinhaõ ainda entre si communicaçaõ estreita de Hussig, e Leutmeritz; e sabia-se que o inimigo excedia muito em numero as forças Russianas, e Prussianas; com tudo, determinou-se da maneira mais galharda dar-lhe batalha, no cazo que elle avançasse, e fizeraõ-se consequentemente as dispoziçoens necessarias.

Sendo-me necessario retirar-me do Quartel-general, soube do Coronel Cooke, que o inimigo continuava aos 11 a fazer

taes demonstraçoens, que indicávam hum ataque geral; e aos 12 avançáram e tomáram posse da aldea de Culm. Mais da metade do corpo Austriaco se tinha entaõ unido ao exercito, e tomado a sua posiçaõ: tinham marchado com muito máo tempo, e peiores caminhos, sem intermissaõ, desde 10; porém chegáram em excellente ordem; e Bonaparte pôde entaõ perceber o exercito alliado; que éra de mais de 100,000 homens, postados, com 800 peças d'artilheria, promptos a dar-lhe batalha. Parece, com tudo, que elle começou a sua retirada de Nollendorf cerca do meio dia. Os alliados começáram immediatamente a limpar a sua frente; e a mandar grandes destacamentos de partidas de reconhecimento; e o corpo do General Kleinau foi outra vez destacado para a esquerda, reforçado por duas divisioens sob o commando do Principe Lichtenstein.

Até o meio dia de 13, continuava o inimigo a sua retirada, levantando campo, e destruindo todas as estradas em todas as direcçoens de Dresden. Isto demorará de algum modo o seguimento dos alliados, e até fará ainda mais difficultoso hum movimento de flanco ou lateral.

Recebêram-se noticias de que o General Blucher entrou em Bautzen aos 10; mas naõ tenho recebido bulletins officiaes do Quartel-general Prussiano.

O Coronel Russiano Principe Modatoff, com as guardas Alexandrowski, executáram hum brilhante rasgo aos 9, entre Bautzen e Dresden. Queimáram 200 carros de muniçaõ, tomáram huma parte da bagagem de Bonaparte, e aprisionáram 1,200 homens.

Eu dou os parabens a V. S., mui sinceramente, pela brilhante victoria do Principe de Suecia. O lustre addicional, que resulta desta batalha, para as armas S. M. Prussiana, serve de objecto de elogio a S. A. R., o qual diz, que saõ agora viziveis os soldados do Grande Frederico, em todas as acçoens em que elles entram.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART.

Ao Visconde Castlereagh, &c. &c.

Copia dos papeis inclusos por Sir Carlos Stewart.

Toeplitz, 11 *de Septembro,* 1813.

SENHOR!

O inimigo avançou contra nós cerca de huma hora, depois que sahistes daqui aos 10 do corrente.

Parecia existir a maior incerteza tanto a respeito do seu numero, como do ponto, em que devîam atacar.

Pela tarde, destacamentos fortes das tropas ligeiras do inimigo tomáram posse da estrada que vai pelos passos de Altenburgo, e repulsáram os granadeiros Russianos quasi até a planicie, que fica por baixo.

Como o inimigio naõ fazia uso d'artilheria, nem appareceo ao mesmo tempo na estrada de Peterswalde; naõ havia indicio de ataque serio, até que era ja mui tarde.

Os alliados porém repulsáram a sua esquerda, collocando as tropas, e peças ao longo da fralda da montanha, entre a aldea de Culm e Toeplitz, ao mesmo tempo que todo o exercito estava formado em posiçaõ de duas linhas, tendo a direita apoiada nas montanhas adjacentes á cidade; estavam em reserva, em ambos os flancos, columnas de infanteria.

O terreno éra apertado, e offerecia pouca vantagem no caso de hum esforço sério, na frente dos Francezes.

O fogo cessou ao pôr do sol; e os alliados ficáram na posiçaõ durante o noite.

Eu inclino-me a attribuir este movimento da parte do inimigo ao desejo de saber a figura geral do paiz em torno de nós; e o numero das tropas que tinhamos á maõ.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) HENRIQUE COOKE.

A Sir Carlos Stewart.

Toeplitz, 12 *de Septembro,* 1813.

SENHOR!

O inimigo cresceo consideravelmente em numero, durante todo o dia de hontem; e perto da noite se percebeo grande movimento na sua esquerda. Logo avançáram com artilheria pela estrada grande, e acima dos Russianos, commandados pelo Conde Pahlew, da aldea de Nollendorf, quasi até Culm.

Ao anoitecer fomos reforçados por mais de 25,000 homens do exercito Austriaco. Estas tropas foram immediatamente postadas no extremo da nossa esquerda, a certa distancia das montanhas. Ellas marchâram com pouca interrupçaõ desde a manhaã de 10 do corrente, e durante toda a noite, mas estávam em boa ordem, e com poucos extraviados.

Tudo indicava hum ataque geral na manhã seguinte. Os prisioneiros explicávam as escaramuças de hontem, dizendo, que Bonaparte nos tinha reconhecido; e á noite, toda a cordilheira de montanhas estava cuberta com os fogos do inimigo.

Os corpos de St. Cyr e Victor, e toda a cavallaria das guardas, e o resto da divisaõ Vandamme, éram as tropas que se achavam na nossa frente. Hoje perto do meio dia, porém, começou o inimigo a retirar-se de Nollendorf.

Cre-se que mandâram grandes destacamentos para Kimmotan. Em consequencia disto, foi o General Kleinau reforçado por duas divisoens de tropas ligeiras Austriacas, debaixo das ordens do Principe Lichtenstein.

Os alliados estaõ differentemente postados, como vos participei aos 10. O resto dos Austriacos destacados para o Elbe, estaõ cubrindo a estrada de Aussig, na nossa direita.

Chegâram-nos hoje officios do Principe Real de Suecia, annunciando as alegres novas de huma victoria ganhada pelos alliados, debaixo do commando de S. A. R., nas vizinhanças de Wittenberg.

Mais de 8,000 prisioneiros, 60 peças, 200 carros, e 40 peças de artilheria fôram tomados. Dizem que os Prussianos soffrêram o forte desta acçaõ, perdêram muita gente, e fizéram grande honra ao seu exercito. A batalha foi aos 7, e 8 do corrente.

Tenho a honra de ser, &c.
(Assignado) HENRIQUE COOKE.

Officio do Tenente-general Conde Walmoden, dirigido ao Secretario de Guerra em Londres.

Quartel-general Domitz, 20 *de Septembro.*

MY LORD!

Depois da minha ultima participaçaõ, datáda de Schwerin, aos 4 do corrente: o Marechal Davoust tem continuado sobre o rio Stocknitz. Tendo-me mudado para Domitz, mandei lançar ao rio huma ponte de botes, para ali cruzar o

Elbe, com huma cabeça de ponte, a fim de passar o rio, logo que o inimigo apparecesse na margem esquerda, ainda que elle permanecia em combinaçaõ com os Dinamarquezes, com quem se imaginava, que elle tinha deixado de cooperar, em conseqencia da ultima marcha separada das tropas Francezas para Ratzburgo, e das Dinamarquezas para Lubeck: o inimigo continuou, contra as minhas esperanças, em estado de inactividade por varios dias. Consequentemente fiz mais outro movimento para elle, fixando o meu Quartel-general em Hagenau aos 12 do corrente.

Tendo sido informado por cartas interceptadas da intençaõ que o Marechal Davoust tinha de destacar 8 ou 9 mil homens, a fim de limpar a margem esquerda do Elbe, e avançar para Magdeburg, eu cruzei o rio pela meia noite, aos 14 do corrente, juncto a Domitz, tomando as tropas debaixo do meu commando, a excepçaõ dos Suecos, e Mecklemburguezes, que ficáram na posiçaõ de Grevesmulhen, e a legiaõ Hanseatica, que deixei com a infanteria do corpo de Lutzou na margem direita. Aos 15 occupei a posiçaõ de Jetzel, juncto a Danenberg.

No em tanto, o Marechal Davoust tinha destacado o General Pecheux, com a parte principal de sua divisaõ, que tendo passado o Elbe, marchou para Dahlenberg. Tarde na noite de 15, fui informado de que ésta força se tinha postado em Gorde. Na manhaã seguinte, 16, ao romper do dia, puz as tropas em movimento. O inimigo tinha occupado as alturas em frente de Gorde, na estrada de Dannenberg. Eu postei as minhas tropas no vale, com as vistas de occultar ao inimigo o meu numero, assim como de esperar o seu ataque. Pelo meio dia recebi informaçaõ de que a parte principal de sua força estava entre as aldeas de Oldendorf e Eichsdorf, hum quarto de milha Alemaã na retaguarda de Gorde. Naõ havia tempo que perder no ataque.

Mandei que a infanteria Hannoveriana marchasse com duas baterias, debaixo das ordens do Major-general Lyon, para a estrada grande, que vai ter ao castello de S. M. em Gorde, a fim de atacar o inimigo pela frente: o General Tettenborn, formava a guarda avançada, com tres regimentos de Cossacos. Ordenei ao mesmo tempo, que seis batalhoens de infanteria, e huma bateria, e hum regimento de hussares da legiaõ Alemaã Russiana, marchassem, debaixo das ordens do General Arentschildt, pelos bosques de Gorde, para flanquear a ala direita do inimigo; e eu destaquei o General Dornberg para a esquerda do inimigo, na direcçaõ de Dubbelwald, á frente do 3. regimento de hussares da legiaõ Alemã d'El Rey, os hussares de Estorf,

huma bateria de artilheria de cavallo, e metade da brigada de fogueteiros.

Os postos avançados do inimigo, nos matos, fizéram pouca resistencia, retiráram-se para a extremidade do bosque, aonde, tendo-os perseguido, achei o corpo do inimigo mui vantajosamente postado em huma altura em frente da estrada da Daunenberg.

As 4 horas da tarde fôram vistas as nossas duas columnas avançando para fòra do mato, e o inimigo respondeo fracamente ao fogo da nossa artilheria, com 8 ou 10 peças. Surprendido com ver taõ grande corpo de infanteria, ao mesmo tempo que elle imaginava que tinha de encontrar-se somente com tropas ligeiras, o inimigo principiou as suas disposiçoens para retirada, ao momento em que os nossos batalhoens se formávam para o ataque. He mui provavel que elle se teria muito antes disto determinado a retirar-se; se naõ fosse que o General Pecheux, commandante deste corpo, estava actualmente com os postos avançados no bosque, em distancia da sua posiçaõ, aonde teve somente tempo de chegar; justamente quando as nossas tropas se preparávam a formar-se contra elle. A esquerda do inimigo começou a retroceder—a direita conservou-se firme para cubrir a sua retirada. Este flanco foi formado nas alturas em tres columnas de batalhoens, e fez a mais maravilhosa resistencia quando ás 5 horas e meia a nossa infanteria atacou duas destas columnas por todos os lados.

O 1. e 2. batalhoens da Legiaõ Russiana Alemaã começou hum vivo fogo, na distancia de 90 passos. Ao mesmo tempo a columna da Legiaõ Russiana Alemaã chegou a hum lado, e o General Dornberg, com o 3. de hussares da Legiaõ Alemaã d'El Rey, appareceo do outro lado. O primeiro regimento de hussares da Legiaõ Alemaã d'El Rey carregou o inimigo e lhe rompeo os quadrados. O 3. regimento de hussares da Legiaõ Alemaã d'El Rey carregou com dous esquadroens outro destes quadrados que hia avançado a pouca distancia em marcha de ataque. Estes hussares rompéram as suas fileiras, em quanto reciprocamente fôram tambem atacados de flanco, e na retaguarda a pequena distancia. Forçado a retirar-se hum pouco, este regimento, com mais dous esquadroens fez segundo ataque, e logo depois terceiro, com tanta intrepidez, que nunca a houve maior.

No entanto a infanteria ligeira do batalhaõ de Bremen, tinha no primeiro rompante perdido o seu commandante, o Maior Devaux, e quatro officiaes. Eu ordenei instantaneamente hum ataque de bayoneta. Os batalhoens de Langrehr e Benigsen, debaixo do commando do brigadeiro Halkat o poz em execuçaõ, com grande intrepidez, for-

çando o inimigo a retirar-se, o qual vendo que lhe naõ restava agora outro recurso, senaõ o da mais desesperada resistencia, se formou de novo em retirada, e tornou a começar o fogo. No entanto a artilheria da Legiaõ Alemaã d'El Rey sob o Major Bruckman chegou á nossa direita, e abrio huma bem dirigida canhonada, apoiada pela brigada dos fogueteiros, cujo commandante tinhá tomado o terreno juncto ao fogo da infanteria do inimigo.

A este periodo, a maior parte dos quadrados do inimigo, horrorizado, e rompido por todos os lados, começou a ceder, e por fim fugio em todas as direcçoens, para as alturas vizinhas aonde, a desordem geral brevemente se communicou aos que tinham sido postados ali, para cubrir a retirada.

Tendo-se puchado o ataque e seguimento do inimigo até Nahrendorf o inimigo se vio cortado da estrada de Dahlenburg, e se retirou para Bleckede: e na manham seguinte tornou a passar o Elbe, juncto a Zollenspicker. Tendo o General Pecheux perdido os seus cavallos, e bargagem, foi obrigado a fugir a pé.

As sette horas, e meia da tarde, eu entreguei a seguida do inimigo fugitivo aos cossacos: e ajunctei as tropas, aquem a escuridade da noite, e natureza do terreno naõ favoravel fazia impossivel que seguissem o inimigo. Alem disto recebi informaçaõ de que o inimigo vinha avançando pela margem direita do rio, a fim de desalojar o meu destacamento em Boitzenburgo, e aproximar-se a Domitz, e ponte da outra parte.

O corpo do inimigo, de quem alcançaram as tropas, que estaõ debaixo do meu commando, taõ assignalada victoria, era de 5 á 6 mil homens, incluindo 600 cavallos, e 10 peças d'artilheria, a sua perda he de 1,500 a 2,000 homens em mortos e feridos. O numero dos prisioneiros tomados chega a 1,500, entre os quaes se acha o General Mielozinski, dous ajudantes de campo do General Pecheux, o Coronel Fitz-James, e varios outros officiaes. Tomamos 8 peças d'artilheria, e 12 carretoens de muniçoens. Depois da acçaõ, o General Tettenborn, com a guarda avançada occupou Bleckede e Luneburg.

Eu estou plenamente satisfeito com o valor das tropas, e sou particularmente obrigado ao Major-general Lyon, que mostrou nesta occasiaõ a actividade e intrepidez, que nelle taõ bem se reconhecem; assim como tambem aos brigadeiros Halket, e Martin, e ao Major Bruckman.

Os batalhoens de Lagrehr e Bennigsen se distinguîram muito. O General Dornberg commandou a cavallaria com todo o espirito e vivacidade, que saõ taõ characteristicas daquelle official.

Naõ posso louvar sufficientemente o valor do 3. reg. de hussares da Legiaõ Alemaã d'El Rey, taõ conspicuo nos seus repetidos ataques, capitaneados pelo seu commandante o Major Kuper: como igualmente o do 1 de hussares, da Legiaõ Alemaa Russiana, contra os quadrados do inimigo. Eu lamento que a gloria que o primeiro destes reg. ganhou, fosse adquirida com perda taõ consideravel. Eu estimara, que se atrahisse a attençaõ de S.A.R. o Principe Regente, para o comportamento do Major Kuper, commandante deste regimento, á frente do qual foi a sua galhardia taõ conspicua. Naõ posso omittir o mencionar os serviços, que recebi, nesta occasiaõ, do meu Ajudante-general, o Tenente-coronel De Berger; e do meu quartel-mestre-general, o Tenente-coronel De Clausewitz. Tenho tambem experimentado o maior adjutorio do meu estado-maior pessoal. O Capitaõ de Grabbee, official das guardas Russianas, achei que foi extremamente util; assim como o Tenente-coronel, Conde Fernando Kielmansegge. Sou muito obrigado ao Tenente-general Conde Lniz Kielmansegge, pelo auxilio que me tem prestado em todas as occasioens.

Peço licença para chamar a attençaõ de V.S. a huma assaz brilhante acçaõ que o Conde Frederico Kielmansegge, coronel de hum corpo de caçadores, teve ha algum tempo com os Francezes, e que ate aqui se me naõ offereceo occasiaõ de mencionar. Foi em consequencia desta aeçaõ, em que os Francezes, perdêram mais de 150 prisioneiros, que nos estamos ja em posse de Danaenberg e suas vizinhanças e achamos aqui as nossas tropas ligeiras, na chegada do nosso corpo principal.

A perda que soffreo o corpo debaixo do meu commando, monta a 500 homens somente em mortos e feridos; entre os primeiros se acham o Major De Vaux, o Capitaõ Hugo, e alferes Cramer; alem de dous officiaes da Legiaõ Russiana Alemaã. O Cossacos debaixo das ordens do General Tettenborn, no dia seguinte, avançaram até Harburgo, e cortáram todas communicaçoens do Marechal Davoust, elle se verá na necessidade de destacar outra força para as restabelecer.

He somente a consideraçaõ de grande superioridade do inimigo quem me restringe a naõ satisfazer os meus anciosissimos desejos, atacando-o de huma vez, no Steckwitz. Aos 17, tendo o inimigo puchado adiante a sua guarda avançada de Mollen para Wittenberg, pela estrada de Schwerin, me deo lugar a temer hum movimento offensivo na outra margem d'onde eu tirei as tropas para esta expediçaõ. Portanto tendo obtido o meu fim, resolvi a tornar a passar para a margem opposta do rio, e consequentemente estabeleci o meu quar-

tel-general em Domitz, com as vistas de estar prompto a obrar de ambos os lados do Elbe, segundo as occasioens que me der o inimigo.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) L. C. WALLMODEN, Tenente-geeral.

Lista dos mortos, feridos, e extraviados.

1 Capitaõ, 1 tenente, 2 alferes, 6 sargentos, 78 soldados, e 117 cavallos mortos; 1 Tenente-coronel, 3 majores, 8 capitaens, 11 tenentes, 6 alferes, 16 sargentos, 335 soldados, 173 cavallos, feridos: 90 soldados, e 33 cavallos extraviados.

REPARTIÇAÕ DA GUERRA, 18 DE OUTUBRO.

O Capitaõ Conde de March chegou hoje com hum officio do Feld-marechal Marquez de Wellington, dirigido a Conde Bathurst hum dos principaes Secretarios de Estado de S. M.; do qual o seguinte he copia.

Lezaca, 9 de Outubro, 1812.

MY LORD,

Tendo julgado conveniente cruzar o Bidassoa, com a esquerda do exercito, tenho o prazer de informar a V. S. que se effectou aquelle objecto aos 7 do corrente.

O Tenente-general Sir Thomas Graham, ordenou que a 1. e 5. divisoens, e a 1. brigada Portugueza, sob o brigadeiro-general Wilson, cruzasse aquelle rio em tres columnas abaixo, e huma acima do lugar da ponte, debaixo do commando do Major-general Hay, Coronel o Hon. Greville, Major-general o Hon. Eduardo Stopford, e Major-general Howard; o Tenente-general D. Manuel Freire ordenou, que aquella parte do exercito Hespanhol, que estava immediatamente debaixo de seu commando, cruzasse em 3 columnas, nos váos acima daquelles que passarem as tropas Alliadas Britannicas e Portuguezas. Os primeiros éram destinados a tomar os entrincheiramentos do inimigo, cerca e acima de Andaye, ao mesmo tempo que os ultimos tomassem os de Montague-Verte, e das alturas de Mandale, pelo que flanqueariam a esquerda do inimigo.

As operaçoens de ambos os corpos de tropas fóram bem succedidas em todos os pontos. As tropas Britanicas e Portuguezas tomaram 7 peças d'artilheria, nos redutos e baterias que assaltaram, e as tropas Hespanholas huma peça nos que accommetteram.

Tive particular satisfacçaõ em observar a firmeza a galhardia de todas as tropas. O reg. 9 Britannico, encontrou mui forte opposiçaõ; carregou mais de huma vez com a bayoneta; e soffreo bastante; mas julgo-me feliz em poder accrescentar, que nas outras partes destes corpos a nossa perda naõ foi grande.

As tropas Hespanholas, sob o Tenente-general D. Manuel Freire, se portaram admiravelmente bem, e flanquearam e tomaram os entrincheiramentos do inimigo no outeiro, com grande dexteridade e galhardia; e sou muito obrigado ao Tenente general, e no Tenente general Sir Thomas Graham, e aos officiaes do Estado-maior de ambos os corpos, pela execuçaõ dos arranjamentos desta operaçaõ.

O Tenente-general Sir Thomas Graham, havendo assim estabelecido dentro do territorio Francez, as tropas do Exercito Alliado Britannico, e Portuguez, que taõ frequentemente se distinguiram debaixo de suas ordens, resignou o commando ao Tenente-general Sir Joaõ Hope, que tinha chegado da Irlanda no dia antecedente.

Em quanto isto se passava na esquerda, o Major-general C. Baraõ Alteu atacou, com a divisaõ ligeira, os entrincheiramentos do inimigo em Puerto de Vera, sustentado pela divisaõ Hespanhola, sob o brigadeiro-general Longa; e o Marechal de Campo, D. Pedro Giron atacou os entrinchei. ramentos e postos do inimigo na montanha chamada La Rhune, immediatamente na direita da divisaõ ligeira, com o exercito da reserva da Andaluzia.

O Coronel Colborne, do reg. 52, que commandava a brigada do Major-general Skerrett, na auzencia do Major-general, em consequencia de sua má saude, atacou a direita do inimigo em hum campo, que estava fortemente entrincheirado; e o reg. 52, debaixo do commando do Major Mein, carregou da maneira mais galharda, e tomou o entrincheiramento á bayoneta. O 1. e 3. de caçadores, e o 2. batalhaõ do reg. 95, assim como o reg. 52, se distinguiram neste ataque.

A brigada do Major-general Kempt atacou por Puerto, aonde a opposiçaõ naõ foi mui grande; e o Major-general Carlos Alten participou a sua opiniaõ do discernimento que mostraram tanto o Major general, como o coronel Colborne, nestes ataques. Sou particularmente obrigado ao Major-general Carlos Alten, pela maneira em que executou este ser-

viço: a divisaõ ligeira tomou 22 officiaes e 100 soldados prisioneiros, e tres peças d'artilheria.

Estas tropas levaram tudo diante de si, da maneira mais galharda, até que chegaram ao pé do rochedo, em que está a hermida, e fizeram repetidas tentativas, para tomar o posto de assalto; mas éra impossivel subir acima, e o inimigo ficou durante a noite de posse da hermida, e sobre hum rochedo na mesma cordilheria de montanhas, com a direita das tropas Hespanholas. Passou-se algum tempo hontem de manhaã, antes que se desvanecesse a nevoa sufficientemente para reconhecer a montanha, que eu achei ser inaccessivel, pela sua direita, e que o seu ataque se podia com vantagem combinar, com o ataque das obras do inimigo, em frente do campo de Saarre. Consequentemente ordenei ao exercito de reserva, que se concentrasse na sua direita, e logo que começou a concentraçaõ, o Marechal de Campo D. Pedro Giron ordenou ao batalhaõ de las ordenes, que atacasse o posto do inimigo, no rochedo da direita da posiçaõ occupada por suas tropas, que instantaneamente se tomou da maneira mais galharda. Estas tropas seguiram o seu bom successo, e tomaram o entrincheiramento, que protegia a direita do campo de Saarre, e o inimigo evacuou immediatamente todas as suas obras, para defender os aprochos do campo, de que tomaram posse os destacamentos, que se mandaram da 7. divisaõ, enviados para este fim pelo Tenente-general o Conde de Dalhousie, por Puerto de Eschalar.

D. P. Giron estabeleceo entaõ hum batalhaõ na esquerda do inimigo, sobre o rochedo da hermida. Era demasiado tarde para proseguir adiante, a noite passada, e o inimigo se retirou do seu posto da hermida, e do campo de Saarre, durante a noite.

Da me singular satisfacçaõ o poder participar o bom comportamento dos officiaes e tropas do exercito de reserva da Andaluzia, tanto nas operaçoens de 7 do corrente, como nas de hontem.

O ataque, que fez hontem o batalhaõ de las ordenes, debaixo do commando do Coronel Hore, foi executado com mui boa ordem, e com tanto espirito, quanto tenho visto em tropas algumas: e estou muito satisfeito com o espirito e disciplina de todo este corpo.

Naõ posso applaudir demasiado a execuçaõ dos arranjamentos para estes ataques, que fez o Marechal de Campo D. Pedro Giron, e os officiaes-generaes, e do estado maior, debaixo de suas ordens.

Omitti participar a V. S. no meu officio de 4 do corrente, que, no meu caminho para Roncesvalles, no 1. do corrente,

ordenei ao Brigadeiro-general Campbell, que trabalhasse e por tomar os piquetes do inimigo que lhe ficavam em frente, e que elle atacou naquella noite, com mui bom successo, com as tropas Portuguezas de seu commando, tomando hum piquete todo inteiro, que consistia em 70 homens: taobem se tomou por assalto hum posto fortificado na montanha de Arolla, e toda a guarniçaõ foi passada á espada.

Depois que escrevi a V. S. a ultima vez, recebi cartas do Tenente-general Clinton, na Catalunha, em data de 3 do corrente. O General estava ainda em Tarragona, e o inimigo na sua posiçaõ antiga no Lobregat.

O Tenente-general Lord Guilherme Bentinck se tinha embarcado para Sicilia aos 22 de Septembro.

Mando este officio pelo meu ajudante de campo o Capitaõ Conde de March, que peço licença para recommendar á protecçaõ de V. S.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) WELLINGTON.

Incluo a lista das perdas, que soffremos na ultima operaçaõ; e lista dos mortos, feridos, e extraviados, do exercito commandado pelo Tenente-general Lord Guilherme Bentinck, uas acçoens de Ordal, aos 12 e 13 do passado.

Total da perda na passagem do Bidassoa, aos 7 e 8 de Outubro.

Perda Britannica.—1 Capitaõ, 3 tenentes, 5 sargentos, 1 tambor, 69 soldados, mortos: 1 major, 12 capitaens, 22 tenentes, 4 alferes, 1 do estado-maior, 33 sargentos, 3 tambores, 419 soldados, feridos; 5 soldados, extraviados.

Perda Portugueza.—1 Tenente-coronel, 1 capitaõ, 1 tenente, 2 alferes, 2 sargentos, 41 soldados; mortos: 1 major, 1 capitaõ, 2 tenentes, 7 alferes; 18 sargentos, 1 tambor, 152 soldados, feridos: 8 soldados, extraviados.

Naõ se receberam ainda listas exactas da perda Hespanhola, mas avalua-se em 750 mortos, feridos e extraviados.

SECRETARIA DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS,
28 D'OUTUBRO.

O seguinte saõ copias dos Officiaes do Tenente-general Sir Carlos Stewart; e Eduardo Thornton, Escudeiro.

Toplitz, 1 *de Outubro de* 1813.

MY LORD!

A acçaõ que mencionei no meu officio de 29 do passado, junto a Altenberg, se achou ser de maior importancia do que ao principio se imaginou; e o Hetman Platow, com a sua habilidade e galhardia custumada, executou hum brilhante feito contra hum consideravel corpo do inimigo.

Este corpo estava debaixo das ordens do General Lefebvre Desnouettes, e consistia de alguma cavallaria ligeira Franceza, os hulanos Polacos das guardas, e huma brigada de dragoens ligeiros, debaixo das ordens do General Pirot. Os Generaes Keiseiski e Krutecks estavam tambem em commando.

A força consistia em 8,000 cavallos, e 700 infantes, hum esquadraõ de Mamelucos, e huma pequena partida de Tartaros das guardas, debaixo das ordens do Coronel Murot. Tudo isto foi atacado por Platow, e derrotado completamente.

O General Keiseiski, dizem os prisioneiros, foi morto. Os fructos desta victoria saõ 1,500 prisioneiros, 5 peças, e 40 officiaes (3 do estado maior.)

O exercito sahio daqui, e o seu movimento he para a esquerda. O corpo do General Conde Wittgenstein estava hontem em Comotan, e o do General Kleist junto a Brux.

Os Austriacos estaõ marchando para Chemnitz, chegou-nos do inimigo hum rumor, que Napoleaõ, acompanhado por El Rey de Saxonia, e sua familia, partio para Leipsic aos 28 do passado: dizem que se mudaria para ali o Quartel-general.

O corpo Francez, commandado pelo Marechal Augerau, marchou de Bamberg para Coburg, tendo deixado huma força consideravel em Wurtzburg.

Tenho razaõ para crêr, que o exercito Russiano e Prussiano excede 80,000 homens, que se ajuntam agora na linha de Chemnitz e Freyberg; a isto se deve accrescentar o corpo de Kleinau, de 10 mil homens, juntamente com todos os Austriacos.

O corpo do General Benigsen, a que se passou revista hoje, está em estado mui effectivo quanto ás apparencias, porém naõ tenho informaçaõ exacta dos numeros a que chegam.

Acha se na estrada de Praga, hum reforço de 7,000 homens do corpo Prussiano do general Kleist.

Tenho a honra de ser, &c.

CARLOS STEWART, Tenente-general.

Ao Visconde Castlereagh.

Zerbst, 4 de Outubro, 1813.

MY LORD!

Tenho a honra de informar e V. S., que o General Pozzo di Borgo recebeo noticias do Quartel-general dos exercitos na Bohemia; em data de 24 do passado, referem ellas, que, havendo o corpo do General Benigsen feito a sua juncçaõ com o grande exercito, os Soberanos Alliados tomáram a resoluçaõ de fazer hum movimento de Bohemia, pela sua esquerda; e que este movimento se executaria do 1. do presente mez.

Esta informaçaõ determinou o Principe Real a tentar a passagem do Elbe. Tinha-se ja completado a ponte em Roslau, em quanto se traçavam as obras de cabeça de ponte na margem esquerda, e hiam em estado de progresso. Alguns destacamentos de tropas Suecas estavam de posse de Dessau, e se estava fortificando a cidade de Acken, na margem esquerda, hum pouco mais abaixo no rio, debaixo da direcçaõ do Conde Woronzoff; e em tal maneira que a tornaraõ huma praça de consideravel força; em quanto se acceleravam os preparativos, para construir ali huma ponte.

No entanto, o inimigo, que parecia naõ ter idea da passagem do Elbe, em Acken, mandou fortes destacamentos de tropas para occupar Dessau, e a linha do Mulda, e se empregáram em construir obras tanto em frente daquella cidade, como na cabeça de ponte de Rosslau, com a intençaõ de impedir ali a passagem, e interromper os movimentos do exercito depois da passagem. Isto deo occasiaõ a escaramuças entre o inimigo, e a guarda avançada Sueca, que foi obrigada a deixar Dessau, e retirar-se para a vizinhança da cabeça de ponte em Rosslau, e, na verdade, na margem direito do rio.

Nestas circumstancias recebeo o Principe Real noticia do General Blucher, no 1. do corrente, informando a S. A. R. que naquelle dia fazia hum movimento com todo o seu exercito para a sua direita, na direcçaõ de Hertzberg; e que no dia seguinte elle estaria em Jessen; aos 3 em Elster, e no seguinte dia (hoje) effectuaria a passagem do Elbe em Elster, dirigindo-se a Kemberg, contra o corpo Francez postado ali.

A ponte em Acken tinha-se justamente concluido, e hontem, hoje, ou talvez amanham, saõ os dias em que se falla como provaveis, que se passará o rio.

O General Blucher cruzou o rio, em Elster hontem, com alguma opposiçaõ, e atacou a aldea entrincheirada de Wartenberg na margem opposta, a qual tomou, depois de huma obstinada resistencia, fazendo-se senhor de 16 peças de artilharia. Entende-se que esta victoria, que foi alcançada contra hum corpo commandado por Bertrand naõ se obteve sem perda consideravel, principalmente entre as tropas commandadas pelo General D'York: mas ainda se naõ recebêram as relaçoens circunstanciadas.

O Principe Real recebeo esta noticia hontem a noite, estando em Rosslau, ou immediatamente depois, de chegar aqui, e tomou a resoluçaõ de mandar todo exercito cruzar o Elbe, em Acken e Rosslau, os Russianos no primeiro lugar, os Prussianos e Suecos, em Rosslau alguma cousa mais tarde, alias, entende-se que os Francezes fariam pé firme em Dessau. Isto porém naõ éra de esperar huma vez que se completou a passagem em Acken pelos Russianos, particularmente na posiçaõ do exercito do General Blucher. Com effeito soube-se esta manhaã que os Francezes, se tinham retirado de Dessau, aonde consequentemente, me dizem, que o Principe Real estabelecerá o seu Quartel-general esta noite. Sua Alteza Real sahio deste lugar esta manham pelas 9 horas.

Hontem a noite Mr. Adlercreutz, filho do General, e Ajudante-de-Campo do Principe Real, voltou aqui do Quartel-general Imperial aonde fôra mandado depois da batalha de Donnewitz. Traz noticias do actual movimento do Grande Exercito, no 1. do corrente como se tinha projectado; calculava-se que hontem, 3, teria avançado ate Chemnitz.

Ainda naõ recebi as relaçoens da acçaõ do General Blucher; porem o Baraõ De Wetterstet me prometteo de demorar este mensageiro, até que receba está noite o officio delle para Mr. de Rehausen, e me prometteo (quando foi hoje para Dessau) transmittir-me ao mesmo tempo as mesmas particularidades, se as obtivesse. Eu conservarei este officio aberto para ellas.

Tenho noticias indirectas do General Czernicheff ter tomado posse, com o seu corpo de Cossacos, de toda a cidade de Cassel, d'onde fugio Jeronimo Bonaparte ; nada porém recebi ainda do mesmo General.

Tenho a honra de ser, &c.

E. THORNTON.

P. S. 10 horas da noite. Tenho a honra de incluir a V. S. huma carta que acabo de receber do Baraõ Wetterstedt.

Quartel General, Dessau, 4 d'Outubro.

Segundo as participaçoens, que se receberam do General Blucher, elle combateo com o 4. corpo Francez, commandado pelo General Bertrand. Este se achava fortemente entrincheirado em huma aldea entre Wartenberg e Bledin. O Corpo do General d'York desalojou, e derrotou o inimigo, tomando-lhe mais de 1,000 prisioneiros ; 16 peças de artilharia, e 70 carros manchegos, com o seu trem. Hum corpo de 2,000 homens atirou com sigo em Wittenberg, o resto do corpo inimigo retrocedeo para Kemberg. O General Blucher o persegue, e terá o seu Quartel-general, esta noite, naquelle ultimo lugar. A suà cavallaria está em Duben. Esta manham pelas 5 horas, as tropas do inimigo, debaixo do commando do Marechal Ney, que estávam nesta cidade em numero de 18,000 homens, principiáram a sua retirada para Leipsic. Os nossos postos avançados se adiantáram no decurso da noite até Raghun e Jernitz ; e a manham se fará a juncçaõ com o General Blucher. A vanguarda do exercito Russiano debaixo das ordens do Conde Woronzow occupa Coethe. Bernburgo esta guarnecido por cavallaria Russiana. A manham os douš exercitos do Principe Real, e dò General Blucher faraõ hum movimento combinado, em avançada, provavelmente na direcçaõ de Leipsic. Elles formam juntamente hum total de 127,000 ou 130,000 homens. Sua Alteza Real sem duvida estabelecerá o seu Quartel-general em Raghun.

Tenho a honra de ser, &c.

DE WETTERSTEDT.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 23 de Outubro de 1813.

EXTRACTO

De hum officio do Lord Aberdeen ao Lord Castlereagh, datado de Comotau, a 9 de Outubro de 1813.

O exercito avançou em linha recta para Leipsic, perto de, cuja cidade está o Quartel General do Principe Schwartzenberg. O Principe Real e o General Blucher tinhaõ avançado para o mesmo ponto: consequentemente as forças alliadas tem quasi effeituada a sua juncçaõ; e esta lançanda huma *rideau* ou cortina a travez desta parte da Saxonia que se estende desde Dessau para Marienburg sobre a fronteira de Bohemia. No entanto o General Benigsen com o corpo de Colloredo expellio o inimigo dos seos entrincheiramentos em Gieshubel, e avançou para Dresda pela grande estrada de Toplitz.

A poziçaõ actual, e as intençoens de Bonaparte saõ inteiramente desconhecidas. Huma grande força, que naõ he menor que 50,000 homens se oppoem ao Principe de Schwartzenberg: e julga-se geralmente, que Bonaparte mesmo fez hum rapido movimento com todo o seu exercito para atacar o General Blucher antes que elle effeituasse sua juncçaõ com o Principe Real. Seja porem como for, he provavel, que qualquer vantagem parcial, naõ melhorará essencialmente sua situaçaõ, nem fara mais duvidozo o final e bom successo dos alliados. Sua communicaçaõ com França está inteiramente cortada—seu exercito em grande miseria—seos armazaens quasi exhauridos—e o paiz em que esta, inteiramente sem meios de os fornecer:—Bonaparte achará pois necessario brevemente romper pelo cerco que se tem feito em torno delle. Nesta tentativa elle pode provavelmente ser bem succedido; mas ha toda a razaõ de esperar, que ella sera acompanhada pela destruiçaõ de huma grande parte do seu exercito.

He precizo render plena justiça aos talentos militares, e habeis combinaçoens do Principe Marechal: Se elle tivesse sido menos prudente, e circunspecto em seos movimentos, nos naõ nos achariamos collocado na formidavel, e commandante *atitude* que podemos agora tomar.

P. S. Por noticias recebidas esta manham, parece que o Principe Schwartzenberg com o grosso do seu exercito, esta em Chemnitz, e suas vizinhanças. Bonaparte sahio de Dresda a 7 com o Rey de Saxonia, e sua familia, e está em Rochlitz, onde a principal parte do seu exercito se tem unido. O General Benigsen avançou para Dresden, onde Bonaparte deixou, segundo se diz, huma fraca guarniçaõ, que naõ excede a 3,000 homens.

EXTRACTO

De hum officio do Tenente General Sir C. Stewart ao Visconde Castlereagh, datado do Quartel General do Principe Real de Suecia em Rottenburg, a 11 de Outubro de 1813.

Em conformidade das instrucçoens de V. S., e achandome sufficientemente restabelecido da minha ferida para viajar, sahi do Quartel General do exercito alliado em Toplitz a 3 do corrente, e cheguei ao do Principe da Coroa de Suecia em Radegast, perto de Zorbig, no dia 8. Mr. Thornton informou plenamente a V. S. das interessante noticias militares naquelle periodo. Agora tenho de informarvos, que depois da brilhante passagem do Elbo executada pelo General Blucher em Elster, na qual se tem desenvolvido no mais eminente gráo resoluçaõ e juizo, e subsequente passagem do mesmo rio executada pelo exercito Sueco nos pontos de Rosslau, e Acken, S. A. R. o Principe da Coroa concebeo, que hum movimento de todas as forças alliadas para a margem esquerda do Saale forçaria o inimigo a huma batalha geral, ou seria o modo mais effectivo, e adequado para embaraçar perseguir, e fatigar a sua retirada, se elle se rezolvesse a huma medida, que os movimentos dos exercitos de Bohemia, Silezia, e Norte da Alemanha nos seos flancos, e em todas as suas communicaçoens, parecia tornar indispensavelmente necessaria.

Napoleaõ ao que parece, manubrou de Dresden, segundo consta, com hum grande corpo de cavallaria sobre a direita, e toda a sua infanteria pela margem esquerda do Elbo, ate abaixo de Archlau. Fez se no dia 8 huma forte demonstraçaõ de 20 a 30 mil homens de Torgau para o ponto de Elster, onde o General Blucher passou, provavelmente com o desig-

nio de ameaçar aquelle General, e de o forçar a repassar o Elbo. Todavia a animoza rezoluçaõ dos Alliados naõ era de interromper seos movimentos somente á vista de demonstraçoens do inimigo; e todo o exercito de Blucher, estando actualmente em estreita communicaçaõ com o do Principe Real, marchou de Duben para Jesnitz, no dia 9, e passou o Mulda; e o Principe da Coroa concentrou suas forças entre Zorbig, Radegast, e Bitterfeld. O inimigo, segundo as noticias, parece estar unido agora perto de Eulenberg, e Oschatz, entre o Mulda, e o Elbo.

A 10 o General Blucher moveo-se de Jesnitz para Zorbig, onde se ajuntáraõ os exercitos da Silezia, e do Norte da Alemanha. Tendo-se tomado a resoluçaõ de passar o Saale, passaraõ-se as ordens no curso da noite; e o General Blucher marchou com o exercito da Silezia para passar o rio em Wettin, onde se tinhaõ construido pontes para este fim.

O General Bulow com o seu corpo de exercito estava tambem para passar em Wettin: o General Winzingerode com os Russianos, em Rathenburg; e o Principe Real, com os Suecos, em Aisleben, e Bernburg. Todas as forças estavaõ entaõ para se arranjar em ordem de batalha, com a sua esquerda sobre o Saale, esperando o ulterior desenvolvimento dos movimentos do inimigo. O corpo do General Bulow, e o do General Winzingerode, depois de passarem o rio, deviaõ formar a direita do exercito da Silezia, e os Suecos a reserva, ou a segunda linha.

Cada corpo de exercito deve formar-se em tres linhas. O General Woronzoff, que formava a guarda avançada do General Winzingerode em Halle, devera regular-se em seos movimentos pelas tentativas do inimigo, e recuará para onde estaõ as grandes forças, passando em Wettin, no cazo de ser atacado por numero superior; de outra sorte, devera reter Halle o mais tempo possivel.

V. S. observara, por estes animozos, e decididos movimentos, que os pontos de passagem no Elbo, pelos quaes os exercitos passaraõ, foraõ abandonados, e seraõ destruidos se for necessario; e tem-se preparado outras pontes abaixo de Magdeburg no cazo de necessidade.

O corpo de observaçaõ debaixo das ordens do General Thumen defronte de Wittenberg, composto de quasi 6,000 homens, no cazo de o inimigo forçar alli huma passagem com o fim de se alongar pela margem direita do Elbo, e de voltar por Magdeburg ou (vista a extremidade a que se acha reduzido) no cazo improvavel, mas possivel, de romper com todas as suas forças para Berlin; tem ordem de se retirar para o General Tauenzien, o qual com dez mil homens, deve manter se em Dessau, e manubrar, segundo as circunstancias, ou

na margem direita contra qualquer esforço possivel do inimigo; ou por meio de marchas forçadas reforçar, no cazo de necessidade, os exercitos juntos nas margens do Saale. O General Tauenzien será auxiliado por todo o Landsturm, e alguns corpos mais pequenos destacados devem tambem unir-se-lhe:

Chegou informaçaõ de que o General Platow com os seos Cossacos, estavaõ em Pegau: o General Kleist, e Wittgenstein, com a vanguarda do grande exercito da Bohemia, proximos de Altenberg; e nossa communicaçaõ parece estar completamente estabelecida na retaguarda do exercito Francez.

A informaçaõ a respeita dos movimentos do inimigo era ainda vaga; receberaõ-se porem noticias na tarde do dia 10, que elle estava movendo as suas tropas dos differentes pontos de Lutzen, e Wurzen para Leipsic, acrescentando-se que Bonaparte alli chegaria no dia dez. Suas forças entre Dresda, e Leipsic, alem das guarniçoens, segundo o mais alto calculo saõ avaliadas em 180,000 homens; as do exercito da Silezia em 65,000, e as do Principe Real em 60,000, com 600 peças de artilharia. He impossivel ver hum exercito mais bello, ou mais completamente equipado em todas as suas repartiçoens.

Segundo as noticias recebidas hoje, o General Platow com todos os seos Cossacos chegou a Lutzen, tendo tomado alguns centos de prizioneiros em Weisenfels, e está em completa communicaçaõ com os postos avançados dos Cossacos commandados pelo General Woronzoff desde Halle. Platow refere que o inimigo está ajuntando o seu exercito em torno de Leipsic. Nos temos noticia certa que o exercito da Bohemia esta agora entre Altenburg, e Chemnitz, e o General Bennigsen com a divizaõ Austriaca de Colloredo, que se lhe ajuntou, se está aproximando a Dresda.

P. S. O General Blucher naõ pode passa em Wettin por se naõ achar completa a ponte; mas foi para Halle, onde passou. O General Bulow naõ passou naquelle dia: porem o resto do exercito alliado esta na margem esquerda do Saale.

No dia 9 de Septembro se assignou em Toplitz hum tratado de Amizade e alliança defensiva entre S. M. o Imperador da Austria, e o Imperador da Russia: e outro igual entre o Rey de Prussia, e o Imperador da Austria; no seguinte No. aprezentaremos aos nossos leitores.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 28 de Outubro.

"Esta noite chegou o Hon. Roberto Gordon com despachos do *Conde de Aberdeen* datados de Commotau em 12 de Outubro, pelos quaes consta *que no dia 8 fôra assignado pelo Principe de Reuss, e pelo General Wrede hum Tratado de Alliança entre a Austria, e a Baviera.* O General Wrede, á frente de 35,000 Bávaros, deve immediatamente cooperar com as tropas Austriacas. Elle está ja em marcha, e hia ter 25 mil Austriacos debaixo do seu commando."

"Mr. Gordon passou por Berlin a 16, tempo em que o General Tauenzien com 12,000 homens tinha retrocedido para cobrir a Capital, á vista do inimigo ter atraveçado o Elbo em Wittenberg. Na tarde do dia 16 os Francezes naõ se tinhaõ aproximado a Berlin, para cuja defensa se tinhaõ ajuntado 40,000 homens, incluindo as forças do General Tauenzien."

Sabe-se por noticias particulares que Ney foi duas vezes repulsado nos dois ataques que fez contra os Generaes Bulow e Tauenzien. No dia 17 tudo estava em socego em Berlin. Parece evidente que o Tyranno no meio da sua desesperaçaõ, ordenou a Ney que avançasse sobre Berlin, a ver se deste modo obrigava o Principe da Coroa á repassar o Elbo, e enfraquecer deste modo os exercitos alliados que lhe tem feito hum cerco, e que o querem obrigar a huma batalha geral, ou a huma desastrada, e vergonhoza retirada. Mas o Principe da Coroa, que o conhece, previo tudo, como se vê dos officios que ficaõ transcriptos. He possivel, mas naõ he provavel, nem facil, que Ney entre em Berlin: mas quando entrasse as difficuldades em que o tyranno se acha involvido, longe de diminuirem, crescem.

O General Tettenborn penetrou ate Lingen na fronteira de Hollanda; poz em liberdade os conscriptos, tirou tudo o que se achava nos cofres publicos Francezes, e poz em liberdade os Alemaens que se achavaõ captivos por toda a parte onde os achou.

Por noticias de Heligoland de 24 do Outubro consta que este mesmo General á frente 5,000 de infantaria, e de 1,500 cossacos entrára em Oldenburgo de que se apoderou por hum *golpe de maõ* derrotando em poucos minutos hum corpo de Cavallaria Dinamarqueza que alli se achava.

O tyranno, cujos cofres estaõ exhaustos, e cujas finanças

se achaõ extremamente diminutas, exige hum *pequeno* emprestimo de 600 milhoens de francos (240 milhoens de cruzados); manda proceder a huma nova leva de 280.000 homens, e armar toda a Naçaõ Franceza! Tal he o fructo de 23 annos de crimes, e de horrores! Taes saõ os bens que hum vil uzurpador; que o mais cruel tyranno tem feito á França! Se os Francezes ainda o soffrem por mais tempo; se elles naõ tomaõ a heroica, e justa resoluçaõ de fazer promptamente em pedaços as viz cadeas em que gemem; entaõ he precizo confessar que elles saõ dignos de hum tal tyranno; e elle digno tyranno de taes escravos.

O Grande Alexandre maudou proceder a huma leva de 8 homens em cada 500 no seu vasto Imperio.

Julga-se que os Soberanos de Wirtemberg, e Baden teraõ a estas horas seguido o exemplo de El Rey de Baviera.

ADVERTENCIA.

Julgamos do nosso dever dezenganarmos aqui o publico, e desvanecermos a má interpretaçaõ, que a malicia deo ao paragrafo ultimo do nosso discurso a pag. 731 : naõ he o Redactor do Espelho ; mas outro, o ali dezignado : nós naõ temos razaõ de queixa do sobredito Redactor, com quem estamos em boa harmonia, e elle está muito bem dezenganado da nossa lizura, e sinceridade, e para sua satisfacçaõ, aqui escrevemos este artigo, que deve ser acreditado do publico, como hum testemunho da verdade.

Em o seguinte No. daremos o que falta da Carta sobre o Tratado de Commercio, Amizade, e Alliança ; o que naõ fizemos neste No. por falta de lugar.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS DO No. XXVIII.

Pag. 552. Que absorve as chamas—lea-se Chusmas.
553. Da estupida arrogancia os simulacros
Jamais insensaste.
Lea-se
Nunca insensaste os ôcos simulacros
Da estupida arrogancia.
610. Ajuste inhabilitado—lea-se habilitado.

APPENDICE

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ EM LONDRES.

Ponta Delegada S. Miguel, 28 de Julho de 1813.

Ha poucos dias, que chegou a esta Ilha huma obra publicada em Londres, intitulada *History of the Azores, or Western Islands,* escripta por T. A. Capitaõ de Dragoens ligeiros. Esta obra taõ infame pelas mentiras que o Author tem introduzido nella, como pelo modo indecente com que elle ataca o Governo de S. A. R., merece o desprezo de todo o homem sensato, seja Portuguez, ou Inglez; nem he de esperar, que hajaõ pessoas de educaçaõ que leiaõ a dita obra, sem logo perceberem as falsidades espalhadas em todas as paginas della.

Porem o motivo, que tenho em dirigir a Vmces. esta carta, he para fazer desvanecer na opiniaõ dos seos compatriotas toda, e qualquer idea desavantajoza, que possaõ entreter a meu respeito; visto, que o Author teve a impudencia de uzar do meu nome e citallo como authoridade, em varias relaçoens Statisticas, que tem introduzido com muita exageraçaõ, a fim de enganar o publico sobre o estado actual destas Ilhas.

Eu naõ precizo, nem dezejo as lizonjas do Capitaõ T. A. e somente prezo o bom conceito de homens de probidade; qual naõ he o Author desta obra.

Se o Capitaõ T. A. recebeo alguma hospitalidade durante os poucos dias que assistio em minha caza, naõ foi mais do que costumo praticar com todos os

meos Nacionaes, que a esta Ilha aportaõ, e que aprezentaõ cartas credenciaes pelas quaes se mostrao dignas de attencaõ: mas infelismente para mim, o Capitaõ T. A. naõ mostrou a sua gratidaõ senaõ em lezarme em perto de quinze mil cruzados, que me deve ainda por huma carregaçaõ de graõ, que a seu requerimento lhe aprompteí para levar ao exercito Britanico que no anno de 1808 se achava servindo em Hespanha, e que constava estar precizado de mantimentos. O dito Capitaõ T. A. pagou-me em letras de cambio sobre os Banqueiros de Londres Snres. Hammersley, &c. de Pall Mall, os quaes naõ o conheciaõ, nem tinhaõ conta alguma com elle. Alem disto pedio-me que lhe desse dinheiro para cartas letras de cambio socadas no Brazil sobre Liverpool, e Londres endossadas a seu favor, ou para melhor dizer forjadas pelo dito Capitaõ T. A., o qual esteve prezo em Londres muito tempo, e escapou de receber o castigo devido aos seos crimes, pela incerteza de os ter ou naõ comettido dentro dos dominios de S. M. Britanica ou nos de S. A. R. de Portugal.

O dito Capitaõ T. A. nunca esteve em outra ilha dos Açores, senaõ nesta: chegou aqui em Novembro, e sahio logo em Dezembro de 1813: como podia entaõ adquerir em taõ pouco tempo noticias verdadeiras, relativas a historia destas Ilhas? Mas com a sua costumada audacia suprio esta falta com anecdotas falsas de Pessoas, que mesmo naõ existem na Ilha de S. Miguel; assim como falla de conventos de Frades, e de Religiozas em lugares aonde naõ os há sendo todas estas contas filhas de sua fertil imaginaçaõ para illudir o Publico.

He huma justiça devida aos habitantes destas Ilhas em geral, o naõ permittir que as calumnias do author dessa obra, sejaõ recebidas como verdades pelo Publico; e posso affirmar a Vmces., Snres. Redactores, que quando li a obra fiquei atonito da impudencia, e desaforo do Author; e para fazer conhecer a Vmces. melhor o caracter deste homem, remetto a Vmces. copia de hum officio, que dirigi ao Excellentissimo Snr. Conde do Funchal Embaixador de S. A. R. em Londres em data de 9 de Janeiro de 1811 relativo a este sujeito, quando o tive prezo na cadea do

Poultry Compter, ate á decizaõ do Lord Mayor sobre o cazo.

Sou de Vmces.

Muito Venerador

GUILHERME HARDING READ.
Consul Geral de S. M. Britanica
nesta Ilhas dos Açores.

(Copy.)

Case of Forgery, Fraud, and Swindling.

Thomas Ashe now in Custody at the Poultry Compter on a charge of Forgery and Swindling exhibited against him by Mr. Read, British Consul at the Azore Islands, is remanded for further examination by order of the Right Honourable the Lord Mayor of the City of London, until the opinion of the Judges can be obtained, how far the prisoner is liable to prosecution in this country, for the forgery which is said to have taken place at Pernambuco in the Brazils, on the 26th of September, 1808, drawn by Manoel Joze de Souza, on Messrs. Lyne, Brothers, and Kempe, of Liverpool, for the sum of 475,029 reis, endorsed by Thomas J. Gunston at Pernambuco, on the 24th of September, 1808, payable to Charles Harris, whose name is forged on the back of the bill of exchange, the said Thomas Ashe having uttered the bill of exchange at the island of St. Michael, as a good bill, to Mr. Read the British Consul, from whom he received cash for the amount, it appears that Thomas Ashe purloined the said bill of exchange, together with a number of other letters and papers from the letter bag, on board the Portuguese brig Asia, in which vessel he came passenger from Pernambuco to the island of St. Michael, where he also obtained from Mr. Read a ship load of grain, under pretence of requiring the same for the use of the British army, then serving in Spain under General Sir John Moore, and for which cargo of grain he is is still indebted to Mr. Read in nearly twelve hundred

pounds sterling; it is confidently asserted that the said Thomas Ashe has defrauded My Lord Strangford, His Majesty's Minister at the Court of Rio Janeiro to a very considerable amount, and further that a great quantity of diamonds, emeralds, topazes, and other precious stones, which he brought with him from Brazils, must have been fraudulently obtained from the Portugueze subjects in that country, and that the passports with which he travelled into the interior of the Brazils, must have been forged. Under all these circumstances, it is submitted to His Excellency Dom Domingos de Souza Coutinho to take such steps as may appear necessary to prevent the escape of this offender from public justice, in the event of its being found to be the opinion of the Judges that he cannot legally be tried in this country for the said offences.

(A true copy) W. HARDING READ.

London, 9 *January*, 1811.

(Copy.)

Mr. Read has the honour to lay before His Excellency Dom Domingos de Souza Coutinho the enclosed statement of the charges against Thomas Ashe, now in custody in the City of London, to which he is impelled from motives of public duty, as well as from the recommendation of the magistrate, by whose order the prisoner is remanded for further examination until Friday next.

(A true copy.) W. HARDING READ.

14, *Angel Court, Throgmorton Street,*
Wednesday, 9 *January*, 1811.

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR.

Ilha da Madeira, 7 de Septembro de 1813.

No seu Periodico No. 23, se bem me lembro, li que hum Historiador Inglez, ou mal informado ou mal intencionado publicára, que os habitantes das Ilhas dos Açores, e Madeira, estaõ somente á esperá do signal para sacudirem o jugo do seu governo; e appellidaraõ Vmces. esta porçaõ fiel dos Vassallos de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, para mostrarem de hum modo tambem publico o seu devido horror, e indignaçaõ a taõ insigne falsidade, e a seu author.

Prescindo de apostrofar, porque naõ poderei fazer isto sem azedume; prescindo de responder a outras injurias, que nos faz, sem razaõ. Todavia tomára saber de que sorte consultou este homem os habitantes dos Açores, ou os da Madeira, a cerca dos seos sentimentos, em huma materia, que elles tanto tomaõ a peito, para se atrever a fazer-lhes huma taõ negra imputaçaõ? Ou que mal lhe fez a minha Patria para a infamar taõ atrosmente? Salvo se he ministrar-lhe o licor, que talvez produzio no cerebro deste Inglez ideas taõ extravagantes. Eu que sou filho da Madeira respondo por mim, e certissimamente por todos os meos compatriotas, que neste particular sentem como eu.

Para nos todos o'dominio que naõ for o do nosso Amado, Natural, e Legitimo Soberano o Principe Regente de Portugal, seria sempre odiozo, e insoportavel. Creiaõ bem que antes perderiamos as fazendas, e as vidas, do que sujeitarmo-nos a qualquer jugo estranho por mais bem pintado que fosse. Se algum dia formos senhoreados da força, o que naõ espero, a força naõ possuirá em nossa ilha mais, do que cadaveres, e ruinas.—Huma prova do nosso odio a hum dominio estranho he que todos maldissemos a Pedro Fagundes, Ex-Governador, e capitaõ General desta ilha, quando a entregou a huma Naçaõ estrangeira, que se devia reputar inimiga, porque de maõ armada veio apoderar-se della: nos o maldissemos todos, porque nos submetteo a hum jugo estranho; porque nos naõ defendeo, e porque subscreveo, sem nos consultar, ou sem con-

selho, a huma capitulaçaõ, que os commandantes Inglezes lhe dictaraõ dentro do Castello de sua propria rezidencia. Esta prova se duplica, quando, tendo o esclarecido, e muito digno Ministro de S. A. R. na Corte de Londres, o Excellentissimo Conde de Funchal, participado á Camara desta Cidade, que a Madeira era restituida a S. A. R. se vio içar nas fortalezas della as Reaes Quinas de Portugal em lugar das cores Britanicas, que foraõ abatidas. O enthusiasmo geral, que entaõ lavrou em nossos peitos, e o jubilo que se manifestou em nossos rostos, provaõ de huma maneira naõ equivoca o amor, e afferro ao Dominio do nosso Legitimo Monarca, e odio a todo, e outro qualquer, que naõ for o seu. He verdade que tivemos nesta epoca á testa deste Governo hum chefe sabio, e activo, que fez por algum tempo as nossas delicias, e felicidade: assim mesmo mal o soffriamos, porque era estrangeiro.

Exulte porem todo o bom Portuguez, porque outro penhor de huma vallia inestimavel affiança o socego do nosso espirito a respeito da Madeira. Esta Ilha naõ pode jamais ser alheada; esta pedra precioza da coroa do nosso Augusto Soberano naõ poderá jamais desencravar-se della. Assim no-lo promettem a Real Palavra, e o mui categorico, e Soberano juramento d'El Rey D. Manuel de felis recordaçaõ, na carta, que com esta tenho a honra de lhes enviar em forma authentica.

Communicando-lhes pois a Vmces. este Veneravel Monumento naõ tenho em vista outra coiza, senao que Vmces. o vulgarizem, e façaõ valler com a energia, clareza, e brilhante de sua linguagem, com a sua geralmente reconhecida eloquencia os Direitos desta Ilha, e de seos Moradores

Se o fizerem assim quero que naõ fallem no meu nome: na certeza deque por huma, e outra coiza, que lhes roga muito de favor, lhes protesta o seu agradecimento.

J. A. P. A. C.

P. S. Entendi que devia guardar naquelle Papel a ortographia antiga em que está originalmente registado.

[CERTIDAM.]

Josaõ Agostinho Pereira d'Agrella e Camara Escrivao da Camara Proprietario por Sua Alteza Real que Deos Goarde, nesta Cidade, e seu Termo, &c.

Certifico que revendo o Tomo primeiro do Registo-geral no Archivo desta Camara, nella a folhas dozentas o setenta verso se acha huma Provizaõ de vinte e sete d'Abril de mil quatro centos e noventa e sete, a qual he como se segue:

Dom Manoel por Graça de Deos, Rey de Portugal e dos Algarves da aquem, e dallem mar, em Africa Senhor de Guine. Aquantos esta Nossa Carta virem fazemos saber que por quanto a nossa Ilha da Madeyra he huma das principaes e proveitozas couzas, que Nos e a real Coroa de nossos Reygnos teemos pera ajuda, e sobportamento do estado real, e emcarregos de nossos Reygnos á Nos parece couza justa e necesarea que a dita Ilha com seu Senhorio, rendas, e juridiçaõ seja soomente da dita nosa Corôa pera sempre, e dos Reys nossos herdeiros e successores, que a soccederem, e pelo qual, e asy por fazermos graça, e mercee a dita Ilha, e a hos moradores, e povoradores della, e por teer rezam de se mays emnobrecer, e aproveitar, de noso moto propreo, certa Sciencia, poder absoluto, e libre vontade. Teemos por bem, e por esta em nosso nome, e de nossos herdeyros, e Sobçosores prometeemos pera sempre, e damos nossa fee Real que em algum tempo por alguma necessidade, ou cauza cuydada, e nám cuydada que á nós, e á nossos Sobçossores sobre venhaõ, ainda que seja de grande peso, e importancia nunca a dita Ilha, nem parte della com seu Senhorio, rendas, e jurdiçaõ seja dada per nós, nem per nossos Sobçosores de graça, nem em vida, nem de juro, nem per outra quallquer maneira alguma pesoa de quallquer estado, condiçaõ, e priminencia, que seja, nem a igreja nem a moesteiro, nem a caza outra piedoza, nem a religiam, nem a hordem, posto que seja de cavallaria; antes queremos, e outra vês prometemos que a dita Ylha ynteira, e junta seja sempre nossa, e de nossa Corôa, e dos Reys nossos Soçosores, e nunqua de nos, nem delles seja desonida,

e apartada em algum tempo. Dor mais firmeza, e segurança do qual nós em nosso nome, e dos Reys nossos Soçosores, e herdeiros juramos ao sinal da Cruz, e a hos Santos Avangelhos, em que corporalmente poemos as maôs, de nós, e os ditos nossos herdeiros, e Soçosores o comprirmos e manter-mos a sy ynteiramente sem arte, cautella, nem minguamento algum, e de nunqua em algum tempo pedirmos relevamento, nem absoluçam deste juramento, antes supricamos a nosso mui Santo Padre, que pelo tempo for presidente na Igreja de Deos que contra este juramento nunqua despense, nem o tempére pera com a licença delle se fazer o contrario desto. Erogamos, e encomendamos muito aos Reis nossos herdeiros, e Soçosores, que pelos tempos forem que per nossa bençam, e sob penna da maldiçaõ de Deos e nossa sempre o asy cumpraõ, e conservem para sempre. Em testemunho e fee do qual mandamos dar esta Carta á dita Ilha, e a hos moradores della assignada per nos e assellada do nosso Sello de chumbo. Dada em a nossa Cidade d'Evora a vinte e sete dias do mez d'Abril. Vicente Pires a fez anno do nacimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quatro centos noventa e sete annos. El Rey.

He quanto se contem na referida Provizaõ que do proprio Livro do Registo a qui fiz extrahir por Certidaõ, e a ella me Reporto. Funchal, 7 de Septembro de 1813.

Joaõ Agostinho Pereira d'Agrella e Ca.

Antonio Jose Goncalves de Almeida Cavaleiro na Ordem de Christo, Contador geral na Junta da Real Fazenda desta Ilha da Madeira, e que sirvo no impedimento do Juiz das Justificaçones Ultramarinas Joaõ Eustachio de Souza, &c. Faço saber que me constou por fe do Escrivaõ que esta passou ser a letra da assignatura, que firma a Certidao retro do proprio punho de Joaõ Agostinho Pereira de Agrella Camara Escrivaõ da Camara desta Cidade. O que

hey por justificado Funchal, 9 de Septembro de 1813. Eu Francisco Ferreira de Abreo Escrivaõ das Justificaçoens Ultramarinas a escrevy.

ANTONIO JOSE GLZ. D'ALMEIDA.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

DEZEMBRO, de 1813.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA PORTUGUEZA.

MEMORIA

Sobre a Justiça dos motivos, que teve o Senhor Rey D. Joaõ II. para rejeitar os projectos de Navegaçaõ de Christovaõ Colombo. Por D. Antonio da Vizitaçaõ Freire de Carvalho.

PROLOGO.

Todo o homem de talentos, que pelos seos estudos, e trabalhos literarios tem procurado illustrar a sua naçaõ, e o seo seculo, merece com justiça que o seo nome seja conhecido, e que no tumulo naõ fiquem confundidos com as suas cinzas

os productos do seo genio, e das suas luzes. D. Antonio da Vesitaçaõ Freire de Carvalho, Conego Regrante de S. Agostinho em Portugal, Professor de Historia e Geographia nas Escolhas de S. Vicente de fora, Socio da Academia Real das Sciencias, e da Sociedade Real Maritima de Lisboa, fallecido no 1 de Março de 1804, hé pois hum desses homens, que como literato naõ deve ser esquecido naõ so pelas obras que nos deixou, mas pelo muito que d'elle ainda tinha que esperar a literatura, se taõ cêdo naõ acabassem os seos dias, em que todavia foi felís por assim ter escapado aos trabalhos deste mundo e de huma época, em que para viver tranquillo naõ basta sempre ser honrado e ser fiel.

Depositarios de todas as suas memorias, e trabalhos academicos, e achando-nos agora por hum desses sucessos incalculaveis da vida *refugiado* em Londres, aonde se imprime, e publica o taõ conhecido, e benemerito das letras *Investigador Portugues*, parecêo-nos, que naõ deviamos por mais tempo, nem esconder ao publico a leitura de obras de hum mui notavel merecimento, nem expor o nome do auctor, com quem tinhamos relaçoens taõ proximas de sangue, a ficar por alguma casualidade privado deste rico monumento da sua reputaçaõ. Naõ nos havendo sido athe agora possival pelos nossos infortunios pessoaes, que nos obrigáraõ a viver fora de Lisboa quasi constantemente depois de 1805, o appresentar a Real Academia, da qual taõbem temos a honra de ser socio, estas memorias, que por direito lhe pertencem; vamos emfim por gloria do auctor, e da mesma Academia fazê-las publicar, para que naõ suceda que por novos acazos imprevistos fiquem de alguma vez condemnadas a hnm eterno esquecimento.

A' vista destas razoens taõ ponderosas esperamos pois, que a Real Academia naõ nos leve a mal este nosso irregular procedimento, lembrando lhe, que naõ he por falta de respeito nem de gratidaõ que dâmos este passo, que só as nossas circunstancias justificaõ. Se ainda a nossa fortuna o permitir, e alcançarmos do Generoso e Justo Principe que nos governa a justificaçaõ que immediatamente lhe vamos requerer, e como bom Portuguez, esperâmos alcançar; entaõ teremos o prazer de pagar a Academia a divida a que lhe somos obsigados, depositando nos seos archivos os originaes das memorias, que sem ordem sua agora fazemos imprimir.

As memorias que conservamos, e que successivamente sehiraõ publicando saõ as seguintes.

I. Sobre a justiça dos motivos que teve o Sr. Rey D. II. para rejeitar os projeetos de navegaçaõ de Christovaõ Colomb.

II. Em que se mostraõ as vantagens do estudo da geogra

phia nautica nas reaes aulas da marinha, e o plano do seo ensino*.

III. Sobre a utilidade de applicar as manufacturas das nossas materias primeiras aos progressos da agricultura.

IV. Da condiçaõ domestrica e politica da classe indigente nos primeiros seculos da monarchia.

V. Sobre a divindade, que os Lusitanos conheceraõ debaixo da denominaçaõ de Endovelico.

VI. Vida de Fr. Bernardo de Brito.

Os homens, costumados a avaliar os acontecimentos pela fortuna, desprezaõ as mais sensatas combinaçoens, que os azares contraîaõ, cegamente idolatrando os sucessos venturosos, que só outros azares verificaõ. Mas as reputaçoens precarias tem hum tempo : os prestigios de huma geraçaõ naõ podem ser eternos : cêdo ou tarde a razaõ faz justiça sobre as usurpaçoens do erro : e na terrivel integridade deste tribunal esclarecido cada merecimento vai encontrar a sua proporcional e devîda recompensa.

A historia das naçoens tem a seo cargo recolher os documentos, que devem fundamentar estes imparciaes juizos, e a historia deve ser impassivel como a razaõ. Assim a historia de huma das epochas mais importantes da nossa gloria maritima nos dá pois os motivos de julgar, que o Snr. Rey D. Joaõ II. avaliou os projectos de Colomb naõ só como o Principe mais illustrado do seo seculo; mas que os seos condecimentos cosmographicos deviaõ convencê-lo, que estes projectos naõ eraõ resultado de huma sciencia analytica do estado do globo, porem unicamente as producçoens de huma imaginaçaõ viva, que a liçaõ de alguns viajantes do Oriente lhe tinha inspirado.

A ventura de Christovaõ Colomb he com tudo incontestavel; porque as suas tentativas para descobrir hum novo caminho para o desejado objecto das navegaçoens do tempo ainda que estabeleceraõ hum monumento eterno a sua fama, este monumento naõ se fundamentou sobre as combinaçoens deliberadas da sua sciencia, mas sobre os imprevistos destinos da sua fortuna.

* Esta memoria foi lida na Sociedade Real Maritima.

Mais de tres seculos saõ passados desde a felis descoberta do novo mundo: as paixoens rasteiras, que de ordinario atacaõ o merecimento dos que vivem ja tem desaparecido para Colomb; e nenhuns interesses senaõ os da verdade podem dictar esta memoria. Esta memoria pois naõ se destina a degradar a fama de Colomb: esta fama assas esta ganhada pela sua fortuna. Eu só procurarei mostrar, que o repudio, que o Sr. Rey D. Joaõ II. deo aos projectos de Colomb, mui longe de dar a menor sombra de desdoiro a sua immortal gloria, serve ao contrario de dar hum mais brilhante realce a sua illustraçaõ.

Huma rapida analyse dos conhecimentos geographicos do tempo nos vai offerecer motivos de esclarescer esta questaõ curiosa, que parecerá naõ ser indigna da attençaõ da Academia, pois que nella se interessa a nossa gloria maritima.

De todos os conhecimentos humanos, que a Europa moderna recebeo dos Antigos, nenhuns parece virem menos aperfeiçoados do que os da geographia. Como era necessario que observaçoens repetidas e diuturnas se derigissem pela segura guia das sciencias exactas, e que os conhecimentos ligados a arte da navegaçaõ fossem havidos em honra, e merecessem a estimaçaõ dos governos, naõ era possivel, que na barbaridade ou na meia civilisaçaõ das antigas naçoens se desse acolhimento ao que mal se combinava com a cega ferocidade do tempo. Se os Fenicios, os Gregos, os Asiaticos, e os Carthagineses merecem alguma excepçao, naõ podemos das suas navegaçoens tirar maiores vantagens do que a simples curiosidade de saber, que a sciencia da navegaçaõ naõ ficou inteiramente perdida para os homens. As observaçoens de Nearco, de Hannon, e de Pitheas, e os celebres periplos, que se lhes atribuem, a penas conhecidos pelo nome, nenhumas luzes deixáraõ aos vindouros sobre as verdadeiras disposiçoens das terras, sobre o gizamento das costas, e sobre aquella parte do globo, que as viagens itenerarias ainda naõ tinhaõ manifestado. Neste antigo estado de coizas os trabalhos da geographia mais versavaõ sobre a theoria do que sobre os factos. A geometria, a physica, e a astronomia estavaõ na infancia, ou a penas só talvez existiaõ entre os Caldêos, e os Gregos seos discipulos, restos espalhados de huma

epocha assas antiga da gloria destas sciencias. De qualquer maneira que seja, se exceptuar-mos os trabalhos de Erathostenes, e as sublimes descobertas devîdas ao genio de Hipparco, os conhecimentos geograficos dos antigos pouco facilitárаõ pois os felises progressos dos modernos. Ptolomeo com tudo, cujo caracter era mais proprio para os trabalhos de imaginaçaõ do que para as indagaçoens severas, que pertendia advinhar o que era só possivel, e que arranjava os factos antes de observa-los, seguindo o methodo de Hipparco na designaçaõ das longitudes e latitudes, nos deixou a geographia mais completa que a Europa conheceo athe o renascimento da sciencia pelas ousadas tentativas dos Portugueses. Apezar dos importantes subsidios que a biblioteca de Alexandria ministrava a Ptolomeo, esta geographia era pela maior parte fundada em narraçoens vagas de Viajantes nem sempre bem instruidos, que era preciso avaliar por huma comparaçaõ reciproca; mas este naõ era o caracter de Ptolomeo. De mais os antigos Viajantes, carecendo dos instrumentos de observaçaõ, nem sempre podiaõ determinar de passagem pelo meio do gnomon as posiçoens de cada lugar. Estas determinaçoens inexactas eraõ o primeiro defeito de Ptolomeo, e o primeiro objecto que os modernos tiveraõ de corrigir.

Ptolomeo foi com tudo o escriptor classico em geographia desde a decadencia da academia de Alexandria athe a renovaçaõ da sciencia na Europa. Abulfeda, o geographo Nubiense, e todos os outros geographos Arabes só se occupáraõ em commentar Ptolomeo. Sem quasi addiccionarem de alguma maneira o que elle deixara descripto. No principio do Seculo XV. $\frac{2}{3}$ do globo na direcçaõ das longitudes, e quasi todo o hemispherio meridional eraõ desconhecidos, assim como igualmente as altas latitudes do Norte. Nas mesmas posiçoens designadas as ideas eraõ taõ vagas, que a longitude Oriental da Asia era diminuida de 40 gráos da sua determinaçaõ verdadeira. A situaçaõ da Taprobana era taõ incerta, que os exames mais circunstanciados ainda hoje naõ podem estabelecer, se este nome compete a Ceylaõ, a Sumatra,

ou a Java, ainda que nas suas posiçoens haja differença de quasi quatrocentas legoas.

Mas pelas expediçoens notaveis das cruzadas a Europa começou a reunir-se com a Asia. Estas duas partes do globo reciprocamente começaraõ a conhecer-se. A Geographia principiou taobem aganhar indirectamente nestas transacções ; e da devoçaõ de peregrinar se passou ao gosto de fazer algumas viagens. A navegaçaõ do Mediterraneo começou portanto a ser huma escolla de ensaio para as longas navegaçoens do Oceano, que o genio Portuguez devia entreprehender para felicidade e admiraçaõ do mundo.

As rapidas conquistas de Gengis Kan desde a grande muralha da China athe a Siria, e o maravilhozo que a ignorancia acrescenta a tudo o que hé extraordinario, fizeraõ nascer interesse aos occidentaes, que no seculo 13 habitavaõ a Palestina, de hirem vizitar o paiz aonde subitamente tinha aparecido hum exercito de guerreiros, que em hum instante havia quasi conquistado a metade do hemispherio. As caravanas que Gengis Kan ordenava para todas as partes das suas immensas conquistas forneciaõ facilidade a estas viagens. Por este meio se persuadiraõ os Christaõs do occidente, que na Tartaria Karaita havia hum Principe Christaõ athe alli desconhecido. Este era Thogralon-Kan devedor de grandes beneficios, e ingrato a Gengis Kan. A Europa deo a maior celebridade a este Principe debaixo do nome de *Preste Joaõ*. Os Romanos Pontifices lhe enviaraõ neste Seculo differentes legados ; mas se elles desempenharaõ exactamente as suas missoens no seu primario objecto, em que tanto interessavaõ os progressos da nossa Sancta Fé Chatolica, deixáraõ-nos em huma inteira incerteza sobre as circunstancias do paiz que viajáraõ. Com as mesmas piedosas intenções enviou S. Luis a Tartaria pessoas, que podessem commover o terceiro Kan, Sucessor de Gengis, a ligar-se com elle contra os inimigos communs os Sarracênos ; pois existia a persuasao, que o Kan da Tartaria era hum Principe Christaõ. Desta viagem porem parece, que nem a religiaõ nem a Geographia adquiriraõ grandes vantagens.

Conheceo-se com tudo, que ao Oriente do mar Caspio existiaõ immensos paizes, que poderiaõ contribuir para o Commercio do Occidente. Em consequencia no Seculo 13 Marco Polo, Veneziano, por vinte e seis annos se empenhou em fazer viagens mercantes no Oriente; e a sua actividade e o seo genio indagador o leváraõ mais longe do que nenhum Europeo ainda tinha hido. O Reino de Cathaio, ou a China, era naquelle tempo sujeito aos sucessores de Gengis, de quem Marco Polo se via particularmente protegido. Elle vizitou pois naõ só este vasto paiz, mas todas as costas Orientaes da Peninsula alem do Ganges, viagem difficil, e quasi incrivel naquelle tempo para os circunscriptos conhecimentos da Europa. As suas relações versavaõ ao mesmo tempo, sobre differentes paizes que, ainda que naõ visitados por elle, eraõ porem assas conhecidos dos povos que havia corrido. Nesta ordem parece se deve contar a Ilha celebre de Zipango, que depois teve o nome de Japaõ. Seguio-se a esta viagem a de Joaõ de Mandeville no seculo 14. Ambas porem descreveraõ os mesmos paizes, e no estilo, que parece era o unico capas de interessar naquelle tempo a attençaõ da Europa. A historia entaõ naõ se differençava da fabula; e em ambos os assumptos o segredo de agradar era surprehender e atterrar a imaginaçaõ com maravilhas, importando pouco que a verdade ou a impostura as houvessem dictado. Marco Polo principalmente satisfes o gosto do seo seculo. Todas as imaginações se sentiraõ abrazar no desejo de ver os paizes de que Polo offerecia taõ magicos como encantadores quadros. Se a imaginaçaõ porem ficou satisfeita com prodigios absurdos, a razaõ só poude conhecer, que a terra habitavel era mais extensa do que n'outro tempo se pensára. Mas qual era o termo desta extensaõ? Era hum problema entaõ assas difficil, e para cuja resoluçaõ só existiaõ probabilidades: com tudo os espiritos ardentes naõ duvidavaõ prescreve-lo.

Neste estado de coizas o genio Portuguez ousa da extremidade do mundo conhecido elevar-se a sublime empreza de dissipar as trevas de todas as idades, abrir-se huma nova carreira de gloria, e accelerar a civilisaçaõ universal, restituindo ao genero humano as

relaçoens de huma unica familia, e fazendo-lhe esquecer o atros sinonimo de estrangeiro e de inimigo. Em fim vai adquirir os unicos e verdadeiros factos em que a Sciencia Geographica devia estabelecer-se a par das sciencias physico-mathematicas.

Em huma Academia de Portuguezes eu naõ tenho que lembrar mais do que o nome do Snr. Infante D. Henrique. A' sua direcçaõ o mundo vio abrir-se huma carreira nova: as propriedades do Iman, as observaçoens astronomicas, que tinhaõ servido a determinar a figura da terra e a posiçaõ de cada lugar, felismente foraõ aplicadas pella Academia de Sagres á navegaçaõ das longas derrotas. Esta navegaçaõ porem naõ era de homens aventureiros: esta navegaçaõ tinha fins taõ sublimes como o genio do Principe que a derigia, e dos bravos heroes que a executavaõ.

Quando quasi todas as naçoens Christans eraõ escravas ou tributarias dos Mahometanos pelo Commercio do Oriente, que elles guardavaõ como em monopolio, e cuja exportaçaõ só se consentia ou por Caffa, ou pelo Cairo; o brio Portuguez por huma combinaçaõ ousada vai tentar hum novo caminho com que arranque ao poder insolente dos Sultoens o oiro dominador com que intentavaõ agrilhoar o mundo, privando-os igualmente das numerosas allianças da Peninsula d'aquem do Ganges. Naõ he pois menor o serviço que a navegaçaõ Portugueza fez ao genero humano, detendo a torrente feros que ameaçava a barbaridade universal do mundo, do que os serviços que destas felises emprezas recebeo a Geographia.

Apezar das acreditadas opinioens de celebres geographos antigos, asseveradores, de que o globo entre os tropicos era inhabitavel; a pezar das difficuldades que a inveja excita contra tudo o que he novo; o immortal Infante impellido pela consciencia dos seos altos motivos faz abrir pela costa occidental d'Africa hum caminho insolito para a India; querendo obstruir assim os canaes antigos da riquesa e potencia Musulmana, que cada dia se tornava mais temivel pelos Subsidios que os Venesianos e os Genovezes lhe levaraõ a custa da curiosidade e do nascente luxo da Europa. Meio seculo de tentativas e de todo o genero de trabalhos nenhum abalo fizeraõ na constancia

deste heroe. Todo o littoral do occidente d'Africa quasi athe o equador ficou conhecido igualmente com as ilhas dos Açores e de Cabo Verde ; e na memoria dos homens naõ existia lembrança de Viagens taõ ousadas. Mas estas descobertas se por hum momento foraõ contempladas como simplices especulaçoens mercantis, começáraõ desde o reinado do Snr. D. Joaõ II. a recobrar o seo antigo destino.

Tinha se descoberto athe hum pouco alem da linha equinocial ; porem novos exploradores capitaneados por Diogo Caõ foraõ enviados a tentear o projectado caminho da India ; tentativa, que fes descobrir os reinos de Benin e de Congo. Nas instrucçoens que o Grande Rey dava aos seos navegantes, o primeiro objecto era indagar as noticias da proximidade da India. Os negros Jalofos primeiramente informáraõ em 1445 Denis Fernandes, e depois os povos de Benin a Diogo Caõ, que ao Oriente da sua patria na distancia de 270 legoas se achava o poderoso Monarcha de Ogane, Principe adorador da Cruz, que jamais se fazia visivel aos seos vassallos. Esta circunstancia combinava com as noticias que os enviados de S. Luis davaõ do Preste Joaõ. Por outra parte os religiosos que peregrinavaõ a terra Santa, os Judeos que comerciavaõ no Cairo informavaõ, que nas altas montanhas que dividiaõ a Ethiopia do Egipto principiava o imperio de hum poderoso soberano, que professava o Christianismo, e que este se denominava o Preste Joaõ, cujos dominios se extendiaõ athe o Oceano do Sul. A conformidade dos titulos do Soberano, as apparencias da Religiaõ Christam persuadiraõ o Snr. Rey D. Joaõ, que proseguindo na Viagem começada, naõ seria difficil encontrar no Sul da Africa o imperio do Preste, cuja amisade tinha sido desde o seculo 13 o objecto da amisade dos Soberanos, e da curiosidade dos povos. Consultadas as Taboas de Ptolomeo pelos Geographos Portuguezes, o Cabo Prassum parecia dever entrar nas pertenças deste Monarcha, assim como a situaçaõ d'Ophir de Ptolomeo, ou a Sofala dos modernos. Estes dois lugares, segundo a relaçaõ dos Povos de Benin naõ deviaõ poiś distar muito da costa occidental da Africa, situada ao Sul do Equador. Esta probabilidade tomava maior força, consi-

derando o gizamento das costas, que taõ sensivelmente se estreitavaõ desde o Cabo Verde athe o Congo, que se achava a differença de 30 gráos. Esta differença, que parecia progressiva indicava, que o termo meridional da Africa naõ poderia achar-se em huma mui alta latitude. Acrescentando-se huma simples confrontaçaõ da longitude do Congo com a do paiz que ficava superior ao Egipto, ou do Imperio do Preste, seria facil conhecer, que a differença naõ era maior do que entre o Cabo Verde e o Congo. Restava porem saber, se apezar das apparentes proximidades dos dois paizes a ponta meridional da Africa seria nimiamente prolongada ao Sul; ou se nesta hypothese se poderia descobrir hum estreito na direcçaõ de Leste, que facilitasse a passagem desejada.

Quando o Snr. D. Joaõ II. encarregava deste importante descobrimento o illústre Bartholomeo Dias, mandando proseguir nas tentativas da costa Occidental da Africa; quando pela via do Cairo fazia indagar por Affonso de Paiva, e Pedro da Covilham a prolongaçaõ dos dominios do Preste Joaõ, e a facilidade da navegaçaõ que existia entre a costa de Malabar e a parte mais occidental do Sul da Africa; isto he, quando o exame mais sensato hia verificar a theoria mais bem combinada; entaõ propunha Christovaõ Columbo ao Snr. Rey D. Joaõ II. hum novo projecto de alcançar os mesmos fins com mui poucas dificuldades.

O projecto de Christovaõ Colombo era pois de abandonar a navegaçaõ em volta da Costa d'Africa, e abrir huma nova expediçaõ na direcçaõ do Ueste; pois tinha como evidente, que a India se descobriria por este rumo em huma muito mais curta distancia do nosso meridiano, do que pelo Oriente, aque os antigos methodos se encaminhavaõ.

Neste tempo em que as expediçoens maritimas occupavaõ todos os entendimentos das naçoens civilisadas da Europa, todos os antigos Geographos, todos os Viajantes modernos eraõ lidos e consultados com avidez. A força da auctoridade tinha nesta epocha hum ascendente assas decisivo, e Colombo tinha taobem provavelmente lido Marino de Tiro, hum Geographo do fim do primeiro seculo da era Christam. Marino havia pois escripto, que os Séres, ou Sinæ,

habitantes mais Orientaes da India conhecida dos antigos, se achavaõ a 15 horas, ou 225 graós ao Oriente do primeiro meridiano, que passava pelas Canarias, ou Ilhas Fortunatas. Nesta suposiçaõ os Séres, ou a China, distavaõ so 9 horas, ou 135 graós do occidente das Canarias. Marco Polo, e Mandeville tinhaõ dito, que a Ilha de Zipango se achava ainda mais Oriental que os Séres ou a China, que naquella idade os Viajantes denominavaõ o Cathayo. Desta sorte a parte mais Oriental da Asia ao parecer de Colomb naõ distava consideravelmente das Ilhas que nos acabavamos de descobrir no Atlantico. As narraçoens de alguns pilotos Portuguezes sobre os Sinaes que apareciaõ nas costas das ilhas dos Açores; as conjecturas de Martin de Bahem; os diarios maritimos de Bartholomeo Perestello, que elle tinha herdado pelo casamento com huma sua filha; e as suas repetidas viagens a todas as nossas ilhas lhe forneciaõ probabilidades, que no occidente se poderiaõ achar em pouca distancia novas terras. Alem destas conjecturas, corroboradas com as muitas asserçoens de escriptores antigos, Colomb sentia particularmente o pezo de huma auctoridade nova. Esta era a do Florentino Paulo Toscanelli, Medico e Astronomo de muita celebridade n'aquelle seculo.

Este homem ja assas conhecido pelos seos estudos cosmographicos na côrte do Snr. Rey D. Affonso V. em razaõ da correspondencia que de ordem sua entretinha sobre estes assumptos com Fernaõ Martins Conego de Lisboa, approvou taobem o projecto de Colomb. Mas este mesmo projecto havia ja sido proposto pelo dito Toscanelli ao Conego Martins em huma carta escripta de Florença a 25 de Junho de 1474, des annos ao menos antes que Colombo offerecesse o seu.

Assim parece que nada havia de novo neste projecto para o Snr. Rey D. Joaõ II. pois que os escriptos dos Geographos eraõ assas vulgares; e as conjecturas que se tiravaõ de certas apparencias em que alguns pilotos das ilhas fundavaõ a existencia de terras occidentaes, confessa Herrera serem taõ conhecidas ao Snr. D. Joaõ II. que o mesmo soberano se entreteve com Colomb em discursos sobre este assumpto.

Apezar disto o Grande Rey naõ se desprezou de attender Colomb. O seo projecto he confiado ao exame dos homens, que na Europa tinhaõ direito a mais alta reputaçaõ neste genero de conhecimentos; sim dos homens, que ja tinhaõ applicado as observaçoens celestes a fixar qualquer situaçaõ do mar por meio do Astrolabio, que elles regularaõ para o serviço maritimo; que ja haviaõ feito conhecer aos pilotos Portuguezes o uzo das Ephemerides de Regio Montano; e que taobem ja haviaõ organisado hum novo genero de cartas maritimas fundadas sobre a projecçaõ stereographica, e igualmente conhecidas debaixo do nome de cartas reduzidas, de que todavia parece dever-se a Ptolomeo alguma idea. A homens taes se confiou pois o projecto de Colombo; e a nossa historia conserva os seos nomes para o nosso respeito e nossa gloria. D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta, e Mestre Jacob, e Mestre Rodrigo foraõ os tres Juizes de Colomb.

Qualquer que seja a parcialidade que Colomb proclamou contra os seos juizes, parcialidade, que os estrangeiros, admirados da sua posterior fortuna, naõ cessáraõ de lhes suspeitar, o illustrado entendimento do Snr. Joaõ II. era mui perspicaz para naõ advertir em toda a decizaõ que a intriga dictasse contra os interesses do seo Povo, e exaltaçaõ gloriosa da sua Corôa.

Porem a mais imparcial justiça deve conhecer, que relativamente aos intentos do Snr. D. Joaõ II., o projecto de Colomb era absolutamente inadmissivel. Naõ era o empenho deste Soberano conquistar vagamente quaesquer terras, mas dirigir-se unicamente ao emporio das riquesas, em que se estabelecia a colossal potencia dos Mahometanos. Todos os thronos Christaons estavaõ terrivelmente ameaçados por Mahomet II. que acabava de Senhorear-se de Constantinopla, de extinguir o antigo imperio do oriente, de conquistar doze reinos, e de saquear em fim dozentas cidades Christans. A Grecia tinha recebido o seo jugo, e o Imperio da Alemanha e a Italia mesma ja tinhaõ recebido os primeiros ataques. Se eraõ pois poderosos os motivos do Snr. Infante D. Henrique para exterminar o Ismalismo na India, os do Snr. Rey D. Joaõ II. eraõ

de toda a urgencia. Era do intento diminuir em fim o poder Mussulmano pela diminuiçaõ do Commercio, e ligar alliados no Oriente, que fizessem importantes diversoens em beneficio da Europa. Por via dos Jalofos e de Benim nós ja vimos como o Snr. Rey D. Joaõ II. confiava achar a pouca distancia o Preste Joaõ, que elle julgava entraria facil na grande cauza. Pela Palestina, aonde os Abexins tinhaõ hum convento, e por via do Cairo sabia-se, que o imperio se extendia athe o Mar-roxo, o que daria facilidade de atalhar por alli o commercio Turco. A embaixada que da Abissinia tinha vindo ao Concilio Florentino dava grandes probabilidades a esta liga.

Nos vimos igualmente como as Viagens de Diogo Caõ configuravaõ o gizamento da costa Occidental ao Sul da Linha comparada com a costa do Norte,; de maneira que parecia que a extensaõ meridional da Africa naõ poderia ser nimiamente prolongada. Estas theorias adquiriaõ maiores probabilidades pela liçaõ dos antigos escriptores que contavaõ as Viagens de Nearco, de Hanon, e de Eudoxo, dando por inegavel o haverem dobrado o Cabo do Sul, depois felismente chamado da Boa Esperança, assim do Oriente ao Occidente como na derrota inversa. O periplo Erithreo, de que os Arabes e os Judeos faziaõ tanto apreço, e ainda modernamente taõ recommendado por d'Anville, posto que naõ assegurava esta passagem, a dava com tudo como huma grande probabilidade. Estas mesmas ideas principiavaõ a ser communicadas pelos Mouros Granatenses, que os Reys Catholicos acabavaõ de expellir da Espanha, e que tinhaõ hido procurar com alguns Judeos as escalas de Melinde e de Sofala, conservando correspondencias com os mercadores da Hespanha.

Se de boa fé tantas probabilidades, ligadas a taõ altos interesses, se procuraõ comparar com as offertas de Christovao Colomb, fundadas em Marino de Tiro, acharemos que este escriptor nenhum pezo pode dar que contrabalance os primitivos designios dos Portuguezes. Marino de Tiro de tal maneira havia protrahido a parte Oriental da Asia, que Ptolomeo mesmo, ainda que sempre excessivo em applicar distancias, corrigio de 45 gráos a maxima extensaõ da Asia.

Deve porem advertir-se que Ptolomeo ficou ainda corregido pelos modernos de 40 gráos de excesso sobre a extensaõ verdadeira. Desta sorte Marino de Tiro induzia Colombo em hum erro tao consideravel, que naõ podia deixar de ser advertido pelos Geographos Portuguezes. Marco Polo, designando a situaçaõ de Zipango, tinha ainda ampliado estes erros, e auctoridade de Toscanelli, e o Planispherio de Bahem os tinha feito acreditar. Colombo merecia pois alguma desculpa; mas os nossos Geographos tinhaõ assas conhecimentos para se elevarem sobre as communs ideas do seo seculo. Elles sabiao, que o Oriente da Asia devia deitar ao menos pelo computo de Ptolomeo 180 gráos do primeiro meridiano, e que por consequencia seria preciso pela navegaçaõ do Occidente navegar 190 gráos ao Ueste para chegar a Celebre Zipango: o que era navegar mais de ametade do globo. Ainda mesmo na supposiçaõ de Colomb, que nesta longa extençaõ de máres houvessem algumas terras, que formassem com o antigo mundo o equilibrio do globo, era incerta a direcçao destas terras; e a sua extensaõ latitudinaria podia opor tamanhos embaraços a obtençaõ dos nossos projectos como a prolongaçaõ da Africa athe aquelle tempo por mais de 70 annos de tentativas ja nos tinha opposto.

Comparando-se a pequena differença de 40 gráos entre o meridiano do Congo e o golpho Persico, estabelecida pelas observaçoens Astronomicas, com 190 gráos athe a China, e a extensao que d'aqui se devia correr athe o Malabar, naõ podia deixar de convencer os Astronomos Portuguezes, que seria da ultima imprudencia abandonar derrotas certas, e comparativamente mais curtas, estabelecidas pelas observaçoens e pelos mais esclarescidos Geographos, a navegaçoens que eraõ mathematicamente com muito maior excesso prolongadas, e cujas difficuldades erao tanto mais imprevistas, quanto a navegaçaõ começada era practicavel assim pela theoria, como pelos repetidos dados, que a Côrte incessantemente recebia pelos Judeos e pelos Arabes, entaõ interessádos no commercio do Oriente. Ainda mais: a projectada navegaçaõ de Colomb nenhuma alliança offerecia aos fins politicos do Grande Rey.

O projecto de Colomb foi em consequencia abandonado; *por haverem todos por vaidade,* diz o illustre Barros, *as palavras de Christavaõ Colombo, e por ser tudo fundado em imaginaçoens, e coizas da ilha de Cypango de Marco Paulo.*

Este menos preço do seo pojecto irritou de tal maneira o animo de Colomb, que depois de haver descoberto naõ o pertendido Cathaio, ou Cypango, mas só as terras que o azar lhe offerecêo, a sua vaidade o trouxe ao porto de Lisboa como para confundir os que o desprezáraõ. A magnanimidade porem d'El Rey fez que sobre elle recahisse a confuzaõ, obstando-lhe a morte com que o zelo Portugues intentou castigar a irreverente loquacidade contra hum Soberano que elle só devia admirar. Esta mesma vaidade lhe fazia escrever deste mesmo porto em Março de 1493 a Raphael Sanches; que elle se persuadia haver descoberto a provincia do Cathay, ainda que nella naõ achava as cidades que tinha imaginado. Ainda se vangloriava, de que o Genio Portugues, apezar de immensos esforços ao mesmo fim, naõ soubera alcançar o que a elle unicamente estava reservado. Tal he o testemunho que delle nos deixou André Bernaldes, mais vulgarmente conhecido pelo nome do Cura dos Palacios, seo contemporaneo e seo amigo. Mas esta asserçaõ era taõ impostôra como a da carta escripta aos Reys Catholicos: — Por Servir Vuestras Altezas no he querido empenar-me con França, Englaterra, ni Portugal, como lo veran Vuestras Altezas por las cartas dos Sus Principes:—Carta citada por Cladera pag. 32. Tudo isto se justifica ainda pelo testemunho que do caracter de Colomb nos deixou Barros 60 annos depois que elle tinha começado a sua gloria.—El Rey, diz o nosso grande Historiador no l. 3. da Decada I., por que via ser este Christovaõ Colomb homem fallador, e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais fantastico e de imaginaçoens com a sua ilha de Cypango do que certo no que dizia, dava-lhe pouco credito.—Nós com effeito temos visto quanto era exacta a opiniaõ deste Soberano. Mas os immensos lucros e a brilhante gloria que a Europa tirou da descoberta do novo Mundo transformáraõ as circunstancias que lhe deraõ origem, e fizeraõ quasi a apotheose do

seo auctor. Porque o feito era grande, pareceo conse quencia de combinaçoens profundas, como se os inventos mais importantes sempre ó tivessem sido. Hum certo odiozo recahio sobre a naçaõ, que severa e justa julgou Colomb ; e o interesse e o plagiato repetiraõ as vozes do primeiro assombro. Homens mesmo, que deviaõ sobreexceder as opinioens vulgares, e que tantas vezes lhes foraõ superiores, Robertson geralmente lido e respeitado, sim Robertson naõ evitou de ser arrastrado da opiniaõ commum. Era pois de toda a justiça, que a Naçaõ Portugueza fosse exactamente apreciada, e que ao Rey sabio que a illustrou se pagasse a dîvida a que tinha direito. Pela minha parte eu tive a honra de aprezentar a Académia a necessidade desta justiça.

MEMORIA

A respeito dos Escravos, e Commercio da escravatura, &c. &c. Continuada de pag. 18.

CAPITULO III.

Subdividido em tres idades da lastimosa situaçaõ dos Pretos escravos.

Primeira idade da escravidaõ dos Pretos na Africa, que principia, quando saõ julgados escravos; e finaliza, quando nos Portos Maritimos da mesma Africa saõ revendidos para serem transportados para fora.

Reduzido o homem Preto livre a escravidaõ na Africa, ou porque a ella assim foi julgado, ou por effeito da aleivozia, como fica dito, he o individuo da especie humana o mais infelis, que se pode considerar. Em aquelle instante, em que perdeo a liberdade, perdeo tambem tudo quanto lhe era bom, e aprazivel.

Como em todos aquelles Presidios, ainda que dila-

tados pela terra dentro na distancia de cem, e mais legoas, como he Ambaque*, e outros, de continuo se suppoem haver alguns Pretos julgados escravos ja, e detidos para serem permutados; ha certanejos, que em huma parte se chamaõ Funidores, e em outras Tumberos†, que sempre andaõ em jornada por todos aquelles certoens, para o fim de permutarem os escravos condemnados ao captiveiro; pelo troco das fazendas ja referidas, e daquellas, que elles mais estimaõ, missanga, coral, tabaco, giribita, alguns instrumentos de ferro de que elles uzaõ, e espingardas, polvora e chumbo.

Feita pois a permutaçaõ, o acto da posse, e da tradiçaõ da couza comprada, he cruel, porque os Funidores, ou Tumberos em as suas manpas, ou cargas, ja trazem como de reserva o necessario libambo‡; e os escravos sahem do tronco§, do grilhaõ, ou de outro qualquer modo de prizaõ para o Libambo.

* Ambaque, he hum Prezidio, pelo qual se vai para Benguella, e se gastaõ seis mezes de jornada: e para cima d'Ambaque ainda ha Prezidios, donde no retorno com escravatura se gasta muito mais tempo.

† Funidores, ou Tumberos, saõ Pretos livres, que vivem, e andaõ no trafico de permutar escravos nos certóens, e nos Prezidios, pelos generos, que elles levaõ, e transportaõ em o seu comboi; que se compoem de perto de cem Pretos carregados.

‡ Libambo, he huma corrente de ferro de meia pollegada de grosso; na qual se vaõ prendendo os escravos, que se vaõ permutando. Ha Libambo que tras cem escravos: porem os ordinarios saõ de trinta escravos.

§ O tronco he huma prizaõ em que se metem os Pretos escravos, o qual he construido do modo seguinte.—Escolhida huma prancha de madeira mais pezada, e mais forte, que tenha pelo menos meio palmo de grossura, e 3 de largura, em huma linha, que se passa pelo meio da largura, se fazem de pouca em pouca distancia varios circulos vazados; huns da grossura, que podera ter qualquer pescoço; outros da grossura de quaesquer pulsos. Pela linha que se traçára para este fim, he cerrado o pranchaõ; e dividido elle, se prega huma macha femea em hum dos topos; esta prancha, preza com a macha femea, he assentada no seu comprimento sobre dous toros de madeira que lhe servem de pez, onde tem o encaixe da grossura da madeira, para que a prancha nelles entre. Neste tronco assim construido quando o crime he grande, e se quer ter o escravo mais seguro, sendo o tronco aberto, se mete a cabeça do escravo, e juntamente as canas dos braços nos outros circulos; e este fica deitado e prezo, pela metade da dita prancha, que sobrecahe. A outra extremidade da prancha depois de effeituada a prizaõ, fica segura, alem do pezo, com hum ferrolho, e chave. Quando o crime he menor, o escravo fica prezo por hum pé taõ somente.

Nesta corrente de ferro, vai-se prendendo de pouco em pouco espaço cada hum dos Pretos escravos da maneira seguinte: pelo annel da corrente no espaço competente fazem os Certanejos, e os do Comboi passar hum pedaço de ferro, e com elle á força de pancadas fazem outro annel; e sobre pondo as pontas do ferro huma á outra, fica a maõ do escravo preza, e mettida nesta nova argola. De ordinario he o Libambo lançado na maõ direita; porque temem os Funidores que, ficando livre a maõ direita, podem os escravos com alguin outro ferro, ou ainda com páo abrir o annel, que os prende. O libambo das escravas he outro, e vem separado; e soltas as crianças, a que se dá o nome de crias.

Quando os Funidores tem informaçaõ tirada no Prezidio, ou de quem permutou, que o escravo he revoltozo, e resoluto, lhe lançaõ o libambo, e o annel da prizaõ pelo pescoço; e muitas vezes succede que estes escravos trazem o libambo ao pesçoço, e maõ.

Os Certanejos ou Funidores vaõ passando de Presidio em Presidio, levando no Comboi os escravos, que tem permutado. Cada hum delles leva ás costas o *Carapetal*, isto he, o sacco do farnel, que o Certanejo tem comprado, para elles se sustentarem ate chegarem ao outro Prezidio; aonde se refazem de novos generos.

Esta jornada dura mezes: nella naõ bebem agua, senaõ quando vencem a distancia dos Charcos, e lagoas. Acampaõ-se onde lhes destina o Funidor, ou Certanejo. A sua cama he o chaõ; o tecto da caza o Ceo; as folhas das arvores nem cobrem a todos. A cacimba destilla, e chove sobre elles. O seu travesseiro he o tronco das arvores, e os corpos dos outros. Assentado o arraial e postos os escravos em circulo, se accende no centro huma fogueira para dar calor a todos; a qual lhe serve de luz, e dura ate amanhecer; tempo em que procedem a jornada.

Passaõ as noites em huma quazi modorna, e vigilia, porque ainda em as horas destinadas para o somno, continuamente estaõ sendo acordados pelas sentinellas do Comboi, que os vigiaõ, e lhes gritaõ, temendo hum levantamento, que tanto as assusta; nascido do

prejuizo, e a todos commum, de que os escravos captivos conhecem herva, que faz amaciar, e estalar o ferro.

Este prejuizo naõ pode ter o seu principio, senaõ em huma mera preocupaçaõ e no terror panico; porque, tendo vindo de toda a Africa milhares de escravos, que posteriormente se conservaõ na graça, e amizade dos seos Senhores; estes sendo interrogados escarnecem dos prejuizos daquelles, que assim o affirmaõ, e crem. Naõ he crivel, se tanto entre elles se cogitasse, ou podesse, ter o menor lugar, que tantos milhares de pessoas guardassem esse segredo; e desde entaõ ate hoje o deixassem de descobrir no tempo, em que ja naõ temem os Funidores, e Certanejos.

Nesta epoca tudo concorre para serem mal tratados. Tudo lhes he escasso, alem de ser mal temperado, mal cozido, mal assado: porque tem huma pequena raçaõ, quanta seja simplesmente para os conservar viventes. Nisto entraõ os Certanejos obrigados de certos fins.

Primeiro: porque despendendo mais no sustento da escravatura, se persuadem que o seu negocio naõ he vantajozo, e que esta lhe vem a ficar mais cara: quando alias assim muitas lhe morre. Segundo: porque se faz necessario reger com economia o sustento, de sorte que chegue, ate que se possa vencer a distancia ao outro Presidio. Terceiro: porque cada hum dos escravos na jornada naõ pode carregar mais alimento, do que carrega, enfraquecido pela mesma jornada, e pelo máo trato.

Por essa mesma cauza a comida, que para elles se faz he desagradavel, e insipida; pois que lhes faltaõ os temperos necessarios; e entre estes o mais precizo, e o mais principal, o do sal, que por ser pezado os carrega muito. A razaõ porque a sua comida he mal cozida, e mal assada, e porque nas jornadas tudo he feito á pressa; e ella naõ passa do milho, do feijaõ, e da farinha de páo. Falta-lhe a pimenta, falta-lhes o azeite, sem o que comem para naõ morrer. Nesta situaçaõ com a lembrança dos commodos do seu paiz, vivem desgostozos.

Entre os mesmos escravos se observa officiozidade,

e caridade que senaõ observa nos outros; porque se o escravo em o seu farnel traz a pimenta, a giribita, e o azeite, elle faz muito para repartir com os outros da sua condiçaõ.

Ainda que na jornada diga o escravo, que está doente, que naõ pode proseguir nella, elle he tido por mentirozo; em vez de se tratar do curativo da doença, que elle tenha, he espancado para o fazerem marchar; de sorte que metidos os escravos em o libambo, ou elles devem proseguir na jornada, e destino, quer possaõ, quer naõ possaõ; ou devem perecer no libambo, como varias vezes succede.

Segunda idade de escravidaõ dos Pretos; que principia quando elles na Africa saõ entregues em os Portos Maritimos aos Negociantes, e Commissarios, que os fazem seos; e finaliza quando saõ desembarcados no Ultramar.

Quando a escravatura trazida de muitas partes chega aos Portos Maritimos da Africa, ahi he segunda vez permutada por fazenda, e generos a Commerciantes, que alli tem caza de negocio assentada para este fim: fazendo a escravatura sua por este troco, a conservaõ por tempo em o mesmo libambo; e quando assim naõ saõ conservados os escravos, saõ metidos em hum pateo seguro de altas paredes, que naõ podem pela mesma escravatura ser saltadas, ficando alli ao tempo; e de noite ha hum telheiro, ou armazem tambem terreos, aonde he recolhida.

A raçaõ lhe continua a ser escaça do mesmo modo, e sem tempero, á excepçaõ do sal, que em os portos maritimos ja ha em maior abundancia: o alimento se reduz ao feijaõ humas vezes, outras ao milho, outras ao feijaõ miisturado com o milho por variedade. Ajuntando-lhe de mais á comida huma pequena parte de peixe salgado, de que abunda o Reino de Angola pela extracçaõ do azeite. Por variedade lhe costumaõ dar a savelha, peixe miudo, e barato, muito mais do que entre nos a sardinha; mas prejudica á saude, e com tanta infallibilidade, que os habitantes estabelecidos em aquelles portos delle se abstem pelo reconhecido prejuizo, que lhes cauza.

Por se achar a escravatura vizinha ao mar, a mandaõ em pelotoens, a que chamaõ lotes, lavar ao mar. Com

a escravatura naõ despendem vestuario algum, porque lhe fazem conservar o pouco que ella traz: e se este lhe falta, permanece quasi nua; porque naõ querem entrar com ella em despeza tanto por se persuadirem que a escravatura lhes fica mais cara, como porque cada hora a esperao negociar com aquelles, que a haõ de transportar para o Brazil.

Nesta situaçaõ, e economia se conserva por semanas, e por mezes a escravatura, e he grande a quantidade della que morre; de sorte, que descendo a Loanda de dez, a doze mil escravos, muitas vezes succede, que só chegaõ a ser transportados de seis a sete mil para o Brazil. Entrando-se neste calculo por toda a Costa de Leste, elle naõ he bastante para desenganar aos Commissarios, que alli ha de estada, negociando em escravatura, de que o máo trato, que se lhe continua, quando ella chega cançada, e destroçada de huma taõ longa viagem, he a causa de tanta mortandade. Seria proveitozo a elles, e a esta porçaõ da humanidade desgraçada, que em vez de negociarem annualmente cada hum delles em quinhentos a seis centos escravos, e ate mil, negociassem em muito menor numero, e os escravos fossem tratados como deviaõ ser, pois que naõ podem existir, e durar, faltando-lhe com o precizo.

Como porem aquelle giro de Commercio se chama florente, huma vez que recebem a escravatura, e logo a passaõ aos que alli em navios vaõ negociar, e permutar escravos; naõ se attende pela maior parte aos commodos da mesma escravatura, e conservaçaõ da saude della.

Està porçaõ de escravatura que se vai apurando de maõ em maõ, com resistencia à tantos contratempos, de que vai escapando pela força da robustez; entregue aos Capitaens dos navios, que por ultimo a permutaõ, he metida, e fechada debaixo da escotilha do navio transportador. Estes querendo adiantar tambem os seos interesses se propoem a tres fins: 1. o de permutar, e fazer sua escravatura pelo mais barato que possa ser: 2. o de meter, e transportar em hum navio, quanto lhes seja possivel, a maior porçaõ della: 3. que com ella se despenda o menos, que possa ser no seu transporte.

Metidos os pretos escravos debaixo de escutilha, e afferrolhados, ainda ahi se observa a maior força da sua robustez ; porque ahi lhes entra a faltar tudo, muito mais do que em terra. Em primeiro lugar sendo metidos duzentos, e trezentos escravos na coberta, e na escutilha, lhes falta a respiraçaõ; porque nada mais tem por onde o ar se lhes possa communicar, senaõ pela grade da escutilha, e por humas pequenas frestas.

Esta falta de ar/he reconhecida ate pelos mesmos capitaens, que de vez em quando, se os dias sao calmozos, lhes mandaõ armar huma manga, ou *ventilador*, que prende no cesto da gavea, e que sendo de panno cozido forma hum tubo, para que da parte mais superior se refaçaõ de hum novo ar.

Como pois os referidos escravos alli venhaõ metidos, e a transpiraçaõ he augmentada pela ardencia, e situaçaõ dos gráos, por onde navegaõ, isto faz hum ar infectado, e por isso muito prejudicial á saude.

Isto mesmo os referidos capitaens, lembrando-se dos seos interesses, reconhecem, e querem de algum modo remediar: porem com pouco effeito, pois que por duas vezes na semana mandaõ lavar a coberta, e com esponjas correr o interior della com vinagre. Todos os dias por pouco tempo, e por poucas horas mandaõ vir em ferros para cima certa porçaõ de escravatura, para que esta se refaça de hum novo ar; e naõ mandaõ vir maior quantidade della, por temerem algum levantamento: porem com isto muito pouco se consegue, porque os escravos tornaõ para baixo a participar do ar doentio.

E naõ convence aos capitaens a experiencia, de que quando querem trazer hum maior numero de escravatura, e a trazem ate nas camaras dos navios, vindo ella alias sempre preza, porque participa de ar livre, do qual de ordinario participaõ as pretas escravas, e os moleques ; esta he a melhor porçaõ de escravatura, que chega ao Brazil.

Em segundo lugar a escravatura embarcada tem huma curtisssima raçaõ de agua, e esta amornada pela ardencia do clima; e he em tanto extremo a necessidade que experimenta deste genero, que a sede que padece, dá cauza a suscitarem-se diversas queixas epi-

demicàs: e depois de alguns dias de viagem, se entra a deitar escravatura ao mar.

Em terceiro lugar saõ mal tratados os escravos, porque tem huma escaça raçaõ de mantimentos, e pela maior parte de torna viagem. Os referidos mantimentos naõ discrepaõ do feijaõ, do milho, e da farinha de páo, tudo mal feito, e intemperado para tantos; ajuntando-se-lhe apenas em cada raçaõ huma pequena porçaõ daquelle mesmo peixe nocivo na costa da Africa, que ja vem derrancado pelo decurso da viagem. A lei de 1684, que procurou evitar estes grandes males, bem deixa ver a que ponto elles eraõ chegados ja naquelle tempo.

Os capitaens dos navios naõ se acabaõ de persuadir ate com a experiencia, que os devia desenganar, que lhes era mais util, e mais conveniente áquelles desgraçados o projectarem, e effeituarem huma negociaçaõ de transporte com menos praças, com tanto que ellas viessem fartas, e bem tratadas. E com quanta razaõ se naõ podem chamar, pelo que se pondera, os Pretos escravos, que a tanto resistem, e que a tanto escapaõ, homens de pedra, ou de ferro?

Terceira idade da escravatura dos Pretos, que he desde que saõ desembarcados no Brazil.

Aportando pois annualmente hum sem numero de escravos transportados de toda a costa de Africa ao Brazil; parece que refolegando a humanidade opprimida, seria hum dia de triumfo, de gloria, e de prazer para a mesma humanidade, que escapando a tantos perigos entrava no Christianismo, no centro, e na unidade da Igreja: porem assim naõ succede, porque naõ sei se diga, que o remanescente de seos dias he mais desgraçado.

Dezembarcada esta grande porçaõ de escravatura na America, he conduzida para caza do commum Senhor, que tambem o he do navio, e de toda a negociaçaõ. Alli para ser vista de todos, saõ os escravos postos, e mandados assentar em lotes, e com separaçaõ dos grandes aos pequenos, dos pretos maiores, e menores, na rua pela frente da propriedade do Senhor, e quando á noite se faz precizo ser recolhida,

repouza em hum grande armazem terreo que fica por baixo da propriedade senhorial.

Quando esta porçaõ de escravatura chega ao Brazil, com sigo pensa, e bem, que entrando na terra promettida da abundancia, e da fartura, nada lhe deve faltar; porem o contrario lhe succede; porque, por se querer liquidar a negociaçaõ pela menor despeza, a mesma escravatura se conserva sem novo vestuario; e encontra a economia de humas escaças raçoens, que de ordinario saõ feitas daquelles mantimentos que o Capitaõ fez durar por providencia para maior tempo da viagem: e na terra da abundancia, aonde tudo he barato, naõ se supre melhor a maltratada escravatura, que acaba de huma taõ alongada viagem.

Neste supprimento naõ entraõ os Senhorios della; porque todo o seu fim, e intento vem a ser gastar pouco, e pôr fora com venda depressa a mesma escravatura: accommettendo a esse tempo o maior numero de enfermidades á escravatura, aos enfermos mandaõ as vezes permittir pelos seos interpretes, quando sabem para a mostra da compra, que digaõ aos novos Senhores, que estaõ bons; ao que saõ faceis, porque cuidaõ, que vaõ buscar melhor fortuna: de sorte que da cama do chaõ, aonde se achao gravemente enfermos, saõ levados, e passados aos compradores; e por conservarem por mais algum tempo o segredo da mentira, ate succede, que pouco duraõ em poder de terceiro; e naõ daõ tempo a serem refugados; e na fraze da terra engeitados, em observancia da Ord. do Liv. 4. tit. 17. no principio, e no § 5 e 7.

Quando porem o lote da amostra se recolhe inteiro, porque nenhum dos escravos se comprára, ou se escolhera outro, que naõ seja o enfermo; torna a escravatura para o mesmo antigo lugar, e o enfermo por necessidade outra vez procura o solo terreo do armazem, que deixára, e se vai unir aos mais, que soffrem as mesmas, ou differentes enfermidades.

Pela maior parte assim como vivem, morrem ao desamparo. Naõ se chama Medico por dois principios 1. porque ha bastante difficuldade em vizitar, e curar os Pretos: 2. porque pela paga, que o Senhor hade dar ao Medico, vem a escravatura a ficar mais

cara. E o mesmo a respeito dos Cirurgioens. Assim a escravatura vai a ser entregue a huma alveitaria, qual he a dos Pretos sangradores; e estes saõ os que de ordinario saõ chamados quando de dia em dia se vai sumindo, por effeitos da morte, a escravatura, para debaixo da terra. Estes sangradores saõ os pessimos Cirurgioens, que embarcaõ para á Costa de Leste.

Huma cama no chaõ, humas comidas escaças, hum fastio nascido da enfermidade, as mesmas enfermidades desamparadas, procurando a ultimaçaõ do homem escravo, o máo trato em geral; saõ as cauzas, que levaõ em cada hum anno hum sem numero de escravos á Sepultura.

Manda-se em Lotes passear pela cidade a escravatura, para o fim de ser ella amostrada para a venda, e para a fazer participante de hum novo ar, que a refaça. De caminho he ella levada ao mar, e aos lagos, tanques, e fontes onde algumas vezes se lava.

Passando o escravo pelo titulo da venda a novo Senhor, elle se persuade, que escapou da oppressaõ; porem de ordinario, ou se empregue nos serviços rusticos, ou urbanos; esta vivendo em hum continuo martirio. Se o escravo se occupa em o serviço urbano, elle sim he mais bem tratado pela comida, e pelo vestuario; porem se he comprado para servir a caza, hade dar conta de todo o serviço della com repartiçaõ das horas e he hum fiador eterno dos bens da mesma caza. Se em alguma coiza descrepa, ou quanto faz nao se amolda a hum genio sempre prevenido contra o humilde escravo, he logo mandado castigar.

Os escravos metidos nesta tortura, sustentando o horrivel combate da vida com a morte, tremendo, e sendo obrigados a miudo a comparecerem, como reos; alguns tomaõ o folego, e morrem; outros passaõ navalhas ás goellas; outros lançaõ-se aos poços; outros precipitaõ-se das janellas, das grandes alturas; outros finalmente mataõ a seos Senhores.

Quando o escravo encontra Senhor, que seja mais humano; querendo este ainda assim vingar-se dos leves crimes, o faz vender a Senhor no mesmo paiz, que tem a fama de rigorozo; o qual por este princi-

pio o compra barato. Eis aqui a aspereza constituindo hum novo ramo de commercio, e dando cauza ao contracto.

Quando alguns Senhores naõ querem ouvir em caza os gemidos, e ver correr pelo chaõ o sangue, procuraõ que na Ribeira seja castigado o escravo. Eu teria por hum grande premio do meu trabalho, se a minha voz, ao menos por effeito de hum echo, podesse chegar a lugar, donde emanasse huma carta do Serviço, que advertisse, que semelhantes Lugares saõ para administrar Justiça, e arrecadar a Real Fazenda, e naõ para se executarem as sentenças privadas dos Senhores, porque o prohibe a Ord. do Liv. 5. tit. 95. § 5; e o Real Decreto de 30 de Septembro de 1693, que veio fazer entender, e concordar o § 4 da mesma Ordenaçaõ.

O escravo, que he comprado, e destinado para o serviço rustico, no qual se occupa, e se faz necessaria a maior parte da escravatura á promoçaõ das Fabricas daquelle paiz; alem de soffrer todas as referidas inclemencias, ainda lhe accresce, que lhe taixaõ diariamente o trabalho, a que chamaõ tarefas; e naõ as concluindo saõ castigados. Naõ lhe daõ vestuario nem sustento; e lhe daõ o sabbado livre, e terras para poderem ganhar, e trabalhar para o sustento de toda a semana: porem este systema de economia naõ pode ser desempenhado nem conseguir-se os fins só apenas pensados. Por isso parte desta escravatura se occupa no furto das novidades, que os mais plantaõ; e dalli só se pode tirar por concluzaõ, que elles tem hum dia certo para furtar.

(Continuar-se-ha.)

CARTA POLITICA

Sobre o melhoramento da Agricultura Portugueza.

Ex agricolis populi magni, strenuissimique efficiuntur.

CATO.

Estimavel amigo: para fazer-vos conhecer, que a minha amizade naõ he ficçaõ, antes pelo contrario saõ meus os interesses do meu amigo; vou patentear-vos algumas reflexoens sobre a nossa cultura; objecto em que dezejara livremente discorrer, por ver o desprezo dos lavradores, e nossa ruina. Ainda que deste ramo politico tenhaõ falado optimos escriptores, e seus maravilhosos escriptos lembrassem tudo de modo, que fica impossivel dizer novidades: todavia amplificar suas ideias accomodando-as a bem do publico, do estado, e do nosso territorio he hum dever, que lizonjeia muito todo o vassallo zelozo, e patriota, e he justamente por isso, que o assumpto me dá louvor.

A necessidade foi sempre, quem fez o elogio da agricultura; ainda que os homens apezar de gozarem socegadamente dos bens, que ella lhes concede nunca reflectem sobre a multipliaçaõ de seus favores, vindo facilmente a esquecer-se de que a cultivaçaõ he o alicerse, e alma do bem particular, e publico, a solida duraçaõ dos estados, o apoio de nossas commodidades, riqueza, e poder: quem para isto naõ attende, enerva, e destroe as forças da republica.

He difficultozissimo poder-se alguem persuadir, que seja possivel subsistir Reyno algum sem cultura, e sem huma cultura muito activa, e cuidadoza; quanto esta mais se augmenta tanto mais forte se faz o povo por esta cauza; sendo pelo contrario evidente prova de mizeria, pobreza, e pequena povoaçaõ as terras incultas. Naõ imputemos a falta de cultura, e arroteaçaõ á qualidade dos terrenos, porem ás cauzas, que obrigaõ os homens a trabalhar a terra, ou abandonala. Nenhum terreno ha mau, que a industria naõ saiba aproveitar, assim como nenhum ha taõ fecundo, que produza sem soccorro dos humanos. A natureza dos governos he, quem determina a sorte

dos lavradores, e a maior, ou menor vigilancia da cultivaçaõ. Debalde o sol comunicará suas amorozas influencias, debalde as chuvas seraõ regulares, as estaçoens beneficas, bons os terrenos, e diligentes os dezejos do agricultor; porque o desmazelo, o descuido, os gravames, a cobardia, e o desprezo, que se faz dos cultivadores tolhe a abundancia das colheitas, faz recuar a natureza, e serem infecundos os terrenos.

Naquelles paizes que parecem menos favorecidos da natureza, huma protegida, e animada cultura multiplica as colheitas, fertiliza as producçoens, e enriquece os vassallos, que se regozijaõ com a deliciosa vista de suas louras searas.

E que preciozos effeitos naõ colhem os homens da cultura! Nenhuma dependencia nos estados deixa de ter com ella necessaria connexaõ: Alimentos, povoaçaõ, artes, commercio, navegaçaõ, exercitos, rendas, classes, riqueza; tudo a agricultura sustenta, tudo della depende, e quanto mais cresce, e se vigóra tanto mais os Reynos florecem, e se augmentaõ por terem no seu âmago maior numero de recursos.

Quem he, que sustenta, cria, e anima os homens? a multidaõ dos uteis animaes, que os ajudaõ zeloza, e submissamente sem o qual soccorro seriaõ mais peniveis, e quazi impossiveis os trabalhos campestres, quem he, que os alimenta! Este grande mechanismo dos estados aonde se vem cardumes de obreiros, artistas, marinheiros, soldados, Ministros, e todas as mais gerarchias de que se compoem as republicas como viviriaõ se a agricultura os naõ sustentasse? Embora a industria pela sua déstra habilidade augmente, doure, e inculque o preço das materias, que o philosopho perspicaz desdenha; embora a estragadora politica fundada na ignorancia daquelles homens, que se persuadem saber tudo, quando nunca souberaõ mais do que adoptar para si hum systema singelo, e particular da sua conservaçaõ, e opulencia, ponha em acçaõ todos os meios, que a mente humana póde esquadrinhar para elevaçaõ, e crescimento dos estados: embora os talentos mais estimados, profundos, e innovadores empreguem todo o seu poder, e esforços para melhorarem a sorte de sua patria, que despreza a cultura; de nada serviriaõ taõ bons projectos, naõ valeriaõ os

maiores recursos, e os meios mais poderozos seriaõ inuteis, porque sem os dons, e favores da terra, saõ quimericos os mais bens do homem.

Os bens de ficçaõ, aquelles bens, que esparge o luxo, a moda, a inutilidade, e o apetite fazem faltar os bens necessarios, e obrigando nos a reccorrer a nossos vizinhos ficariamos dependentes, como ficámos de seus caprichos, machavelhice, vileza, e ferros*. Quando se necessita mandar vir de forá o sustento principal, tudo o mais sobe a preços excessivos, e as maiores riquezas, as minas mais abundantes, e catadas com toda a circunspecçaõ dezaparecem, e secaõ incrivelmente : os vassallos enfraquecidos, e quazi esgotados do sangue, que os animava, ainda que seu estado floreça na apparencia, declinaõ, e morrem por defecaçaõ sem a conhecerem ; pelo contrario as guerras tanto serias, como caprichozas, navegaçaõ, artes, marinha, tropa, estabelecimentos, creaçoens, commercio naõ enfrequecem, nem destroem aquelle paiz em que sua primaria occupaçaõ he a cultura protegida pelo legislador.

Amigo eu naõ ignoro, que algumas naçoens tenhaõ avassalado, sujeito, e destruido outras por meio da sua politica, actividade, destreza, e commercio, porem o mal nem sempre mata de repente. A industria dá aos povos, que della se aproveitaõ hum verniz sem igual, dá-lhes hum brilhar deslumbrador, mas em quanto a mim isto só serve de admirar a belleza dos fructos sem cuidar da arvore, que os produzira.

Huma naçaõ, que da fecundidade de suas terras tira suas riquezas, huma naçaõ que tem bens nativos, e naturaes tem no seu seio o germen da força, e da opulencia. Todo aquelle Reyno, que se applica á cultivaçaõ, e que faz seus vassallos agricultores sempre he rico em subsistencia, recursos, e braços. Quando os alicerses saõ solidos a revoluçaõ dos seculos, as injurias dos tempos, e da politica saõ pequenos terremotos para destruilos.

* A relaçaõ do terremotu de 55, que Lisboa experimentou, que he hum pequeno livro escripto em Francez no qual taõbem se acha hum discurso politico das utilidades, que Portugal poderia tirar da sua disgraça mostra bem esta sujeiçaõ, que será bom saber-se por principios apezar dos Portugqezes a conhecerem por experiencia.

As artes liberaes filhas da industria de acordo com as mehanicas saõ por nossa disgraça muito amaveis; o luxo, que dellas se origina afaga nossos dezordenados apetites, saboreia nossos prazeres, e lizonjeia melhor nossas inclinaçoens, e amor proprio: rezaõ principal, porque a enchada, e o arado saõ palavras asquerozas, que nos espancaõ, e enojaõ. Porem que desgraçada ignorancia, que mal tamanho! Os homens saõ capazes de tudo quanto nos tenros annos se lhes imprime; com o primeiro leite se arraiga huma boâ, ou má indole, e se aquelles homens, que suportaõ a calma, o frio, e que sujeitos naõ só aos rigores do tempo, mas expostos aos males, que gera a ingratidaõ das estaçoens por sustentarem seus iguaes naõ saõ conhecidos, nem merecem a publica estimaçaõ; merecem todavia por dever rigoroso a mais seria attençaõ de seus Governos. Que cidadaõs ha, que sejaõ mais preciozos, ou mais necessarios? Os homens só devem ser avaliados pelo valor real, que elles daõ ao estado em que habitaõ, e pelo proveito, que a humanidade delles colhe.

Os innumeraveis sujeitos, que o estado emprega nas profissoens exquizitas, que devia desprezar, pois que seu officio he só destruir, e decepar a vide, que os sustenta sem que de suas funçoens rezulte alguma utilidade; aquelles, que sem dever necessario, ou manifesto lograõ as rendas, que a robustez, o commercio, a vileza, ou a mizeria de seus Pays lhes deixou; aquelles, que nenhumas prerogativas tem mais do que as que pretextaõ huma vil izençaõ dos cargos, e trabalhos da sociedade; aquelles cuja sagacidade astuciosa quotidianamente aguilhõa a malicia dos homens; aquelles de quem o Conde de *Boullainvilliers* fala em suas memorias, cujo prestimo consiste no enredo das ordens, quando estas quanto mais simplices, concizas, e menos numerozas, tanto melhor se entendem; aquelles, cuja occupaçaõ foi arbitraria, e de capricho, sendo necessario para empregalos multiplicar as Mezas nas Recebedorias, e escripturaçoens de que* procedem confuzaõ, e incomodo para as

* Quem duvidar desta verdade na nossa Corte advirta, e olhe para os tribunaes, que se creáraõ para recadar tributos dos quaes alguns naõ chegaõ para pagar á gente, que está encarregada da sua recepçaõ; olhe para o correio, conte as Juntas, numere as Contadorias, repare nas

partes, e sem utilidade a despeza, que a Fazenda Real por isso faz; pois que as occupaçoens mais necessarias ainda que trabalhosas sentem desfalque, e naõ tem alumnos; aquelles, cujos officios, talentos, serviços, bondade, ou merecimento unicamente servem de entulhar a patria em que vivem, prohibindo seus iguaes de fazerem os beneficios a que seu natural os leva pelas maximas, que sem applicaçaõ proferem, seraõ sempre aos olhos do conhecedor, do politico, do sabio, e do discreto muito inferiores ao rustico, ao vilaõ coberto de colmo, e aquem veste huma desprezivel cobertura, porem cujas maõs só se empregaõ em crear valores, que sem elle naõ existiriaõ: elle he quem faz nascer por meio do seu trabalho, e suor o primeiro fructo, que sustenta as outras commodidades da vida, sua familia povôa os campos, e aldeias, seus filhos recrutaõ nossas tropas, e seu premio he serem aviltados, e desconhecidos!!

Naõ pareça á primeira vista, que eu pertendo abolir todas as classes da sociedade, e fazer agricultores todos os homens para estimálos; o que intento provar he, que nunca para sustenta-los se deva dar córte na agricultura. Os estados nascem, morrem, e renascem, mas naõ crescem, nem se povoaõ senaõ por meio de cultura, e povoaçaõ; as quais ambas só hum trabalho assiduo, economico, bem dirigido, e regular he quem as conserva: muito mais depois de naõ ser huma naçaõ outra couza senaõ hum tecido de homens, cujas encadeadas occupaçoens por laços desconhecidos se fazem mais, ou menos indissoluveis por meio das Leys, e dos costumes, os quais fóra de seus eixos arruinaõ a contextura, e perdem o melhor brocado.

Quando nos Reynos as profissoens ociozas saõ mais do que as necessarias, estancaõ-se as forças, e o povo diminuindo gradualmente com a cultivaçaõ arruina, destroe, e faz baquear o estado mais potente. Arrotear, cavar, plantar, cultivar, semear, fazer fructiferos os baldios, e aproveitar o immensuravel terreno das coitadas, que naõ só he inutil, mas vexa, e aflige o cuidado do lavrador com quem confinaõ; he o mes-

Superintendencias, Creaçoens, Estabelecimentos, Fabricas, Minas, Plantaçoens, &c.

mo, que alargar o continente, augmentar as rendas do estado, multiplicar os vassallos, e desconhecer-se a mizeria. Toda a terra, que naõ produz, ou que deixa de produzir diminue o poder, e as forças das naçoens. A guerra, a ignorancia, a fome, e as epidemias talaõ os campos, abrazaõ cidades, engolem Republicas, e desfazem Governos: porem a voracidade destes males taõbem se aplaca, e extingue sendo menos perigozos do que aquelles vicios interiores, que solapando hum estado o minaõ por graus imperceptiveis. Os Povos aniquilaõ se, quando se lhes naõ atalhaõ as infirmidades lentas, que bem como lima surda emagrece a cultura, e reduz os vassallos a esqueletos.

E que maior prova para a necessidade da cultura, que a tristeza universal da natureza nos campos incultos? A ingratidadõ, e aspereza da terra, e secura das campinas, a fealdade dos espinhos, a inutilidade dos abrolhos, a hedionda, e desconhecida vista dos ermos, o encontro dos animais ferozes, a raridade das choupanas, que saõ os campestres edificios, tudo concorre para mostrar-nos quanto he temivel a falta de cultura. He verdade, que a rudeza, ingratidaõ, e indignidade dos terrenos os faz muitas vezes julgar inuteis; porem nenhuma terra ha esteril, ou infecunda: se o trigo pede terras sucozas, gordas, fortes, e novas, as que saõ fracas, e cançadas servem para diversas plantaçoens. O descuido do Legislador e mais ainda dos executores das leis he sempre, que as faz infructiferas.

Entre as innumeraveis ordenaçoens para felicitar nosso Reyno acho mui poucas a favor da cultivaçaõ, e as que ha estaõ quebrantadas, e esquecidas; de que procede ficar esta gemendo, quando as mais ramificaçoens, que ella sustenta, e anima saõ as que tem emulaçaõ, riqueza, e favor. E que maior dever dos nossos Ministros, que olharem para tais males com reflexaõ, e madureza, e naõ com Leys repentinas, ou com ordens authomaticas, em que só tem parte huma estragada philosophia sem se attender os gritos dos opprimidos, cuja voz he o sentimento, e a verdade lingoagem!

(Continuar-se-ha.)

ELEGIA

A' MORTE DO GENERAL MOREAU.

Diis aliter visum, periit.—VIRG.

VEOS funebres da Morte, que fulgurando nos astros,
  Ca sobre a terra palida sombra cobre,
Dai-me que subindo ás fontes da etherea vida
  Mysterios sonde, que avido o Ceo recata.
Da humana sorte os quadros notando medonhos
  Fluctua a Mente, pavido o seio treme.
Fins occultando mostra a Providencia meios,
  Que aos mortaes olhos cega vareda traçaõ.
Por ella a Razaõ marchando vacilla, tropeços
  Acha da verdade na escurecida rota.
Da sordida Cubiça, da Tyrania cruenta
  Cahir nas garras a Integridade vemos.
Com torpe jubilo folgando o Crime triumpha
  E em pranto, e ferros a humanidade geme.
Na horrenda alluviaõ de males que a terra desolaõ,
  Naufraga a virtude quasi que o termo toca.
Feios mais que Egypcia treva, de lucto cobertos
  Os tristes dias da Escravidaõ negrejaõ.
Ja curvo de crueis Tyranos á ferrea vara
  O genero humano vira de pranto dias.
Nesses, que inda a Magoa aponta, de Emacia campos
  Onde hostes patrias crua peleja abriraõ,
Ao Crime juz, triumphos a Infamia dando,
  C'o insulto a Sorte quiz macular os evos.
O rigido inimigo da Prepotencia dura
  O censor fero d'horridos arbitrios,
Cataõ firme expira; e c'o a liberdade cahindo
  Resigna os foros d'alta nobreza humana.
Naõ menos em crimes fertil; mais negra no lucto
  A idade nossa fez Tyrania crua.
No meio entretanto do sanguinoso tumulto,
  Que ha quatro lustros as geraçoens devora,
Da justa cauza esteio, bem que ezule fosses,
  Anciozo o mundo, claro Moreau, te olhava.
Tu que regeitaste altivo do autocrata Corso
  O atroz systema da Realeza avaro,
Que ufano calcando hum sceptro, que o Crime eregia,
  Da intruza Audacia dezaprovaste o jugo.
Da patria, dos humanos tu, preclarissimo apoio,
  Lucta nobre vias so na defeza sua.

Tu livre, incorrupto entre a viciosa catervos
Dos vis escravos, que ao fero monstro riaõ,
Da gloria no lustre absorto, á Inveja superno,
Da baixa Intriga nunca fitaste o rumo.
Do teu adversario, teu, e do mundo flagello,
Victima por isso foi a nobreza tua.
Dos teos, das honras poude expulsar-te o Tyrano,
E vis insidias mais que o valor poderaõ.
Mais do que Cezareas artes, perfidia Corsa
Dispoz aprestes á escravidaõ do globo.
Naõ campo aberto, ou armas com proprias armas
Napoleaõ tenta; por que rivaes humilhe.
Saber, ousadia teme. Na intriga potente
Indigno auxilio so do soborno tira.
Eis como forjou o infame com torpe caballa
Moreau illustre, da tua sorte o damno.
Ja profugo, expulso, novo Themistocles erras,
E o amor da patria fixo no seio nutres.
Tempo, revezes, clima, nada te muda o caracter
Que immortal honra grava na fama tua.
Da França preclaro filho, da bellica França
Campeaõ nobre, gloria quanta ganhas!
Luctando por ella, tu rico esmalte lhe deste,
Deo-lhe o teu fero perseguidor cadeas.
Longe de seu gremio entanto, se triste gemias,
Por seu destino, pelo dos homens era.
Naõ so vergada a França, submisso o universo
As plantas suas Napoleaõ dezeja.
Cumplices oppressos povos, que manda suberbo,
Faz dos seos crimes a iniquidade sua.
Da sam verdade, que seos horrores acuza;
Sumir as vozes busca o feros Tyrano.
Em vaõ. Ja do Tejo ao Volga seu grito retumba,
E eleva esforços o Heroismo novos.
Naõ he de reis ja querella. Dos povos a cauza,
He quem os povos traz á cruenta lide.
E expectador inerte quem fora sem crime
Do açoite erguido, que a humanidade fere?
Moreau que ousado soube por cima de azares
Salvar seos foros com generozo brio,
Firmes elementos, que alta virtude lhe deraõ,
Seu ser formando, como apagar podia?
Nado para a gloria, deo lhe servindo-a lustre,
E em seu regaço poude acabar ditozo.
Roubou-lhe a Força meios, naõ pode tirar-lhe
O ardor sagrado que pelo bem nutria.
Da França aos crimes, e naõ á gloria guerra

As suas armas, seu coraçaõ fizeraõ.
Grato aos clamores da humanidade gemente
'A voz da patria, que em sua dor conhece,
Sahio do retiro, onde guardava thesouros
Seu bellico engenho de relevante preço.
A par dos reis, que unira Concordia sancta,
A par dos povos, que embravecera o jugo,
Moreau se ostenta; e o plano fecundo sagrado,
Que o triste mundo deve remir de novo.
Quem tinha começado a lucta na cauza do justo,
Com tanto auspicio, dar lhe o remete deve.
Assim sem as armas do inexoravel Achilles
(Voz foi d'oraculo), Pergamo naõ cahira.
Assim da Justiça eterna decreto supremo
Moreau do mundo trouxe á funesta crize.
Ceos! quanto estrago, quanto desastre ameaça
A instante lucta, de impio lume aceza!
Na cor vencendo as sombras da Estygia noite,
No aspecto horrendo phases abrindo negras,
Nos muros de Dresden a Tempestade se fixa,
E dali densa tristes agoura damnos.
Medonho conflicto impende! hum lado apresenta
Do Ceo virtudes, furias outro lado.
Quem hade vencer? o tumulo aos humanos aberto
Vendo, nos peitos 'Anciedade bate.
O Genio da Cubiça fero naõ soffre limites;
Qual gaz se expande, na reaçaõ vigora.
Nem vividos fogos de abraseada cidade,
Nem gelo agudo quebra a fereza sua.
O Espirito do mal propaga, qual Hydra de Lerna,
E Antea força, quando recua, ganha.
Ante este minax prospecto da sorte do mundo
Com frente impavida veio Moreau preclaro.
Naõ tarda o fatal instante da rigida prova:
Junto de Alexandre marcha o votado chefe.
D'alem devizo, grande Monarca, diz elle,
Surda batteria, que este lugar domina.
Tem Dresden no seo o fero inimigo dos homens,
Estaõ seos Fados a tua vida prezos.
Expo-los Senhor naõ deves—a marcha prolonga,
E á Moreau deixa risco de preço leve.
Fallara, e hum pouco ja progredia o Monarca,
Eis fado horrendo subito golpe vibra.
Do sitio ali marcado vulcaneo bronze
Troando, os passos prompto á Moreau decepa.
Cahe tinto em fumante sangue, que o campo roxea
E exhalando a vida disse com gesto ledo.

Salve de meos dias termo! Contente recebo
Justiça eterna, teu divinal aceno.
Do ser que regeste, e a vida cortando premeas
Acolhe a offrenda, que hum puro voto leva.
Se o fim que anhelava, tenho, do plano que mostras
No meu exemplo, segue o fecundo brilho.
Embora exultando me sobreviva o Tyrano.
Mais que de meos dias, trema da morte minha.
Procede avante ; exhausto naõ perde a coragem,
E a seu fim proximo, novo realçe cobra.
Os socios animando, e avizos fazendo benignos,
Da vida os restos utilizar procura.
Qual Socrates morrendo immovel, o circulo feixa
De acçoens que ao gume da crua morte fogem.
Desta arte aos Ceos approuve tirar dos humanos
O Ser, que a humana dita fixar podera.
Dos Ceos foi lei suprema cortar-lhe a carreira,
E he sobre a terra mizera a perda sua.
Do turvo oceano olhando, que volve dos annos
A inchente, obscuro, quanto se vê, parece.
Entanto se amigo raio da mystica fonte
Da vida brilha, tervas á mente aclara.
No indice dos Ceos ja lendo a Piedade se curva,
E altos mysterios, que reconhece, adora.
Votada á Verdade a vida, perdida por ella,
Do ethereo lustre vê no modello nobre.
Gloria, naõ ventura prova magnanimos entes.
Moreau so grande, tal acabando, fora.
Na morte o maior triumpho da gloria teve,
Encheo o exemplo do Proceder divino.
Crimes naõ expiaõ crimes. O jugo do mundo
So da Virtude puro realce quebra.

FIM.

Os louvores que se daõ aos grandes homens, depois que faleceraõ saõ, quanto a nos, o maior incentivo para imita-los. Sinceros, porque ja naõ podem equivocar-se com a adulaçaõ, e verdadeiros, porque os dicta a voz da justiça universal, elles aprezentaõ o devido tributo ao merecimento ; e preparaõ o mais bello triumpho da verdade. Saõ estes louvores, he a reputaçaõ dos homens alem do tumulo, que so os pode inflamar no dezejo de huma glorioza immortalidade. Entre os heroes que nos offerece a historia moderna, dos que tem perecido na lucta actual, excitada para a subjugaçaõ completa da especie humana, o General

Moreau he sem duvida o mais conspicuo exemplo de opposiçaõ áquelle atrocissimo systema. As suas proezas como os seos infortunios pela cauza da justiça saõ assaz conhecidos, para merecerem commento; e a sua morte pelos mesmos principios, pondo o remate a seu heroismo, patentea a mais alta designaçaõ do caracter humano, a votaçaõ pelo bem publico. Tal foi Moreau. Seria injustiça ficar mudo sobre cinzas, que arrançaõ lagrimas á humanidade, e a Muza dos tumulos, a Elegia, que tem a seu cargo dourar as sombras da morte, e revendicar os foros da eternidade, perderia huma grande occaziaõ para brilhar, se naõ accendesse o seu lustre na sepultura do heroe, que o mundo acaba de perder. Eis aqui porque intentamos fazer as exequias do illustre morto, com a solemnidade magestoza do verso elegiaco dos Gregos, ou Latinos; persuadidos como estamos, que elle he mais proprio que qualquer outro para elevar o espirito á dignidade do objecto. Se porem na tentativa naõ conseguimos igualar o metro, nem o assumpto; deve isso attribuir se mais á escassez do nosso talento, do que a pobreza da nossa lingoa nativa; que assentamos, (e nisto insistiremos) ser entre as modernas huma das melhores para se metrificar daquella maneira. Esperamos que o judiciozo censor dos hexametros Portuguezes, o Snr. A. R. de A. que teve a bondade de communicar-nos as suas luminozas observaçoens a este respeito; queira esta vez com a sua uzual generozidade dar a confirmaçaõ ao novo ensaio que lhe dedicamos; e " que para obter aquelle *sacramento* o dispense da idade, assim como da *patente*," com que dezejava premear o mesquinho trabalho de hum vate, que longe de aspirar ás honras de laureado, se contenta, marchando por esta via ao Parnazo, de abrir quando muito huma nova fonte para o aperfeiçoamento da poesia e literatura Portugueza, que muito ama, apezar do menoscabo em que he tida por muitos, e das poucas ou nenhumas vantagens, que a sua cultura offerece. Os nossos dias saõ iguaes senaõ superiores em lucto aos de Camoens, pois a cada instante somos forçados a exclamar com elle—

O favor com que mais se accende o engenho
Naõ o da a patria, naõ—

Pois se a patria o naõ da, menos o daraõ extranhos; e a vista daquelle exemplo, nenhum estro poetico, nenhum talento agradavel poderá facilmente prosperar, entre nos; naõ se esperem milagres de engenho, onde elle definhar por falta de animaçaõ, e de recompença; e baste isto para explicar os defeitos inseparaveis dos nossos homens de lettras. O author do poema de Moskow, e da prezente Elegia, promette com tudo ao seu illustre censor, naõ deixar nas trevas huma resposta sobre a theoria, e construcçaõ dos hexametros modernos; e lizongea-se que o convencerá de que naõ procedeo na composiçaõ dos seos, sem regras imperteriveis, regras que naõ alterou, e que lhe parecem justas, e indispensaveis no uzo daquelle metro em Portuguez, regras que nada tem de mysterio, pois que saõ filhas da observaçaõ, patentes a todo o investigador curiozo.

SCIENCIAS.

As seguintes Notas deviaõ propriamente ir no artigo Correspondencia ; mas esta vai-se diariamente augmentando a tal ponto, que nos vemos precizados a alterar a ordem, que tinhamos estabelecido ; d'outra maneira tarde, ou nunca poderiamos acabar de publicar os manuscriptos que se nos tem enviado, e se nos estaõ continuamente mandando. Huma tal demora naõ só desgostaria os seos authores, e desanimaria outros ; mas seria prejudicial á Literatura Portugueza, e á sua reputaçaõ, e credito ; sendo huma verdade que entre os manuscriptos, que se nos tem mandado, ha muitos que fazem muita honra á nossa heroica Naçaõ : nesta ordem consideramos nos á primeira Memoria deste No. e as seguintes

NOTAS

De Joaõ Manoel de Abreu sobre varios lugares da censura dos Redactores do Edinburgo Review aos Principios Mathematicos de Joze Anastacio da Cunha, para servirem de Supplemento ao Prologo da segunda ediçaõ dos mesmos Principios.

Os Principios Mathematicos de J. A. da Cunha naõ podiaõ cahir em melhores maõs : oxalá que M Playfair tivesse tido tempo de os examinar como convinha ! Inda assim muito á preça, talvez n'huma só leitura, achou coizas dignas de louvor, que outros naõ teriaõ achado em muitas leituras. Porem o systema dos Principios de J. A. naõ se alcança folheando : carece de maduro exame para se perceber a dependencia, que cada livro tem dos precedentes. Naõ será portanto de estranhar, que M. Playfair se equivocasse mais de huma vez a este respeito ; nem que lhe escapassem,

currente calamo, entre frequentes elogios taõ dignos da obra como do douto censor, algumas objecçoens mal fundadas, que elle mesmo teria riscado, se meditasse mais hum instante. He muito possivel, que hum critico taõ habil venha a descobrir no trabalho do Geometra Portuguez defeitos reaes, que hum compatriota pouco instruido, e traductor apaixonado, vera sempre com difficuldade. Porem os que ate qui se figuraraõ a M. Playfair, parecem-me todos illuzoens manifestas. Assim, sem desconhecer a liberalidade e franqueza da melhor parte da sua censura, seja-me licito responder á outra, e dizer o que entendo com igual franqueza: salvo o respeito devido á taõ benemerito censor.

I.

" He huma verdade, diz M. Playfair*, que para explicar o todo desta obra aos seus discipulos se requereria hum professor muito intelligente; e mais intelligente por certo, do que ordinariamente se naõ hade encontrar."

Assim parece á primeira vista: porem muito mais intelligente, digo eu, deve ser o professor, que houver de explicar, sem grave inconveniente, qualquer volumozo compendio; ora cheio de superfluidades, ou redundancias viciozas; ora suprabundante em theorias faceis na apparencia, e sophisticas na realidade. Entaõ hé que os discipulos carecem de hum optimo professor, que lhes ensine a saltar humas paginas, e a corrigir outras. Mas para explicar o compendio de J. A., onde naõ há paginas, que omittir, nem sophismas, que emmendar, qualquer ensinador basta, com tanto que saiba hum pouco de Euclides, e tenha vontade de se applicar. Poderá elle attingir mais ou menos tarde o systema do Author: porem explical-lo absolutamente

* Este, e os outros assumptos das prezentes Notas, saõ extrahidos do Investigador Portuguez No. XX. Fevereiro, 1813; onde se acha traduzida, e attribuida a M. Playfair, a Censura dos Redactores do Edinburgh Review aos—

Principes Mathematiques de J. A. da Cunha traduits litteralement du Portugais par J. M. d'Abreu.

No. XL. Novembro, 1812.

mal só de propozito: ao menos naõ correrá o risco de tolher os seus discipulos, explicando-lhes paralogismos grosseiros no stylo de demonstraçoens exactas.

He de advertir que o compendio de que se trata, foi composto para huma escola de moços pobres, sustentados pelo governo, e destinados, huns ao estudo das sciencias exactas, outros ás artes e officios, conforme a capacidade de cada hum. Suppunha por tanto o A. tres professores, o primeiro d'Arithmetica, Geometria, e Trigonometria practicas; o segundo dos primeiros Livros do seu Compendio; e o terceiro do resto. E queria elle que nestas tres aulas se experimentassem, e joeirassem os discipulos: os melhores deviaõ frequentar a terceira aula, e passar avante; os immediatos limitavaõ-se ás primeiras, e seguiaõ outros rumos. Infelizmente hum plano tambem ideado naõ se poude experimentar completamente: apenas hum principiante, pouco mais adiantado que os discipulos, e que nem sabia Euclides, nem tinha demasiada paixaõ pelas Mathematicas, poude repetir dez ou onze Livros, depois do A. haver explicado os dous primeiros. Assim mesmo sahiraõ da dita escola tantos discipulos bons, como ouvintes a frequentaraõ; e alguns bem conhecidos. Donde se colhe a facilidade com que o dito compendio pode ser explicado com proveito, até por hum principiante. E para que se naõ suspeite que exagero o merecimento da obra á custa do meu proximo, devo confessar que o dito principiante fui eu mesmo, em tempo que apenas tinha estudado mui superficialmente o curso Mathematico de Bellidor.

II.

" Em toda esta obra se vê que o A. empregou o mais rigoroza logica: mas para conseguir o seu objecto elle substituio em muitos casos, mesmo em Algebra, (o que nós consideramos como naõ pequeno sacrificio) o methodo synthetico ao methodo analytico de raciocinar."

Empregou, assim he, a mais rigoroza Logica; mas naõ fez para isso substituiçaõ alguma arbitraria, que haja de considerar se como sacrificio pequeno ou

grande. O A. segue sempre o methodo synthetico quando demonstra; o analytico, quando investiga; e ambos os methodos quando investiga, e demonstra soluçoens de problemas. Queira M. P. comparar o livro 7 aos precedentes; o 11, 12, aos precedentes, &c., e verá que o A. emprega, ora hum, ora outro methodo ordenada e systematicamente; usando, torno a dizer, de hum quando estabelece theorias; do outro quando as applica á investigaçaõ de questoens; e d'ambos, quando verifica hum pelo outro, pondo-os a cada passo em contacto. E he desta sorte que o A. indica os limites e usos reciprocos de cada hum. Os Elementistas ordinarios he que costumaõ substituir arbitrariamente o methodo analytico ao synthetico, demonstrando analyses por analyse, o que parece contrario ao senso commum; pois todos sabem, desde as primeiras regras de sommar e diminuir, multiplicar e repartir, que a synthese he aprova natural da analyse. Vejaõ-se as questoens de *maximis et minimis* do Liv. 21, as do 7, &c. &c. e confiraõ-se com o que se acha escripto aos mesmos respeitos nos elementos de Mathematica mais bem accreditados.

De mais queira M. P. separar do Liv. 4. tudo o que depende da def. 8, ou notaçaõ arabe, e hade conceder, que os livros 3, 4, 8, 10, 15, encerraõ outras tantas sintheses rigorozas da linguagem analytica, antiga e moderna, ordinaria e infinitessimal. Logo a fraze, *mesmo em Algebra*, he muito vaga: devera especificar em que parte da Algebra. Mas entaõ, perguntára eu, se o methodo synthetico he optimo nos livros 3 e 4; soffrivel no 8; excellente no 10, [como parece conceder o douto Censor] por que razaõ hade ser máo no resto da Algebra? Se he proveitozo no Liv. 3, isto he na demonstraçaõ das primeiras regras da antiga analyse; que naõ deraõ nunca lugar senaõ a insignificantes disputas, porque hade ser prejudicial na Algebra moderna, que da lugar a tantos e taõ intrincados paradoxos? Huma coiza he Algebra, outra coiza he methodo analytico. A Algebra, como diz Condillac, naõ he senaõ huma linguagem bem feita, que tanto se pode applicar á synthese, como a analyse; e he evidente que hum dos principaes objectos do A. foi dar á dita linguagem o grao d'invariabilidade e certeza,

que caracteriza os primeiros livros do seu compendio. Naõ devia pois o A. deixar a rutina vulgar, taõ frequentada, como avêça ao seu fim, e seguir no resto da Algebra o mesmo methodo que seguio no principio? Eu digo que sim: digo que devia seguir mesmo em Algebra, a estrada d'Euclides, ainda que naõ fosse senaõ pela novidade, e por amor do preceito d'Horacio—

Denique sit quid vis simplex dumtaxat et unum.

III.

" He somente pelo exercicio e emprego do methodo analytico, que as potencias inventoras se desenvolvem e exercem, e que tanto a razaõ como a imaginaçaõ se acustumaõ ao penozo caminho das descobertas; de maneira que só a mais urgente necessidade poderia induzir hum author a separar-se deste methodo."

Ou eu naõ entendo isto, ou estamos perfeitamente discordes. Quando se trata de principios Mathematicos, destinados á primeira instrucçaõ da mocidade, parece-me que naõ pode haver *necessidade mais urgente*, que a de sujeitar as descobertas proprias ou alheias ás provas e demonstraçoens naturaes de cada huma. Por exemplo, como se haõ de demonstrar, sem circulo viciozo, as regras actuaes da analyse, senaõ pelo methodo synthetico? A faculdade d'inventar he sem duvida hum don precioso, que o Mestre deve entreter como hum lume sagrado, quando o pressente em algum raro, e affortunado discipulo. Mas segue-se dahi que as faculdades de ordenar, resumir, conceber, e demonstrar, saõ menos dignas de cultura, ou menos uteis ao total dos discipulos? E como he que estas preciozas faculdades se desenvolvem, ou se adquirem, senaõ pelo estudo atturado das rigorozas syntheses dos mais severos philosophos? Se Newton, por exemplo, estudasse mais analyses de Descartes, e e menos syntheses de Euclides, d'Archimedes, e d'Apolonio, teria sido maior Newton do que foi? E que mal fizeraõ ás suas potencias inventoras os escriptos daquelles grandes homens? Ninguem nos pode tirar

de duvida a este respeito, como o mesmo Newton: eis aqui o que se lê na sua vida. "Newton naõ só foi sempre o maior admirador do gosto e methodo de demonstraçaõ dos antigos Geometras, mas ate se censurava a si mesmo de os naõ haver seguido de mais perto. Lamentava o mal que fizera nos primeiros annos dos seus estudos Mathematicos, em se applicar ás obras de Descartes, e d'outros authores d'Algebra, antes de meditar os Elementos d'Euclides, com aquella attençaõ que merece hum taõ excellente escriptor." Lea-se alem disto o respeito que elle tributava a Huygens, e á todos os escriptores Mathematicos do seu tempo, que resistiraõ á invazaõ do methodo Cartesiano, e se conservaraõ fieis ao dos antigos.

IV.

" O primeiro livro começa pelos elementos de geometria."

Seria mais significante dizer que a obra inteira começa por hum resumo dos Elementos d'Euclides; que este resumo se reduz a 74 paginas; que o A. conservou, quanto basta do original, para dar ao principiante huma idea exacta do methodo das demonstraçoens antigas; e para fundar a Geometria e calculos modernos sobre huma base taõ segura, e taõ provada como os Elementos d'Euclides. Esta informaçaõ taõ obvia, como verdadeira, talvez inspirasse a certa classe de Leitores, o dezejo de examinar deveras hum compendio Mathematico, que principia de huma maneira taõ singular na era d'hoje.

Mas o A. ainda teve outra razaõ mui solida para começar pelas primeiras proposiçoens d'Euclides: pensou, naturalmente, que os livros 3 e 4 dos seus Principios naõ saõ taõ faceis de explicar como os dous primeiros: alias teria começado pelo 3 e 4; o que seria sem duvida mais systematico, porem talvez menos util na pratica. Na verdade he difficil appontar em qualquer materia coiza mais commoda para se entender perfeitamente; e ao mesmo tempo taõ propria para ensinar aos principiantes que coiza sejaõ ver-

dades geometricas, rigorosamente demonstradas, como as primeiras proposiçoens d'Euclides.

V.

" Nos precisamos dizer que naõ podemos considerar como correcta esta definiçaõ de ponto, &c. &c. A fraze, *sem erro sensivel*, he extremamente vaga ; e toda a tentativa para atornar mais preciza e exacta conduz necessariamente á definiçaõ d'Euclides, segundo o qual, ponto he o que naõ tem partes."

Para conferirmos melhor as duas definiçoens de que se questiona, ponhamos o seguinte exemplo. Tire-se do comprimento e tamanho do corpo A naõ menos de metade, e seja B o resto ; tire-se do comprimento e tamanho do corpo B naõ menos de metade, e seja C o resto ; e assim por diante sem nunca acabar. A serie A, B, C, naõ terá ultimo termo [por hypothese] : mas o ponto d'Euclides, se fosse alguma coiza definivel, deveria corresponder ao ultimo termo desta serie [se o tivesse]; logo naõ o tendo, será o ponto d'Euclides, que naõ tem partes, huma quimera, ou synonimo de *nada*. Pelo contrario o ponto relativo de J. A. sera hum termo da serie A, B, C, e taõ pequeno como se quizer, conforme a questaõ de que se tratar. Por exemplo, o vertice de huma pyramide será hum ponto em comparaçaõ de toda a pyramide ; a terra, o sol, as estrellas seraõ pontos em comparaçaõ do Universo.

Seria pois huma sem razaõ insistir em definiçoens que se naõ entendem, se naõ por metaphysica alambicada; e rejeitar as definiçoens de J. A., que se deduzem com tanta facilidade de experiencia. Com tudo M. P. parece indeciso a este respeito. Concede que as de Euclides peccaõ pelo lado da Logica, e demandaõ certo *refinamento metaphysico* ; reconhece que as de J. A. nem peccaõ contra a Logica, nem demandaõ *refinamento metaphysico*. Logo parece que naõ deveria ter duvida em concluir redondamente, naõ só que as de J. A. saõ as mais correctas, mas que *toda a tentativa para as reduzir á precizaõ metaphysica d'Euclides seria huma tentativa errada* ; porque Geometria naõ he Metaphysica, nem se deve parecer com ella.

VI.

"A definiçaõ de plano naõ he essencialmente diversa da de Euclides; he porem menos simples."

As definiçoens de plano e de linha recta, segundo Euclides, saõ igualmente defeituozas; porque nem se deduzem da experiencia, nem se segue dellas o que se requer na applicaçaõ. Ora J. A. adoptou em ambas a mesma especie de correcçaõ, convertendo em definiçoens os axiomas respectivos; e M. P. approva a correcçaõ da definiçaõ de recta; logo deve approvar a outra. Esta paridade he exactissima.

VII.

"A definiçaõ d'angulo he hum pouco differente da definiçao commum; mas participa muito da mesma imperfeiçaõ."

Parece-me engano. O A. naõ trata na sua geometria senaõ de corpos, e por isso suppoem em todos elles huma figura, tomando esta palavra em sentido natural. Assim huma recta tem huma figura; huma curva outra; duas linhas, que concorrem, formaõ outra figura: duas linhas, que nunca concorrem, outra. Por tanto na def. 7 a palavra *figura* designa *o genero proximo*; e as palavras, *duas linhas que concorrem n'hum ponto* designaõ *a differença proxima*. Logo a definiçaõ commum he defeituoza: val o mesmo que se dissesse, *hum angulo he hum angulo*; porque naõ exprimindo *genero*, os nomes *inclinaçaõ*, *abertura*, *angulo*, saõ synonimos. Donde concluo que a definiçaõ 7 differe absolutamente da definiçaõ commum; ou ao menos quanto basta para naõ ter defeito algum, demonstravel logicamente.

VIII.

"A oitava definiçaõ he d'angulo rectilineo; e nella á nosso ver, ha fundamento para muitas objecçoens. Este consiste em tomar hum arco de circulo pelo valor ou medida de hum angulo, sem definir primeiro, o que se deve entender por medida ou valor."

O nome d'angulo toma-se aqui em dous sentidos: humas vezes dezigna a figura que duas linhas formaõ concorrendo n'hum ponto, segundo a definiçaõ 7; outras vezes he synonimo d'arco, pela definiçaõ 8: por tanto nesta def. ja senaõ trata d'angulo rectilineo na primeira accepçaõ: determina-se sim o que se deve entender por angulos rectilineos, quando se sommaõ ou diminuem, multiplicaõ ou repartem; e por consequencia quando saõ corpos geometricos, comparaveis entre si; isto he, quando saõ arcos circulares, determinados segundo o uso dos Geometras, e condiçoens da def. 8.

Para se entender melhor a differença que há entre a def. vulgar e as definiçoens 7 e 8 de J. A., considerem-se os seguintes exemplos. Sejaõ duas circumferencias de circulos iguaes, e imaginem-se no centro da primeira hum rayo movel, que se desviou de outro rayo fixo hum numero a de graos, menor que 360; e no centro da segunda, outro rayo movel, que se desviou de outro fixo, hum numero 360 a de graos. Fazendo abstracçaõ dos arcos descriptos, os dous angulos, considerados como figuras, poderaõ coincidir, superpostos; logo seraõ iguaes pela def. 7; mas neste caso a palavra angulo he o synonimo de arco; logo seraõ desiguaes pela def. 8.—Outro exemplo. Seja A hum angulo recto: os productos 2 A e 4 A deveraõ ser homogeneos aos multiplicandos; logo devem ser angulos, o que concorda perfeitamente com a def. 8. Mas pela def. vulgar, que grandeza será 2 A, ou 4 A? Coiza nenhuma; porque os lados de 2 A ou de 4 A naõ formaõ angulo; naõ tem entre si inclinaçaõ, nem abertura. [Veja-se o corol. 3. prop. 6. liv. 1.]—Mais em geral: A somma dos angulos internos de qualquer poligono será pela def. 8 hum angulo, isto he, hum arco circular homogeneo aos angulos ou arcos de que se compoem, como deve ser: mas pela def. vulgar naõ se sabe que coiza seja √.—Em fim para tirar toda a duvida a este respeito, examine-se attentamente a demonstraçaõ da prop. 3. do liv. 1., onde se applica pela primeira vez a def. 8, comparando dous angulos, naõ no sentido da 7, como figuras; mas no da 8, como arcos. Se M. P. fizesse

este exame, naõ só approvaria immediatamente a def. 8, mas he natural que notasse ao mesmo tempo a dita prop. 3, que vem a ser a 4 do liv. 1 de Euclides, e que ninguem tinha demonstrado antes de J. A., por falta de definiçoens exactas.

Mas o A. *devera definir primeiro,* diz M. P., *o que he valor ou medida,* &c. &c.—Respondo que na definiçaõ original naõ há o termo *medida* ou *valor:* escapou na traducçaõ Franceza a palavra *valeur,* talvez por descuido, ou para encher a fraze: naõ me lembro. O certo he que o A. fica plenamente justificado, ainda quando nisto houvesse erro; porem julgo que o naõ houve, e que posso justificar igualmente o traductor.

Em Trigonometria, Astronomia e Navegaçaõ, &c. as palavras angulo, rumo, arco, gráos, &c. saõ muitas vezes synonimos entre si: dis-se indifferentemente o angulo A, ou o arco A, ou o rumo A, &c. &c.; por isso a def. 8, como fica indicado nos exemplos precedentes, naõ serve senaõ de determinar as circunstancias em que os praticos fazem a palavra *arco* synonimo da palavra *angulo.* Assim na def. 8 da traducçaõ Franceza deve entender-se o termo explectivo *valeur,* como se entenderia na seguinte fraze: *le nom d'angle a la même valeur, ou la même signification, ou revient au même que le nom d'arc, dans telle ou telle circonstance;* quero dizer que o termo *valeur* he ali synonimo de *signification;* he hum termo *explectivo* que se pode riscar sem inconveniente algum: e por tanto, apezar de taõ plena justificaçaõ, naõ sera máo riscallo, para que naõ dê lugar a outra duvida semelhante. Cumpre todavia advertir que em obras taes como os Principios Mathematicos de J. A. da Cunha, se devem tomar os termos naõ definidos sempre no sentido grammatical; e os termos definidos sempre de huma maneira conforme ás primeiras applicaçoens que o A. faz delles. Ora se M. P. tivesse tido tempo de observar este preceito, naõ só teria approvado a def. de que se trata, mas todas as outras que rejeitou sem fundamento.

IX.

" O axioma, em que M. da Cunha funda a doutrina das parallelas, he o mesmo que o d'Euclides."

M. P. louva, com toda a razaõ, a clareza e simplicidade, que J. A. conseguio dar á doutrina das parallelas d'Euclides. Com tudo a definiçaõ vulgar que o A. adoptou na dita doutrina, parece-me incoherente com o systema das outras definiçoens do seu primeiro livro. Ou elle naõ advertio no principio d'Hobbes, citado no prefacio da traducçaõ Franceza dos Princ. Mathem. p. v.; ou naõ pensou em generalisallo; como eu o generalizei no *Supplemento á Traducçaõ d'Euclides de M. Peyrard.* Aliaz teria convertido o axioma 11 d'Euclides [trad. de M. Peyrard] em definiçaõ de parallelas, da mesma sorte que converteu o axioma 12 em definiçaõ de rectas. Com effeito, separando do axioma 11 a idea d'angulo recto, que o complica, pode e deve converter-se o dito axioma em definiçaõ de parallelas, do seguinte modo:

Se tres rectas infinitas, postas em hum plano forem taes, que a primeira encontre sempre as outras duas, quando fizer com huma dellas hum angulo, que se naõ possa desprezar sem erro notavel, chama-se a primeira seccante, e as outras duas parallelas:

Desta definiçaõ segue-se a def. vulgar e as outras propriedades das parallelas segundo o methodo d'Euclides; mas da definiçaõ vulgar naõ se seguem todas as propriedades das parallelas; logo a minha definiçaõ hé exacta, e a vulgar defeituoza. Porem Simpson e Le Gendre demonstraraõ rigorozamente o axioma 11 —Nego: substituiraõ em lugar do axioma 11, outros axiomas menos faceis de provar por experiencia, do que o axioma 11; e a demonstraçaõ de Le Gendre he em quanto a mim a pejor de todas, pelo muito que complicou a theorica taõ simples das parallelas. Veja-se a este respeito o dito supplemento, impresso em Agen no anno de 1809.

X.

"Nos hesitamos mui pouco em dizer que a definiçaõ de proporçaõ, que acima damos he a mais simples, que he compativel com a exactidaõ e universalidade da demonstraçaõ."

M. P. diz na sua censura quanto se pode dizer a favor da definiçaõ de proporçaõ do author; mas por fim inculca outra em lugar della, que naõ he senaõ huma approximaçaõ da definiçaõ de proporçaõ d'Euclides, ou do ennunciado da prop. 6. liv. 3. do A. He portanto muito provavel que a definiçaõ inculcada naõ pareça mais simples, senaõ porque he menos exactamente enunciada que a prop. 6. Mas demos que seja realmente mais simples, e igualmente bem ennunciada: bastaria isso para antepô-la, sem mais nem menos, á def. 3. do mesmo livro? Eu penso que naõ: salvo se as regras da logica saõ perfeitamente inuteis, e até prejudiciaes na escolha e discuçaõ das verdadeiras definiçoens mathematicas. Segundo eu entendo, antes de M. P. dar a preferencia á definiçaõ que propoem, devera examinar: 1. se ella he mais conforme que a do A. ás ideas, que cada hum tem de proporçaõ, deduzidas da experiencia, e das operaçoens arithmeticas actuaes; porque toda a definiçaõ, para ser legitima, deve deduzir-se immediatamente da experiencia; 2. demonstrar que da definiçaõ proposta, se seguem as onze proposiçoens do livro 3, mais facil e rigorosamente que da do A. Se M. P. fez estas duas averiguaçoens, suspendo o meu juizo; se as naõ fez, parece me que deveria ter hesitado mais hum pouco, antes de dizer que a *definiçaõ de proporçaõ, que acima deu, he a mais simples, que he compativel com a exactidaõ e universalidade da demonstraçaõ.*

XI.

"O livro 8. explica as operaçoens fundamentaes da Algebra. A idea de quantidades negativas he a primeira de que o A. se occupa neste livro; mas nada achamos a este respeito de particular na maneira de tratar este objecto."

Ninguem ignora as disputas que tem haviado á cerca de quantidades negativas, nem os paradoxos que Euler, Dalembert, e outros Geometras da primeira ordem descobrirão a este respeito, sobre as soluçoens algebraicas, e construcçoens geometricas de huma infinidade de problemas de Geometria e de Mechanica. Qual sera pois a origem destes paradoxos? Comparem-se as definiçoens e hypotheses do liv. 8. com os escholios dos livros 9, 10, 13, 14, e vêrse-ha que J. A. foi o primeiro, que remontou á dita origem, e a emmendou para sempre, se os Geometras quizerem estar pela sua correcçaõ. A origem consistia em se tratar como theorema universal a regra dos signaes + e —, que naõ he senaõ hypothetica, como ja tinhaõ observado Wallis e outros. Assim, visto que a origem he taõ simples, a correcçaõ naõ podia deixar de ser igualmente simples; porque o caracter do A. era diametralmente opposto a toda a casta de impostura. Consiste pois a dita correcçaõ no simples titulo de hypothese que elle deu á regra dos signaes, e nas consequencias que dahi tirou nos escholios dos liv. 9. 10, 13, e 14. Tal he muitas vezes a importancia de huma só palavra em rigoroza synthese. E parece que as correcçoens desta classe, por isso mesmo que avultaõ pouco, escapaõ por mais tempo aos olhos mais perspicazes. Assim he bem natural que em huma primeira leitura, e sem attençao aos escholios acima mencionados, naõ podesse M. P. *achar nada de particular no liv. 8. aos sobreditos respeitos.*

Generalisando, toda via, o principio de Hobbes, de que ja fallamos, Nota IX. em lugar da hypothese 5. do liv. 8. proporia eu a definiçaõ e advertencia seguintes.

Definiçaõ. Sejaõ A, C, E, &c. varios antecedentes; B, D, F, &c. os seus consequentes; e b, d, f, &c. quaesquer submultiplices, dos consequentes: se b naõ poder caber em A. mais vezes do que d em C, nem mais vezes do que f. em D. &c. e se a respeito dos signaes + e — forem os antecedentes, ou todos semelhantes, ou todos contrarios aos seus consequentes, as grandezas A, B, C, D, &c. chamem-se *algebraicamente proporcionaes.* *Advertencia.* A experiencia tem mostrado que quatro ou mais grandezas podem ser *geometricamente*

proporcionaes, conforme a primeira parte da def. precedente; e naõ serem *algebraicamente proporcionaes*, conforme a segunda.

Pareceme que isto seria conforme ao systema do A. e estylo geral da sua obra.

XII.

"No liv. 9. trata-se da Arithmetica das Potencias, que he huma das grandes particularidades do methodo do nosso author."

M. P. equivocou-se sobre este livro, ainda mais que sobre o oitavo. O livro 9. he para a doutrina das series em geral, como os 3. e 4. saõ para as primeiras regras do calculo antigo e moderno. A definiçaõ 1. e prop. 1. do liv. 9. com os seus corollarios, constituem a base da doutrina, que La Grange chama *Theorica das Funcçoens Analyticas* (como mostraremos mais abaixo); e nesta base he que o nosso author estabeleceu naõ só a theorica das series exponenciaes e logarithmicas do liv. 9.; mas tambem das outras series convergentes, que se encontraõ nos livros seguintes. Logo a deminuta e insignificante informaçaõ, *trata-se da arithmetica das potencias*, pode induzir os leitores em engano, contra as intençoens, certamente, de M. Playfair. "A perfeiçaõ dos methodos de approximaçaõ, diz La Grange, em que se empregaõ series, depende naõ somente da convergencia das series, mas tambem de que se possa avaliar o erro, que rezulta dos termos, que se omittem; e a este respeito pode-se dizer que quazi todos os methodos de approximaçaõ, de que se faz uzo na resoluçaõ dos problemas geometricos e mechanicos, saõ ainda imperfeitissimos." (Theor. das Func. anal. pag. 50.) Mas como haõ de ser perfeitos esses methodos de approximaçaõ, se nos elementos d'Algebra, mais vezes reimpressos, se falla em series infinitas, por exemplo, exponenciaes e logarithmicas, muito antes de se estabelecer que coiza seja theorica de series convergentes? Qual he a norma, ou normas faceis e seguras que os authores elementares daõ aos principiantes para distinguirem series reaes, de series imagi-

narias? Escrevem $\frac{a}{1-a} = a + aa +$, &c. e nem sequer advertem que semelhantes transformaçoens sao absurdas, quando se naõ suppoem *a* negativo, ou *a* menor que 1. Ensinaõ a converter expressoens binomiaes, em series infinitas, sem determinarem os casos em que semelhantes conversoens naõ produzem, se naõ expressoens imaginarias do genero infinitario! N'huma palavra, he incrivel a superficialidade, que reina a este respeito, naõ só em Elementos d'Algebra os mais gabados, mas até em Tratados de series *ex professo*. Ora se tal he o descuido, e atrazamento nos primeiros rudimentos da doutrina, que será depois nas applicaçoens á Geometria e a mechanica?— Eis aqui o que o nosso A. vio, e remediou completamente no liv. 9. muito antes de La Grange publicar a Theor. das Func. anal. e o novo theorema que lhe suscitou o pensamento, e passagem que acabamos de citar.* Assim se eu provar (quanto o permite o estreito espaço que me resta das seguintes notas) que a definiçaõ e proposiçaõ primeiras do liv. 9. com os corollarios respectivos, constituem a base que ate gora faltava na doutrina das series, e mesmo na Theorica de La Grange; se eu mostrar, ou ao menos indicar sufficientemente, que o liv. 9. he taõ essencial á demonstraçaõ rigorosa dos calculos modernos ordinario, e infinitessimal, como pode vir a ser util ao adiantamento dos methodos de approximaçaõ, de que La Grange com tanta razaõ se queixa, poderemos concluir que o livro 9. merecia alguma coiza mais que a escaça denominaçaõ de *arithmetica das potencias.*

CARTA HYDROGRAFICA, E ROTEIRO DAS COSTAS DE PORTUGAL.

Em o No. IV. do nosso Jornal, pag. 651. annunci-

* O dito theorema deduz-se facilmente das primeiras prop. do liv. 9. e parece me que seria nelle perfeitamente inutil: porque o signal, &c. da def. 1. tem (se me naõ engano) o mesmo prestimo que o dito theorema de La Grange.

amos esta precioza obra, que se concluio, e publicou ha alguns mezes.

Nada he taõ util á navegaçaõ como cartas circunstanciadas, e exactas das Costas. A melhor carta que das de Portugal havia era a do celebre Tofino: com tudo ella era grandemente defeituoza; por senao permittir a este sabio Hespanhol o fazer as necessarias operaçoens sobre a Costa de Portugal; operaçoens, a que ciumes politicos bem ou mal entendidos obstáraõ. Dahi vem que nella se achaõ erros notaveis.

O habilissimo engenheiro Portuguez Marino Miguel Franzini efficazmente auxiliado pelo vigilante, e paternal Governo de Portugal, e pelo Almirante Berkeley, procurou corrigir taes erros, e dar huma Carta Hydrografica, e Roteiro exacto das Costas de Portugal; o que nos parece ter conseguido, depois de penozas observaçoens, assiduo trabalho, e do mais louvavel zelo pelo serviço de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, e da sua patria.

Tal he nossa opiniaõ á cerca desta obra; mas receozos de que ella naõ fosse fundada, porque nos naõ julgamos dotados dos necessarios conhecimentos para bem avaliar obras deste cunho, procuramos que os trabalhos do nosso benemerito compatriota chegassem ás maons do mui conhecido, e distincto sabio Hespanhol Dom Jose de Mendonza Rios, que actualmente rezide em Londres, rogando-se-lhe quizesse dar o seu parecer á cerca de esta obra: e nos somos mui felizes em poder aprezentar aos nossos leitores o juizo que della forma este illustre sabio Hespanhol, de quem ja tivemos occaziaõ de fallar em o nosso No. XXVII. pag. 527.; e que em assumptos de Astronomia pratica he de huma grande, e universalmente reconhecida authoridade.

"As Cartas diz o sabio Hespanhol, e o Roteiro das Costas de Portugal saõ excellentes, e o Snr. Franzini merece os maiores elogios pela compoziçaõ de huma obra taõ util á navegaçaõ, e por ter dado nos Roteiros, alem das instrucçoens necessarias para a pratica, noticia do modo com que estaõ construidas as Cartas, e determinadas as poziçoens dos pontos principaes. O todo parece-me, quanto eu posso julgar, trabalhado com talento, conhecimento, e tino, e forma huma

parte da Hydrografia, que he importante, e estavá ainda imperfeita.

" O Governo de Portugal, protegendo aquelle trabalho, tem pago huma especie de divida, que tinha contrahido, quando negou a Dom Vicente Tofino a permissaõ de fazer em seu territorio as mesmas observaçoens, que praticou para levantar as cartas das Costas de Hespanha; por cuja razaõ ficaraõ as de Portugal, por muitos annos depois, naõ bem conhecidas.

" Vejo com muito gosto a addiçaõ que o Snr. Franzini fez á sua carta, pondo indicaçoens das alturas de montes que se podem descobrir do mar; porque será prezentemente hum meio facil, e util para que os navegantes determinem as situaçoens em que se achaõ á vista das Costas.

" O que unicamente se poderia dezejar, alem do que nos tem dado o Snr. Franzini, he huma memoria, que contenha o detalhe das observaçoens de que se tem deduzido as latitudes, e longitudes adoptadas para a construcçaõ das Cartas: isto porem he hum trabalho, que interessa principalmente aos homens theoricos, e que por isso se tem ordinariamente omittido na publicaçaõ de obras semelhantes. Nem mesmo Tofino acompanhou suas cartas destes documentos; e sua publicaçaõ he recentemente devida ao zêlo do Xefe de Esquadra Dom Joze de Espinoza, o qual, nas Memorias que tem dado á luz em Madrid, ha alguns annos, tem inserido muitos materiaes importantes para a Hydrografia.

" Deve pois dizer-se que o Snr. Franzini, naõ só tem feito huma obra mui util, mas tambem que esta obra he completa para os uzos praticos a que se destina."

Nos esperamos que o nosso habilissimo compatriota, continuando a servir, e honrar a Sua Patria, nos dê quanto antes a Carta Geografica de Portugal, de que tanto se preciza, e que elle prometteo.

CONTINUAÇAÕ

Dos Extractos dos Elementos de Chimica concernentes á Agricultura, &c. &c. &c. Por Sir Humphrey Davy.— Continuados de pag. 36.

TERRENOS.

Naõ ha objectos alguns de maior importancia para o lavrador, que a natureza, e o melhoramento das terras; e naõ há ramo algum na agricultura, que possa ser mais excellentemente illustrado por investigaçoens Chimicas. As substancias que constituem os terrenos saõ certos compostos das terras *Silica*, *Alumina*, *cal*, *magnezia*, e dos oxidos de ferro, e manganesia; materias animaes, e vegetaes no estado de decompoziçaõ; e combinaçoens salinas, acidas ou alkalinas. Para fazermos huma idea exacta dos terrenos he necessario, que saibamos, que estes constaõ de differentes rochas decompostas, ou reduzidas a pedaços, e pó mais ou menos subtil: que algumas das suas partes soluveis estaõ dissolvidas n'agoa, a qual está unida á massa; e que o todo está misturado com maiores, ou menores quantidades dos residuos das substancias vegetaes, e animaes em diversos estados de podridaõ. Em todas as experiencias chimicas sobre a compoziçaõ dos terrenos connexas com a Agricultura, as partes constituentes quo se obtem saõ compostos, e he como compostos que elles obraõ em a natureza: he pois neste estado que Sir Humphrey Davy passa a descrever suas propriedades caracteristicas.

1. A *Silica*, ou Silex, ou terra das pederneiras, no seu estado puro, e cristallizado, he a substancia conhecida pelo nome de cristal de rocha. Os Chimicos obtem na em forma de hum pó branco impalpavel. Naõ he soluvel nos acidos ordinarios porem he dissolvida por meio de calor em laxivia alkalina fixa. He huma substancia incombustivel, visto estar saturada de oxygenio. Eu tenho provado, que esta he hum composto de oxygenio, e de hum corpo peculiar combustivel, ao qual tenho dado o nome de *Silicum;* e

conforme as experiencias de Berzelius, provavelmente contem quasi pesos iguaes destes dois elementos. 2. As propriedades sensiveis da *cal* saõ bem sabidas ; esta existe em os terrenos communmente combinada com o acido carbonico. Tambem algumas vezes se acha unida com os acidos phosphorico, e sulfurico. As suas propriedades chimicas, e a sua acçaõ no estado puro seraõ relatadas na leitura a cerca dos estercos pertencentes ao reino mineral. He soluvel nos acidos nitrico, e muriatico ; e forma com o acido sulfurico huma substancia difficil de dissolver-se, chamada gesso. Naõ he soluvel em soluçoens alkalinas. Contem 40 partes de huma substancia particular, á qual tenho dado o nome de *calcium*, e 15 de oxygenio. 3. *Alumina* ou pedra huma existe em estado puro e cristallizado na safira branca ; e combinada com huma pequena quantidade d'oxido de ferro e silica, em outras pedras preciozas Orientaes. He obtida pelos chimicos na forma de hum pó branco, soluvel em acidos, e soluçoens alkalinas fixas. Segundo as minhas experiencias, parece constar de 33 partes de *aluminum*, e de 15 de oxygenio. 4. *Magnesia* existe em hum estado puro e cristallizado formando hum mineral semelhante ao talco, que se acha na America do norte. A *magnesia* usta ou magnesia calcinada das boticas, he a forma, em que commummente se observa. Geralmente está combinada nos terrenos com o acido carbonico. He soluvel em todos os acidos mineraes ; porem naõ em lixivia alkalina. Distingue-se das outras terras, que se descobrem nos terrenhos, pela sua facil solubilidade nas soluçoens de carbonatos d'alkalis saturados d'acido carbonico. Parece constar de 38 partes de *magnesium*, e 15 de oxygenio. 5. Ha dois oxidos de ferro bem sabidos, os quaes saõ o preto, e o trigueiro. O preto he a substancia, que sahe fora do ferro quente, quando este he estendido a martello. O oxido trigueiro pode-se obter expondo por muito tempo ao ar o oxido preto, depois de aquentado a tal ponto, que figue vermelho. Os oxidos de ferro existem algumas vezes em terrenhos no estado de combinaçaõ com o acido carbonico. Elles facilmente se distinguem d'outras substancias por darem, quando saõ dissolvidos em

acidos, huma cor preta á soluçaõ de galhas, e hum precipitado de hum azal resplandecente á soluçaõ de prussiato de potassa, e ferro. 6. O *oxido* de *manganesium* he a substancia commummente chamada manganese, a qual usa-se no processo de corar. He discernido das outras substancias contidas nos terrenos pela sua propriedade de decompor o acido muriatico, e converte-lo em *Chlorine.* 7. As *materias vegetaes e animaes* saõ conhecidas pelas suas qualidades sensiveis, e pela propriedade de serem decompostas por calor. Podemos deduzir os seos caracteres do que se tem ja acima observado. 8. *Os compostos salinos* achados nos terrenos saõ sal commum, sulfato de maguesia, nitratos de cal, e de magnesia, sulfato de potassa, e carbonatos de potassa e soda. He desnecessario descrever com muideza os seos attributos particulares. A *silica* esta nos terrenos geralmente combinada com alumina, e oxido de ferro, ou com alumina, cal, magnesia, e oxido de ferro, formando cascalho, e area de differentes gráos de subtileza. O carbonato de cal existe ordinariamente em huma forma impalpavel; mas algumas vezes no estado de area calcarea. Quando a magnesia naõ está combinada no cascalho ou area do terreno, está unida com o acido carbonico na forma de hum pó fino. A parte impalpavel do terreno, a qual vulgarmente se chama barro, consiste de silica, alumina, cal, e magnesia, e he na realidade composta das mesmas substancias, de que he a area dura, com a excepçaõ de estar mais bem pulverizada. As materias animaes e vegetaes (estas ultimas saõ muito mais abundantes) existem nos terrenos em diversos estados de decomposiçaõ. Ellas estaõ algumas vezes em estado fibroso, e algumas vezes inteiramente divididas, e misturadas com o terreno.

ANALYSIS DOS TERRENOS.

Os instrumentos necessarios para a analysis dos terrenos saõ poucos, e de pequeno custo. Estes consistem em huma balança capaz de conter quatro onças de terreno ordinario, e a qual hum graõ possa fazer pender; hum numero de pesos de quatro onças ate hum graõ; huma peneira de fios de ferro, cujos boracos sejaõ taes, que por elles possaõ passar sementes

de mustarda ; huma lampeda *d'Argand**, com seos apendices ; algumas garrafas de vidro : cadinhos Hessianos†, vazos evaporatorios de porcelana ; maõ e almofariz de *Wedgewood*‡, alguns filtros feitos de meia folha de papel pardo dobrado de maneira, que possa conter hum quartilho, e cujas bordas estejaõ untadas ; huma faca d'osso, e hum aparelho para receber, e medir os fluidos aeriformes.—A maior parte das substancias ou reagentes chimicos essenciaes para separar as partes componentes dos terrenos tem sido ja mencionada ; ellas saõ o acido muriatico, acido sulfurico, alkali volatil dissolvido n'agoa, soluçaõ de prussiato de potassa e ferro, succinato d'ammonia, soluçaõ de potassa, soluçoens de carbonato d'ammonia, de muriato d'ammonia, de carbonato de potassa saturado, e nitrato d'ammonia. Quando tivermos alguma porçaõ de terra, e naõ a podermos examinar immediatamente devemos guarda-la em garrafas, as quaes he necessario sejaõ cheias, e tapadas com rolhas de vidro. A quantidade de terra mais conveniente para analysar-se perfeitamente he de 200 ate 400 graõs. Deve ser apanhada em tempo secco, e ser exposta á atmosfera ate percebermos pelo tacto que está enchuta.—Huma porçaõ de hum terreno bom para nabos trazida de Holkham, em Norfolk, produzio em experiencias, que fiz, de 9 partes—8 de area siliciosa ; e a parte bem polverizada constava.

	Partes.
De carbonato de cal - -	63
— silica - - -	15
— alumina - - - -	11
— oxido de ferro - - -	3
— materia vegetal e animal - -	5
— humidade - - -	3

* Lampeda d'Argand—assim se chama huma lampeda inventada por M. Boulton de Birmingham, a qual produz hum calor consideravel, uniforme, e sem a inconveniencia de fumo.

† Cadinhos Hessianos — estes saõ compostos de barro, e area, e quando bons sustentaõ hum calor intenso por muitas horas sem amollecer, ou derreter-se.

‡ Wedgewood—homem celebre por invençoens mecanicas.

N'outra porçaõ de terra tirada de hum campo em *Sheffield-place, Sussex*, notavel por produzir excellentes carvalhos, eu descobri seis partes d'area, e huma parte de barro e materia bem polverizada. E cem partes do terreno collectivamente produziraõ na sua analysis,

	Partes.
De silica - - - - -	54
— alumina - - -	28
— carbonato de cal - -	3
— oxido de ferro - - -	5
— materia vegetal no estado de decomposiçaõ	4
— humidade e perda - -	3

Huma excellente terra para trigo na vizinhança de *West Drayton*, em Middlesex, em 5 partes rendeo 3 de area siliciosa, e a porçaõ bem pulverizada constou de—

	Partes.
De silica - - - -	32
— carbonato de cal - - -	28
— alumina - - - -	29
— materia animal ou vegetal, e humidade -	11

O terreno de *Bagshot heath*, o qual he inteiramente destituído de vegetaes, contem menos de $\frac{1}{20}$ de materia bem dividida. 400 partes deste, as quaes foraõ aquentadas ate ficarem vermelhas, produziraõ 380 partes d'area siliciosa grossa ; 9 partes d'area siliciosa fina ; e 11 partes de materia impalpavel, a qual era huma mistura de barro ferruginoso com carbonato de cal. A materias animaes, e vegetaes, quando estaõ completamente divididas, daõ naõ só coherencia, mas tambem molleza, e penetrabilidade ; porem nem estas nem outra qualquer parte do terreno deve existir em excesso ; e as terras saõ estereis se constaõ inteiramente de materias impalpaveis. Silica, alumina, carbonato de cal, e carbonato de magnesia no seo estado puro saõ nocivos á vegetaçaõ. Naõ he fertil o terreno, que contem em 20 partes—19 de alguns dos ingredientes acima mencionados.

CONVERSAÕ DO TERRENO.

Pergunta-se se acaso as terras puras no terreno obraõ meramente activas como agentes mecanicos, ou chimicos indirectos, ou se effectivamente daõ alimento á planta? Esta questaõ he importante, e facil de rezolver-se.—As terras constaõ, como ja tenho dito, de metaes combinados com Oxygenio, os quaes ate ao presente naõ tem sido decompostos; por conseguinte naõ ha motivo algum para suppormos, que as terras se podem converter em elementos dos compostos organizados, i. e. carvaõ, hydrogenio, e azote. Tem-se feito crescer plantas em porçoens limitadas de terra; o consumo desta tem sido mui pequeno, e o que tem desaparecido pode-se saber pela quantidade, que se acha nas cinzas; o que mostra que a materia absorbida naõ tem sido convertida em productos alguns novos.—O acido carbonico combinado com a cal, e magnesia pode ser decomposto, se algum acido mais forte, o qual o possa separar das suas terras, formar-se durante o processo de fermentaçaõ; porem naõ se deve suppor, que as mesmas terras podem converter-se em outras substancias, por processo algum effeituado no terreno. As cinzas das plantas sempre contem algumas das terras do terreno, em que cresceraõ; com tudo nunca igualaõ mais, que huma quinquagesima parte do pezo da planta consumida.

TERRENOS QUENTES E FRIOS.

Muitos terrenos saõ vulgarmente reputados frios; e esta opiniaõ ainda que pareça á primeira vista erronea, he com tudo bem fundada. Alguns terrenos saõ muito mais aquentados pelos raios do sol (sendo iguaes em outras circunstancias), que outros; e terrenos que tem recebido o mesmo gráo de calor esfriaõ em periodos differentes, i. e. huns esfriaõ mais cedo, que outros. —Esta propriedade naõ tem sido philosophicamente investigada, naõ obstante ser da maior importancia na agricultura. Em geral terrenos, que constaõ principalmente de hum barro branco, e duro, saõ com diffi-

culdade aquentados ; e sendo de ordinario muito humidos, elles retem o seo calor meramente por pouco tempo. As gredas tambem saõ com difficuldade aquentadas ; porem visto serem mais seccas retem por mais tempo o seo calor em consequencia deste ser menos consumido na evaporaçaõ da sua humidade.— Hum terreno negro contendo grande quantidade de materia vegetal molle he o que com maior facilidade he aquentado pelo sol, e ar ; os terrenos escuros, e os que contem muita materia carbonacea, ou ferruginea adquirem hum gráo de calor muito mais elevado, do que os terrenos de huma cor pallida, quando ambos saõ igualmente expostos á influencia do sol.—Quando os terrenos saõ de todo seccos aquelles, que com maior facilidade saõ aquentados pelos raios do sol, perdem ao mesmo tempo o seo calor mais rapidamente ; porem eu tenho verificado por experiencias, que o terreno secco o mais escuro (constando em grande parte de materia animal e vegetal, substancias estas, que de todas saõ as que mais facilitaõ a diminuiçaõ de calor) quando he aquentado ao mesmo gráo (com tanto que este naõ exceda os limites communs do calor do sol) esfriará mais vagarosamente, que aquelle, que for humido de cor pallida, e inteiramente composto de materia terrea. Eu observei, que huma terra negra e fertil, a qual continha quasi huma quarta parte de materia vegetal, sendo exposta ao sol, teve o seo gráo de calor augmentado em huma hora de 65. ate 88°., entretanto que hum terreno de greda exposto da mesma sorte, foi meramente aquentado ate 69°. Porem o terreno negro posto á sombra, onde o gráo de calor era 62., veio a perder em meia hora 15., sendo que o da greda debaixo das mesmas circunstancias só perdeo 4. Huma porçaõ de hum terreno escuro, e fertil, e outra de barro frio e esteril, depois de se terem secado foraõ artificiosamente aquentadas ate 88., e sendo expostas ao calor de 57., em meia hora a porçaõ do terreno escuro perdeo 9. de calor, e a do barro meramente 6. Huma semelhante porçaõ de barro humido, depois de ser aquentado ate 88., foi exposto ao calor de 55. ; em menos de hum quarto de hora o seo gráo de calor foi igual ao da atmosfera do lugar. Em todas estas experiencias as terras foraõ postas em pequenas vasilhas

quadradas feitas de estanho, cujas dimençoens eraõ duas polegadas de largura, e meia de profundidade; e os gráos de calor foraõ acertados por hum thermometro exacto.

PODER ABSORBENTE.

O poder, que os terrenos possuem de absorber agoa por attracçaõ cohesiva, depende em grande parte do estado da divisaõ das suas partes; pois que quanto maior he esta, tanto mais se augmenta o seo poder absorbente. Ora os diversos ingredientes dos terrenos parecem possuir mesmo na sua natureza differentes gráos de poderes attractivos. Assim se observa que as substancias vegetaes saõ mais absorbentes, que as animaes; estas mais, que os compostos de alumina, e silica; e estes mais, que os carbonatos de cal e magnesia: com tudo estas differenças talvez dependaõ dos seos diversos estados de divisaõ, e de estarem mais ou menos expostos. O poder, que os terrenos tem de absorber agoa da atmosfera, tem grande influencia sobre a sua fertilidade. Quando este he grande, a planta he supprida com humidade em estaçoens seccas; e o effeito da evaporaçaõ, que se effeitua de dia, he contrapezado pela humidade recebida da atmosfera, pelas partes internas do terreno durante o dia, e tanto pelas partes externas como internas durante a noite.—Os barros duros, quasi semelhantes a *Pipe clays**, os quaes embebem a maior quantidade d'agoa, quando esta he lançada em estado frio, naõ saõ as terras, que absorbem a maior humidade da atmosfera em tempo secco. Ellas tornaõ-se compactas, e apresentaõ ao ar somente huma pequena superficie; e a vegetaçaõ nellas em geral, seca-se taõ rapidamente, como nas areas.—Os terrenos, que melhor supprem as plantas com agoa absorbida da atmosfera, saõ aquelles, em que ha huma mistura d'area, barro bem dividido, carbonato de cal, e alguma porçaõ de materia animal, e vegetal; e que

* Pipe-clays—he huma especie da terra argillacea, diffusivel n'agoa, e formando com ella huma massa flexivel, da qual se fazem caximbos.

alem disso saõ taõ porosos, e leves, que podem ser penetrados pela atmosfera. Para obter-se esta qualidade, podemos usar com a maior vantagem de carbonato de cal, e materia animal e vegetal ; estas substancias daõ ao terreno poder absorbente sem dar-lhe ao mesmo tempo tenacidade ; a area, ao contrario, que tambem destroe a tenacidade, augmenta muito pouco o poder absorbente.—Eu tenho comparado os poderes absorbentes de varios terrenos relativamente á humidade da atmosfera, e tenho achado existir em maior quantidade nos terrenos mais ferteis de sorte, que por este modo podemos avaliar a bondade das terras. Mil partes de hum terreno muito excellente de *Ormiston* em *East Lothian*, as quaes continhaõ mais de metade do seo peso de materia bem polverisada (11 partes desta eraõ carbonato de cal, e 9 partes materia vegetal) sendo seccadas por hum calor de 212., e expostas a atmosfera saturada de humidade, e cujo calor era 62., adquiriraõ em meia hora 18 graõs. Mil partes de hum terreno mui fertil extrahidas das bordas do rio *Parret*, em *Somersetshire*, sendo expostas da mesma sorte, absorberaõ 16 graõs. Mil partes de hum terreno de Morsea, em Essex, do valor de 45 xelins por geira, ganharaõ 13 graõs. Mil graõs d'area fina, de *Essex*, do valor de 28 xelins por geira ganharaõ 11 graõs. Mil graõs d'area grossa do valor de 15 xelins por geira absorberaõ meramente 8 graõs ; e outros mil de *Bagshot heath* adquiriraõ somente 3 graõs.—As substancias existentes nos terrenos, que daõ o verdadeiro nutrimento ás plantas, saõ a agoa, e a materia vegetal, e animal no estado de decomposiçaõ ; ora as partes terreas do terreno naõ só servem para reter a agoa, e por este modo suppri-la em apropriadas quantidades ás raizes das plantas, mas tambem saõ uteis em produzir huma propria distribuiçaõ da materia animal, e vegetal ; quando estaõ misturadas com estas em quantidades iguaes, obviaõ a sua mui rapida decomposiçaõ ; e por meio dellas vem as plantas a receber em proporçoens proprias as partes soluveis, ou nutrientes.

ORIGEM DOS TERRENOS.

Os terrenos parecem dever a sua origem á decomposiçaõ das rochas e *strata*. Frequentemente acontece, que se achaõ porçoens de terra no seo estado inalterado sobre as rochas, donde derivaraõ os seos principios. Podemos com facilidade comprehender o modo, como as rochas saõ convertidas, se, por exemplo, examinarmos o granito molle, ou granito de porcelana. Esta substancia consiste de tres ingredientes i. e. *quartzo*, *feldspar*, e mica. Quartzo he a terra siliciosa, quasi pura, em estado de cristallizaçaõ.—A *Feldspar* e mica saõ de natureza mui composta; ambas contem silica, alumina, o oxido de ferro; no *feldspar* ha commummente cal, e potassa; na mica ha cal e magnesia. —Quando huma rocha granitica desta especie tem sido por muito tempo exposta á influencia do ar, e agoa, esta e o acido carbonico obraõ sobre a cal, e potassa, que entraõ na composiçaõ da dita rocha; e o oxido de ferro, o qual existe quasi sempre no seo estado menos oxygenado, começa a combinar-se com maior porçaõ de oxygenio; a consequencia he, que o *feldspar*, e a mica saõ decompostos, porem o primeiro mais rapidamente. O *feldspar*, o qual he, para assim dizer, o *cemento* da pedra, forma hum barro fino: a mica, em parte decomposta, mistura-se com este—constituindo area; e o quartzo indecomposto apparece na forma de cascalho, e area de differentes gráos de subtileza.—Logo que se forma a menor porçaõ de terra na superficie de huma rocha, as sementes de *lichens*, musgos, e d'outros vegetaes imperfeitos, (as quaes existem constantemente na atmosfera, e tem repousado na dita terra) principiaõ a vegetar, a sua morte, decomposiçaõ, e putrefacçaõ, produzem huma certa quantidade de materia organisavel, que se mistura com as materias terreas da rocha; neste melhorado terreno plantas as mais perfeitas podem entaõ crescer; estas tambem absorbem nutrimento da atmosfera, e d'agoa; e morrendo, augmentaõ o numero dos materiaes ja existentes: a decomposiçaõ da rocha ainda continua; e a final por estes processos vagarosos, e graduaes forma-se hum terreno, no qual arvores

magestosas podem fixar as suas raizes, e cuja cultura assegura ao lavrador a merecida recompensa dos seos trabalhos. Terrenos estereis, taes como os que trazem sua origem de rochas graniticas, e de pedra arenoza, continuaõ frequentemente, e por longo tempo a ser apenas cobertos de plantas, cuja vegetaçaõ he assaz imperfeita. Terrenos produzidos pela decomposiçaõ de pedra calcarea, gredas, e basaltos, saõ naturalmente cobertos de hum verde perenne e aprezentaõ hum terreno excellente para todas as especies de plantas, que quizermos cultivar.

(Continuar-se-ha.)

CORRESPONDENCIA.

RESPOSTA

A Carta sobre o Tratado de Commercio entre Portugal, e Inglaterra.

(*Continuada de pag.* 60.)

O que tenho dito bastará para que as Pessoas mais infatuadas do methodo Portuguez de ter fabricas, comecem a desconfiar que naõ he taõ grande despropozito, ou desgraça, como diz o A. da Carta, haver quem diga que o Governo, e a Naçaõ Portugueza, em geral, devem occupar-se de remover os obstaculos que impedem a extensaõ, e prosperidade de sua Agricultura, antes doque esforçar-se a ter fabricas, sem remover aquelles obstaculos.

Bastará igualmente para patentear as illuzoens que o A. se formou, e com as quaes induzio em erros notaveis os seos leitores, persuadindo-se, e persuadindo-lhe que *he* tudo, quanto elle (muito louvavelmente aliaz) dezeja que *seja*.

Mas eu se promitti ao A. de o deixar em plena liberdade de se esgremir contra o Tratado, naõ lhe segurei a mesma indulgencia para todas as propoziçoens exaltadas, de que a sua compoziçaõ abunda ; e o empenho pueril de ter fabricas pelo methodo antigo somente excitaria rizo, se fosse como em outro tempo toda a sua consequencia entrarem por contrabando as fazendas, que deviaõ entrar com lucro para o Governo ; perder este os Direitos, e as despezas que faria com as fabricas:—mas agora deve ser exposto ao Soberano, e aos Povos em toda a sua ruindade ; por quanto elle foi, senaõ criado, ao menos muito excitado pelos livrinhos Francezes, a fim de criar hum partido entre nos de descontentes, e ciozos do lucro que fazem os Inglezes com o nosso Commercio ; e por tanto serve agora para desviar a attençaõ (se fosse possivel) do Soberano, e dos Povos do verdadeiro rumo que a situaçaõ reciproca imperiosamente exige, e volta-la ar-

tificiozamente para lamentaçoens escuzadas contra o Tratado de Commercio, que nos naõ deixa ter fabricas, como se este fosse o unico remedio que se devia agora dar aos males que nos cauzou a invazaõ do General Massena; em quanto salta aos olhos de qualquer pessoa hum pouco zeloza, e intelligente, que naõ se trata agora (como podia pensar-se ha 30 ha 40 e mais annos) de crescer em cultura, em industria, &c. &c. e por consequencia em poder—trata-se de reparar os immensos estragos, que a invazaõ cauzou á nossa Agricultura, e Povoaçaõ antiga—que saõ taes, a dar-se credito as relaçoens melhores que ha, e que por falta de dados competentes naõ se podem ainda qualificar de exageradas, que dessa mesquinha povoaçaõ, que tinhamos na Europa nos destruiraõ quasi a terça parte: estragos de que apenas ficará a lembrança para detestar os francezes, em 12 ou 15 annos, se a favor da Lavoura se adoptarem *medidas novas, e decisivas*, e se pozerem sem demora em successiva execuçaõ—porque as margens do Tejo, e do Mondego naõ seraõ menos privilegiadas, do que as do Pó, e do Rheno, que sendo, ha seculos theatro constante das guerras mais activas da Europa, saõ os paizes mais cultivados, e povoados do Continente, só porque alli naõ he opprimida, ou indirectamente impedida a Agricultura como he entre nos.

Que naõ se desvie a attençaõ do Soberano, e dos Povos deste alvo indispensavel a attingir para segurar a propria independencia, e quasi a existencia; he o interesse pessoal de cada individuo, de cada fiel vassallo, de cada bom Portuguez que segundo li no seu Jornal a pag. 63. No. XXIX. *saõ todos os Portuguezes.*

Vmces. tem a gloria de ter sido os primeiros, que demonstráraõ o absurdo que se ouvia ate aos primeiros Negociantes de Lisboa, isto he, que o Reino antigamente naõ produzia paõ nos melhores annos para mais de seis mezes, e para tres mezes nos annos de má colheita. J. J. S. de Barros foi o primeiro Author Portuguez que antes de Vmces. se occupou com alguma seriedade deste objecto importantissimo; e naõ he culpa sua, mas da falta de A. A. que o procedessem, ou antes da cauza, que fez que os naõ houvesse, se aos seos rezultados se naõ pode dar inteiro credito, pela incerteza, ou escuriedade dos dados em que elle se funda.——Mas a sua Memoria acha-se entre as Economicas da Academia, que desgraçadamente poucas pessoas lem, havendo tantas taõ dignas de serem lidas e meditadas, e sendo constante o apreço que dellas fez o Instituto de Paris em tempo em que o Despota ainda lhe conservava alguma liberdade de pensar.

Hum Author moderno teve a lembrança de perguntar o que teria sido a Monarquia Portugueza em maons de Hol-

landezes, (somente direi eu no ponto de vista de Administraçaõ Economica; porque em nenhum outro dezejariaõ os Portuguezes a mudança...) E como elle naõ desenvolveo a sua idea, atrever me-hei a faze-lo somente pelo que respeita a Agricultura, a fim de evitar a comparaçaõ.

Se Portugal fosse hum Reino limitado em superficie, como a Hollanda, e que apezar de todo aproveitado, naõ desse o sustento necessario para os habitantes, estes que por sua muita industria ja se teriaõ lançado a pescadores e navegantes, o primeiro pensamento que teriaõ, seria o de ir buscar em seos proprios navios o que lhes faltasse*.

Se pelo contrario os Portuguezes tornados Hollandezes em industria vissem que o seu paiz naõ estava ainda todo aproveitado, e que fora delle possuiaõ vastissimas previncias, olhavaõ para o mappa do Reino, (ainda que naõ tivessem outro senaõ o do Hespanhol Lopes, feito sem alguma previa operaçaõ trigonometrica), e observando ao Norte, e ao Sul do Tejo vastos dezertos, exclamariaõ—Naõ he o nosso Reino taõ pequeno paiz; tanta terra temos ainda por cultivar;—e logo mandavaõ algum dos excellentes Mathematicos, que tem a medir esta extensaõ vazia, para saber se ella era como parece igual a 900 leguas quadradas, quer dizer, quasi a terça parte do Reino—nomeavaõ ao mesmo tempo huma commissaõ de Pessoas doutas, e zelozas do Serviço de Deos, e d'El Rey, e davaõ-lhe a incumbencia de vizitar estes immensos tractos incultos, e informar da quantidade delles que era susceptivel de cultura, das cauzas a que se devia attribuir tamanho mal, que remedios se deviaõ dar, que leis, que uzos convinha conservar, ou abolir; que premios, que izençoens se deviaõ offerecer aos novos colonos a quem se vendessem, ou entre os quaes se repartissem as terras incultas.

Supponhamos agora que o rezultado desta investigaçaõ Luzo-Hollandeza fosse o mais infelis, e o mais absurdo, que a imaginaçaõ mais preocupada podia conceber, por exemplo,

* Os nossos Portuguezes contentaraõ-se naõ somente de receber quasi todo o trigo e farinha de que precizavaõ em navios estrangeiros; mas quando se viraõ mais apertados pela carestia do genero, olhando ao effeito, e jamais á cauza, pediraõ em Cortes ao Senhor Rey D. Joaõ IV., que os mantimentos, que viessem de fora fossem izentos de Direitos; e esta lei ficou ate agora em tanto vigor, como se fosse huma das fundamentaes do Reino; e naõ consta se houve naquellas Cortes hum homem só que se lembrasse de perguntar, se naõ seria melhor remedio aliviar-se a Agricultura das vexaçoens, que lhe fazem os tributos locaes, as Coutadas, a má ou nenhuma administraçaõ municipal, que tolhem a producçaõ, e a circulaçaõ dos generos. 1. Collec. de LL. Extrav. á Ord. Liv. 2. Tit. 6.

que em todas essas 900 leguas quadradas naõ havia huma pollegada de terra, que naõ fosse de rocha viva ; digamos ainda mais, de vidro, onde nenhuma planta podia germinar. Voltavaõ-se logo os Luzo-Hollandezes para as outras suas possessoens ; e topando com as Ilhas Açores, viaõ logo, que essas regorgitavaõ de gente, e de subsistencia, e que o seu sobejo vinha ja para Portugal, mas era hum nada, á vista das precizoens do Reino.—Proseguiaõ ate o Brazil ; e provada a fertilidade, e a propriedade das Capitanias do Rio Grande, de S. Paulo, e Minas Generaes para a sementeira de toda a qualidade de graõ ; ha seculos que os Luzo-Hollandezes teriaõ guardado em caza para outros uzos, esses 5—6—7—8 milhoens de cruzados, que annualmente mandavaõ antes para a America do Norte, para o Baltico, para a Mourama, &c. &c. &c.

Observemos agora a serie de raciocinios pela qual elles chegariaõ a este ultimo rezultado, na hypothese que o Reino de Portugal fosse declarado incapaz de produzir o sustento que lhe faltava.

Quando o 1. Conselheiro Luzo-Hollandez propozesse que se cultivassem de trigo, &c. &c. as terras do Rio Grande, &c. observaria outro que naõ havia braços—Lembrava o 3. que se levassem para lá cazaes das Ilhas; mas o 4. faria a objecçaõ que isso era despir hum santo, para vestir outro ; que nada se ganhava, se os cazaes fossem levados por força ; e que para irem de boa vontade, somente se podia fazer conta com os que sobejassem da cultura das Ilhas—Lembrava o 5 Conselheiro Escravos de Guiné ; mas o 6. faria o reparo, que naõ havia cabedal para os comprar ; porque todo quanto existia se applicava para a compra de escravos, que eraõ precizos para a cultura, e fabrico do assucar, do café, &c. &c. : e que tira-los dalli era tambem despir hum santo para vestir outro, no que de certo naõ havia proveito. Acodia o 7. com a reflexaõ—que nos ja tinhamos assucar, e café de mais ; que o Brazil estava a respeito da Sua Patria Mai, e no ponto de vista de extensaõ, e povoaçaõ, em razaõ inversa daquella em que estavaõ as Colonias Francezas, e Inglezas ; que estas tinhaõ hum mercado certo de 15, e de 25 milhoens de habitantes, em quanto nos apenas podiamos fazer conta com o consumo de 3, logo que Genova, e Hamburgo nos naõ tomassem o nosso assucar. Que os Senhores de Engenho eraõ ja obrigados a variar a cultura conforme os mercados da Europa se abriaõ, ou se fechavaõ. Que naõ seria por tanto despir hum santo para vestir outro, applicar parte desses escravos tirados do assucar, e café para as sementeiras do graõ no Rio Grande, &c. &c.—que tinhaõ o mercado certo em Portugal, ao me-

nos ate á quantia de 5, 6, 7, ou 8 milhoens de cruzados, que annualmente sahiaõ para fora em compras de mantimentos. Embaraçados os 7 Conselheiros com as opinioens encontradas, perguntaraõ o seu voto ao 8. e mais velho, que naõ tinha ainda fallado. Este disse—Nenhum meio violento he bom, ainda que a tençaõ o seja. Ninguem tem experimentado mais esta verdade do que os Portuguezes—Deixemos aonde estaõ os escravos, que trabalhao na agricultura do assucar, e cafe; mas ponhamos huma impoziçaõ sobre aquelles que servem somente ao luxo nas cidades, e nas villas; e carreguemos a maõ sobre as escravas que vivem solteiras em caza de seos Senhores, e perpetuaõ o seu vicio. Convidemos com izençoens, e premios o infinito numero de mulatos, e negros livres de facto, senao de Direito, que infestaõ o interior do Brazil, como os Gafanhotos assolavaõ o Egypto.—Sejaõ estes os primeiros passos para a aboliçaõ gradual da escravatura, cuja extincçaõ absoluta deve ser o distante, mas o certo alvo dos nossos esforços. —Façamos ainda mais. Procuremos por todos os meios que a Religiaõ, e a instrucçaõ podem inspirar, procuremos, digo, persuadir aos Brancos que naõ pode ser coiza vil na America, ainda rude, o trabalho que ennobresse o homem na Europa civilizada. Inculquemos-lhes a sanctidade do matrimonio como huma primeira base da sociedade civil, como o fundamento da grandeza das Naçoens: provemos-lhes com a reprezentaçaõ do que se passa diante dos seos olhos continuamente, que a propagaçaõ avulsa de especies differentes he a peior raça do seu Paiz.—A estas verdades palpaveis, naõ seraõ os habitantes do Brazil insensiveis, porque elles amaõ a sua Patria, e dezejaõ a sua grandeza, o que muitas vezes tem mostrado.

Eu iria por diante com esta fabuloza narraçaõ, se naõ tivesse tanta pressa de pedir ao A. da Carta, que escolhendo dos dois rezultados da investigaçaõ Luzo-Hollandeza aquelle, que lhe parecer mais provavel, isto he, da possibilidade de aproveitar os dezertos de Portugal, ou da necessidade de suprir essa falta com a cultura no Brazil, e suppondo que hum, e outro fossem postos em pratica no anno de 1763, e ate 1777, anno em que morreo o Senhor Rey D. Joze I., seguido com o mesmo ardor com que de facto se seguio o methodo fabricador, nos dê o balanço dos dois methodos, e aponte de que parte estaria o saldo a beneficio da riqueza, e da grandeza da Naçaõ: naõ se pode ser mais liberal.

Eu escolhi hum periodo do maior socego para a Europa, e huma época bem recente.

Qual foi o rezultado do methodo fabricador, prova-se pelo

que Vmces. dizem a pag. 722 do seu Vol. 4. a respeito da insignificancia das importaçoens, e exportaçoens reciprocas entre o Brazil, e Portugal; pode-se provar tambem pela certeza que se pode dar, que o valor total das importaçoens de Inglaterra para Portugal nunca diminuio; e finalmente mais que tudo pelo estado miseravel, e cachetico das provincias do Reino, em quanto as cidades maritimas somente prosperaraõ com o commercio do Portugal.

Eu supponho que nos principios do A. naõ serviria de objecçaõ a falta de gente para cultivar os novos terrenos de Portugal naquelle tempo, pois elle bem sabe que entaõ, como agora, andaõ (se naõ ha exageraçaõ no calculo) 30 ou 40,000 homens de mar expatriados do Reino, e das Ilhas, servindo em vasos estrangeiros; que ha 20 ou 30,000 galegos trabalhadores de diversos modos dentro do Reino; hum numero consideravel de vagabundos, e ociozos, e criados inuteis, contra os quaes se naõ executaõ as leis antigas; muitos filhos segundos vivendo a lei da nobreza; e por fim 20 mil frades, e freiras, e alguns mil clerigos de mais dos que requer o verdadeiro, e effectivo serviço Divino, entre todos os quaes se acharia hum bom numero de colonos.

He regra fundamental dos modernos economistas, que as leis naõ devem dar preferencia a hum genero de industria sobre outro. O methodo fabricador forçado á maneira de Portugal, e de outros paizes que lhe deraõ o máo exemplo, he claramente contrario á Agricultura.—O methodo agricultor he indirectamente o maior auxilio da industria fabricadora, pelas grandes facilidades que tras comsigo—abertura de estradas, de canaes, e de Rios, indispensaveis para a circulaçaõ dos generos, pela barateza dos meios de subsistencia, e de transporte que huma lavoira florente subministra aos fabricantes sem privilegios exclusivos, sem embargos, e sem Juizes Conservadores.

Eu tenho-me alargado mais nesta discussaõ, porque este me parece o erro principal do A. e da maior parte dos Portuguezes, que pensaõ que para ter fabricas, basta quere-las ter, e que excitados sem o perceber pelos ciumes, que os Francezes lhes inspiraõ dos Inglezes, imaginaõ, que em querendo podem logo ser taõ destros, e taõ ricos fabricantes, como os Inglezes.

Quem tem estudado a historia dos dois Reinos de duzentos annos a esta parte, sabe mui bem porque naõ ha fabricas em Portugal, e porque a industria tem feito tantos progressos em Inglaterra.—Corra-se a historia moderna, e ver-se-ha que as Sciencias, e as Artes tem ido de par; e naõ se achara exemplo de huma Naçaõ industrioza aonde a instrucçaõ publica tenha sido taõ reprimida, como foi, com poucas ex-

cepçoens em Portugal desde o fim do seculo decimo sexto ate o reinado do Senhor D. Jose I. E levando a indagaçaõ mais adiante, achar-se-ha que em nenhum pais da Europa floreceraõ juntamente Inquiziçaõ, e Fabricas: pois se alguem allegar em contrario o exemplo de Roma, aonde as Bellas Artes ao menos estavaõ no maior auge—respondo que Roma, a Séde da Nossa Santa Religiaõ, tolerava os Judeos vivendo com suas leis, e ritos livremente; e naõ so naõ permittio, que a Inquiziçaõ fizesse nelles fachina por dois seculos a fio, como succedeo em Portugal; mas antes quiz, e procurou muito conseguir que os Judeos em Portugal fossem tratados como em Roma; e foraõ os nossos proprios Portuguezes que defenderaõ a Inquiziçaõ contra a Corte de Roma; *vindo assim a mostrar que eraõ mais zelozos da conservaçaõ da nossa Santa Fé, e da pureza da nossa Religiaõ, do que o mesmo Santo Padre—Proh dolor!!!* Vimos Marquez contra Marquez, Conde contra Conde; Frade contra Frade; o Dezembargador, o letrado, o plebeo, intrigando na Corte de Roma, huns contra, outros a favor da Inquiziçaõ. Lea-se o Testamento Politico do grande D. Luis da Cunha. *Proh dolor!!!* digo, e respeito eu.—

Agora a consequencia mais notavel, que eu daqui tiro he que nesse mesmo Tratado de que o A. da Carta se queixa tanto, como taõ contrario as nossas fabricas (se he exacta a discussaõ historica acima exposta) deu S. A. R. o maior passo que ate agora se tem dado em Portugal para excitar a industria, quando solemnemente prometteo e annunciou ás Naçoens Estrangeiras, que jamais haveria Inquiziçaõ no Brazil, convertendo assim em Direito Publico huma Resoluçaõ de Direito Patrio, a fim de tirar toda a duvida, que naõ se renovará o exemplo de Goa, aonde a Inquiziçaõ tem sido duas vezes estabelecida, e duas vezes abolida.

Parece por tanto mais que demonstrado, que ate que chegue a felis epoca em que os verdadeiros principios de Administraçaõ Interna sejaõ naõ somente bem entendidos pelos Ministros de Estado, mas tambem entendidos, e dezejados por todos os vassallos, de sorte que tornados em axiomas cesse o espectaculo escandalozo, e derrizorio que aprezenta a nossa historia interna de setenta annos a esta parte; isto he, huma mudança continua de modo de pensar e obrar, e hum unico fim em todo o individuo, o de destruir o que o outro fez, de modo que ninguem tenha o merito de conseguir as reformas de todo o genero, que a Monarquia necessita para se segurar: ate, digo, que chegue esta feliz epoca, naõ só por obrigaçaõ de Tratado, mas ate por especulaçaõ do Governo seria conveniente a experiencia do me-

thodo de deixar entrar, pagando hum modico direito, as fazendas, cujo consumo naõ se pode prohibir, antes do que tolerar-se hum escandalozo, e escancarado contrabando, com o pretexto de sustentar fabricas insustentaveis, em quanto se lhe nega o indispensavel auxilio de huma boa lavoura.

Concluo pois—se a *desgraça, ou erro de que o A. se lastima fosse mais geral teriaõ as nossas fabricas prosperado mais.*

Quando o A. se queixa que na sua propria Patria se trataõ os Negociantes Nacionaes como Enteados, e naõ como Filhos, a imitaçaõ do que faz a Inglaterra—que se ponhaõ Direitos modicos sobre os Estrangeiros, em quanto se carrega de Direitos hum Imperio Nascente—que se emponha aos nossos Navios a obrigaçaõ de trazer Capellam, e Cirurgiam, o que augmenta tanto a sua despeza em comparaçaõ com os Navios Estrangeiros, e serve quazi somente para desasocego do Capitaõ, contra o qual, o Piloto, o Cirurgiaõ e o Capellam vem sempre intrigando—mostra que tem reflectido sobre as cauzas da nossa inferioridade em Commercio, e em industria de todo o genero; e deve ter a boa fé de confessar que nem estes erros se devem ao Tratado, nem saõ produzidos por elle:—saõ muito antigos; e em quanto naõ forem removidos, com tantos outros obstaculos que a industria soffre, debalde se procurara ter fabricas, Agricultura, Povoaçaõ, poder, e o que estas daõ—*Independencia Nacional.*

Lea os antigos Tratados de Portugal, e hade achar, que elles saõ mais hum Aranzel de privilegios para os Estrangeiros, do que hum Contracto Bilateral entre duas Naçoens independentes. Em nenhum delles achara feita mençaõ de subditos Portuguezes em Inglaterra: esta hypothese parece que se considerou como abstracta, ou Chimerica: os mais simples principios de Direito das Gentes, que se costumaõ commemorar em todos os Tratados a favor dos subditos da outra Potencia, que se acharem em Paiz Estrangeiro, foraõ constantemente omittidos; de sorte que hum Portuguez poderia ter sido alistado para a Milicia, para o Exercito de mar, e terra, sujeito a quaesquer tributos, ou vexaçoens, sem que podesse allegar em seu favor a confirmaçaõ do Direito das Gentes por hum artigo do Direito Publico da sua Naçaõ;—e se o A. sustenta (bem ou mal) que a reciprocidade promettida foi illudida pelas palavras da estipulaçaõ no ultimo Tratado, deve confessar, que nos antigos Tratados nem sequer promettida foi.—

Admitta-se ainda mais com o A, da Carta que a Inglaterra nunca de facto concederá a reciprocidade promettida

(o que eu estou bem longe de admittir); maior será o beneficio que rezultara deste Tratado do que ninguem esperava; porque essa consequencia provará que naõ se deve fazer tratado algum: porque todos seraõ illuzorios. O A. admitte de certo esta consequencia; mas eu dezejo leva-lo ao dilema seguinte—Nesse Cazo, (dado, e naõ concedido) e antes que seja chegada a epoca feliz de que fallei, da coincidencia geral dos Portuguezes nos mesmos principios de Administraçaõ Interna, qual dos dois methodos acha elle peior —hum como o prezente em que temos direitos pelo Tratado, que reclamamos com certa, ou incerta esperança de os realizar, ou o outro que ja se hia realizando, que os estrangeiros gozem de facto de todos os privilegios de hum Tratado, sem se obrigar a conceder aos nossos Negociantes, e Navios couza alguma? — e que tal era a situaçaõ das couzas antes do Tratado facilmente se provara aquem ja o naõ souber.

Exceptue-se a reducçaõ dos Direitos de Alfandega de 24 a 15 por cento, naõ ha hum Direito promettido pelo Tratado, que naõ estivesse ja gratuitamente concedido: e o que he mais, naõ somente aos Inglezes a quem podia ser considerado, como acto de agradecimento: naõ—aos Americanos se offereceraõ quasi os mesmos; e se mais estrangeiros houvesse, ou Naçoens em amizade, a mais teriaõ sido gratuitamente concedidos.—Se os Americanos naõ tem hum Juiz Conservador no Brazil, este eterno escandalo da nossa Jurisprudencia, he porque o naõ querem. Os Americanos gozaõ dos mesmos favores para os seos Navios, que gozaõ os nossos; em quanto elles carregaõ de Direitos de tonellada, e outros os nossos que vaõ aos seos Portos.

Quando o A. aconselha que se ponha hum Direito de tonellada, &c., sobre os navios Inglezes igual ao que os nossos pagaõ em Inglaterra, podera ter razaõ; Sua Alteza Real tem o direito de o fazer com tanto que seja igual para os navios Inglezes, e Portuguezes, se as Alfandegas Inglezas restituirem com lealdade o excesso que ate agora pagavaõ os nossos Navios; isto he, com tanto que o Ajuste dos Commissarios Portuguezes, e Inglezes seja lealmente executado:—mas naõ tendo S. A. R. Tratado algum com os Americanos principalmente a respeito do Brazil; nem com outra alguma Naçaõ, quem o impede de conceder aos nossos Navios a respeito dos Americanos, e de outras Naçoens com quem ao depois haverá de tratar, taes vantagens que elles sejaõ obrigados a conceder-nos muito para relaxamos alguma couza do nosso rigor?—Quero dizer —quem impede S. A. R. de fazer pagar aos Americanos, e a todas as outras Naçoens com quem naõ tem ainda tratado

a respeito do Brazil, iguaes direitos sobre os seos Navios, que la vaõ, aos que elles fazem pagar aos nossos por tonnellada, vizitas, faroes, &c., tendo cuidado de izentar os nossos, e conserva-los a par dos Inglezes, na hypothese acima do ajuste dos Commissarios ser lealmente executado.

Em vez do que observo com magoa, que nenhum corpo de commercio nem no Brazil, nem em Portugal reprezentou humildemente a S. A. R. que o imposto annual de 12,800 por cada Navio de 3 mastros, e de 9,600 por cada embarcaçaõ de dois mastros—e 6,400 por cada huma de hum mastro, e de barra a fora, determinados no Alvará de 20 de Outubro de 1812 naõ pode ser objecto de rendimento algum, em quanto a Marinha Portugueza que navega para Portugal, e para os Paizes Estrangeiros se vai anniquillando, ou pelos favores concedidos aos Estrangeiros, ou pela desigualdade com que elles trataõ os nossos—e que este tributo pequeno para render, pode com tudo pezar assaz para desanimar mais a nossa Marinha *mercante*.

Tambem confessara o A. da Carta, que naõ he ao Tratado que se deve o principio de por tributos sobre a classe miuda, e productora. Este he o defeito de toda a nossa legislaçaõ fiscal desde o principio da Monarquia; e observo com a mesma magoa, que nenhuma Corporaçaõ de Commercio reprezentasse humildemente a S. A. R. que o Direito de 4,800 por embarcaçaõ de menor lote, he contrario á industria da Classe productora, e pouco pode render, em quanto combinada com a de 6,400 sobre as embarcaçoens de hum mastro, tende a fazer passar a navegaçaõ que faziaõ as nossas Sumacas costa a costa, para os Navios Estrangeiros, os quaes com o pretexto de descarregar em dois Portos, fazem de facto o Commercio de Porto o Porto.

Eu perguntarei ao A. da Carta porque senaõ tem feito, e porque senaõ fazem estas reprezentaçoens? Tem por ventura os Negociantes medo que S. A. R naõ receba os seos requerimentos, ou naõ attenda a elles?—Pode-se fazer maior injustiça do que essa ao caracter Pio, Justo, e Beneficio do Soberano?—Certo que o requerimento de hum só Negociante pode, e deve ás vezes parecer suspeito; mas quando os Negociantes todos de huma Praça respeitoza, e publicamente reprezentarem, o Soberano os attendeo, e attendera sempre—E de que outro modo pode elle ser instruido dos factos, e conhecer a verdade? Nascem por ventura os Reys ensinados?—Aonde podem aprender os Ministros de Estado noçoens de Commercio Portuguez, elles que naõ tem na propria lingua nem sequer hum bom livro de Geografia do seu paiz? Do Brazil naõ ha nem pequeno nem grande. Alem disso as circunstancias mudaõ todos os

dias; e os Negociantes he que devem informar dellas. O Governo Inglez consulta constantemente o Committee do Brazil, o Committee de Portugal, o Committee reunido de ambos.—Que estabelecimento pode suprir a isto entre nos? Naõ por certo a Junta do Commercio, que naõ tem a importancia do Board of Trade em Inglaterra, de que saõ Membros todos os Ministros de Estado; e que entre nos tem que exercer tantas, e taõ diversas funcçoens, que o rezultado mais simples he naõ preencher alguma.

Sem esta apathia geral, sem esta indifferença para os interesses nacionaes, quem pode explicar o facto que ja citei, de huma Naçaõ bellicoza como a nossa, que naõ só deixou duas vezes desvanecer-se o seu exercito, mas que necessitando de grande numero de armas para estabelecer, e conservar o nexo entre os Membros dispersos da Monarquia, naõ tinha em parte alguma della huma fundiçaõ de ferro, ou fabrica de armas, que mereça o nome; e quando algum dos seos a estabeleceo em Africa, outro buscou logo de a deitar abaixo e o conseguio. Agora considerando a Naçaõ tambem como essencialmente navegante, e Commerciante, sem ter ferro, nem metal algum excepto o ouro, e querer figurar em hum Tratado como manufactora, e fabricadora exclusiva, he objecto de rizo, ou de lastima, para quem sabe, que apenas havera hum metal, ou semimetal de que as suas vastas possessoens naõ aprezentem minas riquissimas, e conhecidas.

He hum problema historico para ser rezolvido por quem for bem versado na historia antiga o decifrar o lugar aonde, ou de quem os Senhores Reys D. Manoel, e de Joaõ 3. houveraõ o immenso numero de artilharia, e armas de que a Monarquia estava por toda a parte recheada; ao ponto que se conta, Deos sabe com que verdade, que a Cidade de Macáo, sempre famoza em lealdade, offereceo ao Senhor Rey D. Joaõ 4. 400 peças de artilharia.

He huma questaõ que o A. da Carta excita, e que exigiria muita discussaõ; e lembrando o que acaba de acontecer em Inglaterra naõ sei quem seria Juiz Competente para a decidir, quero dizer o levantamento de valor ao ouro. Tocar na proporçaõ estabelecida dos tres metaes, ouro, prata, e cobre parcialmente, isto he, altera-la só para hum, pode ser hum erro Capital: tocar em todos he perigozo; porque as leis naõ podem mais do que o Commercio; o qual segundo as suas precizoens, dá mais valor ora a hum, ora a outro metal. Eu aconselharia ao A. que em vez de annunciar taõ depressa a sua opiniaõ deciziva, communicasse pela imprensa aos seos naturaes as noçoens que adquirir nos livros estrangeiros, ou na experiencia.

Acabarei, com as palavras com que o A. acaba a primeira parte da sua carta—*Ha quem tenha dito, e escrito, que os Tratados concluidos entre Inglaterra, e Portugal em* 1810, *saõ tratados, que conquistaraõ o Imperio Portuguez.* Como o A. naõ diz quem saõ as pessoas que proferiraõ esta indigna propoziçaõ, julgo que sera util indicallas, de maneira que ninguem possa errar—Saõ todos aquelles, que naõ merecem o gloriozo nome de Portuguezes; porque imitando os que tem estado calados, ha seculos, a observar a gradual, e progressiva decadencia da Sua Patria, se consolaõ, como elles, com os beneficios, commendas, officios, contractos, e emolomentos de que gozaõ. Saõ aquelles que viraõ duas vezes desvanecer-se o nosso exercito, e naõ lhes importou isso nada. Saõ todos aquelles que pelo espaço de dezoito annos a fio inculcaraõ a submissaõ implicita as vontades da França, inspirando ao nosso Adorado Principe desconfiança dos nossos valorozissimos soldados, impedindo ao mesmo tempo que se lhes desse a disciplina, e organizaçaõ necessaria—Saõ todos aquelles, a quem naõ ferveo o sangue a primeira vez que a França nos pedio hum tributo—Saõ todos aquelles que souberaõ, e se calaraõ quando o General Lanes, alem dos milhoens que nos custou a neutralidade, exigio que se lhe concedesse por tratado, mas sem equivalente algum, como huma galanteria, a admissaõ de todas as fazendas francezas de lan, seda, linho Bejouteria, &c. &c.—Saõ todos aquelles, que vendo chegada para a França a hora da *bonne bouche* de Portugal desapprovavaõ todo o armamento.—Saõ todos aquelles, que deixaraõ sahir do nosso proprio Porto a Armada Portugueza que salvou o Monarca, e a Monarquia, desprovida ao ponto de mendigar tudo da estrangeira, que estava no mar—Saõ todos aquelles, que bajularaõ o General Junot, e quantos Generaes Francezes e Hespanhoes entraraõ em Portugal, e naõ lhe cahiraõ as faces de vergonha, cada vez que a plebe de Lisboa lhes deo liçoens de dignidade nacional—Saõ aquelles que tem feito tantos, e taõ insulsos panegiricos verbaes, impressos, ou manuscriptos aos Inglezes, como antes tinhaõ feito aos Francezes, e Hespanhoes. Em huma palavra, a lista he taõ numeroza, que por pequeno que seja o movimento de rotaçaõ, que o A. fizer sobre o seu e ixo, hade encontrar com pessoas nas quaes muito bem cabem os caracteres acima ditos.

Como se hade reconquistar o Imperio Portuguez ja fica dito.

POLITICA.

AMERICA.

ESTADOS UNIDOS.

Mensagem do Prezidente dos Estados Unidos ao Congresso.

[*Continuada de pag.* 79.]

A declaraçaõ do Principe Regente, de 21 d'Abril, 1812, he huma plena confirmaçaõ destas observaçoens. Por este acto do Governo Britannico se annuncia formalmente, pela authoridade de hum Relatorio do Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros ao Senado Conservativo de França, que os decretos Francezes estaõ ainda em vigor, e que as ordens em conselho naõ seraõ revogadas. Naõ pode deixar de excitar consideravel admiraçaõ, que o Governo Britanico, immediatamente depois; isto he, aos 23 de Junho revogasse as suas ordens em Conselho, com o fundamento do Decreto Francez, de 28 d'Abril, de 1811. Por este procedimento, o Governo Britannico se envolveo em manifesta contradicçaõ. Elle manteve por hum acto, que os decretos Francezes estavam em pleno vigor; e por outro, que elles tinham sido revogados durante o mesmo espaço de tempo. Elle tambem admitte, que por nenhum acto do Governo Francez, ou de seus corsarios se tinha commettido violaçaõ alguma da revogaçaõ annunciada pela declaraçaõ do Governo Francez, de 5 de Agosto de 1810; ou pelo menos que tal violaçaõ se naõ julgou de sufficiente pezo para impedir a revogaçaõ das Ordens em Conselho.

Fez-se a objecçaõ de que a declaraçaõ do Governo Francez, de 5 de Agosto, de 1810, naõ era hum acto tal, que o Governo Britannico devesse reconhecer. O Secretario de Estado está plenamente convencido de que esta objecçaõ he absolutamente sem fundamento. A declaraçaõ foi communicada pelo Imperador, por meio de seu mais condecorado orgaõ, o Secretario dos Negocios Estrangeiros, ao ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos em Paris. He impos-

sivel conceber hum acto mais formal authentico ou obrigatorio, da parte do Governo Francez, do que este de que se tracta. ¿ Pode hum governo, mesmo pedir, ou esperar de outro que assegure a execuçaõ de hum dever, por mais importante que seja, de outra maneira mais do que huma promessa official clara e plenamente expressa? ¿ Pode dar-se melhor segurança de sua execuçaõ? Se nisto tivesse alguma duvida, o comportamento da mesma Gram Bretanha, em casos semelhantes, a teria removido completamente. Toda a historia de sua communicaçaõ diplomatica com as outras potencias, sobre a materia dos bloqueios, vai de acordo com este procedimento do Governo Francez. Nos sabemos que quando o seu governo institue hum bloqueio, o Secretario dos Negocios Estrangeiros o annuncia aos Ministros das outras potencias que residem em Londres; e que a mesma forma se observa, quando elles se revógam. Nem ja mais se questionou a authoridade de algum daquelles actos.

Se o Ministro da França nos Estados Unidos tivesse feito huma declaraçaõ semelhante a este governo, por ordem do seu ¿ teria direito a ser respeitada, e seria respeitada? Pelo uso das naçoens se naõ poderia negar tal respeito. O arranjamento feito com Mr. Erskine he plena prova da boa fê deste Governo; e de sua imparcialidade em suas transacçoens com ambos os Belligerantes. Foi feito com aquelle ministro, com o fundamento de seu character publico, e confiança que he devida; sobre cuja baze se removeo o acto de incommunicaçaõ, pelo que dizia respeito á Inglaterra, e se deixou em pleno vigor quanto a França. A falencia daquelle arranjamento somente se pode imputar ao Governo Britannico, que, regeitando-o, tomou sobre si grande responsabilidade; naõ somente a respeito das consequencias, que se lhe seguiram; mas em desapprovar e annular o acto de seu Ministro, sem mostrar, que elle tinha excedido a sua authoridade. Aceitando a declaraçaõ do Ministro Francez dos Negocios Estrangeiros em prova da revogaçaõ Franceza, os Estados Unidos naõ deram provas de accreditar impropriamente o Governo da França. Comparando ambas as transacçoens se verá, que se mostrou huma confiança notavel, e respeito a algum dos dous governos, foi ao da Gram Bretanha. Aceitando a declaraçaõ do Governo da França, na presença do Imperador, os Estados Unidos se apoiáram em bazes mais firmes, do que aceitando o de hum Ministro Britannico neste paiz.

Ao requirimento que fizeram os Estados Unidos, para que se revogassem os Ordens em Conselho, fundamentando-se na base da revogaçaõ Franceza, de 5 d'Agosto, respondeo o Governo Britannico, pedindo huma copia das Ordens ex-

pedidas pelo Governo Francez para por em execuçaõ aquella revogaçaõ, petitorio este sem exemplo na communicaçaõ entre as naçoens. Por este requirimento deixava de ser questionavel se a revogaçaõ Franceza era ou naõ de sufficiente extençaõ, ou era fundamentada em condiçoens justificaveis.

Duvida-se da promessa do Governo Francez; havia de instituir-se huma indagaçaõ, quanto ao modo porque ella seria desempenhada, e preservada a sua fé, naõ pelo comportamento subsequente dos seus corsarios para com os vasos dos Estados Unidos, mas por huma copia das ordens dadas aos corsarios. ¿ Aonde iria isto parar ? Se o Governo Francez intentasse huma fraude com esta declaraçaõ de revogaçaõ, annunciada ao Ministro dos Estados Unidos, e ao depois a este Governo ¿ naõ poderia igualmente commetter outra fraude em qualquer communicaçaõ que fizesse ? Se o Governo Britannico naõ queria dar credito ao acto do Governo Francez, assim annunciado formalmente, he provavel que o desse a algum documento de inferior character dirigido a seus proprios subditos ? Ainda que éra da politica, e talvez do interesse do Governo Britannico envolver os Estados Unidos, em tal controversia com o Governo Francez : estava bem longe de concordar com os interesses dos Estados Unidos o fazêllo. Elles considerávam ser do seu dever, aceitar do Governo Francez a revogaçaõ de seus decretos ja feita e olhar para o seu comportamento, e para o de seus corsarios, sanccionados pelo Governo, para a sua fiel execuçaõ, ou violaçaõ. Tendo os Estados Unidos sido offendidos por ambas as Potencias, naõ desejávam, nos seus esforços para obter justiça de huma dellas, vir a ser o instrumento da outra.

Elles estávam ainda menos inclinados a isso no exemplo presente, considerando, que a parte, que os apertava, mantinha em plena força os seus illegaes edictos contra o commercio Americano ; ao mesmo tempo que naõ podia negar, que, pelo menos, a outra parte tinha feito consideraveis avanços para huma completa accommodaçaõ, sendo manifesto ao mundo, naõ somente que a fé do Governo Francez se achava empenhada para a revogaçaõ de seus decretos ; mas que a revogaçaõ effectivamente se poz em execuçaõ no 1 de Novembro, 1810, a respeito dos Estados Unidos ; que varios vasos Americanos, tomados em virtude delles, foram reentregues, e suspendidas todas as decisoens judiciaes, por sua ordem ; e tambem que continuou a dar as mais positivas seguranças de que a revogaçaõ seria fielmente executada.

Argumentou-se tambem, que a revogaçaõ Franceza éra condicional ; e que por essa razaõ se naõ podia aceitar. Tem-se ja respondido a esta objecçaõ, plenamente. Merece porem attençaõ que os actos do Governo Britannico, relativos

a este objecto, particularmente a declaraçaõ de 21 de Abril, 1812, e a revogaçaõ de 23 de Junho, do mesmo anno, saõ igualmente, e da mesma forma, condicionaes. Naõ he pouco admiravel, que o Governo Britannico tivesse feito objecçaõ a huma medida de outro Governo, a que elle mesmo tinha dado sancçaõ por seus proprios actos. He com tudo proprio o notar, que se removeo completamente ésta objecçaõ, aceitando se o decreto de 28 d'Abril, de 1811.

O Governo Britannico tem tambem argumentado, que naõ podia confiar na fiel execuçaõ do Governo Francez, em nenhum ajuste que este fizesse relativo á revogaçaõ de seus decretos. Esta objecçaõ seria igualmente applicavel a qualquer outro pacto, que se contrahisse com a França. Em quanto se mantivesse, seria huma barreira contra todo o tractado, mesmo hum tractado de paz entre elles. Porem tambem se tem admittido, que he mal fundada, pela aceitaçaõ do decreto de 28 d'Abril, 1811.

O Secretario de Estado presume que estes factos e explicaçoens, sustentadas como saõ por documentos authenticos, provam: primeiro, que a revogaçaõ das Ordens Britannicas em Conselho se naõ devem attribuir ao decreto Francez, datado de 28 d'Abril, de 1811; e segundo; que, fazendo deste decreto a baze de sua revogaçaõ, o Governo Britannico tem concedido, que as devia ter revogado, sob o fundamento da declaraçaõ do Governo Francez de 5 d'Agosto, 1810, de maneira que tivesse effeito em Novembro seguinte. A que causa se pudesse justamente attribuir a revogaçaõ das Ordens Britannicas em Conselho, naõ pode agora ser cousa duvidosa, para ninguem que tenha notado com justo discernimento, o curso dos acontecimentos. Deve servir de grande consolaçaõ ao bom povo destes Estados, o saber, que naõ he em vaõ, que elles se tem submettido a privaçoens.

A discussaõ de outras offensas, particularmente a que respeita a prisaõ dos marinheiros para o serviço de mar, se tinha findado havia algum tempo, antes do periodo de que se tracta. Era indigno do character dos Estados Unidos continuar a discussaõ, sobre aquella disputa, quando era evidente, que dali naõ podia resultar vantagem alguma. Reservou-se o direito para se tornar a produzir e urgir, quando isso se pudesse fazer efficazmente. No entanto, se perseverou com vigor na pratica da prisaõ de marinheiros.

Ao tempo em que se declarou a guerra contra a Gram Bretanha, naõ se tinha offerecido arranjamento algum que satisfizesse, nem era provavel que se fizesse algum relativamente á prisaõ dos marinheiros; e nada estava mais longe das esperanças deste Governo do que a revogaçaõ das Or-

dens em Conselho. Todas as circumstancias, que tinham occurrido, tendentes a illustrar a politica, e as vistas do Governo Britannico, faziam aquelle estabelecimento de todo improvavel. Desde o principio daquelle systema de hostilidades, que a Gram Bretanha tinha adoptado contra os Estados Unidos, as suas pretensoens se tinham desenvolvido mais plenamente segundo as circumstancias, ate que ao momento em que declarou a guerra, elles tomáram hum character que dissipou todo o prospecto de accommodaçaõ. As Ordens em Conselho, disseram elles, tinham sido adoptadas sob hum principio de retorsaõ contra a França; ainda que ao tempo em que se expedio a ordem de Mayo, de 1807. naõ tinha occurrido alguma medida em França, contra a qual ella pudesse servir de retorsaõ; e na data da ordem seguinte, Janeiro 1807; era apenas possivel que este Governo tivesse se quer ouvido do Decreto de Berlin, a que ella se referia. Disse se ao tempo de sua adopçaõ, e por algum tempo ao depois, que ellas seriam revogadas, logo que a França revogasse os seus decretos, e que o Governo Britannico procederia com o Governo de França, *pari passu*, na revogaçaõ. Porem, depois da declaraçaõ do Governo Francez, de 5 de Agosto, de 1810, porque se declaráram revogados os decretos de Berlin e Milaõ, o Governo Britannico mudou de tom, e continuou a augmentar as suas pretençoens, até o momento em que se declarou a guerra. Objectou-se primeiro, que a revogaçaõ Franceza era condicional, e naõ absoluta; ainda que a unica condiçaõ, que lhe era annexa fosse que a Gram Bretanha seguisse o exemplo; ou que os Estados Unidos preenchessem a sua promessa, executando contra ella o acto de Naõ-importaçaõ. Exigio-se entaõ, que a França revogasse os seus regulamentos internos, como condiçaõ da revogaçaõ das Ordens Britannicas em Conselho. Depois disso, que a revogaçaõ Franceza se extendesse a todas as naçoens neutraes; bem assim como aos Estados Unidos; e ultimamente, que os portos de seus inimigos, e todos os portos de que era excluida a bandeira Britannica, se abrissem ás manufacturas Britannicas, em portos Americanos: condiçoens estas taõ extravagantes, que convencem a todo o juizo desapaixonado, de que eram exigidas naõ na esperança de que se lhe satisfizesse; mas para terminar a discussaõ.

Considerando plenamente todas estas circumstancias, parece que chegou o periodo, e que vem a ser do dever dos Estados Unidos assumir aquella postura, para com a Gram Bretanha, que he devida aos seus direitos violados, e a seu character como naçaõ independente. Ter-se escusado da crise, seria abandonar tudo quanto ha de mais precioso a

hum povo livre. O rendimento de nossos marinheiros ás prisoens Britannicas, com a destrucçaõ da nossa navegaçaõ e commercio, naõ seriam os seus unicos males. A dessolaçaõ da propriedade por maior, e mais extensa que seja affecta hum interesse que admitte reparaçaõ. Somente he incuravel a ferida, que fixa hum estigma á honra nacional. Em quanto o espirito do povo existe indomavel, sempre se acharaõ na sua virtude recursos iguaes aos maiores perigos, e mais apertadas necessidades. He da natureza de hum governo livre, o inspirar no corpo do povo sentimentos generosos e nobres, e he do dever das authoridades constituidas, fomentar e appellar para estes sentimentos, e descançar no apoio patriotico de seus constituintes. Se elles se tivessem mostrado desiguaes á crise, teriam dahi resultado as mais fataes consequencias; a prova de sua fraqueza ficaria registrada; porem naõ seria somente sobre elles que cahiriam os seus terriveis effeitos. Teriam abalado os fundamentos do mesmo Governo, e até os sagrados principios da revoluçaõ de que dependem todas as nossas instituiçoens politicas. Cedendo as pretençoens de huma Potencia Estrangeira, sem fazer hum esforço varonil em defeza de nossos direitos, sem appellar para a virtude do povo, ou para a fortaleza da nossa uniaõ, se teria accusado e feito crer, que nestes recursos existia occulto o mal. ¿ Aonde poderia o bom povo destes Estados fazer outra resistencia firme? ¿ Aonde seria o seu ponto de reuniaõ? Tendo o Governo de sua escolha sido deshonrado, e demonstrada a fraqueza de suas instituiçoens, teria sido completo o triumpho do inimigo. Teria alem disto sido duravel.

As Authoridades constituidas dos Estados Unidos, nem temeram, nem anticipáram estes males. Ellas tem plena confiança na fortaleza da Uniaõ; na firmeza e virtude do povo, e estávam convencidas, que quando se fizesse a appellaçaõ, se daria ampla prova de que a sua confiança naõ tinha sido mal collocada. Naõ se duvidava que hum aperto da parte do Estrangeiro, bem depressa dissiparia as parcialidades e prejurios estrangeiros, se taes existissem; e nos uniria mais estreitamente como hum só povo.

Declarando a guerra contra a Gram Bretanha, os Estados Unidos se puzéram em situaçaõ de retorquir ás hostilidades, que ha tanto tempo tem soffrido do Governo Britannico. A manutençaõ dos seus direitos foi o objecto da guerra. Quanto aos desejos deste Governo de terminar a guerra, com condiçoens honrosas, disso se tem dado amplas provas, nas proposiçoens feitas ao Governo Britannico immediatamente depois da declaraçaõ de guerra, pelo encarregado de negocios dos Estados Unidos em Londres, e pela promptidaõ e

maneira porque se aceitou a mediaçaõ do Imperador de Russia.

Anticipáram alguns, que a declaraçaõ de guerra contra a Gram Bretanha, obrigaria os Estados Unidos a huma connexaõ mais intima com o adversario daquella, muito em desvantagem destes. O Secretario de Estado julga conveniente observar, que isto está mui longe do facto. A differença a favor da França, segundo a ley, em consequencia da França ter aceitado a proposiçaõ feita igualmente a ambas as Potencias, produzio huma differença entre ellas, neste caso especial, mas somente neste caso. A guerra contra a Inglaterra foi declarada, sem nenhum concerto ou communicaçaõ com o Governo Francez; naõ produzio connexaõ entre os Estados Unidos e a França; ou intelligencia alguma quanto ao seu proseguimento, continuaçaõ, ou terminaçaõ. As relaçoens apparentes entre os dous paizes, saõ as verdadeiras, e as unicas. Os Estados Unidos tem justas pretensoens a respeito da França, pelas espoliaçoens feitas a seu commercio no alto mar, e nos portos da França; e o seu ministro, que morreo, foi, assim como he o seu presente ministro, instruido a exigir a reparaçaõ destes damnos, e apertar por isso com toda a energia, devida á justiça de suas pretençoens, e ao character dos Estados Unidos. O resultado destas negociaçoens será communicado ao Congresso em devido tempo. Os papeis marcados (1) contem copias de duas cartas, dirigidas desta repartiçaõ a Mr. Barlow, huma aos 16 de Junho, 1812; justamente antes da declaraçaõ de guerra; e a outra de 14 de Julho seguinte, que mostram distinctamente as relaçoens existentes entre os Estados Unidos e a França, naquelle interessante periodo. Nisso naõ tem occurrido depois mudança alguma.

Tudo o que se submette respeituosamente.—Repartiçaõ de Estado, Julho 12, 1813. JAMES MONROE.

Ao Presidente dos Estados Unidos.

EUROPA.

FRANCA.

Continuaçaõ dos documentos officiaes, relativos á guerra da França com a Suecia, e com a Austria.

A.

DOCUMENTOS RELATIVOS A ALLIANÇA.

Resolvida a Russia a subtrahir-se as obrigaçoens da alliança de Tilsit, de que ella desde 1810 ja tinha illudido as condiçoens, augmentou logo os seos exercitos, formou em 1811 acampamentos nas fronteiras das suas provincias Polacas, e no principio de 1812 se achou pronta e determinada para a guerra.

O Gabinete de Vienna dêo entaõ alguns passos insignificantes para que a Russia se conservasse em paz. Naõ lhe foi precizo fazer outro tanto com o governo Francez de quem ella muito bem conhecia as dispoziçoens pacificas ; e as suas propoziçoens se derigiraõ a hum fim diametralmente oposto. Sim : para nos fazer inclinar para a guerra offereceo-se a unir-se com nosso contra os nossos inimigos, e para isso nos propôz a sua alliança. (Veja-se No. I. o tratado de alliança.)

Por este tratado a Austria confundio os seos interesses politicos com os da França, cujos principios naõ só ella aprovava, mas aos quaes se associava por huma garantia sem reserva. Obrigou-se por consequencia a dar hum contingente para a guerra; consentio logo no restabelecimento do Reino da Polonia, athe com a condiçaõ de ceder a Galicia Austriaca, para o que pedio indemnidades de que se estabelecêraõ as bazes; e por fim nem se esqueceo de estipular o seu augmento de territorio, fundado na devisaõ dos Estados que huma guerra felis haveria posto sem duvida a dispoziçaõ da França. Taes eraõ as vistas do Gabinete de Vienna. Interessada em suscitar inimigos a Russia, apertou pelos seos agentes com a Porta Ottomana, com a Prussia e com a

Suecia para que fizessem cauza commum com a França. (Veja-se a carta do Principe Schwartzenberg ao Ministro d'Austria na Suecia, No. 2.)

Desta maneira mui longe de impedir a guerra, antes especulando sobre ella, naõ poupava meio algum que podendo fazer mais segura a empreza, obrigasse taobem a França a tenta-la.

Apezas disto, nada podia com a firme vontade do Imperador de evitar a guerra; e sempre se conservou nestas esperanças athe o mesmo dia, em que o embaixador da Russia por huma declaraçaõ formal, exigio como *ultimatum*, que os exercitos Francezes, retirando-se para o Rheno, assim fugissem como se houvessem sido derrotados, e depois pedio seos passaportes.

A guerra começou; a Austria deo o seo contingente, que compos de corpos e generaes escolhidos; e deo ainda mais homens, do que aquelles a que estava obrigada.

No. 1.

Tratado de alliança entre a França e Austria em 14 de Março de 1812.

S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ da Suissa, e S. M. o Imperador d'Austria, Rey da Hongria e da Bohemia, dezejando muito perpetuar a amizade e boa intelligencia que existem entre elles, e concorrer pela intimidade e força da sua uniaõ tanto para manter a paz do continente como para restabelecer a paz maritima; e considerando que nada seria mais capaz de produzir estes felizes rezultados que a concluzaõ de hum tratado de alliança, que tivesse por fim a segurança dos seos Estados e possessoens, assim como a garantia dos principaes intereses da sua respectiva politica; tem para este effeito nomeado seos Plenipotenciarios, a saber:

S. M. o Imperador dos Francezes, &c. M. Hughes Bernardo Conde Maret, Duque de Bassano, &c.

E S. M. o Imperador d'Austria, &c. o Principe Carlos de Schwartzenberg, Duque de Vrumau, &c.

Os quaes depois de haverem trocado os seos respectivos plenos poderes, convieraõ nos artigos seguintes:

Art. 1. Haverá para sempre amizade, uniaõ e alliança entre S. M. o Imperador dos Francezes, &c. &c. e S. M. o Imperador da Austria, &c. Em consequencia, as duas altas partes contractantes poraõ todo o seu cuidado em manter a

boa intelligencia, que felizmente existe entre ellas, os seos Estados, e vassallos respectivos; em evitar tudo o que seja capaz de altera-la; e em procurar em toda a occaziaõ os seos mutuos interesses, honra e utilidade.

2. As duas altas partes contractantes reciprocamente ficaõ responsaveis pela integridade dos seos territorios actuaes.

3. Em virtude desta responsabilidade reciproca as duas altas partes contractantes trabalharaõ sempre de mutua intelligencia nas medidas que lhes parecerem as mais convenientes para a conservaçaõ da paz; e no cazo em que os Estados de huma ou de outra sejaõ ameaçados de alguma invazaõ, empregaraõ os seos bons officios os mais efficazes para preveni-la.

Porem como estes bons officios podem naõ conseguir o effeito dezejado, obrigaõ-se a socorrer-se mutuamente quando huma ou outra for atacada ou ameaçada.

4. O soccorro estipulado pelo artigo precedente será composto de trinta mil homens, dos quaes 24,000 sejaõ de infantaria, e 6,000 de cavallaria, constantemente conservados no grande estado de guerra, e de hum trem de sessenta peças de artilheria.

5. Este socorro será dado á primeira voz da parte atacada ou ameaçada. Começará a marchar com a menor demora possivel, e o mais tarde será dois mezes depois que haja sido requerido.

6. As duas altas partes contractantes ficaõ responsaveis pela integridade do territorio da Porta Ottomana na Europa.

7. Ellas reconhecem, e respondem igualmente pela integridade dos principios da navegaçaõ dos neutros, taes como foraõ reconhecidos e sanccionados pelo tractado de Utrecht.

S. M. o Imperador d'Austria renova, tanto quanto he precizo, as promessas de adherir ao systema prohibitivo contra a Inglaterra, durante a prezente guerra maritima.

8. O prezente tratado de alliança naõ se poderá fazer publico, nem sera communicado a gabinete algum, senaõ consentindo as duas altas partes contractantes.

9. Será ratificado, e as ratificaçoens seraõ trocadas em Vienna dentro de quinze dias, ou ainda antes podendo ser.

Feito, e assignado em Paris, a 14 de Março de 1812.

ARTIGOS SEPARADOS E SECRETOS.

Art. 1. A Austria naõ será obrigada a fornecer o soccorro estipulado pelo artigo 4. do tratado publico, nas guerras ou

que a França tenha contra Inglaterra ou para alem dos Pireneos.

2. Se a guerra se declarar entre a França e a Russia, a Austria fornecerá o dito socorro estipulado pelos artigos 4 e 5 do tratado de hoje. Os regimentos que o devem formar seraõ postos immediatamente em marcha, e acantonados de maneira, que a data do 1. de Maio elles possaõ em menos de 15 dias estar juntos em Lemberg.

O dito corpo de tropas será provido de hum dobrado approvizionamento de muniçoens de artilharia, assim como de todas as equipagens militares necessarias para o transporte de viveres para vinte dias.

3. Da sua parte S. M. o Imperador dos Francezes fará todas as suas dispoziçoens para poder operar contra a Russia na mesma epocha com todas as suas forças disponiveis.

4. O corpo de tropas fornecido por S. M. o Imperador d'Austria será organizado em tres divizoens de infantaria e huma divizaõ de cavallaria, e commandado por hum General Austriaco da escolha de S. M. o Imperador d'Austria.

Obrará na linha que lhe for prescripta por S. M. o Imperador dos Francezes, e segundo as suas ordens immediatas.

Naõ poderá com tudo andar dividido, e fara sempre hum corpo separado e destincto.

A sua subsistencia em paiz inimigo se estabelecerá pelo mesmo modo que se uza com os corpos do exercito Francez, sem todavia se alterar couza alguma no regimen e uzos particulares estabelecidos pelos regulamentos militares da Austria para o abastecimento das tropas.

Os trophêos e despojo que fizer ao inimigo seraõ seos.

5. No cazo em que pelos sucessos da guerra entre a França e a Russia o reino da Polonia se venha a restabelecer, S. M. o Imperador dos Francezes responderá especialmente, como desde agora ja o faz a Austria, pela sua posse da Gallicia.

6. Se acontecer porem que entre nos interesses do Imperador d'Austria o ceder, para ser reunida ao Reino da Polonia, huma parte da Gallicia em trôco das provincias Illyricas; S. M. o Imperador dos Francezes se obriga desde ja a consentir nesta troca. A parte da Gallicia que for cedida será determinada segundo a baze combinada da sua povoaçaõ, extensaõ, e rendas; de sorte que a estimaçaõ dos dois objectos de troca naõ se regulará somente pela sua extensaõ de territorio, mas pelo seo valor real.

7. Se os rezultados da guerra forem felizes, S. M. o Imperador dos Francezes se obriga a procurar para Sua Magestade o Imperador d'Austria indemnidades e augmentos

de territorio, que naõ sómente compensem os sacrificios e despezas da co-operaçaõ de S. M. Austriaca na guerra, mas que sejaõ hum monumento da uniaõ intima e duravel que existe entre ambos os Soberanos.

8. Se por odio a estes novos laços e contractos da Austria com a França, a Austria for ameaçada pela Russia, S. M. o Imperador dos Francezes olhará este ataque como dirigido contra a sua propria pessoa, e começará immediatamente as hostilidades.

9. A Porta Ottomana será convidada a entrar no tratado de alliança deste dia.

10. Os artigos supra se conservaraõ occultos entre as duas potencias.

11. E teraõ a mesma força como se fossem inseridos no tratado de alliança. Seraõ ratificados, e as suas ratificaçoens trocadas no mesmo lugar e tempo que as do sobredito tratado.

Feito e assignado em Paris, aos 14 de Março de 1812.

No. 2.

Copia de huma carta de M. o Principe de Schwartzenberg a M. o Conde de Neipperg, Ministro de Austria em Stockholmo.

Paris, 14 *de Março de* 1812.

Eu me aproveito da occaziaõ que me da M. o Duque de Bassano para vos informar, antes que o chegueis a ser pelo nosso ministerio, que os laços de amizade e de familia, que e distem entre a nossa corte e a de França, acabaõ hoje de ser muito mais estreitados por huma alliança, que devia ser huma consequencia natural, a fim de estabelecer por hum modo solemne as relaçoens de intimidade e confiança entre os dois imperios. Este grande acontecimento politico adquire ainda hum muito maior interesse em hum momento em que a guerra do norte está proxima a acender-se. O nosso Augusto amo, havendo por conforme a sua sabedoria e ao seo systema, o obrar na mais perfeita armonia com a França, depois de ter exhaurido em vaõ todos os meios tendentes para conservar a paz no continente, junto do Gabinete de S. Petersbourg, vai em fim achar-se nas circunstanstancias de representar huma figura activa em huma cauza, que se tornou sua para sempre.

Em hum estado de couzas em que todos os meios se devem dirigir para o mesmo fim commum, vos naõ podereis

mais essencialmente servir os interesses do nosso augusto amo, doque empregando o credito que eu muito bem sei que tendes para com o governo em que estaes reprezentando a nossa corte, a fim de o ligar a huma cauza, á qual huma recordaçaõ recente e penivel, assim como a perspectiva favoravel de a fazer esquecer para sempre pela recuperaçaõ da Finlandia, essa parte taõ essencial da monarchia, deve necessariamente imprimir hum caracter nacional, que hé só proprio da Suecia.

Como será possivel que recebaes esta carta ja no continente, aonde eu suponho fazeis tençaõ de vir, naõ posso deixar de recommendar-vos, que por *nenhuma forma* possivel a largueis da vossa maõ, mas que só obreis com toda a vossa conhecida intelligencia no sentido do convite que ella contem. Sim para com a pessoa de hum militar taõ esclarecido como vos sois, Senhor Conde, he escuzado gastar tempo em enumerar as vantagens importantes, que rezultariaõ aos exercitos alliados por huma diversaõ na extremidade do norte, dirigida por hum habil e experimentado capitaõ.

B.

DOCUMENTOS RELATIVOS AO CORPO AUXILIAR.

O Corpo auxiliar depois de chegar a Slonim a 10 de Novembro de 1812 mudou immediatamente a sua linha de operaçoens, retrocedeo sobre o Bug, e assim facilitou a chegada do Almirante Tchitschakoff a Minsk, 24 horas antes do exercito Francez. Depois desta epoca o corpo auxiliar nunca deixou de estar em relaçoens diarias com o inimigo. No principio de Janeiro o General Wassinzikow, Ajudante* do Imperador da Russia propoz huma conferencia ao Principe de Schwartzenberg, que a aceitou, e devia fazer-se entre Ostrolenska e Tyllocin : hum acazo impedio porem o General Russo de apparecer. Appareceu entaõ o Conselheiro de Estado d'Anstedt, o mesmo que figurou depois como plenipotenciario da Russia em Praga ; e a conferencia se fez em Varsovia. Tudo o que desde este momento se passou entre o corpo Austriaco e o corpo Russo foi huma consequencia de hum perfeito plano de armonia. O corpo Austriaco, retirando-se de poziçaõ em poziçaõ, abandonou successivamente ao inimigo todo o territorio do Ducado de Varsovia, recusou de co-operar com exercito Francez, em quanto o

* Ajudante de campo do Imperador, &c.

Gabinete Austriaco declarava que o dito corpo estava sempre as ordens do Imperador. (Veja-se No. 1. despacho communicado pelo Conde de Bubna.) Concluio occultamente hum armisticio com o inimigo, o encobrio por muito tempo, e naõ confessou a sua existencia senaõ quando o General Frimont annunciou estar rompido o armisticio, e fez saber a resoluçaõ de entrar no territorio Austriaco, assim como a Convençaõ concluida com a Saxonia, (Veja-se No. 2. o texto desta Convençaõ,) da qual o Governo Francez naõ teve o menor conhecimento; devendo-se por ella enviar desarmado para a retaguarda do exercito Francez o corpo Polaco, cuja presença nesta parte do Polonia causava vivas inquietaçoens a Russia.

No. I.

Passagem extrahida de hum despacho dirigido ao Conde de Bubna, em data de 25.

(Communicada por M. de Foret, a 3 de Fevereiro)

Vós declarareis igualmente ao Imperador, que o corpo auxiliar achando-se, segundo o tratado, debaixo do commando immediato de S. M. (o Rey de Napoles,) estava na sua maõ o indicar lhe o ponto aonde o nosso corpo auxiliar se devia colocar; e que por tanto o nosso Augusto amo naõ o mandou retirar para a Galicia senaõ porque S. M. consentio em que o corpo auxiliar fizesse este movimento. Este corpo naõ deixa por isso de ficar sempre debaixo do commando *immediato* do Imperador dos Francezes, e S. M. quando quizer lhe fará communicar pelo Major-general as ordens que julgar convenientes. Em fim explicitamente lhe direis, que apezar de se vir aproximando dos outros corpos do exercito Austriaco, a nossa intençaõ he de nunca confundir a *natureza* e o *fim* dos nossos differentes corpos de exercito.

No. 2.

Convençaõ entre a Austria e a Saxonia.

Esta Convençaõ he datada em o Monitor de Vienna, a 8 d'Agosto de 1813, o que he hum erro manifesto; porque deve ser de 8 de Abril. Ella começa desta forma.

S. M. o Imperador d'Austria havendo consentido na petiçaõ que lhe fês S. M. o Rey de Saxonia de permitir, que os corpos de tropas commandados pelo general de Gablenz

e pelo Principe Poniatowsky, deixando o ducado de Varsovia, atravessassem a Gallicia, a Moravia, e a Bohemia; concluio-se a convençaõ seguinte entre os plenipotenciarios nomeados para este fim, a saber: pela parte do Imperio d'Austria o Senhor Clemente Vicente, Conde de Metternich, Winneberg, Ochsenhausen, Cavalleiro do Tozaõ de Ouro, &c. e por parte do reino de Saxonia, o Senhor Carlos Luis Fredericq de Watzdorff, Camarista e General Major de Cavallaria, &c. E em nome dos seos respectivos soberanos fizeraõ a promessa solemne, de que todos os artigos desta convençaõ, taes como aqui se achaõ, seriaõ literalmente e em todo o rigor das palavras, pontoalmente executados.

Artigo 1. O numero das tropas, a força de cada columna, que em nenhum cazo poderá exceder de 3,400 homens de pé, e de 1000 cavallos, o itinerario e as etapas, as distancias entre columna e columna, e em fim os dias de descanço estaõ designados em o Mappa junto a prezente convençaõ....(O que se segue naõ tem nenhum interesse politico.)

Art. 14. e ultimo. Se o pagamento das despezas para a marcha destas tropas se-naõ poder logo fazer de contado pela Corte Real de Saxonia, estas despezas seraõ liquidadas o mais breve possivel por huma pessoa auctorisada para este fim em Vienna, e a qual o estado destas despezas será entregue com todos os recibos e peças justificativas. A mesma pessoa auctorisada para este fim ajustara igualmente as contas, que lhe forem entregues mais tarde sobre as despezas feitas com os doentes, e marchas dos convalescentes. A Corte Real de Saxonia se obriga alem disto, ao menos ainda durante a marcha das suas tropas, ou a fornecer huma anticipaçaõ de 300,000 florins, valor de Vienna; ou se isto naõ for praticavel, a assignar para esta somma huma sufficiente quantidade de sal extrahido das suas salinas de Wieliczka, que poderá ser vendido em leilaõ para empregar o seo producto na sobredita anticipaçaõ.

C.

Peças relativas a marcha do Gabinete de Vienna athe a abertura da Campanha.

Os desastres que o excessivo rigor da estaçaõ fez soffrer na Russia ao exercito Francez eraõ ainda apenas conhecidos em Vienna, quando este gabinete ja se preparava para mudar de systema. (Vejaõ-se as Cartas de M. o Conde Otto de 16 e 18 de Dezembro, Nos. 1 e 2.) Abrio entaõ

negociaçoens, e propos a sua mediaçaõ as partes belligerantes.

O Imperador que nada mais desejava do que a paz, naõ mostrou a mais pequena difficuldade em aceitar a intervençaõ de hum alliado.

O Gabinete de Vienna manifestou a mais viva alegria, aplaudio as vistas do Imperador, e as achou generosas. Deo a entender que entrava anciosamente em huma carreira, em que tinha o maior gosto de defender os interesses da França. Declarou, que era inalteravel no seo systema: *que a alliança fundada sobre os interesses os mais naturaes, os mais permanentes, os mais essencialmente proveitosos, devia ser eterna como os motivos que a tinhaõ produzido ; que era elle quem a tinha solicitado depois de ter muito bem reflectido, que se fosse necessario renova-la naõ a desejaria senaõ como ella era ; em huma palavra, que naõ temia a França, temia os Russos ! Protestou o grande desinteresse da Austria, que naõ queria nada para si, e para quem ainda os maiores augmentos de territorio, conseguidos em huma unica campanha, pareceriaõ muito caramente comprados.* Athe chegou a prometter de ante maõ, que *se os Russos naõ quizessem admittir proposiçoens moderadas, entaõ empregaria contra elles naõ o corpo auxiliar estipulado pelo tratado de alliança, naõ hum corpo de 70,000 homens, mas todas as forças da sua monarquia. Obrigou-se em fim a nada fazer senaõ o que conviesse ao Imperador, a naõ dar hum passo sem o seo consentimento, e a communicar-lhe tudo o que tratasse ou para adiantar as negociaçoens, ou os armamentos necessarios para sustentar a Austria em o novo pé que hia tomar.* O Gabinete de Vienna prodigalisava estas seguranças ao Embaixador de França, e ao mesmo tempo eraõ o objecto da missaõ extraordinaria do Conde de Bubna a Paris. Inviava taobem o Pr..cipe de Schwartzenberg *para dar a Europa hum prova clarissima das suas disposiçoens, fazendo apparecer na Corte de França o commandante do corpo Austriaco, como quem hia buscar o seo chefe para tomar as suas ordens.* Em fim prohibia aos seos agentes o servirem-se da palavra *mediaçaõ*, em quanto de nada mais se tratava do que da intervençaõ de hum alliado, que aspira a acelerar o termo da guerra. (Vejaõ-se os Nos. 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, e 11 ; e as Cartas de Mr. o Conde Otto, desde 3, 8, 11, 21, e 26 de Janeiro ; 15, e 17 de Fevereiro ; e 8, e 20 de Março de 1813.) A Russia aceitou esta intervençaõ amigavel de huma potencia com quem estava em guerra. Mandou-lhe declarar, *que as formas e os usos se opunhaõ a esta figura que tomava, porem que para dar a Austria huma prova da sua confiança e estimaçaõ de nenhuma destas consideraçoens fazia cazo.* Po-

rem os dois gabinetes ja a este tempo estavaõ concordes, e a sua lingoagem era de huma perfeita convençaõ.

Na mesma epocha em que a Austria tinha proposto a sua intervençaõ a Russia, fazia iguaes proposiçoens a Inglaterra, que naõ se esqueceo de observar-lhe, que *as relaçoens constantes da Austria com a França se opunhaõ ao bom sucesso deste passo.* Com effeito elle naõ teve nenhum resultado.

Mr. o Conde de Narbonne foi nomeado embaixador para Vienna, e chegou ao seo destino no fim de Março. Os exercitos combinados ja entaõ estavaõ sobre o Elbo. O gabinete Austriaco começou a marchar mais livremente no seo systema. O Embaixador de França escrevia no primeiro d'Abril: "Ja naõ podemos occultar, que a Austria, ou ella presista na alliança, ou queira declarar-se contra nos, naõ pode deixar de ter nestas circunstancias a mesma lingoagem, e de seguir a mesma marcha athe a sua final declaraçaõ."

Esclarecido por este raio de luz, teve logo occasiaõ para obrigar a fazer certas confissoens, que assas manifestáraõ, que o gabinete de Vienna ja estava bandeado com os nossos inimigos.

O Principe de Schwartzenberg depois de largas demoras tinha com effeito chegado a Paris. *Este commandante do corpo auxiliar que vinha para receber as ordens do seu Chefe,* ainda alli estava quando o Imperador, apezar de todas as declaraçoens que este Embaixador estava encarregado de fazer, via necessidade de apressar os sucessos da guerra, a fim de ter maõ se era possivel nas determinaçoens para as quaes a Austria marchava com toda a rapidez.

O Principe de Schwartzenberg, ficando ainda em Paris depois da sahida do Imperador, entregou a 22 de Abril, huma nota em que continuava a declarar, que se algumas das estipulaçoens da alliança naõ eraõ applicaveis ás circunstancias presentes, o Imperador Francisco nada mudaria notocante a estas bazes. (Veja-se a nota do Principe Schwartzenberg, No. 13.) Ao mesmo tempo declarou verbalmente ao Duque de Bassano o mesmo que ja tinha declarado ao Imperador, isto he; que quando as ordens chegassem ao corpo auxiliar, naõ duvidava que o commandante provizorio obedecesse.

Ao mesmo tempo o embaixador de França em Vienna estando encarregado de prevenir o gabinete, que assim que a renovaçaõ das hostilidades estivesse resolvida, se enviassem logo ordens ao Corpo auxiliar para aperar de commum acordo, perguntou, se estas ordens seriaõ ponctualmente executadas. Naõ recebendo senaõ respostas vagas e illu-

sorias, julgou dever aproveitar-se desta occasiaõ para em fim provar por factos as verdadeiras disposiçoens do gabinete. Exigio pois huma resposta formal por hum officio de 21 d'Abrilr (Veja-se No. 14., nota do Embaixador.)

M. o Conde de Metternich respondeo a 26; e a sua resposta deo amplamente a conhecer, que o gabinete Austriaco naõ tinha vontade alguma de cumprir com as suas obrigaçoens. (Veja-se No. 15. Resposta do M. o Conde de Metternich.)

O Imperador ja tinha triumfado em Lutzen quando recebeo o correio com a resposta da Austria.

A datar deste momento os projectos do gabinete de Vienna ficáraõ desmascarados.

No. I.

Extracto de hum Despacho de M. o Conde Otto ao Ministro das Relaçoens Exteriores.

Vienna, 16 *de Dezembro*, 1812.

Monseigneur,

Recebi por hum correio extraordinario os despachos com que V. Excellencia me honrou a 3, 4, e 5 de Dezembro, e cuidei logo em communicar ao governo Austriaco as noticias importantes que estes despachos incluiaõ, e que foraõ recebidas com o mais vivo interesse.

V. Excellencia tera visto pelo meo ultimo officio quanto aqui se tem trabalhado para exagerar as nossas perdas. O embaraço do Conde de Metternich era taõ vizivel que eu naõ o posso unicamente attribuir senaõ interesse que elle toma em os nossos successos. Affectava ter receios sobre a nossa alliança, e por muitas vezes se esqueceo a tal ponto, que me chegou a dizer, que se a Austria tomava outro partido, teria em pouco tempo mais de 50 milhoens de homens pela sua parte. Na sua opiniaõ toda a Allemanha, toda a Italia se declararia a seo favor. Huma insinuaçaõ taõ extraordinaria e taõ fôra de proposito naõ pode ter origem senaõ em proposiçoens que lhe tenhaõ sido communicadas, e na impressaõ que lhe fizeraõ os debates do conselho a que elle assistio. Tem para si que nos fazem hum favor particular em naõ pegar em armas contra nós em huma occasiaõ em que nos julgaõ mais fracos do que os Russos. Eu naõ posso opor a semelhantes ideas senaõ huma grande tranquillidade de espirito, e a confiança na superioridade da França, com tanta justiça adquirida, e de que momentaneos revezes nunca poderaõ esbulha-la. Trabalha-se quanto he possivel para

ganhar a Austria; e offerece-lhe a Italia, as Provincias Illyricas, a supremacia d'Allemanha, em fim todo o explendor da antiga Corôa Imperial.

(Assignado) OTTO.

Continuar-se-ha.

PROCLAMAÇAÕ DO VICE-REY D'ITALIA.

POVO DO REYNO DE ITALIA!

Vos fostes os felizes testemunhas dos primeiros feitos do Heroe, que preside aos vossos destinos; pelo que vós estaes mais constantemente presentes nos seus pensamentos, e sois mais charos ao seu coraçaõ.

Apenas tinha elle restabelecido, com sua triumphante maõ, o throno de Carlos Magno, quando esse throno se fortificou, e confirmou para sempre. Todos os Francezes juráram sustentallo, e defendello; elles tem sido fieis a seu juramento.

Porém o que o Imperador tem feito pela França, naõ éra sufficiente para a sua grande alma. Elle naõ podia ser insensivel á sorte da Italia. O seu primeiro desejo foi tornarvos a dar a vossa antiga existencia, e a vossa antiga fama.

Elle pôz sobre a sua cabeça a corôa de ferro, por longo tempo deixada em esquecimento, e as abobadas de vosso templo resoáram, com aquellas memoraveis palavras, *Dieu me l'á donne, gare aqui la touche.*

Estas palavras excitáram o vosso enthusiasmo, e até o vosso orgulho; vós apreciastes o verdadeiro sentido dellas, e unanimemente repetistes, *Dieu a lui á donnee, gare a qui la touche.*

Desde aquelle momento existio o reyno de Italia; desde aquelle momento os Italianos renascidos, se lembráram da gloria de seus antepassados; desde aquelle momento, aos olhos da Europa admirada, tomáram o seu lugar entre as naçoens mais honradas.

Italianos! Eu vos conheço: vós tambem sereis fieis aos vossos juramentos. Hum inimigo, que vos tem de tempos a tempos subjugado, e que, nas idades passadas mais contribuio para vos dividir, naõ vio sem inquietaçaõ, nem sem zelos, a vossa resurreiçaõ, e o explendor que a cercava.

Pela terceira vez se atreve agora a ameaçar o vosso territorio, e a vossa independencia.

Vós tendes valorosamente corrido a reprimir os seus pri-

meiros esforços; vos naõ deixareis de o fazer arrepender de seu terceiro; quantos motivos de novo excitam agora o vosso patriotismo e o vosso valor!

Naõ vos tendes esquecido, que ha doze annos éreis capazes de sentir o que sois agora;

A maõ, que vos creou, vos tem dado as instituiçoens mais nobres e mais generosas. Estas instituiçoens constituem ao mesmo tempo o vosso orgulho, e a vossa felicidade e vos naõ soffrereis que elles se atrêvam a tentar o roubar-vo-las. Italia, Italia! este sagrado nome, que na antiguidade produzio tantos prodigios seja agora o vosso grito de reuniaõ.

Levantem-se os vossos guerreiros a este grito: voem em tumulto a formar segunda muralha á patria, ante aqual o inimigo se naõ atreverá a apresentar-se.

O valoroso homem, que peleja por sua casa, por sua familia, pela gloria e independencia de sua patria, he sempre invencivel.

Sêja o inimigo obrigado a sahir de nosso territorio, e nos em breve tempo poderemos dizer a nosso augusto Soberano. "Senhor, éramos dignos de receber de vos huma patria, temos sabido defendella."

(Assignado) EUGENIO NAPOLEAÕ.

Quartel General de Gradisca,
11 de Outubro, 1813.

EXERCITO DA CATALUNHA.

EXTRACTO

De huma carta a Sua Excellencia o Ministro da Guerra, escripta pelo General Conde Decaen, commandante do exercito da Catalunha, datada de Gerona, 7 de Outubro, 1813.

MONSEIGNEUR!

Tinha eu ordenado ao General de Divisaõ Lamarque, que marchasse para Olot, com a brigada Petit, composta dos regimentos 67, e 113; e hum esquadraõ do 29; a fim de observar os movimentos dos Hespanhoes, que se dizia terem alguns designios contra La Cerdagne, nas Fronteiras de França.

O General Petit manobrou, em conformidade das instruc-

çoens que tinha recebido. Aos 28 de Septembro estava em Campredon; aos 29 voltou para Olot; no 1. e 2. dia de Outubro marchou para o pé de Grau, na direcçaõ de St. Privat, e aproveitou-se da presença de suas tropas para exigir o pagamento das contribuiçoens; e ajuntar algumas requisiçoens para a subsistencia de sua brigada.

Os Hespanhoes incommodados com estes movimentos, se aproximáram a Olot aos 2; e tomaram uma posiçaõ, em numero de 3 a 4 mil homens, nas alturas de St. Privat.

O General Petit os reconheceo aos 3; resolveo atacallos aos 4 e expulsallos daquelles vizinhanças, o que se executou com vigor e discernimento.

O General Petit partio de Olot ao romper do dia; chegou pelas 7 horas da manhaã a presença do inimigo, e achando o o mais forte do que na noite precedente; os regimentos de Burgos, Tarragona, Ausonia, &c. coroaram com duas linhas de infanteria as montanhas na direita, e esquerda de St. Privat; hum esquadraõ dos hussares de S. Narcisse estava em ordem de batalha no vale, protegido pela infanteria.

A brigada Franceza fez halto, para se formar, e descançar algum tanto; o inimigo tomou isto como effeito da irresoluçaõ; desceo com grande gritaria, e atacou vivamente algumas companhias de voltigeurs, que se formaram na vanguarda. O General Petit mandou immediatamente tocar ao ataque; os seus quatro batalhoens instantaneamente marcharam na direcçaõ que se lhe tinha prescripto, o inimigo admirado deste ataque se retirou de posiçaõ em posiçaõ, todas foram tomadas, e cubertas com os seus mortos.

As difficuldades do terreno, que demoravam a nossa marcha, permittiram que os Hespanhoes frequentemente se tornassem a formar; o fogo foi mui vivo desde as 8 horas até o meio dia; e durou até as 4 horas da tarde. Por fim tudo foi obrigado a ceder, ante a infatigavel coragem de nossas tropas, que perseguiram o inimigo por varias leguas do campo de batalha, e o dispersaram completamente. Nos tomamos somente alguns prisioneiros: mas elle perdeo muita gente na retirada, pelo fogo de nossa mosqueteria; e grande numero se lançou pelos precipicios abaixo em sua fugida.

Esta acçaõ nos custou 2 officiaes, e 7 sub-officiaes e soldados mortos: e 7 officiaes, e 61 soldados feridos. Tenho a honra de remetter com ésta a Vossa Excellencia huma lista da perda de cada regimento em particular.

As boas disposiçoens e comportamento do General Petit, saõ dignos de elogio. Elle foi excellentemente apoiado, pela devoçaõ dos regimentos 113 e 67, de caçadores monta-

dos ; e hum batalhaõ do regimento 11 de linha. Algumas companhias deste batalhaõ postas em reserva no monte Olivet, debaixo das ordens do Tenente-coronel Jacques, fizeram hum movimento, com arte e denodo, que foi mui util ao ataque geral.

(Assignado) Conde DECAEN.

Paris, 30 de Outubro.

Sua Magestade a Imperatriz, Raynha Regente, recebeo a seguinte noticia da situaçaõ dos Exercitos, aos 4 de Outubro :—

O General Conde Lefebvre Desnouettes foi attacado, aos 28 de Septembro, ás 7 horas da manhaã em Altenberg, por 10,000 cavallos, e 3,000 infantes. Elle effectuou a sua retirada diante de forças mui superiores ; fez alguns ataques lindos, e causou grande damno ao inimigo. Elle perdeo 300 de sua infanteria e chegou ao Saale. O inimigo éra commandado pelo Hetman Platow, e pelo General Thielman. O Principe Poniatowski marchou aos 2 para Altenberg por Nossen, Waldheim, e Colditz, derrotou o inimigo, tomou mais de 400 prisioneiros, e o repulsou para a Bohemia.

Aos 27 o Principe de Moskwa tomou posse de Dessau, que huma divisaõ Sueca occupava ; e repulsou aquella divisaõ para a cabeça de ponte. No dia seguinte chegáram os Suecos, e retomáram a cidade. O General Guilleminot os deixou avançar até tiro de metralha ; desmascarou entaõ as suas baterias e os repulsou, com perda consideravel.

Aos 3 d'Outubro, o exercito inimigo da Silezia marchou por Konigsbruk e Elsterwerda para o Elster, lançou huma ponte na curvatura do Elbe, em Wartenberg, e passou ali aquelle rio. O General Bertrand foi postado em hum isthmo, e excellente posiçaõ cercada de pantanos. Entre as 9 horas da manhaã e 5 da tarde, fez o inimigo 7 ataques e foi sempre repulsado ; e deixou 600 mortos no campo de batalha ; a nossa perda foi de 500 homens mortos e feridos. Esta grande differença foi devida á bondade da posiçaõ, que occupavam as divisoens de Morand e Fontanelli. Pela tarde, o General Bertrand, vendo que desembocavam novas forças, julgou conveniente effectuar a sua retirada, e tomou huma posiçaõ no Mulda, com o Principe de Moskwa.

Aos 4, o Principe de Moskwa estava em Doelitz, na margem esquerda de Mulda. O Duque de Ragusa, e o corpo

de cavallaria do General Latour Mauburg, estavam em Eulenberg. O terceiro corpo estava em Torgau; 350 partidadarios, commandados por hum Major-general Russiano, tinham marchado para Milhausen, e sabendo que a cidade de Cassel estava sem tropas, tentaram surprender-lhe as portas. Elles fôram repulsados; perém no dia seguinte, tendo-se debandado ar tropas Westphalianas, os partidarios entráram em Cassel. Elles entregáram tudo ao saque, e retiráram-se passados alguns dias. El Rey de Wesphalia se tinha retirado para o Rheno.

S. M. a Imperatriz Raynha Regente recebeo a seguinte noticia da situaçaõ dos exercitos aos 15 d'Outubro:—

Aos 7 o Imperador sahio de Dresden; aos 8 pernoitou em Wurtzen, aos 9 em Eulenburg, e aos 10 em Duben.

O Exercito inimigo de Silezia, que tinha marchado para Wurtzen se retirou immediatamente, e tornou a passar para a margem esqderda do Mulda; o nosso teve algumas acçoens, nas quaes fez alguns prisioneiros, e tomou varios centos de carros de bagagem.

O General Regnier tinha marchado para Wittenberg e tendo passado o Elbo marchou para Roslau, flanqueou a ponte de Dessau, tomou-a, e marchou para Aken, e tomou ali posse da ponte. O General Bertrand marchou para as pontes de Wartenburg, e se apossou dellas. O Principe de Moskwa marchou para a cidade de Dessau, e se encontrou com huma divisaõ Russiana. O General Dumas a derrotou, e tomou-lhe 300 homens, e 6 peças d'artilheira. Varios correios de gabinete, com importantes cartas foram aqui tomados; ontre elles se acha o Sieur Kratt.

Depois de ter assim tomado posse de todas as pontes do inimigo, éra a intençaõ do Imperador passar o Elbo, manobrar na margem direita, desde Hamburgo atê Dresden; ameaçar Potsdam e Berlin, e tomar Magdeburg por centro das operaçoens, e para este fim tinha Magdeburg sido supprida com muniçoens de guerra, e mantimentos. Porém aos 15, soube o Imperador, em Duben, que o exercito Bavaro se tinha unido ao exercito Austriaco, e ameaçava o Baixo Rheno. Esta incrivel desersaõ, fez com que se previsse a desersaõ de outros principes, e induzio o Imperador a tomar a resoluçaõ de voltar para o Rheno, penosa mudança; porque tudo estava preparado para obrar sobre Magdeburgo; porém teria sido necessario ficar separado, e sem communicaçaõ com a França, pelo espaço de hum mez; isto naõ éra conveniente ao momento em que o Imperador fixou os seus

planos; porém o caso ja naõ era o mesmo; visto que a Austria hia a ter a sua disposiçaõ dous exercitos de novo; o exercito Bavaro, e o exercito que se oppunha ao Bavaro. O Imperador, por tanto mudou os seus planos com estas imprevistas circumstancias, e mudou os seu quartel-general para Leipsic.

No entanto El Rey de Napoles, que ficou em observaçaõ em Freyberg, recebeo ordem, aos 7 de mudar a sua frente, e marchar para Genig e Frohburg, obrando sobre Wurtzen e Wittenberg. Huma divisaõ Austriaca, que occupava Augustenberg, fez este movimento difficultoso. El Rey recebeo ordens de a atacar; elle a derrotou, tomou varios batalhoens, e ao depois effectuou o seu movimento para a direita. No entanto a direita do exercito inimigo de Bohemia, composta do corpo Russiano do General Wittgenstein tinha marchado para Altenberg, quando recebeo a noticia de que o Rey de Napoles tinha mudado de frente. Marchou para Freyberg, e ao depois pela esquerda de Borna, colocando-se entre El Rey de Napoles e Leipsic. El Rey naõ hesitou sobre a manobra que devia fazer; fez huma conversaõ, e marchou contra o inimigo, derrotou-o, tomou lhe 9 peças d'artilheira, 1,000 prisioneiros, e expulsou-o para alem do Elster, depois de lhe ter causado uma perda de mais 4 para 5,000 homens.

Aos 15 a posiçaõ do exercito era a seguinte:—O quartel general do Imperador estava em Reidnitz, a meia legua de distancia de Leipsic. O 4. corpo commandado pelo General Bertrand estava na aldea da Lindenau. O 6. corpo estava em Libenthal. El Rey de Napoles com o 2, 8, e 5, corpo tinha a sua direita em Delitz, e a esquerda em Liberwolkowitz. O 3, e 7, estavam em marcha de Eulenberg, para flanquear o 6 corpo.

O Grande exercito Austriaco de Bohemia tinha o corpo de Guilay em frente de Lindenau, hum corpo em Zwenkaw, e o resto do exercito com a esquerda contra Grobern, e a direita contra Naumdorf. As pontes do Wurtzen e Eulenberg, no Mulda, e a posiçaõ de Taucha, juncto ao Partha, estavam occupadas pelas nossas tropas. Tudo annunciava huma grande batalha.

O resultado dos nossos differentes movimentos, nestes seis dias, foi 5,000 prisioneiros, varias peças d'artilheria, e o causar grande damno ao inimigo. Nestas circumstancias se cubrio de gloria o Principe Poniatowski.

Rothembourg, 15 *d'Outubro.*

Antes de hontem pelas seis horas da manham, huma partida de inimigos, consistindo pouco mais ou menos de 400 infantes Prussianos, 100 Cossacos, e huma peça de montanha, appareçeu diante do forte, e attacou o Mill Post, defendido por hum sargento, e 15 homens, os quaes se sustentaram com coragem. A artilheria do forte fez hum fogo muito bem acertado, e repellio os assaltantes.

O inimigo desanimado por estes infructuosos ataques retirou-se na direcçaõ de Bremen, deixando o commandante, e perto de 30 homens mortos diante da praça.

Hoje pelo meio dia uma columna de 1,100 de infantaria, 200 cavallos, e duas peças de canhaõ, chegou, vindo de Maarburg. Esperam-se outras tropas.

S. M. a Imperatriz, Raynha Regente, recebeo as seguintes noticias da situaçaõ do exercito na noite de 16 :—

Aos 15, o Principe Schwartzenberg, commandante do exercito inimigo, annunciou na ordem do dia, que no dia seguinte, 16, haveria huma batalha geral e decisiva. Nesta conformidade, aos 16, pelas 9 horas da manham, desembocou o grande exercito Alliado contra nós: trabalhou constantemente por se extender para a sua direita. Observou-se ao principio que tres grandes columnas marchavam, huma ao longo do Elster, contra a aldea de Delitz, a segunda contra a aldea de Wackau, e a terceira contra Liberwolkowitz. Estas tres columnas eram precedidas por 200 peças d'artilheria. O Imperador fez immediatamente as suas disposiçoens.

A's 10 horas era a canhonada violentissima, e as 11, estavam os dous exercitos combatendo nas aldeas de Delitz, Wachau, e Liberwolhowitz. Estas aldeas fôram atacadas 6 ou 7 vezes, o inimigo foi constantemente repulsa-lo, e cubrio os aproches de mortos. O Conde Lauriton, com o 5. corpo, defendeo a aldea, na esquerda (Liberwolkowitz), o Principe Poniatowski, com os seus valentes Polacos, defendeo a aldea da direita (Delitz) e o Duque de Belluno defendeo Wachau.

Ao meio dia foi repulsado o 6. ataque do inimigo! nos ficamos senhores de tres aldeas, e tinhamos tomado 2,000 prisioneiros. Quasi ao mesmo tempo o Duque de Tarentum desembocou por Holhausen, marchando contra hum reduto do inimigo, que o General Carpentier tomou a passo doble, apossando-se da artilheria, e tomando alguns prisioneiros.

O momento pareceo decisivo. O Imperador ordenou ao Duque de Reggio que marchasse para Wachau com duas

divisoens das guardas novas. Ordenou igualmente ao Duque de Treviso, que marchasse contra Liberwolkowitz com outras duas divisoens das guardas novas; e que tomasse posse de hum extenso mato, que esta na esquerda da aldea. Ao mesmo tempo mandou avançar no centro huma bateria de 150 peças d'artilheria, que commandava o General Drouet. Todas estas disposiçoens tiveram o successo, que dellas se esperava. A artilheria do inimigo foi ter a alguma distancia. O inimigo se retirou e todo o campo de batalha ficou em nosso poder.

Eram tres horas da tarde, todas as tropas inimigas estavam combatendo, elle recorreo á sua reserva. O Conde Merfeldt, que commandava em chefe a reserva Austriaca, sustentou com 6 divisoens todas as tropas em todos os ataques, e as guardas Imperiaes Russianas, que formavam a reserva do exercito Austriaco sustentaram o centro. A cavallaria das guardas Russianas, e os Couraceiros Austriacos se precipitaram, pela sua esquerda, sobre a nossa direita; tomaram Delitz, e vieram direitos aos massiços do Duque de Belluno. El Rey de Napoles marchou com os couraceiros do General Latour Maubourg, e carregou a cavallaria inimiga pela esquerda de Wachau, a tempo que a cavallaria Polaca, e os Dragoens das guardas, commandados pelo General Letort, atacaram a direita. A cavallaria inimiga foi derrotada, e dous regimentos inteiros ficaram no campo de batalha. O General Letort aprisionou 300 Austriacos e Russianos. O General Latour Maubourg tomou alguns centos de homens das guardas Russianas. O Imperador ordenou immediatamente á divisaõ Curial das guardas, que avançasse, para sustentar o Principe Poniatowski. O General Curial marchou contra a aldea de Delitz atacou com a bayoneta, tomou-a sem dar hum só tiro, e tomou 1,200 prisioneiros, entre os quaes se achou o General-em-Chefe Merfeldt.

Restabelecendo-se assim as cousas na nossa direita, se pôz o inimigo em retirada, e naõ se nos disputou mais o campo de batalha. A reserva d'artilheria das guardas, que commandava o General Drouet, estava com os atiradores; a cavallaria inimiga veio atacallos. Os artilheiros formaram as suas peças em quadrado, tendo tido a precauçaõ de as carregar com metralha; e fizeram fogo com tal acerto, que n'hum instante foi o inimigo repulsado. Durante estes acontecimentos avançou a cavallaria Franceza para sustentar estas baterias.

O General Maison, que commandava a divisaõ, official de grande merecimento, foi ferido. O General Latour Maubourg, que commandava a cavallaria teve huma perna cortada pela coixa. A nossa perda nesta dia foi de 2,500

homens, entre mortos e feridos. Naõ será exageraçaõ avaliar a do inimigo em 25,000. Naõ se pode ser demasiado em elogiar a bôa conducta do General Lauriston, e do Principe Poniatowski durante este dia. O Imperador para dar á este ultimo huma prova da sua satisfacçaõ, nomeou-o no campo da batalha, Marechal de França, e concedeo grande numero de decoraçoens aos regimentos de seu corpo. O General Bertrand foi ao mesmo tempo atacado na aldea de Lindenau, pelos Generaes Guilais, Thielman, e Lichtenstein. Desdobraram de differentes partes perto de 50 peças de canhaõ: o combate durou seis horas, sem que o inimigo podesse ganhar huma polegada de terreno: ás cinco da tarde o General Bertrand decidio a victoria, carregando com a sua reserva, e naõ somente fez inuteis os intentos dos inimigos que se apinhavam para se apoderar das pontes de Lindenau, e dos suberbios de Leipsig, mas athe os obrigou a evacuar o campo da batalha. O Duque de Ragusa estava empenhado sobre a direita do Partha, á huma legoa de Leipsig, e perto de quatro legoas do campo da batalha, aonde o Imperador estava; e por huma daquelles fataes circunstancias que muitas vezes tem influencia sobre os mais importantes negocios: o terceiro corpo, que estava destinado para apoiar o Duque de Ragusa, naõ tendo ouvido coiza alguma daquella banda ás 10 horas da manham, e ouvindo pelo contrario huma terrivel canhonada do lado aonde estava o Imperador, julgou o propozito marchar para lá, e assim perdeo o dia em marchas. O Duque de Ragusa, abandonado as suas proprias forças defendeo Leipsig, e sustentou a sua posiçaõ durante o dia: porem soffreo perdas que naõ eram compensadas com o estrago feito ao inimigo, apezar de ser grande.

Alguns batalhoens de artilheiros de marinha conduziram-se mal. Os Generaes Compans, e Frederick foraõ feridos; de tarde o mesmo Duque de Ragusa, levemente ferido, foi obrigado a reconcentrar a sua posiçaõ sobre o Partha. Neste momento foi obrigado a abandonar varias peças desmontadas, e alguns carretoens.

S. M. a Imperatriz Raynha Regente: recebeo as seguintes noticias a respeito da situaçaõ dos exercitos em 24 de Outubro de 1813:—

A Batalha de Wachau desconcertou todos os projectos do inimigo; porem o seu exercito era taõ numeroso que ainda lhe restavam recursos. A toda apressa reunio, durante a noite, os corpos que tinha deixado sobre a sua linha de

operaçoens, e as divisoens que estavam sobre a Saale: e apressou a marcha do General Beningssen que vinha subindo com 40,000 homens depois do movimento que o inimigo fez retirando-se, na tarde de 16, e durante a noite, foi occupar huma excellente posiçaõ á duas legoas na retaguarda. Foi precizo empregar o dia 17 em fazer reconhecimentos, e em determinar a respeito do ponto de ataque, e tambem era necessario aquelle dia para dar tempo a que os parques da reserva chegassem, e substituissem as 80,000 ballas de canhaõ que tinham sido gastas na batalha.

O inimigo teve por isso tempo pára reunir suas tropas que tinha espalhadas, quando se entregou áos seus chimericos projectos, e para receber os reforços que esperava. O Imperador, tendo recebido noticias da chegada daquelles reforços e sabendo que a posiçaõ do inimigo era muito forte, resolveo atrahillos para outro terreno.

No dia 18 ás duas horas da madrugada, approximou-se para duas leguas de Leipsig, e formou o seu exercito com a direita em Connewitz, o centro em Probstheide, e a esquerda em Statteritz, pondo-se elle mesmo em o moinho de Ta. O Principe de Moskwa, da sua parte, tinha colocado suas tropas em frente do exercito da Silesia, junto ao Partha, o 6. corpo em Schonfeld, e o 3. e 7. áo longo do Partha com o General Dombrowski guardava a posiçaõ, e os suburbios de Leipsig sobre a estrada de Halle. As tres da manham, o Imperador estava na aldea de Lindenau, e ordenou ao General Bertrand que marchasse sobre Lutzen, e Wissenfeld, para varrer a planice, e assegurar os desfiladeiros do Saale, e a linha de communicaçaõ com Erfurt. As tropas ligeiras do inimigo dispersaram-se, e pelo meio dia o General Bertrand estava Senhor de Weissenfels, e da ponte sobre o Saale. O Imperador, tendo assim assegurado as suas communicaçoens, esperou com firmeza pela aproximaçaõ do inimigo. As 9 horas os gritos annunciaram que o inimigo estava avançando contra toda a linha. As 10 horas começou a canhonada. O Principe Poniatowski, e o General Besol defenderem a ponte de Connewitz. El Rey de Napoles, com o segundo corpo, estava em Probstheida, e o Duque de Tarentum em Holzhausen. Todos os esforços do inimigo, durante o dia, contra Connewitz, e Probslheyde, falharam. O Duque de Tarentum foi flanqueado em Holzhausen. O Imperador lhe ordenou, que tomasse huma posiçaõ na aldea de Stetteritz, a canhonada foi terrivel. O Duque de Castiglione, que defendia hum mato no centro, manteve-se ali todo o dia. As guardas antigas estavam formadas em reserva, em hum terreno algum tanto elevado, em quatro columnas massiças, dirigidas para os principaes

pontos de ataque. O Duque de Reggio foi mandado para sustentar o Principe Poniatowski; e o Duque de Treviso, para guardar os desembocadouros da cidade de Leipsic. O successo principal da batalha foi na aldea de Probenstheyda; o inimigo atacou-a 4 vezes, com força consideravel, e 4 vezes foi repulsado com grande perda. As 5 horas da tarde, o Imperador mandou avançar a artilheria de reserva, e repulsou o fogo do inimigo, que se retirou para a distancia de huma legua do campo de batalha.

No entanto o exercito de Silezia atacou o Suberbio de Halle. Todos os seus ataques repetidos muitas vezes durante o dia, falháram sempre, elle tentou com todas as suas forças passar o Partha em Schonenfeldt, e S. Teela. Tres vezes obteve ganhar pé na margem esquerda, e tres vezes o Principe de Moskwa o repulsou, e derrotou á ponta da bayoneta. As 3 horas da tarde foi nossa a victoria, tanto nesta parte contra o exercito de Silezia, como do lado do Imperador contra o grande exercito de Bohemia. Porém neste instante o exercito de Saxonia, infanteria, cavallaria, e artilheria, e a cavallaria de Wittemberg se passou em corpo para o inimigo. O exercito Saxonio que ficou, constava somente do General em Chefe Zeschau, e 500 homens. Este acto de traiçaõ naõ somente causou hum vacuo nas nossas linhas, mas tambem entregou ao inimigo o importante desembocadouro confiado ao exercito Saxonio; que levou a sua infamia ao ponto de voltar instantaneamente as suas 40 peças contra a divisaõ Durut. Succedeo a isto hum momento de desordem; o inimigo passou o Partha, e marchou para Reidnitz, que occupou; e ficou agora na distancia de meia legua de Leipsic. O Imperador mandou as suas guardas de cavallo, commandadas pelo General Nansouty, com 20 peças d'artilheria, que tomassem de flanco as tropas que avancaram ao longo do Partha para atacar Leipsic. Elle marchou em pessoa com huma divisaõ das guardas para a aldea de Leidnitz. A promptidaõ destes movimentos restabeleceo a ordem. A aldea foi retomada, e o inimigo repulsado a grande distancia. O campo de batalha ficou inteiramente em nosso poder, e o exercito Francez ficou victorioso nos campos de Leipsic, assim como tinha ficado nos de Wachau. Ao anoitecer, o fogo da nossa artilheria tinha em todos os pontos repulsado o inimigo para huma legua de distancia do campo de batalha. Os generaes de divisaõ Vîal, e Rochambeau morreram gloriosamente. A nossa perda neste dia pode ser avaliada em 4,000 homens mortos ou feridos: a do inimigo deve ter sido extremamente consideravel. Elles naõ nos tomáram prisioneiros, e nós tomamos-lhe 500 homens.

As 6 horas da tarde o Imperador fez as suas disposiçoens,

e deo as ordens para o dia seguinte. Porem ás 7 horas, os generaes Sorbier, e Dulauloy, commandantes de artilheria do exercito, e das guardas, vieram ao seu bivouac, e o informaram de que a muniçaõ de reserva estava acabada, e restavam somente 16,000 ballas de peça: e que isto apenas seria bastante para huma canhonada de duas horas, depois do qne naõ restaria muniçaõ para os acontecimentos ulteriores; que o exercito tinha, em 5 dias, atirado mais de 220,000 balas, e que só se poderia obter mais suprimento em Magdeburg ou Erfurt. Este estado das cousas fez necessario hum prompto movimento, para hum destes dous grandes depositos. O Imperador se decidio para Erfurt, pela mesma razaõ que o induzio a vir a Leipsic, a fim de poder apreciar a desersaõ de Baviera.

O Imperador deo immediatamente ordens para que a bagagem, os parques, e a artilheria passassem os desfiladeiros de Lindenau: deo ordens similhantes á cavallaria, e aos differentes corpos do exercito, e foi entaõ ter ao Hotel Prussiano; nos suburbios de Leipsic, aonde chegou ás 9 horas da noite. Esta circumstancia obrigou o exercito Francez a renunciar os fructos de duas victorias, em que tinha com tanta gloria derrotado tropas mui superiores em numero, e os exercitos de todo o continente. Porem este movimento naõ deixava de ter difficuldades. De Leipsic até Lindenau ha hum desfiladeiro de duas leguas, com 5 ou 6 pontes no caminho. Propoz-se o postar 6,000 homens, e 60 peças d'artilheria em Leipsic, que he huma cidade murada; e occupar aquella cidade como cabeça-de desfiladeiro, e queimar os seus vastos suburbios, a fim de impedir que o inimigo effectuasse o alojar se ali, e dar pleno campo á nossa artilheria dos muros para jogar. Por mais odiosa que fosse a traiçaõ dos Saxonios, naõ se pode resolver o Imperador a destruir huma das mais bellas cidades da Alemanha; entregalla ás desordens de todo o genero, que saõ inseparaveis de tal modo de defensa; e isto debaixo dos olhos de hum Rey, que fora servido acompanhar o Imperador de Dresden, e que estava sensivelmente afflicto pelo comportamento de seu exercito. O Imperador quiz antes expsr-se a perder alguns centos de carros do qne adoptar esta barbara medida. Ao romper do dia, todos os parques, a bagagem, e toda a artilheria, a cavallaria, os guardas, e dous terços do exercito, tinham ja passado o desfiladeiro. O Duque de Tarentum, e Principe de Poniatowski, estavam encarregados de conservar os suburbios por tanto tempo, quanto bastasse para todo o exercito desembocar, e executarem entaõ, elles mesmos, a passagem do desfiladeiro ás 11 horas. As 6 horas da manham os Magistrados de Leipsic mandaram huma deputaçaõ

ao Principe Schwartzenberg, para lhe pedir, que naõ fizesse daquella cidade a scena de huma acçaõ, o que occasionaria a sua ruina. Ao 9 horas o Imperador montou a cavallo, entrou em Leipsic, e fez huma vizita a El Rey. Elle deixou a este Principe em plena liberdade de fazer o que lhe parecesse e de naõ deixar os seus dominios expostos áquelle espirito sedicioso, que se tinha fomentado entre os seus soldados. Tinha-se formado hum batalhaõ Saxonio, em Dresden, que se unio ás guardas novas. O Imperador mandou formallo em Leipsic, em frente do Palaclo do Rey, para lhe servir como guarda, e protegello contra os primeiros movimentos do inimigo. Meia hora depois o Imperador foi ter a Lindenau, para esperar ali a evacuaçaõ de Leipsic, e para ver que as ultimas tropas passassem as pontes, antes de se pôr em marcha. No entanto o inimigo foi brevemente informado de que a maior parte do exercito tinha evacuado Leipsic, e que somente restava ali huma forte retaguarda. Elle atacou portanto vivamente o Duque de Tarentum e o Principe Poniatowski; mas foi repetidas vezes repulsado; e no acto de defender os suburbios a nossa retaguarda effectuou a sua retirada. Porem os Saxonios, que tinham ficado na cidade, fizéram de cima dos muros fogo ás tropas, o que as obrigou a accelerar a sua retirada, e occasionou alguma desordem.

O Imperador tinha ordenado que os engenheiros fizessem minas por baixo da ponte entre Leipsic e Lindenau, a fim de a fazer voar no ultimo momento, e retardar assim a marcha do inimigo, e dar tempo a nossa bagagem para desfilar. O General Dulaulois tinha encarregado esta operaçaõ ao Coronel Montfort. Este coronel, em vez de permanecer no seu posto, para dar as ordens, e fazer o signal, ordenou a hum cabo de esquadra, e quatro sapadores que fizessem voar a ponte no instante em que o inimigo apparecesse. O cabo de esquadra, hum ignorante, comprehendendo mal a natureza do serviço de que fora encarregado, logo que ouvio o primeiro tiro, que se deo dos muros da cidade, lançou fogo ás minas, e fez voar a ponte. Parte do exercito estava ainda do outro lado com hum parque de 80 peças de artilheria, e alguns centos de carros; a guarda avançada desta parte do exercito, que se hia aproximando á ponte, vendo-a voar, concebeo que estava em poder do inimigo. Hum grito de susto se espalhou de fileira em fileira—"O inimigo esta cerrado com nosco na retaguarda, e as pontes estaõ cortadas."—Os infelizes soldados se dispersáram, e trabalharam por escapar-se do melhor modo que pudéram. O Duque de Tarentum cruzou o rio a nado: o Conde Lauriston menos feliz foi a fogado; o Principe Poniatowski

montou em hum cavallo fogoso, atirou com sigo á agua, e naõ foi mais visto. O Imperador naõ foi informado deste desastre, senaõ quando era ja demasiado tarde para o remediar. De facto, naõ era possivel remediar-se. O Coronel Montfort, e o cabo de esquadra dos sapadores foram entregues a hum conselho de guerra.

He impossivel ainda o averiguar as perdas occasionadas por este infeliz acontecimento, mas ellas se avaliam em 12,000 homens, e alguns centos de carros. A desordem occasionada no exercitou mudou a face das cousas. *O exercito Francez, posto que victorioso, chegou a Erfurt como chegaria hum exercito derrotado.* He impossivel descrever o pezar que sente o exercito pelo Principe Poniatowski, Conde Lauriston, e todos os valorosos homens que pereceram em consequencia deste fatal acontecimento. Nós naõ temos noticia do General Regnier, naõ se sabe se foi morto ou aprisionado. A profunda dor do Imperador se pode facilmente conceber, considerando, que elle ve, pela inattençaõ a suas sabias disposiçoens, que os resultados de tantas fadigas, e trabalhos, se tem desvanecido completamente.

Aos 19 o Imperador pernoitou em Markwanstaedt; o Duque de Reggio ficou em Lindenau. Aos 20, o Imperador passou o Saale em Weissenfels. Aos 21 o exercito passou o Unstret em Freyburg; o General Bertrand se postou nas alturas de Cosen. Aos 22 o Imperador pernoitou na aldea de Ollendorf. Aos 23 chegou a Erfurth. O inimigo, que se tinha enchido de consternaçaõ pelas batalhas de 16, e de 18: pelos desastres de 19 se encheo de coragem, com a ascendencia da victoria. O exercito Francez, depois de taõ brilhantes successos, perdeo a sua postura victoriosa. Achamos em Erfurt mantimentos, muniçoens, vestuario, e tudo que o exercito precisava. O Estado maior publicará as participaçoens dos differentes chefes do exercito, pelo que respeita os officiaes, que se distinguiram nas grandes batalhas de Wachau e Leipsic.

Milaõ, 19 *de Outubro.*

A falla feita no Senado do Imperio, pela Imperatriz Raynha e Regente, he bem digna de ser considerada por todos os Italianos. S. M. entre outras, repetio estas memoraveis palavras:—

" Eu conheço melhor que ninguem o que o nosso povo tera para temer se algum dia elle se deixa conquistar.

"Italianos! he á nos, he principalmente á nos a quem pertence o reflectir sobre estas palavras, que evidentemento

sahiram do coraçaõ da Imperatriz. Ella passou a sua primeira moçidade no meio daquelles mesmos individuos, que tem presentemente empenhado seu Pay em fazer-nos guerra. Ella disse que conhecia melhor que ninguem os sentimentos com que elles estaõ animados, e a sorte que nos fariaõ soffrer se chegassem a conquistar-nos.

"Italianos! se os sentimentos com que os nossos inimigos estaõ animados deviaõ excitar a coragem e a resistencia dos Francezes, quanto mais deviam elles inflammar o nosso patriotismo, e valor? Os Francezes nunca foram vassallos de nossos inimigos. Estes naõ tem coiza alguma que exprobar aos Francezes senaõ o serem mais fortes, e mais bem commandados. Porem nós que temos mudado de Soberanos, e que estamos ligados ao nosso Rey por tantos laços de gratidaõ, e de amor; nos que temos posto nossa gloria, e ambiçaõ em servillo, formemos, se he possivel, huma idea do resentimento, e particular vingança de que bem depressa seremos o objecto, e as victimas.

"Ninguem duvida que os esforços de nossos inimigos haõ de tornar-se em vergonha sua, e que haõ de cahir diante do genio, e poder do Imperador. Os dias de Lutzen, e Dresden, deviaõ convencellos do absurdo de suas esperanças, e provar-lhes que o Imperador he agora mais forte e mais grande que nunca.

"Supponhamos que o inimigo havia por hum momento penetrar até nos; elle naõ havia, ao principio, faltar a fallar-nos em hum estilo paternal, e prometter-nos de se esquecer do passado. Porem quem de entre-nos se deixaria enganar com suas artificiosas promessas? Nos o conhecemos. Nos naõ temos ainda esquecido o dia 13 de Messidor, que precedeu o immortal dia de Marengo. Podemos nos crer que o Imperador havia de perdoar jamais aos funccionarios de todas as classes, aos generaes, officiaes, aos soldados, que o tem taõ ameudadas vezes conquistado? Haveria elle de perdoar aos Lombardos seu primeiro enthusiasmo, e a fidelidade de que elles tem dado tantas provas? Haveria elle de perdoar aos Batonais, aos Bricians—os sentimentos de admiraçaõ, e zelo com que elles tem sido constantemente animados para com o Imperador? Haveria elle de perdoar aos Venezianos a profunda pena que lhes causou o tractado de Campio Formio, e a alegria que mostraram ao ouvir do tractado de Presbourg? Haveria de perdoar aos Modenezes os serviços de todas as sortes que elles tem feito ao Soberano nas administraçoens, e nos exercitos. Aos Tirolezes os sentimentos de fidelidade que elles tem provado depois do ultimo tratado de Vienna? Aos Professores de nossas Universidades, e nossos Liceos, os preceitos, os exemplos de

patriotismo que elles tem dado á nossa mocidade ? Ah ? perguntai, perguntaio a S. M. a Imperatriz ; ella se dignara informarvos que aquelles se enganam estravagantemente asi mesmos em julgar que podem obter por meio de covardia, o abandonarem seus primuros deveres.

" Italianos ! todos nós conhecemos os nossos deveres, e naõ podemos demaziadamente repetir que os nossos mais importantes interesses nos mandam preenchellos."

Cassel, 20 de Outubro.

Intelligencia vinda de Hanover de 17, tras que se goza alli a maior tranquillidade ; espera se alli hum numeroso corpo de tropas Francesas.

Huma numerosa divisaõ de tropas debaixo do commando do General Alix, está para sahir immediatamente, e avançar.

Paris, 4 de Novembro.

S. M. a Imperatriz Raynha e Regente recebeo as seguintes noticias a respeito da situaçaõ dos exercitos em 31 de Outubro ;

Os dous regimentos de courasseiros do Rey de Saxonia, que formavam parte do primeiro corpo de cavallaria tinham ficado com o exercito Francez. Depois que o Imperador deixou Leipsig, mandou ao Duque de Vicenza, que lhes escrevesse a carta annexa e mandou-lhes que retrocedessem para Leipsig para servirem de guarda ao Rey. Quando nos ja eramos sabedores da rebeliaõ da Baviera, hum batalhaõ Bavaro estava ainda com o exercito : S. M. mandou que a seguinte carta fosse escripta, pelo Major-general, ao commandante daquelle batalhaõ. " O Imperador deixou Erfurth no dia 25." O nosso exercito fez tranquillamente a sua marcha para o Main. " No dia 29 chegou a Gilnhausen : hum corpo do inimigos de 5 á 6,000 homens de cavallaria, infanteria, e artilheria, o qual nós sabiamos por prisioneiros que era a guarda avançada do exercito Austriaco, e Bavaro : appareceo. Esta guarda avançada foi repellida e obrigada a retirar-se. Nos em continente restabelecemos a ponte que o inimigo tinha destruido. Logo soubemos de prisioneiros que o exercito Austriaco, e Bavaro que se dizia ser de 60 a 70,000 homens robustos, vindos de Branau, tinham chegado á Hanau, e pretendiam estorvar a passagem ao exercito Francez.

No dia 29 pela tarde os atiradores da guarda avançada do inimigo foram repellidos para alem da aldea de Langeuse-

bolde, e ás 7 da tarde o Imperador, e seu quartel general estavam no Castello de Jesemburg, naquella aldea.

No dia seguinte 30, ás 9 horas da manham, o Imperador montou a cavallo. O Duque de Tarento marchou a diante com 5,000 attiradores, debaixo das ordens do General Charpentier, a cavallaria do General Sebastiani, a divisaõ da guarda commandada pelo General Friant, e a cavallaria da antiga guarda os seguiam ; o resto do exercito marchava na retaguarda.

O inimigo tinha postado seis batalhoens na villa de Ruckengem, em ordem a cortar todas as estradas que vaõ ao Rheno. Algumas descargas de metralha, e hum ataque de cavallaria fizeram retirar estes batalhoens precipitadamente. Os attiradores assim que chegaram ao principio de hum bosque, duas legoas distante de Hanau, naõ demoráram mais o travarem-se. O inimigo foi repellido até aquelle ponto do bosque aonde se juntam as estradas, nova, e velha.

Naõ tendo que oppôr á superioridade da nossa infanteria, fez esforços por se approveitar de seu grande numero, e extendeo o fogo para a sua direita.

A brigada de 2,000 attiradores do 2. corpo, commandado pelo General Dubreton, estava empenhada em sacudillos, e e o General Sebastiani fez que varias cargas bem succedidas fossem executadas sobre os attiradores do inimigo nas partes abertas do bosque.

Por este modo os nossos 5,000 attiradores reprimiram todo o exercito inimigo, ganhando insensivelmente tempo até as 3 da tarde.

Logo que chegou a artilheria, o Imperador mandou ao General Curial que marchasse á passo de carga, sobre o inimigo, com dous batalhoens de caçadores das guardas antigas, e que o repellisse até além da desembocadura: ao General Drouet que sahisse immediatamente com 50 peças de canhaõ, e ao General Nansouty, com todo o corpo do General Sebastiani, e com a cavallaria das guardas antigas atacasse vigorosamente o inimigo na planicie.

Todas aquellas disposiçoens foram exactamente executadas. O General Curial destruio diversos batalhoens do inimigo. Os Austriacos, e os Bavaros ficaram atterrados so com o aspecto das guardas antigas. De 15 até 58 peças de canhaõ, foram successivamente collocadas com aquella actividade, intrepidez e sangue frio que distingue o General Drouet.

O General Nansouty marchou na direita destas bateiras, e mandou que hum corpo de 10,000 homens de cavallaria inimiga fosse atacado pelo General Leveque, major da guarda antiga, pela divisaõ de couraceiros de St. Germain,

e successivamente pelos granadeiros, e dragoens da cavallaria da guarda. Todos estes ataques tiveram o mais feliz resultado ; a cavallaria inimiga foi destruida, e acutilada ; diversos quadrados de infantaria foram penetrados ; o regimento Austriaco, Sordes, e os Hulanos do Principe Schwartzenberg foram inteiramente destruidos.

O inimigo abandonou precipitadamente a estrada de Francfort que tinha tapado, e todo o terreno que occupava com sua esquerda : pôz-se em retirada, e pouco depois em completa derrota. Eram cinco da tarde, fez o inimigo hum esforço na sua direita, para desempenhar a esquerda, e dar á esta tempo para se reformar. O General Friant mandou dous batalhoens da guarda antiga para huma casa de quinta situada sobre a estrada velha de Hanau.

Foi logo o inimigo lançado fora de sua vantajosa posiçaõ, sua direita obrigada a recuar, pôs-se em retirada, e repassou em desordem o ribeiro de Kentzig. A victoria foi completa. O inimigo que pretendia fechar todo o paiz, foi obrigado a evacuar a estrada de Frankfort e de Hanau. Fizémos 6000 prizioneiros, e tomamos diversas bandeiras, e varias peças de canhaõ. A perda do inimigo andou por 10,000 homens entre mortos, feridos, e prizioneiros. A nossa apenas anda de 4 á 500 mortos ou feridos. Nos tivemos empenhados taõ somente 5000 attiradores, 4 batalhoens da guarda antiga, e perto de 80 esquadroens de cavallaria, e 120 peças de canhaõ.

O inimigo, ao romper da manham do dia 30, retirou-se na direcçaõ de Aschaffenburg.

O Imperador continuou a sua marcha, e ás 3 da tarde S. M. estava em Frankfort.

As bandeiras tomadas nesta batalha, assim como as que se tomaram nas batalhas de Wachau, e Leipsig, foram inviadas para Paris.

Os courasseiros, os granadeiros a cavallo, e os dragoens fizeram cargas brilhantes. Dous esquadroens do 5. regimento das guardas de honra, commandados pelo Major Salucas, distinguiram-se particularmente, e daõ razaõ para presumir o que se pode esperar deste corpo para a seguinte primavera, quando elles estiverem perfeitamente organizados e disciplinados.

O General da artilheira do exercito, Nourrit, e o General Devaux, major da artilheria da guarda, mereceram ser distinguidos. O General Letort, major de dragoens nas guardas, ainda que ferido na batalha de Wachau, queria atacar á frente do seu regimento, e teve o cavallo morto.

No dia 31 de tarde, o grande quartel-general estava em Frankfort ; o Duque de Treviso, com duas divisoens das

guardas novas, e o primeiro corpo de cavallaria estava em Gilnhawen: o Duque de Reggio tinha chegado a Frankfort; o Conde Bertrand, e o Duque de Ragusa estavam em Hanau; o General Sebastiani junto ao Nidda.

CARTA

Do Duque de Vicenza ao Capitaõ Commandante dos dous regimentos de courasseiros Saxonios, empregados no corpo de cavallaria do Conde Latour Maubourg.

Macraustoede, 19 *de Outubro.*

Senhor Commandante,

Appresso-me a informar-vos de que o Imperador auctorisa os dous regimentos de Courasseiros Saxonios da guarda, e de Zeschwitz, que estaõ servindo em seus exercitos, para irem para Leipsig: S. M. pensa que será agradavel ao vosso bom Rey o ter estas tropas da sua guarda junto á sua pessoa, nas presentes circunstancias. O General Latour Maubourg, que está informado desta disposiçaõ, vos dará todas as facilidades necessarias, de sorte que a volta destas tropas naõ encontrará difficuldade alguma.

Tenho a honra de ser, &c. &c. &c.

(Assignado) Caulaincourt, Duque de Vicenza.

CARTA

Do Major-general ao Tenente-coronel commandante das tropas Bavaras.

Erfurth, 24 *de Outubro.*

O Rey vosso amo esquecendo-se do que o Imperador tem feito em seu favor, declarou guerra contra a França. Em circumstancias taes as tropas Bavaras que se acham com o exercito deveriam ser desarmadas, e feitos prisioneiros de guerra: porem isto seria contrario á confiança que as tropas debaixo das suas ordens deveriam ter nelle. Portanto, senhor, a intençaõ de S. M. he que vós ajuncteis o vosso batalhaõ: ser-vos haõ dados almazens, provisoens para quatro dias, e marchareis daqui para fora, indo por Cobourg, á Bamberg, aonde recebereis as ordens do ministro de S. M. o Rey de

Baviera. Taõ bem seria igualmente contrario aos sentimentos de honra, e lealdade, que vos houvesseis de pegar em armas contra a França ; e por consequencia o desejo do Imperador, he que vós, e os vossos officiaes dem sua palavra de honra de nem vos, nem os vossos soldados servirem contra a França antes de passar hum anno.

(Assignado) ALEXANDRE.
O Principe Vice Condestavel.

Wurtzbourg, 23 de Outubro.—Aqui se publicou o seguinte :—

Quartel-general de Wurtzbourg, 23 de Outubro, de 1813.

Art. 1. A cidade de Wurtzbourg esta declarada em estado de cerco.

2. Todas as Authoridades nomeadas por S. A. Serenissima o Archiduque, Gram Duque de Wurtzbourg, continuaraõ no exercicio de seus empregos.

3. Toda a correspondencia, e communicaçaõ com o inimigo, he prohibida, debaixo das penas estabelecidas no Codigo Militar Francez. As pessoas culpadas deste crime seraõ julgadas por huma commissaõ militar.

4. Toda a offença, provocaçaõ, ou acçaõ, de hum habitante contra hum militar, sera julgada segundo as mesmas leys, e pelo mesmo tribunal.

5. Todo o estrangeiro nascido em paiz que esteja em guerra com S. M. o Imperador dos Francezes, e S. A. S. o Archiduque, Gram Duque de Wurtzbourg, deve sahir hoje da cidade ; e do Gram Ducado, dentro de 3 dias excepto se estiver á 6 mezes em Wurtzbourg, e poder provar satisfactoriamente de que vive. Os que infringirem as disposiçoens deste artigo, seraõ julgados reos, e tractados como taes.

6. Todos aquelles que naõ poderem provar como vivem, seraõ obrigados a sahir da cidade até o dia 23, ao mais tardar.

O General de Divisaõ, &c. &c. e Commandante-em-Chefe da Cidadela de Wurtzbourg.
TURREAU.

Paris, 9 de Novembro.

A Imperatriz recebeo a seguinte noticia relativa á situaçaõ do exercito aos 7 do corrente :—

O Duque de Tarentum estava em Cologne, aonde organizava hum exercito para a defensa do Baixo Rheno. O Duque de Ragusa estava em Mentz. O Duque de Belluno estava em Strasburgo. O Duque de Valmy tinha ido para Mayence, para tomar o commando de todas as reservas.

O Conde Bertrand com o 4. corpo, composto de 4 divisoens occupava a margem direita em frente de Cassel. O seu quartel-general estava em Hocheim. No espaço de 4 dias se preparou hum campo entrincheirado, nos outeiros a huma legua de distancia na avançada de Cassel. Tinham-se traçado varias obras, que estavam ja mui adiantadas. Todo o resto do exercito tinha passado o Rheno.

Aos 7 tinha o Imperador assignado a reorganizaçaõ do exercito, e tinha nomeado gente para todos os lugares vagos.

A guarda avançada commandada pelo Conde Bertrand, ainda naõ tinha visto nenhuma infanteria do inimigo ; mas somente algumas tropas de cavallaria ligeira.

Todas as praças fortes do Rheno se estavam armando, e munindo de mantimentos com a maior actividade.

As guardas nacionaes novamente levantadas, se îam dirigindo em todas as direcçoens para guarnecer as fortalezas, deixando assim o exercito em livre disposiçaõ.

O General Dulauloy estava examinando as 200 bocas de fogo das guardas. O General Sorbier estava empregado em examinar cem baterias de cavallo e de pé, e em reparar a pérda de cavallos, que a artilheria tinha soffrido. Pensava-se que S. M. naõ demoraria a sua partida para Paris.

Paris, 10 de Novembro.

O Imperador chegou hontem a S. Cloud, ás 5 horas da tarde. S. M. sahio de Mayence á huma hora da madrugada do dia 8.

DECRETO IMPERIAL.

Napoleaõ, por graça de Deos, e pela Constituiçaõ, Imperador da França, Rey de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ Suissa, &c. &c.

A todos aquelles que as presentes letras virem, saude.
Nos temos decretado, e decretamos o seguinte :—

O Corpo Legislativo he convocado para o dia 2 de Dezembro proximo.

Nos mandamos, e ordenamos que o presente seja inserido no buletim das leys.

Dado em nosso quartel-general Imperial de Gotha, aos 25 de Outubro, de 1813.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador.——Visto por nos,
O Ministro Secretario de Estado, Conde DARU.
Vice-grande Eleitor, CHAS. MAURICIO.

No dia 14 de Novembro recebeo o Imperador, sentado no seu *usurpado* throno, o Senado ; e o Conde de Lacepede, Presidente fez o seguinte discurso :—

" SIRE,

" Os pensamentos do Senado tem constantemente acompanhado a V. M. no meio dos memoraveis acontecimentos desta campanha, e *elle tremeo á vista dos perigos aque V. M. esteve exposto.*

" Os esforços dos inimigos da França tem debalde sido anxiliados pela deserçaõ de nossos alliados, por traiçoens de que naõ ha exemplo, por acontecimentos extraordinarios, e por hum fatal accidente.—V. M. superou tudo.—Vos tendes combatido *por amor da paz.*

" Antes de as hostilidades recomeçarem V. M. propos o ajuntamento de hum Congresso, ao qual todas as Potencias, ainda as mais insignificantes fossem convocadas, a fim de reconciliar todas as differenças e lançar as bases de huma paz honrosa para todas as Naçoens. Vossos inimigos, Sire, opposeraõ-se á convocaçaõ de hum tal congresso: Sobre elles pois recahe toda a culpa da guerra.—V. M. que conhece melhor que ninguem *as precisoens, e os sentimentos de vossos vassallos, sabe que nos dezejamos a paz.* Com tudo, todas as naçoens do Continente tem della mais precisaõ ainda do que nos; e se, a pezar do dezejo, e interesse de 50 milhoens de almas, nossos inimigos, recuzando tratar, quizessem por meio de condiçoens duras prescrever-nos huma sorte de capitulaçaõ, suas esperanças fallazes seriaõ baldadas. Os Francezes mostraraõ por sua devoçaõ, e por seos sacrificios,

que nenhuma Naçaõ jamais conheceo melhor seos deveres para com o seu pais, sua honra, e seu soberano."

S. M. Respondeo.

" Senadores,

" Eu aceito os sentimentos que vos me expressaes. Ha somente hum anno, que a Europa toda era a nosso favor: agora toda a Europa está em marcha contra nós. Isto quer dizer, que a opiniaõ do mundo he formada pela França, ou pela Inglaterra. Por tanto nos teriamos tudo a recear, sem a energia, e o poder da Naçaõ.

" A posteridade dirá que se grandes, e criticas circunstancias sobrevieraõ, ellas naõ forao superiores aõ poder da França, e a mim."

Por decreto de 11 de Novembro de 1813, ordenou *o grande homem* hum novo imposto sobre as portas, janellas, e patentes, que deve ser contado desde o principio de 1813, e recebido aos terços nos mezes de Novembro, e Dezembro de 1813, e em Janeiro de 1814. Este tributo he de 30 *centimes* addicionaes sobre o que ja pagavaõ—a dobro do contribuiçaõ pessoal, e da parte da contribuiçaõ sobre a propriedade, que se costuma cobrar por classes. Hum novo tributo sobre o sal de dois novos decimos, e dez *centimes;* e outro tanto sobre direito chamado de *Octroi.*

No dia 19 houve hum Conselho de Estado em St. Cloud; Bonaparte em consequencia do que nelle se deliberou, decretou a formaçaõ de dois exercitos de 100,000 homens cada hum, dos quaes deve ser formado em Turin, e outro em Bourdeaux.

DECRETO

Concernente á leva de mais 300,000 homens em todo o Imperio Francez.

Considerando que o inimigo tem invadido as fronteiras do Imperio pelo lado dos Pyreneos, e pelo Norte; e que as do Rhin, e as que estaõ por detras dos Alpes se achaõ ameaçadas: nos decretamos o seguinte.

Artigo 1. Trezentos mil conscriptos tirados das classes dos annos 11—12—13—14—1816, e 1817, e annos seguintes, e comprehendendo o anno de 1814, ficaõ postos á disposiçaõ do Ministro da guerra.

2. Cento, e cincoenta mil homens seraõ recrutados sem demora, para serem immediatamente postos em actividade.

Cento, e cincoenta mil restantes, ficaraõ em reserva para serem recrutados somente no caso de que a fronteira oriental seja invadida. Os conscriptos que se recrutarem nos 24 departamentos, e que segundo o *Senatus-Consultum* de 24 de Agosto de 1813, tem sido fornecidos para o exercito de Hespanha, teraõ o mesmo destino.

3. Formar-se-haõ exercitos de reserva, que seraõ postados em Bordeaux, Metz, Turin, e Utrecht, e n'outros pontos onde forem necessarios para garantir a inviolabilidade do territorio do Imperio. Os conscriptos que se tiverem cazado previamente á publicaçaõ do presente *Senatus-Consultum*, seraõ dispensados de assistir á formaçaõ do contingente.

4. O presente *Senatus-Consultum* será transmittido a S. M. o Imperador, e Rey.

Naõ podemos dar neste No. aos nossos leitores o discurso que recitou Mr. Regnaud de St. Jean d'Angely perante o Senado para o mover a expedir o decreto que fica transcrito. Observaremos somente que o Orador he, sem o conhecer, extremamente severo para com seu amo, quando diz—que os Alliados enganaraõ Bonaparte com huma pertendida negociaçaõ, entretanto que se estavaõ preparando para os acontecimentos de que a Europa acaba de ser testemunha—que elles contáraõ com a deserçaõ dos alliados da França; e que esta deserçaõ fora obra de Inglaterra, da Russia, da Prussia, e da Suecia.......Poisque! assim se deixa enganar o *omnipotente* Corso! assim se deixar illudir *o grande homem, que tudo previa; que estava sempre preparado para todos os acontecimentos, e que nada deixava ao puro acazo!* A que ponto de prostituiçaõ naõ tem chegado em França a eloquencia evangelica, e profana!

Por este decreto mandaõ-se estabelecer exercitos de reserva em Bordeaux, Turin, e Utrecht. O Grande Lord, mais previdente que *o omniprevidente* Napoleaõ, previnira a formaçaõ do exercito de reserva em Bor-

deaux. Os Piemonteses, que esperaõ pelo primeiro momento favoravel, (que está proximo) para quebrar seos ferros, obstaraõ sem duvida, a formaçaõ de hum exercito de reserva em Turin. Quanto ao que se devia formar em Utrecht—o *omniprevidente* naõ previo, que a Hollanda se havia de levantar contra o tyranno, que a opprimia, no dia antecedente áquelle em que o infame Senado Conservador do despotismo de Bonaparte lavrou o decreto que deixamos transcrito! Assim todo o mundo prevê.

Na mesma Sessaõ do dia 12 de Novembro propoz o Conde Molle dois *projectos de Senatus-Consulta.* Primeiro: que o Senado despense na Lei fundamental, que ordena, que a quarta parte dos membros do Corpo Legislativo seja annualmente renovada, propondo que todos os membros actuaes continuem a exercer as suas funcçoens, durante toda a Sessaõ que se vai abrir a 2 de Dezembro.—Segundo: que em vez de o Imperador escolher para Presidente do Corpo Legislativo hum entre os cinco Candidatos propostos, segundo a Lei, pelo mesmo Corpo Legislativo, elle possa escolher entre este Corpo quem mais lhe agradar! Estes dois projectos foraõ adoptados, como era de esperar. Eis aqui duas leis fundamentaes calcados aos pez pelo Senado Conservador das leis! Ora que esperaõ os francezes de tal Imperador, e de tal Senado? Todos os Povos d'Alemanha receberaõ com a mais viva alegria os seos antigos Governos, e Leis: a Hollanda proclamou a sua antiga constituiçaõ, e muito voluntariamente chamou para presidir aos seos destinos Seu antigo Principe—Portugal proclamou o seu adorado Soberano, e a Sua antiga ordem de Coizas—Hespanha, apezar do partido *liberal, philosophico,* ou *jacobinico,* que ainda influe, só quer o seu legitimo Monarca; e a maior parte da Naçaõ naõ quer a mudança total que se tem feito: suspira porque se façaõ as reformas necessarias; mas detesta innovaçoens á Franceza. Se a Europa, depois de 23 annos de experiencia, corre toda a estabelecer de novo os seos antigos Governos; e se apressa a chamar aquelles Principes, que a detestavel revoluçaõ Franceza destronou; que resta á França para se tirar da escravidaõ em que geme, senaõ chamar a Familia dos Bur-

boens, unica, que tem direito ao trono da França, e que pelo espaço de mais de 1,300 annos fez a felicidade dos Francezes?

NORTE DE ALEMANHA.

BULETINS DO PRINCIPE DE COROA DE SUECIA.

No. XXII.

Quartel General de Leipsic, 20 de Outubro de 1813.

O grande exercito de Bohemia, os exercitos unidos do Norte de Alemanha, de Silesia, o que está debaixo do commando do General Bennigsen, marcharaõ todos para Leipsic onde Napoleaõ tinha concentrado todas as suas forças. Depois das memoraveis batalhas do dia 16, e 18 de Outubro, a cidade de Leipsic foi tomada por assalto no dia 19 á huma hora depois do meio dia. Os Imperadores de Austria, e Russia, o Rey de Prussia, e o Principe da Coroa se encontraraõ a hum mesmo tempo na cidade. Dar-se ha, sem demora huma conta mais circunstanciada deste guerreiro successo.

O Imperador Napoleaõ esta em plena retirada com os restos do seu exercito o qual segundo todas as noticias naõ excede de 75 ou 80,000 homens: elle he vigorosamente perseguido. A fé que havia na sua invencibilidade esta destruida. As tropas Alemaens, e Polacas desemparaõ em grande numero as suas bandeiras—A liberdade de Alemanha, e a independencia da Europa foraõ ganhadas em Leipsic. A perda do exercito Francez excede a 60,000 homens, 15 Generaes prisioneiros, entre os quaes se achaõ os chefes de corpos inteiros de exercito, Regnier, e Lauriston; mais de 15,000 prisioneiros, 250 peças de artilheria, 900 carros de muniçoens, e grande numero d'aguias e d'estandartes; taes saõ os resultados deste dia glorioso. O inimigo deixou 23,000 doentes e feridos nesta praça.

No. XXIII.

Quartel General de Leipsic, 21 *de Outubro de* 1813.

Os movimentos, e marchas do exercito combinado, que precederaõ os grandes resultados que se acabaõ de obter, tem necessariamente suspendido a publicaçaõ das operaçoens, em ordem a apresentar a hum mesmo tempo os planos, e suas consequencias.

O Imperador Napoleaõ sahio do Dresda a 5 de Outubro, e marchou em duas colunnas para Meissen, tomando huma a esquerda, e a outra a margem direita do Elbo. Chegado a a Wurtzen, mandou fazer alto as suas tropas. Este movimento, que deveria ter sido feito quatro dias antes, foi fatal ao exercito Francez, e destruio em duas batalhas o encantamento da invencibilidade de Napoleaõ. Os exercitos de Silesia, e do Norte de Alemanha estavaõ na margem esquerda do Elbo. De facto elles naõ tinhaõ nem hum posto, nem huma praça forte em qualquer das margens; mas forte em sua uniaõ, e no valor de seos soldados, elles tomaraõ a resoluçaõ de naõ repassar o rio sem dar, ou receber huma batalha.

O Principe Real, e o General Blucher dezejando tirar-se promptamente de sua situaçaõ precaria, uniraõ-se com o Principe Guilherme de Prussia no dia 7 de Outubro em Muhlbeck nas margens do Mulda. Tomaraõ a resoluçaõ de marchar contra Leipsic. O Imperador Napoleaõ desejando antecipa-los, formou o designio de atacar o exercito da Silesia, marchou contra elle com a tençaõ de romper sua linha, e prevenir, que elle tornasse a ganhar a ponte construida en Wartenburg. Este movimento foi previsto; e o exercito de Silesia possau da margem direita, para a esquerda do Mulda. Em a noite de 10, e 11 os dois exercitos deixaraõ suas posiçoens de Zorbig, Gessnitz, e Radegast, a fim de se postarem por de tras do Saale: o exercito de Silesia marchou para Halle, e o da Norte de Alemanha para Rottenburg e Bernburg. O Imperador Napoleaõ, espantado com esta marcha suspendeo seu movimento para o Elbo, e depois tomou a resoluçaõ de o continuar. Apoderou-se das obras, e da ponte de Roslau, destacou dois corpos do seu exercito para Wittenberg, e ordenou que o General Thumen, que commandava o bloqueio da fortaleza, fosse atacado. Aquelle General, depois de huma valorosa defensa, retrocedeo para

se unir ao corpo do General Tauentzien, o qual segundo as suas instrucçoens, fez hum movimento retrogrado, para cobrir Berlin. O inimigo moveo-se para Accken com o intento de destruir a ponte. As tropas postadas na margem direita defenderaõ os aproches das baterias apenas concluidas; mas por fim foraõ obrigadas a retirar-se para a margem direita do rio, e tiraraõ alguns botes que compunhaõ a ponte Ellas naõ soffreraõ perda alguma; a que tiveraõ nas acçoens precedentes na vizinhança do Dessau, Cosurg, e Wittenberg naõ excede a 400 homens.

Tendo-se recebido informaçoens de todas as partes, que o Imperador Napoleaõ tinha junto huma consideravel força entre Duben, e Wittenburg, a fim de romper por aquella cidade para Magdeburgh, e desembaraçar-se da sua perigoza posiçaõ; o exercito do Norte de Alemanha repassou o Saale no dia 13, e marchou para Cothen com o intento de seguir o movimento do exercito do Imperador, e de o atacar em qualquer parte que o encontrasse. Tinha-se recebido noticia de que o 4, e 7 corpo do 2. corpo de Cavallaria estavaõ na margen direita do Elbo, a 11 em Wittenberg, a 13 em Dessau e as guardas velhas, e novas em Duben. O Duque de Ragusa estava en Delitzch. O inimigo naquella mesma tarde atacou a cidade de Acken. A divizaõ do Principe de Hesse Homburg marchou naquelle direcçaõ; mas o General Hirschfeld tinha ja conseguido repellir aquella parte do 3 corpo Francez, que tinha feito o ataque.

A ponte de Acken estava ja restabelecida, e feitas todas as preparaçoens para passar o Elbo á viva força, quando chegou noticia de que o Imperador Napoleaõ tinha mandado retrogradar diversos corpos do seu exercito, e ajuntado as suas tropas entre Duben, e Wurtzem. A prezença, todavia, de dois corpos entre Dessau, Wittenberg, e Duben, excitaraõ a suspeita de que elle ententava dar hum grande golpe, depois de ter mudado seos planos. Sendo porem continuamente vigiado, todos os seos movimentos eraõ sabidos, e segundo elles foraõ regulados os do exercito do Norte de Alemanha. Este exercito marchou a 15 para Halle. O Imperador concebendo que este movimento era para repassar o Saale, concentrou seu exercito na vizinhança de Leipsic. O grande exercito da Bohemia commandado em chefe pelo Principe Schwartzenberg, approximou-se ao mesmo tempo áquella Cidade, e a situaçaõ do exercito Francez se tornava de momento a momento cada vez peior. A 16 de Outubro o exercito do Norte de Alemanba em vez de marchar para o Saale, moveo-se para a esquerda, e dirigio sua marcha para Landsberg. O General Blucher, que tinha ja marchado para Schkenditz, moveo-se para Fregoda e Radefeld, aonde,

no mesmo dia atacou o inimigo, e o forçou, depois de hum obstinado combate a retroceder para detraz do Partha. Neste ataque tomou 2,000 prisioneiros, huma aguia, e 30 peças de canhaõ.

Todas as noticias annunciavaõ que o Imperador Napoleaõ atacaria no dia seguinte o exercito da Silesia com a maior parte das suas forças unidas. O exercito do Norte de Alemanha pos-se em marcha a 17, pelas duas horas da manhaã, da sua posiçaõ em Landsberg, e no espaço de quasi huma hora chegou ás álturas de Breitenfeld, aonde se acampou. O dia estava sereno. Na manhã seguinte o Principe Guilherme de Prussia, e o General Blucher se ajuntaraõ ao Principe Real. S. A. R. estava informado de que o exercito da Bohemia havia de atacar naquelle dia o inimigo, e resolveo-se a tomar huma parte vigorosa no ataque. Elle ajustou com o General Blucher que o exercito do Norte marcharia para Taucha para formar juncçaõ pela sua ala esquerda com o exercito do General Bennigsen, e que o Corpo do General Conde Langeron obraria durante aquelle dia, debaixo das ordens de S. A. R. Poucos momentos depois ouvio-se huma canhonada na direcçaõ do exercito da Bohemia, e as tropas marcharaõ em ordem a passar o Partha. O Corpo do General Bullow, e a Cavallaria do General Winzingerode, que formavaõ a extremidade esquerda, marcharaõ para Taucha. O exercito Russo, cuja guarda avançada era commandada pelo Tenente General Conde Woronzoff, vadeou a corrente junto a Grasdorff. O exercito Sueco passou entre aquelle lugar, e Plaussig. Ja na tarde precedente o General Winzingerode tinha mandado occupar Taucha, e tomou naquella lugar tres officiaes, e 400 homens. O inimigo conhecendo toda a importancia daquelle ponto, tinha desalojado os Cossacos e occupado a aldea com força consideravel. O General Baraõ Pahlen, valorosamente apoiado pelo Coronel Arnoldo da artilheria montada, o qual tinha perdido huma perna nesta occasiaõ, fez hum ataque brilhante, tomou a aldea, cercou dois batalhoens Saxonios, que alli estavaõ, e os fez prisioneiros. A cavallaria avançou entaõ, e fez huma juncçaõ com a guarda avançada do General Neipperg, que formava parte de huma divizaõ Austriaca, commandada pelo General Conde de Bubria pertencente ao exercito do General Bennigsen. O Hettman Platoff chegou ao mesmo tempo com os seos Cossacos; e poucos momentos depois, S. A. R. a Gram-Duque Constantino.

O inimigo, que tinha abandonado a aldea de Paunsdorff, atacou-a vigorosamente segunda vez com infanteria, e differentes baterias. O Corpo do General Bulow que chegou nesse momento, teve ordem de atacar aquella aldea; ella foi

tomada com grande valor. O inimigo começou huma viva canhonada. Diversas baterias Russas, e Prussianas lhe responderaõ, e fizeraõ calar o fogo inimigo, cobrindo-se de de gloria. A cavallaria Russa tendo á sua frente os Generaes O'Rourke, Manteuffle, Pahlen, Beckendorf, e Chostak, permaneceraõ por muitas horas expostos ao fogo de 100 peças de artilharia, com o mais resoluto desprezo da morte, que a temorizava o inimigo. Perto das tres horas o inimigo começou a fazer dezembocar suas massas das aldeas de Settershausen, e Volkmersdorff. O Principe Real ordenou á Cavallaria Russa que atacasse. O movimento do inimigo foi reprimido, e elle perdeo 4 peças de artilheria, e voltou para as aldeas. Poucos movimentos depois o General Manteuffle foi ferido com huma balla de artilheria, de que morreo. A morte deste perfeito official tem sido universalmente sentida.

Nossas colunnas estavaõ-se movendo para Leipsic, quando se viraõ fortes corpos do inimigo desembocando por entre Moska, e Englesdorff, ameaçando *voltear* nossa esquerda. O General Blücher, que por acazo estava diante da aldea, ordenou ás suas tropas, que fizessem hum movimento em frente, o qual foi executado pelo General Conde Neipperg, e o inimigo estava assim posto na presença da sua divizaõ. Hum official Saxonio de artilheria tinha ja passado para nós com 10 peças de canhaõ. As tropas colocadas naquelle ponto naõ pareciaõ ser sufficientemente numerozas; foi necessario reforça-las. O Principe de Hesse Hambourg teve ordem de marchar para alli; e elle executou este movimento com a precizaõ, e regularidade de huma parada. O General Bulow carregou, e apoderou-se das aldeas de Stuntz, e Selershausen, que estavaõ fortemente occupadas, e protegidas com artilheria. A resistencia foi obstinada: as tropas Prussianas mantiveraõ-se alli durante a noite, a despeito dos repetidos esforços do inimigo. Este ataque decidio os rezultados deste dia por este lado. Todavia, o inimigo continuou a avançar contra a nossa esquerda, a fim de suspender nossa marcha contra Leipsic. Como havia falta de artilheria naquella direcçaõ, o Principe Real ordenou ao General Russiano Baraõ de Witt, que da sua parte, convidasse o official commandanto das baterias Saxonias, para emprestar a sua artilheria ate que chegassem as baterias do exercito, as quaes estavaõ detidas nos desfiladeiros. O official, tendo ja servido debaixo das ordens do Principe, apressou-se a faze-lo assim; e as 10 peças, destinadas, pouco antes, para consolidar a escravidaõ da Alemanha, foraõ depois empregadas para segurar sua independencia. Este exemplo deveria provar aos conquistadores, que o terror que elles inspiraõ,

termina com o poder que o tem criado. O Coronel Diederichs, commandante da artilheria Russa, addido ao corpo do General Bulow, fez grandes serviços nesta occaziaõ. O Capitaõ Bogue, commandante da companhia de foguetes Inglezes distinguio-se da mesma maneira. Os foguetes produzem o mais decisivo effeito.

Neste meio tempo o inimigo mandou desembocar de Leipsic hum consideravel corpo pela sua esquerda, o qual marchou contra o General Conde Langeron. Este General, que com as suas tropas tinha desenvolvido grande valor na tomada da aldea de Shonfeld, achou necessario auxiliar o General Conde de St. Priest, o qual naõ tinha artilheria. Vinte peças Suecas debaixo das ordens do General Cardett, chegaraõ, a grande galope; o ponto estava seguro; e o inimigo, em consequencia de hum vivo, e continuado fogo, foi obrigado a retirar-se precipitadamente.

Sobrevindo a noite, o exercito *bivoacou.*

Os Generaes Sachefelen, Stewart, Vincent, Pozzodi, Borgo, e Krusemark, estiveraõ por muitas horas expostos ao mais violento fogo. O primeiro teve hum cavallo morto debaixo de si.

As cinco horas da manhaã seguinte, tendo-se o inimigo retirado de Volkmersdorff para os suburbios de Leipsic, o Principe Real ordenou ao General Bulow que atacasse a cidade. Este encarregou o Principe de Hesse Hamberg de fazer o ataque: a divizaõ do General Borstell teve ordem de o apoiar. A porta estava protegida por huma pallisada, e as muralhas cheias de artilheria; apezar disso nossas tropas abriraõ caminho para dentro das ruas, no momento em que o Principe de Hesse Hamberg foi ferido por huma balla. Tendo o inimigo occupado todas as cazas, o conflicto tornou-se mui violonto, e ficou indecizo por algum tempo. Hum reforço de seis batalhoens Suecos que entaõ chegaraõ com huma bateria fez essenciaes serviços. O Major Dobelen foi morto, o que he huma grande perda para o exercito. A artilheria Sueca foi dirigida pelo Major Edenhelm, o qual foi gravemente ferido. O General Borstell tomou o commando em lugar do Principe de Hesse Hamberg. Elle chegou com tropas frescas: a cidade foi conservada, e aquelles dos inimigos que se naõ renderaõ foraõ passados ao fio da espada.

Cinco batalhoens de Cassadores Russos da guarda avançada do General Woronzoff, tinhaõ neste meio tempo avançado para apoiar os Cassadores Prussianos, e Suecos, e seguidos pelo General Thrasowski, forçaraõ a porta chamada das Grimmische Thor, e tomaraõ muita peças.

O General Baraõ Aldercreutz acodia a todo o ponto onde era maior o perigo animando as tropas com o seu valorozo exemplo.

Como o inimigo foi obrigado a fazer sua retirada pelos desfiladeiros de Pleisse a bagagem, artilheria, e tropas se atropelaraõ nos estreitos passos que lhes ficáraõ abertos, e que bem depressa ficaraõ obstruidos por esta geral desordem. Cada hum tratou somente de se escapar. As guardas avançadas do exercito de Silezia, e de Bennigsen entraraõ quazi ao mesmo tempo pelas outras partes da cidade.

Os Imperadores de Austria, e Russia, o Rey de Prussia, e o Principe Real encontraraõ-se em Leipsic depois desta brilhante victoria.

Os rezultados das batalhas de Leipsic saõ immensos, e decizivos. Já no dia 18 o Imperador Napoleaõ tinha começado a pôr o seu exercito em retirada pelas estradas de Lutzen e Weissenfels. Elle naõ deixou este lugar em pessoa, senaõ ás dez horas da manham do dia 19. Achando que hum fogo de mosqueteria tinha ja começado na porta de Ranstadt, que conduz para Lutzen, foi obrigado a sahir pela porta de Pegau.

O Principe Poniatowski a fogou-se tentando passar o Elster. O Corpo do General Dumourestier Chefe do Etado-maior do 11. Corpo foi achado no rio, no qual mais de 1,000 se afogaraõ. O Duque de Bassano escapou fugindo a pé. Suppoem-se que o Marechal Ney foi ferido. Mais de 250 peças de artilharia; 900 carros de muniçoens, e acima do 15,000 prizioneiros cahiraõ em poder dos Alliados alem de muitas aguias, e bandeiras. O inimigo abandonou em Leipsic 23,000 doentes, e feridos com todo o trem dos Hospitaes.

A perda total do exercito Francez monta a perto de 60,000 homens.—Segundo todos os calculos, o Imperador Napoleaõ pôde somente salvar do geral desastre 75 a 80,000 homens. Todos os exercitos alliados estaõ em marcha para o perseguir; e a cada momento nos chegaõ prizioneiros, bagagem, e artilheria. As tropas Alemaens, e Polacas desertaõ em chusmas de suas bandeiras; e tudo annuncia, que a liberdade da Alemanha foi conquistada em Leipsic.

He inconcebivel como hum homem, que tinha commandado em trinta batalhas ordenadas, e que se tinha exultado em gloria militar appropriando-se a de todos os antigos Generaes Francezes, fosse capaz de concentrar seu exercito em huma poziçaõ taõ desfavoravel, como aquella em que elle o poz. O Elster, e o Pleisse na sua retaguarda, tendo de

atravessar hum terreno pantanozo, e huma unica ponte para a passagem de 100,000, e 3,000 carros de bagagem; cada hum pergunta—*he este o grande Capitaõ que ate agora tem feito tremer a Europa?*

SICILIA.

Esta desgraçada Ilha tem sido, ha longo tempo, o theatro de facçoens e desordens sem conto, ás quaes parecia que tinhaõ posto hum termo os esforços de Lord Wm. Bentinck: mas apenas este General sahio de Sicilia para ir tomar o commando do exercito Anglo Hespanhol na Catalunha; renovaraõ-se aquellas facçoens, e desordens a tal ponto que Lord Wm. Bentinck foi obrigado a voltar a toda a pressa para a Sicilia.

Nos naõ temos tempo, nem vontade de transcrever algumas cartas, que lemos n'alguns papeis Inglezes, nas quaes se descrevem todas aquellas desordens, excitadas pelo partido anti Inglez, que alli existe, e que Lord Wm. Bentinck suppoz extincto, quando estava somente reprimido. As duas seguinte resoluçoens da Caza dos Communs tomadas em 23 de Agosto proximo, mostraõ a indispoziçaõ que ha na Sicilia contra os Inglezes, sem cujos auxilios em dinheiro, em gente, em armas, e em conselhos, ja aquella Ilha estaria, ha muito tempo, em poder de Bonaparte, ou de Murat.

Caza dos Communs, 23 de Agosto de 1813.

" Tendo visto as circunstancias expostas, e provadas pela Deputaçaõ de Saude em Messina, o Parlamento vê com dor, que naõ pode permanecer n'huma criminoza indifferença; sera responsavel a toda a Naçaõ que elle reprezenta. Elle ordena, por tanto, que se expeçaõ ordens á Deputaçaõ Geral de Saude para tomar immediatamente as mais energicas medidas, e empregar toda a força disponivel: ordena igualmente, que se rogue a S. A. R. que mande aos officiaes encarregados de corresponder com as Authori-

dades Britannicas, que lembrem aos Generaes de Messina os seos deveres.

Caza dos Communs, 23 de Agosto de 1813.

" O Parlamento ordena que se mande a Londres huma Especial Missaõ de quatro individuos, á custa da Naçaõ reprezentar ao Principe Regente, em nome do Principe Vigario, as queixas da Naçaõ á cerca da violaçaõ da lei da salvaçaõ publica, perpetrada pelos Generaes Inglezes na Sicilia, indo acompanhada d'instrucçoens que o Parlamento determinará, e que S. A. R. se dignará sancionar."

Se as cartas de que fallamos merecem credito, e se naõ he possivel duvidar das duas resoluçoens que deixamos transcritas, de certo a Sicilia em lugar de se achar a ponto de produzir o fructo dos incansaveis esforços, que Lord Wm. Bentinck fez para que aquelle Reino fosse coadjuvar efficasmente a cauza da Peninsula, tem naõ somente contribuido para estorvar as operaçoens do Exercito da Catalunha, obrigando o seu Chefe a larga-lo para acodir a Palermo, aonde a sua prezença foi necessaria; mas parece aprezentar neste momento huma meada naõ facil de dezembaraçar.

A' vista disto naõ se chamará temeridade o dizer— que os Povos se assemelhaõ aos climas—nestes nem todas as arvores, que se lhes plantaõ, daõ fructo—entre aquelles naõ se pode introduzir toda a sorte de Governo—de modo que pareceria mais acertado guardar cada hum a sua Constituiçaõ, e pedir a Deos que dê juizo claro aos que governaõ, para que façaõ executar as leis que acháraõ, e reformem os abuzos que se introduziraõ.—O exemplo da França faz tremer—o da Hespanha, naõ está izento de grandes perigos.

PORTUGAL.

NOTICIA GLORIOZA PARA OS PORTUGUEZES.

Temos sido informados por pessoas as mais authorizadas, e as mais bem informadas do seguinte facto, extremamente honrozo para os nossos Soldados—O exercito alliado actualmente em França da parte dos Pyreneos tem perdido alguma gente pela deserçaõ de Soldados Inglezes, e Hespanhoes;—*do exercito Portuguez naõ tem desertado hum so homem.*

He logo demonstrado que o Portuguez naõ quer ser outra coiza se naõ Portuguez. Toda a differença daqui por diante será na intelligencia do que *he ser Portuguez.* Estamos bem persuadidos que todos os nossos compatriotas querem ser leaes ao seu Principe, á Sua Patria, e á Sua Religiaõ: mas a questaõ será se devemos de ora em diante julgar, como até agora, que temos satisfeito aos nossos deveres para com a Religiaõ, para com o Principe, e para com a Patria, quando damos qualquer conselho bom ou mao ao Soberano; quando lhe encobrimos a verdade, contra o que as Leis fundamentaes do Reino ordenaõ; ou quando naõ temos animo de lha dizer: quando nos naõ importa que as rendas do Principe sejaõ defraudadas por cobradores, ou administradores infieis; quando a nossa Patria faz por isso huma figura inferior ao lugar que entre as outras Naçoens lhe compete; se he ser fiel á nossa Religiaõ Santa, o tolerarmos toda a dissoluçaõ de frades, e freiras, inutilizados, e sacrificados pela vaidade de seos Paés e Parentes: se he ser fiel á nossa Religiaõ tolerar que dem o tom em materias taõ graves dictos, e bichancrices de velhas Beatas.

PROJECTO DE HUMA SUBSCRIPÇAÕ PATRIOTICA.

O extracto abaixo transcripto de huma carta, que recebemos de pessoa mui digna, e que pode informar do as-

sumpto com perfeito conhecimento de cauza, da a conhecer a natureza da obra, que os Senhores Governadores do Reino mandaraõ emprehender, para fazer o Tejo facilmente navegavel desde Abrantes ate a fronteira de Hespanha ; elle da tambem a conhecer os poucos meios, que se tem podido applicar para esta obra taõ util, e necessaria ; e consequentemente o irremediavel vagar com que ella procede.

Quem imparcialmente reflectir na immensidade das despezas que a guerra cauza ; e como ella absorve todos os fundos ; naõ se pode admirar da insufficiencia daquelles meios, que ate agora se tem podido applicar ; antes louvara o zelo de quem teve esta lembrança em tempos taõ difficeis, e que naõ occorreo em tantos outros mais felizes!

Alem das utilidades geraes que a Naçaõ hade tirar do complemento desta obra: parece que os moradores de Lisboa, e principalmente os Negociantes, tanto de generos coloniaes, como de quaesquer outros, tem nella o maior interesse directo : por quanto, se o Tejo se fizer facilmente navegavel, como facilmente se pode fazer, ate a fronteira, se-lo-ha ate Toledo: e poderaõ os generos, e effeitos ser levados ao interior da Hespanha pelo Tejo, e por hum preço muito mais barato do que todos os que desembarcarem na Corunha, ou em Cadiz.

Propoem-se, em consequencia a todos os bons Patriotas Portuguezes huma subscripçaõ para este effeito : os que rezidem em Inglaterra, (e que mais de huma vez tem dado incontestaveis provas da sua humanidade, e patriotismo) naõ podem deixar de ser efficasmente estimulados pelo exemplo que os Inglezes diariamente lhes estaõ dando, naõ so na abertura de canaes, e estradas, em que muito lucraõ ; mas tambem na construcçaõ de Hospitaes, de cazas de expostos, e de muitos outros grandiozos estabelecimentos de Beneficiencia, e utilidade Publica, creados, e mantidos por meio de subscripçoens voluntarias.

Os Senhores Subscriptores tanto em Inglaterra, como em Portugal teraõ mensalmente huma conta exacta dos progressos da obra, da receita, e despeza documentada de huma maneira incontestavel.

EXTRACTO.

Sobre a navegaçaõ do Tejo somente se pode dizer de novo que se principiou a obra, ou remendo, com 2,895,000 reis dos quaes se gastou perto de 1,170,000 reis em mais de hum quarto de legoa Portugueza de sirgadoiro, em huma das partes mais ingremes das margens do Tejo, toda de Ardézia*

* Schisto, ou Louza—Os Redactores.

rija, a começar da Ponta da Dourada pela encosta de Janazedo —Todo este sirgadoiro corre parallelamente ás aguas do rio nos ⅔ da altura a que ellas sobem, por que no terço superior somente ha as aguas de alluviaõ, tempo mui curto e em que naõ se pode navegar sem grande perigo. Tem de largura media 5 palmos ou huma *Vâra merediana* (o metro dos Francezes)—Humas vezes he aberto na pedra, e outras vezes corre por cima de paredoens de pedra ensosso, capeados por cima em escama ; cujo desenvolvimento em comprimento he de 296 varas, com *volume* * de 944,243 decimos cûbicos da Vára, ou mais de 944 varas cubicas. Com pouco mais gásto em arrojar humas pedras, e dár fogo a outras, se diminuio tambem já a força da corrente das agoas em hum dos dois lugares mais difficeis, que he no cachaõ de Canas, por onde já passaõ com facilidade os barcos sem alijarem toda a carga. Intenta-se agora estabelecer hum cabrestante nos Braços, outro ponto de grande corrente, para alar os barcos ; por que o pouco dinheiro que há, naõ permitte as obras de grande despeza que este local exigiria para diminuir sufficientemente a força das agoas.

INGLATERRA.

CONVENÇAÕ

Entre S. M. Britannica, e o Imperador de todas as Russias, asignada em Peterswalda, em 6 de Julho, de 1813.

S. M. El Rey do Reyno Unido da Gram Bretanha, e Irlanda, e S. M. o Imperador de todas as Russias, tendo desejos, em consequencia dos intimos laços de amizade que existem entre elles, de concertarem juntos, os meios, e facilitarem os esforços, que reciprocamente empregam na contenda contra França, tem assentado em concluir huma convençaõ sobre estes principios. Para este proposito nomeáram os seus plenipotenciarios, a saber, S. M. o Rey do Reyno Unido da Gram Bretanha, e Irlanda, Guilherme Shaw, Visconde

* Nao se pode ler bem esta palavra no Original talvez seja o solido cortado na Rocha—5 palmos de largo, 15 de alto, em 296 varas de comprimento.—Os Redactores.

Cathcart, Baraõ Cathcart, e Greenock, hum dos Pares do Reyno, hum de seus Conselheiros Privados, Vice Almirante de Escocia, General em Chefe, Coronel do Regimento das guardas de corpo, Cavalleiro da antiquissima, e nobilissima ordem do Cardo, Embaixador Extraordinario e Plenipotenciario junto a S. M. o Imperador de todas as Russias; e S. M. o Imperador de todas as Russias, David de Alopeus, seu Conselheiro Privado, e Actual Camarista, Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario á S. M. o Rey de Prussia, Cavalleiro Gram Cruz da Ordem de St. Vladimir da segunda classe, e da de St. Anna da primeira classe; os quaes despois de terem reciprocamente communicado seus plenos poderes, concordáram sobre os seguintes artigos :—

Art. 1. Fornecendo os vastos dominios do Imperio da Russia, a S. M. Imperial, o numero de tropas que ella tem determinado empregar alem das fronteiras do seu Imperio, e S. M. o Rey do Reyno Unido da Gram Bretanha, e Irlanda, tendo appropriado a maior parte das suas para defensa de Hespanha, e protecçaõ de Portugal, tem S. M. Britannica consentido em tomar sobre si as despezas da mantença da Legiaõ Alemaã, no serviço de S. M. Imperial, a força da qual Legiaõ será augmentada até mil homens.

2. A dicta Legiaõ ficara á absoluta disposiçaõ de S. M. Britannica, por todo o tempo em que ella prover á sua manutençaõ; para ser empregada no Continente da Europa, e será commandada por officiaes generaes da sua escolha. A S. M. Imperial pertencerá o prover ao recrutamento da Legiaõ, e conservalla em estado de servir e completa, o mais que for possivel; ao mesmo tempo que o repor os artigos fornecidos para o apetrechamento, armamento, e o *mise en campagne*, da dita Legiaõ pertencerá a S. M. Britannica. Todas as sommas pagas pela Gram Bretanha, em virtude dos artigos da presente convençaõ, seraõ empregadas taõ somente em satisfazer as despezas, e a manutençaõ da Legiaõ Alemaã no serviço de S. M. Imperial.

3. As altas partes contractantes, tem assentado, que as somas destinadas para a manutençaõ do dito corpo deveraõ ser pagas á ordem do Governo de S. M. Imperial, na proporçaõ de dez libras sterlinas, e quinze shelins por anno, por cada homem effectivo da Legiaõ, com a expressa condiçaõ, que o seu numero naõ excederá dez mil homens.

S. M. Britannica promette fornecer as armas, muniçoens, fardamento, e os artigos de apetrechamento que faltarem, aquelle periodo, em que o corpo for posto á sua disposiçaõ. Todos os artigos de fardamento, e apetrechamento, para a Legiaõ, como tem sido fornecidos por S. M. o Imperador,

e as companhias de artilheria a cavallo, e a pé, os dois regimentos de hussares, a companhia de Caçadores, e os quatro batalhoens de infanteria, achando-se em parte fardados, apetrechados em o primeiro de Abril ; S. M. Britannica se obriga a pagar por cada recruta no dito corpo, desde o dia quatro de Abril, a somá especificada na lista abaixo mencionada, marca 1. annexa á presente convençaõ. Se depois do dia 4 de Abril, a Legiaõ for augmentada com hum, ou mais batalhoens, a despeza do fardamento, e apetrechamento fornecido pelo Imperador, ser-lhe-ha satisfeita, na conformidade dos termos especificados na dita lista marcada 1. A' proporçaõ que o 5, 6, 7, e 8 batalhoens forem achados completos, a despeza das carretas, cavallos, e outros artigos especificados na lista abaixo mencionada, dos artigos fornecidos aos primeiros quatro batalhoens, para estarem promptos para marchar, sera reimbolçada pelo Governo Russiano. A formaçaõ da Legiaõ, o as despezas calculadas para sua manutençaõ e especificadas na lista annexa á presente convençaõ pelas letras A, B, C, D, E, F, G, H, I, declara-se que formam huma parte integrante della. A somma de dez libras e quinze shelins, mencionada no precedente artigo, he destinada para constituir a paga de cada official, soldado, e outros homens effectivos mencionados na dita lista como actualmente servindo, assim como tambem para pagar as outras despezas nella referidas A remonta, provimentos, e hospital geral da Legiaõ Alemaã sera tambem a custa do Governo Britannico, o qual tera a superintendencia da administraçaõ, e consummo da mesma. Todos os arranjos feitos com os governos dos paizes aonde existe o theatro da guerra, para provisionar as tropas de S. M. Imperial, seraõ applicaveis a dicta Legiaõ Alemaã, toda a vez e quando S. M. Britannica a empregar em seu serviço.

5. O subsidio fixado no terceiro artigo ha de ser pago de dous em dous mezes, adiantados para os officiaes, e soldados, que forem ja effectivos no ultimo dia do precedente mez. O primeiro pagamento deverá datar do primeiro de Abril, de 1813, (estilo novo) para o numero de tropas indicado na relaçaõ do Coronel H. Lowe, ao serviço de S. M. Britannica, o qual foi nomeado para passar revista á Legiaõ no mez de Abril. Em quanto aos doentes, que estiverem nos hospitaes da Russia, estes naõ seraõ metidos na conta ate que tenham passado as fronteiras da Russia depois de convalecidos. Porque podem ter acontecido algumas mudanças nos precedentes mezes, farse-haõ deducçoens, ou addiçoens em cada pagamento, segundo as circumstancias do cazo; isto he a paga adiantada para hum

que morreo, deo baixa ou desertou nos ultimos dois mezes, será descontada do pagamento ; e a que houver de ser para recrutas, será augmentada no mesmo. Em ordem a encontrar as despezas de recrutar, e marchar, será dado hum mez de paga a titulo de gratificaçaõ, a cada recruta, na occasiaõ de reunir-se ao seu corpo.

6. As raçoens seraõ distribuidas á Legiaõ Alemaã, conforme a pratica adoptada no exercito Prussiano, a qual tambem servirá de regulamento para a deducçaõ da paga do soldado, para as provisoens fornecidas pelo governo, assim como tambem para os soldados doentes e feridos nos hospitaes.

7. Como a estimativa foi feita em estado de guerra, a proporçaõ dos pagamentos, será reduzida nas proporçoens especificadas nas listas annexas a esta convençaõ, no caso que a Legiaõ fique ao soldo da Gram Bretanha, quando as circumstancias permittirem que a dicta Legiaõ seja posta no estabelecimento de paz.

8. Todos os pagamentos que houverem de ser feitos em virtude desta presente convençaõ, seraõ calculados em moeda Prussiana, na proporçaõ de oito gross dinheiro corrente, por hum shelin sterlinos por thaler. As despezas de cambio, e bilhetes seraõ reguladas todos os mezes segundo o curso do cambio mais geralmente estabelecido pelos negociantes no Continente, ao tempo do pagamento, e todos os bilhetes de cambio deveraõ ser acompanhados por huma nota do estado do cambio, certificada por dous banqueiros.

9. Os preços, e as pagas tendo sido pela baze destes convençaõ, calculados em rublos de prata, e em Coroas de ouro, as duas altas partes contractantes convem em determinar o valor de huma Coroa d'ouro, em ordem a regularem as proporçoens da paga, e os preços dos outros objectos assentes nas listas, em dinheiro corrente de Prussia. O valor de huma Coroa d'ouro he portanto pelo presente artigo fixado em hum rix-thaler, dois gros, e oito pfennings, moeda corrente da Prussia.

10. S. M. o Imperador, consente em ceder á S. M. Britannica, assim no character de Rey do Reyno Unido da Gram Bretanha, e Irlanda, como no de Elector de Hanover, a propriedade da Legiaõ, se as circumstancias da guerra induzirem S. M. o Rey a desejar este arranjo : o qual ; entretanto, de nenhum modo tornará invalidas as graças concedidas por S. M. Imperial, aos individuos que compozerem a Legiaõ.

11. Os individuos invalidos por doenças, ou em consequencia de feridas, receberaõ sua paga na mesma proporçaõ que os invalidos no exercito Prussianó. O pagamento será

feito por aquella potencia, a cujo serviço a Legiaõ estiver ao tempo que os invalidos se retirarem do serviço; de forma que S. M. o Imperador toma sobre si o pagamento destas pensoens, até o periodo em que a Legiaõ passar para o serviço de Gram Bretanha, ou para o do Eleitor de Hanover' na conformidade do teor do artigo 10.

12. A presente convençaõ permanecerá com força em quanto durar a presente guerra; e se, ao periodo de huma definitiva paz, a Legiaõ ainda continua na qualidade de hum corpo Russiano, ao soldo da Gram Bretanha, hum mez de soldo lhe será pago, como tambem na proporçaõ de hum mez de soldo, por cada cincoenta milhas Alemaãs que a Legiaõ tiver de marchar até as fronteiras de Russia, ou para o lugar aonde haja de ser debandada, ou de seu ulterior destino alem das fronteiras da Russia.

13. Se alguns outros objectos ficarem para ajustar, a respeito da Legiaõ, que naõ tenham sido arranjados, nem acautelados na presente convençaõ, as altas partes contractantes reservam para si mesmos o fazellos ajustar por seus respectivos Enviados, deixando tambem aos mesmos, a correcçaõ de alguns erros de calculo que poderem ter hido nas listas annexas a esta convençaõ.

14. A presente convençaõ será ratificada, e as ratificaçoens trocadas dentro de dous mezes, a contar do dia de sua assignatura, ou mais cedo se for possivel. Em virtude do que, nos os abaixo assignados, munidos com plenos poderes por S. M. o Rey do Reyno Unido da Gram Bretanha e Irlanda, e Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, temos assignado a presente convençaõ, e lhe temos annexo o sello das nossas armas. Feita em Peterswalda, na Silezia, aos 24 de Junho, (6 de Julho) de 1813.

(Assignados) (L. S.) CATHCART.
(L. S.) D. ALOPEUS.

CONVENÇAÕ

Entre Sua Magestade Britanica, e Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, assignada em Reichenbach a 15 de Junho de 1813.

Em nome da Santissima, e Individua Trindade.

Sua Magestade o Rey do Reino Unido da Gram-Bretanha, e de Irlanda, e Sua Magestade o Imperador de todas as-

Russias, naõ se tem poupado a sacrificio algum, nem tem desprezado algum esforço, para por termo aos destruidores projectos do inimigo da Europa. No momento, em que a Providencia tem vizivelmente protegido as suas armas, he que Suas Magestades animadas pelo dezejo de restituir aos Estados a independencia, a paz, e a felicidade, tomaraõ a rezoluçaõ, a fim de pôr em pratica todos os meios, que estaõ em seu poder para attingir este fim saudavel, de regular por huma Convençaõ expressa o genero, e a latitude dos succorros pecuniarios e de auxilio, que as duas Coroas se haõ de prestar, durante esta guerra. Em consequencia ellas nomearaõ para seos respectivos Plenipotenciarios, a saber—Sua Magestade o Rey do Reino Unido da Gram Bretanha e de Irlanda, a Guilherme Shaw, Visconde Cathcart, Baron Cathcart e Greenock, Par do Parlamento, Conselheiro Privado, Vice-Almirante de Escossia, General em Chefe, Coronel do Segundo Regimento das Guardas de Corpos, e Cavalleiro da Muito Antiga, e Muito Nobre Ordem de Santo Andre, &c. &c. &c. Embaixador Extraordinario, e Plenipotenciario junto de Sua Magestade o Imperador de todas as Russias : e Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, a Carlos Conde de Nesselrode, Conselheiro Privado, Secretario de Estado, Camarista effectivo, Cavalleiro da Ordem de S. Vlodimir da terceira classe : e Joaõ D'Anstett, Conselheiro Privado, Cavalleiro Gram-Cruz da Ordem de S. Vlodimir da Segunda, da de Sta. Anna da primeira classe, e de S. Joaõ de Jerusalem : os quaes, depois de terem verificado, e trocado seos plenos-poderes concluiraõ, e assentaraõ nos seguintes artigos.

Artigo I. Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, firmemente decidido a continuar a prezente guerra com todo o vigor possivel, se obriga a empregar sempre cento, e sessenta mil homens effectivos de todas ás armas de suas tropas, naõ comprehendendo as guarniçoeus das praças fortes, em operaçoens activas contra o inimigo commum.

II. Para concorrer ao mesmo fim, da maneira a mais efficaz, e a mais immediata, Sua Magestade o Rey da Gram-Bretanha se obriga da Sua parte a por á disposiçaõ de Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, para o anno de 1813 as sommas seguintes.—

I. Hum milhaõ trezentos trinta, e tres mil, trezentos trinta, e quatro libras esterlinas, que devem ser pagas em Londres.

II. A Inglaterra se encarrega da manutençaõ da Esquadra Russa, e de suas equipagens, que se acha nos portos da Gram Bretanha, cuja despeza he avaliada em quinhentas mil libras esterlinas.

III. A somma de hum milhaõ trezentas trinta e tres mil, trezentas e trinta, e quatro libras esterlinas, sera mensalmente paga, de maneira, què no primeiro de Janeiro de 1814 estará inteiramente paga.

IV. Para occorrer á falta de especies metallicas, que diariamente se experimenta mais na circulaçaõ do Continente, para combinar nesta grande luta todos os meios que podem segurar o seu feliz rezultado ; as duas Altas Partes Contractantes, de acordo com Sua Magestade o Rey de Prussia, convieraõ em crear Notas, pagaveis aquem as aprezentar, debaixo da denominaçaõ de—*Papel Federativo.*

a A somma total deste papel moeda naõ excederá a somma de cinco milhoens de libras esterlinas, pelos quaes as tres Partes Contractantes respondem, e cujo pagamento conjunctamente garantem.

Os dois terços desta somma ficaõ postos á dispoziçaõ da Russia, e hum terço á da Prussia.

b O pagamento desta somma de cinco milhoens de libras esterlinas será feito pelas tres Potencias nas seguintes proporçoens.

A Inglaterra ficará obrigada somente ao pagamento de tres sextos.
A Russia ao do . . dois sextos.
A Prussia ao de . . hum sexto.

c Este pagamento naõ começara a effeituar-se antes do primeiro de Julho de mil oito centos, e quinze, ou antes de seis mezes depois da concluzaõ da paz definitiva.

d A somma de cinco milhoens de libras esterlinas de papel federativo, que vai sahir em nome das tres Potencias, será unicamente applicado ás despezas da guerra, e á manutençaõ dos exercitos activos.

e Huma commissaõ nomeada pelas tres Potencias regulará tudo o que he relativo á distribuiçaõ desta somma. Os pagamentos se faraõ progressivamente de mez em mez. Tudo o mais que he relativò á forma, garantia, emissaõ, emprego, circulaçaõ, e embolso deste papel, sera regulado de huma maneira ainda mais preciza por huma Convençaõ especial, cujas estipulaçoens teraõ toda a força, e valor, como se ellas fossem inseridas palavra por palavra no prezente Tratado.

V. Tendo-se o Governo Inglez encarregado da manutençaõ da Esquadra Russa por meio da somma de quinhentas mil libras esterlinas, declarada no artigo segundo, Sua Magestade o Imperador de todas as Russias consente em que Sua Magestade Britannica empregue a dita Esquadra nos mares da Europa da maneira que julgar mais util ás operaçoens contra o inimigo commum.

VI. Posto que a prezente Convençaõ naõ estipule senaõ os succorros que a Gram-Bretanha deve fornecer por todo o anno de mil oito centos, e treze; com tudo como seos empenhos reciprocos devem estender-se a toda a duraçaõ da guerra actual, as duas Altas Partes Contractantes promettem formalmente de se entenderem de novo a respeito do auxilio que devem mutuamente prestar-se, o que o Deos naõ permitta, se a guerra se prolongar alem daquelle termo, e isto principalmente para dar grande desenvolvimento aos seos esforços.

VII. As duas Altas Partes Contractantes obraraõ com o mais perfeito accordo no concernente ás operaçoens militares, e se communicaraõ francamente tudo o que he relativo a sua politica. Sobre tudo ellas se obrigaõ reciprocamente a naõ negociar separadamente com seos inimigos communs, a naõ assignar nem paz, nem tregoa, nem qualquer convençaõ, que naõ seja de commum acôrdo.

VIII. Poderá haver officiaes acreditados junto dos Generaes em Chefe dos diversos exercitos activos: elles teraõ o direito de se corresponderem com as suas cortes, e de as informar constantemente dos acontecimentos militares que houver, bem como de tudo o que for relativo as operaçoens destes exercitos.

IX. A prezente Convençaõ sera ratificada no mais curto espaço de tempo que for possivel.

Em fe do que, os Plenipotenciarios respectivos assignaraõ a prezente Convençaõ com a sua propria maõ, e a sellaraõ com o sello dos suas Armas.

Feito em Reichenbach a quinze (tres) de Junho de 1813.

L. S.
CATHCART.

L. S.
Carlos Conde de NESSELRODE.
L. S.
Joaõ D'ANSTETT.

SUPPLEMENTO Á CONVENÇAÕ

Ou Tratado de Concerto, e de subsidio de 15 de Junho de 1813 entre Sua Magestade Britannica e Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, assignado em Londres a 30 de Septembro de 1813.

Em nome da Santissima, e Individua Trindade.

Attendendo as difficuldades que rezultaõ da escassez do numerario metallico, e ás perdas consideraveis na remessa dos succorros pecuniarios, que Sua Magestade Britannica dezeja prestar a Seos Alliados para os ajudar a sustentar os gastos da Guerra contra a França; conveio-se entre Sua Magestade o Rey do Reino Unido da Gram Bretanha, e de Irlanda de huma parte, e de Suas Magestades o Imperador de todas as Russias, e o Rey de Prussia da outra, que huma parte destes succorros será fornecida por meio do credito Publico da Gram Bretanha, e debaixo da forma de bilhetes de credito exclusivamente applicaveis ás despezas da guerra, e pagaveis em especies metallicas nos termos, e condiçoens abaixo estipuladas.

Em consequencia, e em cumprimento do artigo quarto da Convençaõ concluida em Reichenbach a quinze (tres) de Junho do anno corrente, Sua Magestade o Rey do Reino Unido da Gram Bretanha, e da Irlanda, e Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, nomearaõ Seos Plenipotenciarios para concluir a prezente Convençaõ, a saber:—Sua Magestade o Rey do Reino Unido da Gram-Bretanha, e de Irlanda Roberto Stewart, Visconde Castlereagh, Conselheiro Privado, e hum dos Principaes Secretarios de Estado de Sua Magestade Britannica; e Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, o Conde de Lieven Tenente General de Seos Exercitos, Seu Ajudante de Campo General, seu Embaixador Extraordinario, e Plenipotenciario junto de Sua Magestade Britannica, Cavalleiro das Ordens de St. Andre Newsky, St. Jorge da 3. classe, St. Vlodimir Gram Cruz da 2. Classe, St. Anna da 1. Classe, commendador de S. Joaõ de Jerusalem, Cavalleiro das Ordens de Prussia da Aguia Negra, e Aguia Vermelha, e Commendador Gram-Cruz da Ordem da Suecia da Espada: os quaes depois de trocarem seos Plenos poderes respectivos, achados em boa, e devida forma, convieraõ nos artigos seguintes.

Artigo I. Sua Magestade Britannica se obriga a propor ao

Parlamento o authorizar a creaçaõ destes bilhetes de credito em beneficio de Suas Magestades o Imperador de todas as Russias, e o Rey de Prussia, na somma de dois milhoens, e meio de libras esterlinas, ou de quinze milhoens de thalers de Prussia com o titulo, e pezo de 1764; e desta somma se fornecera mensalmente hum milhaõ de thalers Prussianos, ate tres mezes depois da assignatura da paz geral, no cazo que ella tivesse lugar antes da emissaõ total da dita somma.

O valor de cada bilhete sera nelle declarado simultaneamente em thalers Prussianos, e em piastras ou pezos duros Hespanhoes, na razaõ de huma piastra por cada thaler, e meio.

A formula será igual a que vai annexa ao prezente acto. A fabricaçaõ dos bilhetes sera executada exclusivamente, e o mais breve possivel pelo Governo Britannico. Elles seraõ garantidos pela Lei, e pagos em especies metallicas a contar do mez que se seguir á ratificaçaõ da paz geral.

II. Os dois terços da somma *emittida* desta maneira em cada mez seraõ dados a S. M. o Imperador de todas as Russias para o serviço do seu exercito, e o outro terço a S. M. o Rey de Prussia para o serviço do seu. Esta emissaõ se começará a contar desde quinze, (tres), de Junho do anno corrente, de sorte que Sua Magestade Britannica se obriga a por á dispoziçaõ de Suas Magestades o Imperador, e Rey pela primeira remessa tantos milhoens de thalers, quantos mezes tiverem decorrido desde quinze (tres) de Junho passado, e depois hum milhaõ por mez ate completar os quinze milhoens de thalers acima especificados.

III. Estes bilhetes de credito seraõ emittidos por milhoens de thalers separadamente classificados, e numerados, segunda a data da sua emissaõ successiva, e cada milhaõ será dividido em series subdivididas em numeros, de maneira que os bilhetes exhibiraõ a data do mez em que tiverem sido emittidos, a especificaçaõ do milhaõ de que elles fazem parte, e a da serie a que pertencem, bem como seu numero nesta serie.

Naõ se fabricaraõ bilhetes inferiores á somma de cem thalers Prussianos.

IV. Nomear-se-ha da parte das Altas Partes Contractantes Commissarios no Continente, encarregados de dirigir a circulaçaõ do dito papel, em conformidade dos principios estabelecidos pela prezente Convençaõ. Estes Commissarios seraõ preferivelmente escolhidos na Classe do Commercio. Elles seraõ obrigados a ajustar-se entre á cerca de todas as medidas, que elles julgarem uteis ao credito do papel de que se trata; e os Commissarios Russos, e Prussianos aos quaes

os sobreditos bilhetes, ou notas haõ de ser fornecidos, vigiaraõ particularmente em que a emissaõ seja regulada de maneira que elles se naõ desacreditem.

V. Estes bilhetes de credito naõ venceraõ interesse: mas estabelecer-se-ha na alguma Cidade do Norte de Alemanha designada para este effeito pelo Governo Britanico, com o concurso dos da Russia, e Prussia, huma Secretaria Geral, na qual os portadores de cada bilhete seraõ admittidos a *funda-los* a seis por cento; isto he a converte-los em fundos publicos de seis por cento; cujo registro sera considerado da mesma maneira que o he o da divida Nacional Britannica, ou, á escolha dos portadores dos ditos bilhetes, em *Vales* com o interesse de seis por cento, registados e numerados. Os Commissarios Inglezes no Continente seraõ encarregados de ter este registo, cuja duplicata sera mensalmente enviada a Inglaterra, para segurança dos interessados.

VI. O interesse dos bilhetes fundados e convertidos em seis por cento, ou em Vales como fica dito no artigo V. sera pago por semestres naquella cidade de Norte de Alemanha, que o Commissario de S. M. Britannica designar para esse effeito, contando do mez que se seguir á sua entrega na dita Secretaria Geral. O pagamento deste interesse se effeituará como o pagamento do Capital, n' huma ou n' outra das especies metallicas indicadas no artigo primeiro.

Os bilhetes que naõ tiverem sido registados, e fundados antes da assignatura dos preliminares de paz, gozaraõ de hum interesse de meio por cento ao mez, começando da epoca da dita assignatura ate á do seu pagamento.

VII. O pagamento do total de quinze milhoens de thalers de bilhetes de credito, que S. M. Britanica toma a seu cargo, se effeituara, como fica dito no artigo primeiro em especies metalicas, seja em thalers de Prussia segundo a taixa de 1764, ou em pezos duros de Hespanha no valor de thaler, e meio de Prussia por cada pezo duro na proporçaõ de hum milhaõ de thalers por mez, e começando do mez que se seguir ás ratificaçoens do paz geral.

Proceder-se-ha logo ao pagamento dos bilhetes fundados, começando por aquelles que tiverem sido primeiramente fundados, seguindo se para o pagamento mensal dos bilhetes naõ fundados a data de sua emissaõ, de maneira que o pagamento esteja concluido em quinze mezes. Este pagamento assim como o dos interesses se faraõ naquellas cidades do Continente, que forem designadas para este effeito.

No caso que, (o que Deos naõ permitta), o estado de paz, que he a epoca do pagamento, seja novamenta perturbado, antes que este tenha sido concluido, os pagamentos continuaraõ da mesma sorte.

VIII. S. M. Britannica reserva para si mesmo o anticipar, segundo lhe convier, a epoca de pagamento assim dos fundos de seis por cento, como dos bilhetes naõ convertidos em seis por cento.

IX. A prezente Convençaõ sera ratificada pelas Altas Partes Contractantes, e as ratificáçoens em boa, e devida forma deveraõ ser trocadas em Londres a mais breve possivel.

Em fé do que Nós abaixo assignados, em virtude de Nossos Plenos poderos tomos assignado a prezente Convençaõ, e a temos sellado com o sello de Nossas Armas. Feito em Londres a dezoito (trinta) de Septembro, anno do Graça mil oito centos, e treze.

(L. S.) CASTLEREAGH. (L. S.) CONDE de LIEVEN.

Segue-se a formula dos Bilhetes, ou Notas de Credito, &c.

CONVENÇAÕ

Entre Sua Magestade Britannica, e Sua Magestade o Rey de Prussia, assignada em Reichenbach, 14 de Junho de 1813:—

Em Nome da Santissima, e Indivizivel Trindade.

Sua Magestade o Rey do Reino Unido da Gram-Bretanha, e de Irlanda, e Sua Magestade o Rey de Prussia, reunidos para o fim de segurar a independencia da Europa, resolveraõ regular por huma Convençaõ expressa, a natureza, e extensaõ dos succorros pecuniarios, e do auxilio que se haõ de prestar.

Para este fim, nomearaõ para Seos Plenipotenciarios respectivos, a S. M. o Rey de Reino Unido da Gram-Bretanha, e de Irlanda, o Hon. Carlos Stewart, Cavalleiro da Ordem do Banho, e Membro de Parlamento de Reino Unido da Gram-Bretanha, e de Irlanda, Tenente Geral dos Exercitos de S. M. e Seu Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario junto de S. M. o Rey de Prussia.

E. S. M. O Rey de Prussia, o Baraõ Carlos Augusto de Hardenberg, Seu Chanceller do Estado, Cavalleiro das Ordens de Prussia da Aguia Negra, da Aguia Vermelha, de Crus de Ferro, e de S. Joaõ de Jerusalem, de St. Andre, de St. Alexandre Newsky, e de St. Anna de Russia, e de muitas outras, &c. &c. &c.

Os quaes, depois de terem verificado, e trocado seos plenos poderes convieraõ nos artigos seguintes,

Artigo I. O fim da guerra he de restabelecer a independencia dos Estados opprimidos pela França: as duas Altas Partes Contractantes se obrigaõ, por consequencia, a dirigir todas as suas operaçoens para este fim; e como, para o attingir, he essencial tornar a pôr a Prussia na posse do seu poder, e obstar a que a França occupe para o futuro praças fortes em o Norte da Alemanha, ou exerça alli alguma influencia: S. M. o Rey do Reino Unido da Gram-Bretanha, e de Irlanda, se obriga a co operar efficasmente para esse fim. Da Sua parte S. M. o Rey de Prussia, que em suas transacçoens com a Russia tem ja expressamente reservado os direitos da Caza de Brunswick Luneburg, sobre o Hanover co-operara com todas as suas forças para fazer restituir tanto a esta augusta Caza, como a Caza Ducal de Brunswick, seos Estados Hereditarios.

II. Em consequencia do 1. artigo, as duas Altas Partes Contractantes convieraõ em se auxiliarem reciprocamente com todos os meios que a Providencia poz á sua disposiçaõ, e S. M. o Rey de Prussia se obriga a manter em campo oitenta mil homens, sem contar as guarniçoens das praças fortes.

III. A Inglaterra da sua parte promette de pôr á disposiçaõ de S. M. o Rey de Prussia, para o anno de 1813, as sommas seguintes:—

1. Seis centos sessenta e seis mil, seis centos e sessenta e seis libras esterlinas treze xellins, e quatro penes, pagos em Londres de mez em mez, de maneira, que esta somma esteja paga inteiramente no 1 de Janeiro de 1814.

2. Para occorrer á falta de especies metallicas, e para combinar nesta grande luta todos os meios, que podem segurar o seu bom exito, as duas Altas Partes Contractantes, de acordo com S. M. o Imperador do todas as Russias, convieraõ em crear hum papel moeda com a denominaçaõ de papel federativo.

a. A somma total deste papel naõ excedera de cinco milhoens de libras esterlinas, pela qual as tres Potencias Contractantes ficaõ conjuntamente garantes: os dois terços desta somma ficaõ postos á disposiçaõ da Russia, e hum terço á da Prussia.

b. O pagamento desta somma de cinco milhoens de libras sera feito pelas tres Potencias nas proporçoens seguintes, de maneira que a Inglaterra fique somente encarregada de tres sextos, a Russia de dois sextos, e a Prussia de hum sexto.

c. O pagamento naõ podera começar a effeituar-se antes do 1 de Julho de 1815, ou antes seis mezes depois da concluzaõ da paz definitiva.

d. A somma de cinco milhoens de papel federativo que se vai emittir, naõ sera em cazo algum applicada senaõ ás despezas da guerra, e a manutençaõ dos exercitos activos.

e. Huma Commissaõ nomeada pelas tres Potencias regulará tudo o que he concernente á distribuiçaõ desta somma. Os pagamentos se faraõ progressivamente de mez em mez.

Tudo o que he relativo á forma, garantia, emissaõ, emprego, circulaçaõ, e pagamento deste papel, será regulado de huma maneira mais preciza ainda por huma Convençaõ especial, cujas estipulaçoens teraõ toda a força, e valor, como se ellas estivessem insertas palavra por palavra no prezente Tratado.

IV. Posto que o prezente Tratado somente estipule os succorros, que a Gram-Bretanha hade dar para todo o anno de 1813; com tudo como seos empenhos reciprocos devem estender-se a toda a duraçaõ da guerra actual, as duas Altas Partes Contractantes promettem formalmente de se entenderem de novo á cerca do auxilio que se hao de prestar mutuamente, se, o que Deos naõ permitta, a guerra se prolongar alem deste termo, e principalmente para dar maior desenvolvimento a seos esforços.

V. As duas Altas Partes Contractantes obraraõ com o mais perfeito acordo quanto ás operaçoens militares, e communicaráõ francamente huma á outra o que diz respeito á sua politica; sobre tudo ellas se obrigaõ reciprocamente a naõ negociar separadamente com seos inimigos communs, a naõ assignar nem paz, nem tregoa, nem convençaõ alguma, senaõ de commum acordo.

VI. Poderaõ residir officiaes acreditados junto dos Generaes em Chefe dos exercitos activos. Elles teraõ o direito de corresponder com suas Cortes, e de as informar constantemente dos acontecimentos militares, que tiverem lugar, bem como de tudo o que he relativo ás operaçoens destes exercitos.

VII. A Marinha Ingleza co-operará por toda a parte, em que for possivel, no avanço das expediçoens militares para a cauza commum, e na protecçaõ do Commercio da Prussia.

VIII. O prezente Tratado sera communicado incessantemente á Russia, á Suecia, e á Austria.

IX. Elle será ratificado o mais breve possivel.

Em fé de que os Plenipotenciarios respectivos assignaraõ a prezente Convençaõ, e a sellaraõ com o sello das suas Armas. Feito em Reischenbach a 14 de Junho, anno de Graça mil oito centos e treze.

(L. S.) Carlos Stewart. (L. S.) Carlos Augusto Baraõ de Hardenberg.

SUPPLEMENTO A CONVENÇAÕ

Ou Tratado de Concerto, e subsidio de 14 de Junho de 1813, entre Sua Magestade Britannica, e Sua Magestade o Rey de Prussia, assignado em Londres a 30 de Septembro de 1813.

Esta Convençaõ he a mesmissima, que a que se concluio entre S. M. Britanica, e S. M. o Imperador da Russia: foi feita em Londres a trinta de Septembro de 1813, por Lord Castlereagh, e pelo Baraõ de Jacobi Kloest, Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de S. M. Prussiana junto de S. M. Britannica. He pois escuzado transcreve-lo.

Tratado de Amizade, e Alliança defensiva entre as Cortes de Vienna e de S. Petersburgo, concluido em Toplitz a 9 de Septembro de 1813.

Em nome da Santissima, e Individua Trindade.

S. M. o Imperador de Austria, Rey de Hongria, e Bohemia, e S.M. o Imperador de todas as Russias, igualmente animados pelo dezejo de pôr termo aos males da Europa, e de segurar seu repoizo futuro pelo estabelecimento de hum justo equilibrio entre as Potencias, tomaraõ a resoluçaõ de proseguir a guerra em que se achaõ empenhados para este salutar objecto, com todas as forças que a Providencia poz á sua disposiçaõ. Dezejando ao mesmo tempo estender os effeitos de hum concerto taõ vantajozo á epoca, em que a presente guerra, tendo tido hum completo, e felis successo, seu mutuo interesse hade imperiosamente exigir a conservaçaõ da ordem de coizas, que hade ser o feliz resultado della, nomearaõ, para redigir, e organizar os artigos de hum Tratado de amizade, e de alliança defensiva, os seguintes Plenipotenciarios, e os muniraõ com suas instrucçoens, e plenos poderes—a Saber—S. M. o Imperador de Austria, Rey de Hongria, e Bohemia, a Clemente Venceslão Lothaire Conde de Metternich Winnebourg-Ochsenhausen, Cavalleiro do Tosaõ d'oiro, Graõ Cruz da Ordem Real de St. Estevaõ, Gram Aguia da Legiaõ de Honra, Gram Cruz da Ordem de S. Joseph de Wurtzbourg, Cavalleiro de S. Joaõ de Jerusalem, Chanceller da Ordem Militar de Maria Theresa,

Curador do Academia Imperial das Bellas Artes, Camarista, Conselheiro Privado, Ministro de Estado das Conferencias, e dos Negocios Estrangeiros de S. M. Imperial, Real, e Apostolica—e S. M. o Imperador de todas as Russias a Carlos Conde de Nesselrode, Conselheiro Privado, Secretario de Estado, Camarista, e Cavalleiro da Ordem de Wlademir da 3 classe;—os quaes, depois de terem trocado seos plenos-poderes, que acharaõ estar em boa e devida forma, convieraõ no que se segue.

Artigo I. Havera amizade sincera, e uniaõ constante entre S. M. o Imperador de Austria, e S. M. o Imperador de todas as Russias, seos herdeiros, e successores. Em consequencia, as Altas Partes Contractantes teraõ o maior cuidado de entreter entre si huma amizade, e correspondencia reciproca, evitando tudo o que poderia perturbar a uniaõ, e boa intelligencia que felismente subsistem entre ellas.

II. S. M. o Imperador de Austria garante a S. M. I. de todas as Russias a posse de todos os seos estados, provincias, e dominios: Da outra parte, S. M. I. de todas as Russias garante a S. M. o Imperador de Austria a posse dos estados, provincias, e dominios pertencentes á Coroa de S. M. Imperial, Real, e Apostolica.

III. Em consequencia desta garantia reciproca as Altas Partes Contractantes tomaraõ de acordo as medidas, que parecerem mais proprias para a conservaçaõ da paz da Europa, e no caso de que os Estados de huma dellas sejaõ ameaçados d invasaõ ellas empregaraõ seos bons officios os mais efficazes para a prevenir.

IV. Mas como os bons officios que ellas se promettem huma á outra poderaõ naõ ter o dezejado effeito. S. S. M. M. Imperiaes se obrigaõ a succorrer-se mutuamente para o futuro com hum corpo de 60,000 homens, no cazo em que huma dellas seja atacada.

V. Este exercito sera composto do 50,000 homens de infantaria, e 10,000 de cavallaria. Elle sera provido de hum corpo de artilheria de campanha, com suas muniçoens, e tudo o mais necessario, e proporcional tudo ao numero de tropas acima estipulado. O exercito auxiliar chegara á fronteira da Potencia, que for atacada, ou ameaçada de huma invazaõ de suas possessoens, dois mezes, o mais tarde, depois que se tiver feito a requizicaõ delle.

VI. O corpo de exercito auxiliar estara debaixo do commando immediato do General em Chefe da Potencia, que o requerer: sera conduzido por hum dos seos proprios Generaes, e empregado em todas as operaçoens militares segundo as regras da guerra. O soldo do exercito auxiliar ficará a

cargo da Potencia requerida: as raçoens, e porçoens de viveres, forragem, &c. bem como os quarteis, seraõ fornecidos pela Potencia requerente, logo que o exercito auxiliar tiver passado suas proprias fronteiras, e no mesmo pé que esta ultima as fornece, ou fornecer as suas proprias tropas em campanha, e em quarteis.

VII. A ordem, e a disciplina interna destas tropas dependeraõ unicamente de seu proprio Chefe. Os trofeos, e despojo que forem tomados ao inimigo pertenceraõ ás tropas que os tomarem.

VIII. No caso em que o succoro estipulado seja insufficiente para aquella das duas Partes Contractantes, que tiver sido atacada, S. M. o Imperador de Austria, Rey de Hongria, e de Bohemia, e S. M. o Imperador de todasa as Russias, se entenderaõ sem demora, sobre a prestaçaõ de hum auxilio mais consideravel segundo a urgencia do caso.

IX. As Altas Partes Contractantes se promettem reciprocamente, que no cazo em que huma dellas seja forçada a tomar as armas, ella naõ concluira nem paz, nem tregua, sem nella comprehender sua alliada, a fim de que esta naõ possa ser atacada em consequencia do resentimento do succorro, que ella tiver fornecido.

X. Dar-se-ha ordem aos Embaixadores, e Ministros das Altas Partes Contractantes nas Cortes Estrangeiras, para que reciprocamente se prestem seos bons officios, e procedaõ de perfeito acordo em todas as circumstancias em que os interesses de seos amos se acharem compromettidos.

XI. Como as duas Altas Partes Contractantes, formando este tratado de amizade, e de alliança puramente defensiva, naõ tem outro objecto mais do que garantir reciprocamente suas possessoens, e assegurar, quanto dellas depende, a tranquillidade geral; ellas naõ so naõ tem a intençaõ de invalidar de modo algum pelo prezente os empenhos anteriores, e particulares, igualmente defensivos, que tiverem contrahido com seos alliados respectivos; mas ate se reservaõ reciprocamente a liberdade de concluir, mesmo para o futuro, outros tratados com outras Potencias, os quaes longe de cauzar algum prejuizo ou obstaculo á prezente alliança, lhe poderaõ prestar mais força, e effeito:—promettendo todavia, ao mesmo tempo, de naõ contrahir alguns empenhos contrarios ao prezente tratado, e querendo antes, de hum commum acordo, convidar e admittir a elle as outras Cortes, que tiverem os mesmos sentimentos.

XII. O prezente tratado será ratificado por S. M. I. R. e Apostolica, e por S. M. I. de todas as Russias, e as ra-

tificaçoens seraõ trocadas no espaço de quinze dias, contados do dia da assignatura, ou antes se for possivel.

Em fé do que nos Plenipotenciarios abaixo assignados, assignámos, em virtude de nossos Plenos poderes, o presente tratado de amizade, e de alliança defensiva, e o sellámos com o sello das nossas armas.

Feito em Toplitz, a 9 de Septembro (28 de Agosto) do anno do Senhor 1813.

(Assignados.)

CLEMENTE WENCESLAO CONDE DE METTERNICH-WINNESBOURG-OCHSENHAUSEN.
CARLOS ROBERTO CONDE DE NESSELRODE.

SECRETARIA DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS, 3 DE NOVEMBRO.

Mr. Sollis chegou esta manhaã á secretaria do Visconde Castlereagh, vindo de Leipsig com duplicados dos officios do Tenente-general o Honr. Sir C. W. Stewart, C. B. dos quaes o seguinte sam copias. Os originaes, pelo seu Ajudante de-Campo, Mr. James, ainda se naõ receberam :—

Skenditz, 17 *de Outubro de* 1813.

MY LORD,

O glorioso exercito da Silesia tem acrescentado outra victoria á sua lista, e a frente de seus veteranos chefes he decorada com novos louros.

Quarenta peças de canhaõ, doze mil mortos, feridos, e prisioneiros, huma aguia, e muitos caixoens, tem sido os fructos da victoria de Radefeld, e Lidenthal. Para dar a V. S. a mais clara idea que eu possa desta batalha, he-me parecizo retroceder á posiçaõ dó exercito da Silezia, e do Norte da Alemanha aos 14 do corrente. Quando nos recebemos intelligencia certa de que o inimigo estava retirando-se da margem direita do Elbo para se reunir em Leipsig, a este tempo o Principe Real estava em Cothen, e o General Blucher em Halle. O primeiro occupava com as guardas avançadas a margem esquerda do Mulda, e o ultimo Merseburg Schenditz.

O General Blucher, aos 14, moveo o seu quartel-general para Gros Hugel, fazendo avançar a sua vanguarda sobre a

estrada real de Leipsig, occupando as villas de ambos os lados. O inimigo estava em massa na sua frente, occupando ainda em Deblitsch, e Bitterfeld, com algumas tropas áo longo do Mulda. O Principe da Corôa de Suecia expedio ordens para marchar para Halle na noite de 14; porem quando suas tropas estavam em marcha, levantou elle o seu quartel-general em Silbitz, e collocou o exercito Sueco com a direita em Wittin, e a esquerda junto á Petersberg. O Genéral Bulow occupava o centro de sua linha entre Petersberg, e Oppin, e o corpo de Winzingerode estava na esquerda em Zorbig.

O General Blucher achou que as forças do inimigo, consistiam do 4, 6, e 7 corpo do exercito Francez, e grande parte da Guarda, debaixo do commando dos Marechaes Marmont, e Ney, e do General Bertrand, occupando a linha, com a direita em Freisroda, e a esquerda em Lidenthal. O paiz he aberto, e muito favoravel para cavallaria, em roda destas ultimas aldeas; porem o inimigo estava postado em a frente de hum bosque de alguma extençaõ, junto de Radefelde: e detras delle o terreno he mais entre cortado; naõ obstante, geralmente fallando, he aberto e capaz para todas as armas.

A disposiçaõ do ataque do exercito da Silezia foi como se segue. O corpo do General Langeron estava para attacar e tomar Freisroda, e logo Radefeld, tendo o corpo do General Sachen em reserva. O corpo de exercito do General d'Yorck destinado para-se mover sobre a grande calçada que vai á Leipsig, ate onde ella toca a aldea de Sitzchera; aonde, voltando sobre sua esquerda, devia forçar o inimigo em Lindenthal. As guardas Russianas, e as guardas avançadas eram para carregar sobre a estrada principal de Leipsig. O corpo do General Priest que chegava de Merseberg, devia seguir o corpo do General Langeron. A cavallaria, e as differentes reservas formaram no campo descoberto, entre as aldeas. Era perto do meio dia, ainda as tropas naõ estavam nos seus postos. O inimigo logo depois da primeira carga abandonou as aldeas avançadas, e retirou-se em alguma distancia, porem tenasmente reteve o terreno dos arvoredos sobre a sua direita, e as aldeas de Gros, e Klein Wettertz, como taõ bem as de Mockern, e Mokaw, sobre a sua esquerda. Em Mockern seguio-se huma sanguinolentissima contestaçaõ; foi tomado, e retomado pelas tropas d'Yorck cinco vezes; o fogo de mosquetaria foi vivissimo, e aqui foi a maior força do combate; muitos dos officiaes superiores foram mortos, ou feridos; por ultimo os victoriosos Silesios arrojaram tudo diante de si, e atiraram com o inimigo até alem do Partha. Nas planices houve muitas cargas

brilhantes com a cavallaria. O regimento de hussares de Brandenburg distinguio-se de huma maneira particular, e sustentado pela infantaria carregou huma batteria de oito peças que tomou.

O inimigo tambem fez huma obstinada resistencia na direita; nas aldeas do grande e pequeno Weteritz, e Ilchausen, no campo em roda dos bosques: e quando elles perceberam que nós tinhamos forçado a sua esquerda, mandaram hum addicional corpo de tropas, sobre o Conde Langeron, o qual esteve principalmente travado com o corpo do Marechal Ney que chegou das vizinhanças de Duben. Entretanto os Russianos, da mesma forma que os seus bravos alliados em armas fizeram os mais brilhantes esforços, e foram completamente bem succedidos; a noite foi quem pôz o fim á acçaõ. A cavallaria Russiana obrou da mais brilhante maneira. A cavallaria do General Kolp tomou huma batteria de 13 peças, e os Cossacos do General Emanuel, cinco. O inimigo retirou se para a banda de Siegeritz, e Pfosen, e atravessou o rio Partha. O corpo do General Sachen, que sustentou o General Langeron, muito se distinguio na presença de Bonaparte, que, parece, segundo dizem os prisioneiros, chegou do outro lado do seu exercito ás cinco da tarde.

O corpo do General d'Yorck, o qual taõ conspicuamente se distinguio, teve muitos dos seus mais bravos officiaes mortos, ou feridos: entre estes ultimos, os Coroneis Heinmitz, Kutzler, Bouch, Hiller, Lowenthal, Laurentz: os Majores Schon, e Bismarck. A perda destes officiaes pequena em numero, he seria, porque todos elles quasi commandavam brigadas, em razaõ da excacez de officiaes generaes do exercito Prussiano; e tenho um sincero pezar em ter de accrescentar, que Sua Alteza Serenissima o Principe de Mecklenberg Strelitz que se estava distinguido de huma maneira particular, tendo-lhe matado dois cavallos, e cujo bravo corpo tomou quinhentos prisioneiros, e huma aguia, recebeo huma grande, porem, espero que naõ perigosa ferida. Entre os Russianos tem o General Chinchin, e varios officiaes, mortos e feridos: e eu avalio a perda total do General Blucher, de seis a sette mil homens que naõ podem combater.

Eu posso accrescentar muito pouco ao catalogo dos merecimentos deste bravo exercito, esforçando-me em vaõ; porem eu creio fielmente circumstanciar os seus procedimentos. V. S. hade, como estou persuadido, appreciar o enthusiasmo, e o heroismo pelo qual as suas operaçoens tem sido guiadas. Elle tem combattido vinte e huma vez depois que se romperam as hostilidades. V. S. está taõ certo do

distincto merecimento, e muito eminentes serviços do General Gneisenau, que me he desnecessario, nesta nova occaziaõ, alludir a elles.

Eu uni o General Lowe áo General Blucher no campo; e estando auzente no principio da manham com o Principe Real, pertence a este muito benemerito official o informar a V. S. que eu tenho obtido toda a assistencia das suas relaçoens.

O meu Ajudante-de-Campo, o Capitaõ Doring, official de merecimento, temo que desgraçadamente tenha cahido nas maons do inimigo.

Eu agora, o melhor que me for possivel, passo a fazer a V. S. sabedor dos movimentos militares do grande exercito até o dia 16, e a disposiçaõ para o ataque, que foi enviada ao Principe da Coroa, o ao General Blucher, pelo Principe Schwartzenburg, e que foi para se executar neste dia. Os corpos do General Guilais, do Principe Mauricio Lichtenstein, de Thielman, e Platoff, foram reunidos nas visinhanças de Markrasted, e deviam mover-se para diante sobre Leipsig, cortendo a communicaçaõ de um lado, com o exercito do General Blucher, e do outro lado, deviam estes corpos, destacar para a sua direita, para facilitarem o ataque do corpo do General Mereveldt, e as divisoens Bianchi Weissenworf, sobre Zwackau, e Connewitz; em cujo sitio ultimo, a ponte que atraveça o Pleisse devia ser tomada. A cavallaria do General Nostilez devia formar na sua direita. Em caso de retirada, estes corpos deviam retirar-se para a banda de Zeitz.

As reservas das Guardas Russianas e Prussianas deviam mover-se sobre Rotha, aonde deviam attraveçar o Pleisse, e formar em columnas sobre a sua margem direita. As reservas do Principe de Hesse Homberg, do General Mereveldt, e Wittgenstein deviam taõbem tomar posicaõ nesta paragem.

O General Barclay de Tolly para commandar tomou as columnas sobre a margem direita do Pleissa: os Generaes Wittgenstein, Kleist, e Kleinau, deviam avançar das suas respectivas posiçoens sobre Leipsig; as guardas Russianas formando a sua reserva. O General Colloredo avança de Borne, como reserva para o General Kleinau. A retirada destes devia ser sobre Chemnitz. Os Generaes Wittgenstein, Kleist, e Kleinau sobre Altenberg, e Penig. O exercito do General Bennigsen devia carregar desde Coldlitz sobre Grimma, e Wurtzen. O corpo do Conde Bubna tinha sido rendido de fronte dé Leipsig pelo General Tolstoy.

O exercito grande continuou um fogo muito forte em todo o

dia 16. A noite ja tarde chegou noticia ao General Blucher, que Bonaparte tinha atacado em pessoa toda a linha dos alliados, e formando a sua cavallaria no centro, alcançou o romper o exercito alliado, antes que a sua cavallaria podesse chegar; entretanto naõ pôde tirar dahi partido, e segundo paréce retirou-se pela tarde, e os alliados occupáram a sua posiçaõ em que estavam antes do ataque.

Ainda ignoro as relaçoens circumstanciadas destes acontecimentos.

No dia 17 todos estavam promptos para renovar o ataque n'esta parte. O Principe Real que tinha o seu quartel-general em Landsberg, e o seu exercito por detrás, marchou ás duas da madrugada: e, com o corpo do General Winzingerode, e General Bulow, chegou pelo meio do dia a Brittenfeld, sobre a esquerda do General Bulow. A cavallaria, e artilheria do General Winzingerode tinha marchado para diante, durante a noite, até juncto ás iminencias de Taucna.

Naõ se ouvindo tiros de canhaõ deste lado do exercito (ainda que o corpo do General Blucher estava debaixo de armas) e taõbem como estava conhecido que o General Bennigsen naõ podia chegar, até este dia, a Grimma, e parte do exercito do Principe Real estando ainda na retaguarda, pareceo conveniente esperar-se pelo dia seguinte para renovar o ataque geral. O inimigo mostrou-se com grande força n'huma bôa posiçaõ sobre a esquerda do Partha, sobre uma cordilheira de montes de alguma extençaõ, que vai parallela ao rio. Alli houve alguns tiros de canhaõ pela manhaã, o inimigo fez evoluçoens, e os hussares de Mecklenberg carregáram a sua avançada até dentro dos suburbios de Leipsig, e tomáram tres canhoens, e alguns prisioneiros dos hulanos das guardas. O nosso estado de coizas he tal que justamente podemos entreter as mais lizongeiras esperanças, debaixo da protecçaõ da Divina Providencia, que até aqui, taõ conspicuamente nos tem favorecido na gloriosa causa em que estamos empenhados.

Eu sou, &c.

(Assignado) CHARLES STEWART, Tenente-general.

Leipsig, 19 *de Outubro, de* 1813.

My Lord,

Finalmente approxima-se a Europa ao ponto de sua libertaçaõ; e a Inglaterra póde triumphante, em conjuncçaõ com seus alliados, olhar para o prospecto futuro de alcançar aquella gloria que os seus inauditos, firmes esforços na causa commum, taõ juntamente lhe dam titulo.

Desejaria eu que coubesse a mais habil penna a sorte de descrever, a V. S. os explendidos acontecimentos destes dous dias: porém acho que farei melhor o meu dever esforçando me agora somente em referir os factos principaes a fim de os enviar sem perda de tempo deixando para a primeira occasiaõ o dar a conta mais pelo miudo.

A victoria do General Blucher, no dia 15, foi seguida por outra no dia 18, em que o total das forças combinadas venceo o exercito de Bonaparte, nas vizinhanças de Leipsig. Os fructos deste gloriozo dia sam a collectiva perda de mais de cem peças de canhaõ, sessenta mil homens, immenso numero de prizioneiros, e deserçaõ de todo o exercito Saxonio, e taõ bem das tropas Bavaras, e de Wurtemberg, consistindo em artilheria, cavallaria, e infanteria; e muitos generaes, entre os quaes sam Regnier, Vellery, Brune, Bertrand, e Lauriston.

A estes objectos de alegria, se seguio logo a tomada por assalto da cidade de Leipsig, esta manham, a dos armazens, artilheria, muniçoens da Praça, com o Rey de Saxonia, e toda a sua corte: a da guarniçaõ, e retaguarda do exercito Francez, a de todos os inimigos feridos (cujo numero excede trinta mil) e em fim so seguio tambem a apertada fuga de Bonaparte, que sahio rapidamente de Leipsig ás nove horas, entrando os alliados ás onze; alem disto; a completa derrota do exercito Francez que foge em todas as direcçoens esforçando-se por escapar, e achando-se ainda rodeado.

O ultimo resultado pode V. S. conhecello melhor pela relaçaõ da nossa posiçaõ militar. Agora será o meu cuidado darvos huma conta, a mais succincta, e clara que possa, primeiro, das operaçoens geraes, e combinadas que determinou o grande exercito; e depois, descrever o que aconteceo debaixo de minha immediata observaçaõ, isto he, os movimentos do Principe Real, e do General Blucher.

Os meus officios até 17, tem descripto a posiçaõ dos exercitos alliados até aquella data. Havendo o Principe de Schwartzenberg, annunciado que era da intençaõ de Suas Magestades os Soberanos Alliados, renovar o ataque no

dia 18, e sendo os exercitos do Norte; e da Silesia dirigidos a cooperar; n'isto fizéram-se as seguintes disposiçoens. Devo aqui observar que ataque que fez o grande exercito, aos 16, foi nas vizinhanças de Liebert e Wolkowitz. Como o terróno era particularmente apto para cavallaria, seguio-se hum muito sanguinolento, e vivo combatte com ésta arma, e com artilheria que excedia em numero seis centas peças entre os dois exercitos Dous solitarios edificios que o inimigo tinha occupado com diversos batalhoens de infanteria, e que formavam quasi o centro da posiçaõ do inimigo, fôram atacados pela infanteria Russiana, e depois de serem varias vezes repulsados, os tomaram com espantosa carniceria.

O total da cavallaria inimiga, debaixo do commando de Murat, teve entaõ ordem de avançar: fizéram portanto os inimigos hum ataque desesperado sobre o centro da posiçaõ alliada, o qual obtiveram forçar por um curto espaço de tempo. Para se opporem a esta poderosa cavallaria, seis regimentos de courasseiros Austriacos carregaram em columnas. Nada pôde exceder o accerto e a desesperada valentia deste momento: elles arrojáram tudo diante de si, destruindo, oiço dizer, regimentos inteiros, e voltáram para o seu campo com muitos prisioneiros, tendo deixado oito centos dragoens dentro da linha do inimigo. Muitos officiaes foram mortos, e feridos. O General Latour Maubourg, que commandava a cavallaria do inimigo, debaixo de Murat perdeu huma perna. Ambos os exercitos estavam quasi sobre o mesmo terreno, aonde a contenda tinha começado.

Em quanto o grande exercito estava para começar o seu ataque na manhaã de 18, desde os seus differentes pontos de reuniaõ, nas principaes aldéas situadas sobre as estradas reaes que vaõ a Leipsig, os exercitos do Norte e da Silesia, deviam atacar junctos, desde a linha do Saale, e sobre a posiçaõ do inimigo ao longo do rio Partha. O General Blucher cedéo áo Principe Real trinta mil homens de infantaria, cavallaria, e artilheria de seu exercito; e com este formidavel reforço, o exercito do Norte devia atacar desde os altos de Taucha, em quanto o General Blucher devia retér a sua posiçaõ de fronte de Leipsig, e fazer o maior esforço que podesse para tomar posse da Praça.

Nó cazo que todas as forças do inimigo se dirigissem contra hum dos dous exercitos, deviam estes sustentar-se hum áo outra, e consultarem sobre movimentos futuros. Aquella porçaõ da força inimiga que por algum tempo estéve opposta áo Principe Real de Suecia, e ao General Blucher, tinha tomado huma muito boa posiçaõ sobre a margem esquerda do

Partha, tendo a sua direita no forte ponto de Taucha, e a esquerda para a banda de Leipsig.

A primeira operaçaõ do exercito do Principe Real foi o forçar a direita do inimigo, e obter posse dos altos de Sancha. O corpo de Russianos commandada pelo General Winzingerode, e os Prussianos sob o General Bulow, foram destinados para este fim, e o exercito Sueco foi destinado para forçar a passagem do rio em Plosen, e Mockau. A passagem foi executada sem muita opposiçaõ. O General Winzingerode tomou em Taucha perto de 3,000 prisioneiros, e alguns canhoens. O General Blucher poz o seu exercito em movimento logo que percebeo que o grande exercito estava empenhado com muito calór nas vizinhaças das aldéas de Stollintz, e Probestheyda: e o exercito do Principe Real ainda bem naõ tinha feito o seu movimento de flanco, ja a infanteria inimiga tinha abandonado a linha do rio, e retirado-se para a planice, em linha, e columna, para a banda de Leipsig, occupando Somerfelt, Punsdorff, e Schonfeldt, á praça, protegendo sua retirada. Os acontecimentos deste dia foram aqui marcados, principalmente por huma mui forte canhonada, e algumas brilhantes manobras da cavallaria do General Winginzerode: excepto por fim quando o General Langeron, que tinha atravessado o rio, atacou a aldéa de Schonfeldt, achou consideravel resistencia, e ao principio naõ pode romper caminho; porem sempre alcançou tomalla, mas foi outra vez repulsado; e entaõ o General Blucher lhe mandou mui expressas ordens de a retomar á ponta da baioneta, o que elle concluio antes de escureçer. Alguns batalhoens Prussianos, do corpo do General Bulow estavam tambem fortemente empenhados em Paunsdorf, e o inimigo hia-se retirando delles, quando o Principe Real ordenou que a brigada de fogueteiros debaixo do commando do Capitaõ Bogue, se formasse na esquerda d'huma bateria Prussiana, e fizesse fogo sobre as columnas que se retiravam: a formidavel arma de Congreve naõ tinha ainda bem concluido o entorpecer hum massiço de infanteira; o qual se rendéo logo á primeira descarga (como tomados de hum terror panico,) quando o bravo, e benemerito Capitaõ Bogue, ornamento de sua profissaõ, e cuja morte he grande perda para seus amigós e o seu paiz, recebeo hum tiro na cabeça, que privou o exercito de seus serviços, O Tenente Strangways que lhe succedeo no commando da brigada recebeo do Principe Real os agradecimentos pelos serviços que a brigada fez. Durante a acçaõ 22 peças de artilheria Saxonia se reuniram á nós, desertando do inimigo; assim como tambem 2 regimentos de hussares Westphalianos, e 2 batalhoens Saxonios. Houve logo occasiaõ opportuna de fazer uso das primeiras contra o inimigo,

pela nossa artilheria, e muniçoens naõ ter avançado toda; e o Principe Real mandou por hum official dizer aos outros, que elle hia capitaneallos contra o inimigo, o que elles acceitaram, sem excepçaõ de hum só.

Estando ja estabelecida a communicaçao entre os postos des grandes ataques, os destes dous exercitos, o Graõ Duque Constantino, os Generaes Platoff, Milaradovitch, e outros officiaes de distinçaõ vieram ter como Principe Real, communicando lhe os acontecimentos, e progressos naquellas partes. Parece que o inimigo fez huma mui desperada resistencia em Probetheide, Stetteritz, e Connewitz, porem as differentes columnas que sustentavam estes pontos como descrevi no meu primeiro officio, arroiaram por fim tudo diante de si.

Tendo o General Bennigsen tomado as aldéas sobre a margem direita do Reutscheve, tendo-se lhe reunido o General Bubna, que veio de Dresden, no bloqueio da qual cidade foi rendido pelo General Tolstoy, e manobrando tambem o General Guilay com 25,000 Austriacos sobre a margem esquerda do Elster, o corpo do General Thielman, e do Principe Mauricio marchou sobre o mesmo rio, e o resultado deste dia foi, que o inimigo perdeo mais de 40,000 homens, entre mortos, feridos, e prisioneiros; 65 peças de artilheria, e 17 batalhoens de infanteria Alemaã, com todas as suas bandeiras e Generaes, os quaes desertaram em massa durante a acçaõ. Os exercitos ficáram aquella noite sobre o campo, que tinham taõ vallentemente conquistado. O Principe Real poz o seu bivouac em Paunsdorff; o General Blucher ficou em Wetteritz, e o Imperador, e o Rei de Prussia em Roda.

Perto do fim do dia soube-se que o inimigo se hia retirando por Weissenfels, e Naumburg; o Rei de Prussia mandou ordem áo General Blucher para destacar sobre aquella parte. O movimento do Principe Real completamente lhe cortou a retirada por Wittenberg, e, pela banda de Erfurt, muito tempo antes se lhe tinha tornado impracticavel; so lhe resta a linha do Saale porem como os flancos e a retaguarda lhe haõ de ser picados durante a marcha, naõ se pode dizer com que porçaõ de exercito elle hade chegar ao Rheno. Esta manhaã, a cidade de Leipsic foi atacada, e tomada, despois de huma pequena resistencia, pelos exercitos de Blucher, do Principe Real, General Bennigsen, e Grande exercito. Os Marechaes Marmont, e Macdonald commandavam na cidade, estes e os Marechaes Augereau, e Victor com difficuldade escaparam, com huma pequena escolta. Suas Magestades o Imperador da Russia, e o Rei de Prussia, e o Principe Real de Suecia, cada hum a frente de suas respectivas tropas,

entraram na cidade por differentes pontos e vieram encontrar-se na grande Praça.

As acclamaçoens, e regozijos do povo naõ se podem descrever. A multiplicidade de brilhantes feitos, e a impossibilidade de poder justamente apreciar-se, a firmeza que foi mostrada, a vallentia de espirito do commandante em Chefe, o Marechal de Campo o Principe Schwartzenberg, e dos outros experimentados Capitaens; e tambem o curto espaço de tempo que me foi concedido para concluir este officio, podem obterme, como espéro, sufficiente desculpa de eu naõ mandar huma mais miuda, e perfeita conta, a qual com tudo espero dar para o futuro.

Envio este officio pelo meu Ajudante de Campo, Mr. James, que se tem destinguido pelos seus serviços, depois que está neste exercitio: elle tambem tem sido presente comigo em todos os ultimos acontecimentos, e poderá expor á V. S. todos os mais particulares.

Tenho a honra de ser, &c. &c.
(Assignado) CARLOS STEWART, Tenente-general.

P. S. Chegou hoje ao campo da batalha hum official que vem do exercito do General Tettenborn, e tras informaçaõ de se ter rendido Bremen ao corpo debaixo do seu commando, e as chaves da cidade, que foram appresentadas pelo Principe Real, ao Imperador da Russia.

SECRETARIA DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS, 3 DE NOVEMBRO.

Chegaram hoje á Secretaria do Visconde Castlereagh, officios do Honr. Tenente-general Sir C. W. Stewart, de que o seguinte saõ copias:—

Quartel-general do Principe Real, Cothen,

14 *de Outubro, de* 1813.

MY LORD!

Como he incerto, se este officio chegará ao seu destino em rasaõ da nossa presente situaçaõ, por isso escrevo poucas linhas. Pelo meu officio de 11 informei a V. S. de que o exercito da Silesia e o do Principe Real, estavam junto do Saale, no dia 11 do corrente. No dia 12 soube-se que o inimigo tinha reunido consideraveis forças sobre a margem

direita do Mulda, entre Duben, Eulenberg, e Jesnitz; quando ao mesmo tempo se julgava que estava com força em frente do grande exercito; porem todas as suas forças pareciam estar concentradas entre o Mulda, Leipsig, e Torgau. O grande exercito, aos 12, conforme as noticias que se receberam, estava postado da maneira seguinte:—o principal corpo em Altemburg; o corpo do General Wittgenstein em Borna, aonde se sabe que teve hum bem succedido encontro com o inimigo; o General Kleinau em Frohberg; os Generaes Guilay e Thielman em Zeitz; o Principe Mauricio Lichtenstein em Pegau; O General Beningsen tinha-se adiantado de Peterswalde, e Dohna, para Waldheim; e o General Bubna teve hum encontro mui brilhante de fronte de Dresden no dia 10; tambem conseguio tomar a cabeça de ponte em Pirna destruio os botes, e tomou canhoens, e prisioneiros. Segundo se diz, o inimigo deixou somente 12,000 homens, de guarniçaõ em Dresden. A' esta geral informaçaõ accresceo mais, que o inimigo tinha desfilado de Wittenberg para a margem direita do Elbo, e no dia 11 tinha feito retirar o corpo do General Thumen. Ficou logo sendo da maior importancia o saber-se com certeza o numero das forças inimigas que passaram em Wittemberg. O plano de Bonaparte passar com todo o seu exercito em Torgau, e Wittenberg, abandonando assim todas as suas communicaçoens, e facilitando a todos os exercitos alliados o reunirem-se, e postarem-se entre elle, e França, parece huma medida taõ desesperada, e calculo taõ pouco militar, que até esta interessante crise se desenvolva por si mesma, he impossivel pronunciar huma opiniaõ. O Principe da Corôa, em consequencia do estado das coizas assima ditto, tornou a repassar o Saale, aos 13, e marchou para Cothen, aonde se postou; ficando assim em distancia de huma marcha, do General Blucher, em Halle, podendo cada exercito apoiar-se hum ao outro, e combinarem seus movimentos, e se espera o grande exercito a cada hora em Leipsig. As novidades deste dia saõ, que seis divisoens do exercito inimigo, e as guardas passáram em Wittenberg, e dirigem se para Berlin. As nossas communicaçoens ao travez do Elbo, em Rosslau, e Acken, foram atacadas, e o General Tauenzein evacuou, a primeira; e por temor que lhe fosse tomada a retaguarda pelo inimigo que passou em Wittenberg, reunio-se ao General Thumen, e vai se retirando sobre Zerbst, e para a banda de Potsdam. A insignificante perda da nossa communicaçaõ ao travéz do Elbo, excepto abaixo de Magdeburg, pode ser huma inconveniente temporario: porém como a annihilaçaõ do exercito Francez he o unico objecto, o Principe da Corôa tem tomado a resoluçaõ de marchar para Halle, e reunir-se ao corpo do General

Blucher e ao grande exercito, e quando todos os exercitos estiverem reunidos será na verdade coiza bem extraordinaria se V. S. naõ recebe huma boa conta do inimigo. Chegou do grande exercito a noticia de estar assignado o tractado com a Baviera. O corpo do General Walmoden, assim como o do General Tauentzien, devem obrar segundo as circumstancias. He difficultoso o poder dizer decididamente que plano elles ham de adoptar.

Tenho a honra de ser, &c.
(Assignado) Carlos Stewart, Tenente-general.

Halle, 15 de Outubro, de 1813.

My Lord,

As relaçoens transmittidas no meu officio de 14 do corrente, fundadas no informaçaõ que entaõ se tinha recebido, de que seis divisoens das novas guardas do inimigo tinham desfilado de Wittenberg e tambem tropas de Torgau, para a margem direita do Elbe, e o terem tomado posse de Dessau, pode causar huma momentanea anxiedade no espirito do publico; e eu estou portanto dezejoso de dissipalla o mais cedo possivel: agora pois tenho a honra de informar a V. S., que, segundo as noticias recebidas, o inimigo está concentrando as suas tropas desde a banda de Wittenberg, e do baixo Mulda e parece que as esta ajunctando nas vizinhanças de Leipsig, Taucha, e Eulenberg. Estas noticias saõ em parte derivadas de hum Tenente-coronel do exercito Francez, que aprisionamos, a quem se achou huma carta dirigida ao Marechal Marmont, ordenando lhe que se pozesse em marcha para Leipsig, e que estivesse debaixo das ordens de Murat. As forças do inimigo que tem estado manobrando na margem direita do Mulda, e que attravessaram o Elbo saõ commandadas pelos Marechaes Ney e Marmont; e elles tem taõ cuidadosamente occultado os seus movimentos, por marchas, e contramarchas, e o paiz he taõ fechado, e difficultoso, junto á conjuncçaõ dos dous rios, que as noticias que temos naõ saõ exactas. Com tudo he certa a noticia, vinda do grande exercito, de que o inimigo se reunio nas vizinhanças de Leipsig. No dia 14 retirou-se de Zerbst, e deixou Acken, aonde se tinha mostrado, e depois de destruirem a nossa cabeça de ponte em Rosslau, abandonaram-a; e os Cossacos do corpo do General Winzingerode, e do exercito do Principe Real arrojaram-o de Dessau, que tornou a ser occupado. Estes differentes acontecimentos confirma-

ram a outra noticia, e as apparencias eram de que movimento de Wittenberg tinha sido emprehendido com vistas de attrahir o exercito do norte, a repassar o Elbo. Sob principios geraes militares, o attravessar aquelle rio sem estar de posse de Wittenberg, pode ser tido por muitos, como huma duvidosa, senaõ, mal fundada empreza; porem, por outra parte, devem-se tambem pezar as vantagens que se seguiam da reuniaõ de perto de 300,000 homens, rodeando o inimigo por toda a parte; a desmoralizaçaõ de seus exercitos, sua inquietaçaõ a respeito de mantimentos, cuja falta, cercado como elle esta, deve necessariamente augmentar; e finalmente a vantagem de tornar a entrar por huma vez immediatamente em medidas vigorosas, offensivas em todos os pontos. O Principe Real de Suecia tinha destacado, no dia 14, huma divisaõ de seu exercito debaixo das ordens do Principe de Hesse Homburg, para restabelecer a sua communicaçaõ em Acken, e assegurar a passagem do rio, e a cidade (a qual he fortificada), reforçando-a o mais possivel. Com tudo, o General Hirschfeld ja tinha segurado esta posiçaõ, antes de chegar o reforço. A guarniçaõ de Magdeburg fez ataques sobre a posiçaõ de Bernburg, juncto ao Saale, ponto de infinita importancia para a passagem daquelle rio, em caso de necessidade: porem foram aqui de novo sacudidos por outro destacamento de Cossacos, do corpo do General Winzingerode, e foi ali posta huma guarniçaõ de dous batalhoens, e algumas peças. O exercito do Principe Real estendeo-se hoje, com a direita na direcçaõ das montanhas de Petersberg, o ponto mais importante deste paiz, pela sua despenhada elevaçaõ, e com a esquerda para a banda de Cothen, e Elsdorf, em quanto suas guardas avançadas se tinham adiantado até as aldeas na margem esquerda do Mulda. O exercito da Silesia estava em posiçaõ juncto de Halle, com suas guardas avançadas em Merseberg e Sckenditz. Por noticias recebidas do grande exercito, consta que o General Wittgenstein, no dia 13, fez hum reconhecimento geral vindo de Borna, e marchou para a esquerda, occupou Pegau no dia 14, com a maior parte do seu corpo, estabelecendo as suas communicaçoens; pela esquerda com o corpo Austriaco do General Guilay, e do Principe Mauricio Lichtenstein, postado em Weissenfels perto de Naumburg, e ajunctou-se aos Generaes Thielman, e Platoff, para as bandas de Lutzen; e pela direita com o corpo do General Kleinau, que marchava para Borna, e devia destacar, para Grimma, e Colditz. Os granadeiros, e couraceiros Russianos estavam em Altemburg. O principal corpo do grande exercito, isto he, o corpo do General Meerveldt, o exercito Austriaco de

reserva, e as guardas Russianas e Prussianas tomaram posiçaõ em Zeitz, o corpo de Colloredo, em Chemnitz, e Penig, e destacaram para a banda de Rocklitz ; o General Bennigsen tinha ordem para se fazer senhor das estradas que vaõ a Nossen, e Meissen, e continuar para diante, com toda a expediçaõ. Nesta disposiçaõ geral devem os exercitos andar para diante, cercando o inimigo até chegarem a ponto de poderem atacar por todos os lados. Nestas circumstancias, éra evidente, que, se o inimigo houvesse de forçar a passagem ao travez de hum dos corpos, os outros unidos haviam de cahir sobre o ponto atacado. Esta operaçaõ vem a ser mais facil, á proporçaõ, que a communicaçaõ entre os differentes exercitos estiver estabelecida, e o circulo em roda do inimigo estreitado. Em caso de retirada, de hum lado a margem esquerda do Saale offerece huma linha mui forte, e do outro, as posiçoens de Lutzen, Weissenfels, e Altenburg. Tambem tenho de participar a V. S., que o corpo Bavaro do General Wrede, e o Austriaco do Principe Reuss, estaõ caminha do a marchas forçadas sobre Bamberg. Eu tenho hum natural dezejo de por, a V. S. de posse da mais constante correspondencia, e fazendo o assim (como as informaçoens variam a cada hora), tenho receio de ser inexacto porem neste caso espero a indulgencia de V. S. Todos os corpos do grande exercito, marcharam hoje para diante. O General Blucher marchou para Gros Kugel, e Skenditz, e estendeo a sua guarda avançada até Leipsig ; e o Principe Real tem a sua direita em frente de Petersberg, e a esquerda em Zorbig, com os Suecos juncto de Wettin, e as guardas avançadas em Brehna.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) Carlos Stewart, Tenente-general.

Repartiçaõ da Guerra, 9 de Novembro.

Lord Arthur Hill chegou esta manhaã com officios do Feld Marechal Marquez de Wellington, para o Conde Bathurst, datados de Vera, 1 de Novembro, dos quaes o seguinte saõ extractos:—

Vera, 1 de Novembro, de 1813.

Nada de importancia tem acontecido na linha depois da ultima vez que escrevi a V. S.

A guarniçaõ inimiga de Pamplona, propoz a D. Carlos

d'Espanha, de se render no dia 26, debaixo das condiçoens:—1. Que se lhe havia de conceder o marchar para França com seis peças de canhaõ; e 2. que se lhe havia de conceder o marchar para França, com promessa de naõ servir contra os alliados durante hum anno, e hum dia. Todas estas condiçoens foram rejectadas por D. Carlos d'Espanha, e foi lhes dito que elle naõ tinha ordem para lhes acceitar capitulaçaõ em termos alguns, que naõ fossem, o entregarem-se prisioneiros de guerra: ao que elles declaráram que nunca se haviam de sujeitar.

Vera, 1 *de Novembro, de* 1813.

Depois que escrevi a V. S. esta manhaã, recebi huma carta de D Carlos d'Espanha, da qual envio copia, em que me annuncia o rendimento da fortaleza de Pamplona, por capitulaçaõ, ficando a guarniçaõ prisioneira de guerra: por cujo acontecimento pesso licença para dar os parabens a V. S. Eu naõ posso applaudir sufficientemente o comportamento de D. Carlos d'Espanha, e o das tropas debaixo do seu commando, durante o periodo em que elle commandou o bloqueio, que he, desde o principio de Agosto. Em todas as sortidas que o inimigo fez, foi rechaçado com perda; e o general, officiaes, e tropas tem-se comportado bem em todas as occazioens. D. Carlos d'Espanha foi mui mal ferido no dia 10 de Septembro, como referi no meu officio de 19 daquelle mez; porem tendo dado parte de que estava prompto para continuar o exercicio das suas obrigaçoens, pareceo me justo permittir-lhe o continuar no commando, cujos deveres até aquelle momento tinha executado d'huma maneira taõ satisfactoria; e muito folgo que lhe cahisse em sorte o ser o instrumento que restaurasse á Monarchia Hespanhola, huma fortaleza de tanta importancia como Pamplona. Como naõ recebi ainda a minuta dos termos da capitulaçaõ, espero poder remettellos, para a primeira occasiaõ.

(Traducçaõ.)

Excellentissimo Senhor,

Seja dada gloria a Deus, e honra aos triumphos de V. E. nesta sempre memoravel campanha.

Tenho a honra, e a grande satisfacçaõ de dar a V. E. os parabens pelo rendimento da fortaleza de Pamplona, cuja capitulaçaõ, depois de ter sido assignada pelos officiaes superiores munidos com meus poderes, e pelos delegados do General Commandante da Praça, agora acabo de ratificar, em virtude da authoridade que V. E. me conferio. A guarniçaõ fica prisioneira de guerra, como V. E. tinha determinado desde o principio, e ha de marchar á manhaã ás duas da tarde, em ordem a ser conduzida ao porto de Passages. As nossas tropas occupam huma das portas da cidadela, e as Francezas, a praça.

Datado do Campo de fronte de Pamplona, 31 d'Outubro, de 1813.

Deus guarde a preciosa vida de V. E.

(Assignado) CARLOS ESPANHA.

A S. E. o Marechal Duque de Ciudad Rodrigo.

SECRETARIA DA GUERRA, 19 DE NOVEMBRO, DE 1813.

Hum officio, do qual o seguinte he hum extracto foi hoje recebido na Secretaria do Conde Bathurst, dirigido a S. S. pelo Marechal de Campo Marquez de Wellington, datado de Vera 8 de Novembro, de 1813.

Tenho a honra de inviar a copia da capitulaçaõ da guarniçaõ de Pamplona. Nada de importancia tem occorrido na linha despois que eu escrevi á V. S. no primeiro do corrente; nem tenho ouvido coiza alguma a respeito do General Clinton.

Tenho a honra de vos transmittir, para ser apprezentada á Sua Excellencia o Commandante em Chefe dos Exercitos Nacionaes, a capitulaçaõ concedida á guarniçaõ da cidade, e cidadela de Pamplona, nos termos prescriptos pela ordem de S. E. o Commandante em Chefe. Naõ me tem sido possivel transmittir-volla, antes, por me ser sido necessario o retella para fazer cumprir as suas condiçoens Tambem incluo hum certificado o qual eu exigi do Cabeça da Administraçaõ Civil da Praça, antes de começar a tractar com o inimigo, em ordem a eu poder estar seguro que nenhum dos habitantes tinha morrido por mau tractamento, ou necessidade, durante o bloqueio.

(Assignado) CARLOS DE HESPANHA.

O General de Brigada Cassau, Baraõ do Imperio, Membro da Legiaõ de Honra, Governador da Praça, e Cidadela de Pamplona, da parte de S. M. Imperial e Real Napoleaõ; e o Marechal de Campo Don Carlos d'Hespanha, Cavalleiro da Ordem de St. Joaõ de Jerusalem, Commandante em Chefe das tropas Hespanholas, e alliadas que formam o bloqueio da ditta cidadela, e praça, tem nomeado para discutir, e decidir sobre os artigos de Capitulaçaõ, segundo os termos porque a praça, e cidadela deveraõ ser entregues ás dittas tropas, a saber.

O Major-general nomea o Adjudante Commandante L. de Maucune, Baraõ do Imperio, Membro de Legiaõ de Honra, Chefe do Estado-major: e Don Carlos d'Hespanha nomea o Baraõ Don Francisco D. Vives, commandante-general do terceiro destricto da linha do bloqueio; o Coronel Goldfinch, do serviço de S. M. Britannica, e o coronel D. Ventura Mina, Chefe do Estado-maior da segunda divisaõ do quarto corpo do exercito Hespanhol.

Estes officiaes tendo se ajuntado entre os postos avançados da praça, e os das tropas do bloqueio, no sitio do Hospital de St. Pedro, e tendo trocado seus respectivos poderes, tem, hoje 30 de Outubro de 1813, concordado sobre os seguintes artigos, sujeitos as ratificaçoens de seus respectivos Generaes.

Art. I.—A guarniçaõ marchará para fora da praça com as honras da guerra, á fim de marchar para França, e será escoltada até os postos avançados do exercito Francez, por hum destacamento do exercito Alliado.

Resposta.—A guarniçaõ Franceza sahirá da praça com todas as honras da guerra, deporá as armas, bandeiras, e aguias, a 300 varas de distancia da estacada, entregar-se-haõ prisioneiros de guerra áos exercitos Hespanhoes, e Alliados, e marcharaõ para o porto de Passages, alli embarcarem, e serem levados a Inglaterra.

Os officiaes commandantes da escolta da guarniçaõ tomaraõ na marcha todos os meios necessarios para assegurar o preenchimento dos artigos da capitulaçaõ á respeito de todas as pessoas concernentes.

2.—Os subalternos, e soldados conservaraõ as suas mochilas, e os officiaes as suas espadas e bagagem.

Resposta.—Concedido, com a condiçaõ que a praça e a cidadela seraõ entregues semque se lhes tinha feito injuria alguma, e que as balas, e todas as muniçoens que ficarem, deveraõ ser achadas sem que tenham soffrido damno algum, e que seraõ lá deixadas provisoens para tres dias. Se ficarem algumas minas nas obras da cidadela, a polvora com que ellas

estiverem carregadas, sera extrahida antes da entrega da praça. Concedido tambem em consideraçaõ á que naõ ha duvida alguma de que a guarniçaõ Franceza se tem comportado honradamente para com os habitantes da cidade durante o bloqueio.

3. Os officiaes de saude, e outros empregados no exercito Francez, seraõ tractados como a guarniçaõ e gozaraõ as mesmas vantagens.

Resposta.—Concedido, e elles podem ser propostos pelo Marquez de Wellington, Commandante em Chefe dos xercitos Alliados, ao General em Chefe do exercito Francez, em troca por Hespanhoes, e principalmente os de Navarra, que estaõ detidos em França como prisioneiros.

4.—Os militares que tem soffrido amputaçaõ, e todos os que naõ estam em estado de servirem voltaraõ para França logo que possam supportar as fadigas da jornada.

Resposta —Ficaraõ prisioneiros de guerra, até que sejam trocados, e seraõ tractados como o resto da guarniçaõ.

5.—Os doentes no hospital, seraõ tractados com todo o cuidado devido a sua situaçaõ; ficaraõ com elles officiaes de saude, e infermeiros em numero sufficiente, e logo que estejam perfeitamente recobrados, elles, e as pessoas que ficarem com elles seguiraõ o destino da guarniçaõ.

Resposta.—Concedido.

6.—O exercito alliado proverá o numero de carroças, cavallos, ou mulas, necessario para a transportaçaõ da bagagem, e dos invalidos.

Resposta.—Concedido, a respeito do que poder ser providenciado pelo paiz.

7.—Hospedaria, e provisoens, seraõ fornecidas ás tropas da guarniçaõ nos sitios de paragem segundo os arranjos, e á custa dos exercitos Alliados.

8.—Como os militares da guarniçaõ estejam muito enfraquecidos, em consequencia das privaçoens que tem soffrido, as paragens em sua marcha, seraõ o menos distantes que possivel for.

Resposta.—Concedido.

9.—Todos os Francezes (naõ combatentes) que estiverem a este momento na cidade de Pamplona, naõ deveraõ ser considerados prisioneiros de guerra; e dar-se-lhes-ha licença para voltarem para França.

Resposta. — Esses podem ser propostos em troca por Hespanhoes da administraçaõ civil, que estam retidos em França, e especialmente, por habitantes de Navarra.

10.—Passaportes para voltarem para França seraõ dados a todos os velhos pura cima de 60 annos de idade, ás mulhe-

res, e creanças dos militares, e outros empregados no exercito Francez.

Resposta.—Este artigo, deve ser transmittido, e particularmente recommendado pelo General commandante bo bloqueio á S. E. o Commandante em Chefe, o Duque de Ciudad Rodrigo.

11.—Os Hespanhoes, e Francezes que tem residido em Hespanha antes, ou despois de 1808, e que despois deste periodo tem servido em algum emprego civil, naõ seraõ hum nenhum modo molestados, nem elles, nem suas familias, em suas pessoas, ou propriedade, por conta de suas opinioens, ou da parte que elles podem ter tido. As familias de taes entre elles, que no decurso do mez de Junho passado, tiverem seguido o exercito Francez, receberaõ protecçaõ para si, e para a sua propriedade.

Resposta —Essas pessoas ficaraõ debaixo da protecçaõ das Leis do Governo Hespanhol.

12.—Os officiaes prisioneiros de guerra sob palavra em Pamplona, naõ ficando livres pela prezente capitulaçaõ, naõ lhes será permittido servirem contra á França, ou seus Alliados até que sejam regularmente trocados.

Resposta.—Todos os officiaes de qualquer graduaçaõ que sejam, achados sob palavra, ou prezos na fortaleza de Pamplona seraõ entregues sem condiçoens, áo General Commandante do bloqueio ; por ser materia de direito, que todas as pessoas militares tem a sua liberdade, quando saõ achados em huma fortaleza de que toma posse hum exercito da naçaõ á que elles pertencem.

13.—Seraõ nomeados de ambas as partes Commissarios para a entrega e receita de todas as coizas concernentes a artilheria, a repartiçaõ dos engenheiros, e a administraçaõ géral.

Resposta.—Concedido : todos os planos pertencentes a fortaleza, assim como todos os outros papeis publicos, seraõ fielmente entregues áo Commissario Hespanhol pelo Commissario da fortaleza.

14.—O General, Governador da fortaleza, terá a escolha de inviar de Pamplona, hum official, pelo caminho mais perto, á S. E. o General em Chefe dos exercitos Francezes, em ordem á transmittir-lhe a prezente capitulaçaõ, e expor-lhe as razoens della.

Similhante official devera ser fornecido com huma escolta sufficiente para a sua segurança pessoal, até os postos avançados do Exercito Francez, e naõ sera considerado como prisioneiro de guerra.

Resposta.—Concedido, hum official que naõ seja assima de Capitaõ ; deve ser considerado como prisioneiro de guerra

sob palavra, este sera trocado ; o que pode logo fazer-se por hum official do exercito Hespanhol, de igual graduaçaõ : todos os officios com que elle fez carregado, deveraõ ser abertos.

15.—Logo que as ratificaçoens forem trocadas, commissarios nomeados na conformidade do artigo 13 da presente capitulaçaõ, seraõ admittidos dentro da fortaleza a fim de executarem a sua missaõ. No mesmo dia e immediatamente depois da troca das ratificaçoens, destacamentos das tropas bloqueantes occuparaõ a porta do Soccorro, a da cidadela, e a Porta de França, da cidade : e para evitar desordem, e confuzaõ, as tropas bloqueantes naõ entraraõ na praça, e cidadella até que as tropas Francezas tenham sahido.

Resposta.—Concedido.

16.—A guarniçaõ evacuará praça no 1. de Novembro, as 2 horas P. M., pela Porte Nova.

Resposta.—Concedido.

17 —Deve-se entender distinctamente, que a guarniçaõ de Pamplona devera gozar de todas as vantagens que podessem ser affiançadas por hum armisticio, que tenha sido concluido, entre S. M. o Imperador e Rey, e as potencias alliadas, previo a ratificaçaõ da presente capitulaçaõ.

Resposta.—Recuzado.

18.—Se alguma discussaõ se levantar no preenchimento dos artigos da prezente capitulaçaõ, a interpretaçaõ sera sempre a favor da guarniçaõ.

Resposta.—Concedido.

CONDIÇOENS

Postas sobre a Guarniçaõ pelos Officiaes Commandantes dos Alliados.

Nenhum Hespanhol, seja de que sexo, ou classe for, podera seguir a guarniçaõ Franceza ao seu destino ; e todos assim civiz, como militares ficaraõ debaixo da protecçaõ das leis.

Resposta.—As pessoas aqui designadas, naõ receberaõ da guarniçaõ, facilidade para sahirem de seu paiz.

Todos os prisioneiros de guerra, sem excepçaõ alguma, e todos os desertores pertencentes aos exercitos Hespanhoes, e Alliados, seraõ entregues as ditas tropas alliadas, sem troca, logo que a capitulaçaõ for ratificada.

Resposta.—Os prisioneiros de guerra contidos neste arti-

go, seraõ entregues aos exercitos alliados, assim como tambem os desertores se alguns houver.

O emprestimo forçado, de vinte mil duros, levantados sobre os habitantes durante o bloqueio (os fundos do qual fos applicadoram para o pagamento das tropas da guarniçaõ) naõ sendo recobravel por estar o paiz occupado pelos exercitos Alliados, devera ser reconhecido como hum credito de Hespanha, sobre o Governo Francez, e sera levado em conta, quando em huma paz, os interesses das duas naçoens forem accomodados.

Resposta.- Sera mui facil de accomodar a questaõ, quando as duas naçoens tratarem sobre os seus respectivos interesses; outro tanto se deve áo Governo Francez por conta dos atrazados das contribuiçoens de Navarra: e a mesma cidade, e muitos dos habitantes de Pamplona, deviam juntamente, em o primeiro de Janeiro do presente anno a soma de trezentos e trinta mil, seis centos, e quatorze reales de vellon.

As prezentes feitas em duas copias defronte de Pamplona, o diz, mez, e anno, da forma abaixo, e assignados Francisco Dionizio Vives. Baraõ L. de Maucune, W. Goldfinch, Capitaõ dos Reaes Engenheiros, e o Tenente Coronel Ventura de Mina. A prezente capitulaçaõ ratificada em todas as suas partes, em Pamplona, aos 31 de Outubro, de 1813. O General Governador da cidade e cidadela de Pamplona.

BARAÕ DE CASSAN.

A prezente capitulaçaõ approvada, e ratificado pelo abaixo assignado Marechal de Campo dos Exercitos Nacionaes de Hespanha, Cavalleiro da Real Ordem Militar de St. Luis, e de St. Joaõ de Jerusalem, Commandante do bloqueio de Pamplona, em virtude da auctoridade do Marechal General o Duque de Ciudad Rodrigo, General em Chefe dos Exercitos Nacionaes, e Alliados de Hespanha.

Campo de fronte de Pamplona, 31 de Outubro, de 1813.

(Assignado) CARLOS DE HESPANHA.

(Copia fiel) L. WIMPFEN.

Eu, Don Jozé Joaquim Foncellas, Presidente da Municipalidade de Pamplona, certifico, que o Brigadeiro Don Francisco Dionizio Vives, o Coronel Goldfinch, e o Coronel Don Ventura de Mina, officiaes nomeados pelo Marechal de Campo Don Carlos d'Hespanha, commandante em chefe da

direita da linha do Bloqueio, tendo comparecido diante de mim, e requerendo-me que eu houvesse de attestar qual tinha sido a conducta da guarniçaõ Franceza durante o bloqueio, eu explanei lhes, que á respeito do povo, tinha sido conforme á boa disciplina, e que as providencias dadas pelo Governador, durante a escacez, que perdominou em consequencia do bloqueio, naõ occazionou a morte de algum habitante.

Em ordem a que isto possa valer aquelles á quem respeitar, dou a prezente no Convento de St. Pedro em 30 do Outubro, de 1813.

(Assignado) O Marquez de Foncellas.
(Copia fiel) A Wimpfen.

OFFICIO DO GRANDE LORD.

St. Pé, Novembro 13 *de* 1813.

My Lord,

O inimigo tem occupado, desde o principio de Agosto, huma poziçaõ com a sua direita sobre o mar, em fronte de S. Jean de Luz, á esquerda do Nivelle ; seu centro sobre La Petite La Rhune em Sarré, e sobre as alturas por de tras da aldea ; e sua esquerda, composta de duas divizoens de infanteria, debaixo das ordens do Conde de D'Erlon, apoiada na direita daquelle rio, em huma forte altura na retaguarda de Anhoue, e sobre a montanha de Mondarin, que protege o aproche para aquella aldea : elle tinha tido huma divizaõ commandada pelo General Foy em S. Jean Pied de Port, a que se tinha junto huma do exercito de Aragaõ debaixo das ordens do General Paris, quando a esquerda do exercito alliado passou o Bidassoa a 7 de Outubro ; a divizaõ do General Foy ajuntou-se as que estavaõ sobre as alturas por de tras de Anhoue, quando o Tenente General Sir Rowland Hill entrou no valle de Bastan.

O inimigo, naõ satisfeito com a natural força da sua poziçaõ, fortificou-a toda, particularmente na sua direita, que elle fez taõ forte, que de naõ julguei conveniente ataca-lo em frente.

Tendo se rendido Pamplona a 31 de Outubro, e tendo-se a ala direita do exercito desembaraçada de cobrir o bloqueio daquella praça, eu mandei mover o Tenente General Sir Rowland Hill nos dias 6, e 7, para o valle de Bastan, logo que o es-

tado das estradas, depois das recentes chuvas o permittissem; sendo meu intento atacar o inimigo no dia 8; porem a chuva que houve no dia 7, tornando novamente impracticaveis as estradas, fui obrigado a deferir o ataque até o dia 10, dia em que completamente conseguimos tomar todas as poziçoens do centro, e esquerda do inimigo, separando aquelle desta, e volteando por este meio as fortes poziçoens do inimigo, occupadas pela sua direita no baixo Nivelle, as quaes foraõ obrigados a evacuar durante a noite, tomando nos 51 peças de artilheria, e 1,400 prizioneiros.

Sendo o objecto deste ataque forçar o centro do inimigo, e estabelecer nosso exercito na retaguarda da sua direita, fez-se o ataque em columnas de divizoens, conduzida cada huma pelo Official General Commandante, e formando cada huma sua propria reserva. O Tenente General Sir Rowland Hill dirigio o movimento da direita, composta da 2. divizaõ, debaixo das ordens do Tenente General o Hon. Sir William Stewart, da 6 divizaõ debaixo das ordens do Tenente General Sir H. Clinton, de huma divizaõ Portugueza, debaixo das Ordens do Tenente General Sir John Hamilton, e de huma divizaõ Hespanhola, commandada pelo General Morello, de huma brigada de Cavallaria do Coronel Grant, de huma brigada de artilheria Portugueza, debaixo das ordens de Tenente Coronel Robe, que atacou as posiçoens do inimigo por destras de Anhoue.

O Marechal Sir Wm. Beresford, dirigio os movimentos da direita do centro, compostas estas forças du 3 divizaõ commandada pelo Major General Charles Colville, du 7 divizaõ debaixo das ordens do Marechal de Campo Le Cor, e da 4 divizaõ, commandada pelo Tenente General o Hon. Sir Lowry Cole. Este atacou os reductos em fronte de Sarré, aquella aldea, e alturas por detraz della, apoiado na sua esquerda pelo exercito de reserva de Andaluzia, commandado pelo Marechal de Campo Don Pedro Giron, que atacou as posiçoens do inimigo sobre sua direita de Sarré, nos declives de La Petite La Rhune, e nas alturas por detras da aldea á esquerda da 4 divizaõ. O Major General Charles Baraõ Alten atacou com a divizaõ ligeira, e com a divizaõ Hespanhola do General Longa, as posiçoens do inimigo sobre La Petite la Rhune; e tendo-as tomado, cooperou com a direita do centro no ataque das alturas por detraz de Sarré.

A brigada de cavallaria do General Alten, debaixo da direcçaõ do Tenente General Sir Stapleton Cotton, seguio os movimentos do centro, e alli se achavaõ tres brigadas de artilheria Ingleza, com esta parte do exercito, e tres peças

d'artilheria de montanha com o General Giron, e tres com o Major General Charles Alten.

O Tenente General Don Manuel Freire moveo se em duas colunnas dos alturas de Mundale para Ascain, em ordem a tirar vantagem de quasquer movimentos que o inimigo fizesse da direita da sua posiçaõ para o seu centro; e o Tenente General Sir John Hope, com a esquerda do exercito, atacou os portos avançados de inimigo em fronte de seos entrincheiramentos no mais baixo Nivelle, tomou o reducto acima de Orogne, e estabeleceo se nas alturas immediatamente oppostas a Sibour, prompto a aproveitar-se de qualquer movimento feito pela direita do inimigo.

O ataque começou ao amanhecer; e o Tenente General o Hon. Sir Lowry Cole tendo obrigado o inimigo a evacuar o reducto da sua direita, em frente do Sarré, por meio de huma canhonada, e o que estava em frente da esquerda da aldea tendo sido igualmente evacuado ao approximar-se a 7 divizaõ commandada pelo General Le Cor para o atacar, o Tenente General Sir Lowry Cole atacou, e se apoderou da aldea, que foi volteada na esquerda pela 3 divizaõ, commandada pelo Major General o Hon. Charles Colville, e na direita pela reserva de Andaluzia debaixo das ordens de Dom Pedro Giron: e o Major General Charles Alten tomou as posiçoens sobre La Petite La Rhune.

Todas estas tropas cooperaraõ entaõ no ataque da forte posiçaõ do inimigo por detras da aldea. A 3 e 7 divizoens tomaraõ immediatamente os reductos na esquerda do centro inimigo, e a divizaõ ligeira os da direita; entretanto que a 4 divizaõ; com a reserva de Andaluzia na esquerda, atacaraõ as posiçoens do seu centro. Por estes ataques foraõ os inimigos obrigados a abandonar suas fortes posiçoens que elles tinhaõ fortificado com muito cuidado, e trabalho: elles deixaraõ no principal reducto sobre a altura o 1 batalhaõ do regimento 88 que immediatamente se rendeo.

Durante que faziaõ estas operaçoens no centro, eu tive o prazer de ver a 6 divizaõ commandada por Sir Henry Clinton depois de ter atravessado o Nivelle, depois de ter atacado os piquetes do inimigo em ambas as margens, e depois de ter coberto a passagem da divizaõ Portugueza debaixo das ordens do Tenente General Sir John Hamilton na sua direita, fazer o mais bello ataque contra a direita da posiçaõ do inimigo por traz de Anhoue, e na direita do Nivelle, e tomar todos os entrincheiramentos, e o reducto que estava naquelle flanco. O Tenente General Sir John Hamilton auxiliou com a divizaõ Portugueza, a 6 divizaõ na sua que estava na sua direita, e ambas cooperaraõ no

ataque do segundo reducto, o qual foi immediatamente tomado.

A brigada do Major General Pringle da 2 divizaõ, commandada pelo Tenente General o Hon. Sir Wm. Stewart, atacou os piquetes inimigos na margem de Nivelle, ce em frente de Anhoue; e entaõ a brigada do Major General Byng da 2 divizaõ atacou os intrincheiramentos, e hum reducto que estava mais remoto na esquerda do inimigo, no qual ataque o Major General, e estas tropas se distinguiraõ. O Major General Morillo cobrio a marcha de todas as tropas para as alturas por detras de Anhoue, atacando os postos do inimigo no declive de Mondaria, e perseguindo-os Itzatie. As tropas nas alturas par detraz de Anhoue estivaraõ, por meio destas operaçoens debaixo a direcçaõ do Tenente General Sir Rowland Hill, forçaraõ os inimigos a retirar-se para a ponte de Cambo sobre o Nive; á excepçaõ da divizaõ em Mandarin que, pela marcha de huma parte da 2 divizaõ commandada pelo Tenente General o Hon. Sir Wm. Stewart, foi perseguida para as montanhas que estaõ parte de Baygory.

Logo que alturas foraõ tomadas em ambas as margens do Nivelle ordenei as divizoens 3 e 7, que formavaõ a direita do nosso centro, que marchassem pela esquerda daquelle Rio para St. Pé. e a 6 divizaõ pela direita do mesmo Rio para o mesmo lugar; entretanto que a 4 e a divizaõ ligeira, bem como a reserva do General Giron, tomava as alturas acima de Ascain, e cobriaõ este movimento por aquelle lado, e Tenente General Sir Rowland Hill o cobria pelo outro. Huma parte das tropas do inimigo retirou se do seu centro, e atravassou o Nivelle em St. Pé; e logo que a 6 divizáõ se approximou da 3 debaixo das ordens do Major General o Hon. Charles Colville, e a 7 divizaõ commandada pelo General Le Cor, passáraõ o Rio, atacáraõ, e tomáraõ posse das alturas que ficaõ por detraz daquelle Rio.

Desta maneira nós nos estabelecemos na retaguarda da direita do inimigo; mas era ja taõ tarde, que era impossivel fazer algum ulterior movimento: e eu fui obrigado a deferir nossas ulteriores operaçoens ate á manham seguinte.

Os inimigos evacuáraõ Ascain depois do meio dia, e desta aldea tomou posse o Tenente General Dom Manuel Freire; e abandonou todas as suas obras, e posiçoens em frente de St. Jean de Luz, durante a noite, retirando-se para Bidart, e destruindo todas as pontes em Nivelle inferior. O Tenente General o Hon. Sir John Hope seguio-os com a esquerda do exercito, logo que pôde atravessar o Rio; e o Marechal Sir Wm Beresford marchou com o centro do exercito, tanto

quanto o estado das estradas depois das violentas chuvas que cahirao, o permittiao: e o inimigo retirou-se segunda vez em a noite do dia 11, para hum campo entrincheirado em frente de Bayona.

No curso das operaçoens de que tenho dade hum esboço a V. S. a em que temos repellido o inimigo das posiçoens que elle tinha estado a fortificar com grande trabalho, e cuidado no espaço de tres mezes, nas quaes tomamos 51 peças de canhao, seis carros de muniçoens, e 1,400 prisioneiros, eu tinho grande satisfaçaõ em expor a boa conducta de todos, os officiaes, e tropas. A simples exposiçaõ mesma mostrara quanta razaõ eu tive de ficar satisfeito com a conducta do Marechal Sir W. Beresford, e do Tenente General Sir Rowland Hill, que dirigirao o ataque do centro, e da direita do exercito; e com a dos Tenentes Generaes o Hon. Sir G. L. Cole, o Hon. Sir Wm. Stewart, Sir John Hamilton, e Sir Henry Clinton; com a do Major General o Hon. C. Colville, Charles Baraõ Alten, Marechal de Campo P. Le Cor, e Marechal de Campo Dom Pablo Morillo, commandantes de divizoens de infanteria; e com a de Dom Pedro Giron, commandante da reserva de Andalusia.

O Tenente General Sir Rowland Hill, e o Marechal Beresford, e estes Generaes tem dado a sua opiniaõ a respeito da conducta dos generaes, e tropas debaixo do seu commando respectivo; e eu chamo particularmente a attençaõ de V. S. para a conducta do Major General Byng, e do Major General Lambert que conduzirao o ataque da 6 divizao. Eu igualmente observe com particularidade a valoroza conducta dos regimentos 51 e 68, debaixo do commando do Major Rice, e do Tenente Coronel Hawkins, da brigada do Major General Inglis, no ataque das alturas acima de St. Pé, na tarde do dia 10. A 8 brigada Portugueza na 3 divizao debaixo dos ordens do Major General Power, igualmente se distinguio no ataque da esquerda do centro do inimigo, e a brigada do Major General Anson da 4 divizaõ na aldea de Sarré, e no centro das alturas.

Ainda que a mais brilhante parte deste serviço naõ cahio em sorte ao Tenente General o Hon. Sir John Hope, e Tenente General Dom M. Freire, eu tenho toda razaõ de estar satisfeito do modo com que estes Officiaes Generaes conduzirao o serviço de que estavao encarregados.

Nosso perda, bem que severa, nao foi tao grande, como se deveria ter esperado, consideraudo a força das posicoens atacadas e o espaço de tempo (desde o amanhecer ate ao escurecer) durante o qual as tropas combaterão: porem limito-me acrescentar, que o Coronel Barnard do reg. 95.

foi grave, bem que, segundo espero, naõ perigozamente ferido; e que perdemos o Tenente Coronel Lloyd do reg. 94, official que frequentemente se tinha distinguido, e dava grandes esperanças,

Eu recebi o maior auxilio na formaçaõ do plano para este ataque, e em todas as operaçoens, do Quartel Mestre General Sir George Murray, e do Ajudante General o Hon. Sir Edward Pakenham, e do Tenente Coronel Lord Fitzroy Somerset, Tenente Coronel Campbell, e de todos os officiaes de meu estado maior, e de S. A. S. o Principe de Orange.

A artilheria que estava no campo foi-nos de grande utilidade, e eu naõ posso sufficientemente louvar a intelligencia, e actividade com que ella foi levada ate o ponto do ataque, debaixo da direcçaõ do Coronel Dickson, por estradas más, e por montanhas, nesta estaçaõ do anno.

Eu mando este despacho pelo meu Ajudante de Campo o Tenente Marquess de Worcester, e eu peço licença para o commendar a V. S.

Eu tenho, &c.

(Assignado) WELLINGTON.

P. S. Remetto incluza a relaçaõ dos mortos, e feridos.

Depois de recebidos os mappas da perda do inimigo, tomámos cem prizioneiros mais, e 400 feridos.

Relaçaõ dos mortos, feridos, e extraviados.

Inglezes mortos.—3 Majores, 4 Capitaens, 11 Tenentes, 3 portabandeiras, 25 sargentos, quatro tambores, 229 soldados, e 13 cavallos.

Ditos ferido. — 2 Do Estado maior, 4 tenentes coroneis, 1 major, 30 capitaens, 58 tenentes, 21 portabandeiras, 104 sargentos, 19 tambores, 1534 soldados, e 23 cavallos.

Ditos Extraviados. — 2 Capitaens, 1 Tenente, 1 Sargento, 69 soldados.

Portuguezes mortos.—1 Tenente, 3 portabandeiras, 1 do estado-maior, 5 sargentos, 56 soldados, e 3 cavallos.

Ditos feridos.—2 Tenentes Coroneis, 8 Capitaens, 9 Tenentes, 15 portabandeiras, 1 do Estado-maior, 23 Sargentos, 6 tambores, 432 Soldados, e 3 Cavallos.

Ditos extraviados—15 Soldados.

FALLA DO PRINCIPE REGENTE.

My Lords e Senhores,

Com o mais profundo pezar sou de novo obrigado á annunciar-vos a lamentavel indisposiçaõ de S. M. O grande esplendido successo com que a Divina Providencia, foi servido abençoar as armas de S. M., e de seus Alliados no decurso da presente campanha, tem produzido as mais importantes consequencias para a Europa. Em Espanha, a gloriosa, e decisiva victoria alcançada junto de Vittoria foi seguida pelo adiantamento das forças Alliadas até os Pyreneos, pela repulsa do inimigo em todas as tentativas para reganhar o terreno que tinha sido obrigado á abandonar, pela tomada da fortaleza de St. Sebastian, e finalmente estabelecimento dos Exercitos Alliados sobre as fronteiras de França.

Nesta serie de brilhantes operaçoens, vós tereis observado com a maior satisfacçaõ o consumado saber, e habilidade do Grande Commandante, o Feld-Marechal Marquez de Wellington, e a firmeza, e inconquistavel espirito que tem sido igualmente desenvolvido pelas tropas das tres naçoens unidas debaixo de seu commando.

A terminaçaõ do armisticio no Norte da Europa, e a declaraçaõ de guerra do Imperador de Austria contra a França, tem sido accompanhadas, por hum systema de cordeal uniaõ e concerto entre as Potencias Alliadas. Os effeitos desta uniaõ tem excedido as esperanças que se tinham calculado. Pelas assignaladas victorias ganhadas sobre os exercitos Francezes na Silezia, em Culm, em Dennevitz, foram completamente frustrados os esforços do inimigo que intentava penetrar no coraçaõ dos territorios dà Austria, e da Prussia. Estes successos tem sido seguidos por huma serie de operaçoens combinadas com tanto juizo, e executadas com taõ consumada prudencia. vigor e habilidade, que naõ so tem resultado delles o desarranjo de todos aquelles projectos que o Regente da França tinha taõ presunçosamente annunciado na renovaçaõ da contenda, mas tambem o captiveiro, e destruiçaõ da maior parte do exercito debaixo do seu immediato commando.

Os annaes da Europa naõ offerecem exemplos de victorias mais brilhantes, e decisivas do que as que tem sido recentemente alcançadas em Saxonia. Em quanto a perseverança, e coragem exhibidas pelas forças alliadas de todas as espe-

cies, empenhadas neste conflicto, tem exaltado seu character militar ao mais alto ponto de gloria, vós haveis, estou persuadido, concordar comigo em prestar o tributo de applauso aquelles Soberanos, e Principes que nesta sagrada causa de independencia nacional, taõ eminentemente se tem distinguido como Capitaens dos exercitos de suas respectivas naçoens. Com tal prospecto diante de vos, estou persuadido que posso contar com a maior confiança sobre a vossa disposiçaõ para me habilitar a fornecer a necessaria assistencia, em apoio d'hum systema de alliança, que tendo origem principalmente nas magnanimas, e desinteressadas vistas do Imperador da Russia, e seguido, como tem sido, pelas outras Potencias Alliadas com correspondente energia, tem produzido huma mudança a mais importante, em os negocios do Continente.

Eu ordenarei que as copias das diversas convençoens que eu tenho feito com as Potencias do Norte, vos sejam apresentadas, logo que a ratificaçaõ dellas esteja concluida em forma.

Tenho mais para dar vos a saber que tenho concluido hum tractado de allianca, e concerto com o Imperador de Austria, e que a poderosa liga ja formada tem recebido huma importante addiçaõ de força, pela declaraçaõ da Baviera contra a França. Eu confio bem, em que vós haveis de olhar com particular satisfacçaõ, para a antiga connexaõ com o Governo da Austria, e que apreciando justamente todo o valor da accessaõ desta grande Potencia á causa commum, haveis de estar promptos para me habilitar, tanto como as circumstancias o permitam, a sustentar S. M Imperial no vigoroso proseguimento da contenda.

A guerra entre este Paiz, e os Estados Unidos da America, ainda continua; porem tenho a satisfaçaõ de informarvos que as medidas adoptadas pelo Governo dos Estados Unidos para a conquista do Canada, tem sido frustradas pelo valor das tropas de S. M., e pelo zelo e lealdade de seus vassallos Americanos. Em quanto a Gram Bretanha em conjuncçaõ com seus alliados está exercitando seu maior poder contra o inimigo commum de todas as naçoens independentes, deve ser materia de profundo disgosto encontrar hum addicional inimigo no Governo de hum paiz, cujo real interesse no bom fim desta contenda deve ser o mesmo que o nosso.

Todo o mundo sabe que a Inglaterra naõ foi agressor nesta guerra. Eu naõ tenho visto até aqui alguma disposiçaõ da parte do Governo dos Estados Uninos para a acabar, da qual me podesse approveitar, que naõ seja contraria á

devida attençaõ áos interesses dos vassallos de S. M. Eu estou sempre prompto para entrar, a todo o tempo em discussaõ com aquelle Governo, a fim de fazer hum ajuste conciliatorio das diferenças, entre os dois Paizes, sobre principios de perfeita reciprocidade, que naõ sejam oppostos ás estabelecidas maximas do direito publico, e direitos maritimos do Imperio Britannico.

Senhores das Caza do Communs,

Eu tenho ordenado que a estimativa para o serviço do seguinte anno vos seja appresentada. Eu tenho pezar de que sejam necessarios taõ grandes dispendios; os quaes eu confio com tudo que vós haveis de julgar indispensaveis, quando considerardes a extençaõ, e natureza de nossos esforços militares. Eu naõ duvido da vossa promptidaõ para suprir ás necessidades do serviço publico. Dou vos os parabens da melhora, e do florecente estado do nosso commercio, e confio que a abondante colheita que temos recebido da bem faseja maõ da Providencia durante o presente anno, hade fornecer substancial conforto ao povo de S. M., e produzir hum consideravel augmento nos differentes ramos das rendas publicas.

My Lords e Senhores,

Dou-vos os parabens da decidida convicçaõ em que agora está felizmente grande porçaõ da Europa; de que a guerra, em que as Potencias Alliadas estaõ empenhadas, he huma guerra de necessidade, e que os projectos de monarchia universal podem somente ser destruidos por huma combinada, e determinada resistencia. O espiritou publico, e enthusiasmo nacional que tem successivamente concluido a libertaçaõ dos Reynos de Espanha, e Portugal, e do Imperio da Russia, felizmente agora anima o povo da Alemanha; e podemos com rasaõ ter a maior confiança de que a mesma perseverança da sua parte hade finalmente produzir o mesmo glorioso resultado.

Eu naõ posso deixar de lamentar a continuaçaõ desta prolongada guerra e todas as miserias que a insaciável ambiçaõ do Governante da França tem causado em toda a Europa. Nunca será obstaculo para paz, disposiçaõ alguma da minha parte, ou da dos Vassallos de S. M.; para exigir da França sacrificios que sejam incompativeis com sua honra, ou justas pertençoens como naçaõ. A restauraçaõ daquella grande felicidade sob principios de justiça, e de equidade, nunca deixou de ser o meu maior dezejo; porém estou inteiramente persuadido que ella so póde ser obtida pela continuaçaõ daquelles esforços que ja tem livrado do poder do inimigo, taõ consideravel porçaõ da Europa.

Estas grandes vantagens, podem ser em grande parte, attribuidas á firmeza, e perseverança deste Paiz: animemos pois esta consideraçaõ com novos esforços,e assim, espero, que possámos concluir, esta longa, e ardua contenda, o que deverá ser de hum modo que seja consistente com a independencia de todas as naçoens empenhadas nella, e com a segurança geral da Europa.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 25 de Novembro de 1813.

Despacho do Conde de Aberdeen, K. T. datado de Frankfort, a 7 de Novembro de 1813.

My Lord!

S. M. Imperial fez hontem de manhaã a sua entrada publica em Frankfort. O Imperador Alexandre foi espera-lo com a sua comitiva a alguma distancia da Cidade. S. M. recebeo as chaves da Cidade do Chefe dos Magistrados á porta de Hanau, e procedeo depois acavallo pelas principaes ruas para Igreja Cathedral, onde se cantou o *Te Deum*. Como eu acompanhei S. M. Imperial nesta occasiaõ, eu fui testemunha ocular do enthusiastico applauzo com que elle foi recebido. As ruas, as janellas, e ate os telhados das cazas estavaõ cheios de expectadores, os quaes pareciaõ competir huns com outros em demonstraçoens de alegria ; e era impossivel naõ conhecer a sincera, e cordeal emoçaõ com que eraõ produzidas. O affectuoso respeito dos habitantes era altamente testificado á vista de hum Soberano, que, 21 annos antes, tinha sido coroado dentro dos muros de Frankfort, onde agora re-apparecia com o caracter de seu libertador.

A' noite os dois Imperadores foraõ ao theatro, e foraõ recebidos com acclamaçoens: cada sentimento, ou passagem da peça, que tinha relaçaõ com os seos esforços na cauza da Europa, foi estrondazamente applaudida.

Agradavel como he demorar-me em referir estas circumstancias, eu sou igualmente felis em poder informar a V. Excellencia dos continuados progressos dos Alliados, e das essenciaes acquiziçoens que recentemente se tem feito pela accessaõ dos differentes Principes a cauza commum. Os Estados de Hesse Darmstadt, Nassau, e Baden, tem se respectivamente dirigido a S. M. Imperial. Elles tem renunciado a Confederaçaõ de Rhine, e, implorando a mediaçaõ de S. M. para com Alliados, tem exprimido seu dezejo de se ajuntarem á alliança. Outros Estados de menor importancia tem seguido a mesma marcha; e eu posso agora dar os parabens a V. Excellencia da completa dissoluçaõ daquella formidavel Confederaçaõ instituida por Bonaparte com o duplicado ob-

jecto ou de ser hum baluarte inconquistavel para a França, no cazo de huma invazaõ estrangeira, ou o instrumento em suas maons para subjugar o resto da Europa.

Eu tenho a honra de ser, &c.
(Assignado) ABERDEEN.
Ao Right Hon. Lord Castlereagh.

Despacho do Tenente General Sir Charles Stewart, K. B. datado de Hanover a 16 de Novembro de 1813.

MY LORD!

He com sincera satisfaçaõ que eu tenho a honra de informar a V. Senhoria que Sua Alteza o Principe de Suecia, recebeo noticia esta manhaã do General Thielman commandante das tropas Saxonicas no Elbo, pela qual consta, que o Marechal Gouvion St. Cyr, e a guarniçaõ Franceza de Dresden (composta de quasi 16,000 homens) de frustradas tentativas para obter huma capitulaçaõ, se renderaõ prisioneiros de guerra ao General Kleinau, commandante dos forças alliadas diante daquella Praça. Eu dou os parabens a V. Senhoria por esta boa noticia, e tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CHARLES STEWART, Tenente-general.
Ao Visconde Castlereagh.

Despacho de Edward Thornton datado de Bremen a 19 de Novembro de 1813.

Tenho a honra de informar a V. Senhoria que cheguei hontem depois do meio dia a esta cidade, onde o Principe Real chegou hontem de manhaã. Eu achei aqui o mensageiro Daniels que Sir Charles Stewart, despachou de Hanover, e que depois deter feito a infructuosa tentativa de ir pelo Weser abaixo, voltou para aqui. Elle marcha ainda hoje outra vez, e me dá occasiaõ de informar a V. Senhoria que o Principe Real recebeo informaçaõ de que as tropas Russas, que pertencem ao corpo do General Winzingerode, estaõ em posse de Groeningen, e tem avançado ate o Yssel, onde occupaõ Zwol, Zutphen, e estaõ nas vizinhinças de Deventer. O corpo de exercito commandado pelo General Bulow está em marcha para Arnheim: mas as fatigantes marchas que tem sido obrigado a fazer, tem tornado necessario dar as tropas alguma dias de repoizo entre Munster e aquelle lugar.

Esta noticia parece ter determinado S. A. R. a marchar em pessoa para a Hollanda á frente das tropas Russas, e

Prussianas, deixando a direcçaõ dos negocios em o Norte, Davoust, e a retomada de Hamburgo, ao General Baraõ Adlercreutz, com as tropas Suecas, e com o corpo de exercito do Conde Walmoden, e as tropas Russas commandadas por Bennigsen.

Recebeo-se hum officio de Lord Cathcart datado de Frankfort, a 10 de Novembro, incluindo hum do Major General Sir Robert Wilson, pelo qual participa que o Principe de Schwartzenberg tomou de assalto as linhas de Hockeim, e a mesma Cidade, que os Francezes estavaõ fortificando.

DISCURSO NOTAVEL,

De hum patriota Hollandez ao Governador de Hollanda Le Brun, Duque de Placencia, no dia 14 de Novembro, em que se fez a revoluçaõ de Hollanda, e foi acclamado o Principe de Orange.

Hum Patriota com o laço de Orange no chapeo, e huma fita da mesma cor no peito, foi ter com o Governador Francez e lhe disse :—

" Vos podeis facilmente conjecturar por estas insignias a que fim aqui venho, e que acontecimentos estaõ a ponto de ter lugar. Vos que seis agora o mais fraco, conheceis que nos somos os mais fortes. Nos que somos agora os mais fortes, conhecemos que vos sois o mais fraco. Vos obrareis sabia, e prudentemente partindo com toda a brevidade possivel ; e quanto mais depressa o fizerdes menos vos exporeis a insultos, e possivelmente a perigos."

A esta falla respondeo Le Brun—

" Eu tenho, Senhor, ha algum tempo, esperado huma tal mensagem ; é de muito boa vontade accedo á vossa proposta de partir immediatamente."

" Nesse cazo, disse o Patriota, eu vos verei meter no vosso coche, sem perda de tempo."

Com effeito assim o fez. Entretanto ajuntoa-se o povo, e cercou o coche, com estrondozos gritos de *Orange acima! Abaixo, Bonaparte!* O patriota acompanhou-o no coche ate fora da Cidade, e nenhuma offensa se lhe fez ; foi somente obrigado pelo povo a gritar com elle *viva muitos annos o Principe de Orange*, e a pôr o laço de Orange.

Deve dizer-se em honra do Povo Hollandez, que elle seguio hum memoravel e digno exemplo de prudencia, de humanidade, de politica, e de justiça, em se naõ voltar contra os seos mesmos concidadaons, que tinhaõ aceitado empregos do Governador Francez, ou que tinhaõ servido debaixo das suas ordens voluntaria, ou involuntariamente: elles seguiraõ o exemplo do Grande Alexandre, quando em 1813, disse aos Polacos. *Nos declaramos, e fazemos conhecer, pela prezente proclamaçaõ nosso perdaõ franco, e geral, entregando a hum eterno esquecimento todo o passado: prohibimos igualmente para o futuro toda e qualquer denuncia, &c. &c. &c.* Assim obra hum soberano verdadeiramente grande, verdadeiramente justo, e verdadeiramente politico: assim se grangeáõ vassallos: o irreligioso, injusto, e impolitico systema de denuncias occultas, e anonimas, naõ pode senaõ afugentar vassallos, e sacrificar innocentes. Graças a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, que expressamente ordenou da Corte do Rio de Janeiro, que se deixasse ás Leis, e aos Ministros o julgar quaes eraõ os culpados, e quaes os innocentes.

CAZA DOS LORDS.

4 de Novembro.

Depois de lida a falla do Principe Regente pelo Lord Chanceller segundo o costume; alguns dos Lords fallaraõ sobre objectos tocados naquella falla; e entre muitos e eloquentes discursos que se fizeraõ, daremos, quanto o espaço nos permitir, alguns extractos das mais importantes fallas que tiveraõ lugar nesta primeira e glorioza Sessaõ do Parlamento.

O *Marquez de Wellesley* disse que elle olhava a falla dimanada do throno, como a mais bem concebida para confirmar os sentimentos, que inspirava a interessante, e ponderosa crise actual; que elle a ouvia cheio da mais cordial e enthuziastica approvaçaõ. Ella era taõ judiciozamente arranjada, que diffundindo a confiança, e inspirando a uniaõ, mostrava aos Alliados, a Inglaterra, e a Europa inteira os mais felizes auspicios e agradaveis esperanças de terminar com felicidade a prezente lucta. O Nobre Lord declarando a impressaõ que lhe fizera o theor geral daquella falla, naõ so exultava pelos recentes e explendidos triumphos obtidos sobre o inimigo commum, com jubilo que elle esperava fosse geral, mas tambem por que os sacrificios que tinhaõ coroado os esforços dos Alliados, tinhaõ sido o rezul-

tado de hum plano de medidas judiciozo, e systematico, executado com unidade e energia. Quaesquer que fossem os erros commettidos nos conselhos deste paiz ou dos Alliados, elle so olhava para os extraordinarios acontecimentos da prezente crize, como a consequencia da firme, e invariavel preseverança, que este paiz tem mostrado em taõ arriscado conflicto, pelo qual naõ hesitou fazer os maiores sacrificios, e empregou contente os seos melhores interesses e recursos. Na longa seria de soffrimentos, e privaçoens a que este paiz se expoz voluntariamente, naõ devia esquecer-se, que elle naõ lidava para si e seos interesses somente; mas pelo contrario adheria sem hesitaçaõ ou receio áquelle systema de perseverança, que ultimamente provou ser a salvaguarda, e a salvaçaõ da Europa. Elle dava pois o seu pleno e cordial assenso a todos os sentimentos expressos do throno; e admirava a politica verdadeiramente nobre, recommendada no final da falla, a qual devia attrahir a zeloza approvaçaõ, e admiraçaõ enthuziastica deste paiz, e a de toda a Europa. O principio ali estabelecido era sabio, honrozo, e digno. Nada de sacrificios incompativeis com os direitos nacionaes, e nacional independencia. Nenhuns objectos parciaes, nem vistas particulares e destinctas de engrandecimento. Tudo era regulado pala moderaçaõ, mas moderaçaõ dirigida pela firmeza, e sustendada pela preseverança. Elle portanto (Marquez de Wellesley) estimava muito expremir da maneira a mais solemne a sua approvaçaõ pelo *addresse* proposto por hum dos Nobres Lords ao Principe Regente, em consequencia da falla, dimanada do throno.

Lord Grenville sem se oppor a unanimidade que predominava na camara, expremio o quanto estava anciozo de assistir no seu lugar a esta abertura do Parlamento, por quanto esperava, que naõ haveria differença de opiniaõ a respeito da falla, e do addresse; mas esperava pelo contrario, o que tinha a satisfaçaõ de presencear, a mais completa, e cordial harmonia de toda a parte, naquillo que constituia o grande e principal fundamento da Falla, em cujo theor inteiro, e lingoagem elle tinha o prazer de concordar.—Jamais sentimentos foraõ mais adaptados a occaziaõ—jamais lingoagem mais expressiva de seu fim. Elle via com satisfaçaõ chegada a epocha, que fora sempre a meta dos seos dezejos, a epocha, em que as naçoens, ou potencias Europeas podiaõ estabelecer huma verdadeira, e intima confederaçaõ para sua reciproca independencia.—Sua Senhoria fallou da renovaçaõ da ballança politica da Europa—dezenvolveo algumas das suas ideas relativas aquelle objecto; e concluio expressando os seos dezejos e modo de buscar huma paz, naõ

chimerica, e temporaria, mas solida, e permanente, tal qual fosse compativel com interesse reciproco das naçoens, e principios fundamentaes da natureza humana.

O *Conde de Liverpool* ergueo-se entaõ, e fallou em geral pelo theor seguinte—" My lords, se o meu prazer nesta occaziaõ podesse augmentar se, seria somente pelo que acabo de presencear na Camara. Os acontecimentos que tiveraõ lugar no Continente da Europa, na Hespanha, e na Germania, saõ de mui alta importancia, mas nao maiores que aquelle que hia aprezentar-se á Inglaterra, que hia aprezentar se á Europa, que hia aprezentar se á todos os Membros da Confederaçaõ, a unanimidade predominante da Gram Bretanha, e do Parlamento Britannico. Eu ouvi com muita satisfaçaõ a falla, que o Nobre Baraõ acaba de fazer, e da mesma sorte os sentimentos expressos pelos dous Nobres membros que fallaraõ antes delle. Assim de bom grado concorro nos sentimentos geraes dos Nobres Lords; e naõ deteria nesta occasiaõ a Vossas Senhorias, se naõ houvesse algumas circumstancias que mais particularmente quizera recommendar á attençaõ de Vossas Senhorias. Ha hum periodo, My Lords, e nos ainda naõ chegamos a esse periodo, meta das nossas vistas; fallo da restauraçaõ da balança politica, que so pode fundar a baze de huma paz permanente. Nos temos visto nos ultimos vinte annos formidaveis confederaçoens destruidas pelo exuberante poder do inimigo. E donde veio a nova luz que rompeo sobre nos pela vez primeira? Foi, My Lords, o sentimento da independencia nacional que a dezenvolveo; foi aquelle principio, que primeiro rompeo na Peninsula, que primeiro se poz em acçaõ na prezente guerra, e que nos promette a sua glorioza terminaçaõ. Quando a chama patriotica rebentou em 1808, foi que nos vimos o novo espirito que a animava. As confederaçoens d'outrora eraõ feitas pelos governos; naquella epocha ellas rezultaraõ do espirito do povo. Eu naõ deterei Vossas Senhorias, traçando-lhes os progressos daquella contestaçaõ.—Nos vimos a Hespanha por si so resistir ao inimigo, e por si so e felizmente oppor se ás legioens da França. Nos temos naõ menos admirado a conducta de hum paiz vizinho, posto que menor comparativamente em ponto de populaçaõ. Deve-se muito ao espirito do povo de Portugal, á firmeza e galhardia das tropas Portuguezas; a sua destreza e valor estaõ provados, naõ so em operaçoens defensivas, mas ate nas que saõ de natureza offensiva.

Este sentimento pois de independencia nacional, dezenvolvido na Peninsula, sustentado pelo melhor sangue do nosso paiz, e dirigido pelo genio do grande capitaõ, cuja

fama tem enchido a Europa, e o mundo, (naõ so he esta a minha opiniaõ, mas a de todo o continente) foi o espirito, que animou tudo, que guiou aos rezultados, que agora vemos e admiramos. Foi aquelle espirito que produzio a destruiçaõ do potente exercito que invadio a Rnssia, e preparou as energicas operaçoens que lhe succederaõ. Foi elle o que despertou os povos da Germania; onde por cauzas secundarias estava reprezo. My Lords, eu naõ fallo em desabono de potencia alguma, quando digo que jamais povo algum fez esforços, como os vassallos da Monarchia Prussiana. O espirito enthuziastico daquella povo, como o valor das suas tropas nunca foraõ, nem podem ser excedidos.—As potencias continentaes, My Lords, conhecem bem hoje as vistas da Gram Bretanha; ellas as aprovaõ particular, e geralmente, porque sabem que ellas saõ justas. Por mais complicados que pareçaõ os seos interesses, nada pode perturbar a harmonia, que reina entre ellas. A unidade de designio nas operaçoens, a cordial combinaçaõ de esforços saõ a prova desta verdade. Com fervor, My Lords, apresento eu á Vossa attençaõ os principios, que effeituaraõ tantos prodigios, torno a dizer, aquelle espirito de completa independencia nacional, que primeira se mostrou na Hespanha, cresceo na Russia, e sazonou-se na Alemanha. He pois da preseverança, e de continuados esforços que depende o ultimo bom successo. Eu dezejo com o Nobre Baraõ, que fallou ultimo huma paz, fundada em principios de justiça e moralidade, naõ so para nos, nossos alliados e amigos, mas até para nossos inimigos. Sobre taes principios he que eu peço o apoio do Parlamento, e da naçaõ ; e por elles, espero, debaixo do auxilio de Deus, trazer a lucta á huma feliz terminaçaõ."

Mr. C. Grant fallou depois com toda a pompa da eloquencia, e calor do enthusiasmo. Transportado a sua scena d'acçaõ, elle commeçou por traçar a brilhante carreira dos triumphos do salvador da Peninsula; mas por mais brilhantes que elles eraõ, elle admirava mais Lord Wellington postado sobre as linhas de Torres Vedras, que nos campos de Salamanca, e Victoria—passou dali a descrever os progressos rapidos e gigantescos que a liberdade fazia tambem em o Norte da Europa. O nome da Germania somente despertava, disse elle, a sympathia geral, e as mais fervidas esperanças. Saxonia, e Leipsic ficariaõ celebres na memoria dos homens. Grant fez huma energica pintura dos dezastres, e situaçaõ calamitoza e arriscada de Napoleaõ, deplorou vivamente a morte do justo habil, e valeroso Moreau—e depois da mais ampla exaltaçaõ pela perseverante conducta, heroicos efficazes esforços da Gram Bretanha, terminou a sua falla com

suaves e vivissimas aspiraçoens por huma paz legitima e duravel. A sua falla que sentimos naõ poder dar por extenso, foi recebida com as mais animadas acclamaçoens.

O Addresse ao Principe Regente foi pois approvado unanimemente.

[*Continuaçaõ dos objectos Parlamentares.*]

CAZA DOS LORDS.

SEGUNDA FEIRA, 12 de Novembro, 1813.

Conde Bathurst propoz os agradecimentos a Lord Wellington pela tomada de Saõ Sebastiaõ, pela intrepidez do exercito alliado debaixo do seu commando. Sua Senhoria propoz tambem hum distincto voto de agradecimentos ao General Sir Thomas Graham, pela sua valerosa conducta na tomada de Saõ Sebastiaõ.

Proposeraõ-se tambem agradecimentos aos Officiaes Inglezes, Hespanhoes, e Portuguezes.

CAZA DOS COMMUNS.

SEGUNDA FEIRA, 15 de Novembro, 1813.

Comité de vias e meios—o emprestimo.

O Chanceller do *Exchequer* referio os particulares do emprestimo, que se havia contrahido aquella manham. Naõ era uzual, disse elle, levantar hum novo emprestimo, durante a existencia do antigo ; mas tendo havido ja exemplo, esperava elle que a Caza naõ visse os termos daquelle de huma maneira menos favoravel do que elle via. No curso das suas observaçoens, elle disse, que se a venda das Apolices do Exchequer fosse taõ grande como era d'antes, naõ se precizaria do emprestimo desta maneira. Mas porque tinhaõ occorrido circunstancias, que posto favoraveis ao credito publico, militavaõ de algum modo contra o valor das ditas Apolices, julgou-se a propozito levantar a soma de vinte e dous milhoens sobre os termos seguintes, que elle julgava de muita vantagem.

£ 110 . com reducçaõ de 3 por cento
67 3 por cento em fundos consolidados } por cada 100 sterlinas que se subscreverem.

QUARTA FEIRA, Nov. 17.

Tractados Estrangeiros.

Lord Castlereagh disse que sentia naõ poder aprezentar a Caza todos os documentos relativos aos tractados, que Sua Magestade havia feito no decurso deste anno com Potencias Estrangeiras; pois que era formula indispensavel naõ os por sobre a meza, antes da troca das ratificaçoens.

O Governo de Sua Magestade naõ poude com pezar seu assentir a todas as proposiçoens de soccorro que se lhe fizeraõ, e que teriaõ sido sumamente proveitozas a cauza commum; mas os limitados recursos deste paiz o compelliraõ a recuzar-se a muitas de ellas e a restringir grandemente outras. O soccorro que se tinha concedido a Hespanha o anno passado em dinheiro, provisoens, &c. montou a quasi 2 milhoens. O que o Parlamento destinou para o serviço de Portugal, estes dous annos passados, foraõ 2 milhoens. Para a Sicilia quatro centas mil libras; hum milhaõ para a Suecia. Elle estimava poder dizer a caza, que a somma posta a descriçaõ da Coroa, cobriria as despezas a que se obrigara Sua Magestade nesta anno corrente. Quatro milhoens se tinhaõ destinado para o pagamento dos Subzidios a Potencias Estrangeiras, e o resto era rezervado para reembolçar os repartiçoens do serviço publico, que forneciaõ ao Continente abundancia de provisoens militares. Elle fez huma revista das estipulaçoens que este paiz tinha contrahido com os seos Alliados, em que expoz a conducta e efficaz cooperaçaõ de cada hum d'elles, em serviço da cauza commum. Os soccorros que a Gram-Bretanha tinha que fornecer excediaõ agora tudo quanto ella tinha feito neste genero. Estes soccorros eraõ de dous modos.—Subsidios directos, e credito da Gram Bretanha no Continente. Recapitulando eis aqui a soma dos subsidios destinados ás Potencias Estrangeiras para a continuaçaõ da lucta actual.

Para Hespanha . . .	£2,000,000
Para Portugal . . .	2,000,000
Para Sicilia . . .	400,000
Para Russia e Prussia . .	2,500,000
Para futuras applicaçoens . . .	2,500,000
Para Austria	1,000,000
Total	10,000,000

Ora destes saõ 4,400,000*l.* para a Peninsula, e Sicilia; e 6,000,000*l.* para o serviço, e interesses geraes da Europa.

Sua Senhoria concluio movendo, que se votassem tres milhoens a Sua Magestade para dezempenho das suas obrigaçoens com outras Potencias.

Mr. Canning approvou a moçaõ, e todos os principios, expostos pelo Nobre Lord. Elle fallou em grande abono da conducta das Potencias Conferadas, e se regozijava ao prospecto, que havia agora de huma paz honrosa. Elle disse, a paz he agora segura, porque naõ he dictada, a paz he agora segura, porque he o fructo de esforços e filha da victoria; a paz he agora segura, porque naõ será comprada a custa dos interesses e honra do imperio. Ella naõ he o preço pelo resgate do perigo, mas o lindo fructo de nossos poderosos meios, que affasta o perigo das nossas praias. Mas como todos os acontecimentos da guerra saõ precarios, he possivel, que o tyrano da Europa, (naõ mais seu tyrano) resurja depois de alguma pauza, e levando a traz de si a desolaçaõ, temporariamente victorioso, tente juntar os fragmentos daquelle systema; mas he impossivel, que elle possa reconstruir aquella potente maquina, que nos espedaçamos, e que, outrora guiada pela sua maõ, arremeçava o estrago sobre os seos inimigos. Depois da derrota que experimentou, toda a confiança entre elle, e os seos avassalados Estados, deve estar extincta. Admittindo que elles saõ ainda obrigados a obrar em seu favor; pode elle confiar nos seos esforços; ou podem elles contar com o seu apoio? Elle pode marchar como esse torpe idolo, que esmaga debaixo das rodas de seu carro as suas mizerandas victimas; mas elle, nunca mais as ligará ao seu jugo, come voluntarios instrumentos de destruiçaõ. Ainda mesmo que a Austria, com baixa submissaõ ao sacrificio da sua honra, sacrificasse outra filha, e outro exercito de 30,000 homens, aquella confiança que existia no principio da campanha passada, naõ poderia mais restaurar-se. A America tem tido occaziaõ de contemplar as vistas da França; e quando ella ve a indignaçaõ da Europa excitada em defeza da justa causa, pode ella justificar-se em auxiliar o objecto de universal dominio, ou de tentar estabelece lo na pessoa do Imperador? A tentativa da França para destruir o Commercio da Gram Bretanha, produzio hum effeito notavel, que foi fazer aquelle Commercio mais extenso do que era d'antes; como se houvesse alguma couza invencivel na mesma natureza do Commercio. Depois de fallar da gloria que a Gram Bretanha adquerio em commeçar a grande carreira a favor da liberdade, negou a supposiçaõ que havia circulado, isto he, que seria imprudente, depois das nossas victorias sobre o inimigo, fazer huma incursaõ no territorio da França—e fallou a final com a suas costumadas distinçoens dos planos de Lord Wellington.

SYNOPSIS POLITICA.

Dos ultimos acontecimentos na Europa.

Post tot devictos populos, tot bella, tot hostis
Oppida tot, tot castra, urbesque arcesque subactas
Vincitur.

Desde a era, em que os abuzos do poder forjaraõ cadeas á sociedade, e tornando o homem suspeitoso do homem, uniraõ ao seu queixame hum maior afferro pelos direitos, que lhe dera o natureza; jamais a historia do mundo aprezentou hum quadro taõ estupendo e instructivo sobre os rapidos, e abortivos triumphos d'ambiçaõ, como a carreira do actual Chefe dos Francezes. Na verdade quando lançamos huma vista retrospectiva sobre os ultimos successos; e vemos o Imperador revolucionario da França, o tyrano e flagello da terra, a frente de numerosos battalhoens, que rapidamente organizara, ameaçar dos muros de Dresden, novamente formidavel, a subversaõ da Europa; e de repente deixar nas campinas de Leipsic o cadaver enorme dessas massas, que arrastara aos horrores da perdiçaõ; quando notamos a rapida descida do meteoro, cujo brilho fulminador assombrava o mundo, e o vemos desguarnecido dos seos raios, e precipitado do seu hemispherio politico; naõ he possivel refrear a nossa exultaçaõ á vista da queda estrondosa e irreparavel, que levou o despotismo do Continente; e ao complemento dos nossos mais ardentes dezejos, e vaticinios politicos. Convencidos como estamos da existencia de huma justiça universal, e reguladora dos acontecimentos humanos, sempre esperamos, e antecipadamente o dissemos, que os tri-

umphos do impio passariaõ como o negro vapor do procella ao sol luminoso do estio. Na campanha de anno passado, nos predicemos a perda do sanguinoso invasor da Russia, muito antes que as labaredas de Moskow a patenteassem.— Na campanha prezente, nos contamos seguros com o rezultado feliz da parte dos alliados, e na total perdiçaõ do novo exercito invadente; pela persuaçaõ em que estamos do saber, e adhesaõ sincera do Principe da Coroa á cauza da justiça, como tantas vezes annunciamos, e da inalteravel preseverança, e magnanimidade do Imperador da Russia, e sobre tudo daquelle ardor patriotico, que despertou os povos da Germania; e cuja primeira scentelha, commeçando a raiar sobre as margens do Tejo, correo para o Norte a dissipar as trevas da Europa. As nossas expectaçoens estaõ pois em grande parte realizadas; esperamos igualmente que o resto se complete, a saber, o aniquilamento do poder despotico, e co'a vinda de paz o socego das naçoens. Este acontecimento taõ necessario e consentaneo aos dezejos universaes, naõ pode falhar, bem que possa retardar-se, por mais duvidas, e obstaculos que se opponhaõ á sua realidade. Naõ he possivel que retroceda a ordem de movimentos progressivos, que produz huma defaçaõ continua; ou que a energia dos povos, e saber dos governos, succumba perante o dezalento, e os delirios de hum poder exhausto, convulsivo e expirante.

He verdade, que o tyrano poude ainda sobreviver a sua ignominiosa derrota, poude romper por entre as hostes que o cercavaõ, e escapar com os debeis fragmentos do seu exercito á espada vingadora que o preseguio, pendente sobre elle, ate ao seio de Erfurt.— Mas Graças a maõ retribuidora e omnipotente, que sustenta o equilibrio de todas as couzas, e o imperio da justiça eterna!

O grande poder de Napoleaõ, semelhante a huma vasta montanha de gelo, concutida, e desconjunctada pela torrente d'adversidade, que lhe cahio sobre, commeça a deslocar-se em pedaços, e a fundir-se rapidamente ante os luzeiros da liberdade Germanica regenerada. Quebrou se a mola real da sua grandeza; ou antes patenteou-se o phantasma da sua e-

phemeria monstruosidade.—Sahido apenas de Dresden, onde havia concentrado as suas numerosas forças, o Imperador Napoleaõ achou logo os tropeços a que o expoz a sua cega e temeraria ambiçaõ, vendo-se por toda a parte cercado de valentos exercitos, aguerridos, que buscavaõ anciosos mostra-lhe o ardor, que tinhaõ pela justa cauza, que defendiaõ—os seos lares, e a sua religiaõ.—O invasor conhecendo o seu perigo, foi obrigado a frente das suas formidaveis columnas á serpear pelas margem do Elbo, e Saale, e a fazer contornos como aquelles rios, para evitar o tremendo golpe que o ameaçava.— As battalhas de Radefeld, Tancha, e Paunsdorff; em que as tropas Prussianas commandadas pelo valoroso Blucher, e os Corpos Russos debaixo de Woronzof, e Winzingerode, e as divisoens Austriacas do General Bennigsen, se cobriraõ de gloria, obrigaraõ Napoleaõ a refugiar-se dentro das muralhas de Leipsic, para prezenciar ainda maiores dezastres. Os fructos da Victoria memoranda que ali obtiveraõ os Alliados, naõ consistem, so no espantoso numero de mortos, e prisioneiros, nas carrosas e peças de artilheria tomadas, na immensidade de bagagens, e utensis de guerra achados; elles mostraõ a dezerçaõ de Bavaros, Austriacos, Polacos do exercito invasor para as armas da justiça; o rendimento da Saxonia, e a completa dissoluçaõ da Confederaçaõ do Rhin, em que o Tyrano fundava os alicerses do seu systema de uzurpaçaõ e rapina. Nos documentos que deixamos publicados, se seraõ os detalhes das importantes acçoens, que remataraõ os triumphos do memoravel dia 19 de Outubro, em que se effeituou o livramento da Germania e se completou o da Europa.—Com tudo deixando as margens do Elster com mais pressa, e mais derrota que as do Berezina, Napoleaõ, precipitando a fuga, poude chegar as margens do Rhin, com os destroços do seu exercito e so se deo por seguro, quando entrou em Moguncia no dia 2 de Novembro, onde pelos seos *gens d'armes* fez proclamar victorias, que chamou suas, depois que se vio salvo por meio de taõ vergonhosa fugida. Elle voltou com effeito da sua segunda viagem; e posto que menos longa, e espinhosa, que a primeira, mais abatido, mais humilhado, e mais infame.

—Voltou, nos o cremos, para mais naõ viajar, ficando outra vez, ou talvez mais.

——— Ignobil qual era no berço
Sem louros que esmaltem sua baixeza nativa,
Quebrada sem reparo a mola da maquina vasta,
Motora de fataes poderes, que a Fraude nutria.

Moguncia era pequeno theatro para quem acabava de ser o protogonista na tragedia reprezentada em Leipsic. Napoleaõ partio d'ali para Paris, onde chegou no dia nove. O canhaõ annunciou a entrada do triumphador, que naõ quiz desta vez surprender em *domino* os habitantes da sua bella cidade de Paris; como na campanha passada. O assassino de Enghien, quizera antes entrar disfarçado nas trevas da noite em o seu imperial apozento, tempo mais proprio para encobrir a negrura dos seos crimes, e dos seos dezastres; mas a sombra de Malet que lhe offerecia continuamente o silencio, e a escuridade, o forçou a apparecer em publico com a impostora ostentaçaõ de triumpho; e aprezentar-se em sua esteril, e oca Magestade no meio do Senado Conservador. Cauza rizo, e lastima ao mesmo tempo, ver a abjecçaõ dos membros daquelle corpo, derigindo com solemnidade os seos comprimentos e votos a Bonaparte sentado em seu throno; e ouvir a replica de seu amo. A lingoagem da escravidaõ he sempre insignificante; mas em momentos de perigo he inteiramente inepta. Aquelles senadores na sua *lamuria* parecem pedir-lhe paz, mas a resposta que escapa dos beiços do seu impotente despota, murcha toda a esperança, e mostra o vasio desolante e medonho, que tem a roda de si, com todos os seos horrores—como o Satanas de Milton.—

N'elle a exasperaçaõ, que dormitava,
Consciencia acorda; acorda átroz lembrança
Do que elle foi, do que he, do que ser deve.

"Ha hum anno," diz elle, "toda a Europa era

por nos,—hoje toda a Europa he contra nos."—Oh *quam mutatus ab illo!* Que mizeravel contraste! Quem hade reparar as desgraças do novo Xerxes? Decretos, e mais decretos. A mesma devastadora maõ, que lavrou os decretos, que se naõ poderaõ cumprir, do aniquilamento da cauza de Bragança, da Caza de Lorena, manda agora levantar huma leva de 300,000 homens; e 38,425,343 francos, e por-se a dispoziçaõ do ministro da guerra. Taes foraõ os dous principaes motivos, porque se fez o *Senatus consultum*, com huma, longa expoziçaõ das circunstancias actuaes da França, a qual naõ pode salvar-se, diz o *illustre Senado*, senaõ proporcionando os seos esforços aos que se fazem para a subjugar—elle fallou com amargura da defecçaõ da Baviera, e deserçaõ de Saxonia, que so tarde se conheceraõ—circumstancias esterelizaraõ victorias—elle ouve o grito do susto, e a voz pedindo soccorro de seos filhos, e irmaons em armas, ainda gloriozamente pelejando nas margens do Rhin, e aquelle grito espalhar-se pelas margens do Sena, do Rhodano, Gironda, Mosella, e Loira, &c. pergunta qual será a situaçaõ da França, se os inimigos que estaõ nas fronteiras, penetrarem no seu territorio?—a divizaõ de Polonia he lembrada como escarmento para França—appella para a honra dos Francezes, e conclue, que o Imperador cercado de todo o poder da naçaõ, está ainda taõ moderado, como quando concedeo á Austria a paz de Leoben, e do Campo Formio, disposto a assignala para toda a Europa, balanceando as condiçoens com justiça, e assignando-á com honra.—Tal he a moderaçaõ do Imperador dos Francezes—esperamos que ella seja inda maior, pois que ella cresce na razaõ composta dos seos dezastres, e progressos dos Alliados. Cremos desta vez nas suas pacificas intençoens; Sua Magestade Imperial tem consciencia de Mouro, que, segundo o proverbio—"o que naõ pode haver, da-o pelo amor de Deus." Mas debalde encobre a Tyrano com exterior tranquillo e pompozo a sua inquietaçaõ. Debalde substitue ás suas derrotas, sem exemplo, vinte bandeiras tomadas, sem dizer a quem. Debalde conserva elle no seu corpo legislativo reptis escravos, que deviaõ sahir por seu turno, e que elle suppoem

seos fieis apoios e salvadores—Que mizeravel delirio! Elle está izolado da especie humana,—o crime tem creado a sua horroroza solidaõ! *Omnes deseruere*—Qual seria pois o effeito produzido em sua alma, quando chegasse aos seos ouvido so levantamento da Hollanda? —Ah quanto este golpe inesperado acabrunharia as suas grandes faculdades! Penetrados dos mais vivos transportes nos communicamos este memoravel acontecimento aos nossos leitores—o rapido e heroico levantamento da Hollanda deve mostrar ao tyrano, que os povos, cujo odio, e execraçaõ elle tem provocado, e sobre tudo hum povo vizinho, levantando-se e quebrando animozamente o seu jugo, estaõ tocando o rebate, que annuncia a sua proxima queda.—Nada he mais admiravel que a energia de hum povo que rompe os seos grilhoens. O grito da liberdade he o da natureza e o das suas mais doces associaçoens—*Orange boven*—Orange acima—foi a voz de todos os Hollandezes quebrando seos ferros, expressa nas seguintes energicas acclamaçoens—"Hollanda esta livre—Os Alliados avançaõ sobre Utrecht.—Os Francezes fogem de toda a parte—o mar está aberto—o commercio revive.—Tudo quanto se tem soffrido, se esquece, e perdoa. Homens de consequencia, e consideraçaõ se chamaõ para o Governo—O Governo convida o Principe a Soberania—Nos reunimo-nos aos Alliados, e forçamos o inimigo a pedir a paz.—O povo terá hum dia de festa, a custa publica, sem lhe ser permittido saquear ou commetter excesso algum—Todos rendem as graças a Deus—Voltaraõ os antigos tempos.—*Orange boven!*"—A contra revoluçaõ das Provincias Unidas teve lugar no dia 15 de Novembro. O povo de Amsterdaõ levantou-se em massa, proclamando à Caza de Orange, com a antiga acclamaçaõ *Orange boven.* Este exemplo foi immediatamente seguido pelas outras cidades da Hollanda, como Haarlem, Leyden, Utrecht, Hague, Rotterdaõ, &c. e arvoradás as bandeiras de Orange.—As authoridades Francezas foras dimittidas, creou-se hum governo provisional, composto dos individuos mais respeitaveis, e que naõ estavaõ no serviço Francez, proclamado em nome do Principe de Orange, até a chegada de Sua Alteza Serenissima. Os Deputados Perponelier, e

Fagel, que chegaraõ a Londres no dia 21 com esta interessante mensagem de Hollanda, foraõ recebidos com a mais viva alegria, e destincçaõ por S. A. R. o Principe Regente—pelo Principe de Orange, e com applauzo geral e sympathia de todos os habitantes de Londres.

A grande affluencia de gloriozas noticias, que tem occorrido ultimamente e quasi no curto espaço de huma semana, naõ nos permitte seguir huma ordem gradual na exposiçaõ dos acontecimentos. Elles saõ taes e taõ extraordinarios, succedem-se, e concorrem taõ rapidamente de todas as partes, que a impressaõ de jubilo, e de exultaçaõ que elles deixaõ no espirito, naõ da lugar a attender a cada hum dos importantes objectos, á que se referem.—Pelos despachos do Lord Cathcart, de Sir Charles Stewart, e Lord Aberdeen, recebidos ultimamente por este Governo, sabemos dos ulteriores progressos dos Alliados, de interessantes *detalhes* das victorias de Leipsic ; da grande battalha de Hannau em que Napoleaõ perdeo 30,000 homens, e em que o exercito Austro Bavaro commandado pelo valente General Conde Wrede, fez prodigios de valor. O rendimento de Dresden, guarnecida por 16,000 homens commandados pelo Gen. Gouvion St. Cyr—A restauraçaõ de Hanover ; a queda de Stetin, e a tomada das obras exteriores de Dantzic, foraõ successos quasi simultaneos, e consecutivos ás victorias de Leipsic—e procursores da proxima queda das outras praças, que ainda restaõ nas maons dos Francezes no territorio Germanico.—Davoust parece einda estar postado na margem esquerda do Elbo, e ter repugnancia a separar-se dos Dinamarquezes. Mas os corpos de Walmoden que o cercaõ, a exterminaçaõ do inimigo do Norte da Germania, as bocas do Weser, e Elbo os obstaculos que lhe aprezentaõ os paizes levantados como, Hanover, e Hollanda, tem inteiramente cortado a sua marcha.—Nos esperamos que elle va fazer sociedade á Vandamme, que o illustre Rostopchin mostra aos habitantes de Moskow, como animal carniceiro, contentando-se de o fazer pagar com a expoziçaõ ao publico ludibrio as atrocidades que commeteo na Russia.

No meio das victorias enthuziasticas, que seguem as

armas dos Alliados, nos vemos com assombro respeitoso, e puro regozigo a moderaçaõ dos triumphadores.—O Magnanimo Imperador Alexandre, e o Imperador da Austria entrando em Frankfort; pela porta de Hanau, onde os principaes Magistrados os esperavaõ para lhes entregar as chaves da cidade, se dirigiraõ a cathedral entre as mais vivas acclamaçoens dos expectadores, e ali curvados ante os altares, onde resoava o *Te Deum*, deraõ o sublime exemplo da maior exaltaçaõ humana; o submisso reconhecimento per ante o Dispensador de todas as graças.—Nesta scena verdadeiramente magestosa e tocante se reconhece o poder supremo, que exalta os reis e os povos ao sagrado ardor da liberdade, e independencia.—Nos vemos luzir a sua chama regeneradora em todos os paizes, que o tyrano havia subjugado; e formar a roda delle huma tempestade, a cujos raios elle naõ poderá fugir —A voz da liberdade soa taõbem nas regioens da Italia. O Gen. Von Hiller a proclama em seu seio. Elle passou os Alpes com 60,000 homens, voltou as cabeceiras do Izonzo, Tagliamento, Piava, e Brenta, e tem cortado o exercito do Vice Rei, que naõ pode escapar-lhe—Verona, Mantua, Milaõ, espera elle, que se rendaõ em poucos dias—a insurreiçaõ lavra por todo o Piamonte—Nenhum paiz deve ter mais rancor a Napoleaõ que a Italia. O berço da restauraçaõ da Europa, a Peninsula naõ aprezenta hum quadro menos digno da nossa exultaçaõ, e jubilo universal. A queda de Saõ Sebastiaõ, e Pamplona, fechando os baluartes da sua segurança, abrem hum novo campo de gloria aos exercitos Luzo-Anglo e Hespanhol.

> Ora sus, gente forte, que na guerra
> Quereis levar á palma vencedora—

Ahi tendes a terra, guerreiros da liberdade, que mandou á vossa o flagello assolador da guerra sem provocaçaõ, que intentou escravizar-vos, e que vos insultou dezarmados.—Que fareis agora? O braço exterminador da tyrania, o braço potente que vos dirige, he o do Deus das batalhas, que troando desde os Pyreneos vos leva ao territorio da França para a expiaçaõ dos crimes que

ella espalhou pelo universo. As victorias de Saõ Joaõ da Luz, e das linhas da Bayona, saõ ja preludio dos progressos estupendos, que fareis nesse terreno infamado que outrora se appelidou, o da liberdade—vos corrigireis pela vossa conducta regular, e gloriozo exemplo a perfida lingoagem da revoluçaõ Franceza, restituindo ás couzas os seos verdadeiros nomes.—No meio do restabelecimento da Liberdade Europea, o destino da França naõ pode ficar indecizo. Quatro formidaveis exercitos avançaõ para ella, para o rezolver. O do Norte commandado pelo Principe da Coroa avança rapidamente pela Hollanda. O Russo Austriaco passara prestes o Rhin, o Austriaco desçe dos Alpes; e o Luzo Anglo ja installado na França os precederá, como Pharol director, para o ponto da convergencia reciproca. O rezultado está pendente da vontade do Eterno; mas nos o anticipamos a favor da reacçaõ universal.

A Gram Bretanha ve pois o gloriozo fructo dos seos esforços, do saber, e preseverança dos seos Ministros, das faustas aspiraçoens do Principe Regente; a Liberdade da Europa, que entre as ondas do tumulto geral, ella soube conservar intacta no seio, á sombra da immortal Egide da sua Constituiçaõ.—A Europa lhe deve pois hum tributo de reconhecimento, e admiraçaõ, e os nomes de Wellesley, Liverpool e Castlereagh lhe seraõ sempre caros, pela sua firme, e pura adhesao á defeza da justa cauza.

POSTSCRIPTUM.

Recebemos os Bulletins do Exercito Combinado do Norte Nos. 24, e 26; falta consequentemente o 25. por isso, e tambem por falta de lugar os deixamos para o seguinte No. O 24. he datado de Muhlhausen, a 28 de Outubro; e 26. he datado de Hanover a 10 de Novembro.

Diferindo a publicaçaõ destes Bulletins naõ podemos deixar de transcrever as duas seguintes passagens do Bulletin 26.

"O Quartel General do Grande Exercito alliado estava a 5 em Francfort. Por tanto, os inauditos esforços que a França tem feito em 1813, tem tido os mesmos rezultados que os que fez em 1812. As legioens Francezas, que faziaõ tremer o Universo, retiraõ-se, e vaõ procurar sua segurança por detraz do Rhin, fronteira natural da França, e que ainda seria huma barreira de ferro, se Napoleaõ, naõ tivesse pertendido escravizar todos os Povos, e roubar todas as patrias.—Posto que estes limites parecem ser estabelecidos pela natureza, o exercito Russo aprezenta-se alli, porque Napoleaõ foi procurar os Russos a Moscow: o exercito Prussiano aprezenta-se alli, porque Napoleaõ, contra a fé jurada, ainda retem as praças desta Monarquia: o exercito Austriaco aprezenta-se tambem alli, porque elle tem affrontas que vingar, e porque se lembra que depois da paz de Presbourgo se roubou ao seu Chefe Supremo o titulo de Imperador de Alemanha. Se os Suecos alli se achaõ, he porque no seio da paz, e com violaçaõ dos tratados os mais solemnes, Napoleaõ, foi perfidamente surprende-los em Stralsund, e insulta-los em Stockholmo.

"Os alliados lamentaõ os desgraças dos Francezes; elles gemem á vista dos males que a guerra traz comsigo; e longe de se deixarem deslumbrar com os felizes successos com que a Providencia tem favorecido suas armas, elles dezejaõ ardentemente a paz. Todos os Povos suspiraõ por este favor do ceo; e Napoleaõ, Napoleaõ somente se tem oppos ate hoje á felicidade do mundo! Todos os Principes, outrora seos alliados, se apressaõ a abjurar os laços que os uniaõ a elle. Aquelles mesmos, cujos Estados tinhaõ sido augmentados em consequencia do seu poder, ou de sua influencia, renunciaõ a seu engrandecimento, e á sua pertendida amizade.

O
INVESTIGADOR PORTUGUEZ
EM INGLATERRA,
OU
JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.
JANEIRO, de 1814.

Condo et compono, quæ mox depromere possim.... HOR.

LITERATURA.

CARTA

De S. A. R. o Principe da Coroa de Suecia ao Baraõ de Cederhielm, datada de Stockholmo a 29 de Outubro de 1813.

SENHOR Baraõ de Cederhielm. Eu pedi a El Rey que vos nomeasse Preceptor do Principe Oscar meu filho ; e Sua Magestade dignou se annuir aos meos rogos : vosso merecimento rezolveo sua escolha.

Vos ides formar o coraçaõ de meu filho, e desenvolver seu espirito : suas dispoziçoens felizes vos auxiliaraõ : empenhando-vos em lhe inculcar os costumes, e habitos do paiz, n'huma palavra, o caracter nacional, vos tereis satisfeito aos meos dezejos : seja sua educaçaõ inteiramente Sueca ; e a Naçaõ vos será devedora de todo o bem, que lhe hade rezultar de vossos cuidados.

Eu dezejo que presteis toda vossa attençaõ a lhe fazer contrahir o habito do trabalho, e a que elle aproveite as liçoens que se lhe derem para sua instrucçaõ.

Vos fortificareis em seu coraçaõ os sentimentos de Religiaõ, de moral, de amor das leis, e da Patria.

Vos nutrireis seu pensamento com exemplos que os reinados dos bons Reys fornecem, e excitareis em sua alma aquella ambiçaõ de verdadeira gloria, que deve ter sempre por objecto o dezejo de ser util a seos semelhantes, e de contribuir para a sua felicidade.

Meu filho está na idade em que se recebem impressoens que toda a vida se conservaõ : evitai pois que elle forme falsas ideas a cerca do que se chama caracter : a firmeza que deve ser a base do caracter de hum Principe, jamais pode ser considerada como virtude, naõ sendo empregada convenientemente.

Facil vos será fazer-lhe conceber que seos deveres devem estar sempre de acordo com seu coraçaõ, quando se tratar de succorrer aos desgraçados ; e que seos beneficios devem ter o cunho da magnanimidade, e nunca o da ostentaçaõ, ou da prodigalidade.

A classe indigente deve excitar a sollicitude de hum Principe : eu dezejo que meu filho se convença desta verdade.

Hum Principe nunca deve dar accesso nem ao temor, nem as suspeitas. Elle naõ deve hezitar em expor sua propria vida para segurar a gloria e ventura do seu paiz. Elle deve julgar sem paixaõ, e com aquella tranquillidade respeitavel, que distingue os bons Soberanos. Dai vos todo, Snr. Baraõ, a gravar bem estes principios no coraçaõ de meu filho. Eu vo-lo entrego n'huma epoca, em que tem a força de receber, para as conservar, todas as noçoens que podem concorrer para a felicidade dos Suecos. Repeti-lhe incessantemente, que hum dos maiores flagellos com que

o Ceo pode acabrunhar huma Naçaõ he dar-lhe hum Principe fraco :—que o transtorno dos Estados, a guerra civil, e a escravidaõ dos Povos saõ ordinariamente a funesta consequencia da timidez dos Soberanos :—que a guerra he de todos os males o mais terrivel, que pode opprimir hum Estado ; mas que ha circumstancias, em que ella he hum saudavel remedio para tornar a dar a huma Naçaõ sua energia ; fazer-lhe retomar seu antigo caracter, e preserva-la da desgraça de perder seu nome, para se converter em provincia de outro imperio ;—que quando hum reino se acha assim ameaçado, e que se naõ pode evitar essa vergonha sem appellar para a sorte das armas, o Principe naõ he senhor de escolher : elle deve aballançar-se a tudo, para manter a independencia de seu paiz : — que entaõ he que a energia da sua alma se deve dezenvolver, e que elle deve rodear-se de homens de probidade, e animozos, quaesquer que sejaõ, de resto, seos principios politicos : sendo seu grande fim salvar a Patria, o verdadeiro meio de o conseguir he de marchar unidos contra aquelle, que a quer opprimir.

Vos habituareis meu filho a naõ dar sua confiança a indiscretos, ou a dissipadores : huns atraiçoaõ na por amor proprio, e os outros por venalidade.

A Religiaõ, a historia, a geografia, a statistica, as mathematicas, a escrita, o desenho, e os exercicios corporaes, seraõ a base da instrucçaõ de meu filho durante dois annos ; findos os quaes eu rogarei a El Rey a permissaõ de se seguir outro methodo.

O estudo da Religiaõ conduz ao de huma moral suave, e benefica : vos enchereis della a alma do meu filho.

Elle deve conhecer a historia de todos os povos : mas neste estudo, vos deveis fazer-lhe distinguir principalmente a do seu Governo, de suas leis e da influencia que ellas tem tido sobre seos costumes, e sobre a felicidade publica.

A arte da guerra deve fixar mais essencialmente a attençaõ de meu filho e de vossos cuidados. Hum Principe, em nosssos dias, deve ser General : tem-se visto o terrivel inconveniente de opporhum General responsavel para com seu Amo, a hum Chefe, que decidia de tudo por si mesmo : he pois necessario acostumar cedo

meu filho, a arrostar as estaçoens, e a tirar o maior partido de suas forças, a fim de que huma vida mui sedentaria naõ influa, para o futuro, em sua maneira de ver, e de obrar. Viagens ao cimo das montanhas, e ás minas; o nadar, e cavalgar, saõ exercicios, que desenvolvem a energia d'alma, recordando a guerra, e despertando a idea do perigo, que deve estar sempre prezente, para se tornar familiar.

O estudo da Geografia sera constantemente seguido pelo da Statistica, principalmente da de Suecia. Meu filho deve conhecer esta com a maior miudeza, para ter huma idea justa dos recursos do reino, a fim de que se naõ entregue a illuzoens perigozas para o Povo, e para elle. Eu dezejo que esta parte da sua instrucçaõ senaõ limite a aprender numeros: como he precizo que elle a conheça perfeitamente, ella se gravará na sua memoria por meio de viagens, e da conversaçaõ com os homens os mais instruidos de cada classe: nas provincias, paizanos, e cultivadores esclarecidos do *cantaõ* que elle vizitar, lhe daraõ noçoens sobre a fertilidade de seu solo, sobre a natureza de suas producçoens, sobre o preço dos generos, sobre os impostos com que as terras estaõ gravadas, &c. &c. &c. Nas cidades, os Governadores lhe faraõ conhecer a administraçaõ geral de suas provincias; e jurisconsultos habeis formaraõ alli sua sociedade durante a sua demora: sua conversaçaõ servirá para lhe dar huma idea da jurisprudencia, e das Leis da Suecia, entretanto que sua idade lhe naõ permitte o applicar-se ao estudo de direito.

Será precizo aproveitar a curiozidade, que estes primeiros conhecimentos haõ de excitar no espirito de meu filho, para o conduzir a todos os lugares em que houver alguma coiza digna de aprender-se: vos fareis destas jornadas hum motivo para lhe fazer ler antes, e depois, o que tiver relaçaõ com o objecto. Quando elle vizitar alguma náo, he precizo que tenha conhecimento das batalhas navaes mais celebres, e que hum official dos mais instruidos o acompanhe para lhe explicar, fazendo-lhas ver, as manobras que decidiraõ a sorte dos combates. Quando elle vizitar alguma fortaleza, deve ser acompanhado por hum Engenheiro, que lhe possa alli mesmo explicar miuda-

mente a sciencia da fortificaçaõ, e a do ataque, e defeza das praças. Elle adquirirá em Smith os conhecimentos necessarios nas finanças, e nas manufacturas. As obras de Winkelman lhe daraõ huma idea justa das bellas-artes ; e se instruirá na bella literatura lendo os authores as mais celebres neste genero.

A grande difficuldade da educaçaõ consiste em dirigir a vontade do discipulo : importa pois dar a meu filho livros de historia, cuja leitura lhe seja agradavel, e que elle leia só : he precizo que dê conta da sua leitura antes fallando, do que escrevendo : porque á faculdade da palavra he huma coiza mais necessaria a hum Principe de Suecia, que a qualquer outro : penso pois, que para lhe facilitar a arte de fallar vos deveis convidar huma ou duas vezes por semana, desde as sete ate ás nove horas da tarde, algumas pessoas escolhidas por vos, e cujo merito vos seja conhecido, para conversarem com meu filho :

Eu dezejo, que meu filho consagre alguns momentos á literatura estrangeira ; nella aprenderá elle a distinguir bem o que caracteriza as outras naçoens, e a conversar com os estrangeiros sobre objectos que partem do circulo das questoens de hum Principe.

Resta-me agora fixar as horas de trabalho de meu filho, e seos habitos interiores. Elle deve levantar-se as sete horas, e meia para começar seos estudos as oito, e continua-los ate ás onze.

As onze horas almoçara com seu Preceptor, e com seos Gentis homens ; ás onze e meia, recreaçaõ ate a huma hora depois do meio dia.

Somente nos Domingos sera permittido a meu filho o almoçar com duas pessoas de vossa escolha.

Depois de huma hora ate as cinco da tarde continuara nos seos estudos : as cinco e meia virá jantar comigo nos Domingos, Terças, e Quintas, (nos outros dias jantara no seu quarto.) Nos Saloens, e á meza he que se aprende pouco a pouco a conhecer os homens e a penetrar seu caracter. O habito do mundo dá graça, e desembaraço, e acautela essa timidez taõ ordinaria nos meninos educados izoladamente, e no retiro, e que he taõ perigoza a hum Principe que o exporia a ser facilmente enganado pela ouzadia de hum tom decidi-

zivo, e rezoluto. Quando meu filho jantar comigo elle achará reunidos na minha meza os primeiros homens da Suecia, e ouvira alli fallar o magistrado, o guerreiro instruido, o politico profundo, e o administrador laboriozo : deste modo esta sociedade concorrerá tambem para a sua instrucçaõ, sem que elle experimente o trabalho do Estudo.

Desde as sete horas ate ás nove da tarde, meu filho empregara alternativamente este tempo, ou em fazer sua corte a Suas Magestades, ou no theatro, ou em alguma assemblea de baile, ou em fim nas sociedades, que elle deve receber huma, ou duas vezes por semana e de que mais acima vos fallei.

As dez horas deverá estar deitado.

Deste modo meu filho trabalhara sete horas por dia, tempo que me parece sufficiente para a sua idade. Resta-vos, Senhor Baraõ determinar a natureza dos estudos, que deveraõ occupar cada hora conformando-vos a tudo o que eu dezejo que forme a instrucçaõ de meu filho.

Hum dos pontos, de que vos deveria ter fallando em primeiro lugar, he o terno respeito que meu filho deve ter sempre pára com El Rey. Elle naõ deve querer em circunstancia alguma senaõ o que Sua Magestade quizer : todas as suas acçoens devem ter por fim affor-mozear a velhice de Sua Magestade; e deve constantemente ter prezente em sua memoria, que nenhum arrependimento poderia jamais compensar a mais leve inquietaçaõ, e desgosto que elle lhe cauzasse.

Eu aproveito com prazer esta occasiaõ, Senhor Baraõ de Cederhielm, para vos renovar a segurança dos sentimentos que vos me tendes inspirado desde que vos conheci : e rogo a Deos que vos tenha em sua santa, e digna guarda, e que abençoe vossos trabalhos.

Eu sou vosso muito affeiçoado

CARLOS JOAÕ.

MEMORIA.

Em que se mostraõ as vantagens do Estado da Geographia Nautica nas Reaes Aulas da Marinha, e o Plano do seo Ensino. Por D. Antonio da Vesitaçaõ Freire de Carvalho.

A Naçaõ Portugueza, docil ao grande impulso, que o Infante D. Henrique lhe havia dado, preparou hum thezouro de gloria e de fortuna, que nos Annaes do genero humano terá sempre admiraçaõ e respeito. A feliz applicaçaõ, que este Infante immortal fêz das Sciencias exactas, que entaõ apenas começavaõ a brilhar entre as trevas da barbaridade, aos trabalhos da cosmographia e da navegaçaõ, acceleráraõ de muitos seculos a civilizaçaõ do mundo. A filosophia e a politica podem assáz reconhecer a divida de que saõ credoras a primeira sociedade maritima que a Europa teve em Sagres pela sagacidade e pelos talentos de hum Principe Portuguez do Seculo XV.

Porem o reconhecimento universal será tantos mais bem fundado, quanto considerar-mos a força e a extensaõ das difficuldades para o desempênho de hum taõ grande objecto. A perseverança e a Sciencia vencêraõ tudo; e Portugal nunca perderá a gloria de haver formado os primeiros elementos da perfeiçaõ extraordinaria, que a geographia tem adquirido em nossos dias.

Quando grandes dissençoens intestinas dilaceravaõ outros Estados, o interesse publico derigido pela sabedoria dos nossos reis, se movia especialmente a projectos de tanta grandeza, e de tanta utilidade universal, quanto eraõ as tentativas de quebrar as barreiras eternas em que o grande oceano parecia haver fechado o antigo mundo.

Abandonadas as timidas navegaçoens litoraes, o Genio esforçado dos Portuguezes, guiado pelas luzes theoricas das Sciencias, (pois que a experiencia naõ era possivel aonde tudo era taõ novo quanto era sublime)

vai engolfar-se na extençaõ incerta de mares desconhecidos, em que a imaginaçaõ mais intrepida podia crer provaveis huma parte dos riscos, que a superstiçaõ e a ignorancia objectavaõ contra os projectos do valor e do talento.

A fortuna naõ podia deixar de coroar tamanhos designios, e a Europa, mesmo no meio das suas calamitozas fadigas, naõ deixava de contemplar com pasmo, e veneraçaõ como rapidamente se augmentavaõ os dominios da geographia com os dominios Portuguezes.

Novas e grandes ilhas no Atlantico; descobrimentos successivos da conformaçaõ das suas praias orientaes no reconhecimento d'Africa entre os tropicos, antes julgados como inhabitaveis; o exame da sua prolongaçaõ meridional ate patentear-se a *Boa Esperança* de navegar pelo Atlantico as grandes Indias; eis os primeiros trofeos da nossa gloria maritima.

Na soluçaõ feliz que Bartholomeo Dias dêo do problema da configuraçaõ meridional d'Africa, dobrando o Cabo da Boa Esperança, mostráraõ os Portuguezes com evidentes provas, que a theoria cosmographica era entre elles mais bem entendida do que na maior parte da Europa; poisque grandes geographos e navegadores, quaes eraõ Toscanelli, Martim de Bahem e Colomb, se decidiaõ pela opiniaõ que o mais breve e facil caminho para as grandes Indias era o seguimento do occidente do nosso meridiano. Mas nessas illustres controversias extendendo a geographia diariamente maiores e mais bellas descobertas, fazia refundir sobre a naçaõ, que as preparava, huma consideraçaõ que nunca poderá perder-se.

Com effeito, apenas seculo e meio era passado, os nossos navegadores naõ só tinhaõ corrido todos os máres e costas, que occupaõ o Hemispherio Oriental, mas taõbem as tentativas mais difficeis do Hemispherio Occidental foraõ emprehendidas pelos Portuguezes. Magalhaens abre o caminho da passagem ao grande oceano, que ainda hoje conserva o seo nome, e he o primeiro mortal, que emprehende a circum-navegaçaõ do globo, em que praticamente se manifesta a figura da terra. Objecto em seculos anteriores naõ só disputado, mas comprehendido entre os erros de que a Religiaõ deveria recear-se. Liçaõ

memoravel da circumspecçaõ necessaria em contrariar o adiantamento das Sciencias!

Mas o ardor das descobertas, que parecia animar a Naçaõ inteira á medida que ellas se manifestavaõ gloriosas e felizes, faz tentar o reconhecimento da Florida. Corte-Real emprehendendo a passagem de Nord-Oeste, tantas vezes buscada pelos modernos, descobre grande parte d'America septentrional, e deixa em o nome da *Terra de Lavrador*, no do Estreito de *Anniano*, e no da Bahia de *Corte Real* eternos padroens da pericia e valor dos Portuguezes.

A Costa Occidental d'America do Norte, ultimamente examinada pelos maiores navegadores do Seculo 18, ainda que longe dos dominios Portuguezes, e no tempo em que Roma tinha como repartido a exploraçaõ desta parte do mundo aos Hespanhoes, acha no Portuguez Rodrigo Cabrilho hum dos seos mais notaveis descobridores fazendo-a conhecer athe quarenta e quatro gráos de Latitude; empreza assaz importante para o estado da Sciencia antes do meio do Seculo XVI.

Assim a geographia enriquecida pelos Portuguezes dentro do espaço de poùco mais de hum Seculo alem de quanto as Naçoens antigas e modernas tinhaõ feito, parecia preparar á nossa Patria huma serie de gloria, que nenhum Povo da Europa podesse disputar-nos. Porem inimigos domesticos, e inimigos exteriores, conhecendo que a nossa prosperidade se fundamentava nas Sciencias, julgáraõ arruinar inteiramente a fortuna dos Portuguezes, fazendo succeder á maior luz que entaõ brilhava na Europa hum sistema de ignorancia, que começando quaze do meio do Seculo XVI, terminou a poz da perda das Sciencias com a perda da independencia da Monarquia.— Exemplo terrivel, que fará conhecer o espirito d'aquelles homens, que propoem como huma maxima, que na fomentaçaõ da ignorancia se funda a estabilidade dos Governos!

As Sciencias perseguidas na nossa Patria foraõ buscar azillo entre Naçoens estranhas e rivaes; e por isso em pouco tempo a theorica e a pratica da navegaçaõ, principalmente no que pertencia aos interesses das In-

dias, foi unica possessaõ dos Hollandezes, que por este Caminho vieraõ a dirigir por mais de hum Seculo os destinos da Europa.

O que mais parece surprehender em a nossa historia Litteraria e maritima hé ver nas Hespanhas hum ardor incançavel pelo estudo da Astronomia, nos Seculos em que a Europa justamente pode denominar-se barbara; reconhecer-se entaõ a dependencia que a navegaçaõ e a geographia tinhaõ desta Sciencia; e quando a luz principiava geralmente a diffundir-se, nem a theorica de Copernico, nem os trabalhos sublimes de Galileo e de Kepler, e nem os escriptos immortaes de Newton serem conhecidos dos Portuguezes contemporaneos. Tanto a ignorancia havia separado do resto do mundo conhecido a nossa Patria!

No fim do Seculo XVII. os nossos mesmos Escriptores tinhaõ sido esquecidos ao ponto, que as obras de Pedro Nunes eraõ athe ignoradas dos que mais se prezavaõ de conhecimentos cosmographicos; pois que o P. Carvalho se persuadia ser elle o primeiro Portuguez que se occupava destes importantes assumptos.

Aindaque com a Restauraçaõ da Monarquia Portugueza pelo Senhor Rey D. Joaõ IV. se criassem novos estimulos para o melhoramento das Sciencias, os nobres cuidados, que occupáraõ os Portuguezes naquella importante epocha naõ permittiraõ que se desse ás Letras tamanho disvello quanto outras Naçoens da Europa empregavaõ, estabelecendo sociedades literarias, que desde o Seculo XVII. tem servido de acrescentar cada dia a riqueza das Sciencias. Novos factos, que a natureza ou a industria successivamente aprezentaõ á combinaçaõ dos sabios, naõ podem com facilidade organizar-se em corpo de doutrina sem a cooperaçaõ de muitos individuos, e a reuniaõ central de homens meditativos, que recolhaõ em hum depozito permanente os elementos dispersos, que de necessidade deveriaõ escapar á mais aturada diligencia de hum só homem.

Todavia como depois da paz, que se seguio á glorioza Restauraçaõ de Portugal, existiaõ ainda alguns dos motivos, que haviaõ accelerado entre nós o atrazamento das Sciencias, naõ foi possivel poder-mos gozar logo das grandes descobertas com que a As-

tronomia e a Fisica incessantemente illustrárão a Europa não só no fim do Seculo XVII, mas nem ainda ja quando universalmente se tinhaõ patenteado os trabalhos de Euler, d'Alembert, e Clairaut, principalmente no que pertence á formaçaõ das Taboas da Lua, em que se firmaõ a theoria da navegaçaõ e os progressos da Geographia; pois que entrenós ainda, ja passado o meio do Seculo XVIII, eraõ quasi desconhecidos de todo estes thezoiros de que tanto deve gloriar-se a especie humana.

Entaõ hum Genio Protector veio salvar a Naçaõ Portugueza do discredito e do opprobrio em que a ignorancia por dois Seculos a tinha mantido. Foi o Snr. Rey D. Joze I., Magnanimo em promover quanto era util e decorozo aos seos Povos, quem regenerou os estudos, melhorando os methodos, e facilitando o trato scientifico com as naçoens polidas. Porem a Augusta Rainha D. Maria I. N. S. ainda mais abertamente se empregou em favorecer as Sciencias, que saõ indispensaveis ás naçoens maritimas ; e restando hum complemento de perfeiçaõ, ao que nos convinha neste importantissimo objecto, quiz a Providencia, que o Principe Regente Nosso Senhor reunisse ás grandes virtudes que ornaõ o seo Real Coraçaõ, aquella penetraçaõ sublime de entendimento, com que entre tantos estabelecimentos immortaes em utilidade da Sua Real Marinha, vio a importancia de huma Real Sociedade, que podesse renovar as illustres emprezas, e grandes destinos, que o Infante D. Henrique se propôz na Sociedade Maritima de Sagres.

Pois que taõ grandes esperanças se achaõ confiadas a esta Real Sociedade, a Patria as verá realizadas. A Patria tem o mais seguro penhor nos grandes Homens que a prezidem, e nos benemeritos membros que a constituem.

E se zelo e diligencia podem suprir as qualidades de quem he chamado a ter parte nos illustres trabalhos da Sociedade ; com alguma afoiteza, mas com o maior respeito, se vaõ expor á sua circumspecta consideraçao algumas ideas, que sem ampliarem o dominio das Sciencias Nauticas, possaõ facilitar rezultados praticos de manifesta applicaçaõ ao Serviço Maritimo. Tal he a exposiçaõ das vantagens que do estudo da Geogra-

phia Nautica podem provir á Marinha Portugueza, e o methodo conveniente de seo ensino.

Sendo a civilizaçaõ da especie humana huma consequencia immediata das repetidas combinaçoens de todos os objectos fysicos e moraes, que aprezenta a ordem do universo ; e deduzindo-se as leis geraes, que dirigem a economia da especie, da multiplicidade de observaçoens de factos individuaes, quando se apreciaõ por todas as relaçoens de tempo e de lugares, circunstancias que tanto servem a determinar os nossos juizos : tem entendido as naçoens civilizadas, que nenhum methodo será mais proprio para promover a faculdade de combinar, e deduzir rezultados uteis aos interesses do Estado, do que aprezentar á mocidade, pouco experiente, o quadro de todos os lugares em que podem passar-se todas as transacçoens da vida, combinando a ordem prezente do globo com todas as situaçoens certas ou provaveis do passado. Hé desta sorte que o estudo da Geographia em geral se julga entre os homens civilizados de huma indispensavel necessidade a todas as condiçoens da vida.

Mas que importancia naõ deve merecer huma tal applicaçaõ ao homem, cujo destino he correr por todas as paragens do globo em utilidade ou gloria da sua patria ? A quem se pode julgar mais indispensavel do que ao official do mar, cuja vida de honra hé servir hum Principe, cujos vastos dominios se achaõ diffundidos em taõ differentes climas, e em relaçoens taõ diversas, por todas as principaes partes do mundo ?

Em nenhum paiz da Europa a ignorancia, ou o desprezo destes estudos pareceráõ mais estranhos, e talvez menos desculpaveis, do que entre Portuguezes, cujos Avós se immortalizáraõ pelo adiantamento desta Sciencia.

Hé por isto, que a parte da Geographia, que maiores relaçoens tem com a navegaçaõ, deve ter o primeiro lugar entre os estudos elementares, que a mocidade Portugueza receba da Magnanimidade do Principe Regente Nosso Senhor para o Serviço da Sua Real Marinha ; e hé nesta intençaõ que huma Geographia, appropriada ás nossas circunstancias maritimas, me

parece deve denominar-se *Geographia Nautica.* Ella servirá pois á desenvolver o entendimento da mocidade pela combinaçaõ de muitos e grandes objectos ; e a costumará a formar ideas convenientes dos homens e dos successos, adquirindo-lhe aquelle caracter de grandeza, que convem á homens, que se destinaõ a servir a Monarquia com dignidade e virtude. Crescerá o brio nacional com o amor do Principe ; e a recordaçaõ dos grandes feitos, ávista dos lugares aonde os Portuguezes os executáraõ, fomentará estimulos de imitaçaõ, e dezejos de gloria. Naõ tornará assim a ignorancia a degradar jamais, pelo esquecimento do passado, o caracter nobre, que mostrou sempre a Naçaõ Portugueza, quando se propoz servir os seos Principes e a Sua Patria.

Entre os differentes methodos de ensino, que a este importante fim poderiaõ propor-se, julguei mais analogo ás nossas circunstancias áquelle que tenho a honra de propor agora á Real Sociedade, devendo preveni-la, que ainda que o seo necessario desenvolvimento naõ seja possivel na occaziaõ em que hé aprezentado, mostrará ao menos nas ideas summarias o espirito e a ordem, que formaõ a sua organizaçaõ completa.

I. Fazendo a terra parte de hum systema de corpos, cujas leis reciprocas determinaõ as varias maneiras da sua existencia, convem que a manifestaçaõ do systema seja o primeiro objecto de quem pertende dar huma idea deste Planeta. A Geographia Astronomica, ainda que deva entrar nos elementos do plano, com tudo attendendo á vastidaõ de phenomenos que o systhema aprezenta, será bastante para este fim co-ordinár aquelles que, verificados pelo calculo, possaõ conhecer-se como simplices rezultados.

Sendo a propozito o aproveitar as Luzes, que o trabalho dos Eruditos tem deduzido do nascimento e occazo Heliaco dos astros nas differentes latitudes da terra, naõ só se manifestará a doutrina Mythologica dos Antigos, mas mostrar-se-há o espirito dos cyclos chronologicos ; donde se podem aproveitar conhecimentos praticos importantes á meteorologia, e a theoria da navegaçaõ. Convindo estabelecer taõbem nestes principios os fundamentos da chronologia

universal, como dependentes da precessaõ dos Equinoxios.

II. Dado o conhecimento da terra, relativamente aos corpos celestes, convirá examina-la em si propria, mostrando os trabalhos theoricos e praticos que tem demonstrado a sua figura, e as hypothezes com que se tem pertendido explicar a sua organizaçaõ prezente: Com especialidade, as desigualdades da sua superficie; a co-ordinaçaõ das suas montanhas, em attençaõ á estructura do globo; as suas alturas, e a natureza das materias que as compoem; expondo concizamente a doutrina dos Vulcanistas e Neptunistas, com os factos em que se apoiaõ as duas hypothezes, que formaõ a baze da theoria physica da terra.

III. Convirá observar particularmente a terra no que pertence a parte hydrographica, como mais intimamente ligado ao prezente objecto. Assim se devem designar as cauzas provaveis da configuraçaõ actual de todos os mâres, e a differença das Secçoens Littoraes das principaes Costas, ou como effeitos de cauzas geraes inherentes á rotaçaõ e spheroicidade do globo, ou a cauzas accidentaes, dependentes da incerteza da theoria meteorologica. Mostrando igualmente a influencia do fluxo, e refluxo, e da ordem das monçoens relativamente a direcçaõ das agoas. Parecendo da mesma forma justo ao desenvolvimento da theoria hydrographica, que se patenteem os rezultados essenciaes do que actualmente se conhece da theorica e phenomenos geraes dos ventos, da electricidade, e do magnetismo; e sendo a propozito que taõbem se reforme a nomenclatura hydrographica, adoptando huma parte do parecer que Fleurieu tem ultimamente offerecido ao juizo dos Geographos.

IV. Em ordem a preparar a mocidade, que se destina ao serviço de mar, com ideas conformes ao espirito da sua profissaõ, importa, mostrar-lhe nas principaes viagens dos antigos, e na ordem com que formavaõ os seos Periplos, qual foi o desenvolvimento da Sciencia, e quaes os methodos que se empregáraõ nas primeiras tentativas maritimas, deduzindo huma serie chronologica dos principaes trabalhos Geographicos ate á decadencia do Imperio do Occidente, terminados no

geographo de Ravenna. Mostrando-se depois como Stacionario o progresso da Sciencia athe o tempo dos Amalfitanos, com os serviços nauticos dos Reys Normandos da Sicilia no descobrimento da Bussola, e adopçaõ do codigo maritimo, denominado, *consolato del Mare.* Fazendo-se ver os rapidos progressos que o Infante D. Henrique deo á geographia pela aplicaçaõ da Bussola ás longas derrotas, e pelo methodo das cartas planas, primeiros impulsos para os grandes descobrimentos dos modernos, podendo-se-lhe applicar as expressoens de Quinto Curcio para Alexandre: — *Por elle foraõ os homens atirados ao descobrimento do mundo.*—Manifestando-se depois o admiravel talento de Pedro Nunes em reformar, em proporçaõ dos conhecimentos da idade, os defeitos que a pratica indicava nas cartas planas, pela engenhoza idea das Taboas Loxodromicas, e desenvolvendo-se os grandes rezultados, que da pericia e aturados esforços dos Portuguezes provieraõ á Cosmographia nos Seculos XV, e XVI. E para completar a somma dos actuaes conhecimentos nesta parte, naõ deveraõ omittir-se as principaes descobertas, que as naçoens maritimas tem executado athe o fim do seculo XVIII; sendo ainda huma obrigaçaõ para os Geographos designar os principaes trabalhos que, para perfeiçaõ da Sciencia, restaõ ao desempenho dos navegadores.

V. Na intima ligaçaõ que existe entre os paizes e a indole dos povos que os habitaõ, he impossivel formar ideas justas das circunstancias Typographicas ou Litterarias de cada povo, sem conhecer a co-ordinaçaõ geral das relaçoens politicas, que derigem cada huma das partes do globo. Para este fim he necessario que o geographo conheça os elementos, a historia da civilizaçaõ, e o systema de commercio naõ so entre os Antigos e na Meia-Idade, porem o desenvolvimento que lhe deraõ os Portuguezes, dobrando o Cabo da Boa Esperança. Qual será pois o Portuguez que naõ se sinta ufano de gloria por haver por Sua Patria aquella mesma de que se gloriaraõ os Heroes, que abriraõ o caminho á civilizaçaõ e ao commercio do mundo, e que por mais de oitenta annos fixaraõ em Lisboa o centro do trafico da Europa? Convirá igualmente mostrar depois quaes foraõ as direcçoens e

a fortuna, que a marinha e o commercio tomaraõ na Europa, segundo a differença da politica de cada estado : no que he facil distinguir a sagacidade e prudencia da naçaõ Britanica á vista da sua prosperidade maritima.

VI. A' Soma destes conhecimentos geraes será importante reunir as circunstancias particulares, que servem para distinguir a Topographia de cada naçaõ e que formaõ a sua Chorographia e a sua Statistica, com a reuniaõ dos factos historicos, que deraõ motivo á prosperidade ou aos infortunios de cada estado ; sobre o que se devem desenvolver os grandes acontecimentos da historia da nossa Patria, as suas differentes relaçoens com outros estados da Europa, e a influencia magnanima e generoza que para salva-la elles tem empregado por mais de huma vez com immortaes exemplos de valor, de justiça, e sabèdoria, com o qual procedimento entre os maiores monarchas da Europa tem sempre destinguido os Senhores Reys desta Monarquia.

Possaõ assim estes elementos de ensino, summariamente aqui expostos, ser accommodados á mocidade maritima dos Portuguezes, cujos nobres destinos devem derigir-se a imitaçaõ dos grandes feitos, que no adiantamento da Cosmographia os antigos Portuguezes deraõ ao mundo. Se a Real Sociedade julga pois este trabalho digno do seo intuito, será para mim hum testemunho de que naõ foi inutil o meo disvello em desempenhar huma parte da gratidaõ que todos os Portuguezes devemos ao Principe Regente Nosso Senhor pelo distincto favor com que protege as Sciencias; pela Augusta Magnificencia com que acolhe todos os talentos uteis ; ánima todas as artes de gosto ; e pela sublime elevaçaõ de entendimento, com que faz conhecer ao mundo, que na cultura das Sciencias se fundaõ essencialmeute as bazes da felicidade dos Estados.

CONTINUAÇAÕ

Da Carta Politica sobre o melhoramento da Agricultura Portugueza.

(*Continuado de pag.* 228.)

Continuamente eu oiço chamar indigno, e perigozo á Sociedade o monopolio: ouço ralhar do commercio privativo, e tachar os lavradores de uzurarios, e regatoens, quando seu maior, e unico delicto he estar pobre, e nunca vender por sua conta o graõ que seos braços lançáraõ á terra: os Monopolistas saõ unicamente os Negociantes, que nunca estivéraõ nas Provincias; estes saõ os que acódem aos Lavradores com dinheiros para compra de gados, sementes; saõ os que lhe concertaõ as vallas, dezentulhaõ as lizirias, e surribaõ as encostas, e quem finalmente os acareia fornecendo-lhe os aprestes de que necessitaõ: portanto alem de quatro, ou cinco homens, que no Riba Tejo só pódem ter o nome de Lavradores, os mais dependem do uzurario, e do commerciante, aquem pagaõ com futuras colheitas, e cujo graõ por ordem sua fica retido nos selleiros do cultivador para apanhar na escaçez preço maior.

Todavia se o estado desse os necessarios socorros ao Lavrador, pois, que no terreiro publico ha determinado coffre para este fim taõ util; se os Monopolios fossem da Fazenda Real, nem houvessem arremataçoens de Propriedade; seriaõ alguns generos mais baratos entre os quaes o trigo seria hum delles; e naõ haveriaõ tantas murmuraçoens, porque ninguem póde vêr com bons olhos, e com Espirito tranquillo, que hum Privilegiado, ou huns poucos se enriqueçaõ com os despojos, que nos arrancaõ violentamente por huma guerra a que chamaõ *necessidade.* Os lavradores seriaõ ricos, nem mendigariaõ vergonhozos, e uzurarios emprestimos vendo-se castigado ao mesmo tempo o perigozo contracto do Monopolista, que se engorda, e céva com o sangue de suas iguaes. Naõ lucrava mais o estado tendo lavradores opulentos, que abasteceriaõ a capital, e athé naõ deixariaõ por se acharem individados muita terra inculta, que naõ podem agri-

cultar pelo excesso dos jornaes, falta de dinheiro para transportes, sementes, paga de trabalhadores; do que tendo, Monopolistas, cujo fim he sempre dezejarem fome para della tirarem seu partido!

A cazo saõ isto couzas fabulozas, ou occultas? Nossas Provincias naõ estaõ empobrecidas, despovoadas, e inuteis por falta de industria, deliberaçaõ, e governo? a ruina, e quebrada das estradas naõ fazem ja impraticavel sua communicaçaõ; apezar dos impostos, que para concerta-las se determinaraõ, e para cuja recepçaõ ha taõ vigilantes ordens! Pontes cahidas, outras necessarias por fazer, ou incompletas, rios fora de seus leitas, as barcas, que em algumas paragens saõ precizas para vadealos despedaçadas, vallas por acabar, entulhos amontoados, e sem entrarmos em maior detalhe no quadro de nossas Provincias, o qual he conhecido naõ só pelos Patricios, porem por outros muitos em razaõ de ser muito comprehensivel nosso Reyno: naõ sei, que se deva entender pelo fervorozo zelo dos Ministros conservadores das Provincias, e de tantos homens assim Nacionaes como estranhos empregados no Serviço da Corôa para melhoramento da Agricultura; unicamente sei, que os vejo premiados louvando-se muito sua notoria Sciencia e relevantes Serviços; porem as pontes estaõ derrubados, os rios desencanados, as estradas arruinadas, que he o mesmo, que hum invencivel obstaculo ao melhoramento da cultura.

Pode-se-me objectar, que naõ he a Hydraulica, nem a Economia, ou Sciencia * rural, quem póde suspender estes males, pois que só no Estado existe o poder, e o dinheiro para mandar concertar; sendo huns meros agentes dispostos a observar, o que o Soberano determina aquelles homens, que o governo chamou para promover o adiantamento da cultivaçaõ; alem de que ha taobem a poderoza razaõ de naõ haver camponezes, e forcejarem por desligar-se do trabalho: em quanto á primeira parte he verdade, que a Sciencia dos Homens de nada vale se a naõ apro-

* Nos temos naõ só homens, que trataõ da cultura, que o estado annualmente premia com avultadas sommas, porem temos outros chamados Professores de Hydraulica cujo officio só consiste no encanamento dos rios para obstar ás inundaçoens, que nascem do desprezo.

veitaõ; mas o fagueiro carather da adulaçaõ impede muitas vezes, que se digaõ as verdades apezar da perda, que rezulta do seu cavilozo silencio. O Soberano, e os Ministros devendo saber tudo ignoraõ muitas couzas, e o interesse do sordido obreiro sempre consistio na duraçaõ da obra. Em quanto ao abandono total das terras pelos mesmos camponios, e colonos sempre assim succederá em quanto favorecerem mais as outras occupaçoens com desprezo da cultura. A' proporçaõ que as outras classes florecem, melhoraõ, e se dilataõ vai-se abatendo, e consumindo a agricultura por ser a elevaçaõ daquellas fundada na ruina da cultivaçaõ, de que procede haver mais baldios, e menos subditos: advertindo, que todas aquelles homens, que o descorçoamento, o engodo do ganho, a possessaõ dos regallos filhos da indolencia, e a lembrança de hum estado mais feliz faz sahir de suas choças saõ outros tantos vassallos, que o estado perdeo, porque ou no seu Paiz achaõ, ou naõ achaõ occupaçaõ mais lucrativa; se a encontraõ he muitas vezes perniciosa, e prejudicial ao Ministerio, e se a naõ encontraõ vaõ experimentar fortuna a outros lares por huma reprehensivel emigraçaõ, que tanto enfraquece, e debilita as Naçoens sem se attender, que a perda de hum agricultor he mais funesta, e perigoza que a de hum bando de homens mais distinctos, cujos officios nenhum gazalhado daõ á humanidade, nem promovem algum bem real aos Reynos*.

Seria opportuno lembrar, que huma das primarias cauzas da destruiçaõ da cultura he o luxo, porem apezar disto estar tocado ja ao longe: quanto elle he prejudicial, e quanto deteriora os objectos da primeira necessidade se acha escripto pelos melhores Politicos, e Philosophos†: porem sómente direi, que no tempo em que se honrava, e estimava a lavoura naõ havia mizeria, e os vicios eraõ poucos. O luxo nutre cem pobres nas cidades, mas faz morrer o tresdobro nos

* Desta emigraçaõ foi prova Real a passada campanha da Europa, pois só marinheiros Portuguezes a soldo de Inglaterra passaraõ de oito mil homens. Vejaõ-se os papeis publicos principalmente—The London Chronicle.

† Lêa-se o tratado do Mr. Melon, que tratou do luxo ex professo.

campos. O dinheiro, que circula pelas mãos dos ricos, e dos artistas para provêrem suas superfluidades perde-se para a subsistencia do lavrador, ficando este sem vestir para os outros trazerem sedas, e galoens a fim de ostentarem sua ridicula magnificencia. Quanto mais as capitaes assombrarem os olhos estupidos da relé, mais deverá gemer o homem de bem por ver os campos abandonados, as terras dezaproveitadas, e as estradas destruidas, e coalhadas por hum alluviaõ, de cidadaos infelizes, que passaraõ a mendicantes, ou salteadores pelo cançasso, disgostos, e penuria de huma vida disgraçada, e trabalhoza, cujos modicos lucros naõ correspondiaõ a seus suores, e fadigas, expostos quotidianamente a serem devorados pela mizeria, injuriados pelo tempo, esquecidos dos seus concidadaons, mortos nos patibulos, ou pelas armas dos passageiros destemidos a quem intentavaõ roubar*.

A cultura nunca corrompeo os animos, nem os costumes, ella só produz optimos effeitos; multiplica o trabalho, os povos, e occupa os homens incessantemente sem distrahi-los para objectos arriscados, e perigozos, cuja bôa harmonia he taõ necessaria, e proveitoza, que se deve sustentar a todo o custo. Qualquer, que seja a revoluçaõ, que possa acontecer na Politica, ou na Industria das Naçoens para fazelas opulentas, fortes, e abundantes; a cultura será o simples, e unico meio.

(Continuar-se-ha.)

* Devia ser olhado com reflexaõ este objecto para prevenir os crimes, e evitar o desterro. Hum homem para se fazer saõ necessarios vinte, e cinco annos, e a nossa Provincia do Alentejo dá mais de 100 homens todos os annos para os prezidios, homens, que o crime arranca da cultura naô falando das outras Provincias. Hum Reyno pequeno como o nosso perdendo annualmente 400 homens, que tantos se desterraõ devia cuidar mais na sua conservaçaõ para naõ perdelos, que intentar com o exemplo do desterro prevenir os crimes, e cohibir os malevolos com o terror, havendo hum taõ facil meio para evitar este abuzo, e defeito de Politica qual he cuidar dos homens, remedia-los, dar-lhes que comer animando-os, e conduzindo-os aos trabalhos, porem naõ exaspera-los. Pode-se affirmar, que os crimes nascem dos descuidos dos que governaõ.

MEMORIA

A respeito dos Escravos, e commercio da escravatura, &c. continuada de pag. 222.

CAPITULO IV.

Das doenças agudas, que ordinariamente accommettem aos Pretos escravos, e que saõ adquiridas nas mudanças dos seos alongados transportes, aonde tudo de maõ, e contrario á conservaçaõ da saude os persegue.

Posto que esta materia preciza das observaçoens medicas feitas por Professores; com tudo cuido poder dizer, que a primeira, e a mais prejudicial das molestias agudas, que soffrem os Pretos escravos, assim em os Reinos Africanos, como quando descem dos seos certoens, na estada dos portos maritimos, no seu transporte, e no mesmo Brazil, vem a ser humas grandes, e repentinas febres, bem semelhantes ás perniciózas; as quaes trazem comsigo pessimos symptomas, e saõ decizivas; porque em poucos dias os mataõ por serem amalinadas.

Estas febres em os paizes Africanos saõ chamadas *carneiradas*, as quaes de ordinario se suscitaõ com toda a sua vehemencia, quando se passa do veraõ para o inverno, e do inverno para o veraõ. Attribuem a sua origem aos effeitos da Cacimba, e á passagem do Sol; e como elle alli duas vezes passa, duas vezes tambem vem a ser as carneiradas no anno.

O certo he que os Povos Africanos em os paizes da sua habitaçaõ, e natalicio saõ muito menos atacados do que em outra qualquer parte, e por isso ja dissemos, que no seu tanto lograõ huma boa saude. Isto se deve ao ar, a que estaõ acostumados, e aonde nasceraõ, aos seos constantes, e certos alimentos, e ás mesmas taes, e quaes aguas de que uzaõ, e a que estaõ habituados.

Desengana, e confirma bem o que dizemos a experiencia, que entrando elles em as mudanças, em que encontraõ novos ares, desacostumadas comidas, e outras aguas, ja saõ mais acostumados. Confirmaõ mais a outra experiencia, e observaçaõ, de que em Loanda estas mesmas febres mais atacaõ aos pardos, e aos

brancos, doque aos pretos, que alli nasceraõ, e vivem: porque ja estaõ acostumados, e habituados ao clima, á comida, e ás aguas, o que igualmente succede aos pretos escravos que descem dos seos certoens ao cativeiro.

Os symptomas desta terrivel, e destruidora enfermidade, pelos quaes ella logo pode vir a ser percebida, saõ as repentinas somnolencias; que crescendo, e augmentando-se por effeitos do progresso da mesma molestia, e da ardentissima febre, prostraõ o enfermo de hum tal modo, e este taõ vehemente que o entregaõ a hum lethargo, do qual no seu auge se passa para a outra vida. A isto se acode com grandes, e repetidas sangrias, com agua d'Inglaterra, e com muita quina, tendo-se por ultimo remedio as sarjas: a estes precedem outros symptomas do quebramento do corpo, dos grandes defluxos, constipaçoens, &c.

II.

Na segunda classe de enfermidades agudas devem ser postas, por serem gravissimas, as hemorragias, que muito accommettem a escravatura; sendo estas as que levaõ á sepultura muito grande parte da mesma escravatura; ao que chamaõ *mal de Loanda.*

Assentaõ os observadores desta gravissima enfermidade, experientes do paiz, que ella de ordinario he huma sequella, e restos da precedente; ainda que muitas vezes insurge esta molestia com independencia da precedente. Attribuem tambem o adiantamento desta enfermidade á demasiada agua, que bebem os escravos, na ardencia da febre; que lhes traz huma evacuçaõ continua, e por effeitos della o intestino recto se dilata, e o anus se circula com labios esponjozos, que nascem do interior da via.

III.

A terceira qualidade de doenças agudas, que costumaõ atacar a escravatura progredindo-se na sequella dellas, vem a ser a que se chama em aquelle paiz, e no Brazil *do bicho.* Como pois ha tres qualidades de

enfermidades do bicho, de que competentemente fallaremos, esta de que se falla he a do bicho, ou corrupçaõ intestinal, que havendo-a, se dá a conhecer pelo máo cheiro, que tem o quarto em que esta o enfermo.

Esta dita enfermidade he tambem proveniente da primeira, e de ordinario anda junta com a segunda; porem muitas vezes acontece que com independencia de todas as outras, ella insurge atacando a escravatura com mortandade desta.

IV.

Na ordem das mesmas molestias agudas, em quarto lugar devem ser postas as infinitas constipaçoens, e as frequentissimas, e vehementes tosses as quaes tem o seu principio nos effeitos da Cacimba; e em outros paizes, como no do America, ou em o máo trato, e falta do vestuario precizo, o que consome e destroe muita escravatura: e de prevenir isto naõ trataõ os negociantes della, e os seos mesmos Senhores, por naõ pezarem o damno, que a elles mesmos se segue da sua supposta economia.

V.

Descendo gradualmente pelas enfermidades agudas, que saõ provenientes da Cacimba, e das febres amalinadas, occupaõ o quinto lugar as infinitas sezoens; que começaõ em terçans e quartans, com augmento de horas, vindo a apanhar humas a outras, fazem com que muita escravatura falleça.

VI.

Quando porem os escravos chegaõ a escapar das referidas sezoens; de resto dellas, assim como as sezoens vem a ser resto das outras, lhes ficaõ as opilaçoens, que dentro de poucos tempos estragando-os, os

levaõ á sepultura, e saõ postas no sexto lugar das enfermidades agudas.

VII.

A septima qualidade de doenças agudas que mataõ a escravatura, vem a ser as bexigas, e o sarampo ; que os experientes dos paizes Africanos tem visto repetir diversas vezes, ja em seos Certoens, ja nos Prezidios, ja em postos Maritimos ja no embarque, e ainda mesmo no Brazil. Todas estas doenças, de que temos fallado, saõ as principaes, e epidemicas, e por isto começando em hum só escravo, se communicaõ a todo o lote da escravatura.

VIII.

A oitava especie, ou qualidade de enfermidades agudas, ainda que naõ frequente em toda a Africa, porem frequente na Costa da Mina, e no Brazil, vem a ser a doença do bicho, de outra qualidade da que ja fallamos. Este bicho que se cria nos corpos dos pretos se declara existir nelles com frios, e febres. Procura-se pelo corpo do escravo, aonde elle esteja, e de ordinario se acha nos braços, e nas pernas. Achado o bicho, que he á semelhança de huma linha branca, fina, e torcida ; com a ponta de hum alfinete, ou páo muito fino se afasta a pelle, e logo o bicho deita a pequena cabeça para fora, querendo sahir. Prende-se a cabeça delle com hum fio de retroz, que enrolando-se em hum pequeno páo, se vai enrolando tambem a cabeça, e a porçaõ do bicho que por si quer sahir, sem que por elle se puxe de modo algum. Na Africa unta-se a circunferencia do bicho com azeite de Dendé diariamente, e diariamente tambem se enrola a porçaõ do bicho que quiz sahir. Ata-se hum panno para se comprimir, e suster a porçaõ do bicho que tem sahido, e nisto se continua, ate que elle saia de todo. Se acazo porem o bicho succede puxar-se com força, e quebrar-se está desenganado o escravo que morre ;

porque vem inchaçaõ, e gangrena, por naõ saberem remediar este successo.

Dezejei levar a indagaçaõ deste artigo ao ultimo ponto, fallando com os praticos, e experimentados em aquelle paiz, que por espaço de vinte, e trinta annos habitaraõ na Africa: mas apenas disseraõ huns, que este referido bicho costumava ter de comprido vara ate vara e meia; e nenhum delles, pelos máos successos chegou a ver o fim da extracçaõ. Domingos Rodrigues Chaves porem, que ainda hoje vive em Lisboa vio na Africa extrahir hum de todo ate hum palmo, e principiar-se a extrahir outro ate palmo, e meio: o que por naõ ser mui frequente, naõ ha a este respeito mais vulgar experiencia.

IX.

Na classe das doenças agudas tem o nono lugar os carbunculos, ou antrazes, que saõ taõ frequentes em os paizes do nascimento dos escravos como em os Portos Maritimos, e no Brazil.

Para todas as enfermidades tem os Pretos Africanos os seos curadeiros, que observaõ as molestias, e que pela força do uzo, e costume, applicaõ a cada huma dellas diversos remedios; no que se empregaõ tambem algumas mulheres pretas, que tem o nome de curadeiras, cujos remedios pela maior parte consistem no conhecimento de varias ervas, e na applicaçaõ dellas ás enfermidades. E estas saõ as doenças agudas que principalmente mataõ a escravatura.

CAPITULO V.

Das doenças Chronicas, que tirando algumas dellas sua origem das agudas, e dos infinitos contratempos, que os pretos escravos tem soffrido, saõ accrescentados pelas outras, que de novo insurgem.

I.

Huma, e das principaes molestias Chronicas, que soffrem os escravos, a qual pelo decurso do tempo os leva á sepultura, vem a ser o *banzo*. O banzo he hum resentimento entranhado por qualquer principio, como por exemplo; a saudade dos seos, e da sua patria; o amor devido a alguem; a ingratidaõ, a aleivozia, que outro lhe fizera; a cogitaçaõ profunda sobre a perda da liberdade; a meditaçaõ continuada da aspereza, com que os trataõ; o mesmo máo trato, que supportaõ, e tudo aquillo, que pode melancolizar. He huma paixaõ d'alma a que se entregaõ, que só he extincta com a morte: por isso disse que os Pretos Africanos eraõ extremozos, fieis, rezolutos, constantissimos, e susceptiveis no ultimo extremo do amor, e do odio.

Raimundo Jalama, sujeito de probidade, digno de toda a crença, que conta outenta annos de idade, e que por vezes navegára para a Azia homem mui prompto, e experimentado em os calculos, e projectos mercantis; e por dez annos na Cidade de S. Paulo de Loanda fora Administrador do Contracto, e das Companhias do Para, e Pernambuco: estava no exercicio de comprar, e remetter ao Brazil, para sortimento das ditas companhias, hum grande numero de escravos em todas as estaçoens do anno. Elle me informou a respeito desta enfermidade que no tempo da sua administraçaõ, em hum dos lotes comprados tivera certa escrava, com huma filha de idade de sete para oito annos; a qual escrava se entregára a hum tal fastio, por effeitos do banzo, que nada queria comer, ainda offerecendo-se-lhe as melhores comidas, assim do nosso costume, como as do seu paiz; para cujo fim tinha cozinheira propria; e observando elle esta obstinaçaõ, pela filha para isto insinuada entrou a pesquizar o motivo, porque a escrava se entregára ao banzo; e com effeito veio a adquirir a certeza, de que seu marido, a quem tanto amava, a havia dado a ella com ingratidaõ á dura escravidaõ, e juntamente a sua filha taõ estimada, como penhor da sua alliança.

Sabida a cauza, despendendo-se os maiores agrados,

promessas, e realidades de bom trato, e ate de liberdade; nada foi capaz de lhe desfazer esta imaginaçaõ. A vista dos agrados na prezença de muitas pessoas, que para elles concorriaõ, os seos olhos eraõ dous rios; de continuo tinha a cabeça sobre os Joelhos; continuou a naõ querer comer; faleceu; e a sua filha foi estimada, como a de huma heroina de amor, e de constancia. Este mesmo banzo por vezes observei no Brazil, que matára á muitos escravos; porem sempre por effeitos do resentimento do rigor, com que os tratavaõ os seos senhores.

II.

A segunda molestia chronica, e de sumo perigo vem a ser a sarna; e se communica de huns a outros; ella se distingue em sarna aque chamaõ *mansa* e *brava*.

A mansa accommette muito a escravatura de ordinario no fim das suas jornadas desde os Prezidios ate ao Brazil, e he huma molestia mui impertinente, e perigoza, porque tem muitas repetiçoens á que chamaõ camadas.

III.

A sarna brava que occupa o terceiro lugar das doenças chronicas he igualmente epidemica; porem de outra qualidade, e se attribue a mal venereo: declara-se nas pudendas, nas verilhas, no nariz, atraz das orelhas, e lhe chamaõ *boubas*; estas formando chaga se dilataõ ate o tamanho de hum pezo Hespanhol, e nas suas circumferencias formaõ labios.

Ainda que se tenha dito, que esta molestia se reputa ter sua origem do mal venereo; com tudo sube por meio das informaçoens mais exactas, que pessoas sem este mal a chegáraõ a ter; ou pela participaçaõ dos humores de seos pais; ou quando a escravatura vem como abotecada na longa viagem em as cobertas dos navios; ou porque em terra vive junta nos armazens, e sanzalas.

IV.

A quarta classe de doenças chronicas, que accommettem a escravatura, vem a ser o escorbuto; com que vivem os escravos alguns annos, porem sempre vem a morrer delle: e communica-se, quando elle esta radicado, a toda a mais escravatura. Ella se entende ser proveniente da fome, da sêde, e das comidas salgadas.

V.

A outra especie de doenças chronicas, que muito acommettem a escravatura na America, e vem occupar o quinto lugar, saõ os bichos, que nascem nas maons, corpo, e com maior força nos pez, no canto, e circumferencia da unha, e principalmente nos calcanhares.

Os bichos desta ultima especie de doença, que tem tal nome, saõ na sua origem, como a mais pequena pulga, que achando immundicie, e máo trato no corpo, e principalmente no pé da escravatura, nelle se entranhaõ sem dor; e depois de entranhados, cauzaõ huma pequena comichaõ. A proporçaõ do seu nutrimento vaõ crescendo ao tamanho de huma cabeça de alfinete. O seu maior graõ de crescimento he propriamente como hum graõ de cevadinha bem cozido, pela parte plana para a carne; aonde outros de novo se criaõ, entrando a deitar huns oviculos brancos, ao que chamaõ *lendeas;* e entaõ dellas se gera por baixo desta camada outra segunda dos referidos bichos: quando porem ja naõ podem crescer, apostemaõ; e neste estado se fazem tamanhos quasi de hum graõ de milho cozido; occaziaõ em que saõ continuados os frios, e as febres, e as inguas por todo o corpo do escravo.

VI.

A sexta qualidade de molestias chronicas, que costumaõ levar hum grande numero de escravatura insensivelmente á sepultura vem a ser as lombrigas, que se entende serem provenientes da relaxaçaõ do estomago; o que he inseparavel dos climas ardentes, que

trazem com sigo huma extraordinaria froixidaõ; parecendo esta a cauza, porque a escravatura commumente appetece todo o genero de acidos, e a comida sobre o salgado acompanhada dos picantes ardentissimos. A mesma froixidaõ tambem naturalmente provem das comidas de inferior qualidade, que saõ as que de ordinario tem os escravos; o que tudo se julga concorrer, para se formarem as obstrucçoens que tanto a perseguem.

Estes vermes he opiniaõ, que cauzaõ os vulgares accidentes chamados da *gota coral,* a que os Pretos chamaõ *ventos* ou *Calondú:* e como elles a attribuem á primeira especie de castigo, e mal mandado pelo seu Zambe, ou Deos, a tem por incuravel.

VII.

Na ordem das doenças chronicas occupaõ o setimo lugar as hydropezias; por cuja porta franca vaõ ter á morte muitos mil escravos. Attribue-se esta doença ás fomes, e sedes, que tem experimentado na delonga de tantas jornadas.

VIII.

A oitava, e ultima das molestias chronicas, e a mais prejudicial, quanto eu supponho, por particular observaçaõ, vem a ser a que chamaõ vulgarmente resicáçaõ dos bofes; doença que provem da muita giribita, ou agua ardente, e cacháça do Brazil, que de continuo bebe toda a escravatura. A esta se entregaõ com extremo por tres principios; primeiro, porque vivendo em o seu paiz natalicio, aonde ha falta della, e sendo apaixonadissimos desta bebida, ao depois encontrando-a com abundancia, se fartaõ della: segundo; porque a debilidade, a froixidaõ, e a relaxaçaõ do seu estomago assim o pede: terceiro; porque sendo os escravos nascidos em hum paiz muito mais quente, do que o do Brazil, que demais he assistido das muitas viraçoens, andando muito mal vestidos, sentem frio, e na falta de roupa se entregaõ a esta

bebida, persuadidos de que os aquece; o que sendo momentaneo, continuaõ na mesma bebida, para sustentarem o pertendido calor, com damnificaçaõ conhecida das suas entranhas.

Disto tambem se entende que resultaõ as muitas hydropezias no Brazil.

Ha outras muitas molestias chronicas, como saõ os tuberculos, ou cancros, que por serem menos frequentes em os escravos, nellas me naõ demoro.

(*Continuar-se-ha.*)

CARTA

AOS SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR.

Ja que V. Mces. assim o querem, tenho a honra de lhes remetter alguns fragmentos de huma traducçaõ Franceza da Lusiada; lizongeando-me que o illustre nome de Camões seja hum passaporte sufficiente para fazer perdoar a sua inserçaõ n'hum periodico Portuguez.

Há perto de outo annos que esta traducçaõ foi principiada, e tendo-me as circunstancias pouco depois obrigado a interromper o meu trabalho, assento que ja agora naõ tornarei a ter animo bastante para o continuar e levar ao fim.

Naõ hé necessario muito conhecimento da lingoa, e da poezia Franceza, para avaliar, naõ digo a difficuldade, mas a temeridade de huma empreza tal como a da traducçaõ de todo o poema de Camões. Traduzir o mais harmoniozo dos poetas modernos, e traduzilo de huma lingoa ricca e sonora, para outra infinitamente mais pobre, secca e aperriada por preceitos miudos e rigorozos; hé intentar de copiar com hum lapis preto huma pintura adornada das mais vivas cores; ou querer seguir á força de remos hum Navio

que corre a toda a vêlla. D'essa verdade me persuadi ainda mais, agora que tornei a ler de sangue frio o manuscripto que há annos tinha esquecido; e abandonando a idea de o proseguir, rezolvo-me a expor, (naõ sem hum justo receio) ao juizo do publico, estes primeiros ensaios*.

A fama de hum poema tal como o de Camões, naõ podia ficar encerrada na sua Patria; e com effeito naõ há lingoa culta em que naõ esteja traduzido, nem pessoa medianamente instruida na Europa, que o naõ tenha lido. Porem desgraçadamente poucos estrangeiros se achaõ no cazo de o ter lido no original; e certamente Camões d'entre os grandes poêtas hé hum dos que mais perdem em ser traduzidos. Pode-se, sem faltar ao respeito que lhe hé devido, nem participar da herezia litteraria de alguns nossos contemporaneos, asseverar que o primeiro merecimento de Camões hé o da dicçaõ ou do estilo, e por consequencia aquelle que menos se pode attingir na traducçaõ. A melodia natural de que saõ dotados os seus versos, a summa abundancia e fluidez com que elles lhe corriaõ, deraõ lugar a que se precatasse menos dos defeitos inseparaveis d'aquellas qualidades; quero dizer, as negligencias no plano, e ás vezes a repetiçaõ das mesmas ideas, variadas porem sempre, hé verdade, com huma inexhaurivel riqueza de expressoens. Finalmente essa mesma facilidade que só se pode comparar á de Ovidio e de Ariosto, o induz a passar continuamente do estilo mais sublime da epopea, para o de huma narraçaõ singéla e quazi familiar; e até mesmo para o tom jocozo, á que mais de huma vez se entrega. A nada se lhe nega a Musa, e Camões mais inspirado do que qualquer outro poeta, naõ recuza nenhum dos seus dons. D'ahi nascem as maiores bellezas, d'ahi se originaõ tambem alguns defeitos. Mas os defeitos apparecem todos na traducçaõ em quanto muitas das bellezas naõ podem traduzir-se; e o leitor

* Os fragmentos da traducçaõ da Lusiada que por agora remetto saõ os seguintes: o 1. Canto enteiro. O episodio de Venus no 2. Canto. A descripçaõ da Europa e Ignez de Castro no 3. Canto. Adamastor no 5. Canto.

estrangeiro prevenido pela justa admiraçaõ que lhe inspiraraõ, naõ se lembra que está lendo na traducçaõ a mesma musica, porem que naõ pode ouvir o som do mesmo instrumento.

Se hé difficil o traduzir a Lusiada em qualquer lingoa, a maior difficuldade hé talvez o traduzi-la em Francez ; porque a poezia Franceza he a mais limitada e a menos atrevida de todas. Por isso naõ se presta ao genio das poezias estrangeiras : e todos os que conhecem a litteratura Franceza, sabem que o Abbade De Lille he o primeiro que conseguio traduzir com applauso em versos, alguns dos Poetas êpicos das outras naçoens*. Estas reflexoens e muitas outras, deviaõ ter-me acobardado. Porem deixei-me levar do dezejo de contribuir, por quanto as minhas forças mo permittirem, a elevar mais hum monumento á memoria do nosso grande Vate ; do unico poêta Portuguez, cuja gloria, como disse hum Autor illustre do nosso tempo, naõ he so nacional, mas Europea.

Dar-me hia por summamente satisfeito se estes ensaios de traducçaõ, posto que debeis e imperfeitos, podessem dar a conhecer aos estrangeiros que os lerem, alguma d'entre as immensas bellezas de que abunda o nosso poema ; o qual até agora tem servido, he verdade, de assumpto a muitos elogios, porem tambem a outras tantas calumnias, para os que o naõ conhecem.

Naõ he este o lugar de entrar n'huma dissertaçaõ, que prolongaria extremamente esta carta, sobre as numerozas criticas que tem encontrado a Lusiada. Porem naõ posso deixar de observar que a principal d'entre ellas, tem recahido sempre sobre a mistura do Christianismo com a mithologia pagaa, e naõ se pode negar que esta critica seja muito fundada. Com tudo, lendo com attençaõ a Lusiada, observa-se facilmente

* De facto naõ existe traducçaõ nenhuma em versos Francezes de Camoens, senaõ o episodio de Ignez de Castro de Florian muito pouco exacto. O mesmo episodio, e o de Adamastor por hum Official Francez ao serviço de Portugal, cujo nome me esquêce, e que naõ merecem ser nomeados. D'entre as traducçoens em prosa, a de La Harpe que he a mais moderna, naõ foi tirada do Portuguez, mas de outra traducçaõ Franceza ; e basta isso para se poder julgar do seu merecimento.

que naõ nasce d'ahi huma verdadeira discordancia; o espirito do poêma como o do poêta he todo Christaõ; e o uzo que elle faz das ficçoens mithologicas naõ he senaõ hum mero ornato, hum jogo da fantasia, de que o Camoens, cheio da liçaõ classica dos poêtas antigos, e naõ achando ainda modelo por onde se guiar na poezia Christaã e moderna, achou naõ poder prescindir. Mas vê-se para assim dizer que toda essa parte do poêma naõ he seria; e que serve, se se me permitte esta expressaõ, como de huma especie de moldura, em que elle se julgou obrigado a encerrar o seu formoso painel. A unidade de interesse da Lusiada consiste principalmente no sentimento patriotico que anima tudo. O titulo mesmo o prova. A gloria nacional dos Portuguezes, e o espirito cavalleiroso d'aquelles tempos, reproduzem-se debaixo de todas as formas que pode inventar a imaginaçaõ do poêta. E talvez em nenhum poema desde os de Homéro, se ache hum colorido historico e nacional taõ forte, e taõ verdadeiro como no de Camoens.

Resta-me só agora a accrescentar, que me julguei obrigado, nos fragmentos mesmos que traduzi, a omittir algumas outavas, que ou por serem mais fracas, ou por conterem alguma repetiçaõ de ideas, desesperei de poder traduzir toleravelmente. Pela mesma razaõ procurei alguma vez extrahir n'huma só outava o sentido de duas ou tres. Observarei tambem que o metro que adoptei, e que he o do original, sendo inteiramente novo na poezia Franceza, augmenta sobre maneira a difficuldade; porque he precizo, na lingoa em que há mais pobreza de consoantes, achar tres rimas masculinas e tres femininas em cada outava. Porem estas observaçoens pouco devem importar aos Leitores, pois o merecimento do poeta naõ consiste em ter vencido difficuldades, mas em ter produzido bellezas*.

S.

* Talvez agrade a muitos leitores o achar aqui indicadas as principaes traducçoens da Lusiada. As que chegáraõ ao meu conhecimento saõ as seguintes.

Em Latim pelo Bispo de Targa, D. Fr. Thomé da Faria, Olyssipone apud Giraldum a Vinea, 1622, 8. Existem mais, segundo affirma Diogo Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana, tres traducçoens Latinas do mesmo poema, que naõ se achaõ impressas.

LA LUSIADE.

ARGUMENT.

Les Dieux sont ressemblés dans la Cour Etherée,
Ils reglent les destins des Enfants de Lusus.
Le redoubtable Mars, la belle Cytherée,
Protegent ces guerriers detestés par Bacchus.
A travers les dangers d'une mer ignorée
A Mossambique enfin ces heros parvenus,
Par de sanglants combâts signalent leur audace
Et sortant de ses bords arrivent á Mombace.

CHANT PREMIER.

1.

Je chante ces heros fameux dans l'Univers,
Qui des bords éloignés de la Lusitanie,

Em Castellano por Luiz Gomes de Tapia com notas. Salamanca, 1580, 8. Dito por Benito Caldera Alcala, 1580, 4. Dito por Henrique Garces. Madrid, 1591, 4.

Em Italiano por C. A. Paggi. Lisboa, 1659. Esta versaõ he notavel por ser extremamente, e até demasiadamente litteral.

Em Francez alem do episodio de Ignez de Castro por Florian que se acha em todas as ediçoens das Obras d'aquelle Autor. Há huma traducçaõ em prosa por Du Perron de Castera. Paris, 1735 e 1768, 3 vol. em 12. Dito por La Harpe e d'Hermilly, Paris, 1777, 2 vol. em 8vo.

Em Inglez por Richard Fanshaw. Londres, 1655. Dito por G. J. Mickle, Oxford, 1776, em 4to. e 1798. Londres, 2 vol. em 8vo. Esta traducçaõ em versos he talvez a melhor que existe de Camoens.

Os principaes Commentadores de Camoens saõ: Manoel Correa; Manoel de Faria e Souza; Ignacio Gárcez Ferreira; Luiz da Silva e Brito em Portuguez. E Luiz Gomez de Tapia em Castellano.

Em Alemaõ he provavel que hajaõ algumas traducçoens do nosso Poema, porem naõ conheço senaõ o episodio dos doze de Inglaterra traduzido n'aquella lingoa, e segundo se diz, em perfeiçaõ por A. W. Schlegel, cujo nome como litterato he conhecido em toda a Europa.

Par de nouveaux chemins, sur de nouvelles mers,
Portêrent leurs drapeaux jusqu'au fond de l'Asie.
Qui bravant les dangers, surmontant les revers,
Aux plus nobles travaux consacrérent leur vie ;
Et fonderent bien tôt guidés par les destins,
Un empire éclatant dans ces climâts lointains.

2.

Je vous evoque aussi, memoires glorieuses,
De nos antiques Chefs, de nos valeureux Rois,
Qui domptant d'Ismael les hordes odieuses,
Rendites triomfants vôtre scêptre et la croix !
A jamais dans mes chants que vos ombres fameuses
Survivent à la mort qui vous tient sous ses loix ;
Et puisse le genie et le dieu qui m'inspire
Rendre dignes de vous les accords de ma lyre !

3.

Qu'on cesse de vanter les perilleux hasards
Des navigations et d'Ulisses et d'Enée,
Que l'on n'admire plus les exploits des Cesars,
Ni du fameux vainqueur de la Perse étonnée ;
Je chante, ce heros de qui Neptune et Mars
Ont couronne l'audace à jamais fortunée !
Rentrez dans le néant prodiges fabuleux,
Ma Muse annoncera des faits plus merveilleux !

4.

O vous qui m'înspirez, vous qui dés mon jeune age
Remplites mon esprit des plus sublimes feux,
Si jadis dans mes vers, o Nayades du Tage,
J'ai chanté vos attraits, vôtre fleuve et vos jeux ;
Ne m'abandonez pas, animez mon courage,
Dictez-moi des accents plus graves plus pompeux,

Afin qu'applaudissant à l'ardeur qui m'entraine
On prefere vôtre onde à celle d'Hypocrêne.

5.

Ah daignez m'inspirer une divine ardeur,
Que ma cadence soit et sonore et nombreuse,
Et laissant à jamais le chalumeau reveur,
Je vais sur la trompêtte épique et belliqueuse
Qui fait pâlir le front en enflamant le cœur,
Celebrer dignement ma nation fameuse,
Et faire de son nom retentir l'univers,
Heureux si tant de gloire appartient à mes vers!

6, 7, et 8.

Et vous dont le Soleil vient eclairer l'empire
Aussitôt qu'il parait aux portes du matin,
Vous qui sur vos Etats le voyez toujours luire
Et que cet Astre encor salue à son declin;
O vous dont la vertu, dont le pouvoir inspire
Une terreur fatale au barbare Africain,
Et de qui le nom seul, glace deja de crainte
Les vils profanateurs de la riviere sainte.

9.

Daignez tourner vers moi ce regard de bonté,
Ce regard si touchant que l'Univers contemple,
Jeune encore il est vrai, mais plein de la fierté
Qui de la gloire un jour doit vous ouvrir le temple,
Souriez à mes vers, à ma temerité,
D'une sublime ardeur j'ose donner l'exemple
En consacrant ma Muse ainsi que mes travaux
A chanter mon pays, sa gloire et ses herôs.

10.

Ce n'est pas un vil prix que ma Muse reclame,
J'aspire à meriter des honneurs éternels,
L'amour de la patrie est le seul qui m'enflame,
A mes concitoyens j'eleve des autels.
Grand Roi lisez mes vers ; puissent ils dans vôtre ame
Graver de vos sujets les travaux immortels;
Et vous prefererez, si le ciel me seconde,
L'empire d'un tel peuple à l'empire du monde !

11.

Je n'irai pas, cherchant des vaines fictions,
Imiter les efforts des muses étrangères,
Qui voulant exalter leurs propres nations
Composent un tissu de fables mensongères ;
Pourquoi mes chants voués aux grandes actions
Iraient ils inventer des faits imaginaires.
Le recit des exploits que ma muse entreprend
Surpasse les hauts faits que l'on prête à Rolland !

12, 13, et 14.

Puissai je dignement celebrer sur ma lyre
Du prémier de nos Rois l'heroique valeur,
La vertu de Moniz, que Dieu lui même inspire,
Du Fidele Fuas l'imperturbable cœur.
Et tant d'autres heros que la patrie admire,
Nuno, du Portugal le fier liberateur,
Albuquerque l'effroi des peuples de l'Aurore,
Et les Almeidas que le Tage deplore !

15.

Tandis que celebrant les faits de vos ayeux,
Ma Muse à vous chanter et s'exerce et s'anime,

O Prince, commencez ce regne glorieux
Qu'annonce au Portugal vôtre cœur magnanime.
Pour vous mes vers seront sans doute plus heureux,
Par vous de l'Helicon je trouverai la cîme,
Et la terre d'Afrique et la mer d'Orient
Promêt à vôtre nom un destin eclatant.

16.

Ma Muse voit deja la ruine assurée
Et du Mahomêtan et du Maure pervers ;
Deja le Payen tremble, et sa vue egarée
Sur vôtre jeune front croit lire ses revers.
Thetys abandonnant sa demeure azurée
Permêt à vos Vaisseaux de regner sur les mers,
Et sensible à cet air et si jeune et si tendre
Vous cêde son empire et vous choisit pour gendre !

17.

Ah je crois voir au sein de la Celeste Cour
De deux de vos ayeux les ames bienheureuses,
Vous inspirant deja du haut de leur sejour
Un besoin devorant d'actions glorieuses ;
Chacun d'eux voit en vous revivre tour-á-tour
Son amour pour la paix, ses ardeurs belliqueuses,
Ils vous gardent tous deux pour prix de vos vertus,
Une place immortelle au temple des elus !

18.

Maîs tandis que le temps avance, et qu'il s'apprête
A remettre en vos mains les rênes de l'Etat ;
Daignez, o jeune Prince, accueillir le pôete.
Qui de ce peuple heureux veut celebrer l'eclât ;
Chanter le Portugais qui brave la tempête
Intrepide marin, intrepide soldât,

Et qui fier de servir son Prince et sa Patrie
Fait résonner leurs noms jusqu'aux rives d'Asie.

19.

Deja Gama suivi de ses fiers compagnons
Du paisible Ocean par court l'immense espace,
Le Zephyr succedant aux fougueux Aquilons
Des voiles mollement arrondit la surface ;
La mer au devant d'eux entr'ouvrant ses sillons
Par ses flots ecumants prolonge au loin leur trace ;
Le nouvel Ocean n'avait jusques alors
Vu, que les seuls Tritons errer près de ces bords.

20.

Ainsi le Portugais voguait sur l'onde amere,
Tandis qu'obeissant au Monarque immortel
Mercure fend les airs de son aile legere
Et parcourt et les mers, et la terre et le ciel :
Aussitôt par ses soins dans la brillante sphere
Se rassemble des Dieux le Senât Eternel ;
Il va peser le sort de la Lusitanie,
Et fixer le destin des Peuples de l'Asie.

21.

On les voit accourir du temple du Soleil,
Et du palais brillant de la naissante Aurore,
Des rivages glacés qu'à son triste reveil
L'astre pale du Nord pour peu d'instants colore,
Des bords Occidentaux où d'un rayon vermeil
Tout près de son declin Phebus se pare encore,
Toutes les deités de la terre et des cieux
Remplissent en ce jour l'Olympe radieux.

22.

On distingue le Dieu qui lance le tonnerre
A ce front, à ces yeux si pleins de majesté ;
Si les mortels pouvaient en fixer la lumiere
Ils deviendraient égaux à la divinité !
Son trone etincelant qu'un feu brillant eclaire
Semble être dans les Cieux par les Astres porté.
La foudre est en ses mains et l'Olympe s'éttone
De la vive splendeur que jette sa Couronne.

23.

A peine dans ce jour les celestes parvis
Peuvent ils contenir cette assemblée immense,
Deja selon leurs rangs tous les Dieux sont assis.
Sur leurs trônes formés d'une pure substance
Brillent les diamants, les perles, les rubis,
Tout parait en suspens, tout garde le silence,
Lorsque la voix du Dieu qui regne dans le Ciel,
Prononce ce discours auguste et solemnel.

24.

Immortels habitants de la voute etoilée,
Vous, dont la volonté sert de regle aux humains,
Pour vous, de l'avenir l'histoire est dévoilée,
Vous connaisses du sort les decrêts souverains :
La terre de Lusus est un jour appellée,
Vous le sçavez, ainsi l'ont voulu les destins,
A surpasser en tout les grandeurs qu'on renomme
D'Assyrie et de Perse et de Grece et de Rome.

25.

Deja vous avez vû ses valeureux soldats
Contre les Musulmans signalant leur courage,

Les vaincre, et les chasser après mille combâts
De tout l'heureux pays arrosé par le Tage.
Ainsi pendant long temps deffendant leurs etâts
Des Castillans jaloux ils ont bravé la rage,
Et triomfant du nombre, on vit le Portugal
Sortir toujours vainqueur d'un combat inegal.

26.

Je ne parlerai pas de leur antique gloire
Lorsque Viriathus, vengeur de l'univers,
Sçut á l'aigle de Rome enlever la victoire
Aux yeux du monde entier, qu'elle accablait de fers.
Je tairai les exploits et l'illustre memoire
Du romain qui chez eux après tant de revers,
Fuiant de son pays les discordes publiques,
De la vertu de Rome apporta les reliques.

27.

Vous voyez aujourd'hui ce peuple de heros
Opposant aux dangers un courage intrépide,
En des lieux inconnus, sur des frêles vaisseaux,
Affronter les hasards de l'Ocean perfide.
Errants depuis long temps sur ces immenses eaux,
De climâts en climâts, sans secours et sans guide,
Par de nouveaux efforts, sur le vaste element
Ils cherchent les chemins des mers de l'Orient.

28.

De ces heros sortis de la Lusitanie
Dans le Livre Eternel les destins sont ecrits,
Les rivages de l'Inde et la mer d'Arabie
Longtemps à leur pouvoir doivent être soumis.

Deja pendant l'hiver la fortune ennemie
Vient de leur susciter des travaux infinis,
Il est juste qu'enfin cette terre inconnue,
But de tant de travaux, soit offerte à leur vue.

29.

Ah sans doute il est temps, que ces braves marins
Trouvent dans quelque port un refuge tranquile,
Assez ils ont lutté dans ces climats lointains
Contre les fils d'Eole et la mer indocile.
Je veux que sans retard sur les bords Africains
Leurs vaisseaux fatigués obtienent un asyle
Qu'ils y puissent trouver du repos, du secours,
Et de leur long trajêt ils reprendront le cours.

30, 31, et 32.

Ainsi parla le Dieu. Mais les feux de l'envie
Dans le cœur de Bacchus s'allument à l'instant,
De l'Inde que son bras a jadis asservie
Il se vantait encor d'étre seul conquerant.
A l'aspect des enfants de la Lusitanie
Son cœur deja troublé redoute en fremissant
Que du triste Lethé l'onde noire et fatale
Ne condamne à l'oubli sa marche triomphale.

33.

Cependant en faveur des enfants de Lusus
Un secret sentiment attendrit Cytherée,
Elle retrouve en eux les antiques vertus
De cette nation, qu'elle avait preferée.
Heritiers des romains, l'Afrique les a vûs
E'galer sur ses bords leur valeur celebrée,

Ils ont de ces heros le langage et les mœurs,
Et Venus des Latins croit voir les successeurs.

34.

D'autres pressentiments, d'autres desirs encore
Ont decidé pour eux la mêre de l'amour ;
Que d'encens elle attend d'un peuple qui l'adore !
Quels triomfes nouveaux decoreront sa cour !
Et tandis que Bacchus que la fureur devore
Craint de voir ses honneurs s'eclipser en ce jour ;
Un espoir opposé dans Venus se declare,
Et du Ciel agité la discorde s'empare.

35.

C'est ainsi que Borée et les fiers Aquilons
Au sein de la forêt apportent le ravage,
Les arbres arrachés par d'affreux tourbillons
Ne peuvent resister à leur puissante rage :
Les torrents ecumeux tombent en noirs bouillons
On croit voir s'ebranler la montagne sauvage,
Tout se rompt, tout mugit, tout s'ecroule, et les cieux
Derobent et leur vue et le jour à nos yeux.

36.

De même entre les Dieux le desordre s'augmente ;
Mais bientot de Venus le formidable amant
Se leve, son air sombre inspire l'epouvante,
Il lance sur les Dieux un regard ménaçant ;
Il aima de tout temps et l'audace eclatante
Des enfants de Lusus et leur esprit vaillant,
La fureur de Bacchus le revolte et l'irrite
Et son glaive est l'appui de la belle Aphrodite.

37.

Il s'avance, on le voit relever d'un air fier
De son casque pesant la brillante visiere,
On tremble au seul aspect du bouclier de fer
Que d'un bras menaçant il rejette en arriere :
Il marche d'un pas ferme, et fixant Jupiter,
Il addresse ces mots au Maitre du Tonnerre :
L'Olympe s'en ebranle et l'on voit d'Apollon
Palir pour un moment le celeste rayon.

38.

O Souverain des Dieux, toi de qui la puissance
Regle cet Univers dont tu fus créateur,
Pour quoi priverais-tu de sa noble esperance
Ce peuple si longtemps l'objet de ta faveur ?
De tant de longs efforts, la triste recompense
Ainsi donc à la fin serait le deshonneur ?
Daigne exaucer ses vœux, et puisse ta justice
Devoiler en ce jour l'envie et l'artifice.

39.

Si des soupçons jaloux, de noirs pressentiments,
Ne remplissaient son cœur de funestes alarmes,
Bacchus protegerait les braves descendants
De celui qui jadis fut son compagnon d'armes.
Ne nous occupons plus de ces vils sentiments ;
Si ses anciens lauriers ont pour lui tant de charmes,
Qu'il cherche à rappeller des jours si glorieux
Sans se livrer en proie aux regrets envieux.

40.

Et Toi des Immortels le Monarque et le Pere ;
O Toi, dont la constance est un des attributs,

Protege ces heros, sois ferme et persevére
Dans les nobles desseins par toi même conçus :
Que Mercure semblable à la flêche legere
Vole rapidement vers les fils de Lusus,
Et que ce Dieu bientot les guide et leur indique
Un favorable abri sur la côte d'Afrique.

41.

Ainsi parle en ce jour en presence des Dieux,
Celui dont les exploits lassent la renommée ;
Par un signe expressif du Souverain des Cieux
La volonté de Mars est soudain confirmée.
A son ordre, aussitot, d'un nectar precieux,
Qu'on repand à grands flots, la voute est embaumée,
Les Dieux quittent l'Olympe, et traversant les airs
Vont d'etoile en etoile, en leurs sejours divers.

(Continuar-se-ha.)

SCIENCIAS.

NOTAS

De Joaõ Manoel de Abreu sobre varios lugares da censura dos Redactores do Edinburgh Review aos Principios Mathematicos de Joze Anastacio da Cunha, para servirem de Supplemento ao Prologo da segunda ediçaõ dos mesmos Principios.

(Continuada de pag. 249.)

XIII.

" A definiçaõ de huma potencia he esta—Seja *a*, e
" *b* dous numeros quaesquer, e seja *c* hum terceiro
" numero tal que $1 + c + \frac{cc}{2} + \& = a$: entaõ a serie
" $1 + bc + \frac{bb\,cc}{2} + \&$ he designada por *a b*, e se
" chama potencia de *a*, reprezentada pelo exponente
" *b*. Esta definiçaõ he, como facilmente se admittirá
" perfeitamente singular ; e nos naõ podemos admittir,
" que o inconveniente de se seguir o methodo ordi-
" nario seja tal que justifique huma tao grande in-
" novaçaõ."

A definiçaõ do A. merece na verdade o nome de perfeitamente singular : naõ no sentido de M. P. ; mas por ser a unica definiçaõ de potencia, que merece o nome de definiçaõ exacta. Eis aqui as minhas rasoens.

O A. demonstra [prop. 2.] que suppondo f positivo, e calculando $c = 2\left(\frac{f - 1}{f + 1} + \&\right)$, se terá $f = 1 + c +$

$\frac{cc}{2} + \&$, e isto independentemente da definiçaõ que M. P. rejeita: Eis aqui ja huma particularidade do methodo do liv. 9, que merecia naõ ter escapado a M. P.—Com effeito se se suppozesse f negativo, seria $c = 2\left(\frac{f+1}{f-1} + \&\right)$ série devergente ; e por consequencia *c* impossivel, e $-f = 1 + c + \frac{cc}{2} + \&$, expressaõ imaginaria. Logo a prop. 2. determina as condiçoens que tornáõ possivel ou impossivel *o genero proximo* $1 + c + \frac{cc}{2} + \&$, da def. 3 : clausula essencial, que rezolve todos os paradoxos á cerca dos logarithmos algebricos das quantidades negativas; condiçao necessaria, que mereceu depois tanto cuidado a de La Grange no seu theorema fundamental $f(x+i) = fx + pi + \&$; e principio elementar a que ninguem tinha attendido antes do nosso A. Dando pois ao livro 9. o titulo que lhe convem de *demonstraçeõ synthetica dos elementos da theorica das funcçoens analyticas*, adoptemos por hum instante a notaçaõ de La Grange, e ponhamos em lugar da definiçaõ rejeitada por M. P. a definiçaõ seguinte, immediatamente depois da prop. 2. que acabamos de analysar. *Definiçaõ*. Todas as vezes que se escrever $f = 1 + c + \frac{cc}{2} + \&$, conforme a prop. 2. do liv. 9. e $fx = 1 + cx + \frac{ccxx}{2} + \&$, conforme o uso dos Geometras, chama-se f base de funcçoens analyticas ; fx funcçaõ de x ; e x raiz de fx. Admitte isto replica ? certamente naõ : he taõ licito como dizer por exemplo : chame-se S somma de A mais B, quando se escrever $S = A + B$. Pois a definiçaõ que M. P. rejeita hé essencialmente a mesma, com a differença de ser exposta em termos communs, e mais conformes ao lugar que o liv. 9. occupa no systema do A.

Logo se a definiçaõ de que se trata pareceu taõ

inadmissivel a M. P. foi porque naõ teve vagar de ler o livro 9. com a attençaõ que elle merece. Hé notavel a severidade que há, e tem havido sempre contra os mais leves defeitos á cerca de Geometria elementar; e por outro lado a tolerancia e indifferença com que todos os Geometras soffrem e tem soffrido em Algebra os erros de Logica mais grosseiros! Donde vem esta parcialidade? Talvez proceda de que em Algebra naõ há de ordinario senaõ letras e signaes á vista; e de que em Geometria estaõ patentes a hum tempo os nomes e os objectos. Ninguem soffreria, por exemplo, que se definisse em primeiro lugar triangulo rectangulo; depois triangulo equilatero; depois isosceles; depois triangulo, & &, e quer M. P. que I. A. seguisse o trilho dos outros, definindo em primeiro lugar a especie a^n; depois a $\sqrt{n}$; depois a^{n1}; e finalmente o genero $a^n = 1 + nc + \frac{nncc}{2} + \&$! Entre tanto hum erro de Logica naõ seria peior que o outro: primeiro se deve definir o genero, e depois a especie. Logo ou M. P. hade rejeitar este preceito; ou admittir a innovaçaõ do Geometra Portuguez.

Mas para pormos a definiçaõ rejeitada em toda a clareza possivel, adaptemos á forma que eu acabo de dar lhe, o seguinte escholio do liv. 9.

Eschol. Os Mathematicos em expressoens taes como fx consideraõ a raiz x como hum signal, que indica os calculos necessarios para formar, segundo os corollarios da prop. 4. a funcçaõ, ou numero fx; e entaõ em vez de escrever fx, pondo a raiz na mesma linha, escrevem x hum pouco mais acima, desta sorte f^x. Em taes cazos chamaõ x *expoente*, e f^x, potencia de f, indicada pelo expoente x.

Pergunta-se, haveria alguma coiza que dizer contra hum processo taõ natural, taõ Logico, e taõ intelligivel? Pois o methodo que M. P. rejeita he essencialmente o mesmo; com a differença de evitar rodeios.

XIV.

" Torna-se difficultozo demonstrar por este me-

thodo, que *a a a* hé huma potencia de *a*, ou que as potencias saõ formadas pela repetida multiplicaçaõ de hum numero por si mesmo."

Ha em Algebra certas regras e formulas elementares, que se naõ podem demonstrar, nem se tem demonstrado atégora, se naõ por experiencia; quero dizer, pela observaçaõ repetida de diversos exemplos, executados conforme as mesmas regras. Taes saõ, verbi gratia, as da multiplicaçaõ e divizaõ algebricas que o A. pôs no fim do liv. 8, e á que naõ deu, por isso mesmo, se naõ os nomes de *praxes* da multiplicaçaõ e divizaõ. E que quereria o A. denotar por estes dous unicos exemplos? Naõ há coiza mais clara: indicou ao Mestre que antes de passar do 8 ao liv. 9 devia adestrar os seus discipulos em todas as praxes de multiplicaçaõ e divizaõ, que podem facilitar a intelligencia do dito livro. Porem como isto de senso commum hé infinitamente variavel, naõ teria sido máo, que o A. acclarasse este ponto de huma maneira menos equivoca: eu teria ajuntado ao liv. 8. as seguintes *praxes*:

1. Converter em series quocientes indicados; por exemplo $\frac{i}{1-i} = i + ii + \&.$

2. Multiplicar series por outras series semelhantes, e reduzir os productos á forma dos seus factores: por exemplo as series, que se multiplicaõ humas pelas outras nas demonstraçoens da 4, e outras proposiçoens do liv. 9. Naõ as transcrevemos aqui, por poupar papel.

Separando pois do liv. 9 este trabalho ordinario, por isso mesmo que hé comum a qualquer theoria exponencial, por mais apparentemente facil que ella seja, exaqui a simplicidade e rapidez com que se demonstra no dito livro "que as potencias inteiras saõ formadas pela repetida multiplicaçaõ da baze pela baze."

Temos pela 4, $f x f y = f(x + y)$, ou segundo a notaçaõ do escholio precedente, $f x f y = f^{x + y}$, e por consequencia $f f f \& = f^n$, pelo corol. 1 da prop. 4.

E eis a demonstraçaõ, que se figurou taõ excessivamente difficultoza o M. P. E note-se que a prop. 4, em que consiste toda a difficuldade, se reduz a duas linhas, em se transferindo para o liv. 8 a operaçaõ algebrica de que depende. Note-se mais que a def.

1, e proposiçoens 1 e 2 do liv. 9, podem e devem entrar no 8, e que por consequencia toda a difficuldade consiste em deduzir da def. 2 a prop. 4, sem dependencia de proposiçaõ alguma intermediaria! Logo a *innovaçaõ*, que pareceu taõ *perfeitamente singular* a M. P., alem de poupar erros de Logica, tambem poupa tempo e trabalho.—E provo-o.—No liv. 9, a *especie* ff & = f ^{n}, e o *genero* f ^{n} = 1 + c n + &, estaõ contiguos, como acabamos de demonstrar: pelo contrario, segundo a rutina comum, entres estes dous objectos mettem-se de por meio quazi hum volume, de calculos *exponencial, radical, logarithmico, combinaçoens, mudanças d'ordem, theorema binomial, methodo inverso das series, &c. &c.* E que tempo, que trabalho, que confuzaõ para chegar a *genero* f ^{n} = 1 + c n + & ? Nem o principiante sabe que derrota fez, nem que rumo trouxe, nem a que distancia está do ponto da partida! Logo a *innovaçaõ* do Geometra Portuguez tambem poupa tempo, trabalho, e confuzaõ.

XV.

"A razaõ que o A. teve para preferir o methodo que seguio, hé sem duvida por que elle parece immediatamente connexo como theorema binomial e doutrina dos Logarithmos. Isto com tudo hé contrabalançado pelas desvantagens ja mencionadas, e por mais huma addicional, isto hé, a de conduzir a demonstraçoens syntheticas, e pouco proprias para exercer as potencias inventoras, ou as faculdades d'inventar."

O A. teve em vista huma reforma completa no systema geral das mathematicas Puras; e para se perceber isto basta ler com attençaõ as definiçoens dos 4 primeiros livros do seu compendio. A sua theorica das parallelas, e o terceiro e quatro livros, naõ saõ certamente produçoens de hum compilador vulgar, ou imitador servil. Assim o methodo synthetico que o A. seguio no livro 9, como em todos os outros da mesma especie, naõ hé hum methodo de capricho, em que se propozesse á demonstraçaõ deste ou daquelle theorema em particular; he sim hum methodo escolhido com profundo conhecimento de cauza, fundado em razoens, pelo menos taõ logicas e geometricas

como eu posso attingir e allegar. O A. naõ ignorava as investigaçoens 5 e 6 do liv. 21, quando imprimia o livro 9; e sabia por tanto demonstrar os theoremas binomial e logarithmico pelo methodo que M. P. prefere, como o mais proprio para *exercer as potencias inventoras*: mas o que ninguem tinha inventado, nem inventou depois, era huma theorica geral das series, da qual se deduzissem os ditos theoremas á maneira dos antigos Geometras, quero dizer, sem recorrer a hypotheses subsidiarias de definiçoens erradas. Eis aqui o que o A. inventou; e tal deve ser, segundo eu entendo, huma das razoens, que o moveraõ *a preferir o methodo, que seguio no liv.* 9.

Mas as demonstraçoens a que este methodo conduz, diz M. P., saõ pouco proprias para exercer as potencias inventoras. Seria de dezejar que se discutisse com toda a authoridade e circumspecçaõ possiveis huma duvida cuja decizaõ importa tanto ao ensino publico. Mas em quanto se naõ discute, parece-me que o A. fez bem em seguir o exemplo dos antigos Geometras, e o voto de quazi todos os Philosophos de primeira ordem. Com tudo concedamos por hum instante que as demonstraçoens do liv. 9, exerçaõ pouco ou nada as potencias inventoras: mas naõ favoreceraõ ao menos as faculdades d'ensinar, resumir, e demonstrar? quero dizer, as que immortalizaraõ Euclides, e reluzem no seu compendio? Taõ vulgares saõ os Euclides, e os compendios como o delle? M. P. diz na introducçaõ da sua censura á Geometria de M. Leslie [Edin. Rev. No. XXXIX.] *que o Geometra Grego deixou hum modelo de Geometria, que mal se pode igualar, e menos exceder!* E só a Algebra naõ hade ter hum semelhante modelo, difficil de censurar? Nem o seu Euclides, que contentando-se de exercer as faculdades d'ensinar, resumir e demonstrar, deixe aos outros o cuidado das *potencias inventoras*? Naõ me toca a mim decidir se existe ou naõ hum tal modelo; nem se se deve buscar nas liçoens de La Caille, ou nos Principios de I. A.: o que me parece hé que o methodo sinthetico do nosso A., mesmo em Algebra, naõ pode prejudicar ao maior numero: digo ao maior numero, porque os espiritos inventores naõ apparecem senaõ de seculos a seculos. Que mal faria a hum principiante sujeitar

por exemplo á marcha simples e segura do liv. 9, a parte correspondente das *Funcçoens Analyticas* de La Grange? Posto que esta questaõ, taõ interessante, exceda sobre maneira os estreitos limites deste escripto, tentemos de passagem a primeira investigaçaõ della.

De La Grange gasta 8 paginas desde o numero 10 até No. 16 para tratar estas tres propoziçoens taõ simplices:

1. *Na serie rezultante do desenvolvimento de* $f(x+i)$ *naõ pode haver potencia fraccionaria de* i, *excepto se se derem certos valores particulares a x.*

2. $f(x+i) = fx + if'x + \frac{iif''x}{1.2} + \&$

3. *Se na serie* $fx + pi + qii + \&$ *se poder attribuir a i hum valor taõ pequeno como se quizer, cada termo da dita serie poderá vir a ser maior que a somma dos termos seguintes.*

Eisaqui como eu de monstro a primeira e segunda pelas duas primeiras do liv. 9, independentemente da def. 2, que M. P. rejeita.

Demonstraçaõ. Na formula $fx = 1 + cx + \frac{ccxx}{2} + \&$ da Nota XIII escreva se $x + i$ em lugar de x; executem-se as multiplicaçoens indicadas pelo methodo do 4 e 8 livros; e ordenando os termos relativamente a i, i i, &, representem-se os co-efficientes; [que seraõ diversas funcçoens de x] por p, q, &, ou por $f'x$, $\frac{f''x}{2}$, & [o que hé igualmente permittido]: será $f(x+i) = fx + pi + qii + . = fx + if'x + \frac{iif''x}{2} + \&$; e naõ poderaõ entrar nestas series senaõ productos de i, multiplicado por si mesmo, em quanto nos valores de f e x naõ entrarem se naõ productos semelhantes de i.

Demonstraçaõ da terceira. Seja t qualquer termo de huma serie em proporçaõ continua, e represente i $[< \frac{1}{2}]$ a razaõ: será $t > \frac{ti}{1-i}$, isto hé, $t > ti + tii + \&$.

Supponhaõ-se i taõ pequeno como for precizo, e por consequencia t naõ menor que qualquer dos co-efficientes p, q, &; segue se, á fortiori a 3.

Ninguem negará que estas demonstraçoens saõ taõ breves como elementares, e rigorosas: pelo contrario

as demonstraçoens da I. e 3. segundo o methodo de La Grange, sobre longas e difficeis, parecem-me [salvo erro] summamente deffeituosas. Com effeito para as demonstrar recorre o illustre Geometra á doutrina das raizes, e á huma proposiçaõ de Geometria infinitessimal. Ora ambas estas doutrinas saõ ramos das funcçoens analyticas, ao menos segundo o methodo de demonstraçaõ do dito Geometra; logo para demonstrar as duas *proposiçoens primeiras* da theorica das funcçoens analyticas, recorre de La Grange a dous diversos ramos da theorica das funcçoens analyticas; donde se segue que nas suas demonstraçoens há circulo vicioso, ou pelo menos coiza que o parece; e isto sem fallar nas oito longas paginas, que vaõ desde o No. 10 até o No. 16. Poderaõ replicar-me que a Geometria infinitessimal pode naõ ser, na mente de La Grange, hum ramo das funcçoens analyticas: mas entaõ peior, porque a Geometria infinitessimal ainda naõ está demonstrada [que eu saiba] senaõ nos Principios Mathematicos de Joze Anastacio, como se verá mais abaixo.

XVI.

" Hum paradoxo ainda fica por explicar, e hé— admitte, ou naõ, esta raiz impossivel alguma operaçaõ arithmetica, que se lhe applique como se ella effectivamente denotasse huma quantidade, e donde vem que tratando-se assim, conduz a verdadeiras e uteis conclusoens."

Confesso que naõ entendo sufficientemente em que consiste este paradoxo: mas quer-me parecer que se M. P. o enunciasse, ou antes exemplificasse de huma maneira mais determinada, eu o teria resolvido ou por algum dos escholios do livro 10, ou por alguma das applicaçoens da prop. 12, do mesmo livro. E porque? Porque a theoria do livro 10 hé rigoroza; e nenhuma theoria rigoroza deve dar lugar a paradoxos, senaõ sophisticos.—A propozito da prop. 12, naõ posso deixar de admirar-me, de que ella escapasse á M. P.! Nem se quer huma palavra! Entretanto o A. estava certamente persuadido de que a sua *exegese* desbanca em facilidade todas as que se tinhaõ inventado até o seu tempo, sem exceptuar a de La Grange.

XVII.

" No decimo livro contem-se differentes methodos, cujas demonstraçoens saõ rezervadas para huma subsequente parte da obra. Assim a 6 propoziçaõ do decimo he a regra de Cardan para a soluçaõ das equaçoens cubicas; porem a demonstraçaõ só se dá no livro 21, pag. 288. A razaõ deste procedimento naõ se vê."

Pois naõ há coiza mais facil de ver. Se M. P. assim como advertio na falta de demonstraçaõ da 5 e 6 do liv. 10, se demorasse hum instante na demonstraçaõ da 7, promptamente teria visto a *razaõ daquelle procedimento;* e de caminho talvez achasse digna d'attençaõ a elegancia da formula para os polynomios do 4. gráo, assim como o arteficio de que o A. uzou para abreviar a demonstraçaõ della.

Digo pois que para se demonstarem syntheticamente a 5 e 6, se deve fazer o mesmo que o A. fez para demonstrar a 7: isto hé devem-se substituir os valores de ^{x} [segundo a 5 e 6], nos polynomios respectivos, e o observar se os ditos polynomios se reduzem a ⊙! Se se reduzirem a ⊙, ficaraõ demonstradas a 5 e 6 pela 1 do liv. 10. Tal hé o methodo de demonstraçaõ do liv. 10.—Logo se o A. omittio operaçoens d'Algebra taõ elementares, e taõ faceis de supprir, na 5 e 6, foi porque a experiencia lhe tinha mostrado que os principiantes, e talvez alguns ensinadores, quando encontraõ semelhantes calculos por extenso, naõ se cançaõ em repetillos. Mas entaõ para que demonstrou a 7?—Para indicar isto mesmo, e tambem porque a demonstraçaõ da 7, sobre maneira mais difficil que as da 5 e 6, naõ estaria talvez ao alcance do maior numero de professores.

Cumpre pois observar [e este he o principal objecto da presente nota] que naõ he o mesmo demonstrar a formula de Cardan pela prop. 1. do liv. 10., ou investigalla, conforme o estylo da 6. do liv. 21. Neste livro recorre-se a hypotheses naõ comprehendidas em definiçoens fundamentaes; e no liv. 10. naõ se deve recorrer senaõ a ellas, ou a theoremas demonstrados. Eis a razaõ porque o A. naõ misturou nos livros 9 e 10, as demonstraçoens 5 e 6 do liv. 21.

Achou provavelmente que convem ensinar os principiantes a distinguir *investigaçoens analyticas* de rigorosas *demonstraçoens syntheticas.*

XVIII.

" Nos passaremos em claro os livros intermedios desde o 10 até o 15, . . . por naõ conterem coiza alguma cujo methodo seja mui differentes daquelle, que ordinariamente se segue."

Para mostrar quanto esta passage em claro foi accelerada bastará advertir que os escholios da prop. 8. do liv. 13., e da prop. 11. liv. 14, saõ duas novidades importantissimas na applicaçaõ da Algebra á Geometria. Os casos a que os ditos escholios se referem, e muitos outros paradoxos semelhantes, observados por Euler, D'Alembert, &c. &c., he que justificaõ o simples titulo d'hypothese, que o A. deu á *regra dos signaes* no livro 8. Trata-se pois nos ditos escholios e hypotheses do liv. 8 de submetter á observaçaõ os rezultados da analyse; e de reconhecer, mesmo em Mathematicas puras, a authoridade da experiencia. Ora quer me parecer que huma innovaçaõ taõ consideravel, se faz digna ou da mais severa critica; ou de huma aprovaçaõ solemne.—Porem o meu objecto naõ he analysar a Obra de I. A. por inteiro; he somente responder ás objecçoens de M. P. Assim saltaremos tambem ao livro 15.

XIX.

" A definiçaõ que no livro 15 se da defluxaõ he muito difficil de entender, e tal que, como nos a entendemos, será para hum principiante perfeitamente incomprehensivel."

A escuridaõ, que M. P. achou na definiçaõ 4. do liv. 15, he bem facil de justificar. O A. dividio a sua theorica das fluxoens em dous ramos, *hum algebraico*, que se compoem da proposiçaõ 1 do livro 15, e de todas as que della dependem; *outro geometrico*, cuja

proposiçaõ primeira he o axioma d'Archimedes*, e que se compoem das proposiçoens 13, 14, 17, e 18, liv. 15, e 39, 40, 41, liv. 16, &c. No primeiro ramo algebraico seguio o seu methodo ordinario, recorrendo sempre á definiçaõ fundamental, ou á theoremas deduzidos della; no segundo ramo Geometrico adoptou o methodo de demonstraçaõ dos antigos, chamado vulgarmente *d'exhaustaõ*. Ora a definiçaõ 4, liv. 15, he comum a ambos; logo deve ser mais complicada, e por consequencia menos intelligivel que qualquer definiçaõ de fluxaõ, que naõ comprehenda senaõ hum dos dous ramos.

Assim concedo que a definiçaõ 4 deve ser tanto menos intelligivel á qualquer principiante, quanto elle tiver ideas menos adequadas do objecto definido. Porem isto he precisamente o que costuma succeder em todas as definiçoens exactas. Ninguem ha que naõ entenda, quazi á primeira vista, a definiçaõ, por exemplo, de circulo; porque todos sabem desde a infancia que coiza he circulo: mas que tempo naõ levaõ as definiçoens ordinarias d'angulo, proporçaõ, potencia, logarithmo, &c. &c.? He preciso que o principiante leia e releia os corollários dellas para vir a entendellas, mesmo imperfeitamente. Por isso d'Alembert, queixando-se-lhe alguem de naõ confiar demasiado nas principios geraes, naõ sei de que doutrina [talvez da sua Mechanica] respondeu: *naõ importa: leia sempre que a fé ella lhe virá.* "N'importe: lisez toujours, et la foi vous viendra." Assim diria eu a qualquer discipulo de I. A. que chegando ao fim do livro 14, naõ entendesse immediatamente a def. 4, do liv. 15: lei-a, lhe diria eu, até a prop. 14 do livro 15, e verá que a def. 4 he taõ intelligivel como todas as definiçoens fundamentaes dos livros precedentes; taõ exacta, como, por exemplo, a definiçaõ de proporçaõ.—Com tudo, se o discipulo tivesse já algumas ideas anticipadas da palavra fluxaõ, em tal cazo, para evitar illusoens, usaria de hum arteficio semelhante áquelle, de que ja usei á cerca da palavra

* O axioma d'Archimedes no liv. 15 parece-me huma incoherencia do A., pela razaõ dada na Nota IX; deve-se converter em definiçaõ de curva. Veja-se o Supplemento citado na dita Nota.

potencia na Nota XIII. Em vez de começar pela def. 4, passaria immediatamente a explicar-lhe os primeiros theoremas do liv. 15, omittindo nas demonstraçoens respectivas a palavra fluxaõ, e substituindo em lugar della as frazes ou circunlocuçoens correspondentes da def. 5. Desta sorte, quando chegassemos, por exemplo a prop. 14, já o discipulo entenderia perfeitamente a def. 5; porque entaõ teria sufficientes ideas dos objectos Geometricos, e analyticos de que ella trata. Veja-se o exemplo da seguinte Nota.

XX.

"Quanto melhor seria chamar fluxaõ de qualquer funcçaõ o primeiro termo do incremento desta funcçaõ?"

Todos, ou quazi todos, se tem enganado com a theorica das fluxoens, considerando-a como hum methodo exclusivamente analytico. Na doutrina mesma das *primeiras e ultimas razoens das quantidades nascentes e fenescentes* de Newton, que naõ he senaõ a demonstraçaõ synthetica da sua analyse fluxonaria, naõ apparecem bem distinctos e separados os dous ramos, geometrico e analytico, de que acima fallamos. Assim naõ he muito que M. P. se enganasse tambem a este respeito, e que rejeitando por isso mesmo a definiçaõ de fluxaõ do nosso A., que comprehende ambos os ramos, preferisse outra, que naõ comprehende senaõ hum. Mas pergunto: a proposiçaõ, que I. A. converteu em definiçaõ de fluxaõ, he ou naõ he verdadeira? M. P. concede que a def. 4, *contem na verdade a idea de fluxaõ*. Logo para M. P. fundamentar a preferencia que da á definiçaõ de fluxaõ, geralmente adoptada pelos Geometras Francezes, tem obrigaçaõ de deduzir della rigorosamente, a def. 4, que rejeita. Assim em quanto M. P. preenche este seu dever, vou eu satisfazer ao meu, deduzindo da definiçaõ rejeitada a definiçaõ Franceza, que M. P. prefere.

Proposiçaõ. O primeiro termo do incremento de uma funcçaõ *analytica*, será a fluxaõ da dita funcçaõ,

quando a raiz for numero, e se der ao incremento da raiz, o nome de fluxaõ da raiz.

Demonstraçaõ. Reprezente P o primeiro termo do incremento f (x + i) — fx, e seja i hum numero escolhido á vontade para se chamar fluxaõ do numero x.

$$\text{Pois he } f(x+i) - fx = i f'x + \frac{i i f''x}{2} + \&c.$$

[Not. XV.], será P = i f′x, e por consequencia $\frac{P}{i} = f'x$: mas f′x naõ depende de i [Nota XV.]; logo suppondo constante tudo o que de i naõ depende, será $\frac{P}{i}$ constante. Seja i infinitessimo, ou taõ pequeno como se quizer, e tudo o que de i nao depende constente : será $f\frac{(x+i)-fx}{i} - \frac{P}{i} = \frac{i f''x}{2} + \frac{i i f'''x}{2\ 3}$ + &. infinitessimo, ou ⊙, pela prop. 1. liv. 15, ou pela 3 da Nota XV. Logo P será fluxaõ de fx, pela def. 4, liv. 15.

E haverá principiante taõ rude, que depois de entender o liv. 9 do A., deixe de entender immediatamente a def. 4, logo que lhe for explicada á vista deste exemplo, e da demonstraçaõ da prop. 13 e 14 do liv. 15?

XXI.

" A definiçaõ 4 do liv. 15 contem na verdade a idea de fluxaõ; mas para descobrir o que ella contem hé precizo estar ja familiarizado com o calculo."

Para descobrir o que a def 4 contem, quando se applica ao ramo Geometrico [por exemplo ás proposiçoens 13 e 14 do liv. 15] naõ he precizo calculo propriamente dito : bastaõ os seis primeiros livros do nosso A., e o axioma de Archimedes. Para se descobrir o que ulla contem, quando se applica ao ramo analytico, basta o liv. 9 : na demonstraçaõ precedente

até se naõ preciza de calculo exponencial! He provavel que M. P. se illudisse com os signaes do ennunciado.—Pois eu vou supprimillos sem alongar o ennunciado.

Definiçaõ. Sendo A, B, x, i figuras geometricas, ou expressoeus analyticas, dependa B de x + i, como A da variavel x; e represente E a differença B — A. Seja P homogeneo a E, e supponha-se constante a razaõ P: i, por mais que varie i, em quanto A naõ mudar de valor. Naõ mude A de valor, e supponha-se a variavel i sempre mais pequena, até que a differença entre as duas razoens E : i, e P : i, ou seja nulla, ou taõ pequena como se quizer. Em semelhantes cazos chama-se P fluxaõ de A, quando se dá a i o nome de fluxaõ de x.

Taõ elementares saõ as definiçoens do livro 15! até se podem explicar á qualquer que nunca ouvisse fallar de calculo.

(Continuar-se-ha.)

CONTINUAÇAÕ

Dos Extractos dos Elementos de Chimica concernente á Agricultura, &c. &c. &c. Por Sir Humphrey Davy.

Continuados de pag. 262.

GEOLOGIA DAS ILHAS BRITANNICAS.

Visto ter-mos tratado das rochas, que constituem os terrenos, naõ será fora de proposito o dar-mos huma descripçaõ da constituiçaõ geologica da Gram Bretanha, e Irlanda.—O Granito forma a serrania, que se estende de *Land's End* por entre *Dartmoor* até *Devonshire*. Os mais altos rochedos em *Somersetshire* saõ compostos do *grauwacke* e pedra calcarea. Os montes *Malvern* constaõ de granito *sienite*, e porfiro. As mais altas montanhas em Galles saõ *chlorite schistus*, ou *grauwacke*.

O Granito existe no monte *Sorrel* em *Leicestershire.* A grande cordilheira de montes em *Cumberland* e *Westmoreland* consta de *porfiro, chlorite schistus*, e *grauwacke ;* e o granite descobre-se nas suas partes occidentaes. Por toda a Escocia as mais elevadas rochas saõ *granito, seanite*, e *micaceous schistus.*—Naõ se achaõ verdadeiras formaçoens secundarias no sul da Gram Bretanha, para as partes occidentaes de Dartmoor; nem basalto nas partes austraes do Severn. O districto de greda se estende da parte occidental de Dorsetshire ate á costa oriental de Norfolk. Minas de carvaõ achaõ-se em grande quantidade no territorio entre Glarmorganshire e Derbyshire; e juntamente nos *strata* secundarios de Yorkshire, Durham, Westmoreland, e Northumberland. A pedra serpentina descobre-se somente em tres lugares na Gram Bretanha; i. e. perto de *Cape Lizard* em Cornwall, Portscy em Aberdeenshire, e Ayrshire. O Marmore granular negro, e cinzento acha-se perto de *Padstow* em Cornwall ; e outros marmores primarios corados existem na vizinhança de Plymouth. A Escocia abunda de marmores primarios corados; e o marmore branco granular descobre-se na Ilha de Sky em Assynt, e nas bordas do *Loch Shin* em Sutherland. A maior parte de minas de carvaõ na Escocia existe em Dumbartonshire, Ayrshire, Fifeshire, e nas ribeiras do *Brora* em Sutherland. A Pedra calcarea, e pedra arenosa descobrem-se em quasi todas as provincias baxas para a parte do Norte de *Mendip Hills.* Na Irlanda ha cinco grandes associaçoens de montanhas primarias ; i. e. as montanhas de *Morne* no condado de *Down ;* as montanhas de *Donegal ;* as de Mayo e Gallway, as de Wicklow, e as de Kerry. As rochas, que compoem as quatro primeiras destas serranias, saõ principalmente granito, gneis, sienite, micaceous schistus e porfiro. As montanhas de *Kerry* constaõ quasi inteiranamente de quartzo granular, e chlorite schisto. O Marmore corado acha-se perto de *Killarney*, e marmore branco na costa occidental de *Donegal.*——A Pedra calcarea e arenosa saõ as rochas communs secundarias, que existem no Sul de Dublin. Em Sligo, Roscommon, e Leitrim descobrem-se pedra calcarea, pedra arenosa, pedra ferruginea, e carvaõ betuminoso. As montan-

has secundarias nestes condados saõ mui elevadas, e muitas dellas tem summidades balsaticas. A costa septentrional da Irlanda consiste principalmente de basalto; esta rocha existe de ordinario sobre huma pedra calcarea branca, contendo camadas de pederneira, e os mesmos fossis, que a greda possue; mas he muito mais dura, que este ultimo mineral. Ha algumas partes neste districto, em que se acha basalto colunar sobre pedra arenosa, e *shale*, alternando com carvaõ. Este ultimo descobre-se na Irlanda, principalmente em Kilkenny, misturado com pedra calcarea e grauwacke.

TERRENOS ALLUVIAES.

Em geral os terrenos, cujos materiaes saõ os mais heterogeneos, saõ aquelles chamados alluviaes, ou que tem sido formados das deposiçoens dos rios. Muitos delles saõ extremamente ferteis. Eu tenho examinado alguns terrenos alluviaes productivos, os quaes tem sido muito differentes na sua composiçaõ. O terreno das bordas do rio *Parret* em Somersetshire, produzio, em experiencias que fiz, 8 partes de materia terrea bem dividida, e huma parte d'area siliciosa; e huma analysis da materia bem dividida deo as seguintes rezultas.

	Partes
De carbonato de cal	360
— alumina	25
— silica	20
— oxido de ferro	8
— materia animal, vegetal, e salina	19

Hum terreno fertil na visinhança do Avon, no valle de *Evesham* em Worcestershire, sendo tambem analysado rendeo $\frac{3}{5}$ de area fina, e $\frac{2}{5}$ de materia impalpavel; esta ultima era composta

	Partes
De alumina	35
	41

De carbonato de cal	- - -	14
— oxido de ferro	- - -	3
— materia vegetal, animal, e salina	-	7

Huma porçaõ de hum bom terreno de Tiviotdale produzio $\frac{5}{6}$ de area fina siliciosa, e $\frac{1}{6}$ de materia impalpavel, a qual constava

		Partes
De alumina	- - - -	41
— silica	- -	42
— carbonato de cal	- -	4
— oxido de ferro	- - -	5
— materia animal, vegetal, e salina	-	8

Hum terreno excellente para pasto no valle d'Avon perto de Salisbury—deo $\frac{1}{11}$ de area siliciosa grossa, e a sua porçaõ fina constava

		Partes.
De alumina	- - -	7
— silica	- - -	14
— carbonato de cal	- - -	63
— oxido de ferro	- - -	3
— materia vegetal, animal, e salina	-	14

Em todos estes casos a fertilidade parece depender do estado de divisaõ, e da mistura dos materiaes terreos com a materia vegetal, e animal.

MELHORAMENTOS.

Se acaso investigar-mos a composiçaõ dos terrenos estereis com a intençaõ de querer melhora-los, devemos attender principalmente á algum ingrediente particular, cuja presença he a causa do seo defeito; se possivel for, será proprio o compara-los com terrenos ferteis situados na mesma visinhança, e em semelhantes situaçoens; pois que a differença de composiçaõ pode em muitos casos indicar o melhor methodo de melhoramento.—Se lavando hum terreno esteril acharmos, que este contem saes de ferro ou alguma materia acida, o melhor modo de corrigir esta imperfeiçaõ será pela applicaçaõ de cal viva. Huma

porçaõ de terra extrahida de hum terreno de huma soffrivel textura, em Lincolnshire foi-me apresentada por Sir J. Banks informando-me que era particularmente esteril : examinando-a achei, que continha sulphato de ferro, e suggeri o remedio obvio i. e. de adubar a superficie desta terra com cal, visto esta ter a propriedade de converter o sulphato em esterco. Se acaso no terreno houver excesso de materia calcarea, devemos usar area e barro. Terrenos, que abundaõ em area saõ melhorados pelo uso do barro commum, barro branco, ou materia vegetal. Hum campo pertencente á Sir Robert Vaughan em Nannau, Merionethshire, cujo terreno consistia de huma area leve, foi muito queimado no veraõ de 1805 ; eu recommendei a este senhor, que tivesse a superficie do dito campo estercada com *peat*. A experiencia foi seguida dos melhores effeitos ; e Sir Robert informoume o anno passado, que a melhora era permanente. Falta de materia animal e vegetal deve ser supprida por estercos ; ao contrario o excesso da dita deve ser removido queimando-se parte d'ella, ou remediado por meio da applicaçaõ de materiaes terreos. Os terrenos pantanosos devem ser primeiramente esgotados antes de applicarmos alguma coisa para melhorar a sua natureza ; visto que agoa encharcada he prejudicial á todas as classes de plantas nutritivas. Lamaçaes negros e molles depois de serem seccados tornaõ-se frequentemente productivos se adubarmos a sua superficie só com area, ou barro. Quando os pantanos contem substancias acidas ou ferrugineas, a materia calcarea he absolutamente necessaria para converte-los em terrenos proprias para cultivaçaõ. Quando ha excesso de ramos e raizes d'arvores, ou quando a sua superficie consta inteiramente de vegetaes viventes, devemos ou tira-los fora, ou queima-los ; e se lançarmos maõ deste ultimo methodo, as suas cinzas produziraõ ingredientes terreos, os quaes melhoraraõ a textura dos pantanos.—Os melhores terrenos naturaes saõ aquelles, cujos principios tem sido derivados de varios *strata ;* tem sido bem divididos pelo ar e agoa, estaõ intimamente misturados ; e aconselhamos ao lavrador, que nos seos planos de melhorar terrenos haja sempre de imitar os processos da natureza.

Poucas saõ as vezes, que naõ podemos ter accesso aos requisitos necessarios para obter-se este objecto: area grossa acha-se frequentemente sobre a greda; e montoens d'area e cascalho existem a miudo debaxo de barro. O trabalho de melhorar a textura ou constituiçaõ do terreno he recompensado pela grande, e permanente vantagem, que dahi resulta; por necessitar-se de menos esterco; e pela certeza da sua fertilidade; e o dinheiro que se gasta nestes melhoramentos assegura para sempre a fecundidade, e consequentemente o valor, do terreno.

PRINCIPIOS DE ESTERCOS.

As substancias animaes, e vegetaes, como continuamente observamos, saõ consumidas na vegetaçaõ; e o unico modo de que ellas podem nutrir a planta he produzindo materias solidas, que sejaõ soluveis n'agoa; ou substancias gasosas, que possaõ ser absorbidas pelos fluidos nas folhas dos vegetaes: ora as suas partes gasosas visto diffundirem se pela massa do ar ambiente, (tendencia esta, que todos os gases possuem), produziraõ hum effeito comparativamente pequeno. Assim quando applicarmos estercos devemos fazer, com que estes ministrem ás raizes das plantas toda a quantidade possivel de materia soluvel; e isto de hum modo tam vagaroso e gradual que esta seja inteiramente dispendida na formaçaõ do succo e partes organizadas das plantas.—Fluidos mucilaginosos, gelatinosos, sacarinos, oleosos, e extractivos, e a soluçaõ d'acido carbonico em agoa, saõ as substancias, que nos seos estados inalterados, contem quasi todos os principios necessarios para a vida das plantas; porem poucos saõ os casos, em que estas se podem applicar nas suas formas puras; e os estercos vegetaes em geral contem huma grande quantidade de materia fibrosa insoluvel, a qual deve passar por mudanças chimicas, antes de converter-se em alimento proprio para as plantas.—Quando os estercos constarem principalmente de materia soluvel n'agoa, he evidente, que devemos prevenir, tanto quanto podermos, a sua fermentaçaõ, e putrefacçaõ, e os

unicos casos, em que estes processos podem ser proveitosos, saõ quando o esterco consta principalmente de fibra animal ou vegetal. Para effeituar-se a putrefacçaõ das substancias animaes devemos servir-nos de circunstancias semelhantes, as que saõ necessarias para a fermentaçaõ das substancias vegetaes,—taes saõ—hum graõ de calor acima do ponto regelante, a presença d'agoa, e a presença de oxygenio; estes requisitos saõ indispensaveis ao menos no principio do processo.—Para prevenir-mos a decomposiçaõ dos estercos devemos preserva-los seccos, defende-los do contacto do ar, e conserva-los o mais possivelmente frios.

(Continuar-se-ha.)

POLITICA.

AMERICA.

VENEZUELA.

Os nossos leitores que se lembrarem da reprezentaçaõ energica que fez hum virtuozo e patriotico Fiscal da Audiencia de Venezuela, e que transcrevemos a pag. 448, do nosso No. de Setembro passado, hoje veraõ com a maior magoa e horror, que os seos leaes e bem entendidos principios naõ foraõ adoptados, e que por consequencia ja estaõ realizados todos os males e todas as calamidades que elle tanto receava.

O fogo da insurreiçaõ ja devora quasi todas as provincias, e huma multidaõ de Americanos cégos e illusos peleja incarniçadamente contra a Hespanha para conquistar a sua independencia e a separaçaõ da Metropole. Qual sera pois o ultimo rezultado desta lucta fratricida, que tem todos os symptomas de ser longa e fatal, senaõ a despovoaçaõ da America, e a ruina da sua agricultura e das suas minas, que nem dois seculos poderaõ restabelecer! Se a Hespanha e se a maim patria, que igualmente corre a exhaurir-se, tenta illuminar com artilharia e baionetas seos proprios filhos pouco prudentes ou enganados, e em vez de os chamar a si e concilia-los, continua a mandar-lhes homens que desenvolvaõ o mesmo caracter e as mesmas paixoens de Monte Verde, cometterá sem duvida o maior e mais perigozo de todos os erros politicos, e ficará responsavel á todas as naçoens, que tem Colonias, de quantas consequencias funestas podem rezultar de taõ *anti-liberal* e atroz procedimento.

Caracas, segundo o que temos visto, tem dado huma liçaõ importantissima e solemne naõ só aos Americanos e Hespanhoes, porem á todos os povos do mundo. Paiz nenhum se podia considerar mais sujeito, depois de huma revoluçaõ, do que o estava Venezuela. O Ceõ e a terra pareciaõ ter conspirado para esta grande obra. Atemorizado o

povo com o terremoto e com todos os horrores de hum governo revolucionario deitou-se com ancia nos braços da Hespanha. Mas que dice, da Hespanha? Esta nunca pode ter, á duas mil legoas de distancia, hum poder real naquellas regioens. Entregou-se pois nos braços da Hespanha, isto he, nos braços de hum Capitaõ General, e de hum despota militar absoluto. O rezultado foi o que se esperava. O Capital-general mostrou praticamente, que a submissaõ á força armada he em cazos semelhantes o peor de todos os recursos, porque ja Venezuela está outra vez em poder dos chefes da revoluçaõ, e por toda a parte ja se grita: *A baixo a Constituiçao; a baixo Monte Verde!* Assim talvez para a Hespanha estas taõ bellas provincias ja estaõ hoje mais perdidas do que nunca; e se o governo Hespanhol naõ muda de conselho, e continua na sua obstinaçaõ, ambos os seos dois continentes na America pode ser lhe escapem de huma vez sem mais tornarem a voltar.

He verdade que lhe poderá mandar outra expediçaõ, e outro Monte Verde; mas como naõ lhe pode mandar ao mesmo tempo outro terremoto, a conquista será da maior difficuldade. Supponhamos com tudo, que depois de mil incendios, mil violaçoens, e mil mortes Venezuela torna a sujeitar-se: quem atará as máos ao novo despota, para que novamente a naõ ponha em circunstancias de revoltar-se? Seraõ bastantes para impedila ou a Constituiçaõ ou as reprezentaçoens da Audiencia, enviadas á pressa no primeiro navio da Europa? Insistir sobre a virtude da Constituiçaõ para governar com equidade as Americas, deixando-as ao mesmo tempo sujeitas a governadores e a Capitaens-generaes, que se mostrem mais tigres do que homens, he o mesmo que escarnecer de todas as suas calamidades. Esperar que as Americas, depois que ja tem derramado seo sangue para defender suas liberdades, se sobmetaõ cegamente a hum governo que ellas entráraõ a olhar como estrangeiro e inimigo, logo desde o momento que para o combater sacrificáraõ as suas vidas; ou, o que ainda he mais extraordinario, queiraõ obedecer á hum chefe, que as governe com huma vara de ferro ou hum azurrague; sim he esperar couzas impossiveis, e que altamente repugnaõ com os sentimentos indeleveis do coraçaõ humano

Concluamos pois, que quanto tem acontecido em Caracas he huma demonstraçaõ pratica contra o pessimo e detestavel plano, que a Hespanha tem seguido, e ainda naõ cessa de seguir a respeito da importantissima sorte das Americas. Concluamos ainda mais: que este exemplo deve fazer tremer, e abrir os olhos a todos os governos, mostrando-lhes, que todo o sistema ferós e abominavel de suspeitas, dela-

çoens, carceres, e exterminios naõ faz mais do que levantar barreiras invenciveis entre o patriotismo e lealdade de hum mesmo povo; e naõ faz senaõ crear odios a rancores que, ulcerando profundamente os coraçoens, podem por hum momento ser comprimidos pela força, mas que cedo ou tarde taõbem podem fazer huma explozaõ que devore os offensores e offendidos.*

* Extrahimos huma parte destas ideas do *El Espanhol*, hum excellente periodico que aqui se publica em Londres; e como taõbem promete dar alguns Extractos da interessante Obra, intitulada—Historia da Revoluçaõ do Mexico—impressa depois de pouco tempo, naõ deixaremos de igualmente os communicar aos nossos leitores assim que as circunstancias o permitaõ.

E U R O P A.

F R A N Ç A.

Naõ he possivel continuar neste No. a inserçaõ dos documentos relativos a guerra da Suecia, e da Austria: o que faremos nos seguintes.

SESSOENS DO SENADO.

NOVA CONSCRIPÇAÕ DE 300 MIL HOMENS, &C.

Sessaõ 12 *de Novembro de* 1813.

O Senado se juntou as duas horas depois do meio dia, prezidido por S. A. S. o principe Archichanceler do Imperio.

S. Ex. M. O Conde Regnaud de Saint-Jean-d'Angely, ministro de estado, concelheiro de estado, e M. o Conde Molé, concelheiro de estado, havendo sido introduzidos na Salla, aprezentárao tres projectos de Senatus-Consultos. (Veja-se adiante a Sessaõ de 15 de Novembro.)

M. o Conde Regnaud de Saint-Jean-d'Angely expôz os motivos do primeiro pela maneira seguinte.

Motivos do Senatus-Consulto, que poem 300 mil homens a disposiçaõ do Ministro da guerra.

" MONSEIGNEUR, E SENADORES.

" Ainda vos deve ser bem prezente essa memoravel Sessaõ, em que comprindo aomesmo tempo com os deveres augustos de Regente, de esposa, de maim, e de Franceza, a Imperatrîz vos veio expor as precizoens da França.

" Os Sentimentos, que ella excitou nesta Salla, rapidamente se communicávaõ as extremidades do Imperio, e ainda se conservaõ em todos os coraçoens.

" Todos os que saõ verdadeiramente francezes sentîraõ, que na actual situaçaõ da Europa, a naçaõ naõ podia esperar

de manter a sua ordem politica, conservar a sua dignidade, providenciar a sua segurança, e defender o seo territorio, senaõ proporcionando os seos esforços para vencer, aos esforços que se tentaô para a sobjugar; e fazendo que o poder dos seos exercitos, e extençaõ dos seos recursos sejaõ superiores ao poder, e aos recursos dos estados coalisados contra ella.

" Porem nessa epocha, Senhores, ainda a deserçaõ da Baviera naõ se tinha consumado: a lealdade franceza ainda mostrava toda a sua honra em a naõ querer acreditar.

" Nesse tempo ainda, vos ignoraveis que os Saxonios tinhaõ no meio de combate desertado das suas fileiras em os nossos exercitos para hirem occupar aquellas que ja de ante-maõ lhes estavaõ designadas nos exercitos dos nossos inimigos: Sim ainda naõ sabieis, que a artilharia, fornecida e aprovisionada pelos nossos arsenaes, havia sido voltada contra os nossos batalhoens, inopinadamente fulminados pelas baterias destinadas para defende-los.

" Estes successos, de que naõ temos exemplos senaõ na antiga historia dos Reis da Asia barbara; estes successos, que ainda atheagora nunca tinhaõ maculado os gabinetes da Europa civilizada, nem haviaõ afligido os seos povos, tiveraõ pois consequencias, que algumas semanas antes naõ vos poderiaõ lembrar.

" Com tudo, Senhores, os nossos mesmos inimigos, contando as suas derrotas e as suas perdas, confessaõ que os exercitos francezes tem sustentado a sua antiga e a sua immortal fama, apezar de todas estas calamidades.

" Mas pela força das circunstancias, as victorias gloriosas ficáraõ estereis, e tantos triumfos se tornáraõ insufficientes; e o imprevisto e deploravel acontecimento da ponte de Leipsick dêo ainda ao inimigo, ainda taobem mui feliz por ganhar outra vez hum triumfo sem combate, novos tropheos sem perigo, e novos successos sem gloria.

" A' vista desta nova calamidade todos vós, Senhores, tendes observado, como por todas as partes apareceo logo hum sentimento universal de tudo sacrificar com a maior generozidade. Entre a consternaçaõ publica, e mesmo entre a consternaçaõ dos particulares os coraçoens francezes saltaraõ de indignaçaõ só com a idea da esperança que tinha concebido o inimigo de triumfar da França, devastar o seo territorio, e de lhe vir dictar as leis.

" O grito de perigo e de socorro, que deraõ nossos filhos e nossos irmaõs, ainda em armas, e ainda combatendo com gloria nas margens do Rheno, retinio nas margens do Sêna, do Rhodano, do Doubs, de La Gironde, de La Mosella, e de La Loire; e sobre as montanhas do Jura, dos

Vosges, dosPyrineos, e dos Alpes. Todos os velhos francezes tem mostrado, na sua boa vontade e desejos, sentimentos mui superiores ás necessidades de patria, e aos perigos e sacrificios necessarios para prevenir outros muito mais horrorozos naõ só pela sua extensaõ, mas pela humilhaçaõ de que seriaõ acompanhados.

" Qual seria com effeito, Senhores, a nossa situaçaõ, se os inimigos que estaõ ja em alguns pontos das nossas fronteiras, e que ja as ameaçaõ por outros, chegassem a penetrar em fim em o nosso territorio ? Que outra paz poderiamos nós esperar que naõ fosse a paz da escravidaõ ou dos tumulos ? Com que insolentes e vergonhozas condiçoens as potencias que os seos interesses dividem, mas que os seos ressentimentos, associaõ, naõ procurariaõ ellas vingar-se da gloria dos nossos triumfos, da humilhacaõ dos seos desastres, da necessidade que as obrigou a assignar tratados que ellas violáraõ, e athe mesmo da generosidade que lhos consentio ?

" Julgai pois, Senhores, o que isto seria, e a França taõbem o julgue com vosco, por aquillo que os nossos inimigos ouzáraõ fazer em Dresda, ainda na prezença dos nossos exercitos reunidos, victoriozos, e ameaçadores.

" Este Congresso, esperança do mundo, solicitado e dezejado pello Imperador, e que semilhante ao de Westphalia em 1648, só podia equilibrar e regular os interesses da Europa, foi recuzado apezar das multiplicadas instancias do gabinete francez.

" Os seos preparativos apparentes naõ eraõ senaõ huma forma enganadora, debaixo da qual se occultavaõ os aprestes effectivos de huma geral confederaçaõ.

" Os denominados plenipotenciarios só eraõ na realidade huns agentes incumbidos de retardar o plano da campanha ja determinada, e naõ embaixadores encarregados de preparar os projectos de huma paz taõ dezejada: eraó sim homens apaixonados que apelavaõ para as armas e para á força em lugar de appelarem para á justiça e para a razaõ; homens em fim, ja decididos de ante-maõ a naõ quererem discutîr couza alguma, e pertendendo dictar huma capitulaçaõ em logar de debater hum tratado.

" 'A esse tempo ja elles contavaõ com essas dezerçoens que nem nós queremos qualificar, contentando nos de deixar esta incumbencia a imparcialidade da historia, e do futuro; e ja punhaõ todas as suas esperanças sobre estas violaçoens de tratados, que ja taobem Inglaterra tinha pago com o seo oiro, que muitos ameaços tinhaõ preparado, que o terror havia prometido, e que a fraqueza dava bem a entender. Ainda naõ estavaõ diante dos muros de Dresda, aonde pouco

tempo depois soffrèraõ bem conhecidos desastres, e ja nos queriaõ dar as leis.

" E que fariaõ elles entaõ se houvessem atravessado o Rheno ou o Escalda, os Pyrineos ou os Alpes? Eu ja naõ pergunto que justiça, mas que condescendencia podia esperar a França, ou que tranquilidade a Europa?

" A resposta, Senhores, vós a podeis ver nos documentos da historia.

" No fim do reinado de Luis XV. se persuadia a Europa da existencia de huma balança politica, que as coroas tinhaõ huma segurança, a civilizaçaõ hum baluarte; e o throno do Polonia existia.

" Huma coalizaõ ímpia se formou. Hum triumvirato de Reis uzou fazer huma mutua confissaõ das suas ambiçoens, dezignar a victima, marcar cada hum a sua porçaõ na prêza commum: e a Polonia, principiando por ser desmembrada, desapareceo de todo poucos lustros depois, do numero das Corôas Européas.

" Que amarga dor, e que accuzaçoens vergonhozas naõ há tido a França pela fraqueza com que se houve em consentir neste attentado politico, que produzio depois rezultados taõ grandes e taõ extraordinarios!

" Ora pois, Senhores, á esta minha questaõ já a resposta está dada por esta mesma dor amarga, e accuzaçoens que temos tido.

" A Polonia aviltada, dividida, aniquilada, e oprimida he huma liçaõ terrivel e viva para a França ameaçada por estas mesmas potencias, que tem entrado em disputa pelos retalhos da monarquia Polaca.

" Os mânes dos Poniatowski, os mânes do ultimo Rei dos Polacos, taõ miseravelmente arrojado para longe do throno, os mânes do ultimo General dos Polacos, tao gloriosamente enterrado debaixo de Louros, assas vos indicaõ com que inimigos temos que luctar, e quaes saõ os meios para obter a paz que nós queremos, e a tranquilidade que a Europa dezeja.

" Hé de arrojar para longe do Imperio esta Liga, que lhe ameaça as fronteiras.

" Se os exercitos coalizados podessem penetrar, ou estabelecer-se para cá dos Pyrineos, dos Alpes, ou do Rheno, a paz nunca raiaria sobre a França. Ella nunca poderá brilhar entre nós senaõ depois que tivermos repelido o inimigo para longe do nosso territorio.

" Para satisfazer pois á estes dezejos, a esta necessidade, e a este dever do monarca e do povo, he que saõ precisas novas forças; e hé por isso que o Imperador confiadamente as pede á naçaõ, que com tanto entuziasmo e generosidade ja lhas tem offerecido.

"Fazendo recahir o chamamento, auctorizado pelo Senatus-Consulto, nas classes ja precedentemente libertadas, e descendo athe o anno 11, Sua Magestade céde ao imperio das circunstancias, assim como aos concelhos da justiça, da sabedoria, e da humanidade.

"Os homens, que se vierem alistar de baixo das aguias francezas, ja teraõ a força e o valor para sustentarem a honra; e a joven conscripçaõ adquirirá ao mesmo passo no serviço dos exercitos de rezerva todo aquelle vigor, que ainda lhe falta para auxiliar os sentimentos que a animaõ, e de que as ultimas lévas tem dado nos campos de batalha taes provas que enchêraõ de admiraçaõ as nossas velhas phalanges.

"As guardas nacionaes que, armando se, prevenîraõ taõ honrozamente o perigo, voltaráõ aos seos lares; e os pais de familia, que as compunhaõ, seraõ restituidos ás suas occupaçoens, e aos seos trabalhos.

Senadores, as palavras que sahirem deste recinto para chamar as armas os descendentes destes mesmos Francos, que em tantas epochas gloriozas tem ja expulsado os barbaros da terra dos bravos, da patria das artes, e do centro da civilizaçaõ; sim, estas palavras seraõ repetidas por todos os pais, por todas as maens, por todas as espozas, e por todos os irmaons, cujos filhos, espozos, e irmaons estaõ neste momento pagando as suas dividas á patria. Ah! quantos destes naõ conta ainda a França! E quantos eu mesmo naõ conheço, que tendo ainda os olhos humidos do pranto, que dolorozas perdas lhe tem feito correr, ou conservando ainda seos coraçoens palpitantes de receio por aquelles que a Providencia athe agora conservou ao seo amor, apezar d'isso naõ cuidaõ em outra couza senaõ de enviar em seo socorro os outros bravos que lhes restaõ?

Nobres filhos da nossa cara França, defensores generozos da nossa glorioza patria, que estaes sobre o Rheno e os Pyrineos fechando as portas da França aos Inglezes, aos Russos, e seos alliados, vós naõ ficareis ahî desamparados na sancta e honroza lucta, á qual vos tendes votado em sacrificio. Esperai ainda algum tempo, e numerozos batalhoens de homens poderozos em força e bizarria hiraõ ajudar-vos a reconquistar a victoria, e a libertar a terra franceza.

Hé pois sô por esta forma, Senhores, que o Imperador, rodeado de toda a força e de todo o poder da naçaõ; taõ moderado como elle o era na epocha em que dava á Austria a paz de Leoben e de Campo-Formio, na esperança de assignar em Rastadt a de toda a Europa; e taõ generozo como na epocha em que elevava thronos, e os dotava com as suas conquistas, depois das victorias de Jena e d'Auster-

litz ; poderá em fim preparar huma paz com sabedoria, equilibrar com justiça as condiçoens, e assigna-las com honra e dignidade.

O Senhor Conde Molé expoz depois os motivos dos outros dois projectos de Senatus-Consultos.

Motivos dos Projectos dos Senatus-Consultos relativos, o primeiro á prorogaçaõ dos poderes dos Deputados para o Corpo-Legislativo, da 4 serie; o segundo, á nomeaçaõ do Prezidente do Corpo-Legislativo, e as Sessoens Imperiaes desta corpo.

" Monseigneur, e Senadores,

O Imperador nos ordenou de aprezentar-vos hum projecto de Senatus-Consulto, em que determina que os Deputados de 4 serie para o Corpo-Legislativo continuem no exercicio das suas funcçoens por todo o tempo que durar a sessaõ, que deve abrir se a 2 do Dezembro proximo.

Esta mesma medida taobem ja vos foi proposta no principio deste anno, e vós a adoptastes pela Senatus-Consulto de 9 do Janeiro passado.

As razoens, que entaõ vos determinâraõ, saõ ainda hoje muito mais fortes. A epocha da convocaçaõ do Corpo-Legislativo está taõ proxima, que naõ hê possivel poder substituir os Deputados que devem sahir; e os motivos desta convocaçaõ saõ taõ ponderozos, que ella de modo algum naõ pode ser deferida. Hé logo indispensavel que prorogueis como ja o tendes feito, as funcçoens dos membros que compoem a 4. Serie.

Alem disto, ainda estamos incumbidos, Senhores, de vos aprezentar outro projecto de Senatus-Consulto. O artigo 1. diz, que o Imperador deve nomear o Prezidente do Corpo-Legislativo.

Athe agora S. M. o escolhia entre os cinco candidatos, que lhe aprezentava o Corpo-Legislativo.

Mas pode muito bem acontecer, que os homens nomeados nesta lista, por mais dignos e distinctos que sejaõ pelas suas luzes, naõ sejaõ pessoalmente conhecidos do Imperador.

Como huma das prorogativas do Corpo-Legislativo hé o poder dirigir se directamente ao Soberano por meio do seo Prezidente, julgou-se, que para que estas communicaçoens podessem ser uteis naõ só ao bem publico, mas especialmente ao Corpo-Legislativo, era mui proveitozo que o Prezidente fosse pessoalmente conhecido do Imperador,

Desta maneira o Corpo-Legislativo e cada hum dos seos membros estaráõ seguros de poder achar no seo Prezidente hum intermediario, hum guia, e hum apôio.

Alem disto, no palacio há sempre certas formas e certas etiquetas, que he precizo conhecer, e que por naõ serem conhecidas podem occazionar enganos ou vagares, que saõ sempre mal interpretados pelos corpos do Estado. Tudo isto se evita pois com a medida que propômos.

A' estas consideraçoens se pode ajustar ainda outra, que he a da economia.

Ao principio houve lembrança de propor que o corpo-legislativo fosse sempre presidido por hum grande Dignatario, hum grande Official do Imperio, ou por hum Ministro d'Estado ; porem a opiniaõ do conselho privado foi, que esta limitaçaõ tinha o inconveniente de privar os membros do corpo-legislativo de vantagem de poderem ser nomeados Prezidentes.

O artigo 2. diz, que o Senado e o Conselho d'Estado assistaõ em corpo as Sessoens Imperiaes do corpo-legislativo em virtude de cartas fechadas. Athe agora o Senado naõ assistia senaõ por huma deputaçaõ, e muitas vezes os seos membros tem manifestado dezejos de assistirem em corpo.

Sera pois hum brilhante espetaculo o ver reunidas em huma Sessaõ, para ouvirem as palavras emanadas do throno, todas as grandes auctoridades do Estado.

Nenhuma objecçaõ racionavel se pode fazer contra esta proposiçaõ ; por que nestas sessoens solemnes, consagradas para a prestaçaõ do juramento dos novos membros, naõ pode haver discussaõ ou deliberaçaõ, e só alli saõ chamados para ouvirem o discurso emanado do throno."

Os tres projectos de Senatus-Consultos foraõ remettidos para commissoens especiaes, e o Senado se adiou para a segunda feira seguinte.

Sessaõ de 15 de Novembro.

O senado se juntou as duas horas, prezidido por S. A. S. o Principe Archi-chanceler do Imperio.

M. o Conde Dejean, em nome da commissaõ encarregada de examinar o primeiro projecto de Senatus-Consulto, fez o relatorio seguintes :

" Monseigneur, e Senadores,

Vos remettes á huma Commissaõ especial o projecto de

Senatus-Consulto, que vos foi aprezentado a 12 deste mez pelos Senhores Conselheiros d'Estado, oradores do governo, e que tinha por objecto o pôr á disposiçaõ do governo trezentos mil conscriptos, tirados das classes dos annos 11, 12, 13, 14, 1806, 1807, e mais annos seguintes athe 1814 inclusivo.

A commissaõ tem a honra de vos aprezentar o rezultado do seo exame.

" Senadores,

Por mais dolorozo que seja o chamar hoje ás armas as classes ja precedentemente libertadas, a vossa commissaõ pensa todavia que as circunstancias exigem esta medida.

Por este modo vós fareis prontamente alistar debaixo das aguias Francezas homens, que tendo tanta força como valor, poderaõ supportar as fadigas da guerra, em parelhar em tudo com as nossas velhas phalanges, dar tempo á joven conscripçaõ para adquirir no serviço das praças e dos exercitos de rezerva o vigor que ainda lhe falta para pôr em execuçao os nobres sentimentos que a animaõ, e em fim facilitar e accelerar a volta para os seos lares das guardas nacionaes, cujo armamento taõ nobremente prevênio o perigo que ameaçava as nossas fronteiras.

Estas palavras do memoravel discurso da Imperatriz nesta mesma salla : *Eu conheço melhor do que ninguem o que os nossos povos deviaõ recear se huma vez se deixassem vencer*, tem resoado por todo o Imperio.

As protestaçoens dirigidas por todas as cidades á S. M. a Imperatriz Rainha e Regente devem ter vos convencido, que a França inteira está disposta para fazer todos os sacrificios que pedem a gloria e a segurança da Coroa, no que ella mais do que tudo interessa.

Sim ella sabe o que deve ao seo Soberano, e á honra do throno taõ gloriozamente fundado ; hum throno, que he o palladium da sua independencia, e da sua existencia como naçaõ. Alem disto naõ ignora a sorte que lhe está preparada, se podesse ser possivel o ficar mal na lucta prezente.

Salvar a patria, arredar do seo seio os furores da guerra, preservar as nossas bellas campinas do incendio e da pilhagem, e forçar os nossos inimigos a huma paz honroza ; eis aqui os vossos dezejos, senadores, e os dezejos de todos os Francezes. A França, e a Europa inteira precizaõ da paz e a dezejaõ ; porem o povo Francez naõ quer senaõ huma

paz honroza e digna da gloria que nós temos adquirido ; e para a conseguir está disposto a empregar tanto vigor em defender se como a Europa ligada contra elle emprega em ataca-lo.

A Commissaõ vos propoem por consequencia, que adopteis o projecto do Senatus-Consulto."

M. o Senador Chaptal, Conde de Chanteloup, seguio-se a fallar depois do Conde Dejean, e fez os dois relatorios seguintes em nome da commissaõ encarregada de examinar os outros dois projectos de Senatus-Consultos.

Primeiro Relatorio feito por M. o Senador Chaptal, Conde de Chanteloup, em nome de huma Commissaõ especial.

" Monseigneur, e Senadores,

Pelo Senatus-Consulto de 28 Frimaire anno 12, S. M. nomeia o Prezidente do corpo legislativo sobre huma lista aprezentada de hum candidato por serie, e aquella feita por escrutinio Secreto, e por huma maioridade absoluta.

Pelo mesmo Senatus-Consulto, S. M. dezigna doze membros do Senado para o acompanhar quando vai fazer a abertura de huma Sessaõ do corpo legislativo.

O projecto do Senatus-Consulto, que hoje vos he aprezentado, modifica estas duas disposiçoens.

O artigo 1. diz : o Imperador nomeia quem ha de prezidir o corpo-legislativo.

Sem duvida athe agora o Imperador tem sempre podido fazer excellentes escolhas entre os candidatos que lhe tem sido aprezentados ; porem a prudencia do governo, essencialmente providente, deve supor cazos em que a *candidatura* para a Prezidencia naõ aprezente á escolha de S. M. senaõ homens que lhe sejaõ ou desconhecidos, ou que lhe pareçaõ naõ ter todas as qualidades requeridas pára dignamente preencherem huma taõ emminente dignidade.

Nestas circunstancias ou haveria embaraço na escolha, ou perigo de fazer alguma que fosse ma : o que poderia produzir consequencias muito tristes.

Com effeito, Senadores, o Prezidente do corpo legislativo tem relaçoens frequentes e immediatas com o Imperador : hé elle quem deve levar aos pes do throno os dezejos dos Deputados, e referir-lhes as intençoens de S. M. Deve ser o orgaõ das deputaçoens do corpo-legislativo enviadas a S. M., e exprimir com dignidade os sentimentos dos homens os mais recommendaveis do Grande Imperio. Deve gozar por consequencia de huma grande consideraçaõ, para que du-

rante a Sessaõ taõbem goze plenamente da estima e confiança de todos os seos collegas; e assim possa estabelecer esta uniaõ de vontades, esta força moral, este espirito publico, que estreitaõ os vinculos entre os vassallos e o Soberano, e tornaõ a obediencia mais suave, os sacrificios menos penosos, e a fidelidade mais sincera e completa.

S. M., que altamente conhece a necessidade desta reuniaõ de grandes qualidades na pessoa do Prezidente do corpo-legislativo, poderá muito melhor fazer huma escolha digna de si e deste corpo, quando taõbem poder escolher huma pessoa, que julgue a mais capaz de cumprir estas funcçoens sublimes.

O artigo 2. do mesmo Senatus-Consulto diz: que o Senado e o Conselho d'Estado assistaõ em corpo ás Sessoens Imperiaes do corpo-legislativo em virtude de Cartas fechadas.

Em conformidade do Senatus-Consulto de 28 Frimaire, anno 12, o Imperador tem constantemente dezignado doze membros do Senado para o acompanhar quando tem hido fazer a abertura das Sessoens do corpo-legislativo.

O Senatus-Consulto, que vos he aprezentado, diz: que o Senado assistirá em corpo.

Esta dispoziçaõ muito particularmente pareceo proveitoza á vossa commissaõ; porque o Senado que nomeia os membros do corpo-legislativo he por isso mesmo o que maiores relaçoens tem com elle; e porque nestas Sessoens memoraveis, em que o Imperador falla do alto do seo throno á toda a naçaõ, o primeiro corpo do Estado taõbem alli devia ter hum honrozo lugar.

Em consequencia, eu tenho a honra de propor em nome da commissaõ, que foi unanime, a adopçaõ do Senatus-Consulto, de que eu vou fazer-vos a leitura."

Segundo Relatorio feito por Mr. o Conde Chaptal.

" Monseigneur, e Senadores,

" O segundo projecto de Senatus-Consulto que foi submettido á deliberaçaõ do Senado, e do qual eu tenho a honra de lhe aprezentar o relatorio em nome da commissaõ especial nomeada para este effeito, diz; que os Deputados para o corpo-legislativo da 4. Serie exercitaraõ as suas funcçoens por todo o tempo que durar a sessaõ, que se deve abrir a 2 de Dezembro de 1813.

Já pelo vosso Senatus-Consulto de 9 de Janeiro de 1813, vos decidistes, que os Deputados da 4. serie, cujos poderes

tinhaõ findado no 1. de Janeiro do mesmo anno, exercitassem as suas funcçoens durante a sessaõ, que se devia abrir no 1. de Fevereiro.

Os mesmos motivos, que entaõ determináraõ o Senado, tornaõ hoje a apparecer. O interrvallo entre a Convocaçaõ e a epocha assignalada para a abertura da Sessaõ naõ hé sufficiente para ajuntar as assembleias electoraes, aprezentar os candidatos, e submettê-los á nomeaçaõ do Senado. Hum novo motivo pode hoje justificar a nova medida que vos he proposta, e elle se acha bem patente nas circunstancias actuaes, que fazem a convocaçaõ do corpo-legislativo mui urgente e necessaria.

Alem d'isto, ja em tempos anteriores, e em diversas epochas o Senado prolongou as funcçoons dos Deputados para o corpo-legislativo.

Por esta forma o Senatus-Consulto de 28 de Abril de 1807 prolongou por hum anno os poderes dos Deputados para o corpo-legislativo dos Departamentos dos Apenninos, de Genova, e Montenotte.

O Senatus-Consulto de 30 de Dezembro de 1809 prorogou taõbem nas suas funcçoens, para a sessaõ de 1810, os Deputados da 5. serie para o corpo-legislativo.

Os actos emanados do Senado em cazos semelhantes auctorizaõ pois hoje a adopçaõ do Senatus Consulto, que vos he proposto.

E hé por estes motivos que a vossa commissaõ unanimemente taõbem hoje vos propoem que adopteis o Senatus-Consulto, que vou lêr-vos."

O Senado passou a votar, e approvou os tres projectos de Senatus-Consultos.

Segue-se o theor dos sobreditos Senatus-Consultos.

Napoleaõ, pela graça de Deos e pela constituiçaõ, Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ da Suissa, &c. &c.

A todos os prezentes e futuros. Saude.

O Senado, depois de ter ouvido os Oradores do Conselho de Estado, decretou e nós ordenâmos o seguinte.

Extracto dos Registros do Senado-Conservador, de Segunda feira, 15 de Novembro de 1813.

O senado-conservador, junto em numero de membros, prescripto pelo art. 90 do acto das constituiçoens de 13 de Dezembro de 1799 ;

Considerando que o inimigo invadio as fronteiras do Imperio, do lado dos Pyrineos e do Norte ; e que as do Rheno, e d'alem dos Alpes estaõ ameaçadas ;

A' vista do projecto de Senatus-Consulto, organizado na forma prescripta pelo art. 57 do acto das constituiçoens de 4 d'Agosto, de 1802 ;

Depois de ter ouvido sobre os motivos do dito projecto os Oradores do Conselho de Estado, e o relatorio da commissaõ especial, nomeada na sessaõ de 12 deste mez ;

Havendo sido a sua adopçaõ deliberada pelo numero d votos prescripto pelo art. 56 do acto das constituiçoens de e de Agosto de 1802;

Decreta ;

Art. 1. Trezentos mil conscriptos, tirados das classes dos annos 11, 12, 13, 14, 1806, 1807, e mais annos seguintes athe 1814 inclusivo, saõ postos a disposiçaõ do ministro da guerra.

2. Cento e cincoenta mil homens seraõ alistados sem demora para se porem logo em actividade.

Os outros cento e cincoenta mil homens ficáraõ em rezerva para serem empregados sómente no cazo em que a fronteira de Leste seja invadida.

Os conscriptos que se tirarem dos 24 departamentos, que em conformidade do senatus-consulto de 24 de Agosto de 1813, tem servido para o recrutamento do exercito de Hespanha, teraõ o mesmo destino.

3. Formar se-haõ exercitos de rezerva para serem colocados em Bordeaux, Metz, Turin, e Utrecht, e em quaesquer outros pontos em que forem necessarios para defenderem a inviolabilidade do territorio do Imperio.

4. Os conscriptos anteriormente cazados á publicaçaõ do prezente senatus-consulto, ficaõ dispensados de entrar na formaçaõ do contingentes.

5. O prezente Senatus-Consulto será transmittido por huma mensagem a S. M. o Imperador e Rei.

O Prezidente, e Secretarios.

(Assignado) Cambacérés.

O Conde de L'Apparent Colchen.

Visto, e assellado,

O Chanceller do Senado,

(Assignado) Conde La Place.

Napoleaõ, &c. A todos os prezentes e futuros, Saude.

O senado, depois de ter ouvido os Oradores do Conselho de Estado, decretou e nós ordenamos o seguinte:

Extracto dos Registos do Senado Conservador, de Segunda feira, 15 de Novembro de 1813.

O Senado-Conservador, &c. decreta;

Art. 1. Os Deputados da 4. serie para o corpo-legislativo exercitaraõ as suas funcçoens em todo o tempo que durar a sessaõ, que deve abrir-se a 2 de Dezembro de 1813.

Napoleaõ, &c. A todos os prezentes e futuros, Saude.

O Senado, depois de ter ouvido os Oradores do Conselho d'Estado, decretou, e nós ordenamos o seguinte.

Extracto dos Registos do Senado-Conservador de Segunda feira 15 de Novembro de 1813.

O Senado-Conservador, &c. decreta:

Art. 1. O Imperador nomeia o Prezidente do corpo-legislativo.

2. O Senado e o Conselho de Estado assistem em corpo ás sessoens Imperiaes do corpo-legislativo, em virtude de cartas fechadas.

3. O prezente Senatus-Consulto organico será enviado por huma mensagem a Sua Magestade o Imperador e Rey.

DECRETO IMPERIAL.

EXTRACTO

Das minutas da Secretaria d'Estado.

Palacio de St. Cloud, aos 16 *de Novembro de* 1813.

Napoleaõ, &c.

Nos temos decretado, e decretamos o seguinte ;

Art. 1. Fica á disposiçaõ do ministro da guerra, sobre os creditos do Budjet de 1813, huma somma de 38,425,343 fr. e 34c. tirada do producto das imposiçoens estabelecidas pelo nosso decreto de 11 deste mez.

2. Esta somma será repartida entre os diversos capitulos do budjet da administraçaõ da guerra, pela forma seguinte.

		fr.	c.
Capit. 1.	Amassarias do exercito	9,985,178	90
Capit. 4.	Forragens . . .	17,314,601	72
Capit. 9.	Provimentos de Lênha	48,640	
Capit. 11.	Combois e transportes . .	3,549,200	
Capit. 15.	A provisionamentos de Sitio	7,527,722	72
	Total	38,425,343	34

3. Estes 38,425,348 fr. 34c. Seraõ postos á disposiçaõ do nosso ministro da administraçaõ da guerra para serem repartidos nos differentes departamentos, conforme o mappa annexo á minuta do prezente decreto.

4. O ministro da administraçaõ da guerra pora por ordens suas os sobreditos fundos á disposiçaõ dos Prefeitos a fim de que paguem.

1. As requisiçoens feitas para o aprovisionamento das praças fortes.

2. As destinadas para os serviços de viveres, forragens, provimentos de Lênha, e compras de cavallos, e machos de equipagens e transportes.

5. O ministro da administraçaõ da guerra enviará antes de 1 de Dezembro á cada Prefeito huma nota dos fundos que elle poem á sua disposiçaõ, fazendo-lhe conhecer a especie de fornecimentos, para cujo pagamento saõ destinados os fundos, e os preços em que devem ser calculados.

6. O ministro do tezouro enviará taõbem huma Copia desta nota ao recebedor-geral do Departamento.

7. O Prefeito sacará em favor dos que tiverem feito os fornecimentos, por meio das requisiçoens, Letras sobre o Recebedor-geral, que as pagará do producto das contribuiçoens mencionadas no art. 1.

8. O tezouro fara successivamente receita da Soma de 38,425,343 fr. 34c., que deve ser distribuida como despeza do mez de Novembro, á medida que for tendo noticia das somas que tiverem entrado nas caixas dos recebedores das contribuiçoens extraordinarias.

9. Os nossos ministros da administraçaõ da guerra, do interior, das finanças e do tezouro ficaõ encarregados da execuçaõ do prezente decreto.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

(CIRCULAR.)

Ministerio da Justiça.

O Graõ Juis, Ministro da Justiça, aos Juizes e Tribunaes do Imperio. Gabinete do Ministro.

Paris, 19 *de Novembro,* 1813.

N'este momento de susto, em que todos os coraçoens francezes estaõ profundamente aterrados com os perigos da patria, eu vos faço esta participaçaõ, que merecendo toda a confiança publica, pode ter toda a influencia no espirito e sentimentos dos vossos concidadaõs. As fronteiras do Imperio do lado dos Pyrineos e do Norte tem sido forçadas.—As do Rheno e dos Alpes estaõ ameaçadas.—*E naõ deve occultar se, que o interior da França bem da pressa cahira nas garras do inimigo,* se naõ se adoptarem meios taõ prontos como vigorozos para frustrar os seos planos, e transtornar as suas esperanças.

A liberdade da patria depende da pronta e completa execuçaõ do Decreto de 16 deste mez, pelo qual 350,000 homens se poem a disposiçaõ do Ministro da guerra. Quando esta grande e saudavel medida for completamente executada,

entaõ ja nada teremos que temer. He precizo porem advertir, que este ponto he da maior importancia, *por que se naõ se executar, a França sera irremediavelmente o theatro da guerra, e passará por todos os horrores, que sempre a costumaõ acompanhar.*

He huma couza bem sabida, que o inimigo azedado pelas suas primeiras derrotas, marcha contra nós, estimulado pela sêde da vingança: neste cazo bem podeis imaginar a sorte que nos está preparada, se elle consegue o fazer-se senhor das nossas vidas e das nossas propriedades. Ja se naõ trata da nossa gloria, que athe agora há tido tanta influencia sobre a naçaõ franceza; a nossa integridade e o povo estaõ em perigo, assim como tudo o mais que nos hé preciozo. E será só a morte o que temos que temer? Naõ, ainda ha mais: o fogo, a devastaçaõ, e a ruina total da nossa infelis patria, seraõ o funesto espetaculo que desgraçadamente veremos se a França chega a cahir nas maõs do inimigo. A esta horroroza pintura poderemos ainda acrescentar os insultos de toda a qualidade, que para os homens briozos saõ muito peiores do que a morte, e que podem ser taes que nem eu mesmo ouzo descreve-los. Estas saõ em fim as terriveis calamidades que nos estaõ ameaçando, e que só evitaremos com hum generozo sacrificio.

O Norte tem vomitado a sua immensa povoaçaõ à fim de nos fazer passar por baixo do jugo. Hé precizo pois opormo-nos a isto com toda a flor da nossa gente, para que se evitem estes fados sinistros que contra nós se prepáraõ. Nós temos pela nossa parte o valor das nossas tropas, e o genio dos grandes capitaens que as commandaõ. Mas isto nao basta. Nós naõ devemos expor em menor numero os nossos guerreiros, e he preciso proporciona-los ás forças com que somos atacados. Que animo naõ cobraráõ os nossos veteranos, vendo-se reforçados por briozos mancebos, que incorporados nos sũas mesmas fileiras vaõ de novo habilita los para espalhar o terror nos campos inimigos, faze-los recuar, libertar a França, e a final conquistar a paz, porque todo o mundo suspira?

Os corajozos mancebos, que hoje saõ chamados pela patria, devem com razaõ gloriar se dos seos taõ altos destinos. Huma vez convencidos que os fados da França estaõ depositados nas suas maõs, os seos es forços seraõ em tudo iguaes ás gloriozas emprezas que elles devem perfazer. O fogo sagrado do patriotismo e da honra arde em seos peitos generozos: animai-os pois, senhores, e fortificai-os com os vossos exemplos, com os vossos mesmos distinctos empregos que tendes na sociedade, e com toda essa influencia que o geral respeito e confiança do povo vos tem dado. Sim, o vosso

objecto principal seja hoje o exercita-la nestas taõ impor tantes e decisivas circumstancias.

Em todos os periodos da monarquia, a auctoridade judicial de França tem invariavelmente manifestado a mais nobre adhezaõ aos seos principes e a sua patria. Assim taõ bem naõ duvido que hoje mostrareis, que este corpo respeitavel ainda naõ está degenerado; e que a veneraçaõ, que haveis adquirido pela vossa honroza administraçaõ da justiça, será coroada por huma gratidaõ universal a tudo o que fizerdes a bem dos interesses da vossa patria nos seos dias de angustia e de perigo.

(Assignado)

O Duque de Massa.

FALLA,

De Bonaparte ao Corpo Legislativo, no dia 19 de Decembro de 1813.

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.—Esplendidas victorias deraõ novo lustre á gloria das armas Francezas, durante esta campanha: deserçoens, sem exemplo, tornáraõ infructuozas estas victorias: tudo se voltou contra nos. A mesma França estaria em perigo, a naõ ser a uniaõ, e energia dos Francezes. Nestas ponderozas circumstancias, o primeiro pensamento que tive foi chamar-vos para junto de mim. Meu coraçaõ preciza da prezença, e affeiçaõ de meos vassallos. Jamais me seduzio a prosperidade: a adversidade me achará sempre superior aos seos ataques. Eu tenho muitas vezes dado a paz ás naçoens no momento em que ellas tudo havîaõ perdido. De huma parte das minhas conquistas eu tenho erigido thronos para Reys, que me desampararaõ. Eu tinha concebido, e executado grandes projectos para a *prosperidade*, e *ventura* do mundo.—Como Monarca, e como Pai, eu conheço, que a paz firma a segurança dos thronos, e a das familias.

Tem-se entrado em negociaçoens com as Potencias Alliadas: eu adheri á base preliminar que ellas propozeraõ. Eu tinha esperanças de que antes da abertura desta sessaõ, se ajuntasse o Congresso de Manheim: porem novas delongas, em que a França naõ tem culpa, tem deferido este momento, que o mundo ardentemente dezeja. Eu ordenei que se vos aprezentassem todos os documentos originaes, que se

achaõ na secretaria dos negocios estrangeiros, dos quaes sereis informados por meio de hum *committé*. Os oradores do meu conselho vos exporaõ qual he a minha vontade sobre este objecto. Da minha parte nenhum obstaculo ha ao restabelecimento da paz. Eu conheço e tomo parte em todos os sentimentos dos francezes. Digo dos francezes; por que nenhum delles dezejaria a paz á custa da honra. Eu sinto exigir novos sacrificios deste generozo povo: porem seos mais nobres, e mais caros interesses imperiozamente os pedem. Foi precizo recrutar meos exercitos por meio de numerozas levas: as naçoens naõ podem negociar com segurança, senaõ desenvolvendo todas as suas forças; e hum augmento de impostos he indispensavel. Aquelle que o meu Ministro de finanças vos hade propor, he conforme ao systema *finançal* qne eu tenho estabelecido. Vos achareis nelle tudo o que se exige sem contrahir algum emprestimo, que consome os recursos futuros; e sem papel moeda, que he o maior inimigo da ordem social.

Eu estou satisfeito com os sentimentos que o meu Povo de Italia me tem testemunhado nesta occaziaõ.—A Dinamarca, e Napoles somente he que permaneceraõ fieis á alliança que tinhaõ feito comigo. A Republica dos Estados Unidos da America continua com vantagem a sua guerra com a Inglaterra. Eu tenho reconhecido a neutralidade dos Cantoens Suissos.

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos departamentos no Corpo Legislativo.—Vos sois os orgaons naturaes do Throno; a vos toca dar o exemplo de energia, que pode fazer recommendavel nossa geraçaõ ás geraçoens futuras. Fazei com que ellas naõ digaõ.—Elles sacrificaraõ os melhores interesses do seu paiz!—Elles reconheceraõ as leis que a Inglaterra tem, durante quatro centos annos, procurado, mas de balde, impor á França.—O Meu povo naõ pode temer, que a politica do seu Imperador atraiçoe jamais a gloria nacional. Da minha parte confio que os francezes seraõ constantemente dignos de si mesmos, e dignos de mim.

ALLEMANHA.

Bulletins do Principe da Coroa.

No. XXIV.

Quartel General de Mulhausen, 28 *de Outubro,* 1813.

O Principe Real transferio hontem o seo Quartel General para Mulhausen, passando por Mersbourgh, Querfurt, Arten, e Sondershausen.

Os grandes resultados das batalhas de Leipsig se vaõ diariamente manifestando cada vez mais. O exercito do Imperador Napoleaõ se retira a toda apressa, e sofre cada-dia novas perdas. Elle dirige a sua marcha sobre Erfurt; mas depois das ultimas noticias esta cidade ja esta na maõ dos alliados. O General Blucher segue o inimigo, em quanto o grande exercito da Bohemia, que tinha a 24 o seo Quartel-General em Weimar, o flanqueia pela esquerda, e o do Norte d'Allemanha o segue, e continuamente o embaraça pela direita. Os Generaes York e Wasilchikoff, que fazem a van-guarda do exercito da Silesia, attacáraõ a reta-guarda inimiga em Weisenfels e em Freyberg, e lhe tomáraõ mais de 4,000 prizioneiros, 40 peças de artilharia, e muitos caixoens e bagagens. O General Bubna aprizionou em Buttelsted 600 homens da Guarda Imperial; e o General Benigsen, que marchou pela estrada de Bibia para Rattenberg achou pelo caminho ainda muita gente do inimigo que ficára atrazada, muitas peças de artilheria, e caixoens abandonados. O mesmo Imperador Napoleaõ mandou queimar mais de 600 na estrada d'Erfurt.

O Coronel Chrapowitztky occupou a cidade de Gotha em 22 de Outubro; e ali fez prizioneiros o ministro de França, Baraõ de St. Aignon, 73 Officiaes, e 900 homens, mandando igualmente incendiar 30 carros de polvora. Depois se foi juntar em Molschleben com o General Ilowaisky, o 12, que havia sido destacado do grande exercito para hir tomar adianteira ao exercito Frances. O Colonel Benckendorf fatigava ao mesmo tempo o inimigo na sua marcha para Erfurt; teve continuos recontros com a cavallaria do General Sebastiani, e lhe fês muitos prizioneiros. O General Czernicheff, que taõ bem hé o Com-

mandante das partidas, se derigio a Eisenach para ahî tomar adianteira à cabeça das columnas inimigas.

O Imperador Napoleaõ dormio a 19 em Mark-Banstadt, a 20 em Weissenfels, e a 21 em Eckardsberg: na manham de 23 estava em Erfurt, e dali partio para Gotha. As cartas que havemos apanhado dizem, que huma multidaõ de fugitivos sem armas e quasi nus cobrem todas as estradas visinhas.

O Marechal St. Cyr moveo-se de Dresda para Torgau, provavelmente com o intento de libertar as guarniçoens desta praça e da de Wittenberg, e depois marchar para Magelbourg, e dali retirar-se para a França. Corpos consideraveis de todas as partes se avançaõ para o combater e cortar. O General, Conde Taventzien, acha-se nas vesinhanças de Roslau, e deve reforçar-se com os corpos dos Generaes Hirschfeld, e Thümen. O General Conde Tolstoi, segue os movimentos do Marechal St. Cyr; e o General Benningsen, cujo exercito andava unido ao do Principe Real, vai marchar com o corpo do General Doctoroff na mesma direcçaõ, e tomarà o commando de todas as tropas Russas, e Prussianas; destinadas para operar contra os corpos inimigos. O corpo do General Conde de Strogonoff se unira ao exercito do Principe Real.

O General Tettenborn, que estava postado com hum corpo volante em Lunebourg entrou em Bremen por capitulaçaõ a 15 de Outubro. O General Conde Walmoden observa os movimentos do exercito do Marechal Davoust, que provavelmente naõ deixara passar muito tempo sem cuidar em retirar-se.

A perda total do exercito combinado do Norte d'Allemanha nas batalhas de Leipsig naõ sobe acima de 2, a 3,000 homens em mortos e feridos. A do General Conde de Langeron foi muito maior. Este General louva grandemente o comportamento valorozo dos Generaes Kaptzewitsch, Conde de S. Priest, e Bondzswitch, assim como o de todos os officiaes e tropas que elle commandava.

Na batalha de 18 de Outubro o Tenente-General Senhor C. Stewart colocou elle mesmo debaixo de hum fogo vivissimo huma bateria de foguetes Inglezes; e de sua propria vontade se incumbio de muitas ordens do Principe Real, que executou com toda a satisfacçaõ de S. A. R.

Os Generaes Tawas e Lowenjehnen tem-se distinguido. O primeiro colocou sobre hum ponto, vivamente atacado pelo inimigo, duas baterias de 12, que contrîbuiraõ para defender este flanco do exercito. O General Suremain derigio em pessoa as peças de artilharia Suecas, que atiráraõ sobre a porta de Leipsig, e depois nas ruas da cidade.

A cavallaria do General Winzingerode adiantou-se athe Vach, e segue os movimentos do inimigo, que parece querer em parte dirigir-se sobre Vetzlar. Este General desenvolveo nas

acçoens diante de Leipsig todos os talentos e bizarria, de que tantas vezes havia jâ dado provas. A infantaria Russiana manteve a sua antiga reputaçaõ, e toda firmeza que a distingue. Os Generaes Woronzoff, Laptjeff, La Harpe, e Wouitch tem merecido pelo seo comportamento todos os elogios de S. A. R.

No. XXV.

Quartel General de Heilgenstadt, 30 *de Outubro.*

Hoje o Principe da Coroa mudou para aqui o seo Quartel General.

O Imperador Nepoleaõ continua a retirar-se para o Rheno. Os exercitos alliados o perseguem, e continuamente o incomodaõ. Sabemos por todas as informaçoens, que naõ leva com sigo mais de 50, ou 60,000 homens, e que o resto de seo exercito anda disperso e vagabundo pelas montanhas sem armas e sem chefes.

O General Czernitscheff que commanda huma das van-guardas do exercito alliado do Norte da Germania fez com que hum destacamento inimigo de 800 cavallos, commandado pelo General de Divizaõ Fournier, fosse atacado a 25 do prezente junto de Elstrode, naõ longe de Eisenach. Arrojou-o para hum desfiladeiro, aonde huma grande parte destes homens foi feita em postas, e 300 ficáraõ prizioneiros.

Os Cossackos que entráraõ neste ataque naõ passavaõ de 200, ou 300 homens. Sabendo-se a 27, que huma parte da nova guarda Franceza tinha passado a noite em Fulda, o General Czernitscheff chamou a si o General Ilowaiski, o segundo, e destacou o Coronel Benkendo:f para Fulda.

Este official fez fugir o inimigo, tomou-lhe 500 prizioneiros, e destruio o armazem de graõ, que ali havia. Como parecesse que as novas guardas formavaõ a van-guarda do exercito Francez, O General Czernitscheff foi postar-se entre ellas e o exercito que as seguia, commandado pelo Imperador Nepoleaõ; e assim ficou esperando pelas colunas inimigas.

Assim que as vio apontar, no mesmo momento atacou a sua frente. Tres esquadroens da gens-d'armerie das guardas foraõ atacados, e forcados a retroceder para os corpos que os seguiaõ.

O General Czernitscheff dispersou a van-guarda do Imperador Napoleaõ, destruio-lhe os armazens com que ja contava para o seo exercito, e arruinou de todo as estradas.

O Tenente-General Conde Woronzoff na manham de 28 guarneceo Cassel com huma parte da sua van-guarda. Poucas horas depois o Conde de St. Priest entrou ali com hum corpo,

pertencente a o exercito da Silesia. O Conde Von Woronzoff toma hoje a mesma direcçaõ, e será seguido pelo General Baraõ Von Wintzengerode com todo o seo exercito.

O Rey de Westphalia, que ignorava os resultados da batalha de Leipsig, estava ainda mui tranquillo em Cassel a 24. Sem ter com sigo mais do que 4, ou 5,000 recrutas. Foi sò no dia seguinte 25, que elle foi informado dos dezastres de seo irmaõ; e a 26 se poz immediatamente em marcha pela estrada de Wetzlar para Coblentz.

O General Carra St. Cyr entrou novamente em Bremen: mas hé provavel que se naõ conserve ali por muito tempo.

O Marechal Principe de Eckmuhl ainda conservava a 26 a poziçaõ que havia tomado por detras do Steiknitz, mas ja se obsevavaõ alguns preparativos para lançar-lhe huma ponte junto de Zollenspecker. O que elle intenta fazer naõ he por hora exactamente conhecido. Pessoas, que se julgaõ bem informadas, asseveraõ que o Imperador Napoleaõ lhe dera ordens para se defender em Hambourgo athe a ultima extremidade, e impedir, por todo o tempo que podesse, que os Dinarmarquezes se declarassem contra a França.

Os Francezes naõ estaõ em muito boa armonia com os Dinarquezes; por que estes nada tanto dezejaõ como o fazer causa commum com os alliados, e com a maior impaciencia estaõ esperando pela declaraçaõ do seo Rey.

O exercito Saxonio, que se unio aos alliados, e recebeo o exercito do Norte debaixo das armas quando entrou em Leipsig, em poucos dias hira entrar em campanha, Os seos Generaes, officiaes e soldados, unanimamente ja estaõ anciozos de vingar-se de todos os insultos que tem recebido.

O Rei de Wirtemberg taõ bem ja se declarou pela boa cauza dos alliados. As suas tropas ja chegaraõ a Aschaffenburg, e estaõ em marcha para fazer a sua juncçaõ com as tropas Austriacas e Bavaras, commandadas pelo General Conde Wrede.

O Hanover vai a ficar em pouco tempo livre. A força e a justiça ja chegaraõ a tempo de poder destruir tudo o que a oppressaõ e huma força monstruoza tinhaõ fabricado.

No. XXVI.

Quartel-general de Hanover, 10 *de Novembro, de* 1813.

O Principe Real transferio o seu quartel-general para Hanover, tendo passado por Gottingen, Einibeck, e Ettzi.

O Imperador Napoleaõ repassou o Rheno em Mentz; deixou as estradas cubertas de mortos, e moribundos: estes tristes, e irrefragaveis testemunhos das suas derrotas tem mostrado aos

exercitos alliados a estrada que elles devem seguir; Hanau, em fim, veio a ser para Napoleaõ huma nova Beresyna. He somente ao heroismo de seus soldados, e aos talentos de seus Generaes que elle deveo a sua salvaçaõ. O general Czernitcheff, que constantemente formou a guarda avançada contra o exercito Francez durante a sua retirada para o Rheno, contribuio grandemente para o resultado da batalha de Hanau. Aquelle general cançou o inimigo durante todo o dia 30 de Outubro; e tendo sido informado no dia 31, que um corpo de 10,000 homens de cavallaria ia escoltando o Imperador Napoleaõ, resolveo atacallos com 5 regimentos de Cossacos, no que foi muito mais bem succedido do que esperava, porque por varias vezes rechaçou o inimigo, que foi obrigado a retirar-se debaixo do fogo dos seus canhoens, e tomou-lhe 400 prizioneiros. Este General desde Erfurt até os margens do Rheno foi incessantemente o precursor de Napoleaõ; humas vezes atacando a sua guarda avançada, outras vezes retardando-lhe a marcha, fazendo-lhe voar as pontes, cortando-lhe as estradas, ou entulhando-lhas. Estas operaçoens, que o Imperador Napoleaõ affecta considerar como hum indigno modo de fazer a guerra, por que ellas lhe saõ perniciosas, obrigaram o a entrar muitas vezes em combates, em os quaes o General Czernischeff tomou 400 prizioneiros, incluindo dous coroneis, e 30 outros officiaes. Este General de divisaõ tem obrado sempre como o corpo ligeiro do Norte da Alemanha, daquelle exercito que Napoleaõ encontrou em Gros Beuren, em Dennewitz, e em Leipzig. O Tenente-general conde Woronzoff louva altamente os tatentos do Tenente-coronel Chrapowitski, o qual encostando-se aos flancos do inimigo durante a sua retirada, féz 500 prizioneiros. A guarda avançada do General Baraõ Winzingerode, perseguio o corpo do General Rigaud, e outros destacamentos inimigos sobre o estrada de Wesel, e Dusseldorff. A Cidade de Munster foi occupada no dia 5 por tropas Russianas. Esta força do inimigo perdeo em sua retirada mais de 600 prizioneiros, dos quaes o Major Cziczewsky tomou 500. O General Tettenborn com os seus corpos reprimio a divisaõ do General Carra St. Cyr, e as tropas que vinham de Hollanda, as quaes dezejavam reoccupar Bremen. O Principe Real está muito satisfeito com a actividade daquelle General.

O Marshal Davoust ainda occupa a sua antiga posiçaõ sobre o Stecknitz, e ja naõ pode effeituar a sua retirada para França. O General Baraõ Winzingerode está a hum dia de marcha de Bremen, e ha de extender as suas tropas por todo o paiz de Oldenburg mesmo até as fronteiras de Hollanda, para onde elle ja mandou o Coronel Narishkin. O General Bulow está em Minden; ha de mandar hnm corpo para Munster, e a sua cavallaria está prompta para formar huma juncçaõ com a do

General Czernicheff sobre as margens do Rheno. O General Conde Woronzow está em marcha sobre Luneburg. Huma divisaõ do exercito Sueco, commandada pelo Tenente-general, o Baraõ de Sandels está em Brunswick; a divisaõ do Major-general de Posse, em Hanover, e a do Major-general de Boye, em Hildesheim. A cavallaria debaixo do commando do Tenente-general Skoildebrand, occupa as aldeas em roda de Hanover.

O exercito está recobrando-se das suas fadigas, e reparando o seu fardamento, e suas equipagens. A Regencia do Eleitorado de Hanover foi restabelecida, e o inimigo agora somente occupa sobre o baixo Elba, Harburg, Stade, e o pequeno forte de Hope; porem pode se presumir que naõ poderá defender-se muito tempo. Em Hanover, os habitantes de todas as classes tem dado provas do mais terno affecto para com o seu Soberano, e o mesmo em todas as outras partes do Electorado. O Principe Real, cuja fortuna foi tellos commandado em outro tempo como hum General do inimigo, tem recebido com sensibilidade os signaes de lembrança, e de reconhecimento que elles lhe tem dado pelo modo com que elle se comportou para com elles.

Os quarteis-generaes do Grande Exercito Alliado estavam no dia 5 em Frankfort. Assim os inauditos esforços que a F-ança fêz em 1813, tiveram os mesmos resultados que os de 1812. As legioens Francezas que faziam tremer o mundo, estam-se retirando, buscando a sua salvaçaõ para traz do Rheno, natural barreira da França, e que seria mesmo huma barreira de ferro; naõ tivesse Napoleaõ desejado subjugar todas as naçoens, e extorquir-lhes as suas terras.

Ainda que os limites parecem fixados pela natureza, o exercito Russiano aprezenta-se diante delles, porque Napoleaõ foi buscar os Russianos a Moscow, o exercito Prussiano apparece diante delles, porque em quebranto de sua fê jurada, Napoleaõ ainda possue as fortalezas daquelle Monarquia, o exercito Austriaco apparece defronte delles, porque a Austria tem insultos que vingar, e porque ella se lembra que despois da paz de Presburg, o titulo de Imperador de Alemanha foi arrancado ao seu Supremo Chefe; se os Suecos tambem lá estam, he porque no meio de huma profunda paz, e em violaçaõ dos mais solemnes tratados, Napoleaõ traidoramente surprenhendeo-os em Stralsund, e insultou-os em Stockholm. Os Alliados tem pezar das desgraças dos Francezes, lamentam as calamidades que a guerra traz com sigo, e longe de serem deslumbrados, como Napoleaõ, pelos successos com que a Divina Providencia tem favorecido as as suas armas, estam so ardentemente desejozos de paz. Todas naçoens suspiram por aquella dadiva do ceo, e até aqui so Napoleaõ se tem opposto á felicidade do mundo. Daqui vem que todos os Principes, ultimamente seus Alliados, se apressam

a abjurar os vinculos que os uniam com elle, mesmo aquelles cujos estados tinham sido ingrandecidos em consequencia de seu poder, ou de sua influencia, renunciam sua grandeza, e a sua apparente amizade.

No. XXVII.

Quartel General de Boitzenbourg, 30 de Novembro, de 1813.

O Principe Real sahio de Hanover no dia 16, e chegou a Bremen a 17, de manham: No dia 20, S. A. R. chegou a Celle, em 22 a Uelsten, em 23 a Lunebourg, e hontem aqui.

O exercito Sueco passou o Elbo. O Marshal Conde de Stedingk está em Boitzenbourg com o seo Estado-maior, e a primeira Brigada, as outras Brigadas Suecas estaõ nas vezinhanças. O Corpo de Lutzow passou o Elbo com o exercito Sueco.

A van-guarda do General Bulow, commandada pelo General Oppen, fez hum movimento sobre o Yssel, e está em Doerbourg desde 23. O General Bulow com o restante do seo exercito está nas margens do Rheno, e fronteiras da Holanda.

No ataque de Doerbourg huma grande parte da guarniçaõ foi feita em postas. A noite embaraçou que se podesse saber exactamente o numero dos prizioneiros; mas ao tempo de mandar a relaçaõ ja se contavaõ 200, entre os quaes o Commandante e mais 5 officiaes. A tomada de Doerbourg honra muito o General Oppen pelo acerto das suas disposiçoens, e pelo vigor do ataque.

Todo o Ducado d'Oest-Frise ja está limpo de inimigos. Em Embden, Aurich, e todo o resto do paiz as tropas Prussianas tem sido recebidas com grandes sinaes de allegria.

A fortaleza de Zutphen foi entrada pelos destacamentos dos Majores de Sandrat e de Muller. Trezentos homens ali foraõ aprizionados.

O General Baraõ de Wintzingerode tam o seo Quartel General em Bremen; e huma parte da Holanda ácha-se occupada pelos destacamentos do seo exercito. Assim que os habitantes de Amsterdaõ tiveraõ noticia da sua chegada, formáraõ huma Regencia, composta de homens, quasi todos bem conhecidos pela sua energia e patriotismo.

O paiz de Iever está occupado pelas tropas Russianas.

O Forte de Zoltcamp foi tomado por hum destacamento do corpo do Baraõ de Rosen. Acharaõ-se ali doze peças

de artilharia de differentes calibres. A guarniçaõ ficou prizioneira de guerra.

Outro destacamento Russiano tomou hum navio inimigo, em que estavaõ 50 officiaes de alfandega e soldados.

O Major Elswangen tomou posse de Zwoll, e fez prizioneiros dois officiaes, e muitos gens-d'armes.

Os Cossacos do coronel Narishkin entraraõ na cidade de Campen, aonde fizeraõ prisioneiros hum coronel, 5 officiaes, 25 gens-d'armes, e 80 soldados de infantaria.

As tropas do General Winzingerode taõ bem tomáraõ Groningue, a onde aprizionáraõ hum coronel, 38 officiaes, e 800 homens.

Groningue, e outras provincias tem enviado Deputados ao Quartel-general do Principe Real para serem auctorizadas a formar governos provizorios, dependentes do de Amsterdaõ; e se lhes concedeo o que pediaõ. A dignidade Stadhouderiana será indubitavelmente proclamada; eisaqui está o que ganhou Napoleaõ por haver reunido a França este paîz.

Muitas colunas de tropas ja passáraõ o Yssel na sua direcçaõ para Utrecht e Amsterdam. Iá se pode considerar a Holanda como livre, e todos os bons Francezes folgaõ com isto.

Os Fortes de Carlsbourg e de Blexen foraõ tomados por hum destacamento Russiano as ordens do coronel Riedinger, que ajudado por hum Brig Ingles, commandado pelo capitaõ Farquhar, tomou 30 peças de artilharia com 20 officiaes, 554 officiaes inferiores, e soldados.

A navegaçaõ do Wesser está livre.

Stade, forte pelo terreno alagadiço em que está situada està cidade, achava-se occupada por huma numerosa guarniçaõ. O commandante havia mandado abrir os diques a excepçaõ de hum só; e por esta inundaçaõ Stade parecia estar fundada no meio de hum mar. Com tudo, o conde de Strogonoff se rezolveo a ataca la. As tropas avançando com intrepidez debaixo do fogo cruzado da praça, e pelo só dique que havia, chegáraõ a huma ponte que o inimigo tinha destruido. Muitos officiaes e soldados, cegos pela seo muito valor e dezejos do assalto, precipitáraõ-se no fosso; aonde morrêraõ o Conde de Rostigniack, chefe do regimento de de Savatow, e o official, commandante da cabeça da coluna. A pezar deste exemplo foi ainda preciza toda a auctoridade do General para impedir que os soldados continuassem o ataque. A guarniçaõ temendo hum novo acommetimento evacuou de noite a cidade, e embarcou-se para Gluckstadt, aonde os Dianamarqueses a recolheraõ. O General Strogonoff entrou na mesma noite a cidade, aonde achou 3 peças de artilheria, a muitos doentes e feridos. A nossa perda

neste dia talvez seja de 200 homens; mas a do inimigo foi muito mais consideravel.

O Tenente General, conde de Woronzow, que depois de 22 tem o seo Quartel General em Winsen, está sitiando Harbourg.

A pezar da superioridade numerica das tropas inimigas que passaraõ o Elbo em Zollenspiecker, foraõ assim mesmo repelidas pelo Tenente Coronel Lowenstern, que faz parte do corpo do conde Woronzow; matou-lhes 100 homens, entre elles 2 officiaes, e fez mais de 40 prisioneiros.

O Tenente Jacobson do corpo do General Woronzow atacou com 100 cossacos, 2 esquadroens de caçadores á cavallo da guarniçaõ de Horneburg; e depois de lhes matar 20 homens, e fazer 30 prisioneiros, tomou posse da cidade.

Stettin capitulou. As condiçoens foraõ, que se entragaria prizioneira da guerra a 5 de Dezembro se athe esta epocha naõ fosse socorrida.

As tropas Allemans, que estavaõ em Magdebourg, tiveraõ faculdade de hir para suas cazas, debaixo da condiçaõ de naõ servirem sontra a França antes de hum anno. A guarniçaõ tem pouco que comer, e os soldados estaõ descontentes.

Morreo o General Narbonne, governador de Torgau. O General Dutaillis, que o ficou substituindo, e outros tres Generaes estaõ perigozamente doentes da epidemia que grassa na cidade, e que todos os dias leva muitas victimas.

O Marshal St. Cyr capitulou, e Dresda ja esta em poder dos alliados: assim a excepçaõ de algumas praças fortes, que se vaõ atacar, todos os paizes entre o Elbo e o Rheno ja estaõ livres do inimigo. Todos habitantes se armaõ, e bem depressa a Allemanha fará ver todo hum povo armado para proteger a sua independencia.

A cidade livre e anseatica de Bremen recuperou a sua antiga constituiçaõ. He de esperar que suas irmans, as cidades de Hamburgo e Lubeck, tenhaõ brevemente a mesma felicidade.

Pelas noticias mais recentes sabemos, que os desgraçados cidadaõs de Hamburgo vivem em huma silencioza desesperaçaõ. Os soldados ja naõ podem com a guerra, e so dezejaõ voltar para as suas familias. O Banco foi roubado: he hum delicto publico. Os principaes habitantes saõ violentados para trabalharem nas fortificaçoens; e este trabalho continua de noite e de dia. Foraõ cortadas todas as arvores de Willemsburg, e destruio-se a ponte que os Francezes tinhaõ construido entre esta ilha e Harbourg.

O exercito do Norte d'Alemanha, havendo tomado por nobre objecto dos seos esforços o co-operar para a paz geral, naõ podia

consentir que huma força inimiga estivesse acantonada sobre a linha da suas communicaçoens. Allemaens por origem e lingoagem, os habitantes do Holstein devem alegrar-se com a liberdade que ja respiraõ os seos compatriotas ; e devem ao mesmo tempo dezejar o ver-se longe de hum exercito, que só lhes pode cauzar infelicidades. Se o theatro da guerra se vai fazer no seo paiz, acuzem a politica do Governore Dinamarquez. Mas ainda tem tempo :—ainda o Rey de Dinamarca pode afastar este flagello de hum terreno, em que depois de muitas geraçoens habitaõ a paz e a felicidade. Abandonando huma cauza que hâ sido taõ funesta a sua propria dignidade, e aos interesses do seo povo, e a ceitando em fim as proposiçoens das potencias alliadas, o Rey de Dinamarca ainda pode desviar a tempestade que ameaça os seos Estados. A sua sorte prezente e futura dependem de resoluçaõ que tomar.

Pamplona capitulou. As tropas victoriosas do Marechal Wellington ja estaõ no territorio Francez; e hé por terem atacado os Hespanhoes no seio da paz, que os pacificos habitantes do Adour presencêiaõ hoje em suas terras hum exercito inimigo, e que o Imperador da Russia, o Imperador d'Austria, o Rey de Prussia, e seos formidaveis exercitos estaõ nas margens do Rheno. Hum unico fim dirige todas estas massas : a paz geral, fundada sobre limites naturaes, e que so lhe podem a fiançar a solidez. Nas longas calamidades, que tem affligido o continente, os instrumentos merecem tanta compaixaõ como as victimas ; e he por isto que os soberanos alliados tanto tem em vista a felicidade dos Francezes como a das suas proprias naçoens. A guerra so pode ter hum objecto honrozo : hé huma conquista, que só se pode dezejar, e que hé justa : hé a paz. Milhoens de vozes a pedem ao povo francez ; e sera possivel que fique surdo aos clamores da humanidade, da razaõ, e athe dos seos melhores interesses ?

Qual he o Francez, qual he o homem verdadeiramente Europeo quo naõ ficou profundamente mageado, lendo a resposta de Napoleaõ ao Senado ! O Presidente d'esta assemblea pede, em nome da França, a paz ao Imperador; e este soberano, que depois de dois annos tem sido testemunha da morte de 600 mil homens, responde friamente, e se contenta com dizer, que a posteridade conhecera que as circumstancias actuaes naõ foraõ superiores ao seo genio. Por esta forma, o Imperador Napoleaõ naõ quer a paz : mas como a Europa a dezeja, deve em fim preparar-se para a conquistar pelas armas. Esperâmos que os sentimentos dos Francezes venhaõ taõ bem a simpatizar ainda com os da Europa !

No. XXVIII.

Quartel-General de Lubeck, 6 *de Dezembro*, 1813.

O General Bulow com as suas tropas levou de assalto a fortaleza de Arnheim, huma praça de grande importancia para a defeza da Holanda. A sua guarniçaõ constava de 4,000 homens, e as suas obras estavaõ em muito bom estado, e pela maior parte bem guarnecidas. Nesta occaziaõ os Prussianos deraõ huma nova prova da galhardia que os caracteriza. A perda do General Bulow em mortos e feridos foi de 300 homens; a do inimigo deve ter sido muito mais consideravel. Tomaraõ se alem disto algumas centenas de prizioneiros.

O Major Marklay, com hum destacamento que faz parte da guarda avançada co General Winzengerode, entrou em Amsterdaõ a 24 de Novembro, entre as acclamaçoens dos habitantes. A poz elle marchava o General Benkendorff.

A 27 de Novembro, o General Gagarin, com 300 Cossacos desmontados, atacou a guarniçaõ de Deventer, que tinha feito huma sortida a fim de queimar ou a poderar-se de hum dos suberbios. E depois de hum renhido combate arrojou o inimigo athe a ponte; matou-lhe hum bom numero de gente, e tomou-lhe 60 prizioneiros.

Em 28 o Coronel Narischen occupava Amesfort, cuja guarniçaõ se retirou para Naardin.

Foraõ tomados os dois fortes de Cuxhaven, o Farö, e o Napoleaõ; e as guarniçoens ficaraõ prizioneiras de guerra.

Nos estâmos augmentando as fortificaçoens de Doesburg e Zuphen.

O General Winzingerode enviou ao Principe da Coroa as chaves de Utrecht, tomadas pelas tropas do Coronel Narischkin. O Principe Real as remeteo a o Imperador Alexandre,

O Conde Strogonoff esta encarregado do bloqueio de Harburg.

O exercito Sueco que chegou ao Stecknitz, com o corpo de Lutzow, occupava os pontos da boca daquelle rio nas vezinhanças de Buchen. Ja se tinhaõ feito todas as disposiçoens para atacar o inimigo a 2 do Corrente; e os Generaes Conde Woronzoff e Tettenborn ja tinhaõ recebido as ordens para atravessar o Elbo: o Marechal Principe d'Eckmul abandonou a sua posiçaõ de noite, e se retirou para tras do Bille. O Major Cederstrom, com hum corpo ligeiro, passava ao mesmo tempo o Elbo em Geschstad. As tropas atravessaraõ o Stecknitz, perseguiraõ a reta-guarda inimiga, e fizeraõ-lhe alguns prizioneiros.

A margem esquerda do Stecknitz a prezenta em certos pontos alturas e posiçoens que parecem inatacaveis. As bordas do rio que o inimigo occupava eraõ muito escabrozas, e o lado oposto he muito pantonozo. Os pontos accessiveis mostravaõ intrincheiarmentos formados com tal arte, etantas pallisadas e cavallos de friza, que por muitos dias poderiaõ ter demorado os progressos das tropas mais valentes e a gueridas do mundo.

O exercito fez por consequencia hum movimento sobre a sua direita; o General Woronzow avançou sobre Lanenburg, e o exercito Sueco sobre Mollen e Ratzeburg. No dia 3 marchou O General Woronzow sobre Schwarzenbeck, e tomou Bergedorf por assalto. A cavallaria fez alguns prizioneiros.

O General Tettenborn avançou sobre Amfeld, e fazendo a sua junçaõ com a cavallaria do Conde Woronzow, cortou as comunicaçoens entre Hamburgo e Lubeck.

No dia 4 o General Walmoden passou o Stecknitz, e reunio a maior parte das suas tropas em Klinwrade. A sua guarda avançada encontrou-se com o inimigo na aldea de Sievenbaum, e o desalojou d'ali, fazendo-lhe alguns prizioneiros.

O exercito Sueco marchou entre Wacknitz e o Stecknitz, adiantou os seos postos avançados athe a margem esquerda deste ultimo rio, e obrigou o inimigo a retirar-se.

O General Vegesack atravessou o Wacknitz em Grunan, e restabeleceo a ponte em Crumesen: tomou entaõ a esquerda do exercito Sueco. Hum forte destacamento de todas as armas, commandado pelo Tenente-Coronel Anckarsward, conservou-se entre o Wacknitz e o Trave para observar Lubeck daquella parte, e ajuntar os materiaes para a construcçaõ de huma ponte em frente de Schwartau.

Na manham de 5 o General Posse ordenou, que huma divizaõ da Brigada do General Schultzenheim atacasse a posiçaõ do inimigo sobre Landvehr; e depois de hum breve fogo de mosquetaria foraõ tomados os reductos, e restabelecida a ponte. Alguns homens ficaraõ mortos e feridos. O Baraõ de Malin, do primeiro regimento das guardas, e official mui distincto ficou morto neste ataque.

O General Vegesack passou o Stecknitz para se juntar ao Conde de Walmoden que devia avançar sobre Oldeslohe. Havendo-se determinado levar Lubeck por escalada, o Marechal Conde Stedingk ordenou que o exercito Sueco se pozesse em marcha. A huma legoa da cidade mandou-lhe fazer alto para esperar pelas escadas, e neste intervallo tentou algumas conferencias com o inimigo. Eraõ ja tres horas, e as escadas ainda naõ tinhaõ chegado: assim o conhecimento que elle tinha da fortaleza de Lubeck, e dos meios de defeza que podia ter hum homem inteligente e rezoluto, induziraõ o Marechal Stedingk a

naõ rejeitar as proposiçoens. O General Lallemand assignou com o Coronel Biornstierna, chefe do Estado maior do exercito Sueco, huma capitulaçaõ, pela qual se determinou, que o inimigo entregaria as cinco horas da tarde o posto de Mollen-Gate, as dés da noite evacuaria a cidade, e naõ seria perseguido athe o romper do dia da manham seguinte.

O inimigo tendo só que defender afrente de Mollen-Gate, coberta por duas ordens de fossos cheios de agoa, e outras obras avançadas, podia sempre retirar-se quando quizesse; por que naõ havia ponte sobre o Trave, e segundo o uniforme parecer dos Engenheiros naõ se podia lançar em menos de vinte e quatro horas.

As tropas entraraõ as des horas da noite na cidade.

O inimigo retirou-se por Segeberg. O General Walmoden marcha na mesma direcçaõ; e o General Skioldebrand começou esta manham as seis horas a perseguir o inimigo com a sua cavallaria. Alguns centos de prizioneiros ja se tinhaõ feito.

Os habitantes de Lubeck estaõ determinados a auxiliar efficasmente os esforços de hum exercito, que vem restituir-lhes o seo nome, os seos direitos, e a sua independencia: por consequencia estaõ taõ bem prontos a unir as suas armas as nossas. Esta brioza resoluçaõ he hum grande exemplo para os habitantes de Hamburgo.

Lubeck torna pois a reassumir a sua antiga denominaçaõ de cidade livre e Anseatica: a bandeira da civilizaçaõ e do comercio vai de novo tremolar em cima dos seos muros. Assim a justiça cedo ou tarde destroe os edificios formados pela violencia.

O Rei de Dinamarca deve ver nesta capitulaçaõ, concedida as suas tropas, que a porta da reconciliaçaõ com a Suecia ainda naõ esta absolutamente fechada. E para esta se fazer, basta que de ouvidos aos rogos dos seos vassallos, aos dezejos dos habitantes do Norte, e as generosas propostas da Suecia e dos seos alliados.

REFLEXOENS

Sobre hum Artigo da Gazeta de Leipzig, de 5 de Outubro, de 1813, relativo ao Principe Real de Suecia.

Leipzig, Outubro 1813.

PROLOGO.

Retardamos por alguns dias a impressaõ das seguintes reflexoens, porque o auctor achava sua graça em publica-las naquella mesma cidade em que Bonaparte havia mandado espalhar as suas calumnias. Pelos gloriosos successos de 16, 18, e 19 de Outubro, Leipzig ja está em poder dos alliados, e as imprensas athe agora condemnadas a servidaõ, taõbem ja podem annunciar as verdades proscriptas pelo despotismo. Como Bonaparte athe agora tem querido que a sua fortuna fosse considerada como huma prova incontestavel dos seos direitos, e como naõ conhecia outros senaõ os da força, o melhor modo de lhe responder he com victorias. O Principe Real da Suecia acaba de lhe dar esta resposta, e estamos persuadidos que lhas continuará a dar desta natureza. Ja elle expôs á face da Europa os principios que o dirigem; e gozando da estimaçaõ e confiança dos soberanos seos alliados, e do amor e admiraçaõ dos povos, occupa hum lugar mui superior á todas estas invectivas. Assim qualquer refutaçaõ á seo respeito he desnecessaria. Com tudo os sentimentos individuaes querem absolutamente manifestar-se; e o auctor destas reflexoens pode certificar aos seos leitores, que a indignaçaõ só lhe fez pegar na penna. Isto supposto, se estas paginas chegarem ao conhecimento do Principe Real da Suecia, o auctor taõbem espera, que o Principe lhe desculpará seo zelo, talvez considerado como indiscreto.

Quem ler hum artigo da *Gazeta de Leipzig* de 5 de Outubro, relativo ao Principe Real da Suecia, de necessidade hesitará em decidir o que alî mais eminentemente predomina: se o desafôro ou a perversidade: se o orgulho insensato da tirania, ou a raiva da desesperaçaõ.

Huma tal combinaçaõ de calumnias e de injurias vulgares naõ pode deixar de aborrecer a toda a alma bem nascida.

Com tudo he precizo vencer esta aversaõ para por alguns momentos fallar dellas: a origem desta peça, os motivos que a inspiráraõ, e a mesma occaziaõ que se escolheo para publica-la, daõ-lhe huma celebridade mui notavel. Qualquer que tenha sido o Redactor, só Bonaparte podia dictar este artigo: só por sua ordem positiva podia ser impresso: devemos por consequencia considera-lo como official.

Bonaparte he ja bem conhecido como escriptor, e por isso ninguem se pode enganar com o seo estilo. Naõ he com a penna que elle escreve contra os seos inimigos, isto he, contra todo o homem que tem honra, e que se o poem ás suas vontades. Huma penna, molhada em fel, ainda naõ dis bem qual he o instrumento que elle emprega. He com o cutello do algos que elle parece dar os primeiros traços ás palavras violentas e mal formadas dos seos decretos sanguinarios.

Se ainda podesse haver alguma duvida sobre o verdadeiro auctor deste libello, a reflexaõ seguinte bastaria para tira-la. Há dois annos que as gazetas Francezas, e todas ás outras que estaõ debaixo da influencia do governo Francez, tem guardado hum silencio absoluto sobre quanto dis respeito ás relaçoens entre a Suecia e a França. Podemos com effeito admirar todos os rodeios ingenhosos que os vossos Jornalistas tem feito para fugir desta questaõ, que segundo a serie dos successos parecia naõ poder deixar de ser tratada, ou discutida. No vosso Monitor nem huma palavra articulastes sobre a entrevista d'Abo, sobre os tratados entre a Suecia, a Russia e Inglaterra, sobre a chegada do Principe Real da Suecia á Alemanha á frente de hum bello exercito Scandinavo, sobre as conferencias de Trachenberg, e sobre o enthusiasmo com que este Principe foi recebido na sua passagem pelos povos d'Alemanha. O vosso segredo sobre o verdadeiro estado das couzas havia chegado á tal ponto, que os officiaes Francezes, immediatamente conduzidos, depois de findo o armisticio, como prizioneiros de guerra ao campo do exercito combinado do Norte d'Alemanha, ficaraõ surprehendidos de ver os soldados Suecos; pois que ainda ignoravaõ a guerra da França com a Suecia. Eu louvo a vossa prudencia; por que sabieis a impressaõ profunda que nos coraçoens verdadeiramente Francezes faria o nome do Principe Real da Suecia, e que elle excitaria recordaçoens perigozas para vós, recordaçoens de liberdade e de gloria. De repente deixaes toda a rezerva, e naõ he para fazer hum manifesto contra a Suecia; para justificar os impedimentos injustos que tendes querido por ao seo commercio; e para justificar a captura dos seos navios, a invasaõ da Pomerania, e mil outras hostilidades que tinheis

cometido contra ella: he para vomitar injurias contra o successor do throno, eleito pelos votos unanimes de huma naçaõ livre; e contra o chefe do exercito Sueco e dos corpos numerozos, que as potencias alliadas tem confiado ao seo genio militar. Mas que momento naõ escolhestes para por de parte todas as consideraçoens de decencia? Se quereis que as vossas calumnias façaõ fructo, empregai-as quando os vossos adversarios tiverem revezes: os homens naturalmente condemnaõ os infelizes, ainda mesmo naquellas emprezas justas e generozas. O Principe Real da Suecia está porem á frente de hum exercito victorioso: por duas vezes os vossos ataques sobre Berlin tem sido malogrados; e por duas vezes os vossos exercitos tem sido batidos e dispersos por elle. Ja passou o Elbo, e ja se avança para a Alemanha conjunctamente com os alliados da Suecia, vendo voar diante de si todos os coraçoens, e huma multidaõ de bravos, que se vem alistar debaixo das suas bandeiras. He possivel que naõ tivesseis pois no vosso conselho huma unica pessoa, que ouzasse dizer-vos, que em taes circunstancias esta vossa indiscriçaõ mostrava só os effeitos da vossa raiva impotente, e que o vosso adversario ganharia ainda mais em gloria pelo vaõ esforço que fazieis por manchar a sua reputaçaõ? Naõ espereis provocar da sua parte huma resposta igual: he bastante a confiança que tem na justiça da sua cauza, na lealdade dos seos alliados, e no valor das tropas que commanda, e naõ há de aviltar-se a esgremir com armas taes.

O gazeteiro Imperial, ou o Imperador Jornalista, affirma com huma rara impudencia, que o Principe Real da Suecia depois de algum tempo poem o seo nome em escriptos, que merecem ser qualificados como libellos, e que emprega escriptores mercenarios para os fazer. Em primeiro lugar, o Principe Real naõ preciza de servir-se da penna de ninguem. Sabe manejar taõbem a penna como a espada; e tanto com huma como outra vos descarrega os golpes mais funestos. O seo estilo he taõ difficil de contra fazer, como o vosso o he de disfarçar-se. As suas palavras pintaõ sempre o caracter da sua alma; e tudo nelle he franco, leal, e magnanimo. Desde que a Suecia entrou na coaliçaõ, apenas há hum pequeno numero de peças impressas sobre os negocios geraes da Europa, que tenhaõ a sua assignatura. As duas cartas ao Imperador Napoleaõ, inseridas no *Relatorio do ministro dos negocios estrangeiros sobre as relaçoens entre a Suecia e a França*; a Proclamaçaõ ao exercito Sueco que defende as fronteiras; a que foi dirigida ao exercito combinado do Norte d'Alemanha, e a outra aos Saxonios; em fim a carta ao Imperador Napoleaõ em 23 de

Março de 1813; eis aqui, segundo penso, os unicos escriptos, autenticamente publicados com o nome de S. A. R. Em vez de os indicar vagamente reimprimi-os pois no Monitor, acompanhai-os de notas, e vede entaõ se os vossos leitores chegaõ a persuadir-se de que saõ libellos. Mas ah! vos naõ vos atrevereis a fazer isto! Particularmente na *Carta de 23 de Março* há com que fulminar todos os prestigios que rodeiaõ Bonaparte. Este escripto faz epocha nos annaes da diplomacia. Saõ grandes verdades ditas por hum modo grande, e magestozo. Huma eloquencia nervoza, que penetra o Coraçaõ, acompanha toda aquella moderaçaõ, tranquilidade, e observancia de todas as decencias, de que athe agora os Soberanos da Europa civilizada nunca se haviaõ afastado em seos escriptos, antes de apparecer hum Imperador anarquista, que foi o primeiro em prostituir a dignidade do throno, quebrando todas as barreiras, e largando as rédeas á huma perversidade atroz debaixo das formas mais ignobêis.

He inutil o apontar aqui todos os libellos que Bonaparte tem escripto ou mandado escrever contra os Soberanos da Europa. Chegou mesmo a insultar o modello de todas as graças sobre o throno. Estes horrores estaõ estampados no Monitor e em outros Jornaes de Pariz; porque como ninguem em França ouza hoje manifestar huma opiniaõ independente sobre os negocios publicos, pode-se affoitamente dizer, que todas as couzas atrevidas neste genero saõ dictadas pelo governo: e o governo he Bonaparte.

He notorio que elle, naõ somente sendo Consul, mas ainda depois que se intitula Imperador, tomou a seo Soldo Barrere, seo antigo amigo, e o Orador de Robespierre, para lhe fazer os artigos dos jornaes, e as brochuras politicas.

He pois isto quanto basta para que os nossos leitares imparciaes e instruidos fiquem em estado de comparar os escriptos publicos do Principe Real da Suecia com os de Bonaparte, se todavia a palavra comparaçaõ se pode applicar á couzas taõ opostas, como o dia o he a noite.

Mas em fim os escriptos naõ passaõ de palavras. Se alguem fizesse huma escolha escrupuloza entre as fallas, os discursos, os manifestos e os bulletins de Bonaparte, omittindo cuidadozamente todas as passagens em que o segredo da sua alma se rompeo, ainda poderia dar huma idea bastante vantajoza da sua pessoa aquem de novo viesse ao mundo, e de todo ignorasse estes factos: porque este homem he consumado na hipocrizia, em quanto as suas paixoens naõ o transtornaõ. Naõ ha nome algum sagrado, principiando pelo de Deos e da Providencia, que elle naõ tenha

profanado, fazendo-o servir para os seos designios; naõ há sentimento nobre, de que naõ tenha feito alarde; e naõ há esperança alguma, que mais conçole a humanidade, de que elle naõ tenha escarnecido. As acçoens saõ a pedra de toque dos caractéres, e as de Bonaparte naõ precisaõ commentarios. Porem como o auctor do artigo, depois de ter diffamado o Principe Real da Suecia, ataca a sua carreira publica, e mesmo a sua vida particular, continuemos o parallello, e debuxemos com algumas pinceladas rapidas estes dois retratos, taõ fortemente contrastados.

O Principe Real da Suecia atravessou os tempos mais tempestuosos da revoluçaõ com huma reputaçaõ sem mancha. Tanto se mostrou sempre estranho á todas as facçoens, como determinado a dar sua vida pela defeza dos eo paiz. Declarou-se logo o amigo da liberdade dos povos, e ainda hoje conserva as mesmas opinioens. A liberdade bem entendida naõ he senaõ a garantia dos direitos de cada individuo, e todo o homem esclarecido deve por consequencia naturalmente ama-la. Há com tudo hum grande merecimento em estima la, quando se chegou a ordem de Soberano; porque entaõ o direito, que tem as naçoens de serem consultadas sobre os seos proprios interesses, pode parecer hum obstaculo incomodo ao mesmo exercicio de huma auctoridade bem fazeja.

Quando a primeira effervescencia da revoluçaõ estava extincta, quando a França se achava fatigada com os horrores do fanatismo demagogico, com as perturbaçoens civis, e com as desordens d'anarquia, veio Bonaparte apoderar-se do poder. Naõ se pedia entaõ senaõ a paz externa, o socego do interior, e o restabelecimento da ordem social: nenhuma outra idea occupava os Francezes. Viraõ-se em fim na fatal necessidade de experimentarem o que he huma auctoridade sem limites, dada a hum homem, sem moral e sem religiaõ, para os fazer suspirar por essa mesma liberdade, de que huma falsa imagem os tinha allucinado, mas que nem por isso deixa de ser o bem mais real, á que huma naçaõ possa aspirar.

O Principe Real naõ achou neste tempo a sua naçaõ disposta para adoptar huma milhor ordem de couzas. Huma constituiçaõ, sabiamente delineada, naõ se pode ter sem que geralmente todos conheçaõ a sua necessidade. O Principe Real naõ se opoz ao uzurpador, mas naõ occultou seos sentimentos. Bonaparte o temia, e naõ poupava couza alguma para destruir a sua oposiçaõ, e embaraçar que os verdadeiros amigos da patria naõ o tomassem por seo chefe.

Em huma dessas ceremonias, que Bonaparte inventou

para habituar os Francezes ás novas formas monarquicas, dice elle com satisfaçaõ ao General Bernadotte: "Tudo torna a entrar na antiga ordem."—" Sim, Cidadaõ Consul, respondeo este, tudo volta á antiga ordem; e só falta hum milhaõ de Francezes, que morreo pela liberdade."

Quando Bonaparte imaginou restabelecer em França os antigos titulos, e as antigas dignidades para illudir o povo sobre a verdadeira natureza do seo governo, todas as honràs, que conferio ao Principe Real da Suecia, foraõ simplesmente o pagamento de huma divida ao seo merecimento, porque naõ poderia ficar esquecido sem excitar o descontentamento em todo o exercito. Alem disto, a Constituiçaõ que nomeava Bonaparte Primeiro Consul, lhe impunha a expressa obrigaçaõ de pagar a divida de reconhecimento, contractada pelo Estado a favor dos Generaes que o tinhaõ defendido. Nesta formaçaõ nova de altas dignidades, as que foraõ destinadas para os capitaens victoriosos eraõ as unicas que podiaõ ter hum principio de realidade. Em quasi todos os paizes as brilhantes acçoens militares tem sido a origem primitiva da nobreza. Os Generaes Francezes foraõ recompensados por haverem servido a França, e os outros o foraõ por se haverem tornado em instrumentos doceis das vontades de Bonaparte.

O Marechal Principe de Pontecorvo continuou a servir a França nas guerras subsequentes. Mas ainda que esta guerra de vinte annos tenha por muitas vezes mostrado o caracter de huma barbara violencia, caracter que ja parecia ter perdido para sempre na Europa, este illustre guerreiro sempre lhe soube adoçar os males pela influencia do seo caracter pessoal.—Os seos cuidados em manter a disciplina; a arte que elle possue de animar os seos soldados unicamente pelo motivo desinteressado da honra; as suas contemplaçoens á favor dos paizes que foraõ o theatro da guerra; a sua compaixaõ pelos infelizes, e o seo delicado procedimento com os prisioneiros de guerra, podem ser e tem sido attestados por todos aquelles contra quem elle combateo.

Os homens, á quem a natureza destinou por grandes faculdades, por huma actividade rapida e infatigavel, e por hum golpe de vista firme e penetrante, para governar os povos, precizaõ mover-se em huma vasta sphera de acçaõ. O Principe Real naõ se limitou pois ao circulo estreito da vida privada, quando Bonaparte passou a ser o denominador absoluto da França: continuou a desenvolver os seos talentos, e a estudar profundamente a arte militar em todas as guerras, para que nunca concorreo, mas antes desapprovava; e assim nunca perdeo taobem o habito de dirigir as grandes massas de homens. Parecia ja presentir entaõ que huma

epocha viria, em que podesse empregar todos estes meios de hum modo conforme aos intimos dezejos do seo coraçaõ. Esta torrente de successos, que a França só deveo na sua origem á huma forte impulsaõ nacional, e sobre aqual pelo tempo adiante só Napoleaõ pareceo ter a primazia, continuava sempre as suas inundaçoens: mas a sua violencia devia acabar pelos seos mesmos estragos, ainda antes de se lhe poder opor huma barreira efficaz. Já nesse tempo se podia prever, que a epocha de huma reacçaõ universal havia de vir, e que esta torrente devastadora voltaria aos seos limites naturaes. A ordem do mundo civilizado estava transtornada, e era de prever que naõ seria restabelecida senaõ com a ponta da espada. A França tem feito na realidade hum grande mal a Europa, ao principio pelas suas agitaçoens contagiosas, e depois pela sua facil submissaõ á hum despota cruel; mas do mesmo seio da França devia sahir hum reparador de huma parte destes males; hum heroe amigo da humanidade.

Vós naõ tendes pejo de affirmar que o Principe Real da Suecia cometteo violencias no paiz de Hanover, quando ali commandou hum exercito Francez. Huma só palavra basta para desmentir huma calumnia taõ infame. Os Hanoverianos adoraõ o Principe Real, foraõ-lhe sinceramente agradecidos, e tiveraõ o maior sentimento, quando outros chefes o foraõ substituir. Agora mesmo estes povos se levantaõ contra vosso irmaõ para se lançarem nos braços deste Principe que elles vêem chegar como seo libertador; e o Principe Regente d'Inglaterra acaba de por debaixo das suas ordens as tropas Inglezas e Hanoverianas, destinadas para co-operar para a liberdade d'Alemanha, e defeza do Eleitorado de Hanover.

Vós quereis ostentar-nos hum grande merecimento por naõ ter impedido a partida do Principe Real para a Suecia, quando foi chamado para a successaõ do throno. Tendes razaõ: depois de havereis uzurpado a existencia inteira de tantos milhoens de Francezes, a quem naõ deixaes obrar, escrever, fallar, pensar, ou respirar livremente, podieis ainda levar athe este ponto as vossas pertençoens: sim podieis ainda muito bem fazer esta violencia, irmam de outras vossas violencias inauditas. E porque naõ vos gloriaes taobem de naõ ter mandado assassinar o Principe Real quando estava para partir? Sabe-se muito bem que pertendestes fazer morrer Moreau, mas que vos faltou a ouzadia. Talvez pensastes que seria menos perigozo ter hum antagonista fóra da França do que dentro della, aonde poderieis ter levado ao ultimo ponto de desesperaçaõ hum homem energico. O auctor do artigo dá a entender que o Principe de Pontecorvo

deveo a licença de sahir de França aos laços de familia que tinha com Bonaparte. Na verdade, he bem patente todo o cazo que Bonaparte faz de todos estes laços de familia, pois que he elle mesmo quem forçou hum de seos irmaons, a quem era mais obrigado, a desterrar-se voluntariamente; e he elle mesmo quem desthronizou e desterrou outro irmaõ, por querer fazer a felicidade do povo que governava. Com tudo estes laços de familia, de que falla o auctor do artigo, tem sido muito uteis á Bonaparte na sua volta do Egipto; porque embaraçáraõ que o General Bernadotte empregasse á sua influencia para que fosse sentenciado e punido exemplarmente como merecia.

Acuzaes o Principe Real por ter adoptado o culto geralmente introduzido na Suecia depois de quasi tres seculos. He de esperar, que o tempo das dissençoens religiozas esteja de todo acabado, e que as differentes comunhoens Christans venhaõ á congraçar-se, pois que todas tem por baze as grandes verdades reveladas. Mas na Suecia assim como em Inglaterra os esforços de muitos Principes para restabelecer o antigo culto tem cáuzado perturbaçoens civiz. He logo natural, que estas naçoens considerem os principios da reforma, relativos á Igreja e ao Estado, como huma garantia das suas liberdades constitucionaes. Que accesso porem indiscreto de hypocrizia vos induzio a tocar nesta corda? Com effeito, deveis edificar grandemente com isto os catholicos zelozos! Como saõ as couzas? He Bonaparte quem se escandaliza; elle que foi hum renegado no Egipto; o impostor que quiz passar por hum Profeta de Mahomet; o mesmo homem, que voltando á França, ostentou hum grande zelo pelo restabelecimento do catholicismo; que forçou o Soberano Pontifice, na esperança de dar a paz a Igreja, a sanccionar a sua elevaçaõ ao throno com as suas bençaons; que em premio deste beneficio despojou este veneravel velho de todos os seos Estados, o arrastrou ao captiveiro, aonde ainda hoje geme, e tem acabrunhado com perseguiçoens crueis todos os membros do clero que se conservaõ fieis ao seo chefe espiritual; e que foi escomungado, e que o está ainda hoje, porque a nova concordata, que elle ouzou publicar, naõ he senaõ huma nova impostura. Bonaparte tem successivamente lizongeado os Mahometanos, os Catholicos, os Protestantes, os Judeos, e athe os mesmos filosofos, proclamando a tolerancia universal; enganou-os á todos, e quaesquer que sejaõ as opinioens religiosas dos homens, todos devem ser unanimes em aborrecer hum homem, para quem a religiaõ nunca foi outra couza mais do que huma mascara de hypocrizia, e huma maquina da sua politica infernal.

A accuzaçaõ de haver espoliado a França da ilha de Guadaloupe naõ pertence só ao Principe Real, deve ser taobem contra o Governo Sueco. He verdade que segundo o antigo direito das gentes, estabelecido na Europa, naõ se dispunha de huma provincia conquistada em favor de huma terceira potencia, antes que esta provincia fosse cedida pelo seo primeiro possuidor na concluzaõ da paz. Porem Bonaparte tem transtornado este direito respeitavel; incorporou á França huma quantidade de provincias que nunca lhe foraõ cedidas pelos seos Soberanos legitimos; e por esta mesma forma compos o reino da Westphalia. As suas reclamaçoens vem pois a ser nullas pela sua mesma pratica, e a Inglaterra naõ fez mais do que uzar de mui moderadas represalias. Por outra parte a Suecia devia approveitar esta occaziaõ para retorquir com o mesmo á Bonaparte: elle invadio-lhe a Pomerania; a Suecia toma posse da Guadaloupe. E se por fim na paz geral esta potencia consentir na restituiçaõ da Guadaloupe, por meio de algum equivalente, sempre isto será considerado como hum obsequio feito á França de concerto com o governo Inglez. Aceitando a Guadaloupe, a Suecia quis provar ao universo, que ella naõ temia Bonaparte. Com muita anticipaçaõ ja tinha previsto a quéda do seo poder colossal, mas facticio. Alem disto, que vem a ser a Guadaloupe em comparaçaõ de tantas colonias importantes, que tem perdido a França depois do rompimento da paz de Amiens? He Bonaparte só que lhe tem cauzado estas perdas pela sua obstinaçáõ insensata em fazer a guerra á Gram-Bretanha. Naõ há Francez algum esclarecido que ignore, que a unica esperança que pode ainda ter a França de recobrar as suas colonias, somente está fundada na retrogradaçaõ do seo governo para principios justos e moderados na Europa; para principios que Bonaparte nunca adoptará de boa fé.

Com effeito mostraes bem pouca esperteza em acuzar o Principe Real de se haver manifestado tao bom Sueco nesta circunstancia. Este Principe identificou-se completamente com a naçaõ que o chamou para succeder no throno. Os interesses da Suecia saõ o seo primeiro pensamento; todos os seos outros dezejos dirigem-se ao bom successo dos alliados, e a humanidade em geral. Fazendo entrar a Suecia na cauza Europea, todos os seos cuidados tem por fim, que a tranquillidade e a independencia da peninsula Scandinava fiquem seguras sobre bazes firmissimas. Os Suecos ja consideraõ com orgulho a renovaçaõ dos seos antigos tempos debaixo dos auspicios de hum Principe, grande capitaõ, e o herdeiro dos sentimentos do Grande Gustavo-Adolpho; e ja taobem entraõ a marchar com toda

a segurança pelos passos dos seos antepassados, taõ illustres na historia.

Hé debalde que vós trabalhaes por fazer odiozo o Principe Real aos olhos dos Francezes. Naõ há Frances que se possa enganar nem sobre o verdadeiro auctor dos seos males, nem sobre o objecto que só merece o seo odio: sim, he so aquelle, que tem accumulado sobre as suas cabeças innocentes a execraçaõ e a vingança de todas as naçoens. E quem hé que poderia fazer a exacta enumeraçaõ de todos esses crimes pelos quaes chegou ao cume do poder, e nelle se tem conservado? Bonaparte, natural da Corsega, foi educado em huma escolha militar de França pela generozidade do desgraçado Luis XVI.; e ao sahir della logo se declarou por hum furiozo Jacobino. O seo primeiro ensaio para ganhar celebridade foi a compoziçaõ de huma brochura, escripta no estillo o mais revolucionario, á qual denominou a *Cêa de Avinhaõ*.—Depois do 9 Thermidor foi accuzado, prêzo, e demitido de official por ser hum dos satelites de Robespierre. Começou entaõ a cortejar todas as facçoens athe que chegou a domina las: innundou as ruas de Pariz do sangue dos seos concidadaons, que reclamavaõ hum direito constitucional: passou a hir sacrificar aos seos projectos quimericos hum bello exercito no Egypto: mandou assassinar os prizioneiros Turcos, ao mesmo tempo que fazia envenenar os seos proprios doentes; e por fim nas circumstancias mais criticas desertou do seo exercito. Chegado que foi á Europa emprehendeo à frente dos seos satelites dissolver a reprezentaçaõ nacional, e naõ o teria conseguido, se a energia e a prezença de espirito de seo irmaõ o naõ tivessem salvado. Dominador absoluto, mandou estrangular Pichegru em huma masmôrra por maõ dos seos Mamelucos; proscreveo Moreau; mandou agarrar em hum paiz estrangeiro o descendente do Grand-Condé; e o fez morrer no suplicio. O reino do terror foi entaõ restabelecido em França: em vez de huma Bastilha, que os Francezes tinhaõ demolido, elle erigio oito: todas as prizoens se encheraõ de criminozos de Estado; e suspeitozo como Tiberio, e cruel como Nero, creou em França hum systema de universal espionagem, que occupa quasi todo o tempo dos publicos administradores. Todas as ideas liberaes foraõ proscriptas; todas as vozes independentes tiveraõ ordem de emudecer; e o silencio da morte se estendeo entaõ, e se estende ainda hoje sobre todo esse bello paiz, habitado por huma das naçoens as mais esclarecidas e espirituozas da Europa: Sô a lizonja tem licença de fallar, e por hum monstruozo apparato de mentiras procura ocultar todos estes horrores. A sua administraçaõ interior tem arruinado a

prosperidade da França, e o seo procedimento para com as outras naçoens naõ he senaõ huma têa de perfidias atrozes. Nas guerras, que a sua frenetica ambiçaõ tem suscitado depois de dez annos, todos os antigos defensores da patria tem successivamente perecido; e a mocidade da França, extorquida aos trabalhos pacificos, vai tendo a mesma cruel sorte. Se as brilhantes victorias alcançadas pela bizarria franceza poderaõ por alguns annos produzir hum prestigio, este prestigio ja la vai. Bonaparte fatigou a sua fortuna á força de abusar della: agora só experimenta revezes, porque o seo unico merecimento era a sua extraordinaria fortuna. Naõ tem alliado algum fiel; e ja todos aspiraõ a sacudir este jugo de vassallagem que imperiozas circumstancias lhes tinhaõ imposto, e que elle decorava com o nome de allianças. He verdade que ainda tem alguns satelites, que o temor da sua propria segurança obriga a ligar com elle; mas naõ tem hum só amigo em todo o universo. Já está chegado o momento em que este homem, que por vias tenebrozas conseguio meter debaixo dos pés o genero humano, vai tornar-se ao seo primeiro nada. Debalde pertende elle confundir o seo nome e os seos interesses com os da França: mas que outras ligaçoens a sua pessoa tem com ella, alem da usurpaçaõ e da tyrania com que athe agora a governou? Os alliados ja altamente o tem declarado: naõ fazem a guerra á naçaõ Franceza; he taõ somente á Bonaparte. Entre os muitos millioens de homens, que elle chama seos vassallos, separa-se o tyrano; e proclama-se hum geral esquecimento do passado para todos os que o tem servido, com tanto que o deixem, e que peguem em armas contra elle. Sim, elle só está irrevogavelmente banido por toda a humanidade.

Nunca senado taõ augusto presidio aos destinos da Europa, como aquelle que hoje formaõ os Soberanos alliados. E pode ainda haver duvida de que o Principe Real da Suecia naõ levantaria a voz neste Senado em favor da sua patria, se ali se tratasse de desmembrar ou subjugar a França? Porem a França pode obter huma paz muito honroza, assim que ella se resolver á por hum termo aos abuzos do poder do seo despota.

Os alliados só querem restabelecer a tranquilidade e a independencia do mundo civilizado. O Principe Real da Suecia estima a França, e nunca deixou de querer a sua felicidade. Hé só Bonaparte que se opoem, porque naõ tem o sangue nem o coraçaõ de hum Francez. Nobremente, e a maneira dos antigos cavalleiros, o Principe Real ja lhe atirou com a sua luvá: que o seo adversario a levante pois,

se o ouza; e venha terminar esta grande lucta por hum combate particular; o rezultado naõ será duvidozo. Ja me parece ver marchar para o combate o Principe Real com o seo rosto sereno, e esse ar taõ franco e taõ nobre, que faz lembrar a imagem dos Du-Gueselin e dos Bayard, tendo em frente o seo adversario, todo inchado de orgulho, mas coberto de maldiçoens, e com o semblante ja marcado com todos os sinaes da vingança celeste. Já cuido ver as sombras dos heroicos Reys da Suecia aparecerem sobre as nuvens para serem testemunhas d'este—*Juizo de Deos;* e me figuro ver Gustavo Adolpho lançar huns olhos de indignaçaõ contra aquelle, que profanou a batalha de Lutzen, dizendo, que segunda vez fora dada pela liberdade d'Allemanha. Os povos espectadores aplaudiriaõ sem duvida a empreza do seo generozo defensor, e lhe presagiariaõ a victoria. O monstro ficaria aniquilado, e pelo mundo todo resoariaõ os gritos de alegria.

Tratado de Amizade e Alliança defensiva entre as Cortes de Berlin e Petersburgo, concluido em Toplitz, a 28 de Agosto de 1813.

EM NOME DA SANCTISSIMA E INDIVIDUA TRINDADE.

S. M. o Rey de Prussia, e S. M. o Imperador de todas as Russias, dezejando estender os effeitos da sua alliança athe o tempo em que, depois de haverem completamente conseguido o objecto da prezente guerra, os seos reciprocos interesses devem tender á conservaçaõ daquella ordem de couzas, que o feliz exito desta guerra ha de produzir; tem mutuamente concordado em estreitar muito mais os laços de uniaõ e amisade, que ja taõ felizmente existem entre suas Magestades, por effeito de convençoens que sejaõ em tudo conformes com aquellas que ja cada huma tem feito separadamente com S. M. o Imperador d'Austria.

Por este motivo Suas Magestades, querendo esitpular artigos adicionaes ao tratado de alliança, concluido em Kalisch aos 28 de Fevereiro passado, tem nomeado por seos Plenipotenciarios com as instrucçoens sufficientes—S. M. El Rey de Prussia, á Carlos Augusto Baraõ de Hardenberg, seo Chanceller de Estado, Cavalleiro das Ordens da Aguia negra e Aguia vermelha da Russia, da Cruz de Ferro da Ordem de S. Joaõ, de Santo Andrè, de Santo Alexandre Newski e de Sancta Anna da Russia, e muitas outras ordens.

E S. M. o Imperador de todas as Russias, á Roberto Conde de Nesselrode, seo concelheiro privado, actual Camarista e Secretario de Estado, cavalleiro da ordem de S. Wladimiro, da 3 classe, e da ordem da Aguia vermelha da Prussia ; os quaes, depois de haverem trocado os seos plenos poderes, que se acharaõ regulares, convieraõ nos artigos seguintes :

Artigo 1. S. M. El Rey de Prussia garante a S. M. o Imperador de todas as Russias a posse de todos os seos Estados, provincias, e dominios. Da sua parte S. M. o Imperador de todas as Rusaias garante a S. M. El Rey de Prussia a posse dos estados, provincias e dominios que pertencem á coroa de S. Magestade.

2. Em consequencia desta garantia reciproca, as Altas Partes Contractantes obraraõ constantemente de accordo, e tomaraõ aquellas medidas que mais proprias lhes parecerem para a conservaçaõ da paz na Europa; e no cazo que os estados de huma das duas Potencias seja ameaçada com huma invazaõ; ellas se lhe opporaõ da maneira a mais efficaz.

3. Se a mediaçaõ que ellas mutuamente promettem a este respeito, naõ tiver o dezejado successo, Suas Magestades reciprocamente se empenhaõ desde este momento, no cazo que huma, ou outra seja atacada, a pôr á dispoziçaõ da outra hum corpo de 60,000 homens.

4. Esse exercito será composto de 50,000 de infanteria, e 10,000 de cavallaria, de hum corpo de artilharia de campanha com as muniçoens, e o mais necessario e n'huma justa proporçaõ ao numero de homens acima estipulado. Este exercito auxiliar devera apparecer, dois mezes o mais tardar depois que for requerido, nas fronteiras da Potencia, cujos Estados forem atacados, ou ameaçados de ser invadidos.

5. O exercito auxiliar estará debaixo do immediato commando do General em chefe da Potencia que o requerer, e sera conduzido por seu proprio General, e empregado em todas as operaçoens militares, segundo as leis da guerra. O exercito auxiliar será pago pela Potencia a que pertence: quando porem tiver passado as fronteiras daquella Potencia, a outra que o pedio lhe fornecera quarteis, provizoens, e forragem, em raçoens iguaes as que tem as suas proprias tropas, assim em campanha, como em quarteis.

6. A ordem militar, e administraçaõ economica destas tropas auxiliares dependerá inteiramente do seu proprio chefe. Naõ poderaõ ser separadas. Os trofeos, e despojo colhidos ao inimigo pertenceraõ ás tropas que os tomarem.

7. No cazo de que o succorro estipulado naõ seja sufficiente para a Potencia atacada, S. M. El Rey de Prussia, e

e S. M. o Imperador de todas as Russias, se reservaõ a faculdade de fazer mutuos arranjos para pôr em campo, segundo as circunstancias, e sem demora, forças mais consideraveis.

8. As duas Potencias contractantes promettem reciprocamente, que no cazo de que huma dellas seja forçada a pegar em armas, ella naõ concluirá nem paz, nem armisticio, sem o seu alliado; a fim de que este naõ possa ser atacado em vingança de ter prestado succorro á outra.

9. Os Embaixadores, e Ministros das duas Potencias Alliadas nas Cortes Estrangeiras receberaõ ordem para mutuamente se ajudarem, e obrarem com a mais perfeita intelligencia em todas as occazioens em que se tratar dos interesses de seos Amos.

10. As duas Altas Potencias, concluindo este tratado de amizade, e de pura alliança defensiva, naõ tendo outro objecto mais do que a mutua garantia de suas respectivas possessoens, e de segurar, quanto dellas depende, a geral tranquillidade; naõ somente naõ dezejaõ commetter a menor infracçaõ d'algum dos anteriores, e particulares empenhos de alliança, igualmente defensiva, que tem contractado com seos respectivos alliados; mas ate reciprocamente se rezervaõ a liberdade de concluir, para o futuro, outros tratados com Potencias, que longe de serem, por esta accessaõ prejudiciaes ao prezente tratado, ou de serem cauza de algum obstaculo á sua execuçaõ, dem a este mais efficacia, e mais força. Todavia, ellas promettem naõ contrahir empenho opposto ao prezente tratado: dezejaõ, pelo contrario, mutuamente convidar outras Côrtes, que tem as mesmas vistas, a tomar parte nelle.

11. Os artigos addicionaes acima escritos seraõ ratificados por S. M. El Rey de Prussia, e por S. M. o Imperador da Russia; e as ratificaçoens seraõ trocadas dentro de quinze dias, contados do da assignatura, ou antes, sendo possivel.

Em testemunho do que, nos os Plenipotenciarios abaixo assignados em virtude de nossos plenos poderes, temos assignado o prezente tratado de amizade, e de alliança defensiva, e o sellamos com as nossas armas.

(Assignados) CARLOS AUGUSTO, BARAÕ DE HARDENBERG.
CARLOS ROBERT, CONDE DE NESSELRODE.

Feito em Toplitz, a 9 de Novembro de 1813.

CAPITULAÇAÕ DA CIDADE DE DRESDEN.

Art. 1. A guarniçao de Dresden, marcharà para fora da cidade, com armas e bagagem, e deporà as armas de fronte dos reductos. Os officiaes conservaraõ as suas espadas. Ao exemplo da capitulaçao concedida ao Feld Marechal, Conde Wurmser, em Mantua; hum batalhaõ de 600 homens conservara as suas armas, e duas peças de canhaõ, com carros de muniçoens, e cavallos de tiro; 25 gendarmes da Guarda Imperial, tambem reteraõ as suas armas e cavallos; e 25 gendarmes pertencentes à divisao, tambem reteraõ as suas armas, e cavallos.

2. Todos os prisioneiros de guerra que estaõ actualmente em Dresden seraõ postos em liberdade immediatamente depois da signatura desta capitulaçao, e considerados como trocados.

3. A guarniçao de Dresden he prizioneira de guerra, e sera inviada para Franca. O Marechal Conde Gouvion St. Cyr, da se por fiador de que nem officiaes, nem soldados, haõ de servir contra alguma das potencias alliadas empenhadas na guerra com Franca, até que sejam completamente trocados.

Sera feita, e entregne huma lista dobrada de todos os officiaes superiores, subalternos, e soldados. A lista dos generaes, Estado-maior, e officiaes superiores serà assignada por elles mesmos, debaixo da promessa de naõ servirem até serem completamente trocados; a lista dos nomes dos soldados, sera assignada da mesma sorte. Sera feita huma similhante lista dos doentes, e feridos.

4. O Marechal Gouvion St. Cyr, empenha-se em frazer effeituar, o mais de pressa possivel, a troca da guarniçaõ por hum igual numero de prizioneiros de guerra das Potencias Alliadas, posto por posto.

5. Tam de pressa hum numero de prizioneiros de guerra das Potencias Alliadas estiver em liberdade, hum semilhante numero da guarniçao de Dresden serà considerada em liberdade.

6. A guarniçaõ evacuarà Dresden em 6 columnas, cada huma das quaes conterà a sexta parte das tropas; o provisionamento dellas devará ser feito por degraos, e pelo modo Austriaco.

A accomodaçaõ, raçoens, marcha e dias de repouso, devam ser fixados segundo hum plano de marchar adoptade por S. E. o Conde Kleinau, general da cavallaria. A primeira columna deverá partir no dia 12 de Novembro, e a seguinte seguilla pela mesma estrada em distancia de hum dia de journada. Os gendarmes de cavallo devem accompanhar cada columna para a conservaçaõ da boa ordem.

7. Os doentes e feridos haõ de ser tratados do mesmo modo que os dos Alliados; logo que estejam bons seraõ mandados para França com as mesmas condiçoens da guarniçaõ. Os necessarios

cirurgioens, e a gente preciza para tratar delles, deveram ficar atráz, e deveraõ ser postos em huma condiçaõ igual aos das potencias alliadas.

8. As tropas Polacas, e outros alliados de França voltando para lá, seraõ consideradas como Francezas.

9. As pessoas naõ combatentes, naõ devem ser consideradas como prizioneiras de guerra, e haõ de accompanhar as tropas na sua marcha.

10. Todos os Francezes agora em Dresden, que naõ estiverem em serviço militar, teraõ a liberdade de accompanhar as tropas; porem sem terem direito á subsistencia. A estes consentir-se-lhes-ha o disporem como quizerem da sua reconhecida propriedade.

11. O Embaixador Frances, assim como os Embaixadores de todas as Potencias Alliadas da França receberaõ passaportes para suas terras.

12. Em hum dia depois da assignatura da prezente capitulaçao as caixas militares, muniçoens, e provisoens de guerra, canhoens, e tudo o que pertence ás fortificaçoens, será rendido ao exercito alliado sitiante, assim como as pontes, com os seus pertences, os carros do trem, e cavallos, pertencentes as tropas, e artilheria com huma relaçaõ por escritto.

13. No dia seguinte á assignatura da capitulaçaõ, hum dos reductos, e barreiras dos suburbios de ambos os lados do Elba, e igualmente duas portas da cidade velha, e huma porta da cidade nova seraõ postos em poder das tropas alliadas do exercito sitiante.

14. Os generaes, Estado-maior, e officiaes superiores, conservaraõ as suas bagagens, e cavallos que lhes saõ dados pelas ordenaçoens do serviço Francez, e receberaõ forragem para os dittos durante a marcha. As fortalezas de Sonnenstein seraõ rendidas dentro de 6 horas depois da assignatura da prezente capitulaçaõ. A guarniçaõ deve marchar para Dresden e ali unir-se á sua propria divisaõ.

Feita, e approvada por todos os Coroneis, Baroaõ Rotkirch, e Marawien, Chefes du Estado Maior General du corpo de exercito Imperial Austriaco, e Russiano, que foram nomeados para este proposito pelos seus respectivos corpos. S. E. o General de Cavallaria Imperial e Real, Conde Von Kleinau, e S. E. o Tenente-general Conde Tolstoy, de hum lado, e o Coronel Imperial Francez, Merion, do Corpo dos Engenheiros, e Perrin, Ajudante Commandante, Conde Lobau do outro lado, que estaõ com os necessarios poderes, pelo Marechal Conde Gouvion St. Cyr.

(Assignado) Baraõ Von Rotakirch.
Coronel Imperial e Real, e Chefe do Estado Maior
General da Quarta Divisaõ.

Hertzwalde, 11 *de Novembro*, 1813. Coronel Murawien.

Os precédentes artigos seraõ promptificados pelos generaes commandantes dos Exercitos Alliados de fronte de Dresden; pelo General Conde Von Kleinau, e pelo Tenente-general Russiano, Conde Tolstoy, e pelo Imperial Marechal do Imperio Conde Gouvion St. Cyr. Depois du que ficará tendo a devida força e validade.

(Assignado) O Tenente-general Conde Tolstoy.
O Tenente-general Conde Von Kleinau.

DECLARAÇAÕ D'EL REY DE BAVIERA.

Todos sabem as relaçoens que estes ultimos oito annos tem ligado a Bavaria á França, assim como tambem os motivos que as occazionaram, e a escrupulosa boa fé com que o Rey tem preenchido as suas condiçoens. Outros Estados, gradualmente seguiram o primeiro Alliado do Imperio Francez. Esta juncçaõ de Soberanos tomou a forma de huma Uniaõ, de huma natureza de que a Historia de Alemanha mostra mais de um exemplo. O Acto de Confederaçaõ, assignado em Paris em 12 de Julho, de 1806, ainda que imperfeito, estipulou as condiçoens mutuas que deviam existir entre os Estados Confederados, e S. M. o Imperador dos Francezes, como Protector desta Alliança.

O fundamento deste tractado, de ambos os lados, era o interesse de ambas as partes, nem outro podia existir; porque de outra sorte este Acto de Confederaçaõ naõ seria senaõ hum acto de incondicional submissaõ.

Entretando o Governo Francez mostra tello considerado neste sentido, porque em todas os actos que se seguiram áquelle solemne contracto nunca teve em vista a applicaçaõ dos pontos fundamentaes que faziam a guerra continental mutua para as differentes partes contratantes, nem o espirito, nem a intençaõ que presidia em seu teor, porem deo-lhe, de seu proprio capricho, a mais extensa explanaçaõ: requeria, á sua vontade, as forças militares de confederaçaõ para guerras que éram inteiramente alheas de seus interesses, e cujos motivos lhes naõ tinham sido previamente intimados.

A Bavaria, que considerava a França como o principal sustentaculo de sua preservaçaõ, porem cujos principios, naõ bastante, lhe causaram os mais serios cuidados preenchia com reflecçaõ todas as obrigaçoens para com a França com o maior zelo e integridade; para ella nenhum sacrificio parecia demasiadamente grande para satisfazer aos desejos de seu Alliado, e para contribuir para a restauraçaõ da paz continental que se dizia ser o fim destas renovadas emprezas.

Quando, em 1812, o Imperador Napoleaõ determinou a guerra

contra a Russa, exigio da Bavaria o contribuir com o *maximum* do seu contingente. Esta guerra éra innegavelmente toda alhea dos interesses da Bavaria ; foi-lhe doloroso, em todos os respeitos, soffrer que as suas tropas marchassem contra hum Estado que tinha sempre sido seu amigo, e que por muitos tempos passados fôra o affiançador da sua independencia, e contra hum Soberano que he ligado á familia Real por hum dobrado vinculo de parentesco. Ja o Ministerio Francez se tinha exprimido nos termos mais assustadores, e mesmo os tinha proclamado em documentos diplomaticos á face da Europa. Estas expressoens naõ tendiaõ, senaõ a representar os Estados da Confederaçaõ como se elles fossem os vassallos de França, e seus Principes ligados, sob pena de traicaõ, a tudo o que S. M. o Imperador Napoleaõ quizesse exigir delles.

Naõ bastante o receio que a expressaõ de principios taes deve necessariamente causar, ainda a Baviera se resolveo, como naõ tinha ponto de lei que apoiar, a consentir que 30,000 homens das suas tropas se reunissem ao exercito Francez. As desgraças sem exemplo que distinguiram aquella campanha saõ demaziadamente bem conhecidas para aqui fazer agora a triste descripçaõ dellas. Todo o exercito Bavaro, incluindo hum reforço de 8000 homens, que se lhe reunio no mez de Outubro, foi destruido. Poucas familias ha que naõ andassem delucto por aquella catastrofe ; e o que mais dôr causava ao paternal coraçaõ de S. M., era que tanto sangue tinha sido derramado em huma causa que naõ era a da naçaõ. Entretanto fizeram-se preparaçoens para huma nova campanha, e Baviera que era tam adherente ao seu alliado, quanto desgraçada naõ hesitou em tornar a por os debilitados restos de 38,000 Bavaros que tinham combatido debaixo dos estandartes Francezes, em huma nova divisaõ. No começo da campanha, gloriosos prospectos coroaram as armas do Imperador Napoleaõ, tam frequentemense victoriosas. A Alemanha, e toda a Europa, cria que, como o Imperador se achava entaõ em huma condiçaõ em que podia mostrar a sua moderaçaõ, sem se expor a alguma suspeita de fraqueza, acceitaria a mediaçaõ que Austria, pelos mais sabios e generosos motivos, offerecia, para o fim de procurar paz ao mundo, ou pelo menos ao continente. Esta esperança foi destruida. Pelo contrario vio ella crescer o numero de seus inimigos, pela poderosa coaliçaõ de Austria, á coaliçaõ ja formada contra o Imperador Napoleaõ. Desde este momento, a situaçaõ da Baviera tornou-se mui critica. A energia do Governo Bavaro, ceo affecto de huma naçaõ, que naõ considera sacrificio pezado quando he necessario provar o seu amor para hum adorado Soberano, tinha ja, como por hum poder magico, creado hum novo exercito, o qual marchou para as fronteiras da banda da Austria ; porem o exercito Francez a que o Imperador Napoleaõ tinha dado o nomede Exercito de Observaçaõ da Baviera, e que se estava re-

unindo nas vizinhanças de Wurtzbourg e nos territorios circumvizinhos, em vez de apoiar o exercito Bavaro, derrepente recebeo outro destino. " Nesta critica situaçaõ naõ se dignou o Imperador Napoleaõ empregar sobre o seu mais fiel Alliado, a menor consideráçaõ dos meios de sua protecçaõ. Nem o segundo Exercito de Observaçaõ que estava para se ajunctar debaixo do commando do Marechal Augereau, se chegou a formar, e o seu debil casco, que estava ainda em Wurtzbourg, enteiramente desapareceo." Estando desta maneira totalmente desamparado, S. M. teria infringido o mais sagrado de todas os deveres, se naõ tivesse cedido aos desejos dos seus fieis vassallos, que diariamente mais se manifestavam." Os Soberanos Alliados contra a França naõ desdenharam o informar o Governo Bavaro dos principios de moderaçaõ que os animava, e asseguralo da sua formal garantia da integridade do Reino de Baviera, e de todas as suas fronteiras, como eram naquelle tempo, com condiçaõ que o Rey havia de ajunctar suas forças de guerra ás delles, naõ para continuarem huma guerra de ambiçaõ contra a França mas para assegurar a independencia das Naçoens Alemaãs, e dos estados de que ella consiste, e para obrigarem o Imperador Napoleaõ a assignar huma paz honrosa. S. M. naõ podia recuzar similhantes proposiçoens sem se fazer criminoso para com os seus vassallos, e sem ser cego para com os sagrados principios sobre os quaes a sua conservaçaõ somente pode ser fundada. Confiando plenamente em tam francos, e generosos offerecimentos, resolveo-se portanto a acceitallos em toda a sua extençaõ ; e a concluir huma alliança com os trez principes, contra as extensas vistas que a França tem mostrado manter, e para os bons effeitos do que S. M. hade fazer os seus maiores exforços. S. M. deseja que huma prompta paz, haja de restaurar cedo as relaçoens que elle naõ teria abandonado, a naõ ser a illegal extençaõ de hum poder, que se fazia cada dia mais insupportavel, que o obrigou a dar este passo, e a fazer a alliança que fez. Daqui em diante, S. M. unida nos interesses, e nos sentimentos com os seus altos, e poderosos Alliados, naõ ha de desprezar meio algum que possa contribuir para tornar mais apertados os vinculos que o ligam a elles.

DECLARACAÕ.

DAS POTENCIAS ALLIADAS.

O Governo Francez ordenou huma leva de 300,000 conscriptos, Os motivos do Senatus Consultum para aquelle effeito, contem huma provocaçaõ ás Potencias Alliadas. Ellas portanto se acham compelidas a promulgar de novo, á face do mundo, as vistas que as guiam na presente guerra, os principios, que fôrmam a baze de seu comportámento, os seus desejos, e as suas determinaçoens.

As Potencias Alliadas naõ fazem guerra á França, mas sim contra aquella preponderancia altamente annunciada,—contra aquella preponderancia, que, para desgraça da Europa, e da França tem o Imperador Napoleaõ por demaziado tempo exercitado alem dos limites do seu Imperio.

A victoria tem conduzido os Exercitos Alliados até ás margens do Rheno. O primeiro uso que Suas Magestades Imperiaes e Reaes fizéram da victoria, foi offerecer paz a S. M. o Imperador dos Francezes. Huma attitude fortalecida pela accessaõ de todos os Soberanos e Principes da Alemanha, naõ teve influencia nas condiçoens daquella paz. Estas condiçoens éram fundadas na independencia dos outros estados da Europa; as vistas das Potencias saõ justas em seu objecto, generosas e liberaes na sua applicaçaõ, seguras para todos e honrozas para cada hum.

Os Soberanos Alliados desejam que a França seja grande, poderosa, e feliz; porque a Potencia Franceza no estado de grandeza, e força, he hum dos fundamentos do edificio social da Europa. Ellas desejam que a França seja feliz,—que torne a reviver o commercio Francez,—que as artes, aquellas bençaõs da paz, floreçam outra vez; porque hum povo grande sómente póde estar tranquillo á proporçaõ que for feliz. As Potencias confirmam ao Imperio Francez huma extençaõ de territorio, que a França nunca teve, em tempo de seus reys; porque huma naçaõ valorosa naõ decahe de sua graduaçaõ, por lhe ter chegado a sua vez de experimentar revezes em huma contenda obstinada e sanguinaria, em que tem pelejado com sua custumada valentia.

Porem as Potencias Alliadas desejam tambem ser livres, tranquilas, e felizes. Ellas desejam hum estado de paz, em que, por meio de huma sabia divisaõ do poder, por hum justo equilibrio, se possa daqui em diante livrar o seu povo das inu-

meraveis calamidades, que tem oprimido a Europa por estes vinte annos passados.

As Potencias Alliadas naõ deporaõ as armas, até que naõ tenham alcançado este grande, e benefico resultado, nobre objecto de seus esforços. Ellas naõ deporaõ as armas, até que se naõ restabeleça de novo o estado politico da Europa,—até que principios immutaveis tenham tornado a assumir os seus direitos sobre pretensoens vaãs; até que a sanctidade dos tractados tenha por fim assegurado huma paz real á Europa.

Frankfort, 1 *de Dezembro*, 1813.

Sendo huma das peças bem interessantes desta Epocha a Declaraçaõ de algumas das Potencias alliadas, que acabâmos de transcrever, naõ nos parecêraõ menos curiozas as reflexoens que o auctor da Gazeta Ingleza o *Courier* fez por esta occaziaõ.

Deste modo veraõ os nossos Leitores, que vivem fora de Inglaterra, como aqui foi avaliada esta celebre Declaraçaõ, e que juizo tem formado della os papeis Ministeriaes; o qual, coincidindo justamente com o nosso, hé huma razaõ de mais para naõ omitirmos a sua publicaçaõ, pois que á todos os respectos hé digno de ser geralménte conhecido, para taõbem ser garalmente apreciado.

Extracto do Courier de 17 de Dezembro.

Hoje publicámos huma peça Official, que se diz ser a Declaraçaõ das Potencias alliadas, e tem a data de Francfort no principio deste mez.

Antes que os nossos Leitores formem o seo juizo sobre esta peça será bom que se recordem de outras duas ou tres peças anteriores. Huma hé o primeiro Manifesto, ou Declaraçaõ da Austria, datada de Praga, aonde distinctamente se annuncia: *que Bonaparte naõ quer fazer sacrificios alguns a bem da paz.* A segunda he: " Reflexoens sobre o ataque feito por Bonaparte na gazeta de Leipzig contra o Principe da coroa da Suecia, nas quaes em rezultado se annuncia, " que huma paz com Bonaparte hé impracticaval." A terceira peça hé o 26 Bulletin do Principe da Suecia, no qual se diz, que Bonaparte naõ quer a paz. O objecto de todos estes artigos, assim como tudo quanto os alliados tem publicado, hé o manifestar que huma paz segura com Bonaparte hé impossivel. Em huma palavra, athé esta mesma Declaraçaõ o certifica; e apezar disso, as Potencias alliadas afirmaõ que estaõ prontas a fazer a paz com elle! Como nos será possivel explicar pois huma tal inconsequencia? Talvez se diga, que manifestando as Potencias huma politica differente, e declarando que nunca fariaõ a paz com elle, isto seria o mes-

mo que altamente publicar, que tinhaõ intençoens de se intrometerem no governo interior e economico da França. Porem Vattel dis expressamente: " Quando as naçoens encontraõ,
" (o que os alliados tem encontrado em Bonaparte) hum desses
" monstros, que com o titulo de soberanos, saõ o flagello e o
" horror do genero humano, he o mesmo que tivessem des-
" coberto hum animal feroz, a quem todas as naçoens tem direito
" de expulsar da superficie do globo."

Sem avançar tanto como Vattel, podemos ao menos sustentar, que todas as naçoens estaõ auctorizadas para naõ quererem fazer a paz com o domînador de huma naçaõ, que tam mostrado naõ haver lealdade alguma nos tratados que se faziaõ com elle, nem verdade em suas palavras. Conforme pois á estes nossos principios, somos de opiniaõ, que os Alliados deveriaõ ter franeamente declarado, que nunca fariaõ a paz com Bonaparte. Porem esta politica, que nós temos por mais segura e mais prudente, naõ he a politica dos alliados: elles naõ repugnaõ em fazer a paz com este homem, com tanto que o privem da sua preponderancia! Dizem que naõ temeráõ o tigre depois que lhe tiverem cortado as unhas. Que bella politica! Que bellas providencias! Mas se as unhas lhe tornarem a crescer? Como poderáõ tornar-lhas a cortar, e assim diminuir-lhe a sua preponderancia? " As Potencias alliadas confirmaõ ao Imperio Frances
" huma extençaõ de territorio como a França nunca teve no tempo
" dos seos Reis; porque huma naçaõ valente naõ deve decahir
" da sua graduaçaõ politica por ter pela sua ves experimentado
" taõbem revezes em huma lucta obstinada e sanguino-
" zenta, em que ella tem combatido com a sua intrepidez
" acostumada."

Desta maneira, ainda que saibaõ muito bem, e na historia achem muitas provas, de que a França com o seo antigo territorio, e governada pelos Bourbons, cuja ambiçaõ nada valia, comparando-se com a do usurpador Corso, era ja assaz poderoza para a tranquilidade da Europa e para conservaçaõ de huma balança duravel de poder; os alliados ainda querem todavia concluir huma paz com este tirano, que naõ conhece descanço nem remorsos, deixando-lhe nas maõs, e garantindo-lha, naõ a França como era em outros tempos, mas huma França muito maior e mais poderosa. E eisaqui o que em Frankfort se chama cortar as unhas ao tigre, e diminuir-lhe a sua prepondérancia, de que taõ altamente se queixaõ todos!

Talvez que depois de tantos revezes como tem sofrido a França, naõ fosse possivel achar hum soberano nos tempos prezentes ou passados, á excepçaõ de Bonaparte, que se recuzasse á semilhantes condiçoens. Com effeito, quaes saõ ellas? Nada menos que hum novo meio infallivel que se lhe ministra,

com o territorio que se lhe deixa, e com 300 mil homens que gratuitamente se lhe restituem, para antes de dois annos tornar a perturbar a segurança, o descanço, e a prosperidade da Europa, e reduzir as potencias do continente a dura necessidade de outra vez se combinarem contra elle. Mas pode haver hoje alguma certeza de que essa combinaçaõ seja nesse tempo possivel ou se execute? Aonde existe a segurança de que elle ou com promessas, e ameaços. ou com artificios ou intrigas naõ seja capaz de separar da cauza geral alguns dos gabinetes? Podemos com effeito ainda affirmar, que essa declaraçaõ naõ tenha atrouxado o espirito dos povos, e que ainda seja factivel dar-lhe a mesma energia que athe agora tam mostrado? "A pagai huma vez este fogo sagrado, dis hum poeta, e eu " naõ sei aonde hireis encontrar o fogo de Prometheo para de " novo o accender."

Felismente Bonaparte recuzou estas condiçoens, e o mundo lhe ficara ao menos neste agradecimento pela sua obstinaçaõ. Pela sua teima em querer loucamente tentar os azares da guerra, a sua fortuna se tornará cada vez mais desesperada, e os alliados se poderaõ em fim convencer desta grande verdade. Que a salvaçaõ e a felicidade do mundo saõ incompativeis com a prolongaçaõ do poder nas maõs de hum tal homem.

Se os admiradores e os advogados deste monstro nos acuzaõ de termos principios anti pacificos, he porque nós somos os amigos, no sentido verdadeiro desta palavra, de huma paz, que possa ser duravel de huma paz, que naõ seja hum simples armisticio, e porque nós repetimos ainda a convicçaõ em que estamos de que naõ pode haver segurança alguma em ter paz com Bonaparte; e que a deviza da Europa deve ser

Bonaparte e a Guerra: os Bourbons e a Paz.

"A milhor e a mais segura garantia, para me servir das expressoens do Lord Grenville na sua resposta ao ministro dos negocios estrangeiros de França a 4 de Janeiro de 1800," deve achar-se na restauraçaõ desta Caza Real, que por tantos seculos tem mantido a prosperidade interna da naçaõ franceza, e lhe tem adquirido externamente muita consideraçaõ e respeito. Essa garantia confirmaria França na posse incontestavel do seo antigo territorio, e daria á todas as mais naçoens da Europa, por hum modo tranquillo e pacifico, a segurança que ellas saõ obrigadas a procurar a força d'armas.

SUISSA.

Declaraçaõ da Neutralidade da Confederaçaõ Helvetica.

Nos os Landamman, e os Membros da dieta dos 19 cantoens da confederaçaõ Suissa; a vos, caros confederados, saude. A guerra que ha pouco estava longe das nossas fronteiras, vai-se approximando do nosso paiz, e das nossas pacificas habitaçoens. Debaixo de taes circunstancias era o nosso dever, como Deputados dos Cantoens Confederados, reflectir maduramente sobre a situaçaõ do paiz, para dirigir, communicaçoens ás Potencias Belligerantes, e fazer todas as ulterioros disposiçoens que as circunstancias pedem.

Fieis aos principos de nossos antepassados, temos em virtude, e ordens do nosso governo, declarado com unanime voz, e vontade a neutralidade da Suissa.

Nos vamos transmitir, e notificar nas mais proprias formas, aos Soberanos em guerra, o solemne acto que acabamos dé passar com esta intençaõ

Graças á protecçaõ divina, a observaçaõ de huma exacta neutralidade tem, por muitas idades, affiançado a liberdade, e repouso do nosso paiz; Agora, da mesma forma que em outro tempo, se esta neutralidade compete á nossa situaçaõ e ás nossas necessidades. Nos portanto, dezejamos establecel-la, e fazella respeitar por todos os meios que estiverem em nosso poder; nos dezejamos assegurar a liberdade e a independencia da Suissa, manter a sua prezente constituiçaõ, e preservar o nosso territorio de todas as tentativas; o que he o fim de todos os nossos esforços.

Para este effeito dirigimos nos a vos, caros confederados de todos os Cantoens de Suissa, em vos darmos immediatamente informaçaõ da declaraçaõ que acaba da ser pnblicada. A Dieta espera de cada hum de vos, quem quer que sejais, que haveis de obrar nas mesmas vistas; que haveis de contribuir por todos os meios para a causa commum: que haveis de fazer todos os esforços e sacrificios que o bem do paiz, e a sua preservaçaõ pedirem; e que assim toda a naçaõ se mostrarà digna dos seus antepassados, e da felicidade que elles gozaram.

Queira o Soberano Senhor do mundo acceitar a homenagem de nossa profunda gratidaõ pelos immensos beneficios que ategora tem espalhado sobre o nosso paiz, e seja a preservaçaõ, a tranquilidade, e a felicidade deste Estado, posto debaixo da sua protecçaõ, concedida ás nossas suplicas.

Dada em Zurich, em 20 de Novembro.

O Landamman dos Swissos, Presidente da Dieta,
(Assignado.) J. De Reinard.
O Chanceller da Confederçaõ,
(Assignado) Morisson.

INGLATERRA.

TRADUCÇAÕ LITERAL, MAS EXACTA,

Da consulta, á que o Embaixador de Portugal em Londres mandou responder por escripto os Lettrados que a assignáraõ, depois de os haver consultado na Caza Real de Portugal, e na prezença dos Agentes dos Proprietarios dos navios Portuguezes tomados na Costa d'Africa :

Mandada por Sua Excellencia aos Redactores,

Para que a inserissem no seo Jornal, e chegasse por este modo mais facilmente ao conhecimento de todos os interessados.

CONSULTA.

Nos fins do anno de 1810 e principios de 1812 muitos navios Portuguezes, occupados no commercio do Brazil e Costas d'Africa, foraõ tomados pelos cruzadores Inglezes, e conduzidos depois a Serra-Leôa, aonde pelo Vice-Almirantado daquella colonia tanto os navios, como os escravos, ou cargas, que tinhaõ a bordo foraõ finalmente condemnados com o pretexto de fazerem o commercio da escravatura illegalmente.

Como muitos destes navios foraõ tomados na Costa d'Africa, a maior parte dos Mestres naõ estavaõ a bordo no acto da tomadia, e por consequencia naõ foraõ conduzidos á Serra Leoa. Mas ainda que outros Mestres, ou sobrecargas estivessem prezentes, elles desconheciaõ tanto os passos necessarios que se deviaõ dar para obterem justiça em hum tribunal Ingles, e tiveraõ por taõ difficultozo, ou melhor dizer impossivel o poder conseguir couza alguma

em Serra Leoa, que nenhumas reprezentaçoens fizeraõ sobre a sua propriedade, nem deraõ passo algum a favor dos proprietarios naquelle tribunal da colonia. Estas circunstancias pois, juntas com a difficuldade e demoras que soffrem as communicaçoens entre Serra Leoa, Inglaterra, e o Brazil, aonde rezidem a maior parte dos proprietarios, impediraõ por todas as formas a possibilidade das appellaçoens, que, segundo alei, se devem fazer no seo tribunal competente dentro do espaço de hum anno.

Assim que a tomadia destes navios foi conhecida no Brazil, os negociantes daquelle paiz, justamente surprehendidos de verem tomada a sua propriedade pelos cruzadores Inglezes, quando faziaõ hum commercio praticado por seculos, e quando havia huma estreita e intima alliança entre Inglaterra e Portugal; alem disto considerando, que huma tal condemnaçaõ se fazia em hum tribunal Ingles de Prezas, sem se allegar que fosse propriedade inimiga, ou commercio algum incompativel com os tratados de alliança, hora subsistentes entre as duas corôas; pediraõ sobre isto justiça ao Governo de Portugal; e o Governo immediatamente ordenou ao seo Embaixador em Londres, que fizesse as mais fortes reprezentaçoens contra o procedimento dos cruzadores Inglezes, e do tribunal do Vice-Almirantado de Serra Leôa; e ao mesmo tempo exigisse do Governo Inglez huma inteira e completa satisfacçaõ, sem por nenhuma forma recorrer a tribunal algum Inglez de prezas, que na opiniaõ do Governo de Portugal nenhuma jurisdicçaõ podiaõ ter para decidirem em cazos de tomadias desta natureza.

O Embaixador, assim que recebeo estas instrucçoens, naõ perdeo tempo em dirigir se a pedir huma satisfacçaõ ao Governo Britannico; e as suas instancias tem continuado athe agora, e saõ ainda o objecto de huma negociaçaõ pendente entre os dois Governos.

Durando estas discussoens, o Embaixador reflectindo que seria do interesse dos Portuguezes prejudicados prevenir que os captores destribuissem os productos das prezas, ordenou ao consul-geral, que desse os passos necessarios para obter este fim. Em consequencia, em Março de 1813 aprezentou-se hum Advogado perante o Delegado do supremo tribunal de Appellaçoens, com huma attestaçaõ do sobredito consul, e pedio prolongaçaõ de tempo para proseguir as appellaçoens em muitos destes cazos: sobre o que o Delegado referio a materia aos Lords.

No dia 17 de Julho passado ajuntou-se o tribunal supremo, e alli appareceo o Procurador de cauzas Slade, que produzindo a auctorizaçaõ do consul, requereo a mesma

prolongaçaõ de tempo para todos os cazos referidos, e para mais alguns, que tinhaõ chegado ao conhecimento do consul. O tribunal determinou, que a materia ficasse por entaõ suspensa.

Depois deste passo nenhuns procedimentos ulteriores houveraõ perante o dito tribunal, excepto em alguns poucos cazos, em que os Agentes dos Proprietarios, havendo sido auctorizados a proseguir a appellaçaõ dentro do tempo concedido pela Lei, o tem feito assim sem attençaõ alguma á negociaçaõ que entre as duas côrtes está pendente. Estas appellaçoens estaõ na via ordinaria.

No restante destes cazos o tempo para appelar he passado. Há todavia varios cazos, em que os Proprietarios Portuguezes deraõ instrucçoens geraes aos seos correspondentes em Londres para obrarem o que lhes parecesse melhor, ou positivamente seguirem a appellaçaõ, se o tribunal das appellaçoens lhes desse licença para assim o fazerem.

Como o tribunal inquirio na sua ultima Sessaõ do 1. de Dezembro corrente, se alguns passos se haviaõ dado nestes cazos depois da instancia feita a 17 de Julho passado, he de esperar, que o tribunal na sua proxima sessaõ de 15 do corrente decida, se os Proprietarios seraõ auctorisados a proseguir as appellaçoens, naõ obstante que o tempo, concedido pela lei para aquelle objecto, tenha acabado. E hé por conseguinte necessario que o Embaixador de Portugal determine, que passos se devem dar antes daquelle dia a beneficio dos Proprietarios Portuguezes.

Os cazos podem reduzir-se a tres classes.

1. Aquelles, em que os Proprietarios ou os seos Agentes, proseguiraõ a appellaçaõ no periodo legal.

2. Aquelles, em que o periodo legal para appellar expirou sem se haver proseguido appellaçaõ alguma ; mas em que os Proprietarios tem Agentes em Londres, que estaõ auctorizados para obrar a seo favor conforme os seos respectivos poderes.

3. Aquelles, em que o periodo para appellar se tem igualmente passado, sem que alguma appellaçaõ se tenha proseguido, e em que os Proprietarios naõ tem Agentes em Londres, mas tem posto inteiramente os seos interesses nas maõs do Governo, e do seo Embaixador nesta Côrte.

Esta 3. classe he a mais numeroza de todas.

Quanto á primeira he desnecessario dizer, quaes saõ os

passos que deva dar o Embaixador, pois que as partes trabalhaõ por obter a sua propria justiça. O mais que lhe compete neste cazo he o auxiliar os seos requerimentos perante o tribunal das Appellaçoens, e o Governo.

Mas como na segunda e terceira classe os procedimentos legaes que se hajaõ de ter a favor dos proprietarios podem depender muito ou tudo da opiniaõ do Embaixador; Elle reconhece toda a grande responsabilidade que recáhe sobre esta sua opiniaõ. E por conseguinte dezeja nem embaraçar aos Agentes d'aquelles proprietarios, que tem Agentes em Londres, o darem aquelles passos que forem mais em vantagem dos seos constituintes; nem omittir, segundo as suas instrucçoens lhe permittem, qualquer diligencia proveitoza, ou por si ou pelo consul, em todos aquelles cazos em que os Proprietarios naõ tem Agentes em Londres.

Quaesquer informaçoens ulteriores, que sejaõ precizas, vos seraõ dadas sobre esta consulta que agora vos he feita, e sobre a qual Sua Excellencia dezeja que deis o vosso parecer.

Quesitos.

1. Que ordens julgaes vos que dará o tribunal no cazo que em nome do consul de Portugal se naõ faça instancia na proxima sessaõ para prolongar o tempo de appellar?

2. Parece vos, que o tribunal consentirá na prorogaçaõ de tempo para as appellaçoens, se na petiçaõ que se fizer naõ se declarar formalmente, em nome dos peticionarios Portuguezes, que elles estaõ na verdade determinados a proseguir as appellaçoens?

3. Julgaes, que será do interesse dos Proprietarios Portuguezes seguir as appellaçoens nas formas ordinarias, huma vez que o tribunal lhes conceda esta faculdade?

4. Se pensaes, que o plano de seguir as appellaçoens serviria de impedimento ás reclamaçoens directas que o Embaixador faça ao Governo Britannico tanto naquelles cazos em que Sua Excellencia, se verá obrigado a recorrer ao Governo para obter a indemnisaçaõ total, por ter o tribunal confirmado a sentenças de condemnaçâõ; como naquellas cazos em que Sua Excellencia somente recorrer ao Governo por huma indemnizaçaõ parcial, quando o tribunal tiver revogado as sentenças de condemnaçaõ, e que as partes tiverem alcançado em todo ou em parte das maõs dos captores a restituiçaõ da sua propriedade perdida?

5. Que passos julgaes vôs, que o Embaixador de Portugal deveria ter dado a favor dos Reclamantes Portuguezes?

RESPOSTA DOS LETRADOS.

1. Nos somos de parecer, que se naõ se fizer requerimento ao Tribunal para prolongar o tempo das appellaçoens naquelles cazos, em que o tempo regular para ellas ja está findo, Suas Senhorias rejeitáraõ sem duvida na proxima sessaõ o outro requerimento que para esse mesmo effeito se lhe fez em 17 de Julho passado. E deste modo os captores teraõ toda a liberdade para proceder, e com toda a probabilidade procederáõ a huma immediata destribuiçaõ das prezas; com a qual os Proprietarios Portuguezes ficáraõ inhibidos de poderem pelo tempo adiante tornar a requerer ao Tribunal que os deixe appellar em taes cazos. O Estatuto 45 Geo. III. Cap. 72, dá faculdade a Suas Senhorias de estender o prazo das appellaçoens taõ somente nos cazos, em que pareça que a destribuiçaõ ainda naõ está feita.

2. Somos igualmente de opiniaõ, que se o requerimento for feito, sem se declarar em nome dos Proprietarios Portuguezes, que he sua tençaõ o seguir as appellaçoens das sentenças de condemnaçaõ, de nenhuma sorte será attendido.

3. Nos pensamos, que os Proprietarios fariaõ muito melhor para os seos interesses de proseguirem as appellaçoens, no cazo que lhes seja dada licença.

4. Por nenhuma forma julgamos que o seguir as appellaçoens sirva de algum prejuizo á quaesquer reprezentaçoens que se façaõ ao Governo Britannico para obter indemnizaçaõ em qualquer classe de cazos: pelo contrario, estamos persuadidos que o recurso ao supremo tribunal he o mais bem entendido para conseguir os fins que se pertendem. E pensamos taõbem, que as reprezentaçoens do Embaixador directamente ao Governo seraõ mais fortemente sustentadas, no cazo que eventualmente fiquem malogradas as diligencias para obter justiça pelo canal legitimo do tribunal supremo, do que apertando agora com o Governo antes de ter havido recurso á aquelle tribunal.

5. He finalmente o nosso parecer, que todos os passos dados pelo Embaixador neste negocio, saõ aquelles que mais provavelmente deviaõ produzir rezultados uteis aos

Proprietarios destes navios e cargas; pois que sem a sua intervençaõ, ha muito tempo que teriaõ sido privados de toda a opportunidade de submetter os seos cazos ao tribunal das appellaçoens.—Quanto aos passos ulteriores que Sua Excellencia deva dar sobre esta materia, naõ he da nossa competencia fallar, nem dizer mais alem do que ja temos dito; porque tudo deve necessariamente depender das instrucçoens que haja recebido da sua Côrte.

Londres,
9 *de Dezembro de* 1813.

(Assignados) Herbert Jenner.
Stephen Lushington.
W. Brougham.

Conformando-se com o parecer dos Letrados, ordenou S. E. ao consul geral e ao advogado que elle emprega, que fizessem a instancia aconselhada no dia 15 em que o tribunal supremo se hia juntar, no cazo que o tribunal inquirisse alguma couza sobre o assumpto: mas tendo apparecido taõ somente tres membros, o tribunal naõ se julgou em numero sufficiente para tratar de materias graves, e differio novamente tudo para approxima sessaõ que terá lugar em Janeiro que vem. O letrado em consequencia differio taõbem para a mesma epocha a sua instancia. Antes de separar-se, o tribunal concedeo a licença de proseguir a appellaçaõ aos donos dos navios Princeza da Beira e Restaurador, para os quaes o termo de appellaçaõ era ja passado, allegando os Procuradores dos donos alguma desculpa para a demora, que o tribunal aceitou.

CIRCULAR.

Londres, aos 14 *de Outubro de* 1813.

Havendo suspeita que se querem embandeirar, como Portuguezes Navios Estrangeiros—naõ darei de hora em diante Passaporte a Navio, que naõ for comprado por pessóa de cabedal conhecido, e notorio; ou somente depois que se acharem matriculados *com Artigos na forma Ingleza, o Mestre, e tres quartos de Marinheiros Portuguezes;* e que os consules me segurarem que naõ vai official algum estrangeiro abordo, excepto se for o Piloto, naõ havendo Portuguez. Exigirei alem da Arqueaçaõ, huma descripçaõ do navio feita á moda do *Register* Inglez; de sorte que o meu Passaporte naõ possa servir de hum para outro Navio.

Os consules me certificaraõ com a sua assignatura a necessidade do Piloto Estrangeiro e Marinheiros, que faltem, assim como a convicçaõ que tem, que debaixo do nome de Passageiro, que vai abordo naõ se acha disfarçado hum verdadeiro Dono (ou Mestre de Navio) Estrangeiro.

Annunciando estas condiçoens ao comprador o consul segurar-lhe-há a concessaõ do meu Passaporte, e exigira fiança idonea ao pagamento do Direito do Paço da Madeira no Porto dos Dominios Portuguezes, aonde o consul, e os compradores julgarem, que o podem fazer mais commodamente. Estas instrucçoens seraõ observadas provizoriamente, mas inviolavelmente, ate que se recebaõ ulteriores determinaçoens de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, em consequencia da informaçaõ que faço subir a Sua Augusta Prezença Londres, ut supra.—

Conde de Funchal.

Senhores Joaquim Andrade.
A. Teixeira Sampaio.
A. Juliaõ da Costa.
J. Chrizostomo da Silva.
J. Manoel do Couto Garrido.

Em o nosso No. passado ja demos hum rezumo da falla do Conde de Liverpool; mas como a Gazeta Ingleza donde o extrahimos tinha omittido circunstancias mui honrozas para Portugal, julgamos da nossa obrigaçaõ, como Leaes Portuguezes, torna-lo a transcrever, para que os nossos Leitores naõ ignorem o alto conceito, que formaõ de nos os grandes homens de Estado de Inglaterra.

RESUMO

Da Falla do Conde de Liverpool na caza dos Lords a 4 de Novembro passado.

O Conde de Liverpool dice, que os seos intentos eraõ fallar pouco desta vez, mas que a occasiaõ lhe ministrava hum assumpto taõ conforme com os seos sentimentos, que naõ podia deixa-los em silencio. Com justiça podia congratular a camera e a Naçaõ pelos gloriosos successos que os nobres Lords acabavaõ de referir, mas que ainda taõbem tinha outros naõ pequenos motivos para os congratular á elles mesmos pela unanimidade das suas opinioens. Todos elles mostravaõ ter a mesma confiança e os mesmos briozos dezejos; mas com muita maior particularidade naõ podia deixar de mencionar o Joven e nobre Lord, que havia fallado o primeiro, (Lord Clare) e que taõ bem tinha desenvolvido huma bella e larga porçaõ do seo talento hereditario. Havia ainda outra circunstancia, em que elle se podia alargar com huma verdadeira satisfacçaõ. Sim, nos ja podemos empregar as palavras.—Balança do Poder.—A força monstruoza da França tinha aniquilado o sistema do continente, de sorte que a mutua segurança exigio hum mutuo vigor. Assim agora huma nova luz tinha raiado no mundo: mas naõ seria faltar á verdade nem deprimir o espirito das outras naçoens o dizer, que aonde pela primeira vez raiou esta luz foi na Peninsula. Quando olhava para isto, via que a guerra havia assumido hum novo espirito; e esta consideraçaõ o enchia das maiores e mais animadoras esperanças de hum rezultado felis. A guerra athe agora tinha sido o conflicto de hum governo contra outro governo; mas hoje ja mudou de caracter, e he pela primeira vez que vemos a guerra do povo. (*Applausos.*) Assim tudo nos convida á esperar, que este conflicto naõ

acabará como os outros. (*Applauzos.*) Inglaterra tem huma parte mui gloriosa nos interesses desta guerra ; e ja saõ passados cinco annos, que ella prezenceia as potencias, que por menos militares eraõ consideradas na Europa, oporem-se sos a huma força, da qual todas as outras tremiaõ. Com effeito naõ se pode occultar, que *sendo Portugal hum reino taõ pequeno, apezar disto foi o primeiro paiz que resistio com vantagem ao commum inimigo : que a formaçaõ do exercito Portuguez se naõ foi hum raro exemplo de vigor, ao menos o foi de disciplina para as naçoens vizinhas ; e que esta sua admiravel disciplina he que o pôz em circunstancias de poder aprezentar-se com firmeza nos campos de batalha, e pelejar com honra ao lado das tropas Inglezas, segundo a mesma confissaõ do seo Grande Commandante, Lord Wellington.* (Applauzos.) Mas este glorioso exemplo naõ deixou de ser proveitozo ao continente. Sim, elle he o fundamento e o indisputavel fundamento, de todos esses feitos prodigiozos que depois vimos executar no continente. Foi em conformidade deste exemplo, que a Russia se determinou a resistir á mais formidavel e a terradôra força, que ja mais se juntou para aniquilar huma naçaõ. Com effeito ella naõ só resistio, mas continua a combater pela sua propria e futura segurança. A pezar disto, por motivos de particulares circunstancias a Alemanha era a ultima parte da Europa, em que ainda se naõ tinha visto huma feliz e bem combinada resistencia ; naõ por falta do bom espirito do povo,—naõ por falta do uzo da guerra,—porque ella he talvez a naçaõ que mais a tem praticado,—mas pela natureza da sua politica. De todas as partes d'Allemanha era talves a Prussia, aquella em que menos se poderia esperar de ver taõ cedo desenvolvido o espirito do povo : mas, bom Deos ! que mudança houve, e em taõ poucos mezes ! E poderaõ achar-se na historia esforços superiores aos que agora fazem os Prussianos de commum acordo com o seo Rey? (*Applauzos.*) Mas se estes esforços saõ extraordinarios, he porque directamente resultaõ da sua cauza natural ;—da perfeita combinaçaõ de grandes, e sinceras vistas sobre a segurança geral, e das intimas relaçoens com a Gram-Bretanha. Ninguem pode duvidar do espirito dos alliados, nem do valor das suas tropas ; mas todo o bom successo da campanha,—a vigoroza, a atrevida, e desesperada manobra de atravessar o Saale, e todos os subsequentes triumfos nascem da forte e cordial uniaõ, que he o rezultado do novo espirito de independencia. Com tudo este espirito he nativo das Hespanhas, e dali he que passou a vigorar-se na Russia, para ser agora completamente triumfante na Allemanha. Nem elle suppunha que estes successos fossem motivo para inacçaõ, antes pelo con-

trario se devia agora fazer tudo quanto era possivel com liberalidade e amplidaõ, porque o momento felis estava chegado. Apezar porem de inculcar estes grandes preparos para á guerra, ninguem devia persuadir-se, que elle se declarava por inimigo da paz. Naõ, estas naõ eraõ as suas ideas. Todos os homens bem entendidos deviaõ dezejar a paz, e mui particularmente aquelles, que tinhaõ experimentado alguma das calamidades da guerra. S. A. R. havia tocado este ponto na sua falla, e bem se via que todos os seos dezejos se dirigiaõ á huma paz geral. Com effeito naõ pode haver paz que seja permanente, se taobem naõ for geral. A politica exigia pois, que Inglaterra naõ só ministrasse huma inteira confiança aos seos amigos, mas athe aos seos proprios inimigos. Era esta huma maxima para elle mui sagrada; porque nunca approvaria que se exigissem do inimigo condiçoens, que elle se estivesse nas mesmas circunstancias do inimigo, nunca aceitaria. *(Applausos.)* O Conde de Liverpool acrescenteu mais: que naõ podiaõ imaginar-se mais bellas esperanças, nem conceber se mais nobres projectos; e como elles todos estavaõ fundados na geral independencia, de certo se haviaõ de realizar e florecer. Por fim congratulou de novo a camara pela sua unanimidade.

A esta expoziçaõ dos seus sentimentos, em Publico, acrescentou My Lord Liverpool em huma Carta particular que vimos e que muito sentimos naõ nos ser permittido copiar por inteiro, as expressoens seguintes, bem lizongeiras para a Naçaõ Portugueza.

" Eu reprezentei a Naçaõ Portugueza como tendo dado, depois da Ingleza, o primeiro exemplo de huma rezistencia taõ vigoroza como disciplinada aos Francezes; mas ao mesmo tempo os Portuguezes para alcançar este fim, padeceram males, e fizeraõ sacrificios, muito mais penozos de quantos nos couberaõ a nós!

" Hé d'esperar que o Governo de Portugal *conhecerá a necessidade* de se aproveitar das circumstancias actuaes para estabelecer hum Systema de Educaçaõ Militar que assegure a continuaçaõ da felicidade de que goza actualmente."

BALANÇA POLITICA.

(ARTIGO EXTRAHIDO DO TIMES.)

O restabelecimento e conservaçaõ de huma Balança politica na Europa he o reconhecido objecto da prezente guerra, he o principio fundamental da alliança que nos liga com as grandes potencias do continente; e que entre nos tem unido todas as classes e partidos na approvaçaõ das medidas do nosso Governo. Por outra parte, o Governo Francez tem muitas vezes regeitado esta baze de politica externa; porem mais expressamente na relaçaõ official de 18 de Dezembro de 1810, sobre a annexaõ da Hollanda. " Estas saõ as palavras." Ja la vaõ os tempos, em que as concepçoens dos estadistas impunhaõ á opiniaõ publica com os nomes de balança politica, de *guarantias* de contrapezo, de equilibrio politico. Pompozas illusoens de gabinetes da segunda ordem! Visoens da imbecilidade! &c. &c. Qual seja o principio que se deve substituir áquelle de que fallamos, claramente se verá da mesma relaçaõ (documento que nem hum so instante devem esquecer aquelles que tem que tractar com negociadores ou estadistas Francezes.) A sabedoria de Bonaparte, seu destino, que he reinar, ou vencer— a gloria do tempo prezente, que elle commanda,—os dictados da necessidade, aque elle obedece,—n'huma palavra, huma lei immutavel e predominante, que rezulta da sua inexcrutavel vontade,—eis aqui o que deve servir ás naçoens da Europa, em vez de outra qualquer salva-guarda aos seos direitos nacionaes, e liberdades.

De certo, naõ pode haver senaõ dous systemas, que racionavelmente possaõ regular a politica dos Governos entre si: hnm he o estabelecer huma grande soberania central, que effectivamente dê a lei a todo o resto; o outro he formar hum equilibrio de interesses, que obrigue os estados a guardar, a manter a paz, e independencia de todos. Tudo o mais seria huma anarchia internacional, nutrida pelo interesse particular de cada estado, como aconteceo nos seculos de barbaridade, e como agora se ve na politiea da escola Jeffersoniana da America. O projecto de estabelecer huma soberania predominante em cada hum dos estados, naõ esta com tudo, taõ longe da razaõ humana, ou pelo

menos de apparente practicabilidade, como se pensa á primeira vista. Elle parece ter entrado na esperança e vistas da grande republica Mexicana, muito antes da descoberta da America; elle foi mui recentemente, e naõ debalde prosseguido pelos barbaros soberanos de Azia, e em periodos naõ pouco distinctos em civilizaçaõ se manifesta elle na historia da Europa.

Hum pequeno conhecimento dos classicos basta para dar a conhecer os passos, que Philippe de Macedonia, e seu filho Alexandre seguiraõ para construir o que se chamou a monarchia Grega. Naõ obstante a clara exposiçaõ das vistas de Philippe, que anticipada, e repetidamente foi aprezentada aos Estados livres da Grecia, pelo primeiro dos politicos, e oradores, Demosthenes; aquelles estados foraõ successivamente subjugados, por que naõ viraõ, ou naõ quizeraõ adherir á politica de uniaõ, e contrapezo, porque eraõ irresolutos, e temporizadores; e porque julgavaõ possivel suspender o impetuozo curso d'ambiçaõ, por medidas de conciliaçaõ, e acquiescencia. Philippe triumphou, e seu filho completou o triumpho. Mas a rapidez com que se formou aquella potencia, era o signal da sua mais rapida queda, e nenhum dos capitaens que repartiraõ o imperio de Alexandre, ficou com bastante poder para se elevar em dignidade acima de seos concurrentes.

O Imperio Romano adquerio, e longamente sustentou a soberania sobre o mundo conhecido. A ambiçaõ de Roma cresceo com o seu crescimento, vigorou-se com o seu vigor, e por seculos, permaneceo viva prova da indigna, e detestavel natureza de huma potencia, construida, e sustentada sobre taes fundamentos. Aos vicios constitutivos da sua politica deveo ella a final a sua queda; e a senhora da civilizaçaõ cahio mizera escrava dos barbaros, que ella havia tyranizado.

He difficil determinar que principios dirigiraõ a pouco duradoura politica de Carlos Magno. Parece que elle, como Otto o Grande e outros subsequentes imperadores das idades medias, projectaraõ huma soberania predominante no mundo occidental; mas o estado das artes das sciencias, e lettras naõ ajudavaõ a dezenvolver hum tal plano.

Nos certamente naõ sabemos, que houvesse projecto algum de monarchia universal, nos tempos que propriamente se podem chamar modernos, antes de Carlos V e seu filho Philippe; que seriamente conceberaõ aquelle plano, o qual foi aberta, e trabalhadamente justificado pelo Jezuita Campanella: mas aquelle seculo era fertil em espiritos vivos, e perspicazes, que zelozamente promoviaõ huma liga geral entre os Estados, e Principes Livres, para sustentarem

a sua independencia. A nossa Izabel, Henrique IV. de França, e Guilherme I. de Orange foraõ os primeiros motores daquella grande efficaz medida; nem devemos esquecer, que Sir Philip Sidney, aquelle nobre, e completo joven, o orgulho de seu paiz, e admiraçaõ dos extranhos, consagrou seos talentos, e sua vida á mesma illustre cauza. Desde aquelle periodo athé aos nossos dias, a torrente da politica Ingleza nunca tem deviado daquella mira. Os passos de Izabel foraõ exactamente seguidos por Guilherme III., que se oppoz aos mesmos projectos da cauza de Bourbon, que seu gloriozo predecessor desfizera na cauza de Austria.

Luiz XIV. vencido, e humilhado pela perseverante intrepidez do Rei Guilherme, e o Duque de Marlborough, escapou de seu justo castigo pela malentendida, senaõ atraiçoada politica de Harley e St. John. A paz de Utrecht todavia, ainda que naõ incapacitou a França, como devera, de fazer aggressoens futuras sobre os direitos communs, e repozo da Europa; intentou pelo menos fixar huma verdadeira balança politica, sugeita ás menos alteraçoens que a natureza dos negocios humanos permittisse." Taes foraõ as palavras da Rainha Anna annunciando no Parlamento as negociaçoens, que se haviaõ feito para aquella grande e excellente obra. Tal he o modo porque certos politicos caracterizaõ sempre a paz, por mais aviltante, e deshonroza que seja. Com tudo, naquelles mesmos dias, no meio de huma facçaõ pacifica predominante, havia hum receio saudavel do engradecimento da França; e todo o estadista, que se arriscasse a designar o Rhin, os Alpes, e o Oceano, como limites naturaes da França, teria a escolher ou ser feito em pedaços pela multidaõ, ou prezo em Bedlam por doudo. A paz de Utrecht procurou, de hum modo especial, os interesses exclusivos de Inglaterra, por hum tractado de commercio pela cessaõ das colonias que possuia a França, pela confirmaçaõ das conquistas, que se lhe haviaõ feito, e á sua alliada, e pela demoliçaõ das fortalezas Francezas em Dunquerque, que ameaçavaõ as nossas costas, mas elle naõ se limitava so a estes objectos; segurava a Germania pela cessaõ de Brisac, Kehl, e Landau, e pelo arrazamento de todas as praças Francezas no alto Rhin—dava aos Hollandezes huma barreira forte, naõ so pela interposiçaõ dos Paizes Baixos entre elles e a França, mas por huma linha de fortalezas desde Luxemburgo ate ao mar, que impossibilitava os Francezes de irrumperem por aquellá parte. Do mesmo modo, o Duque de Saboia (Rei de Sardenha) tomou posse da barreira Alpina; assim como a Hespanha (que se tinha desligado dos seos accessorios em França) ficou com a barreira dos Pyreneos. Naõ se fez accessaõ

alguma em dignidade ao Rei de França e seos alliados; muitas porem se concederaõ aos alliados Britanicos, particularmente a confirmaçaõ do titulo Real ao Rei de Prussia, e da ordem eleitoral aos soberanos Principes de Hanover, e Palatinado. O fim principal da Rainha Anna, era indemnizar os seos vassallos dos longos, e pezados gravames, que soffreraõ no decurso da guerra; objecto em si mesmo justo, e louvavel: mas que sendo levado á excluzaõ de vistas mais altas e comprehensivas, foi ultimamente frustrado no seu effeito, creando hum inimigo, que ameaçou depois a nossa mesma existencia como naçaõ. Isto foi previsto pelo grande Duque de Marlborough (Wellington daquelles tempos) que ouzadamente declarou no Parlamento, que as negociaçoens tinhaõ manchado os triumphos, e a gloria do reinado de sua Magestade, e que fariaõ o nome Inglez odiozo a todas as naçoens." Sabe-se muito bem, que a execuçaõ do Tractado de Utrecht foi depois evadida, ou frustrada em alguns dos artigos mais essenciaes; mas os fraudulentos procuradores dos interesses Britanicos dormiraõ sobre os prejuizos feitos á honrá Britanica. He digno de observaçaõ, que a principal peita, que a Inglaterra aceitou pela sua moderaçaõ com o Rei de França, foi hum monopolio no commercio da escravatura! Os homens que pretendiaõ ter obrado por *humanidade* em concluir huma paz deshonrosa para o seu paiz, foraõ aquelles que contractaraõ o infame *Assiento*, de fornecer negros as Colonias Hespanholas.

Mas imperfeita como era a paz de Utrecht, estabeleceo todavia o principio de huma balança de poder, como axioma na politica da Europa, que posto alguns tentassem em parte illudir, nunca pessoa alguma sonhou contrariar. Os Governos (disse o Conde Herzberg, em 1783) estaõ sempre promptos naõ só para defender os seos estados, mas tambem para proteger os seos vizinhos contra hum ambicioso conquistador, mesmo sem obrigaçaõ de o fazer por algum tratado. Tal era o espirito geral da politica internacional da Europa (sujeita, como todas as couzas humanas, a erros e aberraçoens na practica) ate que rompeo essa fatal revoluçaõ, que inda continua em França. Os revolucionarios começaraõ por deitar abaixo todos os principios, em que a virtude, e felicidade humana parecia ter-se escorado por seculos. Que maravilha que o Cidadaõ Genet descrevesse as immortaes obras de Grotio, e Pufendorf como sediços volumes? Que maravilha que o Cidadaõ Bonaparte caracterizasse o systema de balança politica, de guarantia, de contrapezo e equilibrio politico, de illuzoens pompozas, e visoens da imbecilidade? Estes revolucionarios, que saõ huma e perpetua corporaçaõ, trabalhando, (ou menos a este respeito) sobre

hum plano identico, e mesmissimo systema politico—tem feito a total subversaõ da lei internacional. Bonaparte he o *ultimus hæres* de todas as fraudes e espoliaçoens de Brissot, Danton, Robespierre, e Barras. Pelos trabalhos combinados daquelles, e seu proprio, elle adquirio a vasta extensaõ de territorio, alem dos limites da França, que elle agora chama parte de seu imperio. He coherente com o seu systema politico, que elle a conserve, e mais se for possivel; mas he de todo incoherente com o nosso systema politico, que se lhe permitta o fazelo. Huma balança politica, segundo as sabias, e generosas ideas dos nossos maiores, naõ pode existir, se acazo se deixar possuir a França huma populaçaõ de trinta e nove milhoens de habitantes. Todo o passo que ella tem dado para acquisiçaõ daquelle enorme poder, da as outras naçoens o direito, ou para melhor dizer, constitue-as no dever de interpor-se, e refrear a sua ambiçaõ. E por que titulo pertende ella, ou o seu chefe, reter a maior parte das suas recentes acquisiçoens? Pelo direito plenamente declarado na relaçaõ para sempre memoravel que se mencionou? Na vontade de Bonaparte! *stat pro ratione voluntas.* Se nos voluntariamente lhe deixamos a posse de governos assim adquiridos, submettemo-nos de facto a sua vontade, como lei; sancionamos os seu titulos; e nos tornamos os fiadores do seu systema. Depois disto, seria inepcia fallar de huma balança politica!

"Hum seculo exactamente se tem passado, depois que o tractado de Utrecht poz limites (bem que inadequados) á ambiçaõ do Monarca Francez daquelle tempo. O negociador daquelle tractado, da parte da Gram Bretanha, foi depois accuzado pela Camara dos Communs, de ter sacrificado por elle a honra da naçaõ, e a balança politica da Europa. Nem elle, nem ministro algum daquelles com quem elle obrou, nem membro do Parlamento dos que sustentaraõ a paz no tempo da sua concluzaõ, jamais pertenderaõ que huma tal accuzaçaõ, a ser fundada, deixaria de impecer á sua reputaçaõ, como estadistas. Bolingbroke, o alludido negociador, era o maior talento daquelle partido. Elle defendeo plena e laboriosamente o seu plano politico. O mais violento Whig (republicano) do seu tempo naõ podia mais expressamente reconhecer a doctrina da balança politica. Elle diz que esse era o objecto de todos os sabios politicos da Inglaterra. Diz, que elle fora seriamente ameaçado por Luiz XIV. Diz, que o poder da França naõ fora sufficientemente reduzido pelo paz de Utrecht; mas attribue os defeitos daquelle tractado aos obstaculos lançados na carreira das negociaçoens, pelo interesse particular dos agentes externos, e pela facçaõ domestica. Quanto elle he justificavel nesta ultima asserçaõ, he escuzado inquerir. Mas no mo-

mento, em que abertamente estamos contendendo pelo systema, mantido pelos nossos maiores, he importante determinar, quaes eraõ os principios, em que todos os partidos entre elles concordavaõ, no tempo da ultima grande, e solemne confederaçaõ em apoio daquelle systema. Os argumentos de Bolingbroke saõ concluzivos neste ponto. Se elle podesse mostrar, que huma balança politica era huma "vizaõ da imbecilidade dos Gabinetes da segunda ordem ;" elle o teria feito, porque essa seria a melhor resposta, que podia dar aos que o accuzavaõ de alta traiçaõ, por naõ sacrificar o sangue e thesouro Inglez no ulterior proseguimento daquelle objecto. O seguinte esboço por tanto da politica Ingleza, tal como se entendia nos reinados de Guilherme, Anna, e dos dous primeiros Georges, se pode principalmente extrahir das obras de Bolingbroke, compostas entre os annos 1717 e 1747. Naquelle intervallo era hum principio universalmente reconhecido, que sem hum plano de politica internacional naõ podia haver hum plano efficaz de lei internacional. Debalde a lei das naçoens exclamaria, que se naõ fizessem guerras injustas, se naõ invadissem, desolassem, tomassem paizes, ou se encorporassem ao territorio do conquistador, debaixo do pretexto do seu interesse, ou de sua gloria, se naçoens separadas senaõ confederassem entre si para sustentar aquella lei, sem a qual soberano qualquer emprehendedor poderia mais facilmente commetter violencias, e extender a esphera dos seos ultrages. Dos defeitos inherentes á natureza humana, da tendencia do poder a produzir no espirito humano ambiçaõ, e da fraqueza a gerar a servitude, se vê claramente a necessidade de previnir quanto antes os perigos daquella especie, de empregar a paz nos meios de remover a guerra, e de considerar o começo da elevaçaõ de qualquer potencia, como signal, que deve chamar contra ella as ligas defensivas, e allianças. Na practica, deve confessar se, que naõ he possivel conservar sempre exacto o fiel da balança politica. Devem por tanto desprezar-se ligeiras deviaçoens ; mas quando por desmaze-lo geral, se tem deixado accumular grande poder de hum lado, mais amplas combinaçoens, maiores esforços saõ necessarios para restaurá-la. Duas grandes potencias se formaraõ (França, e Austria) no seculo 16. Desde logo foi interesse das naçoens vizinhas oppor-se á mais forte, e emprehendedora, e ligar-se á mais fraca. O designio de aspirar a monarchia universal foi primeiro imputado a Carlos V. e posto que alguns affirmem que as suas vistas eraõ mais limitadas, os seos adversarios com tudo tomarao sobre isso mui sabias e uteis precauçoens. O poder, e ambiçaõ da França cresceraõ juntos. Henrique IV. plannou a elevaçaõ da caza de Bourbon :

Richelieu lançou os alicerzes, e Mazarin levantou os muros. O tractado de Westphalia em 1648, em que a França appareceu como o protectora da liberdade da Germania, consolidou o poder Francez, naõ so por hum effectivo engrandecimento, mas inda mais por huma extensa e preponderante influencia; e desde entaõ se completou, e se confirmou a superioridade da Caza de Bourbon sobre a Caza de Austria; de maneira que em 1660, quando Luiz XIV. tomou as redeas do governo, entrou no proseguimento de seos projectos ambiciosos, debaixo de mui favoraveis circumstancias. Seria enfadonho entrar no *detalhe* das cauzas, que por muitos annos divertiraõ a attençaõ dos outros estados da Europa do gradual crescimento em poder, que a França adquiria. O ponto de tempo precizo, em que a balança politica começou a declinar, he imperceptivel. Por habito continuaõ os homens a recear o author de aggressoens e violencias, mesmo depois que elle perdeo a faculdade de fazer mal; e pelo mesmo habito elles preseveraõ na confiança daquelle, cuja amizade, e protecçaõ experimentaraõ; muito tempo depois que seos planos tem aos olhos da razaõ manîfestado hum differente caracter. Mas a origem mais fatal de huma fatal negligencia, he o vulgar engano, de que os Estados naõ podem errar, quando cuidaõ de seos interesses exclusivos: que devem deixar os seos vizinhos concordar ou descrepar entre si, que so devem attender a sua segurança interna, e cultivar os seos proprios recursos. Estas temporarias alienaçoens de espirito (porque taes se devem considerar quando attacaõ os regentes das naçoens) tem sempre presagiado violentas mudanças na balança politica. As guerras civiz de Carlos I., os interesses particulares de Cromwell, a venal sugeiçaõ de Carlos II. á França, e o supersticioso afferro de seu Irmaõ á sé de Roma, sufficientemente explicaõ o total desprezo, com que a Inglaterra tractou os negocios da Europa, e particularmente o progressivo poder de Luiz XIV. desde 1660 ate 1688. Aquelle ultimo anno produzio a gloriosa Revoluçaõ, que poz sobre o nosso throno—hum verdadeiro heroe, na pessoa de Guilherme de Orange. "Da Revoluçaõ," diz Bolingbroke, "nasceo o susto, que devia ter tido lugar a mais tempo. O espirito da nossa Corte se mudou, abriraõ-se os olhos do nosso povo, e todos viraõ quam necessario era conservar, de concerto com os Hespanhoes, a successaõ da sua monarchia na Caza de Austria, em vez de consentir que ella cahisse na de Bourbon." A ambiçaõ de Luiz XIV. dezenvolveo-se nos Paizes Baixos, no Rhin, na Italia, na Hespanha, isto he, na coraçaõ da Europa. Ella foi portanto sabiamente contrariada por aquella grande confederaçaõ, de que o Rei Guilherme foi alma, e espirito director, em quanto viveo. O objecto da alliança de 1688

naõ era conquistar ou desmembrar a França, naõ era abatela da ordem, que propriamente lhe pertence, era simplesmente restaurar os tratados de Westphalia, e dos Pyreneos, e conservar as couzas naquelle estado por huma alliança defensiva, e guarantia das potencias confederadas. As *pretençoens* do monarcha Francez naõ foraõ menos attacadas que o seu poder; pois que he sabido, que pretençoens se convertem em poder pela condescendencia, e opportunidade. Os Principes, e os Estados, que desprezaraõ, ou favoreceraõ o crescimento da influencia Franceza, ou authoridade Franceza, vem agora o seu erro, e cordialmente se uniraõ para reparalo; mas de todas as naçoens da Europa, nenhuma entrou no conflicto com maior pureza de vista, e sinceridade de coraçaõ; nenhuma mostrou mais zelo pela cauza commum, do que a Gram-Bretanha.

Assim o rompimento da guerra em 1688 se parecia, em muitos pontos, com a situaçaõ, em que agora nos achamos. A nossa esphera de acçaõ, he com tudo maior: o nosso horizonte politico mais amplo; as forças de ambos os lados muito mais numerosas; as pretençoens do inimigo commum mais abertamente oppressoras; os soffrimentos dos alliados mais reclamadores de remedio, e de cautella. Se nos portanto errar-mos, erraremos no cazo mais evidente, e contrario á experiencia, que deve ser a regra da sabedoria.

A guerra do Rei Guilherme durou nove annos, com poucas vantagens dos alliados, excepto a retomada de Namur. Elle perseverou todavia em sua heroica firmeza até 1697, em que o tractado de Ryswick lhe concedeo termos mais razoaveis, doque elle devia esperar de suas operaçoens militares; mas ainda aquelle tractado de nenhuma sorte satisfez ás vistas e esperanças debaixo das quaes a guerra havia começado. Elle naõ reduzia assaz o poder da França, e muito menos as suas pretençoens. Dezarmou, e desunio os confederados; e deixou a França unida, e armada. As necessarias consequencias de huma tal paz, foraõ huma nova, e mais violenta guerra, que o Rei Guilherme estava a ponto de emprehender, cuja declaraçaõ foi impedida pela sua morte. Ella com tudo foi adoptada, e continuada por dez annos com as mais brilhantes vantagens, pelo Governo da Rainha Anna; mas como ja se observou, e como Bolingbroke claramente confessa, a paz de Utrecht era taõ inferior ás pretençoens a que tinhaõ direito ás victorias de Marlborough, como a de Ryswick era superior ás façanhas de Rei Guilherme. Segundo Bolingbroke, a curta politica da Austria, suas vistas particulares sobre a Italia, a diversaõ occazionada pelas severidades que practicava na Hungaria, e o dezigual gravame que deixou a Gram-Bretanha, foraõ as cauzas principaes que malograraõ as tentativas dos alliados

em ambas as guerras. Mas elle estava mui convencido da necessidade de manter a balança politica em todos os cazos possiveis, para cahir no erro daquelles que entaõ achavaõ na ma conducta dos alliados huma razaõ para abandonar a idea de huma politica continental. " Nos estamos n'huma ilha, diz elle, mas se hum poder superior der a lei ao continente, receio, que no-lo dê taõbem." Por esta razaõ, Izabel, e o seu povo sabiamente se opposeraõ a Caza de Austria, e sustentaraõ a de Bourbon ; e a Rainha Anna, e o seu povo, em igual sabedoria, sustentou a Caza d'Austria, e se oppoz á de Bourbon. O exorbitante poder da França consistia principalmente na sua barreira septemtrional.—" Aquella muralha de bronze, erguida por Luiz XIV, que chegava dos Alpes ao Oceano." Em 1710, (como Bolingbroke assevera) ella podia ser despojada desta escudo, e ficar taõ aberta para a invazaõ de seos vizinhos como estes o estavaõ para sua invazaõ. Para attingir este fim, deviaõ se ter feito subsequentes allianças,—mas fez-se o contrario. A acquiziçaõ da Lorena completou a barreira Franceza ; e entre os projectos injudiciosos do Imperador Jozé, o mais injudicioso talvez foi o desmantelar as suas fortalezas nos Paizes Baixos, que formavaõ huma contra barreira.

J. S.

DIFFICULDADES DA CONSCRIPÇAÕ EM FRANÇA.

(Artigo transcripto do Times.)

Pessoas vindas ultimamente de França dizem ter prezenciado a grande difficuldade, e mesmo desordens que tem occorrido em levantar os novos conscriptos. Qualquer que seja o credito que se de a taes relaçoens, he certo, que semelhante medida, tendo por objecto arrancar do seio das familias o resto de seos mancebos, ja poucos, em todo o paiz, em todas as circumstancias, deve ser sentida como o vexame mais dolorozo, e aggravante; e apenas pode ser posta em vigor pela ferrea maõ de hum despota militar. He notorio que Bonaparte naõ tem huma *força disponivel,* sufficiente para continuar a guerra, que se faz a seos vassallos ; na plena extençaõ de seos decretos. Por conseguinte, em destrictos populosos ; (sobre tudo onde o commercio e agricultura fazem a occupaçaõ dos habitantes) deve esperar-se huma rezistencia daquella natureza. Com tudo nos admittimos de boa mente, que este espirito de descontentamento opera com menor força em França, que no resto do mundo civilizado. N'huma grande parte do imperio, ha mui pouco em que trabalhar, assim o exercito he olhado pelos mancebos como o meio de vida mais facil. Os prejuizos nacionaes dos Francezes, sempre favoraveis ao serviço mi-

litar, tem nestes vinte annos ultimos corrido com mais força por aquelle canal; e os parentes, ou relaçoens, cujos naturaes affectos era de suppor se oppozessem, habituados á longa sugeiçaõ de huma tyrania irresistivel, achaõ-se reduzidos a mais apathica indifferença. Nem deve este effeito attribuir-se somente a Bonaparte. Muito antes da sua accessaõ ao poder consular, as viagens da "sacra guilhotina," pelos diversos departamentos, tinhaõ practicamente mostrado aos habitantes o perigo de se embrulharem com os seos governantes. Pelo que náõ somos do avizo daquelles que olhaõ para os conscripçoens como capazes de effeituar a contra revoluçaõ. Tumultos parciaes, e crescidos obstaculos em levantar as levas que se requerem, devem sem duvida occorrer, mas nos julgamos provavel, que o ultimo Senatus Consultum leve huma força mui consideravel ao campo, ou pelo menos aos depozitos. He nos passos ulteriores que esperamos ver Bonaparte falhar.—Naõ se deve esquecer, que estas duas ultimas campanhas tem produzido huma completa revoluçaõ practica na situaçaõ militar da Europa; naõ so relativamente ao numero de tropas, mas o que he mais importante, á compoziçaõ dos exercitos que tem entrado em acçaõ. A experiencia, a disciplina, soldados veteranos, continuadas victorias, n'huma palavra, tudo o que fez por longo tempo a gloria excluziva da França, passou para os seos adversarios; e tudo isto pela temeridade, obstinaçaõ e loucura de hum so homem. Reflicta nisto o povo Francez.

Quinhentos mil homens podem-se alistar da sua parte. Destes cincoenta ou sesenta mil podem ser de cavaleria. Com tudo isso, quantos soldados se poderaõ achar uteis, ou capazes de serviço. Hum terço daquelle total? Nem hum quarto, nem hum quinto. Poucos annos, ou poucos mezes talvez bastariaõ para dar forma, com sistencia áquella massa informe de conscriptos; mas de certo os alliados naõ permittiraõ ao seu obstinado inimigo hum dia ou huma hora de repouzo. Elles seguiraõ sem cessar, e perpetuamente esmagaraõ as suas novas legioens no seu mesmo berço. O exercito effectivo, que foi trazido para as margens do Rhin, e se postou no entrencheirado campo de Hockheim, montava (incluindo Dombrowski e o seu pequeno corpo de Polacos) a 40,000 homens. Provavelmente 30,000 mais atravessaraõ o Rhin, mas estes saõ cançados de fadigas, e doenças, que naõ poderaõ servir. Estas, com tudo a excepçaõ de huma pequena parte do exercito de Bayonna, e Catalunha, comprehendem todas as tropas Francezas, que se podem chamar veteranas. Que daria agora a França pela guarniçaõ de Dresden, ou pelo exercito de Davoust, ou pelo exercito ainda mais numerozo, e efficaz dos prizioneiros Fran-

cezes em Inglaterra? Em quanto Bonaparte viver, pouca probabilidade tem de conseguir hum so d'elles. Elle naõ consentirá sentar se n'hum throno envilecido; e he na sua opiniaõ hum aviltamento ceder huma so aldea dos departamentos annexos a seu imperio pela fraude, e usurpaçaõ: mas consentiraõ os alliados que elle reine em Hollanda, ou alem dos Alpes? Jamais.

Paréce-nos que offerecendo-se a tractar com Bonaparte, como Imperador, e deixando lhe hum territorio maior que o que possuiaõ os Reis de França, os Alliados, foraõ impellidos por huma duvidoza benevolencia para com a França. Os nossos leitores se lembraraõ, que a tres mezes dicemos, "que se podia com segurança fazer paz com Bonaparte, mesmo que naõ fosse reduzido aos limites da antiga França, porquanto elle tinha de tal sorte impobrecido, debilitado aquelle paiz interna, e externamente, que pô-lo no throno de Luiz XVI. seria faze-lo hum soberano ainda mais fraco que aquelle monarcha." E muitas vezes temos declarado, que concordamos com todos os politicos Inglezes desde Bolingbroke até Burke; isto he, que a liberdade da Europa naõ pode conservar-se, senaõ deixando hum poder consideravel a França, ou na lingoagem dos Alliados, "que o poder da França, n'hum estado de grandeza e forças, he hum dos alicerses do edificio social da Europa," Mas como he possivel á França limitada á moderada barreira, e debaixo do mando destruidor de Bonaparte, adquerir grandeza ou vigor. O simoom do deserto naõ he mais fatal a vegetaçaõ do que o ministerio dilacerante deste dissipado, e mizeravel financeiro—he para o productivo capital do paiz. A seguinte passagem da celebrada carta de Mr Walsh, sobre a indole, e disposiçaõ do Governo Francez, he taõ eloquente em ponto de estylo, como verdadeira em ponto de facto."—Era a jactancia de Hun, Atila, '*que nunca mais cresceo relva, onde o seu pe havia pizado.*'—A paixaõ do feroz tyrano do tempo prezente he, que nenhum sentimento generoso, e independente floreça dentro do alcance do seu sceptro. Os fructos da industria constituem a sua preza natural, assim como as riquezas da natureza, e os mais venerandos estabelecimentos da politica humana:"

——— Metuenda colonis
Fertilitas. Laribus pellit, detrudit avitis
Finibus, aut aufert vivis, aut occupat hæres.

OFFICIOS DO GRANDE LORD.

Quartel-General de S. Jean Pied de Port, 13 de Novembro 1813.

My Lord,—Os inimigos tem, desde o principio de Agosto, occupado huma posiçaõ, tendo a direita sobre o mar, na frente de St. Joaõ da Luz, e sobre a esquerda do Nivelle, o centro sobre La Petite La Rhune in Sarré, e sobre os montes por detraz da aldéa, e a esquerda, consistindo de duas divisoens de infanteria, debaixo do commando do Conde de Erlon, sobre a direita daquelle rio, em huma forte montanha por detraz de Anhoue, e sobre a montanha de Mondazin, que protegia a approximaçaõ daquella villa; o inimigo tinha tido huma divisaõ, debaixo do commando do General Foy, em St. Joaõ Pied de Port, á qual se reunio huma do exercito de Aragaõ, debaixo do commando do General Paris, ao tempo em que a esquerda do exercito alliado atravessava o Bidassoa, no dia 7 d'Outubro; a divisaõ do General Foy unio-se ás que estavam nas montanhas por detraz de Anhoue, quando o Tenente-general Sir Rowland Hill marchava para dentro do valle de Bastan.

O inimigo naõ satisfeito com a natural fortaleza desta posiçaõ, tinha o todo della fortificado, e a direita em particular, tinha a fortificado tanto, que eu naõ julguei conveniente o atacalla em frente. Tendo-se Pamplona rendido no dia 31 d'Outubro, e a direita do exercito ficando desoccupada do bloqueio da praça; mandei marchar o Tenente-general Sir Rowland Hill, no dia 6, e 7, para dentro do valle de Bastan, logo que o estado das estradas, depois das recentes chuvas, o permitisse, com o intento de atacar o inimigo no dia 8 do corrente; porem como a chuva que caio no dia 7, tornasse outravez as estradas impracticaveis, fui obrigado a differir o ataque até o dia 10, quando completamente fomos bem succedidos em tomar todas as posiçoens da esquerda, e do centro do inimigo, separando aquella, desta, e por este modo rodeando a forte posiçaõ do inimigo sobre o baixo Nivelle, occupada pela sua direita, aqual foi obrigado a evacuar durante a noite, e tomamos-lhe 51 peças de canhaõ, e 1,200 prisioneiros.

O objecto do ataque sendo forçar o centro do inimigo, e estabelecer o nosso exercito na retaguarda da sua direita, foi o ataque feito em columnas de divisoens cada huma dellas pelo Official General seu commandante, e formando cada huma a sua propria reserva. O Tenente general Sir Rowland Hill dirigio os movimentos da direita, que consistia da 2. divisaõ, debaixo do commando do Tenente-general o Hon. Sir Guilherme Stewart, da 6. divisaõ, debaixo do commando do Tenente-general Sir H. Clinton, huma divisaõ Portugueza, do commando do Tenente-General Sir Joaõ Hamilton, e huma divisaõ Hespanhola, commandada pelo General Morillo, e a brigada de cavallaria, do Coronel Grant, e huma brigada de artilheria Portugueza, debaixo do com-

mando do Tenente coronel Tulloh e tres peças de montanha, commandadas pelo Tenente Robe, que atacaram as posiçoens do inimigo por detraz de Anhoue. O Marechal Sir Guilherme Beresford dirigio os movimentos da direita do centro, com a da 3. divisaõ, commandada pelo Major-general o Honoravel Carlos Colville, a 7. divisaõ commandada pelo Marechal de Campo Le Cor, e a 4. divisaõ, commandada pelo Tenente-general o Hon. Sir Lowry Cole, esta ultima atacou os reductos na frente de Sarré, aquella aldéa, e os montes por detraz della, apoiada pela esquerda, pelo exercito de reserva de Andalusia, debaixo do commando do Marechal de Campo Don Pedro Giron, o qual atacou as posiçoens do inimigo, na direita de Sarré, sobre os declives de La Petite La Rhune, e os altos alem da aldea sobre a esquerda da 4. divisaõ. O Major-general Carlos Baraõ Alten, com a divisaõ Hespanhola do General Longa, atacou as posiçoens do inimigo sobre La Petite La Rhune, e tendo-as tomado, cooperaràm com a direita do centro, no ataque dos altos por traz de Sarré.

A brigada de cavallaria do General Alten, debaixo da direcçaõ do Tenente-general Sir Stapleton Cotton, seguio os movimentos do centro, e havia 3 brigadas de artilheria com esta parte do exercito, e tres peças de montanha com o General Giron, e tres com o Major General Carlos Alten.

O Tenente-general Don Manuel Freyre, marchou em duas columnas, desde os montes de Mandale, para Ascain, em ordem a approveitar-se de alguns movimentos que o inimigo podesse fazer da direita da sua posiçaõ para o centro; e o Tenente Gen. Sir Joaõ Hope, com a esquerda do exercito, forçou as posiçoens exteriores do inimigo em frente dos seus intrincheiramentos sobre o baixo Nivelle, tomou o reducto assima de Orogne, e estabelecéo-se sobre os altos immediatamente oppostos a Sibour, prompto par se approveitar de algum movimento que fizesse a direita do inimigo. O attaque começou com dia; e o Tenente General o Hon. Sir Lowry Cole, tendo obrigado o inimigo a evacuar o reducto sobre a sua direita em frente de Sarré, por meio de huma canhonada e o em frente da esquerda da aldea tendo sido tambem evacuado; ao approximar-se a 7. divisaõ, debaixo do commando do General Le Cor, para o atacar, o Tenente General Sir Lowry Cole, atacou e tomou posse da aldéa, que estava rodeada pela esquerda, pela 3. divisaõ, commandada pelo Major General o Hon. Sir Carlos Colville, e pela direita, pela reserva de Andaluzia, commandada por Don Pedro Giron, e o Major Gen. Carlos Baraõ Alten, tomou as posiçoens sobre La Petite La Rhune. O todo entaõ cooperou no ataque da principal posiçaõ do inimigo por detraz da aldea. A 3. e 7. divisoens immediatamente tomaram os reductos sobre a esquerda do centro do inimigo, e a divisaõ ligeira os da direita, em quanto a 4. divisaõ com a reserva de Andaluzia, sobre a esquerda atacou as posiçoens do centro. Com estes ataques foi o inimigo obrigado a abandonar as suas fortes

posiçoens, que tinha fortificado com tanto cuidado, e trabalho, e deixou no principal reducto sobre o monte, o 1. batalhaõ, do regimento 88, que immediatamente se rendeo.

Em quanto estas operaçoens se faziam no centro, tinha eu o prazer de estar vendo a 6. divisaõ, commandada pelo Tenente General Sir Henrique Clinton que depois de ter attravessado o Nivelle, e ter forçado as estacadas do inimigo sobre ambas as margens, e tendo coberto a passagem da divisaõ Portugueza, debaixo do commando do Tenente General Sir Joaõ Hamilton, sobre a sua direita, fez o mais brilhante ataque sobre a direita da posiçaõ inimiga por traz de Anhoue, e sobre a direita do Nivelle, e toumou todos os intrincheiramentos, e os reductos sobre aquelle flanco. O Tenente General Sir Joaõ Hamilton apoiou com a divisaõ Portugueza, a 6. divisaõ sobre a sua direita, e ambos cooperaram no ataque do segundo reducto, o qual foi immediatamente tomado.

A brigada do Major General Pringle, da 2. divisaõ, commandada pelo Tenente Gen. o Hon. Sir Guilherme Stewart, forçou as estacadas do inimigo sobre o Nivelle, e na frente de Anhoue; entaõ o Major Gen. Byng, com a sua brigada da 2. divisaõ, tomou os intrincheiramentos, e hum reducto mais distante sobre a esquerda do inimigo, em cujo ataque o Major General e estas tropas se distinguiram. O Gen. Morillo cobria a avançada do todo, para os altos detraz de Anhoue, atacando os postos do inimigo sobre os declives de Mandarin, e seguindo-os para a banda da Itzatee. As tropas que estavam sobre os altos por detraz de Anhoue, por estas operaçoens, debaixo da direcçaõ do Tenente Gen. Sir R. Hill, foram forçadas a retirar-se para a ponte de Cambo sobre o Nive, a excepçaõ da divisaõ em Mandarin, a qual em consequencia de marcha de huma parte da 2. divisõ, debaixo do commando do Tenente Gen. o Hon. Sir Guilherme Stewart, foi arrojada para dentro das montanhas para a banda de Baygoris.

Logo que as montanhas foram tomadas em ambas as margens do Nivelle, ordenei que a 3., e 7. divisoens, que formavam a direita do nosso centro, marchassem pela esquerda daquella rio sobre St. Pé, e a 6. divisaõ pela direita sobre o mesmo sitio, em quanto a 4., e a ligeira, e a reserva do Gen. Giron, occupavam os montes para sima de Ascain, e cobriam este movimento por aquelle lado, e o Tenente Gen. Sir Row. Hill, o protegia pelo outro. Huma parte das tropas do inimigo tinha-se retirado do seu centro, e tinha attravessado o Nivelle em St. Pé, e tanto que a 6. divisaõ se approximou da terceira ás ordens do Major Gen. o Hon. Carlos Colville, e da 7. divisaõ, commandada pelo Gen. Le Cor, attravessarem o rio, atacaram, e immediatamente ganharam a posse dos montes da outra banda.

Por este modo nos estabelecemos na retaguarda da direita do

inimigo; porem tinha-se consumido tam grande parte do dia que naõ era possivel continuar a fazer outras manobras; e fui obrigado a differir as nossas posteriores operaçoens para a manham seguinte. O inimigo evacuou Ascain no principio da tarde, de cuja aldéa tomou posse o Tenente Gen. Don M. Freyre, e largou todas as suas obras e posiçoens na frente de St. Joaõ da Luz durante a noite, e retirou-se sobre Bidart, destruindo todas as pontes sobre o Baixo Nivelle. O Tenente Gen. o Hon. Sir Joaõ Hope seguio-o com a esquerda do exercito, logo que pôde atrevessar o rio; e o Marechal Sir Guilherme Beresford moveo o centro do exercito o mais para diante que o estado das estradas, depois de huma violenta chuva, lhe permitia; e o inimigo retirou-se outravéz na noite do dia 11, para dentro de hum campo intrincheirado na frente de Bâyona.

No curso destas operaçoens de que tenho dado a V. S. huma idea, em que lançamos o inimigo fora das posiçoens que em que andou a trabalhar tres mezes com grande trabalho e cuidada, em que tomamos 51 peças de canhaõ, 6 carros de muniçoens, e 1,200 prisioneiros, tenho a satisfacçaõ de referir o bom porte dos officiaes e tropas. A mesma relaçaõ mostrará quanta rasaõ en tive de ficar satisfeito com o do Marechal Sir Guilherme Beresford, e com o do Tenente Gen. Sir Row. Hill, que dirigiram o ataque do centro, e direita do exercito, e com o dos Tenentes Gens. o Hon. G. L. Cole, o Hon. Sir Guilherme Stewart, Sir J. Hamilton, e Sir Henrique Clinton, e do Major Gen. o Hon. C. Colville, Carlos Baraõ Alten, Marechal de Campo P. Le Cor, e Marechal de Campo Don Pablo Morillo, que commandavam divisoens de infanteria, e com a de Don Pedro Giron, commandante da reserva de Andaluzia. O Tenente Gen. Sir Row. Hill, e o Marechal Sir Guilherme Beresford, e estes Officiaes Generaes, tem communicado os seus juizos sobre o portamento dos generaes e tropas debaixo dos seus respectivos commandos: e eu particularmente recommendo á attençaõ de V. S. o do Major Gen. Byng, e do Major Gen. Lambert, que conduziram o ataque da 6. divisaõ; e da mesma forma partciularmente observo a valorosa conducta dos regimentos 51. e 68., commandados pelo Major Price, e pelo Tenente Col. Hawkins, do brigada do Major Gen. Inglis, no ataque dos montes assima de St. Pé, na tarde do dia 10. A 8. brigada Portugueza, da terceira divisaõ, commandada pelo Major Gen. Power, igualmente se distinguio no ataque da esquerda do centro do inimigo, e a brigada do Major Gen. Anson, da 4 divisaõ na aldea de Sarré, e no centro das montanhas.

Ainda que a mais brilhante parte deste serviço naõ foi da repartiçaõ do Tenente Gen. o Hon. Sir J. Hope, e do Tenente Gen. Don M. Freyre, tenho, comtudo, toda a rasaõ para estar satisfeito com o modo porque estes officiaes se conduziram no serviço de que tiveram a direcçaõ. A nossa perda, posto que consideravel, naõ foi, com tudo, tam grande como se poderia esperar, conside-

rando a fortaleza das posiçoens atacadas, e o expaço de tempo (desde o romper da manham até o escurecer) durante o qual as tropas estiveram em combate; porem devo accrescentar que o Coronel Barnard, do regimento 95, foi gravemente, posto que espero que naõ, perigosamente ferido; e que perdemos o Tenente coronel Lloyd, do regimento 94; official que se tinha frequentemente distinguido, e que dava grandes esperanças. Na formaçaõ do plano para este ataque, e em todas as operaçoens, recebi a maior assistencia, do Quartel-mestre-general, Sir Geo. Murray, e do Ajudante General, o Hon. Sir Duarte Pakenham, e do Tenente Coronel Lord Fitzroy Sommerset, do Tenente Coronel Campbell, e de todas os officiaes do meu pessoal Estadomaior, e de S. A. o Principe de Orange.

A artilheria que esteve no campo foi de grande serventia para nos, e naõ posso sufficientemente reconhecer a intelligencia, e actividade com que foi trazida para o ponto do ataque, debaixo da direcçaõ do Coronel Dickson, pelas mas estradas ao travéz das montanhas, e nesta estaçaõ do anno.

Invio este officio pelo meu Ajudante-de-Campo, o Tenente Marquez de Worcester, o qual, pesso licença, para recommendar a V. S.

Tenho a honra de ser, &c.
(Assignado) WELLINGTON.

P. S. Remeto a conta dos mortos e feridos. Depois que recebémos a conta das perdas do inimigo, tomamos mais 100 prisioneiros, e 400 feridos.

SECRETARIA DA GUERRA.

Downing Street, 29 *de Decembro*, 1813.

O Major Hill, Adjutante de Campo do Tenente-General Sir Rowland Hill chegou com o despacho seguinte, remetido pello Field-Marechal, Marques do Wellington, ao Conde Bathurst.

S. Joaõ da Luz, 14 *de Dezembro*, 1813.

MY LORD,

Depois que o inimigo se retirou do Nivelle, foi occupar huma posiçaõ em frente de Baiona, que elle tem estado á fortificar com grande trabalho desde a batalha de Victoria em Junho passado. Esta posiçaõ parece estar ao alcance do fogo das obras da praça; tem a sua direita sobre o Adour, e a frente por este lado está coberta por hum pantano formado por hum ribeiro que vai desagoar no Adour. A di-

reita do centro se apoia sobre o mesmo pántano, e a sua esquerda sobre o rio Nive. A esquerda está entre o Nive e o Adour, e sobre este mesmo rio fica apoiada a esquerda. Os seos postos avançados da direita estavaõ em fronte d'Anglet, e na direcçaõ de Biaritz. Com a sua esquerda defendendia o rio Nive, e communicava com huma Divizaõ do exercito da Catalunha ás ordens do General Paris, postada em S. Joaõ Pied de Port: alem disto tinha hum corpo consideravel acantonado em Villa Franca e Moreguerre.

Era impossivel o atacar o inimigo nesta posiçaõ em quanto elle se conservasse ali em força.

Eu tinha determinado passar o Nive logo immediatamente depois da passagem do Nivelle, mas naõ o pude fazer pelo máo estado das estradas, e pela enchente de todas as ribeiras, occazionada pelas muitas chuvas do principo d'aquelle mez. Tendo-me porem o tempo e as estradas dado occaziaõ para ajuntar os materiaes, e fazer as disposiçoens necessarias para lançar as pontes sobre aquelle rio, fiz sahir as tropas dos seos acantonamentos no dia 8, e ordenei que a direita do exercito, commandada pelo Tenente General Sir Rowland Hill, o passasse á 9 nas vesinhanças de Cambo, aonde o Marechal Sir W. Beresford, havia de auxilliar esta operaçaõ, fazendo passar ao mesmo tempo em Ustauritz a 6 Divizaõ, commandada pelo Tenente-General Sir Henrique Clinton. Ambas estas operaçoens foraõ completamente bem succedidas. O inimigo foi n'hum instante desalojado da margem direita do rio, e se retirou para Baiona pela estrada real de S. Joaõ Pied de Port. Os que estavaõ postados de fronte do Cambo estiveraõ quasi a ser cortados pela 6 Divisaõ; e hum regimento ainda foi obrigado a sahir da estrada para se salvar pelo meio do paiz.

O inimigo postou-se em força consideravel sobre huma linha de alturas, que correm paralelas ao Adour, e guardava sempre Villa Franca com a sua direita. O regimento Portugues No. 8, commandado pelo Coronal Douglas, o 9 de Caçadores do Coronel Brown, e os batalhoens de infantaria ligeira da 6. divisaõ tomáraõ esta aldeia, e as alturas vesinhas. A chuva da noite antecedente, e da manham de 8 tinha de tal sorte arruinado o caminho, que foi preciso quasi todo o dia para que o corpo de Sir Rowland Hill podesse alli chegar: assim eu estava muito satisfeito com o terreno que occupavamos.

No mesmo dia, o Tenente-General Sir John Hope, com a esquerda do exercito do seo commando se poz em marcha pella estrada Real de S. Joaõ da Luz que vai para Bayonna, e reconheceo a direita do campo intrincheirado em frente de Bayonna, e toda a corrente do Adour a baixo da cidade,

depois de haver repelido os postos do inimigo das vesinhanças de Biaritz e Anglet. A divisaõ ligeira, commandada pelo Major-General Alten, moveo-se ao mesmo tempo de Bassasary, e reconheceo aquella parte dos intrincheiramentos do inimigo.

Sir John Hope e o Major-General Alten retiráraõ-se á noite para as posiçoens que antes occupavaõ.

Na manham de 10 o Tenente-General Sir Rowland Hill vio que o inimigo se havia retirado da posiçaõ que occupava no dia antecedente sobre as alturas d'entro do seo campo intrencheirado por aquella parte do Nive; e por consequencia foi elle tomar a sua posiçaõ ja marcada, ficando com a sua direita na direcçaõ do Adour, a sua esquerda em Villa Franca, e communicando com o centro do exercito do Marechal Sir W. Beresford por huma ponte lançada sobre o Nive; porque as tropas commandadas pelo Marechal tinhaõ passado de novo para a esquerda do Nive.

A divisaõ de infantaria Hespanhola as ordens do General Morillo, que se tinha conservado com Sir Rowland Hill, depois que as outras tropas Hespanholas foraõ tomar os seos acantonamentos, estava postada em Urcuray com a brigada dos dragoens ligeiros do Coronel Vivian em Hasparren, á fim de observar os movimentos da divisaõ inimiga do General Paris, que depois da passagem do Nive se tinha retirado para St. Palais.

Na manham de 10 o inimigo sahio dos intrincheiramentos com todo a seo exercito, a excepçaõ só daquella parte, que occupava-as obras em frente da posiçaõ de Sir Rowland Hill; e repellindo os piquetes da divisaõ ligeira e do corpo de Sir John Hope, fez hum ataque desesperado sobre a posiçaõ da primeira no castello e igreja de Arcangues, e sobre os postos avançados do ultimo, na estrada Real de Bayonna para St. Joaõ de Luz, perto da caza do *Maire* de Biaritz. Ambos estes ataques foraõ malogrados pela guapa bizarria das tropas; e ainda em cima, o corpo de Sir John Hope fez quasi quinhentos prisioneiros.

O maior calor da acçaõ, que tiveraõ os postos avançados de Sir John Hope, coube á primeira Brigada Portuguesa, commandada pello Brigadeiro-General A. Campbell, que foi aquella que logo suportou o ataque, e á Brigada da 5 divisaõ, ás ordens do Major-General Robinson, que marchou a reforça-la. O Tenente General Sir John Hope mencionou mui distinctamente naõ só comportamento destas tropas, mas de todas as outras que se empenháraõ no combate. E eu tive a maior satisfacçaõ de ver, que as tentativas do inimigo, feitas contra a nossa esquerda, a fim de nos obrigar á retroceder para a nossa direita, foraõ completamente frustradas por forças nossas muito menos numerozas.

Naõ tenho sufficientes expressoens com que elogie a habilidade, sangue frio, e penetraçaõ do Tenente-General Sir John Hope, o qual com todos os officiaes generaes e os do Estado-Maior, que estavao ás suas ordens, dêo ás tropas hum exemplo de huma tal bizarria, que de necessidade deve ter muito concorrido para os felizes resultados daquelle dia.

Sir John Hope recebeo huma forte contusaõ ; mas apezar disso, tenho a fortuna de dizer, que o naõ tem obrigado a privar-me hum só momento da sua taõ util assistencia.

No fim da acçaõ, os regimentos de Nassau e Francfort, commandados pelo Coronel Kruse, dezertáraõ para os postos da Brigada do Major-General Ross, da 4. divisaõ, os quaes estavaõ formados para reforçar o centro.

Ao anoitecer os inimigos ainda se conservavaõ em força na frente dos nossos postos, e sobre o mesmo terreno donde haviaõ expulsado os nossos piquetes. Com tudo retiráraõ-se de noite da frente do Tenente-General Sir John Hope, deixando pequenos postos, que foraõ immediatamente desalojados. Mas ainda occupavaõ com grande força o outeiro, em que tinhaõ estado os piquete da divisaõ ligeira, e assim era obvio que todo o exercito ainda se conservava em frente da nossa esquerda. Seriaõ quasi tres horas da tarde, tornáraõ a desalojar os piquetes do Tenente-General Sir John Hope, e atacáraõ os seos postos : mas foraõ novamente repelidos, e com huma perda consideravel.

O ataque foi renovado na manham de 12, com a mesma falta de successo, depois que a primeira divisaõ, ás ordens do Major-General Howard foi reforçar a 5 divisaõ. Assim o inimigo desistio do seo empenho, pela tarde, e á norte se retirou de todo para o seo campo intrincheirado. Depois do dia 10 nunca mais tornáraõ a atacar os postos da divizaõ ligeira.

O Tenente-General Sir John Hope menciona com os maiores elogios o comportamento de todos os officiaes e tropas ; mas com maior particularidade, o da 1. Brigada Portugueza, commandada pelo Brigadeiro-General A Campbell ; e o das brigadas do Major-General Robinson, e do Honrado Coronel Greville, pertencentes a 5 divisaõ do commando do Major-General Hay. Taõbem particularmente menciona o Major-General Hay, commandante da 5 divizaõ ; os Majores-Generaes Robinson e Bradford ; o Brigadeiro-General Campbell ; os Coroneis do Rego e Greville, commandantes de Brigadas ; o Tenente-Coronel Lloyd, do 84, que desgraçadamente morreo ; os Tenente-Coroneis Barnes das Guardas Reaes, e Cameron do 9 ; o Capitaõ Ramsay da Real artitharia á cavallo ; o Coronel de Lancey, o Deputado Quartel-Mestre-General ; o Tenente Coronel M'Donald

e Assistante-Ajudante-General, addido ao corpo de Sir John Hope; e todos os officiaes do seo Estado-Maior.

A primeira divisaõ commandada pelo Major-Gen. Howard naõ entrou em combate athe o dia 12, quando o ataque do inimigo foi mais fraco; porem as guardas portáraõ-se com o seo valor ordinario.

O inimigo, que se vio assim sempre mal succedido em todos os ataques que fez com todas as suas forças sobre a nossa esquerda, retirou-se para os seos intrincheiramentos em a noite de 12, e passou com huma grande força por Bayonna, com aqual namanham de 13 fez hum desesperadissimo ataque contra o Tenente-General Sir Rowlaud Hill.

Esperando já esse attaque, eu tinha requerido ao Marechal Sir W. Beresford que reforçava o Tenente-General com a 6 divisaõ que atravessou o Nive ao romper da manham. Depois disto, eu o reforcei ainda com a 4 divisaõ, e duas brigadas da 3.

Com a chegada da 6 divisaõ teve o Tenente-General muito maior facilidade para executar os seos movimentos; mas as suas proprias tropas ja tinhaõ derrotado e repelido o inimigo com huma perda immensa antes de lhe aparecer o reforco. O principal ataque deo-se ao longo da alta estrada, que vai de Bayonna para S. Joaõ Pied-de Port. A brigada do Major-General Barnes, composta de infantaria Britanica, e a 5 brigada Portugueza, commandada pelo Brigadeiro-General Ashworth, tiveraõ a parte principal do combate com o inimigo naquelle ponto, e ambas se conduziraõ perfeitamente bem. A divisaõ Portugueza de infantaria, commandada pelo Marechal de Campo C F. Lecor, moveo-se pela sua esquerda de hum medo o mais guapo para as hir auxiliar; e recuperou huma importante posiçaõ entre estas tropas e as da brigada do Major-General Pringle, entaõ empenhadas com o inimigo em frente de Villa Franca. Eu tive taõbem a maior satisfacçaõ de ver o modo porque a brigada de infantaria Britanica ás ordens do Major-General Byng, auxiliada pela 4 Portugueza do Brigadeiro-General Buchan, expulsou o inimigo de huma importante altura sobre a direita da nossa posiçaõ, e se manteve nella a pezar de quanto fez o inimigo para ganha la outra vez.

Tomáraõ se ao inimigo duas peças de artilharia e alguns prizioneiros; e entaõ elle que se vio batido em todos os pontos, e depois de ter sofrido huma perda consideravel, foi obrigado a retirar-se para os seos intrincheiramentos.

Agora sinto a maior satisfacçaõ por ter hum nova oportunidade de elogiar os meritos e os serviços feitos pelo Tenente-General Sir Rowland Hill nesta occasiaõ, assim como os do

Tenente-General Sir William Stewart, commandante da 5 divisaõ; os dos Maiores-Generaes Pringle, Barnes e Byng; os do Marechal de Campo C. F. Lecor: e os dos Brigadeiros-Generaes Da Costa, Ashworth, e Buchan. A artilharia Britanica, commandada pelo Tenente-Coronel Ross, e a Portugueza, pelo Coronel Tulloch, igualmente se distinguîraõ. O Tenente-General Sir Rowland Hill menciona com muita particularidade os auxilios que recebeo dos Tenentes Coroneis Bouverie e Jackson; do Assistente Adjudante, e Assistente-Quartel-Mestre-General agregados ao seo Corpo; e do Tenente-Coronel Goldfinch, dos Reaes Engenheiros, e de todos os officiaes do seo Estado-Maior.

Hum consideravel corpo de cavallaria inimiga passou hontem a noite na ponte do Adour, e as forças que estavaõ de fronte de Sir R. Hill taôbem se retiráraõ esta manham para Bayonna.

Em todas estas varias operaçoens eu tenho recebido toda a qualidade de bons officios do Quartel-Mestre-General Sir George Murray; do Ajudante-General, o Major-General Sir Edward Pakenham; do Tenente-Coronel Lord Fitzroy Somerset; do Tenente-Coronel Campbell; e de todos os officiaes do meo Estado-Maior.

Remeto este despacho pelo Major Hill, Ajudante de Campo do Tenente General Sir Rowland Hill, e peço licença para o recomendar á protecçaõ de V. S.

Tenho a honra de ser, &c.

WELLINGTON.

Incluzo envio o mapa dos mortos e feridos.

RELAÇAÕ.

Dos mortos, feridos e extraviados do exercito alliado nas diversas acçoens de que trata a officio que fica transcripto.

EXERCITO INGLEZ.

Officiaes, officiaes inferiores, soldados, e tambores	
. . . . . mortos.	280
Dos . dos . . dos . dos feridos.	2,086
Dos . dos . . dos. dos. extraviados	210
Total . . .	2,576

EXERCITO PORTUGUEZ.

Officiaes, Officiaes inferiores, soldados, e tambores mortos.	361
Officiaes-generaes, officiaes, officiaes inferiores, soldados, e tambores feridos	1,689
Dos . . dos	
Dos. Dos. extraviados . . .	294
Total . .	2,344

EXERCITO HESPANHOL.

SOLDADOS MORTOS	III!!!
Dos. FERIDOS	XXI!!!

MEMORANDUM.

Quando o Major Hill deixou o exercito a 18 do corrente a ala direita occupava huma posiçaõ entre o Adour, e o Nive por meio da qual estava senhora da navegaçaõ d'ambos os rios: o centro, e a esquerda do exercito estavaõ postados entre o Nive o mar.

ORDEM DO DIA.

Traduzida do Morning Chronicle,

Quartel-general d'Ustaritz 28 *de Novembro, de* 1813.

O Senhor Marechal Berresford, Marques de Campo Maior, tem sempre a maior satisfacçaõ, quando se lhe offerece alguma opportunidade de publicar o bom comportamento das tropas de S. A. R. o Principe Regente, em frente do inimigo. S. Ex. da os parabens a naçaõ Portugueza pela nova gloria que os seos compatriotas adquiriraõ na batalha de 10 do corrente, em que o exercito alliado, as ordens do Illustrissimo e Excellentissimo General Duque da Victoria, expulsou o inimigo das suas posiçoens e intrincheiramentos que occupava na sua propria fronteira; e em que os bravos soldados de S. A. R., conjunctamente com os soldados Britanicos, (entre os quaes ha, e sempre tem havido a mais perfeita armonia naõ so em marcharem unidos contra o inimigo, mas em se prestarem todos

os mutuos sinaes de admiraçaõ, e de huma boa e sincera amisade,) participaraõ neste dia de toda a honra e gloria que ganhou o exercito Anglo-Portuguez. O inimigo foi arrojado das suas posiçoens, que para outro qualquer exercito seriaõ inconquistaveis; mas o vigorozo impulso com que os alliados o carregaraõ era irrezistivel. S. Ex. sente o maior prazer imaginavel em participar a S. A. R. o muito que mereceo o seo exercito nesta occaziaõ.

O Senhor Marechal, alem de remeter para S. A. R. os nomes dos officiaes e officiaes inferiores, que particularmente tem sido recommendados pelos seos respectivos commandantes, na conta que deo a S. A. R. naõ poude escuzar-se de mencionar o quanto lhe agradou o bom comportamento da divizaõ, commandada pelo Tenente-general J. Hamilton; e dezeja que os Brigadeiros-generaes A Campbell e J. Buchan da 4 e 2 Brigadas, assim como todos os officiaes, os officiaes inferiores, e soldados daquella divizaõ fiquem bem persuadidos do muito que delles ficou satisfeito. O Tenente-coronel Tulloch merece a aprovaçaõ de S. Ex. pelos grandes serviços que fez a artilharia do seo commando, naqual vai comprehendida a Brigada da artilharia do calibre de nove, commandada pela Primeiro-Tenente Joze Joaquim Barreiros, do Regimento d'artilharia, No. 4.

S. Ex. da os seos agradecimentos ao Major-general Manly Power da 8 Brigada por naõ ter desmentido a sua antiga reputaçaõ; e os da iguaes ao coronel Joze de Vasconcellos, e a sua 9 Brigada; querendo que estas duas Brigadas aceitem os seos justos comprimentos por haverem desenvolvido a sua bravosidade acostumada.

O Major-general Manly Power menciona paricularmente o Tenente coronel Durzbach pelo que se tem distinguido nesta e outras muitas occasioens. O coronel Joze de Vasconcellos taõbem particularmente menciona o Major J. Scott Lillie.

S. Ex. observou a firmeza, regularidade, e excellente disciplina da 6 Brigada, que estando na rezerva, ainda que naõ teve occaziaõ de entrar em combate, mostrou-se digna da aprovaçaõ de S. Ex. Disto pede ao coronel J. Doyle certifique os officiaes, officiaes inferiores, e soldados.

O Senhor Marechal naõ pode deixar de exprimir a sua aprovaçaõ a respeito do Major-general Carlos Frederico Lecor, que naquelle dia commandava a 7 divisaõ do exercito alliado; e que havendo estado sempre a vista de S. Ex., deo lugar a que o senhor Marechal fosse testemunha ocular dos talentos e zelo que desenvolveo no seo commando. S. Ex. sente a maior satisfaeçaõ em manifestar o quanto lhe agradou o comportamento do coronel J. Douglas, do regimento de infantaria No. 12, e do Batalhaõ de Caçadores, No. 9., os quaes formavaõ parte da 7 Brigada, que estava empenhada na acçaõ. Alem disto, julga do seo dever o dar a esta

Brigada hum testemunho publico e completo da sua aprovaçaõ, pela bizarria com que se houve nas duas primeiras acçoens defronte de Ordaz, em que ostentou hum valor, verdadeiramente digno da Naçaõ Portugueza.

O Batalhaõ de Caçadores No. 9. soube merecer a estimaçaõ dos seos commandantes.

S. Ex. reconhece as obrigaçoens em que está ao Regimento de Infantaria No. 17., e aos Batalhoens de Caçadores Nos. 1 e 3, que formavaõ parte da Divizaõ Ligeira, pelo bem que se comportáraõ nesta batalha.

O Senhor Marechal elogia a actividade e as boas disposiçoens, que o Dr. Lagum, Cirurgiaõ em chefe da 9 Brigada, manifestou pela sua prontidaõ e zelo para com todos os feridos, que sobre o mesmo campo de batalha foraõ soccorridos e curados.

Nas actuaes circunstancias, o Senhor Marechal naõ pode concluir a sua ordem do dia sem dar os seos agradecimentos ao Exercito Portuguez naõ so pelo seo comportamento nas batalhas, mas taõbem por naõ lhe dar o mais pequeno motivo para exhorta-lo, a vista do bem com que sempre se ha portado tanto nos seos acantonamentos como no que dis respeito aos habitantes. Os soldados Portuguezes naõ so tem mostrado ao exercito Francez que este lhes he inferior no campo de batalha e em todas as virtudes militares, mas devem ter convencido a naçaõ franceza quanto elles saõ superiores as suas tropas em principios de moral, humanidade, e boa disciplina. Por estas qualidades assim como pelo seo brio e valor tem conseguintemente as tropas Portuguezas augmentado por extremo a gloria da sua Patria, e merecido com isto os mui particulares e positivos agradecimentos do seo Augusto Soberano, que ao mesmo tempo he o exemplo e o remunerador de todas as virtudes.

A Europa taõbem vera e honrara as virtudes da Naçaõ Portugueza. contemplando em todas aquellas que o seo Exercito tem manifestado.

POSTSCRIPTUM.

Recebemos hoje (31 de Dezembro) mais dois Bulletins do Principe da Coroa datados hum de Neumunster a 12 de Dezembro; e outro datado de Kiel a 16, que por falta de lugar deixamos para o seguinte No. Por elles consta que o Principe de Hesse commandante das tropas Dinamarquezes pedio hum armisticio, que o Principe da Coroa lhe concedeo, e que principiou no dia 15, e deve acabar no dia 29. He mui provavel que a Dinanamarca abandonando a alliança da França, que taõ funesta lhe tem sido, se una aos Alliados.

REFLEXOENS

Sobre os ultimos acontecimentos, e seos consequentes rezultados.

O estrondo, com que rematou a celebridade do anno de 1813, vai levar ao futuro o annuncio de huma nova éra, que pelos alicerses, que estaõ ja lançados, indica huma base mais segura no edificio social, e nos interesses do genero humano. O equilibrio das funçoens no corpo moral e politico, interrompido a vinte annos pelo mais violento e destructivo abalo, que experimentara desde a sua origem, começa a reproduzir-se. Os elementos da ordem, que hum novo cahos parecia ter confundido, re-apparecem ; e a liberdade, este principio vital das naçoens, vai extrahir-lhes a paz do longo, e pavoroso conflicto, que as desolava. Para determinar-mos o futuro que nos espera, naõ temos mais que lançar huma vista retrograda sobre os principios da calamidade, que tem soffrido a geraçaõ prezente ; e sobre a re-açaõ que lhe succedera. A historia do mundo convence o homem da sua innata dispoziçaõ para a guerra, e para os crimes — mas a historia recente da-lhe idea de huma originalidade perversa, que ainda se nao tinha achado na sua estructura.

A revoluçaõ Franceza, como as outras revoluçoens, que tem apparecido sobre a face da terra, levou a violencia, a devastaçaõ, e a morte aos paizes que acommetteo ; mas no progresso de seos horrores exhibio, como principio motor de sua marcha rapida, hum symptoma novo na historia das revoluçoens politicas e moraes, a irreligiaõ. Em todos os tempos o enthusiasmo religiozo influio nas batalhas ; e os homens impellidos por huma potencia, que tem o seu ponto de apoio no infinito, fizeraõ sempre prodigios de valor, e de acçaõ, desconhecidos na rotina precaria de hum interesse passageiro. O Atheismo, proclamado pala vez primeira no meio de hum povo revolto, arvorou o seu estendarte a frente de tropas revolucionarias, e infestadoras ; e ao passo que refinava no soldado o ardor pelo sangue, pelo roubo, e pelo insulto, e preparava antecipadamente a ruina dos estados, e das naçoens,

hia devassando a mola real daquella energia efficaz e duradoura; para lhe substituir outra, que posto violenta, e destruidora, naõ podia sobre viver á saciedade, ou escassez da preza--Semelhante ao abutre, o governo do Atheismo so se nutre do cadaver das naçoens; mas a sua sede matadora se torna o seu mesmo estrago, na solidaõ sepulchral, que estabelece a roda de si. Desta maneira, os principios activos da revoluçaõ Franceza, devorando os homens, traziaõ com sigo o germe da sua defeçaõ, que tarde ou cedo devia manifestar-se.

Em quanto porem a lava revolucionaria se espalhava nos paizes contiguos, arrojada pela impetuosidade espansivel daquelle vulcaõ abrazador, seu espirito contagioso se apossava de tudo o que encontrava homogeneo na sua esphera de acçaõ. Os Governos da Europa continental desconhecendo o genio da nova potencia, que os attacava, e contando erradamente so a força numerica dos seos estados, vieraõ a campo; e bem depressa provaraõ no revez a incerteza de seos calculos, e a ineptidaõ da sua rezistencia.—O governo do Atheismo, ou por deixar-mos figuras, o governo exicial, e devorante da revoluçaõ Franceza, ou do seu chefe Napoleaõ, teria consumado a infernal obra de suas vistas; a escravidaõ do continente, e a degeneraçaõ do espirito humano; se elle podesse refrear hum pouco a sua avidez d'estrago, e de rapina. Tendo podido halucinar os Gabinetes por huma serie de victorias, que assombravaõ somente o egoismo diplomatico, cuidou que os povos seguiriaõ a indifferença de seos governos, e recorressem taobem ao sophisma para encobrir huma fraqueza, que so provinha do izolamento.

Com effeito, os governos naõ se achavaõ identificados com os povos. O pacto social, que so pode unilos, huma constituiçaõ, que mantenha seos reciprocos direitos, e interesses, estava interrompido ou se naõ tinha formado. A cauza de huns e de outros por si mesma se dividia. Os Governos naõ querendo povos livres, e so assim potentes para mantelos, mas sim authomatos, que lhes obedecessem, excluiraõ o saber, e a integridade experimentada de seos conselhos, e so deraõ lugar, e confiaraõ no predominio da intriga, e da venalidade. Ja se ve, quam precaria devia ser a sua

segurança. Os Governos foraõ surprendidos, e esmagados pelo inimigo, que conhecia a deviaçaõ de seos eixos, e que por secretas operaçoens havia antecipado a sua queda.

O systema regrador e atheistico da França achava nesta defeciencia largo campo para o seu engradecimento. Mas era precizo enxertá-lo nos povos. Era precizo enbrutecelos, e debelitalos, para os costumar a hum jugo de violencia, e de roubo. Era precizo, n'huma palavra, para arraigar-se aquelle systema, fazer de cada homem hum perfido, ou assassino, e de cada mulher huma prostituta. Tal estádo de couzas, bem que desconcertasse os Governos, dezafiáva a reaçaõ dos povos, que ainda naõ estavaõ totalmente prevaricados, ou que se achavaõ perto da natureza. Desde o momento pois, em que a revoluçaõ invasora dos Francezes mostrou practicamente aos povos, que a inviolabilidade da innocencia, e a pureza da fé conjugal, bazes de toda a virtude publica, e privada, naõ estavaõ resguardadas do insulto; a lucta se tornou complexa, e mais ampla. O espirito, que a reforçava, naõ era so de reacçaõ entre a independencia, e o despotismo, mas tambem entre a impiedade, e a religiaõ. Taes elementos em guerra naõ podem nunca ceder para equilibrar-se. He precizo, que os oppostos se aniquilem, para ter lugar a quietaçaõ. Deste modo olhando para a natureza do actual conflicto; hum dos dous estados deve succeder-lhes ou o triumpho combinado da impiedade, e despotismo, ou o da religiaõ, e independencia. Nenhum destes elementos podem agora izolar-se entre si, visto que as suas affinidades entraraõ em acçaõ; e he problematico ainda qual daquelles principios heterogeneos será o predominante.

Mal que a torrente invazora, e revolucionaria ganhou hum movimento apparentemente uniforme, pela influencia da astro maligno, que a regia; o seu fluxo e refluxo pareceo ameaçar gradualmente a total subversaõ da Europa.—Ella correo impetuoza, e progressiva a proporçaõ dos vazios, que encontrava. Mas semelhante ás vagas tempestuozas do oceano, que se quebraõ nos rochedos da costa, chegando ás extremidades da Europa, ella encontrou as barreiras, que a fizeraõ retroceder—Portugal, e a Russia. Eisaqui os

dous pontos, donde começamos a ver, o movimento retrogrado, e decrescente do poder collossal, que pertendia subjugar o mundo. Foraõ os valerozos povos de Portugal, foraõ os povos da Russia, inflamados de igual ardor, que deraõ aos outros povos o exemplo de pelejar, naõ so contra os seos tyranos, mas de pelejar pela sua religiaõ, e dignidade da natureza humana, a liberdade; e que efficazmente mostraraõ pelos seos heroicos esforços, e nunca vistos sacrificios, como se podia triumphar de taes inimigos. Naõ era o objecto salvar unicamente as vidas, ou os estados; era salvar a honra dos povos, cimentada pelos costumes, que se achavaõ acomettidos pelas irrupçoens da immoralidade. Saõ os costumes que formaõ a energia das naçoens; he a religiaõ que os conserva illezos. Se os Portuguezes, e os Russos naõ tivessem aquelles, nem esta conseguintemente, que motivo teriaõ para taõ energica reacçaõ? Se a Germania estivesse destituida destes principios, que exaltaõ a coragem, e a perseverança, como seguiria taõ heroicamente aquelle exemplo? Fica pois claro, que sem religiaõ, sem costumes nenhuma reacçaõ feliz teria lugar contra hum systema de atheismo, e immoralidade, qual he o do Governo Francez na sua organizaçaõ e nos seos movimentos.

Debalde a politica pertende arrogar a si o exito dos acontecimentos actuaes; debalde calcula ella sobre dados imaginarios, ou se limita a operaçoens meramente conservadoras. Os rezultados gloriozos, que ja vemos pela cauza justa, naõ lhe pertencem. Saõ filhos da energia dos povos. Se a magnanimidade, saber, e co-operaçaõ dos Principes Alliados figuraõ nelles; he porque se lançaraõ naquelle vehiculo do publico enthusiasmo pela liberdade; sem o qual nada effeituariaõ.—Hum systema de balança politica, de que tanto fallaraõ, e fallaõ ainda hoje alguns estadistas, como necessario para o equilibrio das Potencias da Europa; he, quanto a nos, o delirio de huma imaginaçaõ desordenada, ou o suterfugio de hum poder aspirante. Onde estavaõ os braços desta balança nos antigos governos, antes que se formassem os dous imperios passados, Grego, e Romano? Onde se achaõ ainda hoje entre os povos d'Azia, Africa, e America,

onde ha guerras, e paz alternadamente? Regeitemos pois huma denominaçaõ, que nada exprime, ou induz a falsas concepçoens. A verdadeira balança politica, que sustenta o equilibrio das potencias, he a moralidade dos governos, e consequente liberdade das naçoens. Nos desconfiaremos da philantropia de huma potencia conservadora, que sendo livre, se oppozer a liberdade de qualquer outra. Sejaõ os Governos justos, e os povos livres, que os direitos, e verdadeiros interesses de huns e de outros seraõ mantidos. Naõ he precizo grande sciencia nem revelaçoens, para dar a cada hum o que lhe pertence, o uzo da sua propriedade, e liberdade; e os deveres tanto dos individuos, como das naçoens se fundaõ nestes dictames de huma justiça universal.

A França invadindo as naçoens para subjuga-las, naõ so atropelou aquelles direitos; mas reforçando entre ellas o seo systema de corrupçaõ, e perversidade, tentou *desmoraliza-las*, para lhes tirar o vigor, e confundi-las.—Graças porem a salutar e feliz ignorancia, (se foi ella) que manteve incorrupto nos povos o sentimento da immortalidade, principio de toda a moral; e tirou d'elle o rancor, e oppoziçaõ contra o poder, que ameaçava o seu aniquilamento. Povos generozos podem com resignaçaõ ser despojados dos bens, e ate das vidas; mas insoffridos do ataque feito a huma religiaõ, fiadora da sua honra, faraõ os ultimos esforços para sustenta-la.—Ella he o *sancta sanctorum*, que naõ pode ser tocado por maons profanas, sem dezafiar a colera des ceos? Edificando pois o imperio dos crimes, pelo meio dos quaes reinava, a França naõ podia conseguir senaõ hum engrandecimento monstruozo, e precario. Chegando com tudo ao cume da mais pervertida grandeza; ella cahio sobre a sua propria molle; e o cahos, que estendeo ás extremidades da Europa, está hoje limitado ao seu territorio.—Esta reducaõ he devida, como temos visto, ao valor, ao enthusiasmo dos povos pela independencia, e a coarctaçaõ dos meios do systema revolucionario Francez, tendente, naõ so a subjugar, mas a contagiar, e destruir as naçoens. Todavia, este systema corruptor, e homecidico existe ainda, e o mesmo; posto que menos forte pela collizaõ, e dezastres, que tem soffri-

do. Mas governado por leis, semelhantes ás da fermentaçaõ putrida, em quanto existirem unidos os seos elementos, ha de aprezentar sempre, como necessario rezultado, a desorganizaçaõ, e transtorno geral das formas pre-existentes.—Assim naõ vemos a paz, e a segurança das naçoens (quaesquer que sejaõ os sonhos, ou as vistas da politica) senaõ na completa extinçaõ daquelle systema, que tem perturbado o universo.

POSTSCRIPTUM.

Nos differimos ate o ultimo instante da publicaçaõ desto No o fallar da partida de My Lord Castlereagh, Ministro dos Negocios Estrangeiros, para o Continente, a ver se podiamos fallar com mais alguma exactidao do objecto, que leva My Lord Castlereagh a Francfort: pois logo conhecemos, que a exageraçaõ, ordinaria neste paiz, assim que se dá alguma noticia de paz, ou de guerra, naõ era fundada em factos notorios: e com effeito os fundos publicos que tinhaõ subido ate 18, no dia 23, desceraõ logo nos dias seguintes; ainda que se conservaõ altos: por que prevalece em muitos animos a opiniaõ de que ha grande probabilidade de paz.

Nos naõ temos ouvido coiza que nos faça assentar em huma opiniaõ fixa; e tudo o que podémos averiguar, e que d'algum modo combina assaz com a falla que Napoleaõ fez ao seu corpo Legislativo he que depois da declaraçaõ que appareceo nas Gazetas de Francfort, os dois Imperadores aproveitaraõ a occaziaõ de hum prizioneiro Francez de distincçaõ voltar para França; e o encarregáraõ de levar ao Governo Francez as condiçoens com que os Alliados estavaõ promptos a fazer a paz; as quaes, em termos geraes, vem a ser a independencia absoluta da Hollanda, da Allemanha, da Hespanha, com a dynastia dos Bourboens, bem

como a absoluta independencia da Italia com a barreira dos Alpes. Estas saõ as condiçoens a que Napoleaõ diz que accedeo; e propoz hum Congresso, e talvez quereria hum armisticio. Mas como os Alliados tinhaõ dado este passo, sem previo acordo da Gram-Bretanha, assentamos nos que esta he a razaõ, porque elles naõ poderaõ consentir na immediata convocaçaõ do Congresso, e quizeraõ consultar esta Corte: e estas saõ provavelmente as demoras ao Congresso de Manheim de que Napoleaõ se queixa.

He voz constante que o General Pozzo di Borgo veio encarregado desta Commissaõ ao Governo Britannico, e pedir-lhe o seu concurso para o Congresso, ajuntando fortes seguranças dos soberanos Alliados de obrarem de acordo em tudo com este Governo; nem admittir negociaçaõ, ou proposiçaõ alguma que directa, ou insidiosamente tendesse a separa-los: e esta informaçaõ, que temos de boa fonte, concorda muito com as expressoens, que se lem na falla ao Corpo Legislativo—" Fazei com " que ellas, (as geraçoens futuras) naõ digaõ—Elles " sacrificáraõ os melhores interesses do seu paiz! " Elles reconheceraõ as leis que a Inglaterra tem, " durante quatro centos annos, procurado, mas de- " balde, impor á França."

Donde se pode inferir com bastante fundamento, que Napoleaõ quiz introduzir as discussoens, que tantas vezes tem annunciado no seu *Moniteur* sobre o Direito Maritimo do Tratado de Utretcht, &c.: discussoens em que o Governo Inglez provavelmente naõ quereria jamais entrar; e em que Napoleaõ naõ podia ter outro objecto, senáõ o de desumir os Alliados; pois salta aos olhos da pessoa a menos instruida nestes assumptos, que havendo huma paz geral, naõ tem exercicio o Direito Maritimo.

Certo destas disposiçoens dos Alliados, tomou o Governo Inglez a resoluçaõ, a mais acertada, que, em nossa opiniaõ, podia tomar, qual foi a de mandar a Francfort o Ministro do Gabinete, taõ conspicuo, qual o principal Secretario dos Negocios Estrangeiros, e taõ importante na estimaçaõ publica, qual he hoje

My Lord Castlereagh.—Pela forma deste Governo se sabe, que hum Membro do Gabinete he todo o Gabinete, e todo o Gabinete he o Soberano. Conseguintemente, per este acto, collocou-se a Gram-Bretanha em pessoa na Cidade de Francfort, como o estaõ os tres Soberanos de Austria, Russia, e Prussia.

Qual he a resposta que aos Alliados vai dar My Lord Castlereagh naõ podemos nos averiguar, nem admira que nos naõ chegasse hum segredo de Gabinete : temos porem muitas razoens de crer que as proposiçoens dos Alliados, e a aceitaçaõ de Bonaparte parecêraõ ao Governo Britanico mui genericas para justificarem a convocaçaõ de hum Congresso ; e que lhe pareceo necessaria alguma explicaçaõ circumstanciada destas bazes, antes de consentir naquella convocaçáõ.—Esta discussaõ preliminar hé, quanto a nos, o primario objecto da viagem de Castlereagh. Nada querendo anticipar sobre o futuro, nós contentamo-nos, por ora, com inserir alguns artigos extrahidos das gazetas Inglezas, sobre a balança do poder na Europa ; e voltaremos ao assumpto em os Nos. seguintes : porque de facto nos parecem bazes mui genericas ; e na boca de Napoleaõ promessas muito illuzorias, a independencia da Italia, e da Hespanha, no estado em que estes dois paizes se achaõ.

APPENDICE.

Hum Portuguez rezidente em Londres; mas que apezar disso he taõ bom Portuguez como se rezidisse em Portugal, dezejando concorrer quanto está da sua parte para augmentar a gloria da Sua Patria, e dar-lhe tanto lustre pelas letras quanto ella tem adquirido pelas armas; tem a honra de lhe offerecer a *primeira* traducçaõ dos Annaes de Cornelio Tacito, que tem aparecido em a nossa lingoagem. Libertando-a por assim dizer do oprobrio em que estava por ser talvez a unica naçaõ da Europa que naõ tenha naturalizado no seo paiz hum dos mais celebres Historiadores de Roma, parece que deve ter adquirido direito á publica estima, e aos auxilios de todos os homens instruidos, que se interessaõ pelo augmento e pelo esplendor da nossa literatura. O traductor naõ só ja tem prontos para á impressaõ todos os livros dos Annaes, mas huma grande parte das Historias. Com tudo principiará por dar taõ somente á luz os Annaes, e depois destes impressos, hira dando as outras obras do mesmo auctor. Mas como as despezas para huma tal empreza saõ excessivas, particularmente em Londres, convida a todos os Portuguezes, amigos das letras, e da gloria scientifica da sua patria, queiraõ concorrer por huma subscripçaõ para o desempenho de huma obra, que ao menos por ser a primeira em Portugal, deve ter o indisputavel merecimento da novidade.

As condiçoens da Subscripçaõ saõ as seguintes.

1. Os Annaes, de que se devem extrahir mil exemplares, quando houverem subscripçoens sufficientes para pagamento das despezas typographicas, seraõ impressos em 2 vol. 8vo. de 400 pag. pouco mais ou menos cada hum.

2. O seo preço para os Senhores subscriptores nos dominios Portuguezes será 2,400 reis
E para os naõ subscriptores nos mesmos dominios - - - 2,880 reis
3. Para os Senhores subscriptores em Inglaterra - - - 14 xellins.
E para os naõ subscriptores no mesmo paiz 16 dos.

4. Tanto huns como outros dos Senhores subscriptores só devem pagar as suas subscripçoens no acto da entrega.

5. As subscripçoens se faraõ em Londres, 17, Northampton-square.

Lisboa, em caza do Senhor Francisco Xavier de Carvalho, ao Chiado.

Coimbra, em caza da Senhora Viuva Aillaud.

Porto, em caza do Senhor Pedro Francisco Emery.

Nos dominios ultramarinos, nas cazas de todos os Senhores correspondentes do *Investigador Portuguez em Londres.*

E para que o publico possa fazer alguma, ainda que pequena, idea do nosso modo e estilo de traduzir, offerecemos-lhe ja a seguinte passagem de Tacito, relativa á morte de Seneca.

EXTRACTO

Do L°. XV. dos Annaes de C. Cornelio Tacito, traduzidos em Lingoagem Portugueza.

MORTE DE SENECA.

Cap. LX....... Segue-se a morte de Anneo Seneca, de que o Principe muito folgou, naõ porque o julgasse manifestamente envolvido na conjuraçaõ, mas para que fizesse o ferro o que naõ pôde o Veneno*. Hé certo, que athe entaõ só Natal havia denunciado, que estando Seneca doente, fôra por ordem de Pison visita-lo, e queixar-se de o naõ querer receber em sua caza, rogando-lhe ao mesmo tempo, que seria bom estreitar a amizade com algumas visitas e conversaçoens familiares. Que Seneca lhe respondera :—" que á

* Veja-se o Cap. 45. deste Livro.

nenhum dos dois convinhaõ mutuas communicaçoens ou praticas frequentes; mas que podia estar seguro que naõ teria alguma duvida em sacrificar a sua vida por elle."—Tudo isto se mandou perguntar a Seneca por Granio Silvano, Tribuno de huma cohorte Pretoriana, para ver se reconhecia as expressoens de Natal, assim como a sua propria resposta. Seneca, casualmente ou muito de proposito se recolhia entaõ da Campania, e se havia deixado ficar em huma quinta, quatro milhas distante de Roma. Ali se derigio o Tribuno logo na tarde seguinte, e a cercou com patrulhas de soldados: depois lhe intimou as ordens do Imperador a tempo que estava ceando com sua mulher Pompeia Paulina, e mais dois amigos.

LXI. Seneca deo em resposta:—ser verdade que Natal estivera em sua caza, e da parte de Pison se havia queixado de lhe naõ consentir suas visitas; mas que se lhe desculpára com razoens de doença, e com o seo amor do socego. De resto, que nada podia haver no mundo que fosse capaz de o obrigar a fazer o sacrificio da sua vida por hum homem que naõ era seo Soberano: (I) o que naõ referia por espirito de adulaçaõ ou lizonja, porque ninguem melhor do que Nero por experiencia tinha conhecido, quanto o seo coracaõ era livre, e pouco proprio para reprezentar a pessoa de hum escravo.—Tanto que o Tribuno lhe deo esta resposta na prezença de Poppea e Tigelino, ambos os mais intimos confidentes das ferocidades do Principe, perguntou-lhe este logo, se havia notado que Seneca estivesse preparado para huma morte voluntaria. Respondendo-lhe porem o Tribuno, que nenhuns indicios dava de pavor, e que nem no parecer ou nas palavras mostrava tristeza, ordenou-lhe em consequencia Nero, que immediatamente voltasse, e fosse annunciar-lhe a morte. Conta Favio Rustico, que o Tribuno naõ fôra pelo mesmo caminho por onde viera, mas que rodeando para hir ter com o Prefeito Fennio, e perguntar-lhe se devia obedecer ás ordens do Cesar, elle o aconselhara corresse á executa-las. Tal era entaõ a fatal cobardia de todos, que sendo Silvano hum dos conjurados, agravava ainda as mesmas maldades, que tinha jurado vingar! Ao menos porem naõ quiz passar pela vergonha de o ver e de fallar-lhe,

e mandou a hum Centuriaõ, que lhe notificasse a sentença de morte.

LXII. Ao ouvir isso Seneca, pedio com ar animozo o seo testamento; e porque o Centuriaõ lho recuzou, volta-se entaõ para os seos amigos, e mostrando-lhes a impossibilidade em que estava de poder recompensar seos obsequiosos serviços, deixa-lhes a unica e mais precioza couza que tinha—a imagem de toda a sua vida.—(II) Alem destas razoens ainda lhes recommenda, que nunca delle se esqueçaõ, porque huma taõ constante amizade lhes faria muita honra. Mas vendo que choravaõ, entrou a conforta-los ora com doçura, ora com vehemencia, e athe com huma certa severidade perguntando-lhes: para quando guardavaõ a sua filosofia, e aonde estavaõ todas as suas antigas meditaçoens sobre o náda das desgraças da vida? A quem naõ era conhecida a ferocidade de Nero? Depois de ter assassinado sua maim e seo irmaõ, que muito era se manchasse com o sangue de seo aio e de seo mestre?

LXIII. Assim que praticou estas e outras razoens, como dirigidas á todos os circunstantes, abraça sua mulher, e procurando animar-se neste dolorozo estado em que a via, encarecidamente lhe roga, modere a intensidade da sua dor, e que na contemplaçaõ de quantas bellas acçoens tem illustrado a sua vida, supporte as saudades do marido com o soccorro de consolaçoens virtuozas. Ella porem lhe responde; que está igualmente determinada á morrer; e ja pergunta por quem lhe há de abrir as feridas. Seneca entaõ, sem querer roubar-lhe esta gloria, e muito mais por naõ lhe consentir o amor deixar exposto ás afrontas este unico objecto da sua predilecçaõ e ternura, replicou-lhe desta maneira.—Athe aqui eu te havia figurado todas as doçuras e delicias da vida; mas ja que lhe preferes as honras da morte naõ me oponho a tua resoluçaõ; pois ainda que no mesmo lance fatal mostrâmos ambos a mesma coragem, o teo motivo he mais nobre. Acabado isto, o mesmo golpe cortou as veias dos braços de ambos os consortes. Seneca, por velho, e definhado com a demasiada abstinencia vertendo pouco sangue, manda taobem abrir as veias das pernas e das curvas. Fatigado porem com dores hor-

riveis, e para naõ desanimar sua mulher com o espetaculo de seos soffrimentos, nem mesmo dar-lhe os mais leves indicios de alguma impaciencia, vendo-a taõ cruelmente soffrer, faz com seos rogos, que se retire a outro quarto. Entaõ sentindo-se ainda nos últimos momentos com bastantes forças de espirito, chamou os seos amanuenses, e lhes dictou varias couzas, que naõ quero desfigurar, escrevendo-as; porque athe agora se tem conservado na tradicçaõ vulgar, e pelas mesmas palavras.

LXIV. A' este tempo Nero, aquem nenhuma pessoal indisposiçaõ animava contra Paulina, e talvez para ver se com isto diminuia o horror das suas crueldades, deo ordem para que a naõ deixassem morrer. Assim que chegáraõ pois os soldados, fizeraõ com que os escravos e libertos lhe ligassem as feridas dos braços, e lhe vedassem o sangue. Naõ he ainda hoje couza bem averiguada, se isto se fez ou naõ por seo consentimento; mas costumando o vulgo tomar sempre tudo no sentido peor, nao faltou quem accreditasse, que em quanto se receou das vinganças de Nero, desejou ter parte na gloria da morte do marido, porem que apenas lhe raiáraõ vislumbres de esperança, com gosto lhe havia preferido o viver. Hé certo com tudo, que viveo poucos annos, e constantemente os passou em huma louvavel recordaçaõ das virtudes do espozo, mostrando sempre na fisionomia e no corpo aquella palidez mortal, que assas indicava a grande porçaõ de vida que tinha derramado. Seneca, durante as ultimas agonias, vendo os vagares da morte, rogou a Stacio Anneo seo amigo antigo, e medico de muita reputaçaõ, lhe administrasse hum veneno que de prevençaõ conservava, e era o mesmo em qualidade, que servia entre os Athenienses para dar a morte aos réos de pena capital. Com effeito o bebeo, porem tarde; porque o corpo ja frio e sem movimento taobem ja naõ podia dar pasto á peçonha. Entrou por fim em hum banho de agoa quente, e espargindo com ella os esçravos, que estavaõ de fronte, lhes dice: —Eu offereço esta libaçaõ a Jupiter Libertador.— Mergulhado no banho, o mesmo vapor d'agoa o suffocou; e sem funeral e sem pompa foi queimado con-

forme as vontades do seo testamento, que ainda havia feito em tempos da sua maior riqueza e fortuna.

NOTAS.

(I) *Privati hominis; por hum homem que naõ era seo Soberano.* Deve-se notar o sentido de *privati hominis.* No tempo dos Imperadores todo o homem, que nao era Imperador, denominava-se *privatus homo.* Tacito no principio do 5. l. das Hist. chama Vespasiano *privatus*, hum homem particular; e Vespasiano era neste tempo Proconsul, Governador de provincia, e General de hum grande exercito.

(II) *Quod unum jam et tamen pulcherrimum habeat, imaginem vitæ suæ relinquere testatur: cujus si memores essent bonarum artium, famam tam constantis amicitiæ laturos.* Ernesti Lê: *quod unum jam et pulcherrimum habebat;* substituindo *habebat* á *habeat*; suprimindo *tamen*, que lhe parece naõ dizer nada; e fazendo antes destas palavras huma reflexaõ do Tacito do que huma parte do discurso de Seneca. Todas estas correcçoens mostraõ muita exactidaõ e muito gosto, e eu naõ duvidei adopta-las com Duran de la Malle. Com effeito este elogio de Seneca tem maior graça, e he mais bello na boca de Tacito do que seria na de Seneca. Eu taobem suprimo aqui, com Ernesti e Durau, *bonarum artium.*

ANNUNCIO

Acaba de publicar-se em Londres a Obra seguinte.

FABULAS

Escolhidas entre as de J. La Fontaine, e traduzidas em Verso Portuguez, Pelo nosso insigne Poeta Francisco Manoel do Nascimento. 2 vol. seo preço 12 xelins.

Os motivos que houve para a impressaõ desta obra estaõ no pequeno Prologo do Editor, que nós vamos transcrever.

O EDITOR

Desta Obra aos que se dignarem compra-la.

O merecimento das Fabulas de La Fontaine he tao conhecido, como a utilidade que da leitura dellas pode resultar. He mui conhecido taobem o transcendente merito do sabio traductor de La Fontaine. Motivos taõ ponderozos, e outro mais forte ainda,—a falta de meios de subsístencia que o illustre Vate Portuguez ha tempos experimenta—moveo hum Portuguez a imprimir esta Obra, cujo producto será fielmente enviado ao desvalido e benemerito compatriota, amigo do seo Soberano e da Sua Patria, que elle tem honrado com obras immortaes. O Editor, que tem sido ora felis ora desgraçado, tem aprendido a condoer-se dos males alheios, a que nunca foi insensivel, e a minora-los todas as vezes que tem podido.

Non ignara mali miseris succurrere disco.

Londres, 18 *de Dezembro*, 1813.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS DO No. XXX.

Pag. 230, Catervos, lea-se Caterva.
231, o remete, lea-se, o remate.
—— no seo, lea-se, no seio.
232, tervas, lea-se, trevas.
265, taõ pequeno paiz, lea-se, taõ pequeno, pois, &c.
268, Com o Commercio de Portugal, lea-se, com o Commercio do Brazil.
288, Ephemeria, lea-se, ephemerica.
— Divizoens Austriacas, lea-se, Divizoens Russas.
— Carroças, lea-se, carretas.
— Polacos, lea-se, Westphalianos.
— se seraõ, lea-se, se leraõ.
290, *quam mutatus*, lea-se, *quantum mutatus*, &c.
391, Perponclier, lea-se, Perponcher.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

FEVREIRO, de 1814.

Condo et compono, quæ mox depromere possim.... HOR.

LITERATURA.

MEMORIA ECONOMICA

Sobre a utilidade de applicar as Manufacturas das nossas materias primeiras aos progressos da Agricultura. Por D. Antonio da Vezitaçaõ Freire de Carvalho.

> Non satis est terris fortes quæsisse movendis
> Agricolas......
>
> *Vanierii Prædium Rusticum,* lib. iii.

TEM-SE escripto muitas vezes sobre o atrazamento da nossa agricultura; tem-se publicado vantajozos metho-

dos de amelhorar; esta mesma Real Academia tem consagrado huma grande parte dos seos disvellos a hum taõ importante objecto, e tem merecido este glorioso empenho ser coroado de grandes sucessos; mas restaõ ainda muitas fadigas, para se colherem todos os fructos de que he susceptivel huma taõ relevante empreza. Eu julguei pois, que naõ poderia trazer a Academia hum testemunho mais respeituozo da minha gratidaõ, por me haver associado aos seos sublimes trabalhos, do que algumas observaçoens sobre hum objecto, por que a naçaõ inteira tanto reconhecimento deve a esta Real Sociedade.

Seraõ estas observaçoens dirigidas a mostrar, que nas circunstancias actuaes nenhum methodo sera mais vantajozo para fazer prosperar a agricultura do que estabelecer, e animar as manufacturas das nossas materias primeiras.

O tratado de alliança entre a agricultura e as artes remonta ao berço das Sociedades Humanas. O exercicio das manufacturas taõ estreitamente anda ligado aos progressos da agricultura; os mesmos pontos que as dividem de tal modo se achaõ unidos aos que as confundem, que jamais podemos, relativamente ás nossas necessidades, considerar-lhes interesses oppostos.

Todavia Economistas celebres pensáraõ, que as artes nunca se augmentavaõ sem detrimento da agricultura, e que os braços occupados na industria eraõ perdidos para a Lavoira. Assim foi arguida a admininistraçaõ de Colbert por haver sacrificado a agricultura ás artes com grave damno do estado.

Porem quando em Portugal se reflecte sobre as muitas cauzas que se opoem aos progressos da agricultura, eu penso que nas actuaes circunstancias a falta de braços naõ pode ser contemplada como huma dellas.

He manifesto, que a povoaçaõ de Portugal he muito inferior ao que exigem a extensaõ e a natureza do seo terreno, mas he superior todavia a quantidade de producçoens territoriaes necessarias ao seo consumo, isto he; Portugal naõ tem dentro de si com que alimente as precizoens naturaes dos individuos que o habitaõ. Verdade triste, mas he huma verdade!

Na hypothese que Portugal possua tres milhoens de habitantes, e que as suas producçoens territoriaes sejaõ só sufficientes para oito mezes de hum anno fertil, de maneira, que hum terço do anno se sustente de producçoens estrangeiras; hum terço da povoaçaõ virá a ser alimentada por fructos alheios, ou hum milhaõ de habitantes virá a ser sobejo a sua patria, se Portugal por hum accidente extraordinario se achasse isolado do manancial dos seos soccorros, e se dois terços dos habitantes se quizessem negar a fazer sacrificios pelo resto dos seos compatriotas, naõ diminuindo a ordinaria quantidade do seo consumo.

Nesta hypothese, que naõ deve afastar-se muito da realidade, se hum milhaõ de homens necessita tirar dos estrangeiros os objectos que o terreno proprio nega ás suas precisoens, a povoaçaõ fica sendo sobeja ao terreno, e naõ vem da falta de homens o damno da agricultura, mas sim da impossibilidade de empregar na cultura da terra aquelles que lhes parecem sobejos.

Convem pois reflectir, que a soma dos habitantes, que naõ pode haver da fraqueza da nossa agricultura o seo sustento, o recebe necessariamente dos estrangeiros; sustento, que elles trocaõ pelo nosso numerario, o qual, por falta de ser empregado em os nossos campos, vai servir a reproducçaõ dos campos estrangeiros. Numerario, que applicado ao nosso terreno, serviria igualmente para augmentar as producçoens das nossas terras, ou para proporcionar o sustento a povoaçaõ.

Mas como quasi todo o producto liquido da nossa agricultura corre á capital ou pela dependencia dos negocios, ou pela morada dos maiores proprietarios do estado; e como o proprietario que vive das rendas das provincias, dezejando adquirir com ellas o maior numero de fruiçoens possivel, procura os generos mais baratos, indifferente á que elles sejaõ nacionaes ou estrangeiros; e sendo na concurrencia os estrangeiros quasi sempre preferidos pela commodidade do preço, em razaõ da facilidade dos transportes maritimos; segue se, que quasi nenhuns motivos existem, que facaõ voltar á reproducçao dos campos as rendas que elles produziraõ.

Desta sorte a agricultura desfalece, e por mais diminuta que seja a povoaçaõ, cada dia se torna sobeja aos campos. Os homens correm incessantemente á capital apoz aquelle mesmo sustento que as suas terras produziraõ. Neste desamparo da morada paternal começaõ a afrouxar-se os sanctos laços do amor da familia, amortece hum dos primeiros estimulos da moral publica, augmentaõ-se os vadios, e preparaõ-se mil crimes.

Porem nenhum estado possue talvez tamanhos meios de impedir tantos males, vivificando a agricultura, como Portugal. O nosso feliz clima, a prodigiosa fertilidade, e extensaõ das nossas colonias fornecem grandes meios de ligar os homens ao trabalho da terra.

Nós possuimos huma consideravel quantidade de materias primeiras, temos grandes facilidades para augmenta-las no reino, gozamos pois de todas as vantagens proprias aos paizes aonde a agricultura florece pelas artes.

As manufacturas das nossas materias primeiras, sabiamente destribuidas pelas provincias, convidaraõ sem violencia os proprietarios da capital e das grandes povoaçoens, a que enviem aos nossos campos aquelle mesmo numerario, que elles enviaõ aos campos das naçoens estrangeiras em troco das suas manufacturas.

O Lavrador verá entaõ augmentar o consumo no mesmo lugar da producçaõ, reconhecerá immediatamente o valor do seo trabalho; e dos lucros, que rezultaõ da concurrencia dos compradores entenderá, que as suas terras valem bem os cuidados da cultura.

Com o augmento dos trabalhos ruraes torna-se necessario maior numero de braços; e os camponezes, que com saudade do sitio que os vio nascer, se sacrificaõ á necessidade de hir procurar subsistencia em terra estranha, de vontade haõ de preferir o trabalho junto das suas familias ainda por mais diminutos preços.

Daqui nascerá subir o valor das terras no melhoramento da agricultura, e os proprietarios das cidades subirem igualmente os preços dos arrendamentos, e os meios de melhorarem as suas fortunas. Interessaõ

pois os ricos e os pobres no estabelecimento das manufacturas.

Mas ainda que a agricultura possa tirar partido de todas as manufacturas, como a experiencia o mostra nas estabelecidas pelas pequenas povoaçoens das provincias, e principalmente na do vidro da Marinha-grande, convertendo hum terreno difficil e inculto em terras productivas e povoadas, todavia nenhumas manufacturas contribuem mais vantajozamente aos progressos rapidos da agricultura doque as das materias primeiras.

Assim as naçoens civilisadas procuraõ com a mais escrupuloza attençaõ, que as suas materias primeiras naõ sejaõ exportadas antes da manufacturaçaõ, para que o preço da maõ d'obra, que ordinariamente excede $\frac{2}{3}$ ao valor intrinseco da materia bruta, naõ vá enriquecer os estrangeiros com damno e vergonha dos nacionaes.

Portugal possue huma tamanha quantidade de materias primeiras, que a industria da sua manufacturaçaõ he bastante para dar á agricultura todo o melhoramento de que ella he susceptivel.

As materias primeiras mais importantes de Portugal saõ as lans, o linho, e o algodaõ.

As lans foraõ em outro tempo hum importante objecto da nossa industria, e animáraõ consideravelmente a povoaçaõ e a agricultura de huma parte da Beira nas commarcas de Castello Branco, e de Trancozo; porem motivos, que na rectidaõ do zelo e nas circunstancias do tempo acháraõ desculpa, fizeraõ dezertar os artistas da provincia, que passaraõ a Holanda e a outros paizes, deixando a terra despovoado e inculta. Assim se viraõ em pouco tempo 42 villas arruinadas, entre as quaes Mesquitella, Cabra, Trancozo, e Castro-Verde, á que naõ resta hoje huma só caza.

O restabelecimento das manufacturas da Covilham, do Fundaõ, e Celorico tem servido para melhorar notavelmente aquelles destrictos; porem os poucos conhecimentos da arte veterinaria, e maior atrazamento ainda em conhecimentos quimicos na maior parte das provincias impedem, que os nossos pannos sustentem a concurrencia dos estrangeiros assim na qualidade da materia primeira, como na fixaçaõ, e no lustre das cores.

Com tudo se entre nos se manufacturasse toda a lan, que provem dos gados do reino, ella serviria para fomentar huma grande parte da cultura e povoaçaõ do Alemtejo e da Beira, e para equilibrar com alguns povos a balança do commercio.

O linho porem, ainda que a sua cultura naõ seja assaz propagada, e que para as manufacturas recebamos huma grande quantidade de materia primeira dos estrangeiros he com tudo o objecto de que a agricultura adquire maior proveito. O que convem observar na Provincia do Minho.

Nesta pequena provincia, cuja extensaõ sera para a totalidade do reino como—1 : 10; os productos da agricultura de tal maneira correspondem á propagaçaõ da especie, que nella pode sustentar-se $\frac{1}{4}$ da povoaçaõ do reino, apezar dos embaraços conhecidos da nossa agricultura. Mas este extraordinario successo deixará de surprehender, considerando-se, que d'aquelle paiz se exportaõ annualmente quasi 5 milhoens de varas de pano de linho, e quarenta mil de estopa, cujo valor minimo deve reputar-se—tres milhoens, setecentos, cincoenta e sete mil, e nove centos cruzados. Quando porem se repute em $\frac{2}{3}$ deste valor o que serve para o consumo interno das provincias, provem deste unico artigo á circulaçaõ interior quasi 6 milhoens de cruzados, que pelas circunstancias da manufacturaçaõ se empregaõ em beneficio da cultura.

Se por todo o reino se empregasse proporcionalmente a industria na mesma manufacturaçaõ do linho, naõ seria extraordinario, que Portugal lucrasse neste artigo 18 milhoens de cruzados. Soma assaz consideravel para favorecer com actividade a nossa agricultura.

Porem as nossas colonias fornecem hoje huma materia primeira mais propria talves aos progressos da agricultura. He o algodaõ este objecto interessante. Portugal recebe annualmente do Brazil 50 mil sacas, que podem avaliar-se em quatro milhoens, oito centos, e oitenta mil cruzados, e que o beneficio da manufacturaçaõ poderia fazer subir a 12 milhoens. Alem desta importante soma, que em grande parte se repartiria pelos campos, que servissem para pro-

duzir o sustento do artista, o reino pouparia 9 milhoens de cruzados, que nos vamos levar a India por 7 mil fardos de fazendas de algodaõ, que de Bengala trazemos a Lisboa; e 2 mil que da Costa do Malabar saõ annualmente importados em as nossas colonias d'Africa e do Brazil para vestido dos escravos.

Desta sorte quando por meio de maquinas simplices, destribuidas nas mais pobres e nas mais incultas povoaçoens do reino, as mulheres e as pessoas, incapazes de trabalhos violentos, fossem empregadas na fiaçaõ desta materia primeira; quando ali se formassem teares proprios para os tecidos de algodaõ, que nos recebemos da India assim para os vestidos dos escravos com o para as nossas fabricas de estamparia; naõ seriaõ hum manifesto avanço a nossa agricultura as somas que vaõ dar subsistencia a muitos milhares de Indios?

Com este melhoramento da agricultura a povoaçaõ veria crescer no seo seio todos os annos meios seguros de reproduzir-se. A abundancia da terra daria facilidade aos cazamentos, naõ a estes cazamentos infelizes, formados unicamente pelas leis mecanicas do instincto animal, mas sim unioens fundadas na reciprocidade da subsistencia individual.

A classe agricultora veria no augmento da povoaçaõ fabricante consumidores seguros dos fructos da terra, que pagassem as fadigas da lavoira sem temor de empates, nem de conducçoens difficeis, pois que o preço do transporte abafa entre nos o estimulo da cultura.

Assim o nosso oiro, em vez de ser destinado ao fabricante de Bengala e de Surate, que o reparte com o lavrador que o sustenta, se tornaria em utilidade da nossa patria, pagando a industria e a Lavoira das nossas incultas provincias.

Assim as escarpadas montanhas de Tras os Montes e da Beira conseguiriaõ a cultura e a fertilidade, que as Artes deraõ as escabrozas serranias da Suissa e da Irlanda; e os nossos baldios de Alem-tejo se converteriaõ em taõ abundantes producçoens como as da Marca de Brandebourg, e da Baixa Alemanha, que artistas estrangeiros foraõ enriquecer.

Mas determinar com exactidaõ as localidades competentes para estas manufacturas, excitando a concurrencia e a emulaçaõ, facilitando ao commercio circulaçoens promptas, e preparando por huma influencia continua huma conveniente destribuiçaõ de riquezas a cada especie de terreno, pertence a pessoas, cujos conhecimentos topographicos possaõ dar-nos huma Geographia Statistica necessaria a todos os Estados civilizados.

He pois pela vicioza repartiçaõ das artes que algumas vezes ellas tem sido julgadas contrarias á agricultura: porem quando a industria, em vez de concentrar-se entre alguns individuos, e de enriquecer hum paiz pela ruina do outro, he obrigada a espraiar-se por todas as partes que ella naõ tem vivificado, e a levar os recursos do trabalho por todo o lugar aonde existem homens, o terreno mais inculto se tornará fructifero.

Alem da conveniencia das localidades, convem ainda regular nestas manufacturas das materias primeiras a divizaõ do trabalho. A divizaõ do trabalho consiste em facilitar a cada individuo meios de exercer independentemente a sua industria.

Se esta economia naõ pode ter lugar nas manufacturas de difficeis e complicadas operaçoens, aonde saõ indispensaveis a reuniao de muita intelligencia, de muitos braços, e de huma co-ordenaçaõ individual de systema, e aonde as emprezas saõ arriscadas, e os lucros precarios; a divizaõ do trabalho deve ser a baze das manufacturas de facil execuçaõ, como se pratica na fiaçaõ e tecidos de linho; pois que de ordinario as grandes fabricas, estabelecidas com o favor dos privilegios, que servem ao emprehendedor como hypotheca das despezas que avança, se empregaõ muitos braços, taobem servem muitas vezes para deixar huma numeroza multidaõ de artistas desoccupados, se por hum accidente da fortuna, o emprehendedor perde os meios de sustentar a manufactura; ou sendo estrangeiro, que naõ possua bens territoriaes no Estado, achando-se ja sufficientemente rico, vai transportar a beneficio da cultura estranha os lucros que tirou das nossas manufacturas. Assim em hum

instante huma multidaõ de artistas desoccupados se convertem em bandos de salteadores ou mendigos.

Naõ succede o mesmo ao artista costumado a trabalhar particularmente na sua propria caza, e ao proprio risco, interessado em aproveitar economicamente o seo tempo, tendo na sua maõ os meios de trocar com independencia os effeitos da sua industria pelos objectos necessarios ás suas precisoens, ou de cunhar, por assim dizer, cada dia huma especie de moeda nos effeitos do seo trabalho. Este he o artista verdadeiramente util a lavoira; he o solido fiador dos ganhos da agricultura, e hum dos primeiros agentes da riqueza publica.

Quando hum Estado facilita assim aos homens meios de suprirem as suas despezas pela sua industria individual, observa-se crescer e desenvolver-se rapidamente o germen da prosperidade commum; augmentar-se o consumo dos productos da terra; os bens territoriaes subirem de valor; os juros do dinheiro decrescerem; suscitar-se o estimulo de rotear novas terras, e de abrir communicaçoens novas ao trafico das provincias; ampliarem-se as reproducçoens da agricultura naõ so ao ponto de naõ deixarem habitantes sobejos ao terreno, mas de fazerem da abundancia dos seos fructos hum objecto de commercio estrangeiro. Taes saõ as vantagens, que a manufacturaçaõ das materias primeiras pode dar a Portugal!

Taes em outro tempo foraõ os fructos, que do Oriente trouxeraõ as manufacturas transplantadas á Grecia; da Grecia por quatro vezes trazidas a Italia; e pela Italia da Europa moderna communicadas á França, á Hollanda, e a Inglaterra. Hoje, a Inglaterra, o alvo e o exemplo das naçoens industriozas, e opulentas, naõ cessou desde a paz de Ryswick de applicar as suas manufacturas á lavoira; e principalmente desde 1696 de publicar as mais saudaveis leis economicas para melhorar a agricultura pela manufacturaçaõ das fazendas brancas. Apezar das consideraveis guerras de Guilherme III. acabaraõ-se as carestias excessivas de paõ em Inglaterra; fixou-se a inconstancia excessiva da variaçaõ dos preços nos generos da primeira necessidade; o interesse do dinheiro desceo a 3 por °/₀; e o papel tornou-se ao par.

Assim se vio realizado o que o Cavalheiro Child escrevia no anno de 1680:—*Multiplicai as vossas manufacturas de fiaçaõ e de tecidos, e nunca vos faltará nem paõ, nem homens.*—Quazi o mesmo nos recomendava em 1675 Duarte Ribeiro de Macedo no Discurso sobre a Introducçaõ das Artes no Reino. Estes saõ ainda hoje os votos de todos os Portuguezes, que nada mais dezejaõ do que promover a prosperidade e a gloria do Estado.

CONTINUAÇAÕ

Da Carta Politica sobre o melhoramento da Agricultura Portugueza.

(Continuada de pag. 418.)

Se quizermos comparar o agricultor com o obreiro de luxo, que tiraremos? Huma solida riqueza em a naçaõ, pois que o braço do Lavrador entretem creados, trabalhadores, e animaes uteis; cria gados, sustenta familias, que sem elle naõ habitariaõ o campo; quando o Artista só fabrica couzas superfluas, e adornos pueris de que se veste a ouca ignorancia, cuja utilidade he somente satisfazer imaginarios dezejos, apetites fantasticos, que só dá ás Naçoens huma renda móvel furtiva, e passageira, quando pelo contrario a venda dos fructos he annual, e valioza.

Que succede a toda aquella Naçaõ; que consulta mais seu gosto nas obras de luxo, e nas producçoens accidentaes do tempo, e da moda do que no seu proprio interesse, e nas producçoens de seus terrenos? Ella attrahe ás suas manufacturas huma multidaõ, que a seu exemplo, e modo de vida convidaõ outros muitos para abraçarem sua profissaõ; e como nisso achaõ menos trabalho, e mais lucro, ainda, que este dure pouco, os homens todos julgaõ, que lhes será eterno: porem quando mais esperançados a fortuna

os deixára; crescem as ridicularias*, extinguem-se os officios necessarios, e os campos ficaõ desguarnecidos: os fructos encarecem excessivamente, sobrevem o desprezo filho do aborrecimento, e as continuas occupaçoens campestres ficaõ abandonadas como peniveis, trabalhozas, rusticas, e naõ lucrozas.

Porem de que procedem tantos juizos falsos? Por ventura será necessario repetir novamente a utilidade da cultura? A cazo he duvidozo seu influxo, ou naõ saõ viziveis os beneficios, que ella nos outhorga? Sim amigo eu naõ duvido, nem pessoa alguma, da sua intrinsica bondade; attendendo, que eu naõ escrevi para os sabios, que criticaõ por Mathematica; escrevi para hum amigo, cuja principal occupaçaõ he a Agricultura, e a quem os prejuizos naõ tem esmorecido, nem afrouxado. Todavia isto naõ tem sido bastante pretexto para desanimar, antes para proseguir; muito mais depois de conhecer as vantagens, que os agricultores daõ a sua Patria.

Por tanto direi só a final quaes saõ os meios, que me lembraõ para remediar, ou afugentar os males, que nos perseguem e affligem, ainda que minhas vozes já estaõ roucas de todo pelo muito, que tenho gritado, e do que só tenho tirado naõ ser ouvido, e se proseguir ser reputado doido: porem confesso-vos, que o *Helleboro* a este respeito naõ se creou para mim, nem para os que saõ Patriotas sem utilidade real: com effeito a efficacia deste remedio n'outro tempo, ou foi privativa, ou ja perdeo a virtude; o que naõ deve cauzar admiraçaõ, porque a Philosophia moderna he

* Ninguem póde duvidar de quanto o Povo se entrega hoje ás ridicularias apezar da sua preconizada pobreza. Entre as innumeraveis cazas de pasto, e caffé, que povôaõ Lisboa das quaes nenhuma se acha dezerta—viraõ-se a mesmo tempo cheios sempre de gente os 4 Theatros vulgó S. Carlos, ou da Princeza, o da rua dos Condes, Salitre, e Belem: abicharia, ou acaza publica em que se mostravaõ varios animaes ferozes, e domesticos no Rocio: as sombrinhas na rua dos ourives do ouro: as tardes de touros, arlequins, e cavallinhos na Praça do Salitre: o Systema Planetario segundo Copernico na rua Augusta: os regimentos dos Austriacos ao Corpo Santo: os bustos de cera do chiado: a Maquina de Pedro Schiopeta na Sala Nobre do Theatro de S. Carlos: e a Minina invizivel a S. Paulo que de todas estas ridiculas imaginaçoens era a que melhor dezempenhava o titulo: alem de muitas cazas de sortes para alimento dos Theatros, e outros objectos, que senaõ encobrem a curiozidade Politica do verdadeiro observador.

loucura de hum genero novo, que senao extingue pelos remedios conhecidos.

1. Em primeiro lugar parecia-me justissimo, e necessario reduzir a cultura á sua maior perfeiçaõ concertando as estradas para facilidade das communicaçoens, levantando as Pontes, que depois, que o tempo as derrubou nunca mais s'erguêraõ; encanando os rios, que espraiados, e fora de seus leitos inundaõ os montes, alagaõ os valles, levaõ as sementes, e destroem as terras misticas; concertando as vallas, e naõ poupando para isto despeza alguma por serem assaz conhecidas as utilidades, e os beneficios, que de tal administraçaõ nos rezultariaõ muito principalmente aos Lavradores, e ao Estado mais do que a ninguem, pois que seu unico interesse deve ser ter vassallos contentes, ricos, e abundantes, quando para isso pagaõ exactamente as contribuiçoens pelas quaes deviaõ gozar os indultos, que se lhes negaõ.

2. Em segundo lugar a exacta repartiçaõ dos tributos, e a sua determinada applicaçaõ para os objectos da agricultura, que se determináraõ quando se impozéraõ: logo reinará a igualdade, porque vendo todos o que devem pagar, e que ninguem ha izento, naõ procuraraõ fugir de taes stipendios, antes os pagaraõ contentes olhando para a sua applicaçaõ.

3. Nada de tributos novos sobre a cultura, como todos os dias vemos extorquir para diversos subsidios, os quaes se encaminhaõ todos directamente para ruina dos Lavradores, destruiçaõ das lavouras, e abatimento da cultura, pois que sendo impostos para seu beneficio tem diversa passagem, e extravio. Esta prepoziçaõ he taõ evidente, que a maior parte do nosso terreno, que fica inculto he porque o 4, o 5, e o 8, e os dizimos a Deos, que muitas vezes se pagaõ triplicadamente reduzem o Lavrador a huma mizeria irremediavel. Eu quereria, que huma Lei Agraria abolisse para sempre taes abuzos sem perda da Real Fazenda, ou dos particulares que tiraõ seu sustento dos trabalhos do Agricola. Isto naõ he enigma, he hum remedio uzado com proveito pelas Naçoens mais cultas. Na Inglaterra se tem considerado, que quanto menos as lavouras se sobrecarregaõ de impostos tanto mais se augmentaõ, e tanto mais cresce o rendi-

mento, e as utilidades do Estado; sim porque a terra se divide em geiras, e cada geira tem huma contribuiçaõ só, que equivale a muitas, que por tempos lhe pozessem de novo: logo o dono,o proprietario do terreno sempre paga o tributo, quer a terra seja, ou naõ cultivada, e entaõ o imposto recahe sobre o descuido, e sobre a negligencia do Lavrador, que para naõ pagar infructuozamente o tributo, ou cultiva, ou arrenda; quando nossos colonos a deixaõ abandonada para se eximirem de pagar; rezultando deste abandono o alluviaõ de males, que a Politica considera como a morte de hum Estado. Alem de que se o lançar tributos a hum Povo he hum remedio muitas vezes necessario, naõ o he menos a consideraçaõ dos objectos em que elles devem recahir: a força, fraqueza, costumes, vicios, pobreza, e abundancia de hum povo procedeo sempre do estabelecimento dos impostos, e das izençoens criminozas, que motivaõ a dezigualdade. As Naçoens economicas, industriozas, e vigilantes nos seus interesses tem impostos de que se nutrem, mas nunca estes saõ postos sobre os generos principaes, porque o sustento he necessidade, e naõ apetite. Sobre o luxo he que sempre os Politicos insistem, e sobre que os lançaõ, e quanto elles saõ mais fortes tanto mais luxo, e por consequencia maior rendimento. Naõ devem ser considerados os objectos por si somente, he necessario attender ás relaçoens. A Leis, ou a nossa pragmatica determinava objectos que eraõ só obra da soberba, porque izentava gerarchias de certos habitos com os quaes se naõ inculca caracter perante o sabio; tragaõ os homens muito embora galoens, vistaõ sedas, joguem, campeiem em magnificos coches mas paguem o excesso da sua loucura. Pague a sege mais do que vale, mas seja izento o carro; este, porque serve a necessidades, e he util tanto no campo, como na cidade; e aquella, porque naõ tem hum prestimo senaõ relativo. Naõ deve ninguem ser izento em materias de impostos como entre nós succede com desfalque, e baque da cultivaçaõ. Se os cidadaons tivessem contribuido o que a Lei lhes determinou sem excepçaõ, e se estivessem contentes e os tivessem pagos, naõ se teriaõ augmentado as dividas do Estado, sua recepçaõ seria

menos oneroza, e os campos teriaõ sido menos talados, nem haveria tanta terra inculta pela pobreza de seus possuidores. Isto he evidente pois no fim desta nossa campanha ultima, que tivemos com Hespanha em que o capricho foi o maior inimigo; naõ foraõ as terras dos Izentos, ou Privilegiados* as que mais padecêraõ: as herdades, que ficáraõ mais derrotadas, e quazi perdidas foraõ as daquelles homens, que sacrificáraõ seus bens pela Patria, e as daquelles, que se acharaõ arrastados pela dezigual repartiçaõ dos tributos, e subsidios sem ter com que reparar a ruina de seus bens como as mesmas ruinas ainda hoje o testificaõ. Nenhuma Pessôa por consequencia deve ser izentada, porque o Estado, e o bem commum saõ hum geral thezouro em que todos devem depozitar seus talentos, serviços, contribuiçoens, e trabalhos pela rezaõ de nelle acharem sua defeza, segurança, e felicidade: conseguintemente tudo quanto disto se desvia origina destruiçaõ, descontentamento, e ruina. As izençoens sempre foraõ damnozas aos Estados. Que lei ha que possa exceptuar Particular, Ordem, Gerarchia, Titulo, Dignidade, ou bens daquellas obrigaçoens primeiras, que saõ o laço natural da Sociedade? Se o abuzo naõ tivera introduzido tantos privilegios haveriaõ menos pobres: paguem todos a parte dos subsidios a que saõ obrigados, que lhes competem; sejaõ os nomes de Donatarios, Feudatarios, Senhores de Terra, nomes, que utilizem os outros homens, e naõ os vexem, logo diminuirá o numero dos mendigos, nem teremos pelas portas tantos necessitados, que nos incommodem, e aquem a humanidade nos manda estreitamente acudir; estes homens, que engrossaõ o numero dos mendigos, e mizeraveis mascarados com o rotulo da pobreza saõ homens roubados á agricultura

* Hum facto, que testemunha bem esta dezordem foi, que devendo os Negociantes da Cidade de Portalegre 60 mil cruzados á Real Fazenda; apenas as tropas Hespanholas entráraõ a dita Cidade pelo abandono das do Paiz, exigiraõ de seus moradores huma igual contribuiçaõ á somma devida, que o medo, a força, e a sujeiçaõ fez logo apromptar: em consequencia deste vexame requero o seu Juiz de Fora Joaõ Manoel de Moraes em nome destes habitantes desolados o justo encontro de hum dinheiro extorquido com violencia, e por culpa das Tropas do Paiz, que os abandonáraõ sem cauza quando se aprompta vaõ em maça para a defeza; o que lhe foi prohibido.

pelos vexames com que seus Feudatarios, ou Tributarios os trataõ: nem todos saõ estropiados, aleijados, defeituozos, ou incapazes de trabalhar, saõ homens, que dezesperaõ dos poucos lucros pelo augmento, que as rendas annualmente sobem, e de que procede ficarem algumas terras por cultivar: triste desfalque para a economia. Eu naõ posso descubrir Nobreza, ou Fidalguia em pertender cada qual fazer valer suas distincçoens para fugir ás obrigaçoens de cidadaõ, e para se escoar dos cargos da sociedade. A principal obrigaçaõ do vassallo he ser bom cidadaõ, e este naõ cumpre seu dever quando intenta izentar-se, e quando recuza pela sua imaginada dignidade, ou por outro qualquer nome vaõ, que só serve de carga ao Estado pagar aquillo, que de officio lhe deve; he para admirar, que só os que mais possuem he, que mendigaõ izençoens, indultos, e immunidades, porque os pobres, como naõ tem pretextos, que allegar, e a mizeria hoje he ja fraco estimulo para Espiritos frôxos, e embotados, só fazem murmurar da dezigualdade, que vem: mas ah? os grandes naõ conhecem, que seu sustento, e fausto lhes provêm dos pequenos, e que os Governos nunca se poem em armas senaõ para sustentar a Sociedade, e os ricos com a mudança perdem mais do que os pobres? O vassallo quanto mais rico, tanto mais he obrigado á Patria em que vive, que o engrossa, e sustenta suas dignidades, opulencia, e prerogativas; se estas todavia foraõ recompensas por acçoens de que o Estado se fez crédor nem por isso devem ser perpetuas, porque o arbitrio dos donatarios naõ pode prejudicar os vindoiros: finalmente Privilegios, Izençoens, Immunidades, Graças de tal Natureza, Prerogativas, Dispensas de Direitos, Indultos, e Franquias sobre objectos ruraes, da primeira necessidade, quanto mais antigas tanto maior vicio mostraõ na sua origem; e todos os Foros, Reposteiros, Brazoens, e Avoengos, que entaõ genealogicamente se arrastaõ para sustenta-las naõ servem mais do que para encubrir, e occultar o abuzo do credito, e da aucthoridade; materia em si taõ estranha futil, e ridicula como requerer, que as ruinas dos idozos castellos e os gastos, e esquecidos brazoens

de armas possaõ bastar para nossa actual defeza, e segurança do Reyno.

4. Obrigar para beneficio geral da cultura aos Proprietarios dos terrenos á plantaçaõ de arvores para fructos, e madeira *, segundo a propriedade dos chaõs, que nao admittem outra cultura, entre a qual plantaçaõ tem hum proveitozo uzo os *carrapateiros*, cujo azeite allumia excellentemente. Estes arbustos daõ em todo o Terreno; suas utilidades saõ vantajozas, pois que nenhum trabalho daõ em plantar-se, vegetarem, e produzir; sendo taõ grande sua fertilidade, que no fim do primeiro anno ja se colhe seu fructo. Muitas naçoens economicas naõ desprezaõ este industriozo ramo, e nas Americas he, quem supre o azeite para queimar. Entre nos naõ seria inutil muito principalmente para a illuminaçaõ da Cidade: naõ encareceria o azeite doce por este diario, e grande consumo, e nem padeceria o Publico, nem teria má illuminaçaõ como succede com o azeite de peixe, por que azeite do *carrapateiro* dá huma luz clara, fixa, naõ cria morraõ, nem suja, ou se apaga por ter menos corpo, e ser menos espesso. Para este fim, ou para a plantaçaõ de qualquer arvoredo fructifero era prohibiçaõ necessaria com graves penas a aproximaçaõ, e abalo das estacas, ou tan choens de que procede a defecaçaõ, e morte dos arbustos; a carestia sobe segundo a raridade dos fructos pela pouquidade das arvores, que os geraõ, e alem disto fazem-se baldadas as diligencias, e cuidado do agricultor.

5. Nada de tachas sobre os objectos de primeira necessidade; as tachas nas Cidades saõ freios nos campos. Convem deixar trabalhar a emulaçaõ, e a liberdade do commercio, primeiros moveis da barateza, e abundancia; a tacha nos frutos nunca fez dar mais hum rego nas searas, e sempre dezanimará a agricultura, entristecera o lavrador, e cauzará fomes nos Exercitos, nas Cidades, e nas Praças. Em quanto a mim, que

* Todos por experiencia conhecem o excessivo preço a que a lenha tem chegado: o Estado multiplica as Fabricas, que della fazem hum grande, e necessario consumo, e assim como manda cortar, porque naõ hade mandar plantar? huma arvore derruba-se, e corta-se em menos tempo do que nasce.

naõ sou lavrador, mas por conhecer a lavoura, e ser testemunha de seus progressos, ou decadencia convi-ria athé, que as tachas impostas sobre as palhas, que annualmente o Senado determina* para se venderem por tanto, fossem para senaõ venderem por mais de tanto. Esta unica clauzula bastaria para multiplicar as lavouras, e dezempenhar os lavradores, e para sem determinado preço conseguir-se o preço mediano. De nenhuma explanaçaõ este methodo preciza; pois, que as restricçoens, prohibiçoens, e determinaçoens fixas nos preços em todo o tempo unicamente tem servido de tolher, e obstar á perfeiçaõ, e augmento da cultura, e por consequencia adoptar o pessimo systema da carestia dezejando a fome, e a morte da humanidade*.

6. Observar, que senaõ he possivel por consideraçoens particulares, incuria, ou desmazelo, fazer os remedios indicados, a nossa mesma agricultura, sem ser beneficiada, nem se promover seu adiantamento póde fornecer o necessario graõ para consumo do Paiz; e se este fornecimento naõ for logo capaz e bastante para o anno, sê-lo ha em pouco tempo. Isto, que á primeira vista parece hum paradoxo e do que muitos escarneceraõ he huma verdade pura, e hum systema dos mais rasteiros, e triviaes, razaõ porque palpavelmente se manifesta sua utilidade. A Politica,

* Naõ deixa de ter aqui lugar esta reflexaõ. Sem criminar o Estado actual das couzas nos vemos, que de alguma sorte se intenta contentar o Povo pondo alguns contractos a lanços para passarem a novos rendeiros, quando daqui só provem mais dinheiro para a Fazenda Real, e mais vexame para o Povo, porque os Editaes, que para similhantes arrendamentos se afixaõ somente avizaõ se haverá alguem, que queira arrendar tal administraçaõ, ou contracto pagando mais do seu anterior rendimento" por exemplo pelo azeite de peixe supponhamos, que a Fazenda Real recebe 100,000,000 de Reis de Direitos "havendo quem tome asi este contracto dando 200 dar se lhe ha." Isto he bom para se augmentar o rendimento annual da Fazenda, porem naõ para se conseguir a barateza, porque o contractador, como naõ tem quem lho prohiba levanta depois o preço na venda do genero para resarcir o excesso da renda tudo em detrimento do pobre. Eu quizera, que a forma de tais arrendamentos fosse feita assim, e vem a ser; quem pagar o Direito, que rende tal Contracto, e vender o azeite mais barato esse será o arrematador. Assim julgo conseguir-se abarateza, contentar-se o Povo, e caçarem-se os Monopolios.

† Vej. o fim pag. 71.

que se aprende pelos livros tem entre nós os mesmos effeitos, que teve a Caldeira de Rumford para alimentar os encarcerados, a quem o numero pela falta de castigo, ou por huma piedade mal entendida augmenta a mizeria, que os consome gradualmente : dir-me haõ " que a naõ souberaõ praticar como nos Reynos Estrangeiros" ao que respondo : nos outros Reynos sabem vencer-se as difficuldades, estima-se o Povo, adopta-se a melhoria dos inventos, e os projectos, que se intentaõ realizar, ou naõ se publicaõ, ou publicados levaõ pateada, ou louvor segundo sua utilidade. A sopa de Rumford uzou-se nas masmorras de Inglaterra, e França mas durou pouco sua estabilidade naõ só pelo trabalho, que dá a pôr em movimento os moveis da sua creaçaõ, mas pela impossibilidade, que ha de fazer servir na Patria a Philosophia de hum cozinheiro. " *O tratado do actual estado da Economia particular em França ;*" " *O systema administrativo da conservaçaõ da humanidade impresso na Haia*" dá louvores a projectos tais, mas prohibe seu uzo. Eisaqui a sorte dos Planos Philosophicos, que a melancolia produz. As regras, e as Direcçoens naõ podem conservar sua bondade se a Pratica lha naõ descobre pelas utilidades, ou vicios, que rezultaõ de as por em acçaõ. Todavia para sustentar minha propoziçaõ duvidoza á primeira vista so recommendo a diminuiçaõ da Capital. E que tem isto com a cultura ? poder-se me ha objectar. Este argumento surprende, mas naõ enreda. Se 24, ou 30 mil homens, que sem razaõ, nem cauza necessaria habitaõ Lisboa estivessem na sua Patria [naõ fallo dos Estrangeiros] necessariamente haviaõ cultivar seu proprio sustento pelo apêgo natural, que todos tem a sua vida. Isto, que na apparencia he difficultosissimo, facilmente se conseguia " fazendo com que os Pertendentes para se despacharem naõ precizassem vir á Côrte aonde em lugar de conseguirem, o que a ley muitas vezes lhes prometteo, destroem-se consumindo os bens, que tinhaõ, ficando por isso abandonada a lavoura, e a Provincia para a qual recuzaõ voltar, ou envergonhados da sua mizeria, ou por temerem novas disgraças." Fazendo com que os Clerigos Provincianos, cujo prodigiozo numero fomenta sua pobreza, cumprissem o dever, que juraõ

de ajudar os Parrochos, por cuja falta procuraõ subtrahir-se á ira dos Bispos abandonando o Bispado, difamando o Clero, e fugindo para a Côrte aonde vem acabar de perder os laivos de huma religiaõ, que abraçaraõ por contracto; fazendo-se os sequazes infames de huma libertinagem, e vida opposta á sua constituiçaõ, que julgaõ encubrir com a capa da religioza piedade, e com o sagrado nome de Sacerdote.* "Fazendo com que os conventos naõ tirassem para educandos, ou noviços os muitos homens, que por este fim sahem das provincias aos quaes acompanha hum numero ainda maior de todos aquelles, que intentaõ servilos. Sejaõ Frades muito embora, mas estejaõ nas provincias a que se roubaraõ, pois com suas rendas ou necessidade, accudiriaõ á sua conservaçaõ cultivando os terrenos." Fazendo com que os mercadores das 5 classes, quero dizer Retrozeiros, Fanqueiros, Quinquilheiros, Capelistas, e outras iguaes loges de commercio naõ tivessem o bando incrivel de caixeiros, que todas os dies emigraõ das provincias pelo engodo de avultados lucros; homens, que saõ arrancados da cultura para se trocarem por vendas de luxo, quaes as publicas do Caffé, e outras, que as mulheres suprem com facilidade, como sucede, e se pratica nos reynos estrangeiros. " Fazendo com que as levas de recrutas naõ se extrahissem dos campos, nem das provincias para se completarem os regimentos da Corte. Quando na provincia fosse necessario preencher os corpos do exercito, ou levantar tropas de novo ficassem ahi mesmo, pois estando com seos Pays, em suas cazas, na sua patria entre os seus amigos, e conhecidos cultivariaõ os campos como athé alli costumavaõ, e a dezerçaõ naõ teria sequazes; porque se o soldado he necessario, naõ convem faze-lo á custa do Lavrador, que he o mesmo, que decepar a vide, e querer, que ella produza. Em tempo de paz, tal como sempre nos conveio, vale mais huma enchada do que huma espingarda: em guerra temos a nosso pezar visto os bellos fructos, que a nova tactica nos tem

* Deve-se reflectir, que os maiores Apostatas, e libertinos sahiraõ em todos os tempos do numero, e corporaçaõ dos Ecclesiasticos maos —Leá-se a Historia.—

dado; quando entaõ he o tempo em que o Lavrador anda mais em paralello com o soldado, hum para manejar as armas, e o outro para dar as muniçoens. Se para recrutar fossem precizos planos novos, elles lembrariaõ os muitos vadios, e homens inuteis, que segundo Bielfeld saõ a peste das Republicas;* os quaes vemos favorecidos, e naõ acoçados como deveriaõ ser ficando por isso izentos daquelles cargos, que podiaõ exercer com proveito da patria." Fazendo com que os Ministros territoriaes cuidassem da sua obrigaçaõ sem vexar os povos, nem incita-los a fugir das violencias com que amiudadas vezes os perseguem: obrigando-os a fazerem listas em que se viesse no conhecimento da gente, que existe nas comarcas para se indagar a razaõ da sua sahida. "Fazendo com que as colonias senaõ sobre carregassem de aventureiros, que lhes levaõ a ruina, e fazendo outras muitas couzas, que occorrem a todo o conhecedor da Corte, é seus males; advertindo, que o numero dos artistas cresce segundo a muita gente, que ha a servir.

Com estes faceis recursos conseguir-se hia a povoaçaõ nos lugares hoje deshabitados, e por consequencia a cultivaçaõ; pois que todos estes homens, que aqui comem o sustento que outro lavra, elles o cultivariaõ com suas proprias maõs, se estivessem no lugar

* Ha muitos estabelecimentos, de que se poderia tirar immensa gente; entre os quaes basta referir, que na aula do commercio se matriculaõ annualmente mais do 100 rapazes para quem nao˜ chegaõ os empregos, e cujos conhecimentos diariamente nos estáõ mostrando sua insufficiencia. Nós vemos aqui diversas applicaçoens a dinheiros amortizados, que se poderiaõ em gloria da Naçao˜ muito bem voltar para o estâbelecimento de huma escola militar, e para Alumnos teria todos os mancebos, que todos os dias encontramos aos bandos descalços, rotos, e famintos, cuja estragada, e obscura mocidade acaba em cadafalsos galés, ou officios menos necessarios sem falar dos que morrem infantes pela mizeria, desalinho, falta de amas, pelo mesquinho ordenado, que as afugenta. Eu tenho visto couzas horrorozas, porem nada me fez tanta sensaçaõ como a seguinte anecdota, que bem prova a deshumanidade dos mestres huma vez, que lhe cheiraõ a pobreza os aprendizes. Eu encontrei em certo dia hum rapaz menor de 10 annos, o qual rendido pelo enorme pezo com que hum feixe de lenha o carregava, chorava amargamente a deshumanidade de seu mestre, ou Tiranno: o que me deo á crer, que muitos rapazes nao˜ sao˜ corcovados, nem aleijados, porque assim nascerao˜; saõ pela grossaria, e barbaridade de seus mestres por falta de educaçaõ publica, que o estado devia promover, e vigiar, pois o mesmo he entregarem os Pais seus filhos a taes mestres, que perde-los.

em que nasceraõ, e se educáraõ: nas aldeias he brazaõ seguir as occupaçoens dos Pays, e na Corte falta de juizo. As viagens pelas provincias mostraõ bem, que a razaõ de haver campinas, e campinas incultas, naõ he por serem de bôa, ou de má qualidade, he por lhe faltarem seus naturaes habitantes: e ou o sobejo da sua cultura alli, ou o sobrecelente, que se poupava, do que elles aqui comessem, forneceria por mais tempo os habitantes do Paiz sem precizaõ de trigo alheio. Depois disto ainda ha hum prejuizo para que se devera olhar, que he a forçoza obrigaçaõ de naõ perder as lavouras, porque muitas vezes os filhos do Lavrador desdenhaõ a honrada occupaçaõ de seus avos, que por sua intervençaõ os enriqueceraõ; achando pequena comarca a lavoura para supprir seus gastos orgulhozos, querendo antes andar amotinando as ruas com estrondo, e correrias, e outras loucas magnificencias em que consomem grossos cabedaes; padecendo por isso a cultura, cuja occupaçaõ entreteve heroes, naõ deshonrou monarchas, e os Pays cuidadozamente a transmitiraõ a seus filhos.*

§. Concluo em fim, que os homens do campo querem, que os amem, e estimem, e que se saibaõ apreciar os Lavradores, alias fogem do trabalho, e olhaõ mal sua Patria por despreza-los; de que procede a emigraçaõ, que posto venha de mais principios, este he hum delles, cuja prevençaõ requer todo o cuidado. Ha muitos annos, que os agricultores necessitaõ para melhorarem, dos recursos aqui indicados, pois que he o mais seguro meio senaõ val o mesmo, que pertender matar a aranha destruindo-lhe ateia, que ella de novo urde em qualquer parte. Isto he o que fez Carlos III. de Hespanha para tornar de covil de ladroens em terras lavradias as terras da Serra Morêna: isto finalmente senaõ he bom, tem por si a prezumpçaõ, vendo que eu naõ argumento sobre possibilidades mas sobre factos.

* Para saber a verdade do meu dito, e que a riqueza dos Pays impossibilita hoje os filhos de continuarem a augmentala pelos mesmos meios, que a adquiriraõ; basta entre couzas identicas reflectir, que a nossa famoza Fabrica de po de pedra estabelecida no Porto, a qual disputavaa Inglaterra a bondade da sua porcellana; perdeo seu brilho, e morreu quando morreu seu primeiro dono, cujo filho assentou, que quem tinha 200, ou 300 mil cruzados naõ devia ser Oleiro.

Por muito tempo bastaraõ nossas searas para sustentar-nos durante sete mezes sem augmentar a cultura, hoje custa a chegar para cinco mezes o seu consumo, e quaes saõ as cauzas desta diminuiçaõ ? A falta de braços, a pobreza a que as extorsoens, e os impostos tem reduzido os Lavradores, a qual os priva das necessarias despezas para os amanhos, e a diversa applicaçaõ dos tributos, que repetidas vezes se determináraõ para ajuda, e soccorro dos cultivadores, cujas vozes senaõ attendem senaõ quando se dirigem a dar dinheiro para cuja recepçaõ naõ ha violencia occulta, o que naõ deve admirar, porque a arte de vexar os vassallos uteis, e a sciencia d'esmagar a humanidade está hoje no seu auge.

Todavia sendo o augmento dos subditos, e da cultura os alicerses da Edificio Politico convem escorálo, e reedificalo. E que mais rigorozos espeques se poderaõ encontrar para sostê-lo, que a cultura dos campos, e os bens da terra, que annualmente se renovaõ enriquecendo-nos com bens nativos, reaes, e naõ com fantasticas riquezas, ou possessoens de modificaçaõ. Por tanto estes objectos seguidos, e examinados attentamente ; as lagrimas, que a Natureza desprezada derrama nos campos por ver, que offerecendo-se provida, e espontanea senaõ utilizaõ das utilidades, e beneficios, que ella espalha, tornar-se hiaõ em lagrimas de gosto, e sua contente alegria fertilizaria as colheitas, e nos felicitaria. Por este methodo acabar-se hiaõ as questoens, que a ignorancia suscita sobre a fecundidade de nosso Reyno : jamais houve outro no qual melhor concorressem as circunstancias ; hum clima temperado, e sadio, sol conveniente, chuvas regulares, abundancia de estrumes, terras bôas, homens trabalhadores, e athé appropria Natureza empenhada em favorecer-nos ; porem de nada aproveitaõ circunstancias taõ poderozas, se as providencias naõ forem opportunas.

Eu ia naturalmente esquecendo me de que o meu escripto naõ era huma carta, e que taobem hoje he moda naõ ler muito ; do que procede serem inuteis, e mal escriptos os papeis volumozos, e extensos : porem a sua amizade, que em mim desculpa defeitos maiores saberá poupar-me aquellas faltas, que meu

zelo pelo bem commum naõ póde evitar: persuadido de que forcejo por ser amante da Patria, dos homens, da Fama, e do nosso amavel Principe, cujas Leys adoro.

P. Th. Z.

Lisboa, aos 24 *de Dezembro de* 1803.

A esta Memoria se devia logo seguir a outra que ja taobem principiamos a publicar a respeito dos Escravos, e Commercio da Escravatura; mas naõ sendo possivel o continua-la neste No. pela abundancia que temos de outras materias, fica reservada a sua continuaçaõ para o No. seguinte.

GIL VICENTE.

As noticias biographicas dos homens illustres, que nos tem precedido, devem contar-se sempre como hum trabalho de notavel interesse e de hum verdadeiro merecimento; por que naõ só servem para excitar na memoria grandes exemplos da nossa gloria literaria, mas porque devem dar-nos estimulos de imita-los, e concorrer para que de nenhuma forma deixemos extinguir ou afrouxar essa mesma gloria que nossos eminentes escriptores adquiriraõ. Apezar porem de que alguns dos nossos literatos se tem occupado destes trabalhos interessantes, as suas obras saõ taõ pouco lidas ou por muito raras ou muito volumozas, que o Publico nos deve certamente ficar agradecido por lhe hir-mos dando em nosso Jornal, quando as circunstancias o permittaõ, alguns Extractos da Bibliotheca de Barboza sobre aquelles Escriptores com que mais se honra a nossa literatura nacional. Hum dos que nos parece occupar hum lugar dos mais distinctos, e que naõ só por isso deve ter a preferencia, mas porque desgraçadamente se vê taõ pouco conhecido, he o famozo Gil Vicente, o nosso Planto Portuguez, assim

denominado por Manoel de Faria e Souza, e outros muitos Sabios nacionaes e estrangeiros.

Illustre por nascimento, o nosso auctor o foi ainda mais pelo espirito poetico com que imitou, e algumas vezes excedeo os maiores poetas da mais culta antiguidade. Para emparelhar em tudo com os grandes homens, ainda taobem o seu lugar natal he duvidozo; porque D. Antonio de Lima o faz nascer em Guimarens; Fr. Pedro Poiares, em Barcellos; e outros muitos escriptores, em Lisboa. Seja porem o que for, sabemos que foi hum Portuguez; e isto he quanto basta para credito das Musas Lusitanas.

Os seos primeiros annos foraõ dedicados na Universidade de Lisboa ao estudo da Jurisprudencia Romana, em que fez progressos mui distinctos. E por estas applicaçoens, taõ proprias em todo o tempo para conduzir os talentos ás riquezas e ás honras, teria sem duvida reprezentado huma brilhantissima figura, se o seo genio jovial e eminentemente poetico o naõ tivesse forçado á preferir os doces encantos da poezia ás severas especulaçoens da Sciencia das Leis. Assim podendo passar por hum mui habil Jurisconsulto, veio a ser aquillo só para que a natureza o destinava:—O primeiro Poeta Comico Portuguez.—

Apaixonadissimo pela Leitura de Plauto compoz no estilo deste Comico Romano naõ só obras de huma feliz imitaçaõ de todas as belezas do *Latium*, mas outras muitas de huma novidade verdadeiramente original.

As suas Peças foraõ reprezentadas nos palacios dos Senhores Reys D. Manoel e D. Joaõ III., entaõ as mais brilhantes e as mais polidas Cortes da Europa; e tendo por ouvintes todos os Principes, e a nobreza mais illustrada do reino, de que taobem entaõ naõ havia falta, concorrêraõ infinitamente, por meio do ridiculo e de huma gracioza jovialidade, para corrigir e emendar os costumes do seo seculo.

Gil Vicente naõ era porem hum homem para ser taõ somente conhecido na sua patria: os Hespanhoes procurâraõ taobem logo conhece-lo e estuda-lo; e as suas obras serviraõ de norma e de modello para a creaçaõ do primeiro theatro comico regular que viraõ

as Hespanhas, produzido por Lopo da Vega e per Quevedo.

Naõ cabendo ainda a fama de Gil Vicente em limites taõ pouco vastos para o seo extraordinario merecimento, foi procurar admiradores na Alemanha, entre os quaes encontrou o Grande Erasmo, hum dos primeiros talentos do seo seculo. He fama constante que este sabio, taõ conhecido na Europa, de proposito aprendera a Lingoa Portugueza para entender as superiores belezas originaes de Gil Vicente; e que depois de o ter lido e cuidadozamente examinado confessára, que nenhum Poeta athe o seo tempo imitára taõ perfeitamente como elle o delicado estilo de Plauto e de Terencio.

Reflectindo porem m[illegible]il ne pou[illegible] no que temos acabado de dizer, he de toda a[illegible]s le fo[illegible]ncia, que Gil Vicente naõ foi hum homem ordi[illegible]; e que quando se chega a ganhar huma estimaçaõ e respeito universal naõ só entre os sabios nacionaes, mas entre os estrangeiros e de paizes mui differentes, o merecimento naõ pode ser equivoco. Mas estas mesmas nossas reflexoens nos conduzem ainda mais longe; e se os nossos leitores nos dessem faculdade para lhes expor-mos nossas duvidas, ouzariamos perguntar:

1. Porque razaõ Gil Vicente, taõ famozo em Portugal e na Europa, veio a ser esquecido entre nos á hum ponto tal, que nem as suas mesmas obras apparecem; quando dos auctores seos contemporaneos, e outros mais que se lhe seguiraõ, nos tem chegado quasi todos os escriptos, e d'elles se tem feito diversas edicçoens.

2. Porque, sendo nos ao que parece, os primeiros restauradores do theatro comico na Europa, e andando quasi a par no tragico com a Italia, aonde appareceo a primeira tragedia moderna regular, naõ havemos tido desde Gil Vicente athe o *Judeo* auctor algum comico de nome?

3. Foraõ na realidade os Poetas Hespanhoes, e mui particularmente Lopo da Vega, e D. Francisco de Quevedo, os imitadores e os discipulos de Gil Vicente? Ainda mais: Foi elle indisputavelmente o primeiro auctor comico regular da Europa moderna e civilizada?

Eis aqui as duvidas que, escrevendo o rezumo do vida de Gil Vicente, vieraõ aprezentar-se ao nosso espirito, naturalmente dezejozo de indagar quanto possa concorrer em qualquer genero para a gloria e reputaçaõ da nossa patria. Se os Leitores do nosso Jornal, a quem as offerecemos só com o intuito dever crescida cada vez mais a nossa fama Literaria, as acharem dignas de serem discutidas e aclaradas; nos de muito boa mente receberemos as suas respostas ou as suas reflexoens, persuadidos como estamos, de que isto naõ pouco concorrerá para que o nosso Jornal cada vez mais se faça digno da heroica naçaõ, de quem temos tanta vaidade de ser filhos, e leaes admiradores.

TRADUCÇAÕ DO PRIMEIRO CANTO DA LUSIADA.

(*Continuada de pag.* 441.)

42.

Tandis que les destins de la Lusitanie
Se pesent dans le Ciel; favorisé du vent
Gama voyait deja l'ardente Ethiopie
Et l'aspect enchanteur des bords de St. Laurent.
Il traversait ces mers où l'amant de Clytie
Poursuit au fond des flots de son flambeau brulant
Tous ces Dieux, qui jadis, dans leur terreur profonde
En poissons transformés se sont enfuis dans l'onde.

43.

Le Portugais jouit du soufle du zéphir,
Qui semble de ces mers ecarter les orages,
Le Ciel parait deja propice à son desir,
Sur l'horison serein il n'est point de nuages.
Il passe le Prasus dont les vaisseaux de Tyr
Connurent autrefois le nom et les parages;

Ses regards s'etendant sur la plaine de l'eau
Decouvrent à l'instant un archipel nouveau.

44.

En voyant ces pays le Heros intrépide
Qu'un bonheur sans melange a constament suivi,
Vasco, de l'entreprise et le Chef et le Guide,
Hesite quelque temps sur le choix d'un parti ;
A' poursuivre sa route enfin il se decide,
La côte lui parait deserte et sans abri,
Mais un evenement qu'il ne pouvait attendre
Sans changer ses projects le force à les suspendre.

45.

Il voit paraitre au loin derriere les recifs
De frêles batiments une flotte nombreuse,
Gama se plait à voir sur des bateaux chetifs
Des mortels affronter une mer dangereuse.
Les marins ignorant leurs desseins, leurs motifs,
Se demandent, remplis d'une ardeur curieuse,
De ce pays nouveau qui s'offre à leurs regards
Quelles seront les mœurs, la croyance et les arts ?

46.

Mais la flotte, qu'au loin ils avaient aperçue
S'approche, les canots volent sur l'horison,
De feuilles de palmier chaque voile est tissue,
De leur langue sauvage on distingue le son :
De leur noire couleur l'origine est connue,
Il faut t'en accuser, insensé Phaeton,
Quand remplissant les Cieux de ton ardeur fougeuse
Tu finis dans le Pô ta course desastreuse !

47.

Du cotton bigarré qui fait leur vêtement
On aime a regarder la bizarre parûre,
Quelquefois on le voit drapé negligement,
Plus souvent ses replis leur servent de ceinture.
Leurs Corps sont exposés aux traits d'un Ciel brulant,
Un sabre, un bouclier, sont leur unique armure,
Sur leurs fronts basanés ils portent le turban,
Et s'avancent au son de leur clairon bruyant.

48.

Agitant dans les airs une etoffe grossiere
Leurs signes repetés appellent les vaisseaux ;
Et l'Escadre deja navigue vers la terre,
On fait serrer la voile, on mesure les eaux.
A' l'ardeur qui remplit la cohorte guerriere
On croirait que ce jour termine ses travaux,
En fin on jette l'ancre, et dans la mer profonde
Elle tombe, et ce choc a fait rejaillir l'onde.

49.

Les Portugais à peine arrivés à ce port
Sont entourés soudain par ces hôtes sauvages,
La flotte retentit de leurs joyeux transports ;
On les voit s'elancer à l'aide des cordages ;
Avec douceur Gama les reçoit sur son bord,
On leur offre à l'envi des mêts et des breuvages ;
Et ce peuple brulé des rayons du soleil
S'enivre avidement d'un vin pur et vermeil.

50.

Ils parlent presque tous la langue d'Arabie,
Et demandent sans cesse aux enfants de Lusus

Quel dessein les conduit, le nom de leur patrie,
Quelles mers, quels pays, leur flotte a parcourus ?
La troupe des heros de la Lusitanie
Repondait par ces mots à leurs discours confus ;
Nous habitons les bords des mers occidentales,
Et nous venons chercher les mers orientales.

51.

Sur ces frêles vaisseaux voguant vers le midi ;
Nous avons navigué vers le pôle antarctique,
Nous avons decouvert et suivi jusqu'ici
Le rivage inconnu de la côte d'Afrique.
Nous sommes Portugais, sujets d'un roi cheri,
Et pour plaire à ce Roi puissant et magnifique,
Ainsi que nous sçavons affronter l'Aquilon
Nous verions sans pâlir l'Averne et l'Acheron !

52.

Deja depuis longtemps parcourant ces parages
Dans l'espoir d'arriver jusqu'aux bords Indiens,
Nous avons navigué, resistant aux orages,
Au milieu des phocas, et des monstres marins.
Mais vous, que nous trouvons sur ces lointains rivages,
Veuillez nous confier vos noms et vos destins,
Peut-être, repondant à nôtre juste envie,
Pourrez-vous nous guider vers les côtes d'Asie.

53.

Nés sous un autre Ciel, enfants d'une autre foi,
Nous sommes, repondit un de leurs interprêtes,
Etrangers à cette Isle, à son culte, à sa loi :
Le sauvage habitant de ces âpres retraites
De la raison encore semble ignorer l'emploi ;
Pour nous, adorateurs du plus grand des prophêtes,

Nous appartenons tous au peuple d'Ismael
Dont l'empire est immense et le nom immortel.

54.

Le lieu que vous voyez, offre un accés facile
A' ceux qui de l'Afrique emportent les tresors ;
De Sofale et Mombace, ainsi que de cette ile
Le Maure industrieux frequente seul les ports.
Le desir de garder ce favorable asile
Nous a depuis longtems retenus sur ces bords,
Et nous possedons seuls tout l'immense commercé
Des rivages de l'Inde et du golfe de Perse.

55.

Et puis que vers les bords du Gange et de l'Indus,
A travers les dangers, la gloire vous amêne,
Un guide vers ces lieux, qui vous sont inconnus,
Fixerá desormais vôtre marche incertaine.
Vous serez par nos soins promptement secourus
Et poursuivrez après vôtre course lointaine ;
Mais deja nôtre chef prêt à vous recevoir
Vous offre un sûr asile et demande à vous voir.

56.

Ainsi parla le Maure, et la troupe guerriere
Repond à ce discours qui lui parait loyal ;
Les Arabes bientôt retournent vers la terre,
Ils quittent les vaisseaux tous au même signal.
En ce moment Phebus terminant sa carriere
S'elançait vers la mer sur son char de cristal,
Et sa sœur aussitôt chassant la nuit obscure
Du depart d'Apollon consolait la nature.

57.

Ah combien la douceur de cette heureuse nuit
Ranime les enfants de la Lusitanie !
Deja de leurs travaux le souvenir s'enfuit,
Ce n'est plus sans espoir qu'ils consacrent leur vie
A' ce bût glorieux où l'honneur les conduit ;
Leurs pensers parcourant et l'Europe et l'Asie,
Ils s'ettonnent de voir du Prophête odieux
Le nom si detesté remplir jusqu'à ces lieux !

58.

Sur son sein argenté l'onde pure et calmée
Reflechit de Phebé les tremblantes lueurs,
D'astres etincelants la voute est parsemée
Comme un jardin brillant est émaillé de fleurs.
La troupe des Autans dans sa grotte enfermée
Contre les rochers seuls exerce ses fureurs,
Tout dort. Des Portugais la seule vigilance
Interrompt par moments cet auguste silence.

59.

Mais aussitôt qu'on voit l'epouse de Tithon
Delier dans les cieux sa blonde chevelure,
Sur son char coloré preceder Apollon,
Et rendre à l'univers sa splendeur vive et pure.
Les vaisseaux arborant soudain leur pavillon
De voiles, de drapeaux se font une pârure,
Et Gama sur son bord se dispose à fêter
Le Chef des Africains qui doit le visiter.

60.

On voit deja le Maure et sa flotte legere,
Ses esquifs sont chargés de fruits rafraichissants,

Il ignore les noms des peuples de la terre
Et les fils de Lusus lui semblent Musulmans :
Il les croit tous issus de la horde guerriere,
Qui par tant de succés, de triomphes sanglants,
Etablit à la fin dans les murs de Bysance
Son empire barbare et sa fausse croyance.

61.

Le heros Portugais reçoit avec plaisir
Le cortege du Maure et sa troupe sauvage,
Il leur fait aussitôt, prevenant leur desir,
Des dons qu'il leur destine un pompeux etalage.
Par son ordre chacun s'empresse à leur offrir
La liqueur qui des sens nous derobe l'usage,
Et l'on se plait à voir ces enfants du desert
S'ettonner et jouir du banquêt qu'on leur sert.

62.

Jamais jusqu'à ce jour un spectacle aussi rare
Ne frappa les regards des enfants de Lusus,
Ils observent les mœurs de ce peuple bisarre
Et son aspect sauvage et ses accents confus.
Ettonnée à son tour, cette troupe barbare,
Voit des armes, des gens, des vaisseaux inconnus,
Et demande aux enfants de la Lusitanie
Si leur escadre vient des bords de la Turquie.

63.

Ils demandent à voir le Livre reveré,
Qui de nos dogmes saints renferme les mistères,
Ils voudraient s'assurer si ce Livre sacré
Est semblable à celui qui contient leurs chimères

Et ce peuple que rien encor n'a rassuré,
Ignorant les desseins des troupes etrangeres,
Veut contempler aussi les armes dont leurs bras
Se servent pour porter la mort dans les combâts.

64.

L'empire du Croissant, les rivages d'Asie,
Leur repondit Gama, sont etrangers pour nous ;
Vous sçaurez nôtre nom, nos loix, nôtre patrie,
Et quel noble dessein nons conduit jusqu'à vous.
Brulant de meriter au peril de la vie
Cet honneur immortel dont leurs cœurs sont jaloux,
Les enfants de l'Europe illustre et belliqueuse
Cherchent l'Inde, à travers une mer orageuse.

65.

Le Dieu que nous servons, regle seul à la fois
Et le monde terrestre et le monde invisible,
Il crea l'univers, et conduit par ses loix
Depuis l'être animé jusqu'à l'être insensible.
C'est ce Dieu tout puissant qui souffrit sur la Croix,
Les tourments d'un trepas fletrissant et terrible,
Et daigna s'abaisser à descendre du Ciel
A' fin d'elever l'homme au sejour eternel.

66.

Le livre dans le quel sa loi sainte est prescritte
Ne peut être par nous offert à vos regards,
Sa parole divine en nos cœurs est ecritte
Et son Nom seul nous guide au millieu des hasards.
Voyez, pour contenter l'ardeur que vous agite,
Nos armes, nos soldats, leurs nobles etendarts,

Voyez-les comme amis, car l'aspect de ces armes
Inspire aux ennemis de plus vives allarmes.

67.

Il dit, et dans l'instant tous ces braves marins
Montrent aux Africains leurs superbes armures ;
Les glaives redoutés dont les coups sont certains,
Les boucliers ornés de brillantes peintures,
Et ces tubes de fer, terreur des Sarrazins,
Et le plomb meurtrier dont on craint les blessures,
Les harnois reluisants, les lances, les poignards,
Les cuirasses, les traits, les javelots, les dards.

68.

Les vases sulphureux qui portent l'epouvante
Et font voler au loin l'incendie et la mort,
Et le canon d'airain, et la bombe eclatante
Qui part, et retombant se brise avec effort ;
Gama ne consent point qu'une salve bruyante
Dans ces lieux inconnus celebre son abord,
Trop noble, pour vouloir en suivant cet usage
Inspirer des terreurs à ce peuple sauvage.

69.

Cependant l'Africain a juré dans son cœur
Aux enfants de Lusus une haine eternelle ;
Desormais revenu de sa premiere erreur
Son esprit est glacé d'une terreur mortelle ;
Cherchant à deguiser sous un aspect trompeur
Le perfide projet de son ame cruelle,
Tandis qu'il leur sourit, il medite en secret
La perte des heros qu'il accueille à regret.

70, 71, et 72.

Il annonce à Gama qu'un habile pilote
Guidera ses vaisseaux jusqu'aux bords Indiens;
Pour plaire à ce Heros, pour reparer sa flôte
Il offre ses tresors, ses sujets, et leurs biens.
Trahissant à la fois sa parole et son hôte,
Des droits les plus sacrés meprisant les liens,
Il part en promettant d'aider et de conduire
Ces heros que son cœur a juré de detruire.

73.

Les projects qu'en son cœur le barbare a conçus
Troublent les habitants de la voute celeste,
Les Dieux sont partagés, la fureur de Bacchus
Embrasse cet espoir, le dernier qui lui reste ;
L'ardeur qu'il a de nuire aux enfants de Lusus
Inspire au Dieu de l'Inde une ruse funeste,
Et tandis que Gama s'abandonne au repos
La fureur de ce Dieu s'exhale par ces mots.

74, 75, et 76.

Faudra-t-il donc souffrir que ces troupes fameuses
Obtienent dans l'Asie un triomphe eclatant,
Que domptant de l'Indus les hordes belliqueuses
Les guerriers de Lusus dominent l'Orient ?
Non, non, de mes exploits les traces glorieuses
Ne pouraient me sauver d'un oubli fletrissant,
Et l'on prefererait ces mortels sur la Terre
Au fils du Dieu puissant qui lance le tonnerre !

77.

Il dit, et dans l'instant transporté de fureur
Il s'elance, et descend sur les rives d'Afrique,

Derobant aux regards sa divine splendeur
Il s'entoure aussitôt d'un voile fantastique :
Aux yeux des Africains, qu'il induit en erreur,
Le fils de Jupiter entre dans Mossambique,
Et pour tromper leur Chef au gré de ses souhaits
D'un vieillard Musulman il emprunte les traits.

78.

Le vieillard dont Bacchus a pris la ressemblance
Chez le Prince barbare à toute heure est reçu,
Le Dieu parle en son nom, avec la confiance
Qu'inspire au Souverain son austere vertu :
Sous ces traits, à l'abri de toute defiance,
Il remplit de terreur l'Africain eperdu ;
Redoutez, lui dit-il, cette troupe etrangere
Qui respire en secret le pillage et la guerre !

79.

Du sein des nations, et des nombreux etâts,
Qu'a deja parcourus ce peuple temeraire,
Un cri s'est elevé contre les attentâts
Que commet en tous lieux sa horde sanguinaire.
Par les plus noirs succés, ces feroces soldats,
Ont signalé leurs noms et sur mer et sur terre,
Et bientôt, si contre eux vous ne vous liguez tous,
Vos femmes, vos enfants tomberont sous leurs coups !

80.

Pour puiser sur ces bords une eau pure et limpide,
Vous les verrez demain preceder le Soleil,
Craignez les trahisons de ce peuple perfide
S'il surprend vos guerriers dans les bras du sommeil.

Pour le punir, ainsi que son barbare guide,
O Prince, d'un vieillard acceptez le conseil:
Dissimulez, peut-être un heureux stratagême
Vous vengera du traitre, et le perdra lui même.

81.

Que vos soldats cachés auprés de ce sejour
D'un moment de delai supportent la contrainte,
Vous les verrez paraitre avant l'aube du jour,
Car en tous tems le crime est suivi par la crainte:
Decouvrez-vous alors, et surpris à leur tour
Ils recevront le prix de leur perfide feinte,
Mais si dans cet instant ils trompaient nôtre effort
D'autres moyens, bientôt, assureront leur mort.

82, et 83.

Qu'un pilote affidé soit entre vous le gage
Qui vous reconcilie, annoncez leur la paix,
Et bientot par ses soins qu'un horrible naufrage
De ces vils étrangers nous delivre à jamais.
Ainsi parle Bacchus, et l'Africain sauvage
Lui promêt d'accomplir ces sinistres projets,
Et s'empresse aussitôt plein d'un zele barbare
D'assurer le succes du combat qu'il prepare.

84, et 85.

Mais deja le sommet des monts Nabatheens
Reflechit du Soleil la naissante lumiere:
Le Chef des Portugais, vers les bords Africains
Se dispose à guider sa cohorte guerriere.
Gama, des Musulmans pressentant les desseins
A crû dans leur conduite entrevoir du mystere,
Mais il craint peu leur nombre, et trois frêles bateaux
Contienent sur leur bord l'escorte du heros.

86.

On distingue bientôt à l'entour de la baye
Quelques Maures epars qui d'un air forcené
Embrassent leurs ecûs, brandissant la zagaye,
Ou font sifler au loin le dard empoisonné.
Ils veulent eviter que leur nombre n'effraye
Le Heros qui par eux doit être assassiné,
Dans l'espoir d'entourer, sortant d'une embuscade
Les guerriers irrités par leur lache bravade.

87.

Le Portugais voyait les Africains errants
Suivre dans ses contours la plage sabloneuse,
Leur hostile appareil, leurs gestes menaçants,
Excitent au combat la troupe belliqueuse.
A' l'aspect detesté de ces fiers Musulmans
Nul ne peut retenir son ardeur furieuse,
Ils s'elancent ensemble, et chacun des Soldâts
Est embrasé soudain de l'ardeur des combâts.

88.

C'est ainsi que l'on voit sur la sanglante arêne
Un jeune chevalier, bouillant, audacieux,
Pour plaire à la beauté dont il porte la chaine
Defier et braver un taureau furieux :
Mais l'animal suivant la rage qui l'entraine,
Baisse son frout armé, mugit, ferme les yeux,
Court, renverse, detruit, blesse, et se precipite
Sur le foible ennemi dont l'audace l'irrite.

89.

Aussitot le fracas du canon eclatant
Retentit, et le feu brille dans les chaloupes,

Les Maures consternés reculent; á l'instant
Le boulet sifle et tombe au millieu de leurs groupes;
La peur glace leur sang; le Chef en combattant
Veut en vain ranimer ses fugitives troupes;
Les plus audacieux ont terminé leur sort,
Et le reste en fuiant se soustrait à la mort.

90.

Mais l'ardent Portugais, d'une victoire aisée
Sur ces vils ennemis ne se contente pas,
Il les poursuit encor, et leur ville embrasée
De morts et de mourants n'est bientot qu'un amas:
La fureur des guerriers ne peut être appaisée,
Le Maure veut en vain eviter le trepas;
L'air retentit des cris, des plaintes gemissantes;
Des vieillards, des enfants, et des meres tremblantes.

91.

De moments en moments vainement le fuiard
Ajuste en s'arretant ses fleches acerées,
Sans force et sans succés il décoche le dard,
Et la terreur poursuit ces troupes egarées.
De branches, de cailloux, qu'il saisit au hasard,
Il arme vainement ses mains desesperées,
Il cêde enfin au sort, et traversant les eaux
Abandonne cette isle aux conquerants nouveaux.

92.

L'un s'elance á la nage, et dans les almadies
Le plus grand nombre court s'entasser à la fois:
Mais ils ne peuvent fuir, leurs forces engourdies
Cedent, et les bateaux s'enfoncent sous leur poids.

De cadavres flotants les ondes sont remplies;
Les plaintes des mourans et leurs lugubres voix
Resonent tristement sur ces plaines sanglantes
Malgré le son bruiant des bombes eclatantes.

93.

Les guerriers de Lusus, glorieux et vengés
Apportent aux vaisseaux leurs nouvelles richesses,
Sans crainte à l'avenir de se voir outragés
Ils peuvent recueillir le prix de leurs prouesses.
Et cependant punis, mais non decouragés,
Leurs ennemis encor par de lâches adresses
Esperent assouvir cette noire fureur,
Qu' accroit le souvenir de leur dernier malheur.

94.

Bientôt un messager du Chef de cette terre
Vient parler aux vainqueurs, de paix, de repentir,
Et sous le nom de paix, c'est une horrible guerre
Que le traitre en son cœur espere leur offrir.
Complice de la trâme et du cruel mystere
Un guide par son ordre aussitôt doit venir,
Qui du nouvel accord se livrant comme otage,
En secret a juré; d'assurer leur naufrage.

95.

L'amiral Portugais brule au fond de son cœur
De poursuivre un projet que le Ciel favorise,
Eole et l'Ocean secondent son ardeur,
Rien ne s'oppose plus á sa noble entreprise;
Il accepte et la paix et le guide trompeur
Qui sous un zele faux devant lui se deguise,
Et deployant la voile, il vole au gré du vent
Se confier encore à l'humide element.

96.

Ils s'eloignent de terre et bientot à leur suite
Les filles de Nerée entourent les vaisseaux,
Elles ornent pour eux l'empire d'Amphitrite
Et des fils de Lusus suspendent les travaux.
Et cependant leur chef qu'un soin plus grand agite,
Soupçonnant les desseins de ses laches rivaux,
Sur ces bords inconnus interroge son guide
Et cherche à penetrer le cœur de ce perfide.

97.

Mais le Maure poursuit le projet detesté
Que dicta de Bacchus la noire perfidie,
Habile à se parer d'un air de verité
Il trompe les guerriers de la Lusitanie;
Dans l'espoir que la mort ou la captivité
Leur fermera bientot la route de l'Asie;
Et veut en ecartant le doute et les soupçons
Assurer le succès de tant de trahisons.

98.

Ourdissant pour les perdre une trame subtile
Tel que jadis Sinon dans les murs Phrygiens,
Il declare à Gama, qu'il est prés de cet isle
Un pays habité par des peuples chretiens.
Le guerrier qu'il seduit par cette ruse habile
Promet au Musulman de le combler de biens
Si par ses soins bientot il parvient à connoitre
Le peuple supposé dont lui parle ce traitre.

99.

Mais l'Africain suivant ses projets imposteurs]
Doit guider les vaisseaux de la Lusitanie

Vers des bords habités par les vils sectateurs
Du prophete pervers qui soumit l'Arabie.
Il espere en ces lieux reparer les malheurs
De son prince, et servir sa basse jalousie ;
Il sçait qu' à Quiloa de nombreux combattants
S'armeront contre un peuple haï des Musulmans.

100, 101, et 102.

C'est ainsi que par lui cette troupe egarée
Va trouver des perils, des obstacles nouveaux,
Mais la belle Déesse à Paphos adorée
Dans ce danger pressant protege les heros :
Dociles à sa voix, les freres de Borée
Exercent leur pouvoir sur l'Empire des eaux,
Et leur fermant le port où tendait le pilote
Les force à jetter l'ancre eloignés de la côte.

103.

Ils decouvrent au loin un vaste continent ;
Plus prés de leurs vaisseaux ils distinguent une isle,
On la nomme Mombace, et la fureur du vent
Et la fureur des flots respectent cet asile.
Les regards sont frappés de l'aspect imposant
Et des murs elevés de la superbe ville ;
Le peuple y reconnoit un vieillard pour son roi
Et du prophete Arabe il observe la loi.

104, et 105.

Les cœurs des Portugais s'ouvraient à l'esperance,
Ils s'attendaient enfin à trouver sur ces bords
Dans un pays soumis à leur sainte croyance
Quelques moments de paix pour prix de tant d'efforts.

Mais bientôt de la ville un cortege s'avance,
D'innombrables esquifs paraissent au dehors,
Et c'est encor Bacchus et sa noire furie
Qui prepare en ces lieux un autre perfidie.

106.

Helas foibles mortels, un malheureux destin
Soufle nos passions, preside à nôtre vie!
Il n'est point de desert ni d'asile lointain
D'où nous puissions braver la fortune ennemie.
Aveugles, entrainés à des travaux sans fin,
En butte aux elements, à la guerre, à l'envie,
Où fuir? où nous sauver? où rencontrer un port
Tranquile et sans perils, pour attendre la mort?

FIN DU PREMIER CHANT.

SCIENCIAS.

NOTAS

De Joaõ Manoel de Abreu sobre varios lugares da censura dos Redactores do Edinburgh Review aos Principios Mathematicos de Joze Anastacio da Cunha, para servirem de Supplemento ao Prologo da segunda ediçaõ dos mesmos Principios.

(Continuadas de pag. 455.)

XXII.

" O erro de introduzir demonstraçoens syntheticas se encontra ainda no livro 15."

Jozé Anastacio acertou *em introduzir demonstraçoens syntheticas* na theorica das fluxoens ; os outros hé que erraõ, e haõ de errar em quanto naõ seguirem o seu exemplo. E provo-o desta sorte.

A construcçaõ geometrica das expressoens algebraicas depende da geometria elementar syntheticamente demonstrada. *Logo a construcçaõ geometrica das expressoens differenciaes e fluxionarias deve igualmente depender da geometria differencial ou fluxionaria, syntheticamente demonstrada.* [Este argumento parece-me que naõ admitte replica.] Ora nos compendios dos outros naõ há as proposiçoens de geometria differencial ou fluxionaria dos livros 15 e 16 do nosso Author [o que se colhe até da extranheza que cauzaraõ a M. P.] ; e os outros recorrem muitas vezes a construcçoens geometricas de expressoens differenciaes, naõ só para rezolver problemas, mas até para demonstrar theoremas de analyse infinitissimal, [por ex-

emplo De La Grange na demonstraçaõ da prop. 3 da nota XV] : Logo o geometra Portuguez acertou, e os outros erraõ, e haõ de errar em quanto naõ seguirem o seu exemplo. Isto hé incontestavel.

Com effeito eu naõ sei que haja compendio, nem mesmo tratado algum, excepto os Principios do nosso A., onde se encontre geometria fluxionaria, que mereça o nome de geometria rigorosamente demonstrada. E como a podia haver, se as definiçoens infinitissimaes, donde os outros partem, ou saõ quimericas, ou naõ comprehendem senaõ fluxoens analyticas ? Huns definem metaphyzicamente, ou de huma maneira incompleta, os signaes dx, dfx, e os nomes correspondentes, sem se lembrarem das linhas, superficies, solidos, angulos, &c., que estes signaes podem, e costumaõ indicar ; e entaõ erraõ de ordinario na analyse, e sempre na synthese respectiva ; outros, conjurados contra a notaçaõ e nomenclatura primitivas, escrevem i e i f′x em lugar de dx e d f x, sem darem nome algum a i f′x ; nem tratarem i, se naõ como hum signal fugitivo, que ora apparece, ora desapparece, conforme se faz precizo, ou escusado nas demonstraçoens ; e nesse cazo erraõ infallivelmente quando recorrem a construcçoens geometricas. Entaõ naõ tem remedio, huns e outros, senaõ supprimirem a falta de definiçoens completas com hypotheses taõ absurdas como arbitrarias ; substituem, por exemplo polygonos á curvas, prismas á cylindros, polyedros á spheras, fios enrolados á fios estendidos, &c. &c !

Eis o que o nosso Portuguez vio e emmendou com as suas demonstraçoens geometricas dos livros 15 e 16. Em vez de accumular frazes sobre frazes, remontou a origem dos erros, conservando as denominaçoens usuaes em honra do Inventor, e contentando-se de definir os nomes e os signaes mais conhecidos, de sorte que comprehendessem, sem excepçaõ, todos os objectos a que costumaõ applicar-se. Tal era o seu caracter ! Sem embargo de ser o primeiro, que tratou a geometria e calculos modernos com a clareza e rigor de demonstraçaõ dos antigos geometras, naõ se encontra, nem nos seus Principios, nem nos seus Opusculos, huma só palavra que accuze a mais leve pretençaõ de reformador. Pelo contrario

note-se a importancia que se tem dado certos authores de novas theoricas infinitissimaes só pela grande façanha de substituirem nomes a nomes,e circumlocuçoens a circumlocuçoens. Faz lastima que hum grande geometra figure na dita conjuraçaõ contra a nomenclatura e notaçaõ antigas ; e por consequencia contra a memoria dos primeiros Inventores, &c. &c.

Indignor quando que bonus dormitat Homerus.

XXIII.

" Notamos com tudo huma demonstraçaõ que tem merecimento, isto hé, que a serie infinita A x + Bxx + &c. hé infinitamente pequena, quando x hé infinitamente pequeno. A prova hé satisfactoria, e nos a julgamos nova."

A demonstraçaõ da proposiçaõ 1 do liv. 15, que M. P. notou como nova e satisfactoria, tem na verdade merecimento. Mas a proposiçaõ em si mesma naõ hé nada ! Nem a applicaçaõ que o A. fez della á demonstraçaõ do calculo Differencial, ou Fluxionario ? " Este theorema, diz de La Grange Func. anal. No. 14, deve ser considerado como hum dos principios fundamentaes da theorica, que nos propomos rezolver : suppoem-se tacitamente no calculo Differencial, e no das Fluxoens, e hé por este lado que estes calculos daõ lugar a objecçoens, maiormente na applicaçaõ aos problemas geometricos e mechanicos." Com effeito se os primeiros inventores advertissem nos verdadeiros usos do dito theorema, em vez de recorrerem a infinitamente pequenos metaphysicos, e a quantidades nascentes e fenescentes, igualmente metaphysicas, ao menos estaria demonstrada desde a origem huma parte da theorica que J. A. demonstrou completamente. Tal hé a importancia da proposiçaõ de que se trata ! Por falta della, foi a verdadeira theorica do calculo differencial e fluxionario hum problema difficilimo, que occupou os geometras da primeira ordem desde Newton ate De La Grange. Com tudo, parece depois de vista, que naõ deveria haver coisa mais facil de

descobrir: deduz-se de huma simples divisaõ algebraica [Nota XV.]; e ate se pode chamar hum corollario immediato da proposiçaõ d'Euclides: *se de huma grandeza se tirar naõ menos de metade; e do resto naõ menos de metade; assim por diante, terse há hum resto taõ pequeno como se quizer.* E levou tanto tempo a ver, e sobre tudo a applicar! Taõ vagaroza hé a marcha do espirito humano, por mais sublime que elle seja, nas vizinhanças de maximo em perfeiçaõ, seja em que assumpto for.

Mas tornando á importancia que De La Grange dá ao dito theorema nas suas funcçoens analyticas, naõ posso deixar de notar, que, em vez de applicallo de huma maneira expressa e regular, como J. A. faz nos seos principios, recorra frequentes vezes a appariçoens e desappariçoens arbitrarias da lettra i, que podem ser absurdas em infinitos casos. Seja por exemplo $i = \frac{x}{1}$, e x a distancia entre qualquer curva e a sua assimptota: i poderá ser infinitessimo, mas nunca igual a o. Eis a razao porque J. A. evitou constantemente em todas as suas demonstraçoens syntheticas hum laconismo, que naõ aclara, nem abrevia nada: em quanto os outros desperdiçaõ frazes inutilmente, resumme elle o seu discurso, citando a prop. 1. do liv. 15.—Mas quando se suppoem $i = o$, e, p, q, &c. independentes de i, que erro pode rezultar de se suppor tambem $p\,i + q\,i\,i + \& = o$? Nenhum, ou quazi nenhum na pratica; e até concedo que hum semelhante erro se pode tolerar em meras investigaçoens analyticas: porem quando se trata de demonstraçoens syntheticas, onde o mais leve erro deve reputar-se erro notavel, entaõ naõ hé licito, suppor $i = o$ em todos os casos, por isso mesmo que pode alguma ver ser $i = \frac{x}{1}$, e x infinitessimo, sem ser o.

XXIV.

" O A. naõ falla de trigonometria até ao livro 16, e entaõ mesmo falla somente de trigonometria analytica, e naõ daquella em que se trata da resoluçaõ arithmetica dos triangulos planos, e sphericos."

A doutrina do livro 16 hé concebida em toda a sua generalidade, e segundo eu entendo, convem-lhe menos a denominaçaõ vulgar de analyse *trigonometrica*, que o titulo de *theorica das funcçoens circulares*, analyticas e geometricas, communs e fluxionarias, expressas, ora em termos finitos, ora em series infinitas. Logo o A. naõ devia fallar de semelhantes funcçoens se naõ depois do livro 15. — Advirta-se alem disto, que a parte arithmetica de trigonometria plana e spherica naõ entra na classe do que o A. entendia por *principios mathematicos :* constitue hum ramo extensissimo, cuja difficuldade e utilidade practicas senaõ concebem sufficientemente bem, se naõ nas applicaçoens á mechanica, astronomia, e navegaçaõ. Logo o A. devia deixar este ramo ás aulas de pratica, de que acima fallamos Nota I, e limitar-se no liv. 16, á parte theorica, que coube e devia entrar no systema dos seus principios. Nos compendios ordinarios hé que a parte arithmetica, de que falla M. P., interrompe a cada passo a theoria, de sorte que o discipulo passa antes de tempo pelo improbo trabalho de tentar huma, sem nunca poder avaliar ao justo a verdadeira extençaõ da outra. Quanto mais acertado o plano do nosso Author! Os seus discipulos, ao mesmo passo que medem elo por elo a cadea dos seus principios, habilitaõ-se para consultar livros de pratica, ou no decurso, ou no fim do primeiro tempo lectivo, conforme a capacidade e diligencia de cada hum.—O mesmo digo dos outros livros : o A. naõ ajunta nunca operaçoens arithmeticas senaõ quando ellas mesmas ajudaõ a evidencia das regras em que se fundaõ. Logo o que se figurou defeito a M. P. hé mais huma perfeiçaõ da Obra.

XXV.

"No livro 17 trata-se, &c. &c. e do Raio de curvatura."

Jozé Anastacio foi o primeiro que demonstrou geometricamente a doutrina do *Raio de curvatura*: até ao seu tempo todos recorriaõ [sem exceptuar Huygens e Newton] a hum fio ora involvido, ora estendido; isto hé, a axiomas mais mecanicos que geometricos, para supprirem a falta de definiçaõ fundamental. Com tudo a definiçaõ que J. A. adoptou naõ me parece bem escolhida: satisfaz hé verdade á condiçaõ essencial de comprehender toda a theoria; porem naõ se deduz immediatamente da experiencia, quero dizer da construcçaõ mecanica das duas curvas, condiçaõ taõ essencial como a precedente. As definiçoens seguintes satisfazem com igual rigor á huma e outra condiçaõ. 1. Se duas curvas postas no mesmo plano forem taes, que toda a recta perpendicular a huma seja tangente á outra, chamaõ-se aquella *evolvente*, e esta *evoluta*. 2. A recta terminada entre a evolvente e a evoluta, perpendicular á huma, e tangente á outra; o ponto de contacto; e o circulo que deste ponto com a dita recta se descrever, chamaõ-se *rayo, centro, e circulo de curvatura* da evolvente, no ponto commum a ella e ao circulo de curvatura.

Naõ ajunto aqui a theoria conrespondente á estas definiçoens, porque seria deslocada: mas posso affirmar que hé taõ rigorosa como a do Author, e summamente mais facil e mais breve. Tal hé a importancia das definiçoens fundamentaes. Cada vez me parece mais provavel que em cada theoria naõ pode haver senaõ huma, que seja exacta.

XXVI.

" O livro 20 contem a doutrina das differenças finitas."

No estylo do A. basta dizer *doutrina das differenças*, porque os signaes D x, D f x, ou d x, d f x costumaõ applicar-se a objectos do mesmo genero, grandes ou pequenos, finitos ou infinitessimos, segundo a occaziaõ o pede. Assim o *calculo das differenças* naõ se destingue do das *fluxoens*, em tratar hum de expressoens finitas, e o outro de expressoens infinitessimas: esta distincçaõ seria falsa: a differença especifica entre os dous calculos consiste em ser $\frac{Dfx}{Dx}$ variavel, postas as condiçoens da def. 4 do livro 15; e $\frac{dfx}{dx}$ constante, postas as mesmas condiçoens. Esta reflexaõ [mais circunstanciada] accabaria de dar á def. 4 toda a evidencia Logica de que huma definiçaõ qualquer hé susceptivel: porem a dita definiçaõ naõ carece de mais apologias; o que eu quero concluir hé, que a denominaçaõ vulgar *doutrina das differenças finitas* hé vicioza, e pode induzir em erro os principiantes; por isso mesmo que traz a sua origem das ideas metaphysicas que se formaraõ ao principio dos objectos designados por dx e dfx. Basta pois dizer *doutrina das differenças*. Donde se colhe que a escacez de termos do nosso Author, bem longe de ser originalidade de capricho, depende muitas vezes da mais fina e severa critica.

XXVII.

" O livro 21 demonstra diversas proposiçoens, de que se trata nos livros precedentes, como por exemplo as investigaçoens da Regra de Cardan, do Theorema Binomial e de certas expressoens rela-

lativas ás fluentes....tambem inclue os difficeis problemas, chamados dos *Isoperimetros.*"

Ja vimos, Nota XVII, que a demonstraçaõ da Regra de Cardan, e dos theoremas binomial e logarithmico, naõ depende das investigaçoens 5 e 6 do livro 21: resta agora mostrar que a demonstraçaõ das doze primeiras formulas do livro 18 naõ depende da investigaçaõ 7 do liv. 21.

Temos pela def. 5, liv. 15 que, *toda a grandeza se chama fluente da sua fluxaõ*: logo para demonstrar que F he fluente de f, he precizo ver se d F = f. Tal he a demonstraçaõ propria das ditas formulas; e substituir qualquer outro methodo de demonstraçaõ seria naõ entrar no espirito da obra do que se trata. He portanto evidente que o A. omittio de proposito as operaçoens indicadas pela formula dF = f, com o fim de abreviar o liv. 18, e tambem de deixar ao Mestre, com que entreter a attençaõ dos discipulos, accostumando-os ás operaçoens ordinarias do calculo das fluxoens. Com tudo agora vejo pela equivocaçaõ em que cahio M. P., e em que todos cahiraõ facilmente á primeira vista, que o A. teria feito melhor se no fim das ditas formulas do livro 18, puzesse a seguinte advertencia.

Adv. As doze formulas precedentes investigaõ-se pelo methodo da prop. 7, do liv. 21; mas demonstraõ-se fluxionando os seus segundos membros, e observando que a fluxaõ de cada hum se reduz a $x^m R^p dx$ [def. 5, liv. 15.]

N'huma palavra, o liv. 21 naõ he senaõ hum appendix, cujos elementos se podem espalhar pelos livros precedentes, ou mesmo omittir como cada hum quizer. Note-se todavia que, espalhados pelos outros livros, naõ serviriaõ, senaõ de interromper a cadea, que o A. tinha em vista ligar e resumir; e que, ordenados e reunidos no fim da obra, offerecem ao Mestre outros tantos assumptos fecundissimos, de que pode e deve servir-se para experimentar e a destrar as faculdades intellectuaes dos seus melhores discipulos. O A. innicia-os no methodo d'invençaõ, desde o livro 7, isto he, desde os primeiros rudimentos das mathematicas puras; agora no liv. 21 faz o mesmo, depois de lhes haver ensinado a demonstrar pelo me-

thodo dos antigos, a geometria e calculo modernos. Nos primeiros livros escreveu para quaesquer discipulos; no fim contemplou, como devia, somente os da primeira ordem. Ninguem ha aquem naõ convenha discorrer com methodo: mas nem todos carecem de saber a integraçaõ da catenaria [prop. 18, liv. 18]; nem a soluçaõ do problema dos Isoperimetros, [prop. 14, liv. 21.]

A respeito de *Isoperimetros* naõ devo omittir huma reflexaõ semelhante aquella que fiz relativamente a denomiuaçaõ *differenças finitas* do livro 20, Nota XXVI.—O livro 19, [que M. P. saltou completamente] contem os verdadeiros elementos do calculo moderno, chamado das variaçoens, e com tudo o A. naõ se servio da palavra *variaçaõ*, nem ali, nem no livro 21, nem mesmo em hum dos seus opusculos, intitulado *solution du probleme des Isoperimètres*, onde censura varios principios em que Euler, de La Borde, e de La Grange fundaraõ as suas soluçoens e demonstraçoens do mesmo problema. Donde vem huma excluzaõ taõ importante, e taõ evidentemente deliberada? O A. naõ o diz em parte alguma dos seus escriptos. Mas eisaqui o meu parecer. Pensou, provavelmente, que a dita palavra poderia induzir em erro os principiantes fazendo lhes crer que huma *variaçaõ* naõ he huma *fluxaõ*: n'huma palavra, assentou que a nova *denominaçaõ* calculo das variaçoens, fora inventada antes de se saber a verdadeira theorica do *calculo fluxionario, ou differencial.* " As diversas maneiras, diz de La Grange, de estabelecer e expor os principios do calculo fluxionario, é até mesmo as *denominaçoens* desta doutrina mostraõ, segundo o que me parece, que, posto que existissem ja as regras as mais simplices e commodas para a execuçaõ das operaçoens respectivas, ainda senaõ tinha entrado na verdadeira theorica do dito calculo."

Outra reflexaõ, e temos concluido.—J. A. quando escrevia a sobredita memoria, estava persuadido que a sua nova e engenhosissima soluçaõ do problema dos Isoperimetros, [prop. 14, liv. 21.] era exacta, ou pelo menos mais exacta que as de Euler, de La Grange, Maclaurin, de La Borde, &c. &c., entaõ porque motivo lhe negou elle no livro 19 o lugar, que lhe com-

petia de theorema rigorosamente demonstrado? O A. tambem naõ sei que desse a alguem a razaõ disto. Porem colhe-se facilmente do que fica dito acerca das proposiçoens precedentes. Com effeito a demonstraçaõ da prop. 14, em vez de depender unicamente das definiçoens respectivas, tambem depende d'este axioma, que *duas linhas que tendem continuamente ao parallelissimo saõ por fim parallelas.* Logo pertence á ordem inferior das investigaçoens do livro 21. Tal he o systema da obra de que se trata, e tal he a originalidade de methodo que M. P. reprova!

XXVIII.

"A obra a que esta, que temos prezente, pode mais facilmente comparar-se he o tratado elementar do Abbade de La Caille."

Semelhantes comparaçoens naõ se podem sujeitar á hum exame regular e completo; por que dependem as mais das vezes do capricho e humor de quem as faz. Ninguem duvida que de La Caille escolhesse e proporcionasse melhor que todos os elementistas seus predecessores, as materias e dimençoens do seu compendio; quero dizer a serie de principios, que se podem racionavelmenta explicar e comprehender no curto espaço dos primeiros dous annos lectivos de hum curso mathematico; e naõ se pode negar que as suas *Liçoens Elementares* se distinguem sobre maneira entre a esteril abundancia de compendios, que tem apparecido desde a invençaõ da analyse moderna até o prezente. Mas naõ acho na sua obra, e na de que se trata, sufficiente homogeneidade para as por em parallelo. Que tem de commum a geometria d'Euclides e a de Claireau? A Arithmetica de Newton e a de Bezout? A Astronomia de La Caille, e a de La Place, &c. &c.? Coiza nenhuma, excepto os nomes. O mesmo diria eu dos Principios Mathematicos de J. A. e das liçoens elementares de La Caille. A primeira destas obras, puramente theorica, respira o gosto dos antigos geometras; na segunda theorica pratica predomina o dos modernos. Esta he fundada na arithmetica vulgar; aquella nos Elementos d'Eu-

clides. O Geometria Portuguez foi obrigado a adoptar na sua obra huma ordem, estylo, e methodo de demonstraçaõ taõ originaes como os estreitos limites della. Está claro que o seu fim foi incluir em hum pequeno volume a carta reduzida das verdades Mathematicas mais prominentes deste a primeira idea de grandeza até as ultimas proposiçoens da geometria e calculo modernos. Por tanto a ordem das materias he tal, que nenhuma parte dellas cruza, interrompe, ou atraza a marcha das outras. O estylo he simples, e uniforme: nada de preambulos, nem de reflexoens obvias; o A. naõ curou senaõ de brevidade, e de exacçaõ. Pode-se dizer que a sua obra naõ consta se naõ de formulas; humas algebricas, outras verbaes. O methodo de demonstraçaõ he tal que M. P. naõ notou hum só paralogismo em toda a obra. Pelo contrario as Liçoens Elementares, presuppondo igualmente hum explicador experto, contem preambulos excuzados, e applicaçoens faceis; alem de demonstraçoens deffeituozas, e theorias imperfeitissimas. O estylo he vario e abundante; a ordem perturbada; e o methodo irregular. Assim parece-me que as duas obras se naõ podem comparar facilmente, nem em grosso, nem por miudo.

XXIX.

" O Author Francez naõ apprezenta tanta originalidade de methodo como o Mathematico Portuguez, e a este respeito a sua obra he talvez mais util."

Outra comparaçaõ equivoca, ou arriscada? Naõ seria melhor dizer que qualquer dos dous authores tem o seu merecimento proprio? O discipulo de La Caille deve lêr os Principios Mathematicos, se quizer apprender a demonstrar, e conhecer a distancia mais curta entre cada definiçaõ fundamental, e o ultimo theorema que depende della. O discipulo de J. A. deve ler de La Caille, se quizer adiantar-se em pratica, adquirir ideas, &c. &c. Mas advirta-se que o discipulo de J. A. hade ler sem custo as liçoens Elementares, em quanto o discipulo de La Caille talvez se disgoste dos Principios Mathematicos; por-

que o nosso espirito passa com difficuldade de hum trabalho mais leve a outro mais pezado: quem se habitua a ler romances soffre de ma vontade livros de historia. Dahi vem a maxima de Bacon: *Hominum intellectui non plumæ addendæ, sed potius plumbum et pondera.*

XXX.

" As liçoens Elementares saõ o melhor Compendio de Mathematicas, que ategora tem apparecido do mesmo tamanho; e collocar os Principios Mathematicos em segundo lugar depois do Tratado do Abbade La Caille, he fazer-lhes hum alto elogio."

Certámeate o elogio he extraordinario e do melhor agoiro para o credito do nosso author. Se o seu compendio fez no espirito de M. P. huma impressaõ taõ favoravel, apezar dos deffeitos que lhe achou na primeira leitura; se o poem em segundo lugar depois do melhor tratado que se conhece da mesma especie, sem embargo das novidades que lhe escaparaõ, e dos livros que saltou, &c. &c. que será quando ler segunda vez a obra inteira, quando os deffeitos diminuirem, e as novidades augmentarem?

Entretanto seria de dezejar que o Leitor imparcial naõ puzesse huma obra em segundo lugar depois da outra, antes de as ler ambas e as prezentes Notas com attençaõ.

CONTINUAÇAÕ

Dos Extractos dos Elementos de Chimica, concernente a agricultura, &c. &c.

POR SIR HUMPHREY DAVY.

(*Continuados de pag.* 461.)

ESTERCOS PARTICULARES.

Visto que differentes estercos contem diversas proporçoens de elementos necessarios para a vegetaçaõ, elles requerem por isso hum manejo differente; a fim de que possaõ produzir os effeitos que delles se esperaõ. Por tanto descreverei com miudeza as propriedades, e natureza dos estercos, commummente uzados; e ao mesmo tempo farei algumas observaçoens geraes sobre o melhor modo de os preservar, e de applica-los.

Todas as plantas verdes e sucozas contem materia Sacarina ou mucilaginoza com fibra lignea; e fermentaõ-se rapidamente. Por tanto, se acazo intentarmos adubar com ellas as terras, devemos emprega-las o mais cedo possivel depois da sua morte. Quando quizermos fertilizar os terrenos por meio de *colheitas**, *verdes*, he necessario, que as introduzamos nas terras, quando estiverem em flor, ou quando esta principiar a abrir-se; pois que neste periodo ellas contem a maior quantidade de materia facilmente soluvel, e as suas folhas estaõ no estado mais activo de formar materia nutritiva. Colheitas verdes, erva ruim, que existe nos tanques, as aparas de sebes e de plantas que se achaõ nos regos, ou outra qualquer sorte de materia vegetal fresca naõ necessitaõ de

* Em Inglez *green crops* assim chamadas por serem compostas de hervas artificiaes, nabos, couves, ervilhaca, e outras semelhantes.

preparaçaõ alguma, para serem usadas como adubos. A decomposiçaõ procede vagarosamente debaixo do terrenno; as materias soluveis saō gradualmente dissolvidas, e a pequena fermentaçaõ, que existe. sendo reprimida pela falta de communicaçaõ livre com a atmosfera faz, com que a fibra lignea se torne soluvel, sem ao mesmo tempo occasionar a dissipaçaõ de materia elastica.—Quando pastos velhos saõ convertidos em terras lavradias, o terrenno tem sido enriquecido naõ só pela morte e putrefacçaõ vagarosa das plantas, que tem deixado no terrenno materias soluveis; mas tambem as folhas e raizes das ervas, (que ainda vivem, e occupaõ huma tam grande parte da sua superficie,) produzem materias sacarinas, mucilaginosas, e extractivas, substancias estas, que immediatamente constituem o alimento das colheitás; e a sua decomposiçaõ gradual suppre o nutrimento por annos successivos. " Rape cake*," com o qual se adubaõ terrennos com grande successo, contem grande quantidade de mucilagem, alguma materia albuminosa, e huma pequena porçaõ d'oleo. Este adubo deve ser usado fresco, e conservado o mais secco possivel antes de ser usado. Forma hum excellente terreno para nabos, e o modo mais economico de o applicar he lançando-o ao mesmo tempo com as sementes. Quem quizer ver este processo em perfeiçaõ deve attender á tosquia annual de M. Coke em Holkham. " Malt dust†" consta principalmente da radicula nascente separada de graõ. Eu nunca fez experiencias sobre este adubo, mas mui provavelmente conterá materia sacarina; e isto explanara a causa dos seos poderosos effeitos. Tambem devemos fazer uso delle no estado mais secco possivel, e ao mesmo tempo prevenir a sua fermentaçaõ. " *Linseed cake*‡" he hum alimento taõ util para o gado, que naõ podemos

* Significa o residuo que fica depois que o oleo he extrahido das sementes do nabo bravo (napus rapa).

† Malt dust—o pó que sahe da cevada fermentada no processo de fazer cerveja.

‡ Linseed-cakes—bolos que restaõ depois de espremer-se o oleo das sementes do linho.

convenientemente emprega-lo como adubo; a analysis das sementes do linho foi referida na terceira leitura. A agoa, em que linho commum, e linho canamo saõ macerados a fim de obter-se a fibra pura vegetal, tem hum grande poder fertilizante. Parece conter huma substancia analoga ao albumen, e juntamente grande porçaõ de materia vegetal extractiva. Apodrece em mui pouco tempo. Hum certo gráo de fermentaçaõ he absolutamente necessario para obter o linho, e linho canamo no seo proprio estado; por tanto logo que a fibra vegetal for removida, devemos estercar as terras com a agoa, em que estes tem sido macerados. — Sebas consistindo das differentes especies de fuci, algo, e confervæ, saõ frequentemente applicadas como esterco nas costas do mar da Gram Bretanha e Irlanda. Digerindo em agoa quente o fucus commum, que he a seba mais abundante na nossa costa, eu obtive delle ⅛ de huma substancia gelatinosa, cujas propriedades eraõ semelhantes as da mucilagem. Huma porçaõ do mesmo distillada deo quasi ⅘ do seo peso d'agoa; mas naõ ammonia; a agoa teve hum gosto empyreumatico, e hum tanto acido; as cinzas contiveraõ sal commum, carbonato de soda, e materia carbonacea. A materia gasosa produzida foi em pequena quantidade; e esta constou principalmente d'acido carbonico, e do oxido gasoso de carvaõ, com huma pequena porçaõ de hydrocarbonato. Este adubo he transitorio nos seos effeitos, e naõ produz mais, que huma colheita; a razaõ disto pode-se facilmente assignar considerando, que elle contem grande quantidade d'agoa, ou dos elementos desta. Apodrece sem cauzar calor, quando he exposto a atmosfera, e parece, para assim dizer, derreter-se e dissolver-se. Eu tenho visto hum grande montaõ desaparecer inteiramente em menos de dois annos, naõ deixando residuo algum, senaõ huma pequena quantidade de materia fibrosa, e negra.—Palha secca de trigo, avea, cevada; favas e ervilhas, feno corrompido ou outra qualquer sorte semelhante de materia vegetal secca forma sempre hum bom adubo. Geralmente deixaõ-se fermentar estas substancias antes de serem usadas; com tudo he duvidoso se

devemos praticar este methodo indiscriminadamente. De 400 graõs de palha secca de cevada eu obtive oito graõs de materia soluvel n'agoa, a qual tinha huma cor escura, e hum sabor semelhante ao da mucilagem : 400 graõs de palha de trigo produziraõ a mesma substancia. Naõ ha duvida, que a palha de differentes colheitas sendo immediatamente introduzida no terreno ministra nutrimento ás plantas, porem applicada deste modo he inconveniente em consequencia do seo comprimento, e da immundicia que occasiona na lavoura ; se a deixar-mos fermentar, fica entaõ mais appropriada, para com ella adubarmos as terras ; com tudo por este meio vem-se a perder grande quantidade de materia nutritiva. He provavel que a primeira colheita produzida deste esterco seja excellente, naõ obstante a terra naõ recebe tanto beneficio como se acaso a materia vegetal podesse ser bem dividida e misturada com o terreno. —Palha, que se naõ ha de mister, he frequentemente levada ao munturo, a fim de fermentar-se, e decompor-se ; porem he digno de experimentar-se se acaso naõ seria mais economico o usarmos della, depois de cortada por hum proprio engenho ; e conserva-la secca até quando houvor necessidade da sua applicaçaõ. Neste caso, ainda que a sua decomposiçaõ seria mais vagarosa, e por consequencia a sua utilidade menor no principio, com tudo a sua influencia seria muito mais duravel. — As unicas substáncias vegetaes, que parecem requerer fermentaçaõ, a fim de serem convertidas em alimento proprio das plantas, saõ aquellas, que constaõ de huma materia meramente fibrosa. O residuo das cascas depois do cortimento dos coiros he huma substancia desta qualidade.— " Inert peaty matter,"* he semelhante na sua natureza. Continua exposta ao ar e agoa sem soffrer mudança alguma ; e neste estado suppre as plantas com mui pouco ou nenhum nutrimento. — Cinzas de lenha, quando esta naõ tem sido muito queimada, e por conseguinte contendo grande porçaõ de carvaõ, tem sido utilmente usadas como adubo. Huma parte dos seos effeitos talvez proceda do consumo vagaroso, e

* Assim se chama a parte fibroza dos vegetaes, destituidos de todos os seos principios nutritivos.

gradual do carvaõ, o qual, mesmo sem passar pelo processo de combustaõ, pode absorber oxygenio, e converter-se em acido carbonico. — Estercos derivados das substancias animaes podem-se geralmente applicar ás terras sem necessitar de alguma preparaçaõ chimica ; o que o lavrador deve fazer he mistura-las bem com os ingredientes terreos, e prevenir a sua mui rapida decomposiçaõ. As partes inteiras dos musculos de animaes terrestres naõ saõ communmente usadas como esterco, ainda que ha muitos casos em que isto poder-se-hia fazer com facilidade. Cavallos, caens, veados, carneiros e outros quadrupedes, que tem morrido accidentalmente, ou de doenças, depois de separadas as suas pelles saõ frequentemente expostos ao ar, ou mergulhados n'agoa ate serem devorados por aves, e animaes de rapina ; ou inteiramente decompostos ; e neste caso a maior parte da sua materia organizada he absorbida pelo terreno, onde jazem ; e huma porçaõ consideravel he consumida pela exhalaçaõ de gases nocivos á atmosfera. Se porem cobrissemos animaes mortos com huma porçaõ de terra cinco ou seis vezes superior ao seo volume, lançando ao mesmo tempo huma parte de cal ; e os deixassemos assim ficar por huns poucos de mezes ; a sua decomposiçaõ communicaria á terra as materias soluveis á ponto de converte-la em hum esterco excellente, e misturando com a mesma hum pouco de cal viva, quando fosse removida, preveneriamos por este modo em grande parte os seos vapores desagradaveis, e poderiamos utilisar-nos deste esterco da mesma sorte, que outro qualquer adubo. — Peixe em qualquer estado, que seja applicado, forma hum poderoso esterco, porem quanto mais fresco melhor será ; e a sua quantidade deve ser limitada. M. Young relata huma experiencia, em que harenques espalhados sobre hum campo e introduzidos no terreno para producçaõ de trigo, produziraõ huma seara taõ exuberante, que antes da sega estava inteiramente acamada. Do numero das substancias oleosas os residuos, que ficaõ das materias, que se empregaõ na manufactura de velas de cebo, e do azeite de peixe, se usaõ para adubar as terras. A utilidade, que delles resulta, he no maior gráo, quando saõ misturados com o terreno de

tal sorte, que apresentem huma superficie extensa á atmosferá, pois que deste modo formar-se-haõ delles materias soluveis em consequencia da acçaõ do oxygenio, que existe no ar. Lord Somerville usou os sobejos da manufactura do azeite de peixe na sua fazenda em Surry: a ditta substancia foi coberta com montoens de terra, e reteve os seos poderes fertilizantes por varios annos successivos. O carvaõ, e hydrogeneo, que abundaõ em substancias oleosas, explanaõ claramente os seos effeitos; e a sua duraçaõ procede do ar, e agoa produzirem nellas huma mudança gradual.—Ossos usaõ-se muito como adubo na vizinhança de Londres. Depois de serem quebrados, e cozidos, para delles se extrahir gordura, saõ vendidos ao lavrador. Quanto maior he o seo estado de divisaõ, tanto melhores saõ os seos effeitos. A despeza, que resultaria de moe-los, seria provavelmente paga pelo augmento dos seos poderes fertilizantes; e reduzidos a pó poderiaõ ser usados no " Drill husbandry*," e lançados com a somente da mesma forma, que se faz com a semente do *nabo bravo.* Pó, e lascas d'ossos, refugos da manufactura de tornear, se podem utilmente empregar da mesma forma. A base dos ossos he composta de saes terreos, principalmente de phosphato de cal, com alguma porçaõ de carbonato de cal, e phosphato de magnesia; e as suas substancias, que facilmente se podem decompor saõ gordura, gelatina, e cartilagem, a qual parece ser semelhante á albumen coagulado. —Cabello, trapos de pano de lam, e pennas saõ analogas em composiçaõ, e consistem principalmente de huma substancia semelhante ao albumen, misturada com a gelatina. O que tem mostrado as engenhosas investigaçoens de M Hatchett. A theorica da sua operaçaõ he semelhante á das lascas d'ossos, e cornos. Os refugos das manufacturas de pelle e coiro formaõ excellentes adubos; taes como as aparas de pelles surradas, as cerceaduras das martas, os sobejos dos cortumes, e dos factores de cola. A gelatina

* Lavoura assim chamada, a qual consiste em semear, ou plantar graõs, e outras sementes, ou raizes, com hum proprio instrumento d'agricultura, em fileiras regulares, em lugar de lança-las promiscuamente com a maõ.

contida em todas as sortes de pelles esta em estado proprio para dissolver-se ou decompor-se gradualmente, e quando he introduzida no terreno dura por muito tempo, e suppre sem intermissaõ com materia nutritiva as plantas, que lhe estaõ visinhas. O sangue contem certas porçoens de todos os principios, que se achaõ nas outras substancias animaes; a sua utilidade como adubo he por conseguinte evidente. Ja temos mencionado, que contem fibrina; tambem possue albumen: as particulas vermelhas (cuja cor muitos Chimicos estrangeiros tem supposto proceder do ferro em hum estado particular de combinaçaõ com o oxygenio, e materia acida) M. Brande julga constar de huma substancia animal particular contendo mui pouca porçaõ de ferro. A escuma, que se tira das caldeiras dos refinadores d'assucar, e a qual se usa para adubar terras, consiste principalmente de sangue de bezerro, que tem sido applicado para separar as immundicias do assucar mascavado por meio da coagulaçaõ da sua materia albuminosa pelo calor da caldeira.

De todas as materias excrementicias, que se applicaõ como adubos, a urina he sobre aqual tem-se feito o maior numero de experiencias, e cuja natureza he melhor sabida. A urina de vaca contem, conforme as experiencias de M. Brande.

	Partes.
De agoa - - - - -	65
— phosphato de cal - - -	3
— muriato de potassa e ammonia -	15
— sulphato de potassa - -	6
— carbonatos, e potassa e ammonia -	4
— urea - - - -	4

A urina de cavallo segundo Fourcroy e Vauquelin contem

	Partes.
De carbonato de cal - -	11
— carbonato de soda - -	9
— benzoato de soda - -	24
— muriato de potassa - -	9
— urea - - - -	7
— agoa e mucilagem - -	940

Alem destas substancias M. Brande descobrio phosphato de cal.—A urina de burro, de camelo, de coelho, e galinhas tem tambem sido analysada, e tem-se achado ser semelhante na sua composiçaõ. Da urina do coelho ; em addiçaõ aos outros ingredientes acima mencionados, Vauquelin obteve gelatina ; e o mesmo Chimico descobrio acido urico na urina de galinhas. A urina humana contem huma maior variedade de substancias, que outra qualquer especie, que se tem examinado ; achaõ-se nella—urea, acido urico, e outro acido analogo á este em composiçaõ chamado acido rosacico, acido acetico, albumen, gelatina, huma materia resinosa, e varios saes. Das substancias excrementicias solidas applicadas como adubos huma das mais poderosas he o esterco de passaros, que se sustentaõ d'alimento animal, particularmente o esterco de passaros marinhos. O *guano*, que se usa em grande quantidade na America do sul, e que he o adubo, que fertiliza as planicies estereis do Peru, he huma producçaõ desta sorte. M. Humboldt nos informa, que este existe em grande abundancia nas pequenas ilhas do mar do sul, em Chinche, Ilo, Iza, e Arica, 50 embarcaçoens saõ annualmente carregadas desta substancia, cada huma das quaes leva de 1500 ate 2000 pes cubicos. Usa-se unicamente em pequenas quantidades, e em particular para as colheitas de milho. O esterco de passaros maritimos parece-me, que naõ tem sido empregado neste reino como esterco, mas provavelmente mesmo o terrenno das pequenas ilhas da nossa costa, muito frequentadas por elles, será fertilizante. Huma porçaõ de esterco de passaros marinhos, trazida de huma rocha na costa de Merionethshire, teve sobre ervas hum effeito poderoso, mas transitorio ; foi experimentada, em consequencia de sugestaõ minha, por Sir Robert Vaughan em Nannau. O excremento humano, he assas sabido, que he hum excellente esterco, e muito apto a decompor-se. Os seos ingredientes variaõ, mas sempre contem grande porçaõ de substancias compostas de carvaõ, hydrogenio, azote, e oxygenio. Segundo a analysis de Berzelius, parte deste he sempre soluvel n'agoa ; e em qualquer estado em que se ap-

plica, seja fresco ou fermentado, suppre as plantas com grande quantidade de alimento.

O esterco de pombos he o segundo quanto ao poder fertilizante, depois do esterco humano. De 100 graõs de esterco de pombos digiridos em agoa quente por algumas horas eu obtive 23 graõs de materia soluvel; a qual sendo distillada produzio grande porçaõ de carbonato d'ammonia; e o residuo constou de materia carbonacea, materia salina, principalmente sal commum, e carbonato de cal.

O esterco de pombos, quando está humido, fermenta-se rapidamente, e depois deste processo contem menor quantidade de matéria soluvel, que anteriormente: 100 partes de esterco de pombo fomentadas renderaõ-me meramente oito partes de materia soluvel, aqual deo na sua distillaçaõ proporcionamente menos carbonato d'ammonia, do que esterco de pombos fresco. O esterco de galinhas aproxima-se muito na sua natureza ao esterco de pombos. Contem acido urico. Produz na sua distillaçaõ carbonato d'ammonia, e com celeridade communica materia soluvel á agoa. He mui apto a fermentar-se. Esterco de gado grosso, tal como bois e vacas, tem sido chimicamente examinado por M. M. Einhof e Thaes: elles acharaõ esta substancia conter materia soluvel n'agoa, e que a sua fermentaçaõ deo quasi os mesmos productos, que as substancias vegetaes, absorbendo oxygenio, e produzindo acido carbonico. O esterco de gado miudo tal como gado ovelhum, veados cervas e corças, &c. produz, quando he fervido n'agoa, materias soluveis, as quaes igualaõ, de 2 ate 3 per cento do seo peso. Eu tenho examinado estas substancias soluveis procuradas por soluçaõ, e evaporaçaõ; ellas contem huma porçaõ mui pequena de materia analoga ao muco animal, e saõ principalmente compostas de hum extracto amargoso, soluvel tanto n'agoa com em alcohol. Produzem na sua distillaçaõ fumos ammoniacaes, e parecem differir mui pouco em composiçaõ humas das outras. Eu reguei algumas asteas d'ervas por varios dias successivos com huma soluçaõ destes extractos; ellas tornaraõ-se consequentemente mais verdes, e creceraõ mais viçosas, do que ervas situadas nas mesmas circunstancias, as quaes porem naõ foraõ

regadas com a mesma soluçaõ. A parte insoluvel n'agoa, que se obtem dos estercos de gado grosso e muido, parece ser meramente fibra lignea, e he precisamente analoga ao residuo, que fica depois de extrahidas as materias soluveis dos vegetaes, os quaes formaõ o sustento do ditto gado. Do esterco de cavallo obtem-se hum fluido escuro, o qual sendo evaporado produz hum extracto amargoso; este ultimo exhala fumos ammoniacaes mais copiosamente, que o extracto de esterco de boi. Se acaso quizermos adubar as terras com o esterco puro de gado da mesma maneira, que fazemos com outros estercos acima mencionados, naõ ha motivo algum, para que o deixemos fermentar, excepto no terrenno; porem a assim fazermos devemos continuar este processo so por pouco tempo. Ervas situadas onde ha esterco fresco saõ sempre inferiores e de huma cor verde escura; alguns tem attribuido isto á huma qualidade nociva, que o esterco possue antes de ser fermentado; mas parece proceder antes do excesso de alimento, que as plantas recebem. He porem tratando de estercos compostos, que devemos entrar na questaõ relativamente ao proprio modo de applicar o esterco de gado, e cavallos; pois que este he geralmente misturado no pateo da caza do lavrador com palha, gram̃ça, refugos de substancias animaes, &c. e em si mesmo contem huma grande porçaõ de materia vegetal fibrosa. No principio huma pequena fermentaçaõ no monturo he sem duvida proveitosa, visto que por meio della a fibra lignea adquire huma tendencia a apodrecer, e dissolver-se, quando he levada ao campo e introduzida no terrenno; e de mais fibra lignea existe sempre em muita quantidade nos refugos da fazenda. Com tudo hum grande gráo de fermentaçaõ he muito prejudicial ao esterco composto, que existe no monturo; he melhor que este naõ passe por tal processo, do que deixa-lo fermentar por muito tempo. Isto he evidente pelas razoens, que temos anteriormente allegado. O excesso de fermentaçaõ causa a destruiçaõ, e dissipaçaõ da parte mais util do esterco; e as ultimas resultas deste processo saõ semelhantes a áquellas da combustaõ. A grande objecçaõ contra o esterco pouco fermentado he, que ervas ruins crescem mais, onde

este tem sido applicado. Se acaso houverem sementes no esterco, quando a terra he com este adubada, ellas certamente haõ de vegetar, porem raras vezes isto acontece em grande excesso; a naõ alimparmos as terras d'ervas ruins, qualquer sorte de esterco, esteja no estado de fermentaçaõ ou naõ, ajudará rapidamente o seo crescimento. Se adubarmos a superficie de terrenos destinados para pastos com esterco, que tem sido pouco fermentado, as palhas compridas, e á materia vegetal naõ fermentada, que se acharem na superficie, (logo que a erva principiar a crescer vigorosamente) devem ser removidas pelo ancinho, e levadas ao monturo; adoptando-se este methodo naõ perder-se-ha esterco algum, a lavoura será economica e ao mesmo tempo limpa. Quando o esterco, de que tratamos, naõ puder ser usado immediatàmente, devemos prevenir, tanto quanto for possivel, a sua fermentaçaõ destructiva; as circunstancias necessarias para isto s'effeituar ja temos anteriormente exposto. A superficie deve ser defendida o mais possivel do oxygenio da atmosfera; greda compacta ou barro pegadiço assegura a melhor protecçaõ contra o ar; e o esterco antes de ser coberto ou para assim dizer sellado, deve estar perfeitamente secco; se em qualquer occasiaõ o seo gráo de calor estiver muito augmentado, devemos vira-lo, e expo-lo á atmosfera a esfriar. Se intentar-mos preserva-lo por algum tempo, he necessario, que a sua situaçaõ seja conveniente. Esta deve, se possivel for, ser defendida do sol. Obrariamos acertado, se o conservassemos debaixo de telheiros, ou se fizessemos, com que o monturo fosse situado no lado septentrional da parede. O chaõ onde temos o esterco deve, se possivel for, ser calçado com pedras chatas; e tambem deve haver huma pequena inclinaçaõ d'ambos os lados para o centro, no qual hajaõ regos, que se communiquem com hum pequeno poço provido de huma bomba de maneira, que por este modo toda a materia fluida venha a ser collegida para o uso das terras. Mui frequentemente acontece, que hum fluido denso, mucilaginoso, e extractivo he deixado escorrer do monturo, vindo o lavrador a ser privado de huma substancia de tanta utilidade. Estercos de ruas e estradas, e varreduras de

cazas podem-se classificar no numero d'estercos compostos; os seos ingredientes saõ necessariamente diversos, visto serem derivados do differentes substancias. Estes adubos podem-se applicar com propriedade sem passarem pelo processo fermentativo. Fuligem, a qual he principalmente formada da combustaõ de carvaõ de pedra e lenha, igualmente contem quasi sempre substancias derivadas de materias animaes. He hum excellente esterco. Na sua distillaçaõ produz saes ammoniacaes; e sendo dissolvido em agoa quente obtem-se hum extracto de hum gosto amargoso. Tambem contem hum oleo empyreumatico. A sua grande base he carvaõ no estado capaz de ser dissolvido por oxygenio e agoa.

CORRESPONDENCIA.

OBSERVAÇOENS,

Dirigidas aos Redactores do Investigador Portuguez em Inglaterra, sobre a nossa Economia Politica, particularmente relativa á nossa Agricultura.

Lisboa, 1 de Janeiro de 1814.

SENHORES REDACTORES,

A repetida inserçaõ no seo Jornal de papeis relativos á Agricultura, posto que debaixo de diversos pontos de vista, prova tanto o dezejo que Vmces. tem de atrahir e fixar a attençaõ de nosso adorado soberano, dos seos Ministros de Estado, e em geral dos Povos, sobre este importantissimo objecto, que me lisongeio de que Vmces. acharáõ as *observaçoens* seguintes assas importantes para as inserirem no seo periodico, a cuja liçaõ devo a origem dellas.

O A. de huma carta que Vmces. inseriraõ em resposta a outra dirigida contra o ultimo tratado de commercio, faz a pag. 265. do No. XXX. o paralello da economia interna dos Holandezes com a dos nossos antigos Portuguezes; e em nota que vem no fim da pag. diz o que se segue :

" Os nossos Portuguezes contentaraõ-se naõ somente de receber quasi todo o trigo e farinha de que precizavaõ, em navios estrangeiros; mas quando se viraõ mais apertados pela carestia do genero, olhando ao effeito e ja mais á cauza, pediraõ em Cortes ao Snr. Rei D. Joaõ IV., que os mantimentos que viessem de fora, fossem izentos de direitos; e esta lei ficou athe agora em tanto vigor como se fosse huma das *fundamentaes do Reino.* E naõ consta que houvesse naquellas Cortes hum homem só que se lembrasse de perguntar :—*Se naõ seria milhor remedio aliviar-se a agricultura das vexaçoens que lhe fazem os tributos locaes, as coutadas, a má ou nenhuma Administraçaõ Municipal, que tol-*

hem a producçaõ, e a circulaçaõ dos generos." 1 Collec. das LL. Extrav. á Ord. Liv. ii. Tit. 6.

O A. apontou aqui dois descuidos notaveis dos nossos maiores: 1. o de naõ atenderem á navegaçaõ propria, favorecendo os nossos navios com alguma vantagem nos direitos de entrada; 2. o de terem segurado aos lavradores estrangeiros sobre os nossos, para a venda do seo graõ em os nossos proprios mercados, huma vantagem ao menos de 10 por cento.

O 1. erro ou descuido he muito antigo; naõ escapáraõ a elle as epocas mais brilhantes da nossa historia; e talvez a unica desculpa que se pode dar he, que os principios de economia dos estados modernos Europeos naõ eraõ nesse tempo conhecidos* nem sequer em Holanda e Inglaterra aonde nasceraõ. E para que elles naõ nascessem em Portugal houve entre outras huma razaõ muito forte, e foi: que os Soberanos e os vassallos, igualmente cegos com o entusiasmo dos novos descobrimentos e commercio das conquistas, pensáraõ somente em sustentar á força d'armas a exclusiva desta nova navegaçaõ da Africa e da Asia, e se esqueceraõ totalmente da Europa, aonde Flamengos, Hamburguezes, Holandezes, Suecos, Dinamarquezes e Inglezes se apoderáraõ successiva e commercialmente dos portos de Portugal. Mas que digo eu! esta ignorancia foi mui geral, e chegou a tempos muito mais recentes. Os Hollandezes aprezentáraõ hum Memorial aos Ministros de Luis XIV. rendendo-lhe por grande serviço, que tinhaõ feito a Coroa de França, a grande importancia de direitos que tinhaõ pago por generos que haviaõ transportado de hum porto de França a outro. Bem pouco suppunhaõ os Holandezes os Ministros de Luis XIV. instruidos dos novos principios, vendendo-lhe por serviço o commercio de porto á porto, que deviaõ ter prohibido aos estrangeiros. Que distancia naõ vai d'aqui as maximas rigorosas do Acto de Navegaçaõ dos Inglezes, cujo principio fundamental he a prohibiçaõ aos navios estrangeiros de importar em Inglaterra genero ou manufactura que naõ seja do paiz aque o navio pertença; isto he, a prohibiçáõ do que se chama commercio ou navegaçaõ de economia?

O 2. que ja *citei*, e que prohibe aos navios estrangei-

* Seria muito longo o detalhe das primeiras innovaçoens, analogas aos principios da economia moderna, que se observaõ na Historia de Holanda e de Inglaterra. Basta observar, que estas luzes começaraõ a apparecer depois do meado do seculo 16.; isto he, quando o vigor da Monarquia Portugueza começou a declinar,—por effeito das Instituiçoens que adoptou.

ros a cabotagem ou navegaçaõ costeira, ou de porto á porto, que saõ a mesma couza?

3. Que prohibe a navegaçaõ dos estrangeiros para as Colonias, e reciprocamente?

4. Que rezerva a importaçaõ e exportaçaõ de alguns generos aos navios nacionaes?

5. Que aonde permite a navegaçaõ aos estrangeiros a carregar de muito maiores direitos do que aos nacionaes?

6. Em fim, que naõ cede nestes pontos á naçaõ nenhuma, sem a certeza de hum favor reciproco maior, ou igual?

Taõ arredados estavaõ os Monarcas daquelle tempo destes principios em todo o continente, e principalmente em Portugal, que taõ antigos saõ como os Senhores D. Fernando e D. Afonso V. os grandes privilegios, concedidos aos mercadores, navios, e generos estrangeiros, sem sombra se quer de reciprocidade. Os Monarcas e os povos naõ viaõ nos generos estrangeiros senaõ os direitos de Alfandega que haviaõ de pagar; e por falta dos quaes seriaõ os Principes obrigados a lançar pedidos, e os Povos á paga-los. Este modo de pensar combinou-se com outro, que naõ se entende taõ facilmente, ou de que naõ he taõ facil dar a razaõ geral: quero dizer, a prohibiçaõ irrevogavel*, *sem licença* d'El Rei, *de exportar quasi todas as producçoens do Reino, e todas as manufacturas Nacionaes*. Esta ordenaçaõ, que hum Portuguez preocupado dezejaria que tivesse sido somente obra dos Fillippes, he por desgraça copiada do Tit. 106, § 1. das Ordenaçoens do Senhor Rei D. Manoel, e provavelmente muito mais antiga do que elle. Com o mais amplo favor dado ao Commercio, e navegaçaõ dos Estrangeiros para os nossos portos, sem a minima reciprocidade; com aquella prohibiçaõ destruidora de toda a industria Nacional; com o espirito dos Soberanos e dos Povos, todo empregado no commercio e navegaçaõ da Africa, e da Azia; com instituiçoens excessivas á favor dos celibatarios: ninguem se pode admirar, se depois de seculo e meio de hum tal sistema, se achava o reino de Portugal no tempo do Senhor Rei D. Sebastiaõ taõ recheado de riquezas e moleza Asiatica, como falto de gente, e sem energia para rezistir ao jugo estrangeiro.—Da moleza Asiatica pode se dar por testemunho o que refere D. Francisco Manoel na Carta, ou Guia dos Cazados; e da falta de gente, o facto que hoje mesmo seria incomprehensivel, a difficuldade que experimentou El Rei D. Sebastiaõ para levar 11 mil homens a Africa.

* As palavras da Orden. Filip. Livr. V. Titul. 112, saõ as seguintes.

e rdido Portugal com estes, (senaõ por estes) principios, naõ he debaixo de uzurpadores, que procuravaõ por todos os modos enerva-lo, para milhor e reduzirem a provincia submissa, que o reino podia esperar a reforma, que a ignorancia dos tempos naõ permittio a huma serie de Monarcas legitimos e gloriosos.—Subio milagrozamente ao Throno o Senhor Rei D. Joaõ IV.; e ainda que este virtuosissimo e verdadeiramente Patriota Monarca tivesse as luzes e a vontade necessaria para fazer as alteracoens devidas, o estado em que elle se achou, durando todo o seo Reinado, naõ lhas tinha permittido fazer senaõ em theoria: pois apenas tinha forças de mar com que resistir aos Hespanhoes e aos Holandezes na Europa, no Brazil e na India; e de certo naõ as tinha para dar combois aos navios que fossem ao Baltico, a Sicilia, &c.

Seja pois dito em obsequio da verdade, e da Saudoza Memoria do Senhor Rei D. Joaõ IV. que elle naõ podia remediar o 1. descuido; e que mal poderia em 1641 rezistir ao clamor popular dos Povos, ainda quando percebesse que lhe pediaõ hum absurdo.

O tempo proprio para se fazerem estas alteraçoens teria sido o dos dois longos periodos de paz, desde 1668 athe 1703, e desde 1712, athe 1762; e como este exame persi só seria longo, volto particularmente para o que diz, ou antes para o que podia ter dito o A. da Nota.

Eu acuza-lo hia de pouca diligencia na indagaçaõ de taõ importante objecto, ja que tocou nelle, se naõ receasse que me fosse retorquida a accuzaçaõ; e por isso direi somente, que elle deveria ter consultado o Foral da Alfandega de Lisboa, em cujo capitulo 72 acharia os §§ seguintes.

MANTIMENTOS.

"Item.—De todo trigo, centeio, milho, cevada, farinhas, legumes, e carnes que vierem das Ilhas Terceiras, e da Ilha da Madeira, e do Reino do Algarve, se pagará na dita Alfandega a dizima somente, porque vindo das outras partes do Reino pertence á portagem."

MANTIMENTOS.

"Item.—De todo o mais trigo, cevada, centeio, milho, legumes que nesta cidade entrarem de quaesquer outras partes de fora do Reino, senaõ pagaráõ direitos alguns na dita Alfandega; nem das carnes, queijos, e manteigas; por

quanto tenho feito Merce a Camera e Povo da dita cidade de libertar as ditas couzas de direitos, &c. &c."

Este Foral he do anno de 1595, e tem por desgraça o nome dos Filippes.—Estava logo 50 annos antes da Lei pedida nas Cortes de 1641, e assegurada ja aos estrangeiros a vantagem de 10 por cento no maior Mercado do Reino, que he Lisboa; e por tanto a innovaçaõ introduzida pela citada lei naõ podia ter effeito senaõ nas outras Alfandegas maritimas.—E talvez se deva taobem exceptuar a do Porto; porque no Foral desta cidade diz S. M. o Senhor Rei D. Pedro II. no anno de 1703:—" Na dita Alfandega se naõ pagaráõ direitos de todo o paõ que a ella vier de fora por Merce, que eu e os Reis Meos Antecessores fizeraõ a Camera da dita cidade. Mas legumes, carnes, queijos, e manteigas, &c. &c.

Parece que esta merce naõ teria sido pedida posteriormente á Lei de 1647, por que seria escuzada. Com tudo naõ constando a data da Merce, fica sempre solida a conjectura.

A Lei de 1647 falla claramente do trigo que vem por mar; nem he facil de dizer como se aplicaria no estado de guerra ao trigo que entrasse de Castella. E no preambulo do Regimento dos Portos Secos, publicado no momento da paz de 1668, diz S. M. expressamente:—" Que mandou abrir as Alfandegas dos Portos Secos, molhados, e vedados."—E no Cap. VII. do mesmo Regimento dis mais:—" O trigo que entrar dos Reinos de Castella neste de Portugal, e nas ditas alfandegas, *pagos os direitos de entrada*, poderaõ levar seos donos aonde quizerem, &c. &c." E no Capitulo X.— " Que este direito he a Dizima, ou 10 por cento, como se pagava no tempo do Senhor Rey D. Sebastiaõ."—

Com tudo alguma relaxaçaõ houve na observancia deste Regimento, pois que na Carta Regia na data de 16 de Abril de 1757, e circular dirigida ao Corregedor do Crime, Governador da Relaçaõ do Porto, ao Bispo do Algarve, e ao Auditor Geral da Provincia do Alemtejo, se lê:—" Pela Junta do Commercio destes Reinos foi reprezentado a S. M. que a requerimento do contractador dos Portos Seccos se expediraõ ordens para que os trigos, cevadas, e centeios que entraõ dos Reinos de Castella paguem direitos nas Alfandegas, em que athe agora naõ estava em uzo esta cobrança; (parece que se cobrava em humas e naõ em outras Alfandegas) e se manda que *por hora*, em quanto S. M. *naõ mandar o contrario*, se abstenhaõ de fazer cobrar direitos de toda a especie de graõ, que entra dos Reinos de Castella, fazendo restituir os que se tiverem cobrado."

De tudo o referido bem se pode colligir, que huma boa Historia da nossa Legislaçaõ neste ramo, merecia ser escripta por pessoa bem versada nesta materia; e talvez provaria, que os erros nella cometidos foraõ huma das mais poderozas cauzas do constante acanhamento da nossa Agricultura, de consequente falta de gente, e falta de importancia, que a Naçaõ Portugueza devia ter na Europa, attendidas as suas grandes qualidades individuaes.

Sobre os poucos dados que citei podem com tudo assignar-se algumas epocas distinctas da nossa Legislaçaõ sobre o commercio do trigo, e mais mantimentos.

1. Periodo—athe a primeira epocha da data, qualquer que seja, da Merce feita a cidade de Lisboa, memorada no Foral de 1595.

2.—athe a Lei pedida pelos Povos nas Cortes de 1641.

3.—athe a Paz de 1668.

4.—athe o Reinado do Senhor D. Joze I., e annos de 1757,—64,—73.

5.—athe a invazaõ de Massena em 1810.

Reflectindo sobre as diversas alteraçoens que houveraõ em todos os referidos periodos, acha-se, que todas se limitáraõ a izentar mais ou menos de direitos de entrada o trigo, e em geral os mantimentos que vinhaõ de fora do Reino por mar ou por terra; mas que o espirito da Legislaçaõ Portugueza nesta materia foi, supponho eu, desde o principio da Monarquia, constante em permittir a entrada de todos os mantimentos de fora, e constante em prohibir a exportaçaõ de toda a producçaõ do Reino.

O fim obvio desta legislaçaõ he o de fazer constantemente o paõ barato. Se os meios adoptados saõ os melhores, deixo ao leitor a decidir. Hoje em dia ninguem duvida, que prohibir constantemente a exportaçaõ de huma producçaõ do Paiz he desanimar a sua cultura, diminuir a quantidade, e alterar-lhe o preço. E quanto mais a constante importaçaõ da mesma producçaõ de fora conseguir abaratear o genero, tanto mais certo será o effeito da prohibiçaõ de exporta-lo, que he o desanimar a sua cultura dentro do Reino: pois o unico remedio, que teria o lavrador, que naõ podesse exportar o seo graõ nos annos de abondancia seria o de o vender mais caro nos seguintes. Mas se nestes elle tem certa a concurrencia dos estrangeiros, ver-se-ha reduzido a cultivar o menos que poder.

Que a abundancia de mantimentos ou (o que vale o mesmo) o seo preço commodo, tenha sido em todos os tempos, e devesse ser em todas as naçoens hum dos cuidados do governo—ninguem duvida; porem muito curtas, e muito tintas da ignorancia dos seculos da barbaridade, eraõ por certo as noçoens da

quelles Politicos, que em todas as ordenaçoens, que aconselharaõ sobre esta materia, naõ tiveraõ outra mira, e outro fim, senaõ o de prevenir a carestia, e a fome.

Este flagello da humanidade, taõ temivel em outro tempo, pode-se dizer, que desapareceo da Europa moderna com a maior civilizaçaõ, que lhe procurou o adiantamento da navegaçaõ, e a actividade do commercio.

Antes do seculo XV., e em quanto a primeira se fazia com difficuldade longe da costa, em quanto o commercio d'especulaçaõ apenas existia em huma naçaõ mais industrioza, ora os Lombardos, ora as cidades Hanseaticas, e os Flamengos ; escusaveis eraõ as medidas até violentas, que se tomassem para segurar a subsistencia dos povos : porem hoje em dia se o commercio é deixado em liberdade, todas as precizoens se reduzem ao mesmo livel, e o superfluo vem buscar o precizo.

Graças á providencia, hum máo anno, e huma colheita má naõ saõ universaes, e sempre ha huma naçaõ, que tem de sobejo para repartir com aquella, á quem falta de sorte, que o maior cuidado, que pode ser hum governo prudente nestes annos calamitosos, com que a providencia quer, de quando em quando, experimentar o soffrimento dos povos, he que a despeza, que a naçaõ tem que fazer na compra de mantimentos da fora, naõ seja excessiva relativamente á seos meios.

Geralmente fallando naõ ha quasi hum paiz na Europa, de mediana extensaõ debaixo do mesmo governo, que naõ produza a subsistencia necessaria para o maior numero dos seos habitantes. Do nosso Portugal, que era hum dos mais mal famados a este respeito, provaraõ Vossas Merces muito bem no 1. numero do seo Jornal a grosseira opiniaõ, que grassava entre pessoas, que deviaõ conhecer a verdade, se a descubri-la se tivessem applicado.—A França, que na totalidade produz muito mais do que necessita, tem padecido algumas vezes por cauza das opinioens contrarias dos Ministros, que successivamente a tem governado, huns prohibindo, outros animando a exportaçaõ sobre o que se podem ler M. Necker, e outros A. A. Francezes.

Fora de Portugal, (Hespanha talvez e os Cantoens Suissos) naõ sei, senaõ a Hollanda, a Suecia, e a Noruega, que habitualmente importem huma grande quantidade dos mantimentos, que consomem.—A 1. porque he hum pequeno districto furtado ao mar pela industria dos seos moradores, paiz encharcado, e que o melhor que produz, he excellentes pastos.—Nos outros dois a severidade do clima, ainda mais do que a esterilidade do terreno impede ás vezes as searas de medrar ; por tanto a Suecia, depois que no principio de

seculo passado perdeo as suas Provincia de Alemanha, tem sempre cuidado de estipular com a Russia, que lhe será licito exportar annualmente da Livonia huma certa quantidade de trigo.

Os povos do interior da Noruega padeceraõ muito, e se devemos acreditar as relaçoens de viandantes, viraõ-se em alguns invernos reduzidos á necessidade de misturar a casca dos arvores com a pouca farinha, que tinhaõ, para augmentar a quantidade do seo mesquinho alimento.

A causa de tamanha desventura dizem, que era huma lei, que lhes prohibia de receber graõ de outra parte, do que de Dinamarca sua Metropole, a qual produz de sobejo. A falta de boas estradas, a difficuldade da viagem de mar no inverno, e a certeza do monopolio, que fazia os Negociantes Dinamarquezes remissos nas expediçoens, difficultaraõ os provimentos.

Os Noruegianos soffreraõ pois frequentes fomes ate o anno, em que o Principe Real, (hoje Rei) e que entaõ regia em nome, e no impedimento de El Rey seo Pai, foi vizitar a Noruega, e assegurando-se da verdade das queixas, que os povos lhe fizeraõ, revogou a lei citada, deo-lhes a liberdade de se prover de graõ, onde, e como lhes fizesse conta; e daquelle momento por diante cessou o flagello, que frequentemente atormentava a Noruega.

He logo huma verdade tam demonstrada pelo raciocinio, como provada pela experiencia, que pouco teria a legislaçaõ, que fazer sobre esta materia, se o seo unico objecto devesse ser o de impedir a carestia excessiva, e prevenir a fome.

Com tudo o terror panico sempre existe, e em Italia, em França, e Inglaterra tem se escrito volumes sobre esta materia. Seria temeridade pertender em huma curta Memoria dar nem sequer huma idea do que tantos Authores tem dito. O resultado da sua leitura, que compete á este lugar he que factos recentes e notorios, assim como argumentos plausiveis fazem crer, que nesses mesmos annos calamitosos de huma pessima colheita o melhor conselho, que o governo pode seguir he o de naõ intervir * de outro modo, senaõ para re-

* O facto seguinte foi me referido por testemunha occular. Exhaurido o Estado Pontificio em 18 mezes pela rapina do governo Francez, chamado Republica de Roma, entrou S. S. Pio VII. em 1799 em Roma, e achou o Erario vazio; naõ poude por consequencia fazer as despezas, que seos predecessores faziaõ para mandar vir trigo de fora, e vende-lo com perda ao povo. A carestia, e a fome no tempo dos Francezes eraõ excessivas, o paõ vendia-se em certos fornos Normaes áquem trazia hum bilhete dos Parochos. O paõ era pequeno e negro, por ser misturado

mover todos os obstaculos, que possa encontrar a circulaçaõ dos generos tanto no interior, como do exterior.

Porem admittindo, e naõ consentindo, que nesses annos calamitosos seja o methodo mais saudavel que o governo pode seguir, o de prohibir toda a exportaçaõ, e permittir toda a importaçaõ de mantimentos, naõ se requer muita sagacidade para desconfiar, que huma providencia extraordinaria e boa, porque he adaptada á cazos extraordinarios, naõ será com acerto transformada em sistema de governo, em maxima constante para todos os cazos, todos os tempos, e todo o curso das couzas humanas.

Com tudo isto he o que parece, que se tem feito em Portugal desde o principio da Monarquia até agora;—e que este sistema se conservasse inalteravel por espaço de 700 annos, que sobre a sua bondade ou ruindade intrinseca nunca entrasse a minima desconfiança no animo dos Soberanos, nem dos povos, nos reinados mais brilhantes, como nas epochas menos gloriosas da nossa historia, he hum facto, que deve por certo cauzar espanto, mas de que naõ será facil dar razaõ.

No 1. Periodo,

Os mantimentos, que vinhaõ de fora por mar, ou por terra, eraõ sugeitos a pagar 10 per % *d'Entrada*, e outro tanto pagava de *Portagem* o trigo da terra, que entrava nos dois maiores Mercados de Lisboa, e Porto.

No 2. Periodo,

A beneficio (apparente) dos Moradores de Lisboa e provavelmente do Porto, izentaraõ-se de todos os direitos *d'Entrada* os mantimentos, que vinhaõ á Lisboa, e ao Porto por mar, e conservou-se a *Portagem* ao da terra: mas á excepçaõ do mar, naõ se concedeo ao que vinha das nossas Ilhas da Madeira e Açores, e do nosso Reino do Algarve.

com cevada e favas. Receou-se por consequencia huma grande fome naquelle inverno; felizmente o Santo Padre naõ podendo fazer nada, deixou o commercio livre e elle fez tudo. Roma gozou nesse inverno de huma abundancia, barateza, e excellencia de paõ como nunca.—— Leopoldo em Toscana fez o mesmo por sistema em anno de fome, e com o mesmo feliz successo.

No 3. Periodo,

Estendo-se a excepçaõ acima á todos os Portos de Mar, e concedeo-se ao que vinha das Ilhas da Madeira, e Açores, mas ainda naõ ao Reino do Algarve.

No 4. Periodo,

Ou ao momento da Paz de 1668 que poz hum termo á guerra da Acclamaçaõ :

Abriraõ-se os Portos seccos ao trigo de Castella pagando 10per% como no tempo do Snr. Rey D. Sebastiaõ ; mas este regimento foi observado, aqui sim, e alem naõ ; e entretanto ao trigo da terra conservou-se a *Portagem.*

No 5. Periodo,

Isto he no anno de 1757, ordenou o Snr. Rey D. Joze o 1., que se naõ pagasse direito algum por todo o paõ, que entrasse de Castella, e esta providencia temporaria (ao que parece pelo Theor da Circular talvez por ter sido o anno escasso) como naõ foi revogada, ficou perpetua, e ao trigo da terra naõ se diz se se conserva a *Portagem.*

No Reinado do Snr. Rey D. Joze o 1. posto que o principio fundamental do sistema ficou inalteravel isto he a exportaçaõ sempre prohibida, e a importaçaõ sempre permittida, com tudo observa-se alguma luz de razaõ, e huma aurora dos bons principios de economia interna.

Este Monarca abolio a odiosa distincçaõ, que ainda durava para os legumes, que vinhaõ á Lisboa das Ilhas, e do Algarve, e pagavaõ os direitos, de que os Estrangeiros eraõ izentos.

Os impostos, que pagava o trigo, que passava do Alem-tejo para o Algarve, foraõ abolidos, e estabelecida por Ley Geral a livre circulaçaõ de todos os generos dentro do reino.

Esta he a Ley, que chamei memoravel do anno 1773. Nella se queixa nobremente o Monarca do pezo, e vexaçoens, que as Cameras impunhaõ ao transito dos generos,—e ordena a sua extinçaõ para o futuro.

Desta sorte, e depois de 700 annos de varia legislaçaõ damo-nos por felizes de ter chegado á huma Epocha em que

se naõ he mais favorecido, ao menos he posto o lavrador Portuguez á par com o estrangeiro ; e se o Reino estivesse retalhado de boas estradas, e os rios fossem navegaveis, quanto a natureza consenteria que fossem com bem pequena addiçaõ da arte, o mal naõ seria taõ grande, como ja foi : mas quanto dista da realidade á hypothese Vos. Mces. o tem dito muitas vezes, e faraõ muito bem de o repetir constantemente em cada numero do seo interessante Jornal.

(Continuar-se-ha.)

LISTA

Das principaes Obras, publicadas em Inglaterra, nos quatro mezes precedentes.

ANTIGUIDADES.

Observations on Popular Antiquities, chiefly illustrating the origin of our vulgar customs, ceremonies, and superstitions. By John Brand, M. A. Secretary of the Society of Antiquaries of London. A new edition, arranged and revised, with additions. By Henry Ellis, &c. 2 vol. 4to. 4l. 4s. and on royal paper, 6l. 6s.

BELLAS ARTES.

Six Poems, illustrative of as many engravings, from elegant designs made by her Royal Highness the Princess Elizabeth, and dedicated with permission to her Majesty the Queen, printed at the Shakespeare press, royal 4to. 1l. 4s.

British Gallery of Pictures.—First Series, No. XXII. 10s. 6d. By W. J. Ottley, Esq , F. S. A.

The Artist's Repository; or, Encyclopedia of fine Arts; &c. &c. Part 7, 4to. 16s.

A Historical Sketch of the Art of Caricaturing. By J. P. Malcolm, F. S. A. Illustrated by 31 engravings, 4to. 2l. 2s.

BIOGRAPHIA.

General Biography; or Lives, critical and historical, of the most eminent persons of all ages, countries, conditions, and professions, arranged according to alphabetical order. Composed by Dr. Aikin, and others. The eighth volume, 4to. 2l. 2s.

Memoirs of Margaret de Valois, Queen of Navarre, the first Wife of Henry the Fourth of France, &c. Written by herself, and translated from the original French. 2 vol. 12mo. 12s.

The Biographical Dictionary, Volume XII. Edited by Alexander Chalmers, F. S. A. 8vo. 12s.

Musical Biography ; or Memoirs of the Lives and Writings of the most eminent Musical Composers and Writers, who have flourished in the different countries of Europe, during the last three centuries, and including the Memoirs of those who are now living. 2 vols. 8vo. 1l. 4s.

Memoirs of Goldoni, the celebrated Italian Dramatist, written by himself. Translated by John Black. 2 vols. 8vo. 1l. 1s.

(A mesma Obra em Francez, 2 vols. 8vo. 1l. 1s.)

Volumes III, and IV, of a Translation of the Historical and Literary Memoirs and Anecdotes of the Baron Grimm and Diderot. 8vo. 1l. 8s.

A obra original em Francez, 4 vols. 8vo. 2l. 14s.

CLASSICOS.

Phœdo, a Dialogue on the Immortality of the Soul. Translated from the Greek of Plato, with Notes, by T. R. I., Esq., A. M. 8vo. 10s. 6d.

Novus Græcorum Epigrammatum et Ποεματων Delectus' cum nova Versione et Notis. Opera Thomæ Johnson, A. M. In usum scholæ Etonensis. Editio nova, recognita, et prioribus multo emendatior. 3s. 6d. bound.

Francissi Vigeri de Præcipuis Græcæ Diccionis Idiotismo Liber ; cum Animadversionibus Henrici Hoogeveeni, Joannis Car. Zeunii, et Godof. Hermanni, cujus accedit de Pronomine—Αυτος Dissertatio. 8vo. 19s. in sheets.

Cicero de Amicitia et de Senectute, from the text of Ernesti, with all his notes, and citations from his Index Lat. Ciceron. and much original matter, critical and explanatory. Second edition. By E. H. Barker, Esq., 6s. 6d.

COMMERCIO.

Time Tables, to facilitate the calculation of Interest, &c. &c. on bills and accounts current ; consisting of three hundred and sixty-five tables, exhibiting, without calculation, the number of days from each day of the year to every other day of the year. By I. N. Cossham, Acc. Bristol. 12mo. 8s.

EDUCAÇAÕ.

The Female Class Book, or Three Hundred and Sixty-five Reading Lessons, adapted to the use of Schools, for every day in the year; consisting of moral, instructive, and entertaining extracts, selected principally from female writers, or on subjects of female education and manners. By Martin Smart. 12mo. 6s. bound, and 7s. 6d. elegantly bound.

Rules of English Composition, and particularly for Themes: designed for the use of Schools, and in the aid of Self-instruction. By John Rippingham. The second edition, with considerable additions and improvements. 12mo. 4s.

A Treatise on Politeness. Intended for the Use of Youth of both Sexes. Translated from the French, by a Lady, 8vo. 10s. 6d.

Maternal Solicitude for a Daughter's best Interests. By Mrs. Taylor, of Ongar. 8vo. With a beautiful frontispiece. 5s.

HISTORIA.

The History of England, from the earliest period to the close of the year 1812. By John Bigland. 2 vols. 8vo. 1l. 16s.

Symbolic Illustrations of the History of England, accompanied by a narrative of the principal Events. Part the first, to be completed in three parts. 4to. 10s. 6d.

The Battle of Bosworth Field, 1485, with a Life of Richard III. till he assumed the Regal Power. By W. Hutton, F. A. S. S. Second Edition. By J. Nichols, &c. and 11 plates, 8vo. 12s.

MATHEMATICA.

An Introduction to the Study of the Mathematical Principles of Natural Philosophy, containing a Series of Lectures upon the rectilinear and projectile motion, the mechanical action, and the rotatory and vibratory motion

of bodies. By the Rev. B. Bridge, &c. 2 vols. 8vo. 1l. 5s.

A new Mathematical and Philosophical Dictionary; comprising an Explanation of the Terms and Principles of Pure and Mixed Mathematics, and such Branches of Natural Philosophy as are susceptible of Mathematical Investigation. With historical sketches of the rise, progress, and present state of the several departments of these sciences: and an Account of the Discoveries and Writings of the most celebrated authors, both Antient and Modern. By Peter Barlow, of the Military Academy, Woolwich; Part 4. 7s. 6d. The Work will be completed in six parts.

A Treatise on Algebra, in Practice and Theory, with Notes and Illustrations; containing a variety of particulars relating to the discoveries and improvements that have been made in that branch of analysis. By John Bonnycastle, Professor of Mathematics in the Royal Military Academy, Woolwich, 2 vols. 8vo. 1l. 4s.

MEDICINA E CIRURGIA.

A Treatise on the History, Nature, and Treatment of Chincough: including a Variety of Cases and Dissections. To which is subjoined, an Inquiry into the relative Mortality of the principal Diseases of Children. By Robert Watt, M. D. Lecturer on the Theory and Practice of Medicine in Glasgow. 8vo. 10s. 6d.

The Anatomy of the Heart, Cranium, and Brain, adapted to the Purposes of the Medical and Surgical Practitioner; to which is added, in Notes, Observations on the Laws of Life, Sensation, and Idea. By Alexander Ramsay, M. D. Lecturer on Anatomy and Physiology. The second edition, much enlarged with coloured plates. Royal 4to. 18s. stitched, 1l. 4s. half-bound.

Synopsis Nosologiæ Methodicæ, auctore Gulielmo Cullen, &c. To which is added an Appendix, containing a Synopsis of the Systems of Sauvages, Linnæus, Vogel, Sagar, M'Bride, Cullen, Swediaur, Young; Willan's classification of Cutaneous Diseases; and a Translation of Cullen's Nosology, with References to the best Authors, who have written since his time. By John Thomson, M. D. 8vo. 9s.

Lectures on Inflammation, exhibiting a View of the general

Doctrines, Pathological and Practical, of Medical Surgery. By John Thomson, M. D. F. R. S. E. Professor of Surgery to the Royal College of Surgeons, Regius Professor of Military Surgery in the University of Edinburgh. 8vo. 14s.

An Essay on the Signs of Murder in New-born Children. Translated from the French of Dr. P. A. O. Mahon, Professor of Forensic Medicine in the Medical School at Paris, &c. &c. By Christopher Johnson, Surgeon, Lancaster, Member of the R. M. S. of Edinburgh, &c. With a Preface and Notes by the Translator. 8vo. 5s.

The Art of Preserving the Sight unimpaired, to extreme Old Age; and of re-establishing and strengthening it when it becomes weak, &c. &c. By an Experienced Occulist. 12mo. 4s. 6d.

The Edinburgh New Dispensatory, &c. &c. By Andrew Duncan. A new edition, with additions, &c. 8vo. 15s. boards.

Medical Transactions, published by the College of Physicians in London, Vol. IV. 8vo. 12s.—Vols. I, II, and III. 1l. 4s.

The Anatomical Instructor; or an Illustration of the Modern and most Approved Methods of preparing and preserving the Different Parts of the Human Body, and Quadrupeds, &c. &c. By Thomas Pole, Surgeon. A new edition, with additional notes. 12mo. 7s.

METAPHYSICA.

Researches into the Physical History of Man. By James Cowles Prichard, M. D. F. L. S. &c. &c. 8vo. 16s.

MILICIA, OU HISTORIA MILITAR.

Siege de Tarragone, et L'Assaut, et la Prise de cette Place par les Français au mois de Juin, 1811. Par le General D. In. Senen de Contreras, Marechal des Camps et Armées de S. M. C. Ferdinand VII., et Gouverneur de cette Forteresse au temps du Siege. Avec les details de son evasion du Chateaufort où il etoit imprisoné, et quelques observations sur la nature, les stratagemes, et les ressources du gouvernement Français.

MISCELLANIA.

Letters of Mrs. Elizabeth Montague, with some of the Letters of her Correspondents, ending with the coronation of George III. The second part, consisting of the third and fourth vols. 8vo. 14s. And on large paper, 1l. 1s.

A Treatise on Human Happiness. By the late Rev. W. Stevens. Royal 12mo. 7s.

An Essay on Antient and Modern Literature. By Madame De Staël Holstein. The second edition, to which are prefixed Memoirs of the Life of Madame De Staël. 2 vols. royal 12mo. 1l. 1s.

Letters written by Eminent Persons, in the Seventeenth and Eighteenth Centuries. By John Aubrey, Esq. 3 vols. 8vo. 4l. 12s. 6d.

De L'Allemagne. Par Mad. la Baronne de Staël Holstein. 3 vols. 8vo. 1l. 16s.

The Letters of Klopstock and his Friends, translated from the German. By Miss Benger.

A complete General Analytical Index to the Edinburgh Review, from October 1802, to 1812. 8vo. 15s.

A Map of Palestine, or the Holy Land, with an Historical Account of the Israelites from the earliest Period of their History, to their Final Dispersion. 7s.

NOVELLAS.

Liberality and Prejudice, a Tale. By Eliza Coxe. 4 vol. 12mo. 18s.

Adelaide, or the Counter-charm, a Novel. By the author of Santo Sebastiano, Forest of Montalbano, and the Romance of the Pyrenees. 5 vols. 12mo. 1l. 15s.

I Can't Afford It, a Novel. By Mrs. Hamilton. 2 vols. 12mo. 10s.

The Wife and Lover. By Miss Holcroft. 12mo. 18s.

The Ordeal, a Novel. 2 vols. 12mo. 18s.

Pierre and Adeline, or the Romance of the Castle. By D. F. Haynes, Esq. 2 vols. 12mo. 12s.

The Splendor of Adversity; a Domestic Story. By the Author of the Black Rock-House, Corinna of England, Dead Letter Office, &c. 3 vols. 12mo. 15s.

Amabel; or Memoirs of a Woman of Fashion. By Mrs. Harvey. 4 vols. 12mo. 1l. 8s.

The Bachelor's Heiress; or a Tale without Mystery. By C. G. Ward. 3 vols. 12mo. 15s.

PHILOLOGIA.

Il Lettore Italico. The Italian Reader; being a Selection of Extracts from the most Eminent Italian Writers, beginning with Soave and ending with Dante. By M. Santagnello. 12mo. 6s.

Enclytica: being the Outlines of a Course of Instruction on the Principles of Universal Grammar, as deduced in an Analysis of the Vernacular Tongue; with a Synoptical Table of Ancient and Modern Alphabets, as derived ultimately from the Sanscrit. 8vo. 6s.

A Vocabulary of English Words, chiefly derived from the Saxon, with their signification in Spanish; to which is added a Short English Grammar for the Use of Spaniards. By R. Rylance, Teacher of Languages, 8vo. 5s.

A Hebrew Grammar, in the English Language; together with the whole Book of Psalms. By Joseph Samuel. 8vo. 10s. 6d.

PHILOSOPHIA NATURAL.

The Natural History of British Insects, explaining them in their several States, with the Periods of their Transformations, their Food, Economy, &c. By E. Donovan, F. L. S. Author of the Natural History of British Birds, Shells, &c. With 36 coloured plates, the 16th vol. royal 8vo. 1l. 10s.

An Essay on the Theory of the Earth. Translated from M. Cuvier, by the Professor Jameson. 8vo. 8s.

POLITICA.

Letters of Britannicus, to the Editor of the Morning Post,

on Mr. Grattan's Bill for the Relief of the Roman Catholics of Great Britain and Ireland; or, as it should have been entitled, for the Advancement of Popery. 2s. 6d.

POEZIA.

Naval Poems, viz. Pleasures of the Naval Life, in three Cantos; and the Battle of Trafalgar. By T. Dowey, royal 4to. 1l. 1s.

The Shannon and the Chesapeake, a Poem. 8vo. 3s.

Poems; by Miss Prescott. 8vo. 2s. 6d.

The Battles of Talavera, Salamanca, Vittoria, and the Pyrenees, with other Poems. By Richard Pearson, jun. 8vo. 3s.

Wooburn Abbey Georgics, or the Last Gathering; a Poem, in four Cantos.—Canto 1. and 2. 4s. 6d.

David Dreadnought, or Nautic Tales and Adventures. In four parts. By Samuel Whitechurch. 5s.

Poetical Trifles, written on Various Subjects, serious and comic. By Edward Trapp Pilgrim. The second edition, with several pieces never before published, and a fine Frontispiece by Rhodes. 8vo. 4s.

The Missionary; a Poem. 8vo. 5s. 6d.

The Bride of Abydos; a Turkish Tale, in 2 Cantos. By Lord Byron. 8vo. 5s. 6d.

THEOLOGIA.

A General Introduction to the Study of the Hebrew Scriptures; with a Critical History of the Greek and Latin Versions of the Samaritan Pentateuch, and of all the Chaldee Paraphrazes. By the Rev. George Hamilton, Rector of Killernogh, Ireland. 8vo. 7s. 6d.

A Key to the Writings of the Principal Fathers of the Christian Church, who flourished during the first three Centuries, in Eight Sermons, preached before the Uni-

versity of Oxford, 1813, by the late Rev. I. Bampton. 8vo. 10s. 6d.

An Easy Grammar of Sacred History, containing the Principal Events in the Old and New Testament. The second edition, considerably enlarged, and illustrated by Maps, &c. By Mary Ann Rundall, Percy House, Bath, 18mo. 4s. bound.

TOPOGRAPHIA E GEOGRAPHIA.

Additional Plates, with further Additions and Corrections, for the First Volume of Magna Britannia, containing the Counties of Bedford, Berks, and Bucks. By the Rev. Daniel Lysons, and Samuel Lysons, Esq. 4to. 1l. 1s.

A Topographical and Military Description of Germany, and surrounding Country. Illustrated by a Map, containing all the military roads and distances of the towns. By Captain Muller, King's German Engineer. 8vo. 7s.

A Sketch of Modern and Antient Geography, for the Use of Schools. By Samuel Butler. 8vo. 9s.

A New General Atlas, — to contain as many Maps as are sufficient to give a complete Geographical View of the Globe. Engraved for John Thomson, jun., Edinburgh, Numbers I, II, and III, 8s. each. —— The Work will contain about fifty-six Maps of Imperial Folio.

Recherches sur la Geographie positive et systematique des Grecs, &c. &c. Par M. Gosselin. 3 e 4 vol.

VIAGENS.

Narrative of a Tour, taken in the year 1667, to la Grande Chartreuse and Alet, by D. Claude Lancelot, author of the Port-royal Grammar, 8vo. 8s.

Travels through Canada, and the United States of America, including a Description of Newfoundland, the Magdalen Islands, Quebec, Montreal, New York,

&c. By John Lambert, Esq., the second edition, corrected and much improved. 2 vols. 8vo. 1l. 10s.

Second Edition, much enlarged, of Collins's Voyages to Spain, Portugal, Sicily, Malta, Asia Minor, and Egypt. 7s.

Travels in the Caucasus and Georgia, during the years 1807 and 1808. By Command of the Russian Government. By J. Von Klaproth. 4to.

Letters from the Levant, containing Views of the State of Society, Manners, Opinions, and Commerce in Greece, and several of the principal Islands of the Archipelago. By John Galt, 8vo. 10s. 6d.

Travels in the Pyrenees, &c. Translated from the French of M. Ramond, by F. Gold. 8vo. 9s.

POLITICA.

ESTADOS UNIDOS D'AMERICA.

Extracto da Gazeta Ingleza, *Bell's Weekly Messenger*, de 26 de Dezembro, 1813.

Washington, 2 de Novembro, 1813.

Relatorio de Mr. Macon, Deputado no Congresso, á respeito do Compartamento que os Inglezes haõ tido durante esta guerra.

A Coinmissaõ, á quem se incumbio aquella parte da mensagem do Presidente, relativa ao modo com que o inimigo tem feito a guerra, e aos meios que nella tem empregado.

DECLARA.

Que ella tem colligido e arranjado todas as provas que lhe foi possivel achar. Em consequencia, todos estes factos, com os documentos que os acompanhaõ, vaõ ser aprezentados ao exame da Camera pela ordem seguinte :—

1. O máo tratamento feito aos prizioneiros Americanos.
2. Detençaõ dos prizioneiros Americanos, como Vassallos Britanicos, debaixo do pretexto ou de terem nascido em territorio Britanico, ou de naturalisaçaõ.
3. Detençaõ dos marinheiros como prisioneiros, por estarem em Inglaterra quando a guerra se declarou.
4. Serviço forçado dos marinheiros Americanos, *violentados* a servir á bordo dos navios de guerra Ingleses.
5. Violaçaõ das bandeiras de tregoa.
6. Resgate dos prizioneiros Americanos, tomados pelos Selvagens no serviço de Inglaterra.

7. Pilhagem e destruiçaõ das propriedades particulares na Bahia de Chesapeake, e suas vesinhanças.

8. Assassinamento dos prizioneiros Americanos, que se tinhaõ rendido aos officiaes Ingleses, pelos Salvagens que estaõ no seo serviço: abandonô aos mesmo Salvagens dos cadaveres dos prisioneiros Americanos, mortos pelos Ingezes, á quem se tinhaõ entregado: pilhagem e assassinio dos cidadaõs Americanos, que tinhaõ hido procurar a protecçaõ Ingleza: abrazamento das suas cazas.

9. Crueldades commetidas em Hampton, e na Virginia.

O primeiro artigo demonstra, que o governo Inglez tem adoptado para com os prisioneiros medidas mais rigorozas do que eraõ necessarias para os guardar. Alem disto prova o desprezo que aquelle governo faz das leis ordinarias da guerra; hum governo, que mete os individuos em rigorozas prizoens, e os transporta sem cauza dos portos das colonias Inglezas para a ilha da Graõ-Bretanha.

O segundo mostra, que a pratica de reter os cidadaõs Americanos como vassallos Inglezes em qualquer ponto de vista que se considere a extençaõ que podem ter estes principios, aindá se conserva em vigor; e estas detençoens se continuaõ a praticar por intervençaõ dos officiaes de terra e de mar deste mesmo governo. Prova taõbem, que naõ obstante naõ permitir a Graõ-Bretanha que as outras naçoens naturalisem os seos vassallos, ella está determinada a obrigar que todos os estrangeiros, naturalisados no seo paiz, se conservem fieis ás suas leis. Esta pratica, ainda supondo que todas as pessoas detidas teráõ depois a sua liberdade, evidentemente expoem os nossos concidadaõs, por huma mera suspeita, a serem tratados, como o naõ deveriaõ ser, segundo as leis estabelecidas a respeito dos prizioneiros de guerra.

Pelo terceiro artigo se vê, que ao mesmo tempo que aos outros cidadaõs Americanos se dava hum periodo racionavel para sahirem de Inglaterra depois do rompimento, todos os nossos marinheiros que estavaõ no territorio da Graõ-Bretanha foraõ considerados com prisioneiros de guerra, quer elles tivessem entrado nos seos portos em tempo de paz, quer tivessem sido por força ali conduzidos com o pretexto de fazerem algum comercio illicito. A injustiça desta excepçaõ he taõ evidente como o ciume que a produzio, querendo nos assim privar desta classe taõ util dos nossos concidadaõs. A comissaõ nota taõ somente, que se está pratica de forçar os marinheiros Americanos a servirem a bordo dos navios Ingleses for geralmente admittida, e auctorisada, (os que está muito bem provado pella declaraçaõ de George

Mande, Agente Ingles em Porto Real, e vem incluida nos documentos justificativeis do primeiro artigo,) o poder maritimo daquella Potencia crescera na proporçaõ do numero dos nossos marinheiros, que forem aprisionados. Como a prezente guerra tem alterado a relativa situaçaõ de ambos os paizes, este pertendido direito de forçar os marinheiros naõ pode durar muito, porem o mesmo fim se vai conseguir por outros meios. Todos os marinheiros assim empregados, e sem que o tempo do seo serviço seja determinado, augmentaõ por consequencia a força naval dos nossos inimigos, naõ so por que privaõ os estados unidos dos seos serviços activos, mas por que ministraõ á Graõ Bretanha meios de continuar e estender o seo comercio, sem diminuir o numero dos seos marinheiros a bordo dos navios de guerra.

Os documentos que justificaõ a quarta accusaçaõ, provaõ que os Officiaes dos navios Ingleses armados estaõ no costume de forçar os Americanos a servirem contra o seo paiz, e isto por meio de ameaços, de castigos corporaes, e athe com o medo da morte. Saõ pois todas estas couzas hum bem instructivo commentario de todas estas protestaçoens do governo Ingles, em que tem prometido dar pronta liberdade aos marinheiros Americanos achados á bordo dos navios de guerra Inglezes.

Relativamente á quinta prova da crueldade dos nossos inimigos, so basta observar, que no exemplo praticado com o Dr. Hechau, esta atrocidade do seo comportamento foi ainda agravada pela circunstancia da que a bandeira de tregoa naõ tinha nem a mais pequena apparencia hostil; por que o douctor hia somente incumbido do tratamento dos feridos, e dos infelizes prisioneiros tomados no rio Raisin, a 22 de Janeiro de 1813. O que padeceo o Dr. Kechau naõ da parte dos alliados de Inglaterra, mas dos proprios officiaes do seo exercito, naõ se pode sufficientemente entender senaõ supondo, que se considerou como huma bella politica o impedir que os cirurgioens Americanos tratassem os seos concidadaõs, porque os *cirurgioens selvagens* tinhaõ hum muito mais seguro e prontissimo methodo de acabar com os seos sofrimentos.

O sexto artigo, concernente ao resgate dos prisioneiros, merece toda a attençaõ da Camera: 1. pela qualidade da politica que elle manifesta; 2. porque está intimamente ligado com as crueldades dos selvagens alliados de Inglaterra. Se consideramos os Indios como huma força militar a soldo do Inglaterra, as somas destes resgates podem olhar-se como huma parte das indemnisaçoens estipuladas

para lher pagar os serviços; e como o valor destes resgates augmenta na proporçaõ do terror que inauditas barbaridades inspiraõ, taõbem podemos justamente concluir; que quaesquer que sejaõ as intençoens do governo Britanico, o costume de resgatar os prisioneiros com dinheiro será cada vez mais propagado pelo assassinamento que se fará em nossos concidadaõs, ou pelos ultrages que se cometerão em seos cadaveres, em quanto os Indios andarem ao serviço do inimigo.

A verdade desta inferencia hé confirmada pelo depoimento de diversas testemunhas, que depois de haverem sido resgatadas, ficáraõ ainda retidas como prisioneiros de guerra.

As provas que documentaõ o setimo artigo de accusaçaõ mostraõ nos, que a propriedade dos individuos desarmados foi roubada pelos officiaes, e marinheiros dos navios Inglezes que andaõ cruzando na costa, que as suas cazas foraõ queimadas, e as suas igrejas profanadas e destruidas. Parece, que os officiaes, animados pela prezença do Almirante Cockburn, particularmente se distinguiraõ nestes bellos feitos, impellidos pelos dois grandes motivos da avareza e da vingança; e naõ contentes com a pilhagem de todos os objectos de valor, destruiraõ ainda tudo o que naõ servia para saciar a sua hidropica cobiça. Tem-se allegado para isto, como excusa de actos de huma crueldade verdadeiramente estúpida, que hum navio, enviado á costa pelo Almirante, fora recebido com descargas de mosquetaria pelas Milicias Americanas. Porem os documentos provaõ que este pretexto hé falso, e que só se fez este protesto para palliar hum procedimento que nada pode justificar.

A commissaõ, altamente convencida que naõ haverá pessoa alguma ou nacional ou estrangeira que possa ler sem profundos sentimentos de indignaçaõ e de horror a simples narrativa de taõ vergonhosas violaçoens de honra, de justiça, e de humanidade, que os nossos inimigos tem executado, julga-se dispensada de fazer quaesquer reflexões sobre os documentos que attestaõ estas verdades. Nem se pertendaõ desculpar taõ infames acçoens com dizer que foraõ perpetradas por selvagens: toda a naçaõ civilisada he responsavel pelo comportamento dos alliados, que pelejaõ debaixo das suas ordens; e assim como fica com a gloria de todo o bem que elles fazem, deveter igual parte no odio que excitaõ os seos crimes.

Mas ainda que este raciocinio seja exactissimo, naõ exprime com tudo a inexplicavel infamia do comportamento dos Inglezes na acçaõ de 22 junto do rio Raisin. O assassi-

namento de 23, depois da capitulaçaõ, foi consummado sem que se tomassem medidas algumas para o impedir. He este hum facto, provado por todas as circunstancias: e se os officiaes Inglezes naõ contribuiraõ com as suas proprias maõs para esta carniceria, mostráraõ pelo menos huma criminosa indifferença pela sorte dos desgraçados feridos. Porem o que próva mais do que tudo a depravaçaõ dos soldados Inglezes, hé o terem recusado aos cadaveres os ultimos officios de humanidade. Sim, os cadaveres dos nossos infelizes concidadaõs ficáraõ expostos á todos os insultos, e foraõ devorados pelas féras, a vista de homens que affectaõ o maior respeito pelas leis da humanidade e religiaõ. Com effeito deve-se considerar como bem despresivel o caracter de hum exercito, que chega a confessar que os seos alliados selvagens naõ lhe permitiraõ honrar as cinzas dos mortos. Os commissarios naõ poderaõ averiguar o effeito, que taes barbaridades tem produzido nas auctoridades civis e militares da fronteira, mas a escolha de hum tropheo Indiano para condecorar a salla do Corpo-Legislativo do Alto-Canada, faz muito bem conjecturar q al fosse esse effeito.

A commissaõ julga-se obrigada a expor ao exame da Camera as provas das atrocidades cometidas em Hampton, ainda que ellas aconteceraõ depois que se começou a preparar este relatorio. Taes barbaridades podem racionavelmente considerar-se como huma consequencia do exemplo dado pelos officiaes das forças maritimas que cruzaõ sobre a costa.

As torpezas Britanicas vaõ sempre em augmento, e os soldados estaõ disposos para fazerem as cousas mais abominaveis, pois que podem executar todo o mal com impunidade. A pezar de toda a indignaçaõ, que estes factos excitaõ, naõ nos deve porem admirar que tropas, conduzidas pelos proprios officiaes para roubar e incendiar as cazas dos cidadaõs desarmados, naõ sejaõ castigadas pelas suas violencias e assassinios. Mas para cada huma destas violaçoens das leis da humanidade os nossos inimigos achaõ ou fabricaõ huma excusa. Os prisioneiros feridos nas fronteiras do norte foraõ assassinados pelos selvagens; e os doentes mortos, e as mulheres violadas em Hampton foraõ victimas das tropas estrangeiras á soldo da Graõ-Bretanha. Estes pretextos, ainda que se admitaõ por verdadeiros, saõ taõ miseraveis como o procedimento daquelles que saõ forçados á publica-los. A honra e a magnanimidade impoem a obrigaçaõ naõ só de prohibir os soldados de cometerem taes crimes, mas athe de prevènir que elles as possaõ perpetrar. E se em tal cazo, o soldado desprezando a disciplina, faz algum acto de vio-

lencia contra qualquer individuo a quem devia proteger, só o castigo exemplar do offensor pode restabelecer a honra da naçaõ á quem o tal soldado pertence. Eisaqui o que se deveria provar com documentos, se os officiaes Ingleses se quizessem mostrar homens de honra, e dezejassem lavar de toda a nódoa o seo caracter nacional.

Os lamentos e os gritos das innocentes victimas dessas infernaes violaçoens, commettidas em Hampton, foraõ clarissimamente ouvidos pelos prisioneiros Americanos; e assim mesmo ainda naõ foraõ sufficientes para alterarem o repouzo dos officiaes Inglezes, cujo dever, como homens, era de proteger as fracas e desgraçadas mulheres, que lhes cahiraõ nas maõs. Os commissarios naõ querem insistir neste horroroso assumpto; porque a lingoagem humana naõ tem expressoens assas fortes para pintar os sentimentos que os penetráraõ ao examinar estes factos atrozes; e athe mesmo seria milhor que os Americanos os olhassem como falsos. Mas por desgraça, e para vergonha dos homens elles sentem o declarar, que esta verdade está palpavelmente demonstrada. Nas correspondencias dos commandantes Inglezes e Americanos encontraõ-se phrases, que equivalem muito bem a expressa declaraçaõ de todos os factos que temos mencionado. E como estas atrocidades, em lugar de inspirarem terror, como o inimigo talvez tinha imaginado, só podem produzir effeitos contrarios nos espiritos dos nossos concidadaons, a commissaõ vai aprezentar ao exame da camera a seguinte resoluçaõ;—

Resolvido, que ao Prezidente dos Estados Unidos se requeira, mande colligir e depois aprezente na Camera, em quanto durar esta guerra, as provas de todas as infracçoens, commettidas pelo inimigo contra as leis da guerra, geralmente adoptadas por todas as naçoens civilisadas.

EUROPA.

FRANÇA.

EXTRACTO

DA SECRETARIA DE ESTADO.

Palacio das Thuilleries, 20 de Dezembro.

Napoleaõ, Imperador dos Francezes, Rei da Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ Suissa, &c. &c. &c.—O Senado depois de ter ouvido os Oradores do Conselho de Estado decretou, e nós ordenamos o seguinte :—

Art. 1. O Corpo Legislativo elegerá huma commissaõ extraordinaria de cinco membros.

2. Cada hum destes membros será nomeado por hum escrutinio separado, e a sua eleiçaõ será determinada pela pluralidade de votos.

3. O Presidente do Corpo Legislativo terá jus a ser hum dos membros alem dos cinco.

4. Depois de nomeada a commissaõ, o Presidente do Corpo Legislativo a manifestará por meio d'huma mensagem.

5. Este decreto será levado ao Corpo Legislativo pelos oradores do nosso Conselho de Estado.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Pelo Ministro, Secretario de Estado

(Assignado) O Duque de BASSANO.

Paris, 21 de Dezembro.

Corpo Legislativo, sendo Presidente sua Excellencia o Duque de Massa.

Depois de despachados os negocios ordinarios, o Conde Regnaud de St. Jean d'Angely fallou da maneira seguinte:

SENHORES,

Nas duas ultimas campanhas ainda que a victoria foi o fructo do nosso valor, com tudo a fortuna zombou dos nossos esforços. Na primeira hum daquelles invernos, cuja severidade apenas se observa apparecer em hum seculo, e na segunda hum abandono, e revoltas, das quaes a Europa nos offerece poucos exemplos, tem tornado abortivos os mais brilhantes successos. Felizmente, Senhores, a nossa naçaõ, que na grande carreira de prosperidades soube dellas fazer o mais proprio uso, tem-se havido com heroicidade no meio dos seos infortunios; e depois de nas guerras precedentes ter generosamente derramado o seo sangue para defender dos males da guerra os territorios dos seos alliados, está resolutamente prompta a proteger os seos lares contra os assaltos do inimigo. As circunstancias urgentes do estado tem induzido o Imperador a chamar vos, a fim de exigir de vos, que coopereis a promover as suas vistas politicas e os planos da sua administraçaõ; digo vistas, e naõ segredos politicos; e he justo affirmemos, que o alvo do Imperador naõ tem sido outro, senaõ a defeza, e a independencia da honra, da industria, e do commercio da França, e seos alliados. Porem as naçoens, bem como os governos altamente movidas, e muito preoccupadas pelos acontecimentos mais recentes, esquecem-se daquelles mais distantes, apenas recordaõ-se das primeiras causas, e perdem de vista os aneis daquella cadea historica, que unem o presente com o passado. Longe de mim, Senhores, o entrar agora na exposiçaõ de offensas, que nos tem perturbado; ellas tenderiaõ somente a irritar os coraçoens, a renovar resentimentos. Eu naõ desejaria lançar vistas retrogradas; eu naõ desejaria que vos lembrasseis do passado; a naõ ser, que em cada huma das paginas, em que a sua lembrança está depositada, podessemos com facilidade ver, quem tem sido a causa provocadora da guerra. A guerra tem affligido a Europa há vinte annos; a ultima tem connexaõ com a primeira, e he a consequencia da sua origem. Será sufficiente referir-mos a sua causa; será sufficiente lembrar-nos, que he a França, á quem se tem devido os intervallos de paz, ou para melhor dizer, as pequenas tregoas, durante as

quaes as naçoens tem respirado, para decidir-mos á quem se devem attribuir as desgraças, e a duraçaõ da guerra. A França naõ foi certamente a aggressora nem em 1792, quando ella foi invadida; nem no anno settimo, quando foi violado o tratado de Campo Formio; nem no anno oitavo, quando os Russos trespassaraõ a Alemanha, e Italia para ameaçar as nossas fronteiras; nem no anno decimo, quando foi transgredido o pacto de Amiens; nem na epoca da invasaõ da Baviera, quando foi retractada a paz de Luneville; nem na epoca, quando foi sepultado no esquecimento o tratado de Presburgo; nem quando foraõ abandonadas as convençoens de Tilsit; nem quando se conculcaraõ os tratados de Vienna, e Paris. Contemplemos pelo contrario a conducta da França; naõ he ella por ventura, que no meio das suas victorias, e conquistas annue ao armisticio de Leoben, e á paz que da hi rezultou? Naõ he ella, quem se cobre de gloria em Marengo, e vai pactuar em Luneville? Que vence em Austerlitz, e vai restituir a maior parte das suas conquistas, ou com estas presentear thronos? Que naõ tem recusado armisticios durante a guerra; paz durante as negociaçoens, nem antes do tractado de Presburgo, nem antes do de Vienna? Naõ tem neste momento as bases preliminares, propostas pelas Potencias confederadas, sido recebidas por Sua Magestade, o qual declara ao seo povo, aos seos alliados, aos seos inimigos, que da sua parte naõ ha obstaculos para a restauraçaõ da paz? Estas verdades relativamente as guerras precedentes saõ incontestaveis; ellas seraõ transmittidas á posteridade por aquelles inestimaveis padroens,—as paginas da historia.—Quanto aos factos mais modernos, elles seraõ provados por documentos, contidos na pasta do Ministro dos negocios estrangeiros; e Sua Magestade tem ordenado, se forme huma commissaõ, eleita dos membros deste Corpo, a fim de os averiguar. Em quanto as negociaçoens vaõ progredindo, as Potencias confederadas insistem em continuar com hostilidades: indicio evidente das medidas, que exigem a segurança do estado, e a honra da França. Sua Magestade vos tem ditto, Senhores, "As naçoens nunca podem pactuar com vantagem sem desenvolver toda a sua força;" porem ja a energia, que reina por toda a parte, e as numerosas levas, que em todos os lugares se observaõ em marcha, sufficientemente manifestaõ, que a naçaõ Franceza está resoluta a defender o seo territorio, e a manter a honra das suas leis. O amor da gloria, o patriotismo, e o desejo de ver o nosso paiz florente saõ sentimentos, que nunca se extinguiraõ em peitos generosos. Elles saõ a fiança do zelo, com que vos, Senhores, unanimemente haveis de promover os esforços do

Ministerio, e apoiar, por meio de activos meios de defeza as negociaçoens, que se vaõ principiar. A França no anno oitavo menos poderosa, menos rica, menos abundante nos seos recursos, ameaçada pelo Norte, invadida pelo Sul, dilacerada no seo interior, exhaurida nas suas financias, desorganizada nas suas administraçoens, receosa dos seos exercitos, de tudo triumfou: os máres lhe trouxeraõ as suas esperanças; em Marengo recobrou os seos loiros; e o tractado de Luneville lhe restituio a paz. Eu tenho delineado este quadro, Senhores, a fim de que entreis no conhecimento da energia, com que a naçaõ tem anteriormente mantido externa, e internamente a sua dignidade, e poder; a fim de que nossos amigos, e inimigos venhaõ ao mesmo tempo a entrar no espirito das vistas do nosso Monarca; a comprehender a força da naçaõ; a moderaçaõ dos seos desejos; a sua ardente vontade por huma paz honroza; e a sua aversaõ á huma paz vergonhoza.

Paris, 22 de Dezembro.

O Corpo Legislativo constando do numero dos membros prescriptos pelo artigo 90 do acto de constituiçoens de 22 de Frimaire do anno Oitavo (13 de Dezembro de 1799), procedeo a nomear os cinco membros, os quaes, segundo o decreto de Sua Magestade, devem compor, conjunctamente com Sua Excellencia o Prezidente, a commissaõ extraordinaria ordenada pelo Decreto Imperial de 20 deste mez. Os nomes das pessoas eleitas foraõ declaradas pelo Prezidente. Ellas saõ as seguintes o Cavalleiro Raynouard, Laine, Gallois, Flangergues, e o Cavalleiro Lemaine-de-Biran. O Corpo Legislativo resolveo, que Sua Excellencia o Prezidente transmittise o presente acto de nomeaçaõ por huma mensagem á Sua Magestade o Imperador e Rei.

DECRETOS IMPERIAES.

Palacio das Thuilleries, 26 de Dezembro, de 1813.

Napoleaõ, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ Suissa, &c. &c.—Temos decretado, e decretamos o seguinte:—

Art. 1. Seraõ mandados Senadores, ou Conselheiros de estado para as divisoens militares, em qualidade de nossos

commissarios extraordinarios. Estes seraõ acompanhados por Auditores, e Recebedores geraes.

2. Os nossos Commissarios Extraordinarios estam encarregados de accelerar.

1. As levas de Conscripçaõ; 2. o fardamento, petrechos, e armamentos das tropas; 3. O aprovizionamento das fortalezas; 4. A leva dos cavallos requeridos para o serviço do exercito; 5. A leva, e organizaçaõ das Guardas Nacionaes, conforme aos nossos decretos.

Os nossos dittos Commissarios Extraordinarios seraõ auctorizados para extender as disposiçoens dos nossos dittos decretos, as cidades, e lugares que naõ saõ comprehendidos nelles.

3. Aquelles dos nossos dittos commissarios extraordinarios, que forem inviados para os paizes ameaçados pelos inimigos, ordenaram levas em massa, e todas, e quaesquer outras medidas que forem necessarias para a defeza do paiz, e pedidas pelo dever de obstar aos progressos do inimigo. Defora parte, ser lhes haõ dadas instrucçoens segundo a particular situaçaõ dos departamentos para onde elles forem mandados.

4. Os nossos commissarios extraordinarios estam auctorizados para ordenarem todas as medidas de alta Policia, que as circumstancias, e a manutençaõ da ordem publica exigirem.

5. Estam igualmente auctorizados para formarem commissoens militares, e fazerem vir á sua prezença, ou a Tribunaes Especiaes, todas as pessoas accuzadas de favorecerem o inimigo, ou de haverem communicaçaõ com elle, ou de perturbarem a tranquilidade publica.

6. Seraõ auctorizados para fazer proclamaçoens, e passar decretos. Os dittos decretos seraõ obrigatorios a todos os cidadaons. As auctoridades judiciaes, civis, e militares, seraõ obrigadas a conformar se com elles, e a fazellos executar.

7. Os nossos commissarios extraordinarios, corresponder-se-haõ com os nossos Ministros, sobre os objectos relativos a cada huma das repartiçoens.

8. Gozaraõ em suas respectivas qualidades, das honras que lhes saõ concedidas pelos nossos regulamentos.

9. Os nossos ministros estam encarregados da execuçaõ do presente decreto, o qual será inxerido no Bulletim das Leis.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador,

(Assignado) O Duque de BASSANO, o Ministro Secretario de Estado.

Palacio das Thuilleries, 26 de Dezembro.

Napoleaõ, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ Suissa, &c.

Em consequencia do nosso decreto de hoje, temos nomeado, e nomeamos por nossos commissarios extraordinarios.

Divisoens Militares.		*Commissarios Extraordinarios.*
2. Mezieres	-	Conde Bourneville.
		Senadores.
3. Metz -	-	Chasset.
4. Nancy -	-	Colebeu.
5. Strasbourg	-	Rœderer.
6. Bezançon	-	De Valence.
7. Grenoble	-	De St. Vallier.
8. Toulon -	-	Gantheaume, Conselheiro de Estado.
9. Montpellier	-	Pelet, ditto.
10. Toulouse	-	Gaffarelli, ditto.
11. Bourdeaux	-	Garuir, Senador.
12. Rochelle	-	Boissy d'Anglas, ditto.
13 Rennes	-	Canelaux, ditto.
14. Caen -	-	Latour Maubourg, ditto.
15. Rouen -	-	Montesquieu, ditto.
16. Lille -	-	Villemanzy, ditto.
18. Dijon -	-	Segur, ditto.
19. Loon -	-	Chaptal, ditto.
23. Perigueaux	-	De l'Apparent, ditto.
21. Bourges	-	De Semonville, ditto.
22. Tours -	-	Leconteulx, ditto.
24. Bruxellas	-	Pontecontant.
25. Liege -	-	De Peluse, ditto.

Recebedores Geraes, e Auditores, que acompanham os Commissarios.

Divisoens Militares.			*Auditores.*
2.	-	-	Messrs. Heim, Auditor
3.	-	-	——— Arnoult, ditto.
4.	-	-	——— Peleve, ditto.

Divisoens Militares.		*Auditores.*
5.	- -	Messrs. Belleville, R. G,
6.	- -	——— Aubernou, Auditor
7.	- -	——— De Beyle, ditto.
8.	- -	——— Jordau Duplessis, ditto.
9.	- -	——— De Fourment, ditto.
10.	- -	——— De Panat, ditto.
11.	- -	——— Portal, R. G.
12.	- -	——— Sanr, Auditor
13.	- -	——— Laenće, R. G.
14.	- -	——— Dumont de la Charnaye, Auditor
15.	- -	——— De Brevannes, ditto.
16.	- -	——— Joseph Parrier, ditto.
18.	- -	——— Le Chapelier ditto.
19.	- -	——— Depostes de Pardaslhom, do.
20.	- -	——— Lahoye de Cormenin, ditto.
21.	- -	——— De Montignei, ditto.
22.	- -	——— Leconteulx, ditto.
24.	- -	——— Couchelet, ditto.
25.	- -	——— Delamalle, ditto.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

SENADO CONSERVADOR.

Sessaõ de 27 de Dezembro de 1813, prezidida por S. A. S. o Principe Archichanceler do Imperio.

Em nome da commissaõ especial, nomeada a 22 deste mez, o Senador Conde de Fontanes, hum dos seos membros, obteve a palavra, e fez á assemblea a seguinte exposiçaõ.

" Monseigneur, e Senadores,—O primeiro dever do senado para com o monarcha, e para com o povo, he o fallar a verdade. E as extraordinarias circunstancias em que esta a nossa patria, ainda daõ maior força a esta nossa obrigaçaõ.

" O Imperador he o primeiro que convida todos os grandes corpos do Estado para fallarem com toda a liberdade; e esta he sem duvida huma idea verdadeiramente real! O feliz desenvolvimento de todas estas instituiçoens monarchicas, pelas quaes o poder concentrado nas maõs de hum só adquire muito mais vigor pela confiança de todos,

fazendo que a opiniaõ nacional seja a primeira salva-guarda do throno, da com effeito a conhecer ao povo toda a sua dignidade, que he a mais justa recompensa de todos os seos sacrificios.

" Intençoens taõ magnanimas naõ ficaraõ por conseguinte frustradas.

" Nesta conformidade, a commissaõ nomeada na vossa sessaõ de 22 de Dezembro, da qual eu tenho a honra de ser o relator, tem cuidadozamente examinado todos os papeis officiaes, que S. M. o Imperador lhe enviou pelo Duque de Vicenza.

" As negociaçoens de paz ja tem começado, e todos os seos progressos vos seraõ communicados. Assim naõ convem por hora anticipar o vosso juizo; porque he necessario ouvir primeiro a simples exposiçaõ dos factos, e por elles formar depois a vossa opiniaõ, que deve preparar a de todos os Francezes.

" Quando o gabinete d'Austria deixou o caracter de mediador, e quando tudo indicava que o Congresso de Praga seria prontamente dissolvido, o Imperador ainda tentou fazer hum ultimo esforço para a pacificaçaõ do continente. O Duque de Bassano escreveo ao Principe de Metternich. Propoz-lhe neutralizar hum ponto na fronteira, aonde as negociaçoens de Praga se podesssm renovar, ainda que as hostilidades continuassem. Mas desgraçadamente isto naõ poude ter effeito.

" A epocha em que se fizeraõ estas proposiçoens pacificas, era importantissima; porque isto aconteceo a 18 de Agosto passado. Ainda estava mui fresca a memoria das jornadas de Lutzen e Bautzen, e estes dezejos contra a prolongaçaõ da guerra se podiaõ de alguma forma chamar contemporaneos destas nossas duas grandes victorias.

" Mas de nada aproveitáraõ os esforços do gabinete Francez; a paz tornou-se cada vez mais impraticavel; renováraõ-se as hostilidades, e os successos mudaraõ de figura. Os soldados dos Principes Alemaens, que entaõ eraõ nossos alliados, ja por mais de huma vez tinhaõ mostrado, combatendo debaixo das nossas bandeiras, que a sua fidelidade naõ era mui segura: á final se desmascararaõ, e uniraõ-se com os nossos inimigos.

" Desde aquelle momento ja as combinaçoens da campanha, taõ gloriosamente principiada, naõ podiaõ dar os rezultados que se esperavaõ. Por consequencia o Imperador vio que era necessaria evacuar a Germania. Poz-se pois em retirada com as suas tropas, pelejando sempre a cada passo; e apezar de todos os obstaculos que as traiçoens

claras e occultas opunhaõ aos seos progressos e ás suas intençoens, novos tropheos marcáraõ a sua volta.

"Nos o seguimos com anxiedade por meio de todos estes obstaculos de que só elle era capaz de triumfar; e com a maior alegria nos o vimos chegar as nossas fronteiras, sempre brilhante de gloria e de heroismo, ainda que sem a sua costumada boa fortuna.

"Tanto que chegou a sua capital naõ quiz mais olhar para esses campos de batalha, aonde por quinze annos o mundo o tinha admirado; e athe desviou seos proprios pensamentos destes grandes projectos que havia concebido. Sim, eu me sirvo das suas proprias expressoens; elle se voltou todo para o seo povo; o seo coraçaõ se patenteou; e nós temos lido nelle os nossos proprios sentimentos. A paz foi o seo unico dezejo; e assim que achou possivel huma negociaçaõ, buscou logo aproveita-la. Os acontecimentos da guerra tinhaõ levado o Baraõ de St Aignan ao Quartel-General das Potencias alliadas, e ali se encontrou com o Ministro Austriaco, Principe Metternich, e com o ministro Russiano, Conde Nesselrode. Ambos em nome das suas Cortes lhe propozeraõ em huma conversaçaõ confidencial as bazes de huma geral pacificaçaõ. O Embaixador Britanico, Lord Aberdeen, taobem estava prezente; e he bem senadores que vos naõ escape esta circunstancia importante. O Baraõ de St. Aignan, mostrando dezejos de participar á sua Corte o que se lhe tinha communicado, encarregou-se desta comissaõ. Ainda que a França tinha direito a que se lhe propozessem offertas bem differentes, o Imperador sacrificou todas estas consideraçoens ao seo mui sincero dezejo da paz. Ordenou ao Duque de Bassano que escrevesse ao Principe Metternich, e o certificasse de que admittia por bazes da negociaçaõ os principios geraes, que se continhaõ na relaçaõ confidencial de Mr. de St. Aignan. O Principe Metternich, na sua resposta ao Duque de Bassano, deo a entender, que ainda havia pouca clareza no modo porque a França mostrava aceitar estas bazes preliminares.

"Entaõ para remover todas as dificuldades, o Duque de Vicenza por ordem de Sua Magestade participou ao Gabinete Austriaco, que o Imperador aceitava todos os principios geraes e summarios, que lhe tinhaõ sido communicados por M. de St. Aignan. A carta do Duque de Vicenza he de 2 de Dezembro, e foi recebida a 5 do mesmo mez. Mas o Principe Metternich naõ respondeo senaõ a 10; e he necessario naõ perder de vistas estas datas, porque vereis logo quanta importancia isto envolve.

"A resposta do Principe Metternich ao despacho do Duque de Vicenza da grandes esperanças de paz, e só no

fim da sua carta acrescenta; que antes de se abrirem as negociaçoens, he preciso conferir a este respeito com os alliados. Estes alliados naõ podem ser outros senaõ os Inglezes; e apezar disto o seo embaixador achou-se prezente a conversaçaõ que prezenciou M. de St. Aignan. Mas nós naõ queremos excitar desconfianças; relatamos simplesmente estes factos. Dizemos só, quaes saõ as datas da ultima correspondencia entre o gabinete Francez e o Austriaco; e que a carta do Duque de Vicenza sendo com toda a probabilidade recebida no dia 5, só teve resposta no dia 10.

" Neste intervallo huma gazeta, que agora esta debaixo da influencia das Potencias alliadas, publicou a toda a Europa huma Declaraçaõ, que se diz feita por sua auctoridade. Mas realmente he bem triste o acredita lo.

" Esta Declaraçaõ em nada se conforma com o estilo diplomatico dos Reys. Já naõ he aos Reys que elles expoem os seos agravos, e enviaõ os seos manifestos; dirigem-se ao povo: e qual sera o motivo deste seo novo procedimento? Creio que he para separarem a cauza dos povos da cauza dos seos governantes; ainda que o interesse social pede a sua mais intima uniaõ. Mas oxalá que este exemplo naõ seja ainda bem fatal! Sim, e que tempo naõ escolheraõ para isto; quando os espiritos do povo, agitados pelas paixoens desordenadas do orgulho, recuzaõ sugeitar-se a auctoridade, que ainda mesmo os protege na occaziaõ em que reprime as suas temeridades? E contra quem este seo ataque indirecto he dirigido? Contra o grande homem, que merece a gratidaõ de todos os Reis; porque sendo elle o que restabeleceo o throno de França, tapou assim o abismo que ameaçava enguli-los á todos. Com tudo, he justo confessemos, que este manifesto respira a outros respeitos huma extraordinaria moderaçaõ. Isto prova taobem que a theoria das coaliçoens se tem grandemente aperfeiçoado. Talvez ainda se recordem quanto o manifesto do Duque de Brunswick irritou o grande povo; pois que ainda aquelles mesmos, que tinhaõ opinioens contrarias as do tempo, se deraõ por offendidos na sua honra nacional ao ler taõ insultante manifesto. Tomáraõ por consequencia huma nova lingoagem; e de certo a Europa fatigada preciza muito mais de descanço do que de novos estimulos de paixoens.

" Mas se nos conselhos dos nossos inimigos respira tamanha moderaçaõ, porque motivo quando nos fallaõ continuamente de paz, ameaçaõ ainda as nossas fronteiras que tinhaõ prometido respeitar, e que naõ saõ outras mais do que o Rheno?

" Se os nossos inimigos saõ taõ moderados, porque violáraõ a capitulaçaõ de Dresda? Por que naõ fazem justiça aos nobres motivos de queixa do General, que ali commandava?

" E se he tal a sua moderaçaõ, porque taobem naõ consentem na troca de prizioneiros na conformidade de todos os uzos da guerra?

" Em huma palavra, se os protectores dos direitos das naçoens se mostraõ taõ moderados, porque naõ respeitáraõ os da Suissa? Porque motivo, este sabio e livre governo, que á face da Europa declarou a sua neutralidade, verá os seos vales pacificos, e as suas montanhas devastadas por todos os flagellos da guerra?

" Concluamos, que a moderaçaõ he muitas vezes hum simples artificio diplomatico. E se nós quizessemos empregar o mesmo artificio, alegando taobem com a justiça e com a boa fé; como facilmente poderiamos confundir os nossos accusadores, servindo-nos das suas mesmas armas? Huma Rainha fugindo da Sicilia, e que depois de ter andado errante por differentes lugares de desterro, foi a final buscar azillo para a sua adversidade no meio dos Ottomanos, prova evidentemente ao mundo o respeito que tem os nossos inimigos pela dignidade Real.

" O Soberano da Saxonia foi por-se nas maõs das Potencias alliadas; e naõ fez elle isto em consequencia de seguranças que lhe deraõ? Funestos boatos se tem espalhado á seo respeito na Europa; oxala que nunca os vejamos realizados! Pode haver alguma consolaçaõ em ver punido, só porque foi fiel aos seos juramentos, hum Soberano ja curvado com annos e afflicçoens, e o modello de tantas virtudes? Mas naõ convem insultar nesta tribuna os governos; e nem ainda mesmo aquelles que nos tem insultado. Com tudo deve ser nos permittido o dar o seo valor verdadeiro á todas estas antigas e bem conhecidas accusaçoens, que se tem feito a todas as potencias, que mais tem figurado desde Carlos V. athe Luis XIV., e desde este ultimo athe o Imperador.

" O sistema de invasaõ, de preponderancia, e de monarquia universal tem sido sempre os gritos de uniaõ para todas as coalizoens; e do meio destas mesmas coalizoens pasmadas da sua imprudencia, muitas vezes tem sahido huma potencia muito mais ambicioza do que aquella contra quem todos combatiaõ.

" Os abusos do poder estaõ marcados com caracteres de sangue nas paginas da historia. Todas as naçoens tem errado, e todos os governos tem commettido excessos: assim, todos mutuamente taobem se devem perdoar.

" Se as potencias alliadas, segundo estamos persuadidos, dezejaõ sinceramente a paz, eu naõ vejo obstaculo algum para que esta se consiga. Pelos extractos dos papeis officiaes esta demonstrado que o Imperador dezeja a paz, e alem disso ainda esto pronto a compra-la á custa de grandes sacrificios; no que desprezando a sua gloria pessoal só attende á felicidade da naçaõ.

" Quando olhamos para esta coalisaõ, composta de elementos taõ contrarios; quando vemos a fortuita e bem extraordinaria mistura de povos que a natureza fez rivaes; quando reflectimos em fim, que muitos delles por estas inconsideradas allianças se expoem a perigos que naõ saõ meras illusoens; naõ podemos neste cazo acreditar, que huma tal uniaõ de interesses taõ differentes possa por muito tempo subsistir.

" Naõ vejo eu no meio das fileiras inimigas hum Principe verdadeiramente Francez, e nascido em hum paiz, aonde todos os sentimentos nacionaes saõ muito mais fortes e expressivos? Sim, o grande capitaõ que em outros tempos ja defendeo a França, naõ pode conservar-se por largo espaço armado contra ella. Alem disto devemos lembrar-nos igualmente, que o monarca do Norte, e o mais poderozo de todos, naõ tardará muito em acrescentar os titulos da sua gloria com a amizade do grande homem, contra quem agora combate. Os nossos olhos se voltaõ taobem com grande confiança para este Imperador, que por tantos laços esta unido com nosco, que nos deo o mais bello prezente que podiamos dezejar, dando-nos a nossa amada Soberana; e que deve lembrar-se que o seo neto he o herdeiro do Imperio Francez.

" E havendo taes motivos e taõ fortes, será ainda a paz difficultoza? Oxa-la pois que o lugar para as conferencias seja immediatamente designado, que os Plenipotenciarios de ambas as partes concorraõ com os nobres dezejos de darem a paz ao mundo. Oxa-la, que mostrem tanta moderaçaõ nos seos conselhos como nas suas palavras; pois que as Potencias alliadas saõ as mesmas que tem ditto em huma Declaraçaõ que se lhes attribue:—Huma grande naçaõ naõ deve decahir da sua ordem politica por ter soffrido pela sua vez alguns revezes em huma desgraçada e sanguinolenta lucta, na qual todavia combateo com a sua bravura acostumada.

" Senadores, nós naõ cumpririamos com os deveres anexos a vossa comissaõ, se ao mesmo tempo que demonstramos as pacificas intençoens do Imperador, naõ dessemos a saber ao povo pelas nossas ultimas palavras, o quanto elle deve a si mesmo, e deve ao seo Monarcha.

" O momento he decisivo. As Potencias estrangeiras tem huma lingoagem pacifica; porem algumas das nossas fronteiras ja estaõ invadidas, e a guerra ja está as nossas portas. Trinta e seis milhoens de homens naõ devem manchar a sua gloria, nem frustrar os seos destinos. As naçoens, que agora figuraõ mais nesta grande lucta, tem sofrido numerosos revezes; ja por mais de huma vez as armas lhes tem cahido das maõs, e as suas feridas gotejaõ ainda sangue. A França taõbem recebeo ja algumas feridas, mas estas naõ saõ ainda bastantes para a prostrar: as suas calamidades lhe devem dar tanta gloria como os seos triunfos passados lhe tem dado. O abatimento na adversidade seria ainda mais indigno do que hum orgulho vaidozo na prospera fortuna. Assim para fazer a paz, hé precizo recorrer ás armas, e que estas auxiliem as negociaçoens. Convem pois colocarmo-nos em roda desse diadema, que o esplendor de cincoenta victorias ainda faz brilhar a travez de huma nuvem passageira. A fortuna naõ desampara nunca essas naçoens que sabem conservar sua dignidade. O appellar-mos pois para a honra nacional hé para conquistar huma paz que nunca sera possivel conseguir pela fraqueza, mas só por huma intrepida constancia: huma paz em fim, tal como o imperador se obriga a dar-nos, em recompensa dos nossos grandes sacrificios. Temos por consequencia a doce confiança, de que os seos dezejos e os nossos se veraõ realizados: e que esta brioza naçaõ, depois de tantos trabalhos e tanto sangue derramado, poderá em fim repouzar-se protegida por hum throno, que tendo ja bastante gloria, só pertende para o futuro cercar-se de todas as imagens consoladoras da publica felicidade."

Paris, 30 *de Dezembro.*

Hoje quinta feira 30 de Dezembro as duas horas, Sua Magestade o Imperador e Rei assentado no seo throno, rodeado dos seos Principes, Grandes Dignidades, o Ministro, &c. &c. &c. recebeo o Senado em corporaçaõ quando o Presidente, sua Excellencia o Conde Lacepede, fez á sua Magestade a seguinte falla.

Senhor,

O Senado vem offerecer á vossa Magestade Imperial o tributo do seo affecto, e gratidaõ pelas ultimas communicaçoens, que tem recebido por meio dos seos delegados,

Vossa Magestade tem mesmo approvado as propostas de vossos inimigos as quaes vos tem sido transmittidas por hum dos vossos Ministros na Alemanha. Que maior indicio podieis vos dar do sincero fervor, com que desejais a paz! Vossa Magestade está certamente persuadido, que hum poder para ser forte, exige seja limitado; e que a maior politica dos reis he promover a felicidade dos seos Povos. Por taes sentimentos o Senado vos agradece em nome da naçaõ Franceza. He tambem em nome da mesma naçaõ, que nós vos rendemos as graças por todos os meios legitimos de defeza, que a vossa sabedoria empregar para obter huma paz solida. O inimigo tem invadido o nosso territorio. Elle intenta penetrar ate o seio das nossas provincias. Os Francezes unanimes em sentimento, e interesse, commandados por hum taõ illustre capitaõ como vos, jamais deixaraõ de ter a sua costumada energia. Os imperios, bem como individuos, tem os seos dias de revezes, e prosperidade; he no meio dos infortunios, que as grandes naçoens mostraõ o seo heroismo. Naõ, o inimigo jamais hade dilacerar este bello, este illustre imperio, o qual por entre tantas alternativas da fortuna tem nestes quinze annos mantido o seo esplendor; o qual mesmo para beneficio das naçoens vezinhas he muito essencial para equilibrar a balança do poder na Europa. A vossa grande firmeza de animo, e a honra nacional saõ penhores do feliz successo, com que terminaremos esta contenda. Nós defenderemos o nosso paiz; nós sacrificaremos por elle as nossas vidas entre os jazigos de nossos pais, e os berços de nossos filhos. Senhor, alcançai a paz por hum ultimo esforço digno de vos, e dos Francezes: e fazei, que a vossa maõ, tantas vezes victoriosa, deponha as armas, depois de ter assignado o repouso do mundo. Este he, senhor, o dezejo da França, o desejo do Senado; este he o desejo, e a necessidade da especie humana. Sua Magestade replicou, " eu estou persuadido da sinceridade dos sentimentos, que vos me professais. Vos tendes visto pelos documentos, que eu tenho ordenado vos fossem apresentados, o que eu faço por amor da paz. Eu com prazer farei os sacrificios contidos nas bases preliminares, que o inimigo sem proposto, e á que eu tenho annuido; em toda a minha vida naõ tem as minhas vistas tido outro alvo, senaõ a felicidade do povo Francez. Entretanto os alliados tem invadido o Bearn, a Alsacia, e la Franche Comté. Os gritos desta porçaõ cara da minha familia chegaõ-me ao fundo da alma. Eu chamo ás armas os Francezes para soccorrerem seos irmaõs. Eu chamo os Francezes de Paris, da Bretanha, da Normandia, da Champanha, e d'outros districtos, a fim delivrarem os seos compatriotas das garras do inimigo.

Dezempara-los hemos nós no meio das suas desgraças? A paz, e a libertaçaõ do nosso territorio deve ser a nossa voz de reuniaõ. A' vista de toda esta naçaõ armada o inimigo fugirá, ou hade assignar a paz segundo as bases, que elle mesmo tem proposto. Agora ja naõ tratamos de emprendero recobrar as conquistas, que temos feito."

DECRETO IMPERIAL.

Palacio das Thuillerias, 8 de Janeiro.

Napoleaõ, Imperador dos Francezes, Rei da Italia, Protector da Confederaçaõ do Rheno, Mediador da Confederaçaõ Suissa, &c. Nós temos decretado, e decretamos o seguinte:

1. A Guarda Nacional da nossa boa cidade de Paris será posta em actividade.

2. O Imperador a commandará em Chefe.

3. O Estado Maior será composto de hum Major-General, segundo em commando, de quatro Majores-Generaes Assistentes; de quatro Ajudantes Commandantes; e de oito Capitaes Assistentes.

4. A Guarda Nacional de Paris será composta de huma legiaõ em cada bairro; cada legiaõ de quatro batalhoens, e cada batalhaõ de cinco companhias; huma das quaes constará de granadeiros, e as outras quatro de fuzileiros. As quatro companhias de granadeiros de huma legiaõ formaraõ hum batalhaõ *d'elite,* o qual será chamado o batalhaõ *d'elite* de tal legiaõ.

5. Cada legiaõ será commandada por hum Coronel, e hum Ajudante-Maior. O Ajudante-Maior será escolhido do numero dos officiaes reformados.

Cada batalhaõ será commandado por hum Tenente-Coronel, e hum Ajudante.

6. Cada companhia será organizada da maneira seguinte. Hum Capitaõ, hum Tenente, 2 segundos Tenentes, hum primeiro sargento, 4 sargentos, 1 forriel, 8 cabos de esquadra, 2 tambores, e 103 soldados. Total de huma companhia 125 homens.

7. Os Generaes, e Coroneis prestaraõ hum juramento nas

nossa presença. Os officiaes de outras graduaçoens o prestaraõ na presença de nosso primo o Vice-Condestavel.

8. Os officiaes, e officiaes inferiores devem fardar-se com o uniforme das Guardas Nacionaes. Os granadeiros estão obrigados a fornecer-se de fardamento, armas, e o mais necessario á sua custa.

9. O nosso Ministro do Interior nos apresentará a lista dos officiaes.

10. Individuo algum poderá substituir a outro para o serviço das Guardas Nacionaes, excepto hum pai a seo filho, hum sogro a seo genro, hum tio a seo sobrinho, e hum irmaõ a seo irmaõ.

11. O nosso Ministro do Interior está incumbido de por em execuçaõ o presente Decreto.

(Assignados) NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador o Ministro Secretario de Estado.

(Assignado.) O DUQUE DE BASSANO.

ALEMANHA.

BULLETINS DO PRINCIPE DA COROA.

No. XXIX.

Quartel-general de Neumunster, 12 de Dezembro.

S. A. R. depois de ter passado pelo Oldesloh, e Segeberg, removeo o seo quartel-general para Neumunster no dia 11 do presente mez. As tropas do General Borstell tiveraõ huma escaramuça com o inimigo diante do Wesel no dia 2 de Dezembro. A resulta foi nos favoravel. O regimento de Cossacos de Bisculoff, o qual tem-se portado heroicamente em muitas outras occasioens, cobrio-se de gloria nesse dia. O sargento-mor Knoblock, do corpo do General Borstell, surprendeo a villa de Neuss, situada de fronte de

Dusseldorf. Huma aguia, hum coronel, 18 officiaes, e alguns centos de soldados foraõ ahi tomados. Tambem tomou-se posse de hum armazem de provisoens, e fardamento. O Coronel Hole que commandava a expediçaõ, perseguio o inimigo ate a estrada, que vai dar a Juliers. Assim as tropas do exercito do Norte da Alemanha se achaõ situadas no territorio Francez. He com tudo de esperar, que a grande confederaçaõ, que tem pegado em armas pela liberdade, e independencia do continente, naõ se veja obrigada a proceder na sua marcha, e a demandar na antiga França aquella paz, de que todo o mundo tam urgentemente necessita. Depois de hum breve bombardeamento, o corpo do General Winzingerode fez-se senhor do forte de Rothenburg. A guarniçao fica prisioneira de guerra. O Principe de Eckmuhl intentando obter intelligencias, e fazer prisioneiros, fez huma sortida de Hamburgo com toda a sua cavallaria, a qual elle tinha apoiado com huma reserva de varios batalhoens. Este corpo debaixo das ordens do general de divizaõ Vichery, attacou o posto avançado dos Cossacos situados em Tondorff, e proseguio a sua marcha com tanta impetuosidade, que chegou, á Rahlstedt ao mesmo tempo com o piquete. O regimento de Cossacos alojado neste lugar vio-se obrigado a retirar sobre o Seik, onde o General Woronzoff tinha posto o General Pahlen com seis esquadroens de cavallaria regular. Em menos de quatro minutos estas ultimas tropas estiveraõ em armas. O General Pahlen, celebre no exercito pelos seos talentos militares, e sua grande intrepidez, immediatamente se poz á testa dellas, e as guiou ao combate. O Coronel Timen á frente d'hum esquadraõ do regimento de Izoam, principiou o attaque com tal vigor, que brevemente derrotou o inimigo, o qual desde entaõ foi posto em hum destroço total. Elle foi perseguido ate Wandsbeck. A estrada entre Seik e Wandsbeck estava coberta de cadaveres; se numeraraõ mais de 200; e os prisioneiros, entre quaes havia hum official, excederaõ 150. O Coronel dos dragoens Jutland morreo das suas feridas. O General Dorenberg attacou com tres batalhoens tres regimentos de infantaria Dinamarqueza, o qual tinha sahido fora de Oldesloh. O inimigo foi vivamente perseguido ate Bode, porem a noite pôz termo ao combate. O General fez alguns prisioneiros. Hum esquadraõ de hussares desmontados attacou a aldea de Benthorst, onde estava huma companhia de infantaria Dinamarqueza: fez vinte prisioneiros, e dispersou o resto. Hum destacamento da guarda avançada do General Walmoden tem tomado parte da bagagem do inimigo perto de

Eckenfohrde, e tambem fez alguns centos de prisioneiros. O General Tettenborn, o qual tem passado o Eyder com o seo corpo, tem-se feito senhor de Frederickstadt, Tonningen, e Husum, e tem mandado destacamentos para Flenburg, e Sleswick. Elle tem cercado o forte de Vollerwick; e tem surprendido em Hanau 120 carros, que transportavaõ os doentes para o hospital de Altona. Cento e vinte da escolta foraõ aprisionados; a noite deo opportunidade, a que o resto escapasse. Em Husum tomou 7 peças de canhaõ. O General tem tambem desarmado o *Landstrum* de Tonningen, e Husum. Nestes lugares se tomaraõ mais de trezentas espingardas. Hum dos seos destacamentos tem destruido os depositos de cavallaria, que estavaõ em Itzehoe. O inimigo tem tido muitos homens feridos, e mortos. Temse aprisionado hum official, 100 soldados, e 120 cavallos. O exercito Sueco tem-se avançado sobre o Eyder entre Rendsburg, e Kield. Os seos destacamentos occupaõ este ultimo lugar. O quartel general do Marechal Conde Stedingk está em Preetz. Os habitantes de Ploem, e de Eutin tem recebido as tropas Suecas com grandes acclamaçoens de alegria; e para testemunhar o seo prazer tem illuminado os dittos lugares. O General Skioldebrand, o qual estava empregado em perseguir o inimigo, avistou-se com elle de fronte de Bornhoft. Elle achou, que a sua força, constando de tres batalhoens de infantaria, e dois regimentos de cavallaria, estava formada em ordem de batalha, e que tinha huma batteria de seis peças sobre o seo lado esquerdo. O fogo da sua metralha era vivo e destruidor, com tudo o General Skioldebrand elle mesmo pôz-se á testa das suas tropas, e com tal vigor atacou o inimigo, que assenhoreou-se da bataria, destroçou os batalhoens, e os obrigou a depôr as armas. A cavallaria do inimigo deitou a fugir; a do General Skioldebrand a perseguio deixando meramente hum esquadraõ para receber os batalhoens, que se tinhaõ rendido. Movidas pela perfidia, ou pela instigaçaõ de alguns dos seos officiaes, estas tropas de novo pegaraõ em armas, fizeraõ fogo sobre a nossa cavallaria, e occasionaraõ grande detrimento. Alguns esquadroens de hussares, que perseguiraõ o inimigo, immediatamente voltaraõ ao ataque, e passaraõ á espada estes batalhoens. Como o inimigo tinha na aldea de Bornhoft hum grande corpo de reserva, naõ foi possivel tomar mais, que a bateria, e perto de 300 prisioneiros. O numero de mortos e feridos do inimigo he mui avultado; a nossa perda chega quasi á 200 homens, e outros tantos cavallos. Entre os mortos acharaõ-se o Capitaõ Planting, e o Ajudante Cock

dos *Morner* hussares, e entre os feridos o Coronel Cederstrom do mesmo regimento. A cavallaria Sueca nesta occasiaõ houve-se com huma rara intrepidez; ella atacou em hum terreno mui escabroso cavallaria, artilharia, e infantaria, e em todos estes assaltos sahio victoriosa. He com pezar nos vimos obrigados a relatar combates, em que tem sacrificado as suas vidas os filhos do Norte. Longe de blazonar-nos delles, os devemos sepultar no silencio, e lamenta los. O soberano, cuja politica os tem provocado he o unico, que pode desejar, que elles se prolonguem. Lisongeamo-nos com a esperança, que o Rei de Dinamarca cedo porá termo á esta guerra de irmaõs; e que o seo reino e o da Suecia apresentem a imagem de huma familia unida, tranquilla e feliz. O inimigo cortado do caminho de Rendsberg pelo General Walmoden, retirou-se para Kiel perseguido pelo General Skioldebrand. Elle passou o canal, e procedeo para a fortaleza ao longo da ribanceira opposta, tendo destruido as pontes. Estas naõ se podiaõ reparar senaõ depois de vinte e quatro horas. O General Walmoden, que tinha se avançado ate Klawenack, ordenou se lançassem novas pontes sobre o canal; e destacou o General Dornberg para Ekemfohrde tendo recebido intelligencia, que o inimigo se retirava para este districto. A guarda avançada do General Walmoden ha muito antes, que tinha passado. Alguns batalhoens e hum regimento de hussares, que estavaõ incumbidos de guardar a ponte, e prevenir, que se cortassem as communicaçoens com o General Dornberg, foraõ atacados em Ostenrode pelo exercito do inimigo; o qual sem duvida receando, que seria destroçado se marchasse para Colding, resolvo-se repentinamente tomar a derrota de Flendsburg. Como o corpo do General Walmoden estava separado, por conseguinte naõ podia chegar a tempo de tomar parte na acçaõ. Este General susteve com quatro batalhoens, hum regimento de hussares, e quatro peças de canhaõ, hum longo e obstinado combate contra huma força pelo menos de 10,000 homens, a qual tinha em addiçaõ huma numerosa artilharia. O successo foi por muito tempo indeciso, porem a final o inimigo assenhoreou-se da estrada, que vai dar á Rendsberg. Os soldados muitas vezes viraõ se mutuamente misturados; e ainda que o numero dos Dinamarquezes era na proporçaõ de tres contra hum, com tudo o Conde Walmoden teve a gloria de ficar com o campo da batalha. Os cassadores a pé e a cavallo de Mecklenberg, os quaes formavaõ a guarda avançada do General Vegesack, chegaraõ a tempo de tomar parte no combate, e de decidi-lo. A sua cavallaria atacou valorosa-

mente o regimento de Holstein debaixo d'um fogo cruzado de varios batalhoens, que estavaõ embuscados. O Principe Gustavo de Mecklenberg, que se tem sempre portado com heroismo, foi ferido nesta occasiaõ. Estimulado pelo seo grande valor, elle chegou mesmo a penetrar ate o centro das fileiras do inimigo, as quaes o aprisionaraõ: porem foi ao depois trocado por hum official de igual graduaçaõ. Muito desejamos, que as suas feridas o naõ previnaõ de continuar no serviço. Todo o elogio, que lhe fizessemos naõ seria proporcionado á sua bella conducta. O Coronel Muller dos cassadores de Mecklenberg portou-se admiralvemente. O Conde Walmoden perdeo neste combate huma peça de canhaõ, e de 500 para 600 homens mortos, feridos e estraviados. A perda do inimigo, segundo elle mesmo confessa, he mais de 1,000 homens. Nesta batalha, a qual tem cuberto de honra o Conde Walmoden, e na precedente, a qual constou de escaramuças, o ditto General tomou oito peças de canhaõ, e 400 prisioneiros. O joven Muhlenfels Tenente da legiaõ dos hussares, e Maurenholz Tenente da mesma legiaõ, com vinte hussares e igual numero de cassadores Hanoverianos, tem feito prodigios de valor, e tomaraõ cinco peças de canhaõ. O Principe de Hesse tem pedido hum armisticio. He provavel, que cedo terminem as desavenças entre a Suecia e Dinamarca, e que este reino cedo se una com as potencias confederadas.

No. XXX.

Quartel-general, Kiel, 16 *de Dezembro.*

Tem-se annuido ao armisticio requirido pelo Principe de Hesse. Principiou no dia 15 do prezente mez a meia noite e finalizará no dia 29 á mesma hora. Nos aproveitaremos este intervallo para accelerar as operaçoens contra Hamburgo. O exercito Dinamarquez só poude entrar em Rendsberg, para assim dizer, por hum milagre. A ter-se demorado mais duas horas, ver-se hia obrigado a depôr as armas, ou a dispersar-se. O forte de Wollerwyk tem-se rendido ao corpo do General Tettenborn, depois de ter sido canhonado por alguns dias. A guarniçaõ fica prisioneira de guerra, e com condiçaõ de naõ servir ate ser trocada.

No dito forte tomaraõ-se dezoito peças de canhaõ, e dez morteiros. O numero de peças de artilharia, tomadas pelo General Tettenborn, desde a sua entrada nos Ducados, monta á trinta e oito.—Os talentos caracteristicos dos Cossacos de se desembaraçarem de todas as difficuldades, quando nellas se achaõ envolvidos, manifestaraõ se nesta occasiaõ. Faltando-lhes artilheiros, elles mesmos manejaraõ a artilharia, com a qual fizeraõ fogo contra a bateria. O tempo mais severo, caminhos quasi impraticaveis, nada pode obstar ao ardor destes guerreiros. Hum exercito, que tiver Cossacos ao seo commando, sempre achará as suas operaçoens, e successos facilitados pela sua vigilancia. Os fortes de Frederiksort, e Gluckstadt naõ estaõ comprehendidos no armisticio. Se o Governo Dinamarquez dezeja a paz, estes lugares naõ soffreráõ os estragos de hum bombardeamento. O exercito tem feito alto no meio da carreira dos seos successos ; o tempo que elle perde em demorar-se pela conclusaõ da paz, he de huma importancia incalculavel. Assim tem os Alliados dado á Dinamarca, e á Europa huma prova evidente da sua moderaçaõ. Se as hostilidades se renovarem, será sem duvida hum grande infortunio : porem jamais poder-se-ha exprobrar os Alliados com as tristes consequencias, que dahi resultarem.—Dois regimentos de Cossacos, do corpo do General Benkendorf, tem-se avançado ate Breda. A guarniçaõ tem evacuado este lugar, e retirou-se para Antwerp, perseguida pelos Cossacos. Breda, onde se aprisionaraõ 600 homens, foi immediatamente assenhoreada pelas tropas alliadas. Assim o exercito do Norte da Alemanha occupa neste momento, huma linha desde Breda ate Dusseldorf. Em consequencia do armisticio reunio todas as suas forças em Schleswig ; e as suas tropas occupaõ neste Ducado huma linha desde Eckernforde ate Husum. E taes disposiçoens se tem tomado, que na extremidade de cada huma das suas alas em tres dias de marcha se pode formar hum exercito de 35,000 homens.—Esta exposiçaõ deve ser sufficiente para convencer a Dinamarca da injustiça, que ella tem feito aos Alliados, e á causa commum. Os interesses daquelle governo perdem, na demora de hum dia—hum seculo.

No. XXXI.

Quartel-general de Kiel, 21 de Dezembro.

O General Benkendorf fez-se senhor de Gertruydenberg. O General Loranzare, que la commandava volta para a França com a sua guarniçaõ debaixo da palavra de naõ servir contra os Alliados durante hum anno.—A fortaleza de Williamstadt foi evacuada com tanta precipitaçaõ, que o inimigo abandonou 20 barcas canhoneiras, que la estavaõ. Em todas as cidades da Hollanda, que tem sido restituidas á liberdade, estaõ-se formando guardas civicas. Gluckstadt está sitiada. Se a praça naõ se render, apenas se formar o primeiro gelo, hade ser assaltada. O inimigo tinha collocado em huma posiçaõ mui vantajosa, perto da aldea de Ivenslotz, huma bateria de quatro peças de calibre 18, com vinte infantes para a manejarem. Hum batalhaõ da brigada do General Boye assenhoreou-se da bateria, perseguio o inimigo debaixo do fogo de metralha da fortaleza, e fez muitos prisioneiros. Tinhaõ-se feito todas as preparaçoens para se atacar a fortaleza de Fredericsort: as tropas da segunda brigada debaixo do commando do General Baraõ de Posse, estavaõ a 300 passos da muralha. Depois de hum fogo mui forte, que durou hum dia e huma noite, e que os nossos soldados sustiveraõ com aquella coragem caracteristica das naçoens do Norte, capitulou o commandante no dia 19. Achámos na praça 101 peças de canhaõ; muitas muniçoens incluindo 400, ou 500 quintaes de polvera. A guarniçaõ fica prisioneira de guerra.

No. XXXII.

Quartel-general de Kiel, 26 de Dezembro.

Algumas barcas canhoneiras de Hamburgo tendo-se avizinhado á Blankenese, provavelmente com a intençaõ de aprisionar alguns botes, que la estavaõ, o General Woronzow mandou para as margens do Elbe hum destacamento de

tropas com huma peça de artilharia. Daqui resultou huma acçaõ com as embarcaçoens Francezas, as quaes traziaõ oito peças de canhaõ; quarenta Russos de infantaria ligeira embarcaraõ-se em botes, a fim de as abordar; porem o inimigo, naõ obstante a sua superioridade, deitou a fugir a toda a vella tendo o vento a seo favor; e foi por muito tempo perseguido pelos Russos. O Commandante das barcas canhoneiras foi morto.

O Major-General Boye, o qual commanda as tropas defronte de Gluckstadt, tendo ordenado o regimento de Kronoberg de assenhorear-se d'uma porçaõ de terreno, o qual, situado diante da fortaleza, estava defendido por huma bateria de artilharia grossa; a guarniçaõ, ao dar a fortaleza signal com hum tiro de peça, fez huma sortida. A contenda foi renhida, e o inimigo foi rechaçado com grande perda para dentro das suas muralhas. O regimento manteve o terreno, e, naõ obstante o fogo activo de metralha da fortaleza, naõ cessou de proceder em fortifica-lo; teve nesta acçaõ varios mortos e feridos, entre os quaes ha dois officiaes. As baterias se haõ de completar no dia 25 do prezente mez.

O armisticio tem-se prolongado ate o dia 6 de Janeiro em consequencia de assim o ter pedido o Rei de Dinamarca. Este intervallo he sem duvida mui longo; porem o detrimento, que dahi prover aos Alliados, elles o julgaraõ de pouco momento, se antes da sua terminaçaõ estiverem estabelecidas as bazes da paz com a Dinamarca. A Suecia tem offerecido condiçoens vantajozas á este governo; e o bem geral, e os interesses daquelle governo seraõ sem duvida promovidos se ellas forem aceitadas, o que muito dezejamos. A Europa imparcial saberá appreciar a magnanimidade desta offerta, a qual dá huma nova prova da moderaçaõ da Suecia, e do seo ardente dezejo de restaurar a paz ao Norte. A Suecia tinha jus á Noruega pelos tratados os mais sagrados, e solemnes; jamais garantia alguma teve huma assinatura mais magestosa, e jamais naçaõ alguma insistio com maior razaõ, que a Suecia, sobre tratados, que libertavaõ a Peninsula Scandinavia da influencia e politica de Napoleaõ. As esperanças da paz tem augmentado o dinheiro papel Dinamarquez cento por cento. Este he o thermometro do juizo da naçaõ. Apenas se renovarem as hostilidades, o papel perdera o seo valor.

Naõ obstante a suspensaõ de armas, hum comboio Anglo-Russiano e Prussiano tem sido atacado no Sunda por corsarios Dinamarquezes e Francezes, e cahiria nas maõs destes piratas, a naõ ser defendido por navios de guerra Suecos.

Este comboio estava carregado com mercadorias de grande custo, e entre outros artigos, com espingardas e fardamento.

Durante o armisticio hum Official Russiano, o qual levava despachos de Frankfort para o Conde Walmoden, errando o caminho veio dar com sigo debaixo das muralhas de Rendsberg. Sendo levado á presença do commandante, se lhe tiraraõ os despachos, foraõ abertos, e lidos: e dois destes, os quaes eraõ dirigidos ao Ministro Inglez, tem sido retidos pelo commandante.

No. XXXIII.

Quartel-general de Kiel, 16 *de Jan.* 1814.

Naõ querendo estar o Governo Dinamarquez pelas bazes que se lhe propozeraõ para a paz, as hostilidades se renováraõ esta manham.

Ja está formado o bloqueio de Rendsbourg; e os postos avançados da guarniçaõ foraõ compelidos a retirar-se para debaixo da artilharia da Praça.

Nomeou-se hum Governador Geral para os Ducados de Holstein e Schleswick. Hum corpo inimigo de mais de 10,000 homens, com 25 a 30 peças de artilharia, fez hum ataque contra Breda; d'onde o General Benkendorff, que defendia a Praça, auxiliado por hum combinado movimento dos Generaes Bulow e Graham, o forçou a retirar-se. Aquelle General portou-se nesta occaziaõ, assim como em todas as outras, com hum valor e sangue frio proprio do seo caracter, e dos talentos que o destinguem.

O Coronel Narishkin fez huma expediçaõ na margem esquerda do Rheno; e aprizionou o Coronel do 20 Regimento de Caçadores, com hum Official inferior, e alguns Soldados.

Huma parte do Exercito do General em Chefe, Conde Bennigsen, rendeo o Corpo do Tenente General Conde Woronzow, que estava de fronte de Hamburgo. A occupaçaõ de Ochsenwerder, que as suas tropas tomáraõ, inquieta muito o Principe d'Eckmuhl. Differentes tentativas ja este tem feito para fazer passar para li algumas tropas

em barcos ; mas tem sido constantemente repellidas pelos Caçadores Russianos. He mui consideravel a dezerçaõ das tropas que formaõ a guarniçaõ.

A Legiaõ Hanseatica, que tinha recebido hum mez de soldo, foi immediatamente offerece-lo para soccorrer os desgraçados habitantes de Hamburgo, que foraõ dali expulsos pelo Principe d'Eckmuhl. Hum tal acto de beneficencia lhe faz huma honra extraordinaria; porque fizeraõ donativo de hum dinheiro, de que elles mesmos muito precisavaõ para comprar differentes couzas necessarias.

A Fortaleza de Gluckstadt capitulou hontem á noite, e foi esta manham occupada pelas tropas Suecas. A guarniçaõ ficou prizioneira de guerra, e será transportada para a Ilha de Alsen, debaixo da obrigaçaõ de naõ servir por hum anno contra os Alliados. O seo numero excede a 3,000 homens. O General Boye, e todas as suas tropas, deraõ neste cerco grandes provas de valor e perseverança. O terreno que rodea a fortaleza foi innundado, e os sitiantes tinhaõ que combater contra a chuva, e huma agoa pouco sadia. Finalmente, foi necessario formar as paralelas debaixo de hum fogo mui vivo de balas e metralha. Qualquer idea que se faça das privaçoens e soffrimentos que se passáraõ no sitio desta praça, no meio do inverno, he mui inferior ao que padeceraõ os Soldados nesta occaziaõ.

As fadigas, que soffreraõ, naõ só manifestaõ os grandes talentos do General, mas o bom espirito de que a sua tropa estava animada. As operaçoens da artilharia foraõ derigidas com igual intelligencia e intrepidez pelo Capitaõ Hygrell. A artilharia Sueca e Ingleza, e os corpos destacados do Conde Woronzow tem-se eminentemente destinguido. O General Baraõ de Boye louva com a maior particularidade os talentos dos Capitaens Thersner e Melander do corpo de Engenheiros. O Capitaõ Inglez Farquhar teve com a sua flotilha huma parte mui honroza e activa no ataque da praça, e grandemente contribuio para que ella se rendesse.

Gluckstad hé huma praça de grande importancia para a navegaçaõ do Elbo, e nella encontramos 325 peças de artilharia, 119 das quaes saõ de bronze. O assalto ja estava determinado, e por nada mais se esperava doque pelo gêlo para emprehender esta operaçaõ. O Conde Woronzow formou hum batalhaõ de 600 granadeiros, armados de piques, para servirem de rezerva as tropas Suecas.

A cidade de Gluckstad foi edificada em 1620 por Christiano IV. em hum terreno muito pantanozo; e isto

foi cauza de grandes ciumes para a Hollanda. Em 1628 foi atacada pelo celebre Tilly, o qual, depois de 15 semanas de hum cerco naõ interrompido, foi obrigado a levanta-lo. Na expediçaõ de Torstenson, Gluckstad e Krempe foraõ as unicas praças destes Ducados que as tropas Suecas naõ podéraõ occupar.

O exercito alliado desde a sua entrada no Holstein tem tomado 470 peças de artilharia.

Acha-se agora occupado em demolir e destruir a fortaleza de Fredericksort: assim ficará muito mais livre a navegaçaõ do Baltico e dos Belts. Tinha-se feito esta fortaleza só com o intuito de embaraçar o Commercio Inglez com as Potencias do Norte.

O Commissario Francez de guerra, Pregaud, mandado pelo Principe de Eckmuhl conseguio chegar aos postos avançados Dinamarquezes, e entrar em Copenhagen com instrucçoens do seo Governo para o Baraõ Alquier. O General Lallemand taõbem se esperava a semana passada em Caza do Ministro Francez.

Os navios Suecos tem recebido novas ordens para meterem á pique todos os piratas, que tem feito grande mal ao Commercio dos Inglezes, Russos, Prussianos e Suecos no Baltico.

Já todos os postos da Peninsula Cimbrica estaõ abertos ás bandeiras alliadas. Este paiz, que tanto tem soffrido com a sistema continental, vai tornar a ter hum commercio florescente, e a sua antiga prosperidade. Os Noruegianos, que tem passado por todas as calamidades da fome e da mizeria, seraõ bem de pressa informados, que a sua uniaõ com a Suecia terá por primeira baze todas as vantagens de que ja tornaõ agozar os habitantes da Peninsula Cimbrica: Assim a Noruega, livre e felis, nunca mais será governada como huma colonia, e gozará completamente de todos os seos direitos politicos.

AOS DESTERRADOS HAMBURGUEZES.

Por huma ordem de 16 de Dezembro o Principe de Eckmuhl vos lançou fora das vossas habitaçoens, e sepultou-vos na desgraça. Naõ vos descorçoeis, portaivos com firmeza, sede superiores aos vossos infortunios! Como fiel interprete dos principios, que movem as Potencias Alliadas, o Principe

da Coroa vos offerece o seo patrocinio, e quer mitigar a vossa afflicçaõ.—He sem duvida para lamentar, que vós, e as vossas familias naõ podessem prover-se de mantimentos para o espaço de seis mezes, porem seja o refrigerio de hum tal infortunio a lembrança, que naõ presenciareis os horrores, que ameaçaõ a vossa triste cidade.—S. A. R. o Principe da Coroa sciente do proceder violento, que se praticou em Hamburgo, tem dado as seguintes ordens, as quaes manifestar-se-haõ em todos os lugares occupados pelo exercito debaixo do seo commando, isto he, por todo o Holstein, e desdes das portas de Hamburgo ate á aquellas da antiga França.—Todos os Hamburguezes, que, em consequencia da ordem promulgada pelo Marechal Davoust no dia 18 de Dezembro, tem sido forçados a deixar a cidade de Hamburgo, seraõ recebidos com o maior acatamento pelo exercito Alliado do Norte da Allemanha. Roupa e mantimentos lhes seraõ ministrados em proporçaõ ás suas necessidades. Os que de entre elles quizerem contribuir para libertar a cidade de Hamburgo da tyrania, que a opprime, receberaõ armas, e soldo como o resto do exercito, e formaraõ parte da guarda nacional da cidade de Hamburgo. —Os velhos, as mulheres, e as crianças seraõ o mais benignamente hospedadas, e seraõ providas de todo o necessario.—Tem se assinado as villas de Oldeslohe e Segeberg, para ahi se ajuntarem todos aquelles Hamburguezes, que quizerem unir-se aos estandartes, e ás tropas destinadas para libertar Hamburgo. Nas cidades de Lubeck e Bremen seraõ acolhidos todos os velhos, mulheres, e crianças. -Para que os infelizes Hamburguezes sejaõ sem fallencia soccorridos, e a sua situaçaõ immediatamente melhorada, tem-se ia dado 40,000 pezos, a fim de suprir-se o que logo necessitarem. Esta primeira soma sera tirada do dinheiro destinado para o pagamento, e subsidios do exercito Sueco. Em quarenta e oito horas tomar-se haõ as medidas necessarias para se restituirem á caixa militar as somas, que dahi forem extrahidas. Huma commissaõ especial ficará encarregada da execuçaõ da ordem. Esta commissaõ constará de tres Membros, isto he, de hum dos desterrados de Hamburgo, nomeado pelo Chefe do Estado maior,—de hum habitante da cidade de Lubeck, e outro da cidade de Bremen, deputados pelos Magistrados dos respectivos lugares.—Os Membros da Commissaõ hiraõ ao quartel general de S. A. R., a fim de la receberem instrucçoens sobre o plano, que devem adoptar de sorte, que venhaõ a dar huma conta exacta da distribuiçaõ dos 40,000 pezos; e estes seraõ entregues á Commissaõ pelo Intendente Geral do

exercito. Gastos que sejaõ os 40,000 pezos, a commissaõ esta authorisada de pedir mais dinheiro para o allivio dos Hamburguezes.

(Assignado) B. SPAARE, Major General, &c. &c.

Quartel-General Kiel,
24 *de Dezembro de* 1813.

CARTA

Do Principe da Coroa a seo Filho.

Meo querido Oscar.

O povo de Lubeck auxiliou Gustavo Primeiro na restauraçaõ da liberdade do seo paiz: eu acabo de pagar esta divida dos Suecos.—Lubeck está livre. Eu tive a felicidade de tomar posse desta cidade sem effusaõ de sangue. Esta vantagem me he mais cara, que huma victoria n'huma batalha campal, ainda mesmo se nesta perdesse poucos homens. Quaõ felizes somos nós, meo filho, quando podemos impedir, que se derrame huma só lagrima! Quaõ profundo e suave he o nosso somno! Se todos os homens se pudessem convencer desta verdade, naõ haveriaõ mais conquistadores; e as naçoens seriaõ governadas meramente por justos Reis. Eu parte a manhaã para Olderslohe, e no dia seguinte para onde os successas me chamarem. Eu me esforço por fazer, que elles tendaõ a promover os interesses, e felicidade do meo paiz. A unica recompensa, que eu dezejo he, que os frutos dos meos trabalhos te habilitem, meo caro filho, para melhor desempenhar tudo o que depois emprehenderes para a sua prosperidade, e gloria.

Teo Pai affectuoso

CARLOS JOAÕ.

Lubeck, 7 *de Dezembro de* 1813.

PROCLAMAÇAÕ

Das Potencias Alliadas á Naçaõ Franceza.

Francezes,—A victoria tem conduzido os exercitos confederados as vossas fronteiras. Elles estaõ quasi a trespassa-las. Nós naõ fazemos guerra contra a França; mas sim

repellimos longe de nos o jugo, que o vosso Governo desejava impor sobre os nossos respectivos paizes, os quaes tem tanto direito como vos á independencia. Magistrados, proprietarios, lavradores naõ desampareis as vossas habitaçoens. A manutençaõ da ordem publica, o respeito para a propriedade privada, a mais severa disciplina haõ-de caracterizar o progresso, e demora dos exercitos alliados. Nelles naõ reina o espirito de vingança, elles naõ intentaõ retribuir á França as innumeraveis desgraças, com que ella ha vinte annos tem affligido as naçoens vizinhas, e as mais remotas. Os Monarcas Confederados saõ movidos por principios, e vistas differentes daquellas, que vos instigaraõ a invadir os nossos territorios. A sua gloria consistirá em ter terminado o mais cedo possivel os infortunios da Europa. A paz he o unico alvo da sua ambiçaõ, he a unica conquista, de que estaõ cobiçozos; porem ao mesmo tempo elles dezejaõ obter huma paz, cujos frutos produzaõ hum repouzo real, e permanente aos seos povos, á França, e á Europa. Grandes esperanças nos tinhamos de a poder alcançar antes de tocarmos no territorio da França; mas os nossos esforços tem sido infructuosos; e em consequencia agora ahi a vamos procurar.

O Marechal Principe Schwartzenberg.
Commandante em Chefe do Grande Exercito Alliado.

Quartel General de Lorrach,
21 *de Dezembro,* 1813.

HOLANDA.

PROCLAMAÇAÕ.

Guilherme Frederico, por graça de Deus, Principe de Orange, e de Nassau, Soberano Principe dos Hollandezes Unidos, &c.

A todas as pessoas que virem, ou ouvirem as presentes, saude. Sendo o meu mais sincero dezejo o dar aos habitantes destas Provincias huma certa segurança para a feliz revolu-

çaõ nos negocios, que annuncia a volta do commercio, e da navegaçaõ, e da antiga prosperidade, por assegurar ao Thesouro Nacional hum consideravel fundo de renda, o qual, segundo a bem intendida natureza do commercio, antigamente recebio o Governo deste paiz, do producto dos combois, e licenças ou direitos maritimos.

Tenho por tanto resolvido, e por este resolvemos, o seguinte:

Art. 1. O principio das Alfandegas Francezas pelo modo porque elle se praticava durante a sua direcçaõ destas materias, he posto de parte, e annullado, por ser irreconcilavel com o interesse, e prosperidade dos habitantes.

2. Todas as fazendas e mercadorias que ja tinham sido importadas previas a este paiz ser evacuado pelos exercitos Francezes, porem que ainda naõ tem pago os direitos intrinsecos, e igualmente todas aquellas que houverem de ser importadas, ou exportadas, ficaraõ immediatamente obrigadas a pagar para o uso dos Hollandezes Unidos, os direitos que vaõ especificados na lista annexa ao edicto publicado por suas Altas Potencias os Estados Geraes, datado de 31 de Julho, de 1725, com aquellas alteraçoens mudanças, e amplificaçoens que nelle foram feitas ate o tempo em que as nossas provincias foram declaradas annexas á França, na conformidade das excepçoens aqui adiante mencionadas no artigo 7.

3. O direito sobre combois, e licenças, juntamente com o dinheiro dos fretes sobre o embarque, tal qual elle foi atéqui fixado pelo ditto edicto de suas Altas Potencias, de 31 de Julho, de 1725, e depois particularizado pelas outras leis e regulamentos, da mesma forma que os direitos impostos pela lei do 18 de Dezembro de 1805, sobre diversos productos a excepçaõ de sal, e tabaco, a respeito dos quaes se haõ de fazer regulamentos particulares, haõ de tornar a ser introduzidos immediatamente depois da publicaçaõ da prezente, pela mesma maneira em que elles existiam previos as dittas leis serem declaradas nullas, pela introducçaõ dos direitos Francezes, debaixo da direcçaõ dos Officiaes das Alfandegas; e para a inspecçaõ das restituiçoens, e creditos concedidos pelas Regulaçoens das Alfandegas, de 18 de Dezembro, de 1805, tomaraõ-se as seguintes precauçoens:—

4. Em consequencia do que por esta se faz saber que todas as cortes, e regulamentos concernentes a este ramo da renda nacional, de qualquer denominaçaõ que sejam, saõ abolidos, e que aquelles que no já mencionado espaço de tempo, estavam em vigor, tornaraõ a ser recebidos, e re-

conhecidos com força de lei, com as excepçoens que estam expressas nos edictos, e todas aquellas alteraçoens que nos em posteriores investigaçoens julgar-mos necessario fazer.

5. Das estipulaçoens feitas no precedente artigo devem particularmente ser exceptuados todas as publicaçoens, e leis, e decretos concernentes ao prohibido commercio, e communicaçoens com a Gram Bretanha, seus alliados, ou os paizes pertencentes a elles; ficando taes leis, e regulaçoens prohibitivas annulladas, e vaãns de effeito, e as materias restauradas no seu amigavel pé antigo.

6. Na restauraçaõ das antigas leis concernentes as fraudes nas Alfandegas, as alteraçoens feitas no geral edicto mencionado no Artigo 3 da prezente, e especificado na Resoluçaõ do Governo da Holanda, datada de 2 de Maio, de 1809, saõ restauradas no seu inteiro rigor.

7. A estipulaçaõ exposta no Artigo 2, concernente á monta dos direitos intrinsecos, ou sejam sobre productos coloniaes, ou sobre sal, naõ he proporcional, nem para aquelles que ja estam nos depozitos, nem para aquelles que daqui em diante forem importados: e nos portanto regulamos a monta dos direitos intrinsecos, para ser levantada, por hum regulamento particular.

8. Auctorisamos o nosso Commissario-geral das Finanças para entregar a seus donnos as fazendas que estiverem no Almazem depositario da Alfandega logo que as requererem, e dentro do menos tempo possivel; porem destas, aquellas que ainda naõ tiverem pago os direitos intrinsecos, seraõ entregues tam somente dando-se huma segurança sufficiente para o pagamento dos taes direitos intrinsecos ao Thesouro Nacional, á primeira instancia, a monta dos quaes, na conformidade do precedente artigo, será posteriormente determinada por nos, e cuja segurança deve ser dada ao nosso Commissario-geral das Finanças.

9. Nenhuma casta de provisoens, nem muniçoens de guerra, ou artigos para construcçaõ de navios, sejam canhoens, morteiros, obuzes, carretas, bombas, granadas, ballas de artilheria, ou de espingarda, espingardas, caravinas, pistolas, espadas, caixotes, arreios de cavallos, sellas, tendas, e outros petrechos de guerra, nem polvora, salitre, ancoras, velas, cordages, madeira de construcçaõ, ferro ou chumbo, seraõ exportadas para França, nem para os paizes, ou praças agora em poder della, ou de seus Alliados, ou para taes que possam daqui em diante cahir em seu poder, sob pena de rigorosos castigos, conforme ja estam estabelecidos pelas leis antigas, contra os que tem communicaçoens com os paizes inimigos da patria, especialmente os que estam

descriptos na Ordenaçaõ de suas Altas Potencias os Estados Geraes, datada de 26 de Março, de 1793.

10. A administraçaõ para o appontamento de combois, e licenças para transporte por mar, formará huma parte da officio do nosso Commissario geral de Finanças, que com a maior brevidade possivel nomeará os sitios dos commissarios, e igualmente, tendo feito as necessarias indagaçoens, os organizará no seu primitivo pé, depois que, tendo obtido a sua appresentaçaõ, tiverem a nossa approvaçaõ, e final nomeaçaõ as pessoas para elles necessarias.

11. O nosso ditto Commissario-geral está igualmente nomeado para dar passaportes de mar, como estando em connexaõ com a Administraçaõ mencionada no Artigo 10, e estando a mesma no pé das Alfandegas, e regulaçoens de 27 de Janeiro, de 1809, adaptadas para as presentes circumstancias.

12. Igualmente pertence ao nosso Commissario-geral das Finanças a exhibiçaõ dos documentos que saõ necessarios para se obter passaporte de mar.

13. Em quanto ao judicial sobre todas as materias que disserem respeito a tomadas de combois, e licenças, seraõ por nos feitas outras regulaçoens, na conformidade do plano que para isso nos for appresentado pelo nosso Commissario-geral de Finanças, e pelo Presidente da Alta Corte da Justiça.

O nosso Commissario-geral das Finanças está encarregado da execuçaõ das presentes Resoluçoens, que seraõ publicadas e affixadas nos lugares do costume.

Feita em Hague, aos 27 de Dezembro, do anno de 1813, e do primeiro do nosso governo.

(Assignado) GUILHERME.

Por ordem de S. A. R.

(Assignado) A. R. FALCH.

PORTUGAL.

PORTARIA

A respeito do Regulamento dos Hospitaes Militares.

Tendo mostrado a experiencia de huma guerra activa, e dilatada, que no Regulamento dos Hospitaes Militares, mandado observar pelo Alvara de vinte, e sete de Março de mil oito centos, e cinco, supposto se estabelecesse hum systema regular, e methodico para este ramo de serviço; naõ se achaõ com tudo prevenidos alguns objectos de summa importancia para a boa disciplina do exercito, e exacçaõ do serviço; os quaes a necessidade tem obrigado a providenciar interinamente por ordens particulares, que convem reduzir a hum completo regulamento; e sendo ao mesmo tempo indispensavel prescrever hum methodo de administraçaõ, e comptabilidade, que facilite os meios de se aprezentarem contas exactas, e regulares, e que seja conforme com o systema de unidade, estabelecido pela criaçaõ da Thesouraria Geral dos exercitos: manda o Principe Regente nosso Senhor, conformando-se com o parecer do Marechal dos seos exercitos o Conde de Trancozo, que aos referidos respeitos se observe interinamente, e em quanto naõ ordenar o contrario, o regulamento junto, assignado por D. Miguel Pereira Forjaz, do Conselho do mesmo Senhor, Secretario dos Negocios Estrangeiros, Guerra, e Marinha. O mesmo Secretario o tenha assim entendido, e faça executar com as participaçoens, e ordens necessarias. Palacio do Governo aos 9 de Fevereiro de 1813.

Com quatro Rubricos dos Senhores Governadores.

S. A. R. foi Servido dirigir á Illustrissima Camara da Cidade do Porto a Carta Regia seguinte.

Juiz de Fóra, Vereadores, e Procuradores da Camara da Cidade do Porto: eu o Principe Regente vos envio muito

saudar. Propondo-me honrar os meus fieis vassallos, que mais se distinguiraõ na memoravel restauraçaõ dos meus Reinos, naõ podia deixar de lembrar-me do generoso esforço com que os habitantes dessa cidade em taõ perigosas e criticas circumstancias, dando o mais heroico, e louvavel exemplo de valor, e lealdade, se levantaraõ todos reunidos em hum so corpo, para revindicar os sagrados, e inalienaveis direitos da minha soberania, e restaurar huma monarquia; que por tantos seculos se tem conservado com gloria. E merecendo taõ nobre, e illustre empreza ser assignalada com hum publico testemunho, que recorde na posteridade a honra, valor, e fidelidade, com que esse povo imitou aos seus maiores nas mais gloriosas épocas da monarchia: sou servido ordenar, que as armas dessa cidade se accrescenta sobre cada huma das duas Torres hum braço armado, sustentando huma bandeira das armas Reaes, e outro huma espada enramada de louro. O que me pareceo participarvos, para que assim o tenhais entendido, e façais executar registrando-se esta nos livros competentes. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em treze de Maio de mil oitocentos e treze.—PRINCIPE.—Para o juiz de fóra, vereadores, e Procurador da camara da cidade do Porto.

PORTARIA

A Cerca do Recrutamento da Tropa de linha, e Milicias.

Querendo o Principe Regente nosso Senhor prevenir os abuzos que podem rezultar da má intelligencia das Leis, Alvaras, e Portarias publicadas, sobre o recrutamento da tropa de linha, e milicias; os quaes, contra a Sua Real intençaõ, poderaõ cauzar huma diminuiçaõ no numero de recrutas precizas para a conservaçaõ do estado completo do exercito, ficando indevidamente izentos muitos individuos dos que deveriaõ ser recrutados, e recrutando-se incompetentemente outros, que devem ser izentos, ou pelas suas circunstancias fysicas, isto he, por falta de idade, altura, robustez, e constituiçaõ propria para o serviço do exercito, ou pelos privilegios que he indispensavel guardar em attençaõ á Populaçaõ, Agricultura, Pesca, Commercio, Navegaçaõ, Artes, Officios, e Sciencias, cujos ramos necessitaõ ser promovidos, animados, e protegidos para conservaçaõ do estado civil, e militar: he o mesmo Senhor servido mandar declarar, depois de ouvir o parécer do Marechal dos

seos exercitos, e commandante em chefe, o Marquez de Campo Maior, que todos os sobreditos privilegios se fiquem entendendo da maneira porque vaõ explicados nos artigos juntos, assignados por D. Miguel Pereira Forjaz, do Conselho de Sua Alteza Real, Tenente-general dos seos exercitos, e Secretario dos Negocios Estrangeiros, Guerra, e Marinha; os quaes devem ser considerados como fazendo parte desta Portaria para se lhes dar a sua mais inteira exemçaõ, em quanto o mesmo Senhor naõ mandar o contrario. O mesmo Secretario o tenha assim entendido, e faça expedir as ordens necessarias. Palacio do Governo em vinte oito de Septembro de mil oito centos, e trezes.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

EDITAL.

Joaõ de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhães, do Conselho de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, Intendente Geral da Policia, &c.

Sendo necessario attender por meio de novas providencias á necessidade, que a cultura das terras na Provincia da Estremadura tem experimentado, como he notoriamente sabido, por falta dos braços indispensaveis aos trabalhos ruraes, muito particularmente na presente estaçaõ, em que se precisa cuidar do apanho da azeitona, cuja producçaõ na dita provincia felizmente foi no presente anno muito abundante: e constando que naõ tem sido bastante, nem as determinaçöes desta intendencia para se restituirem ás terras dos seus antecedentes domicilios os homens jornaleiros, que tinhaõ vindo para esta capital por causa da invasaõ do inimigo, nem as positivas ordens a este mesmo fim publicadas na Portaria Regia de 9 de Junho deste anno, transcripta no Edital affixado por esta intendencia em data do 1 de Julho ultimo, conservando-se ainda nesta mesma capital huma parte dos referidos homens jornaleiros, que com suas mulheres, e filhos preferem a ruinosa mendicidade ao lucro honesto, que em seu proveito, e em beneficio da agricultura podiaõ tirar dos trabalhos proprios da sua condiçaõ, voltando aos seus domicilios; do que resulta a existencia do escandalo, desordens, e abusos perniciosos, que precaveo a lei da creaçaõ da Policia em conformidade do que contra os ociosos, e vadios, se achava disposto na Ordenaçaõ do Reino liv. v.

tit. 68. Convindo muito providenciar efficazmente sobre o referido: determino o seguinte:

1. Os individuos que adquirem a sua subsistencia avulsamente pelo trabalho honesto dos seus braços, como Cabazeiros, Vendilhões, e outros occupados em serviços de pouca consideraçaõ, e proveito, com especialidade aquelles de hum, e outro sexo, que existem ainda nesta Capital desde quando vieraõ refugiar-se por causa da invasaõ do inimigo em 1810, e tinhaõ nos seus domicilios aquelle, ou semelhante modo de vida, devem no mais breve espaço de tempo, que naõ excedera ao dia 15 do corrente sahir de Lisboa a procurar serviço no apanho da azeitona nas terras da provincia da Estremadura. E por esta intendencia se lhes expediraõ gratuitamente, e com esta declaraçaõ os passaportes necessarios para o seu transito.

2. Entender-se-haõ particularmente comprehendidos nesta determinaçaõ todos os homens, mulheres, e rapazes em estado por sua saude de serem assim occupados, que passado o referido termo forem achados vagando sem domicilio certo, sem abrigo, ou destino, pernoitando nesta Cidade debaixo d'Alpendres, ou Telheiros, nos Caes, Estaleiros, ou Barracas, procedendo-se a seu respeito como em semelhantes circumstancias foi determinado pelo Principe Regente nosso Senhor, em Portaria de 5 de Março de 1812, que se publicou por esta intendencia em Edital affixado a 6 do ditto mez e anno.

3. Todos aquelles individuos, que achando-se nos termos expressados se naõ conformarem ao referido, seraõ prezos, e obrigados immediatamente a irem empregar-se nos sobreditos trabalhos, aonde precisos forem, vencendo além da comedoria do estilo hum jornal inferior ao do preço corrente, o qual em pena da sua desobediencia lhes será taxado pela Camara, a que pertencer o districto em que forem occupados; e a referida taxa naõ poderá ser abaixo de 240 réis diarios aos homens, e 120 réis ás mulheres, e rapazes.

4. O Lavrador que precisar de taes jornaleiros, passado o dia 15 do corrente, os poderá requerer nesta intendencia apresentando-se a esse fim legitimado com huma Guia expedida pelo Presidente de Camara, em cujo districto tiver a sua residencia, e tendo assignado hum termo em que se obrigue a satisfazer o preço regulado na forma do artigo antecedente, e pelo tempo que declarar se lhe fazem necessarios os mesmos jornaleiros para empregar nos seus trabalhos, para por esta intendencia lhe serem entregues.

5. Em ordem a facilitarem os ajustes dos Lavradores com os homens de trabalho de que precisarem, a Praça de

Campo de Santa Anna servirá para que nos Domingos de cada semana, começando No. 1. depois do dia 15 do corrente, os individuos de hum, e outro sexo, que se acharem nas circumstancias referidas, concorraõ a dita praça, ajuntando-se alli a fim de contractarem com os ditos Lavradores, nomeando entre si capatazes da sua escolha, para formarem ranchos, e passarem logo a empregar se no trabalho, como he costume geralmente praticado nas terras do reino.

6. Ajuntado o rancho, e assignado pelo Lavrador o termo de que trata o artigo 4. será o mesmo Lavrador obrigado a prestar a cada pessoa do rancho 40 réis por legoa para as despezas do caminho, acompanhando o referido Lavrador, ou pessoa por elle proposta os jornaleiros de que assim se encarregar, para conduzillos ás Terras, em que se propozer empregallos.

7. Os Ministros Criminaes dos Bairros desta Capital, os juizes de fora, e ordinarios das terras da Estremadura teraõ cuidado de vigiar sobre a observancia do que fica estabelecido especialmente nos artigos 2. e 3. O mesmo faraõ as Patrulhas da Guarda Real da Policia, ficando particularmente incumbido ao Juiz do Crime do Bairro de Andaluz ter cuidado, e dar as providencias proprias para que no ajuntamento em praça, de que trata o artigo 5. haja regularidade, e boa ordem.

E para que chegue á noticia de todos, cumprindo-se assim, mandei lavrar o presente Edital, que será impresso, e affixado em todos os lugares publicos desta Capital, e na Provincia da Estremadura, para que das disposições nelle conteudas se naõ possa allegar ignorancia.—Lisboa, em 3 de Novembro de 1813.

Joaõ de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhaes.

EDITAL.

Domingos Joze Cardozo, Commendador da Ordem de Christo, Desembargador da Caza da Supplicaçaõ, e Commissario em Chefe do Exercito Portuguez, por S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, &c.

Naõ tendo esquecido aos Paternaes Cuidados de S. A. R. todas as providencias, que as circumstancias actuaes tem of-

ferecido para remediar os males que a prezente guerra tem occazionado aos povos : pelas providentes ordens que me foraõ dirigidas em 1 de Outubro do Corrente anno, taõbem tem merecido a sua consideraçaõ o pagamento das dividas de transportes atrazadas ; mandando consignar para este fim sommas equivalentes para se amortizarem ; mas sendo necessario saber-se ao certo a importancia das ditas dividas para regular os pagamentos com a igualdade, que he propria da sua indefectivel justiça, naõ he possivel verificarem-se nesta parte as justas intençoens de S. A. R., sem que primeiro sejaõ reunidos e legalizados todos os documentos, que existem em poder das pessoas, aquem pertencem.

Para verificar pois esta medida assaz necessaria, vou por este Edital fazer publico, que na Corte e Provincia da Extremadura está auctorisado o Assistente Commissario, Clemente Eleuterio Amado, para receber todos os documentos, que se lhe aprezentarem das dividas dos transportes ; e que o mesmo está obrigado a dar ás partes cautelas interinas, que seraõ as copias dos mesmos documentos, em quanto lhes naõ entregar os seos legitimos titulos.

Que do mesmo modo estaõ auctorizados no Algarve o deputado Joaquim Gomes de Abreo, rezidente em Estremoz ; na Beira-baixa, o Commissario Joze Antonio Velozo, rezidente no Rocio de Abrantes ; na Beira-alta, o Assistente Commissario Manoel Lopes de Figueiredo, rezidente no porto da Raiva, e o deputado Commissario Geral Joaquim de Magalhens e Menezes, rezidente em Lamego ; no Porto e Minho, o Commissario Domingos Joaquim de Almeida, rezidente na dita cidade ; e em Traz-os-Montes, o deputado Francisco Luis Ferreira, rezidente em Chaves.

Que os sobreditos empregados estaõ munidos de instrucçoens necessarias para promover as solemnidades que a Lei exige para a validade dos ditos documentos ; facilitando-se deste modo ás partes as diligencias, que de outro modo seriaõ muito incommodas ; em razaõ das grandes distancias, em que se achaõ os empregados, de quem dependem as sobreditas solemnidades.

Que para maior commodidade das partes etaõ taõ bem autorizados os Ministros Territoriaes para receberem os referidos documentos, passando cautelas interinas, e havendo dos sobreditos deputados as copias acima ditas, para entregarem ás partes, as quaes ficaraõ inteiramente tendo a mesma validade, que os originaes donde forem extrahidas.

Que depois de reunidos e legalizados os referidos documentos, seraõ numerados os titulos, que se houverem de

dar as partes, para por via delles serem chamadas por sua ordem para os pagamentos, que se houverem de fazer.

Que aquelles Vales, que naõ podem ser legalizados por defeituozos, seraõ entregues ás partes para uzarem dos recursos, que lhes competirem; e nos mesmos vales será declarado o motivo, porque naõ saõ aprovados.

Todas as referidas providencias, que S. A. R. foi servido estabelecer, devem ser executadas com a maior exactidaõ possivel pelos empregados para esse fim escolhidos; e supposto mereçaõ toda a confiança, todavia, se algum se mostrar omisso nas diligencias de que foi encarregado, havendo parte queixosa, será por sua via indemnizada de todo o prejuizo que soffrer: do que para constar, mandei affixar o prezente Edital, que vai por mim assignado.

Domingos Joze Cardozo.

Lisboa,
12 de Novembro, de 1813.

ANNUNCIO

Feito, e mandado publicar pelo Secretario da Instituiçaõ Vaccinica, que servia no mez de Dezembro de 1813, *Fran- Elias Rodrigues da Silva.*

A Instituiçaõ Vaccinica da Academia Real das Sciencias, dezejando promover quanto lhe he possivel a Vaccinaçaõ, e tendo feito avizo pela Gazeta de Lisboa aos Senhores Cirurgioens desta Capital, que aquelles que quizessem vaccinar nas suas cazas nos dias estabelecidos pela Instituiçaõ, houvessem de lhe enviar os seos nomes, e rezidencia, sendo por isso julgados Correspondentes, a fim de que as suas observaçoens se inserissem nas contas dadas pelos respectivos Secretarios, segundo o trimestre a que pertencessem, e taõbem para que este serviço de beneficencia publica caminhasse com a maior regularidade e proveito, produzindo ao mesmo tempo commodidade a quem procurasse o Soberano prezervativo das bexigas: o Sr. *Antonio Lopes de Abreu*, cirurgiaõ, assistente no Paço do *Bem formozo*, No. 348, Bairro da *Mouraria*, Levado do dezejo de ser util a Naçaõ, offereceo se para vaccinar gratuitamente em sua caza á toda a

pessoa, que por semelhante motivo o procurasse nas Quartas feiras á tarde, e Domingos pela manham nas horas do costume. Pelo que lhe foi remettida da mesma Instituiçaõ materia Vaccinica fresca para começo das suas philantropicas tarefas.

Naõ posso deixar de aproveitar esta occasiaõ para participar igualmente ao Publico, da parte da Instituiçaõ, que em alguns Districtos do Bairro, segundo a relaçaõ dos correspondentes, ja naõ apparece huma unica pessoa á vaccinar se ; pois que todas, que estavaõ no Cazo de o serem, o tem sido pelos desvelos e persuasoens dos Vaccinadores, Reverendos Parrochos, e Ministros Territoriaes : rezultando daqui o ser ja ali desconhecido o flagello das bexigas, quando alias em outros vezinhos, por menos sugeitos, e surdos ás vozes da verdade, e da razaõ, tem este terrivel mal levado ao tumulo muitas victimas. Por tanto rogamos em nome da humanidade aos nossos correspondentes, e a quem competir satisfazer ás sabias determinaçoens do nosso vigilante Governo neste ramo de beneficencia publica, hajaõ de naõ afrouxar no philantropico trabalho da vaccinaçaõ, empregando todos os meios possiveis de persuadir os Povos, a fim de que estes naõ sejaõ privados de hum taõ saudavel donativo, que a Providencia nos concedeo, e que taõ util tem sido a Humanidade*.

* Com a satisfacçaõ de verdadeiros Portuguezes transcrevemos este Annuncio, que naõ só faz honra ao Governo que protege huma taõ util e benefica Instituiçaõ, mas com muita particularidade á Real Academia das Sciencias de Lisboa. Esta illustre e benemerita Sociedade, naõ contente com instruir os seos compatriotas por meio de trabalhos assiduos em todos os ramos da Literatura e das Sciencias, procura taõ bem praticamente concorrer para a felicidade da sua naçaõ, Libertando-a de hum dos maiores flagellos que destroem a humanidade. Nós conformando-nos com taõ sabias intençoens, daremos em os Nos. seguintes do nosso Jornal, para desengano dos Povos, a *Exposiçaõ dos Factos athé agora colligidos sobre os effeitos da Vaccina ; e o Exame de todas as objecçoens que em differentes tempos se tem feito contra ella.* Por esta *Exposiçaõ*, que he obra de M. M. Berthollet, Percy, e Hallé, veraõ conseguintemente todas as pessoas, ainda preocupadas conta este efficacissimo remedio, a quanto se expoem, e as suas familias por naõ quererem uzar delle, e o pouco credito que merecem os ignorantes ou os preversos, que pertendem horroriza-las com o perigo imaginario de hum prezervativo, abonado por milhoens de experiencias e de factos.

Nota dos Redactores.

Pela Repartiçaõ da Decima se publicou o Edital Seguinte.

O Dr. Joze Antonio de Sá, Fidalgo Cavalleiro da Caza de S. A. R. do seo conselho, conselheiro honorario da Sua Real Fazenda, Dezembargador da Caza da Supplicaçaõ, e Superintendente Geral da Decima desta cidade, e seo termo, pelo mesmo Senhor, que Deos Guarde, &c.

Faço saber, que pela Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda me foi dirigido o Avizo do theor seguinte:—"O Principe Regente Nosso Senhor Manda remetter a V. S., para sua intelligencia, a Copia do Avizo, que nesta data se expedio ao Conselho da Fazenda."

Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo, em 20 de Novembro de 1813.

Alexandre Joze Ferreira Castello.

Sr. Joze Antonio de Sá.

Cumpra-se, e registe-se.

Lisboa,
22 de Novembro, de 1813.

Dr. Sá.

COPIA

DE QUE TRATA O AVIZO SUPRA.

Illmo. e Exmo. Snr.

O Principe Regente Nosso Senhor, em conformidade da Sua immediata Resoluçaõ de 27 de Março do corrente anno, Manda declarar ao Conselho da Fazenda, que ficaõ izentas de Decima, durante as actuaes calamidades da guerra, as somas emprestadas gratuitamente, tanto antes como depois da data do Avizo de 9 de Setembro proximo passado; com tanto que naõ excedaõ a quantia de quatrocentos e oitenta mil reis. O que Vossa Excellencia fará prezente ao mesmo conselho, para assim se executar.

Deos Guarde a Vossa Excellencia.

Palacio do Governo, em 20 de Novembro, de 1813.

Alexandre Jose Ferreira Castello.

Sr. Visconde de Balsemaõ.

E para que chegue á noticia de todos, mandei affixar o prezente, devendo por elle entender-se o outro meo Edital de 24 de Setembro proximo precedente.

Lisboa,
30 de Novembro de 1813.

Jose Antonio de Sá.

Quartel General de Ustaritz, 9 *de Dezembro de* 1813.

ORDEM DO DIA.

O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal Beresford, Marquez de Campo Maior, obedecendo as ordens de SS. EE. os Senhores Governadores do Reino, dá a conhecer ao Exercito de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor as duas Cartas, que abaixo seguem, ás quaes, vindo de taõ altas Autoridades, naõ deve Sua Excellencia acrescentar mais couza alguma, do que felicitar o Exercito de S. A. R. por motivo de taõ distinctos, decisivos, e altos testemunhos do seo merecimento.

1. CARTA.

Illmo. e Exmo. Sr.

Naõ podendo deixar de cauzar o mais vivo enthusiasmo no Exercito, o conhecimento do quanto Sua Altéza Real o Principe Regente do Reino Unido aprecia, e considera os serviços prestados pelo Exercito Portuguez á cauza commum; e sendo bem de crer, que depois da Benigna Approvaçaõ do seo Soberano, o Principe Regente de Portugal, nenhuma pode ser mais satisfactoria para o mesmo Exercito, e para Vossa Excellencia mesmo; o Governo julga naõ dever retardar a Vossa Excellencia o dito conhecimento, para que Vossa Excellencia o possa communicar ao Exercito, que taõ dignamente se tem comportado, e que tem Sabido merecer estes taõ justos como lizongeiros elogios. Para o referido fim remetto a Vossa Excellencia a copia incluza da Carta que Lord Castlereagh escreveo a Lord

Strangford, e que foi communicada a este governo officialmente, e por ordem da sua Corte, pelo cavalleiro Sir Carlos Stuart.

Deos Guarde a Vossa Excellencia.

Lisboa no Palacio do Governo, em 20 de Novembro de 1813.

D. Miguel Pereira Forjaz.

Sr. Marquez de Campo Maior.

II. CARTA.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 11 *de Outubro de* 1813.

My Lord,

A importante e distincta parte, que constantemente tem tido as Tropas de Portugal nas brilhantes acçoens da prezente campanha, nunca deixáraõ de chamar, em todos os seos successivos triumfos, a particular attençaõ do Principe Regente, nem de excitar a mais viva e decidida admiraçaõ de S. A. R.

Devo pois communicar a V. S. as positivas ordens do Principe Regente para que, em Audiencia especial, requerida para este fim, haja V. S. de offerecer ao Principe Regente de Portugal as sinceras e affectuozas congratulaçoens de S A. R. pelos emminentes serviços de suas tropas, cuja reputaçaõ Militar se acha estabelecida por huma serie de feitos de armas athe hum ponto, que as faz credoras do respeito, e confiança de todo o Exercito.

Pode V. S. asseverar ao Principe Regente de Portugal, que S. A. R. encarrega a V. S. de lhe manifestar os seos sentimentos nesta interessante occaziaõ com hum prazer naõ menos sincero do que aquelle que S. A. R tem experimentado em applaudir as Tropas Britanicas, que unidas á seos Camaradas, Portuguezes e Hespanhoes, tem participado de gloria de expulsarem quasi inteiramente o inimigo da Peninsula, persuadindo-se S. A. R que para o cumplemento desta grande obra nada mais se requer do que perseverança da parte dos Alliados, uniaõ indissoluvel, e constancia em sustentar no dia do combate aquelle valor e dis-

ciplina, que athe ao prezente tem taõ emminentemente caracterizado o seo comportamento.

Sou com todas as veras, e respeito,

My Lord,

(Assignado) CASTLEREAGH.

VISCONDE STRANGFORD,
K. B. &c. &c. &c.

Ajudante General MOZINHO.

A Meza do Desembargo do Paço foi expedido o seguinte Aviso e Copias que o acompanhaõ.

O Principe Regente Nosso Senhor manda remetter á Meza do Desembargo do Paço, por Copia, o Decreto de 5 de Setembro do Corrente anno, pelo qual foi servido conceder a *D. Isabel Freire de Andrade*, ao *Principal Freire*, e a *Nuno Freire de Andrade*, faculdade para poderem mandar imprimir o processo que se formalizou em conselho de guerra, sobre o conducta do Tenente General *Bernardim Freire de Andrade* seo Marido e Irmaõ, a fim de que possa constar muito circunstanciadamente e com a maior notoriedade a innocencia do dito *Bernardim Freire de Andrade*, e se manifeste o zelo, honra, e fidelidade, com que o servio em todas as commissoens de que foi encarregado, imitando dignamente a conducta dos seos Maiores, que sem interrupçaõ taõ distinctos serviços fizeraõ á Sua Real Coroa: e Ordena, que a Meza do Desembargo do Paço expeça os Despachos necessarios para se poder fazer a dita impressaõ, sem dependencia de outra alguma auctoridade. O que V. S. fará prezente na sobredita Meza para que assim se execute.

Deos Guarde a V. S.

Palacio do Governo em 16 de Dezembro de 1813.

Joaõ Antonio Salter de Mendonça.

Sr. Manoel Nicoláo Esteves Negraõ.

O Principe Regente Nosso Senhor manda remetter aos Governadores do Reino de Portugal e dos Algarves o Decreto incluzo pelo qual Sua Alteza Real se dignou annuir á Reprezentaçaõ de *D. Izabel Freire de Andrade*, viuva do Tenente General *Bernardim Freire de Andrade*, e seos cunhados, o Principal *Freire*, e *Nuno Freire de Andrade*, Determinando que se desse toda a publicidade á Justificaçaõ a que se procedêra pelo Conselho da Guerra á favor daquelle Tenente General, a fim de que os mesmos Governadores o hajaõ de dar á devida execuçaõ.

Deos Guarde a Vossa Excellencia.

Palacio do Rio de Janeiro em 7 de Setembro de 1813.

Conde das Galvêas.

Sr. Patriarcha Eleito de Lisboa.

DECRETO.

Havendo-me reprezentado *D. Izabel Freire de Andrade*, Viuva do Tenente General *Bernardim Freire de Andrade*, e seos cunhados, o Principal *Freire*, e *Nuno Freire de Andrade*, quanto lhes importava para a conservaçaõ do conceito de fidelidade, lealdade, e amor á seos legitimos Soberanos, que sempre distinguio os seos Predecessores, e se transmittio invariavel aos seos actuaes descendentes, que se facilitasse a mais notorio publicidade á Justificaçaõ que obteve o sobredito Tenente General por sentença do conselho de guerra, a que mandei proceder por Carta Regia da data do 1 de Abril de 1809, a fim de se conhecer da conducta daquelle Official General, Encarregado do Governo das Armas do Partido do Porto, e Commandante em Chefe das Minhas Tropas nas Provincias do Norte: Querendo eu por effeito da Minha Indefectivel Justiça annuir a taõ attendiveis rogativas dirigidas a moderar a justa consternaçaõ de huma familia afflicta e magoada pelo cruel e iniquo assassinato commettido na pessoa de hum marido, e irmaõ, por effeito das desgraçadas desordens, a que daõ cauza os tumulos populares, e os alaridos e vociferaçoens, com que os mal intencionados se arrojaõ a inculcar indistinctamente por traidores assim os culpados como os innocentes: sou servido conceder aos supplicantes

a faculdade de poder mandar imprimir na forma que requerem o processo, que se formalizou sobre este horrendo cazo, para que possa constar mui circumstanciadamente, com a maior notoriedade, a innocencia do referido Tenente General *Bernardim Freire de Andrade*, e se manifeste o zelo, honra e fidelidade, com que me servio em todas as commissoens, de que fui servido encarrega-lo, imitando dignamente a conducta dos seos Maiores, que sem interrupçaõ taõ distinctos serviços fizeraõ á Minha Real Coroa. Os Governadores do Reino de Portugal e dos Algarves assim o tenhaõ entendido, e façaõ expedir os Despachos necessarios para sua devida execuçaõ.

Palacio do Rio de Janeiro em 5 de Septembro de 1813.

Com a Rubrica do Principe Regente Nosso Senhor.

EDITAL.

A' Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegaçaõ, baixou o seguinte Avizo.

Illmo e Emo Sr.

Tendo Mr. W. Acourt, Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de S M. Britanica, junto das Potencias Barbarescas, e munido de plenos poderes do Governo destes Reinos, em nome de S. A. R. o Principe Regente, N. S., concluido e assignado aos 16 de Outubro deste anno, hum Tratado de prorogaçaõ de tregoa entre este Reino e o Bey de Tunes, por espaço de tres annos, contados da data da ratificaçaõ durante os quaes os subditos e vassallos de Portugal poderaõ livremente navegar sem serem molestados pelos navios de guerra, ou Corsarios da dita Potencia de Tunes, podendo comerciar nos seos portos livremente, e pagando unica e geralmente os direitos de quatro e meio por cento de todas as mercadorias, que alli importarem, do mesmo modo que se pratica com os Subditos Tunezinos; e havendo o Governo destes Reinos ratificado na data de hontem em nome de S. A. R. o referido Tratado; o manda assim communicar á Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegaçaõ destes Reinos e Seos Dominios, para sua intelligencia, e para que assim o faça constar

ao Publico por Editaes, fazendo-os ao mesmo tempo inserir na Gazeta de Lisboa·

Deos guarde a V. Ex. Palacio do Governo em 21 de Dezembro de 1813.

D. Miguel Pereira Forjaz.
Sr. Cypriano Ribeiro Freire.

E para assim constar se mandáraõ affixar Editaes.

Lisboa, 23 de Dezembro de 1813.

Joze Acurcio das Neves.

SICILIA.

GAZETA BRITANNICA.

Sabado, 6 de Novembro, 1813.

Havendo o Tenente General Lord Guilherme Bentinck, contrahido a obrigaçaõ com S. M. el Rei, e com S. A. R. o Principe Hereditario de fazer quanto está da sua parte, para que a constituiçaõ livre da Sicilia, munida com a aprovaçaõ real, naõ comprometa nem a segurança da coroa nem a tranquilidade publica; e tendo alem disto em vista outras mui obvias consideraçoens, faz saber o seguinte:

Que em quanto se naõ convocar o Parlamento para dar as providencias precisas para manter a ordem, e a felicidade desta Ilha; em quanto naõ cessarem a confusaõ e as desordens que naõ só ameaçaõ com huma fatal destruiçaõ a liberdade dos vassallos, mas a mesma estabilidade do Estado; e em quanto finalmente a glorioza obra da constituiçaõ, com taõ bom agoiro principiada no parlamento de 1812, naõ tiver huma marcha solida e regular; elle se julga responsavel a manter a tranquilidade publica do reino por meio da força que está debaixo do seo commando E declara igualmente: que mandará punir por hum processo militar e summario a todos os perturbadores do socego publico; a todos os assassi-

nos, e outros inimigos da constituiçaõ, que por qualquer forma que seja, impedirem as operaçoens do governo, ou lhe fizerem alguma oppoziçaõ.

Palermo, 31 *de Outubro, de* 1813.

W. C. Bentinck.

Desgraçadamente cada vez se comprova mais o que dissemos a folh. 325 do No. XXX. do nosso Jornal, a respeito deste reino. 'Quando huma naçaõ estrangeira se a balança a intrometer se na legislaçaõ, e economia politica de outros povos, naõ deve esperar senaõ desordens, e talvez calamidades, que nunca podem compensar o bem que se lhes quer fazer, ainda quando nisto as intençoens sejaõ as mais liberaes e as mais sinceras. Hum povo he bem como hum individuo; que nunca recebe de vontade concelhos, ou ainda beneficios que elle naõ exige, ou que julga lhe saõ dados em razaõ da sua inferioridade. Hé esta talvez huma enfermidade da nossa natureza; mas existe realmente dentro dos nossos coraçoens; e quando vemos que nos querem governar pessoas que naõ tem relaçoens algumas proximas com nosco, entaõ o nosso amor proprio se exalta; e tendo só em vista a nossa independencia, longe de agradecermos os favores que nos prestaõ, antes os desprezamos, e muitas vezes os tomamos por insultos. Outra consideraçaõ que a meo ver he muito essencial, e que nunca se deve perder de vista he que toda a influencia a beneficio de huma naçaõ ou mesmo de hum individuo nunca se deve por em pratica na occasiaõ em que as grandes paixoens estaõ no seo maior desenvolvimento. Nestes periodos de loucura publica ou privada para nada se attende senaõ para os estimulos do momento; e hé impossivel na realidade lançar estaõ vistas pacificas ou imparciaes ou seja para o passado ou para o futuro. Os homens que nesses momentos infelizes nem tem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, achaõ-se verdadeiramente em hum perfeito frenezi; e para que possaõ attender para os seos verdadeiros interesses he necessario que primeiro voltem para o seo estado natural de tranquilidade e de socegó. Neste cazo estaõ segundo pensamos os desgraçados Sicilianos. Havendo prezenciado huma terrivel revoluçaõ; fermentando-lhes ainda na cabeça todo o veneno das opinioens politicas; tendo em frente hum inimigo sagaz e maliciozo, que está de posse da mais notavel porçaõ de territorio que em outro tempo formava todo aquelle reino, e que por consequencia ha de empregar todos os meios de seducçaõ e

de perfidia para inquietar aquelle resto de individuos sobre os quaes ainda pertende dominar; e vendo-se alem disto rodeados de outra força estrangeira, que na realidade pertende livra-los da opressaõ em que gemem seos irmaõs, mas que se lhe faz suspeitoza, só porque he estrangeira; como podem estes illuzos e infelizes habitantes ter bastante serenidade de espirito para receberem qualquer saudavel remedio com que se queiraõ curar as suas feridas ou os seos males? Concluamos pois; que mudanças feitas na constituiçaõ de qualquer paiz em tempos de guerra ou de fermentaçaõ publica nunca saõ proveitosas, e muitas vezes produzem males de huma natureza bem sinistra. E que quando estas se hajaõ de fazer, se busque sempre o consentimento, e a bem explicita vontade de quem governa; o que se naõ pode conseguir senaõ em epochas de huma profunda paz. Da qui succede, que naõ se tomando estas cautellas, as forças que se podiaõ ou deviaõ empregar na defensa do proprio paiz, ou em fazer uteis diversoens fora delle, ficaõ annulladas pela applicaçaõ que lhes he preciso dar a fim de manter a ordem publica, e reprimir a opposiçaõ dos mal intencionados, ou dos illudidos com falsas ideas da sua felicidade. Quanto uteis naõ teriaõ sido agora por consequencia as forças Anglo-Sicilianas, de que a Sicilia necessita para conservar o seo socego, se podessem ser empregadas ou na Catalunha ou na Italia? E passando a hum cazo bem analogo, que incalculaveis bens naõ teria feito á cauza commum a Hespanha, se em lugar de ter esperdiçado por espaço de cinco annos toda a sua energia em combates de tribuna na salla das suas Cortes se tivesse aplicado a formar exercitos formidaveis, que naõ só lhe tivessem dado mais cedo a sua independencia, mas podessem hoje hir dar hum castigo exemplar ao uzurpador, que lhe queimou as suas cidades, lhe assolou os seos campos, lhe cobrio de lucto quasi todas as suas familias, e atrozmente lheroubou os seos legitimos soberanos? Esperamos pois que os exemplos passados sejaõ huma liçaõ importante para o futuro; e que todos as naçoens, emendando as suas imprudencias e os seos erros, se unaõ hoje de boa fé, e com os laços he huma politica franca e liberal, para o restabelecimento de huma paz duravel, e da liberdade da Europa.

INGLATERRA.

MONUMENTO

AO

MARQUEZ DE WELLINGTON.

Os Directores que tem sido nomeados para effeituar a glorioza empreza de erguer na Metropoli da Irlanda algum Testemunho Publico Nacional, para com elle se perpetuarem os Grandes Feitos Militares do Heroe o Feld-Marechal, Marquez de Wellington, informaõ os Artistas do Reino Unido da Gram Bratanha: que lhes ficaráõ summamente agradecidos por todos os Modelos, Planos, Estimativas, ou outra qualquer communicaçaõ respectiva á este grande projecto Nacional, que os ditos Artistas se dignarem enviarlhes antes ou no dia 1 de Julho de 1814. Os Directores julgaõ do seo dever o naõ assignar o lugar onde convem erguer o dito Monumento, sem terem primeiramente recebido as opinioens dos Artistas sobre este ponto. Dizem somente, que muito dezejeriaõ, que a situaçaõ tivesse todas as vantagens capazes de milhor realçar este grande Padraõ; tanto por que o seo objecto naõ tem parallelo na historia moderna, como por que assim vira a contribuir para ornar a Metropoli, que hé a Patria do Heroe, cuja fama se intenta eternizar.

Taõ anciozos estaõ os habitantes deste reino de ver o cumplemento desta obra, que das suas subscripçoens ja se tem junto a quantia de onze mil e 500 libras; e segundo as generozas promessas feitas aos Directores, julgaõ que naõ excedem os limites da liberalidade publica quando calculaõ em 15,000 libras o total das somas que se devem receber. Portanto os artistas poderaõ propor planos equivalentes á esta quantia; e se acazo ella exceder, o que muito dezejamos, será entaõ facil empregar este acrescimo em ornatos que muito mais façaõ sobre sahir a dita obra. Os Directores se lizonjeaõ, que o espirito patriotico, e a co-operaçaõ efficaz dos Artistas do Reino Unido lhes prestaráõ todo o auxilio necessario para pagarem de hum modo, verdadeira-

mente digno do seo objecto, este tributo nacional de admiraçaõ e de aplauzo. No em tanto tem a maior satisfacçaõ de poderem ja dar os seos agradecimentos á todos os Artistas emminentes, que taõ bem ja lhestem generozamente offerecido os seos talentos e serviços.

JOHN POMEROI, Secretario.

Dublin, 14 *de Dezembro*, 1813.

TRATADO

DE ALLIANÇA ENTRE A GRAM BRETANHA E A AUSTRIA.

Em nome da Sanctissima e Individua Trindade.

S. M. o Imperador da Austria, Rei da Hungria, e Bohemia, e S. M. o Rei do Reino Unido da Gram Bretanha, e Irlanda, reciprocamente movidos pelo desejo de renovar a amizade e boa intelligencia entre as respectivas coroas, e estados; e convencidos da necessidade de entrarem em convençoens, a fim de accelerar o mui desejado momento de huma paz geral, a qual restaurando huma justa balança de poder entre as Potencias firmaria o socego, e felicidade da Europa nas bases as mais solidas e permanentes; e anciosos de obterem estes dois objectos, tem concordado em concluir este presente Tratado Preliminar de Alliança.

Para este fim suas Magestades tem nomeado por seos Plenipotenciarios a saber. S. M. o Imperador da Austria, Rei da Hungria e Bohemia, á M. Clemente Wenceslaõ Lothario, Conde de Metternich, Winnebourg Ocksenhausin, Cavalleiro do Tozaõ d'oiro, Graõ Cruz da Real Ordem Hungara de Santo Estevaõ, das ordens de Santo André, de Santo Alexandre Newski e de Sancta Anna de Russia; e juntamente das Ordens da Aguia negra, e Aguia vermelha da Prussia, e de muitas outras, Chanceller da Ordem Militar de Maria Theresa, Protector da Academia Imperial de todas as artes liberaes, Actual Thesoireiro de S. M. I., seo conselheiro privado, secretario de Estado, e Conferencias; e Ministros dos Negocios Estrangeiros, e S. M. o Rei da Gram Bretanha, a Lord Jorge Gordon, Conde de Aberdeen, Visconde Termatine, Lord Haddo, Melhlie, Jarvis e Kellie,

&c., hum dos 16 Pares da Escossia, na cazo dos Lords, Cavalleiro do antiquissima, e noblissima ordem do Cardo, Embaixador Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario junto á S. M. o Imperador da Austria, &c.; os quaes depois de haverem trocado os seos respectivos plenos poderes, conviéraõ nos artigos seguintes:—

Artigo I. Haverá para sempre uniaõ e sincera amizade entre S. M. o Imperador da Austria, &c. e S. M. o Rei da Gram Bretanha e Irlanda, seos herdeiros, successores; e as antigas connexoens entre as duas cortes seraõ plenamente restauradas. Em consequencia, as duas potencias contractantes poraõ todo o cuidado em manter a harmonia e boa intelligencia, que existem entre ellas, e em evitar tudo o que tenda a alterar a concordia felizmente restaurada entre ellas. O mais cedo possivel concordaraõ taõbem em artigos de hum Tratado Definitivo de Alliança.

2. Sua Magestade o Imperador da Austria firmemente decidido a continuar a prezente guerra com todo o vigor possivel, se obriga a empregar todas as suas forças em operaçoens activas contra o inimigo commum.

3. Para concorrer as mesmo fim sua Magestade o Rei da Gram Bretanha e Irlanda se obriga da sua parte a apoiar os esforços da Austria com os meios mais efficazes.

4. As duas altas partes contractantes proseguiraõ as operaçoens militares com o mais perfeita uniaõ: ellas se communicaraõ francamente tudo o que for respectivo á sua politica.

Porem sobre tudo ellas ambas se obrigaõ a naõ entrar em negociaçoens separadas com o inimigo commum, a naõ assignar nem paz, nem tregoa, nem qualquer convençaõ, que naõ seja de commum acordo.

5. Poderaõ haver officiaes acreditados junto dos generaes em chefe dos diversos exercitos activos; elles teraõ o direito de se corresponderem com as suas cortes, e de as informar constantemente dos acontecimentos militares, que occorrerem, bem como de tudo o que for relativo ás operaçoens dos dittos exercitos.

6. As relaçoens commerciaes entre as duas naçoens seraõ mutuamente restauradas.

7. Este presente Tratado sera communicado aos alliados de ambas as cortes.

8. O presente Tratado será reciprocamente ratificado dentro de dois mezes, e ainda mais cedo, se possivel fór. Em fe do que, nós abaixo assignados em virtude dos nossos Plenos poderes temos assignado o presente Tratado pre-

liminar de alliança, e lhe temos posto o sello das nossas armas.

Feito em Toplitz, a 3 *de Outubro de* 1813.

(L. B.)

(Assignados) Clement Wenceslao Lothario.
Conde de Metternich, Winneburg, Ochsenhausen.

(L. A.)

Aberdeen.

Repartiçaõ dos Negocios Estrangeiros.

15 *de Janeiro,* 1814.

Os officios de que damos as seguintes copias, foram recebidos nesta Secretaria, dirigidos ao Visconde de Castlereagh pelo Lord Burghersh, e por S. E. o General Visconde Catchcart:—

Basle, 2 *de Janeiro, de* 1814.

My Lord,

Tenho a honra de participar a V. S. que o General Bubna entrou em Genebra no dia 30, por capitulaçaõ. O official que commandava a guarniçaõ Franceza naquella praça naõ tinha meios de resistencia, e tambem tinha toda a razaõ para temer hostilidades da parte dos habitantes; foi lhe concedido retirar se com a sua guarniçaõ, quando os Austriacos tomaram posse da praça.

O povo de Genebra está para restablecer o seu antigo governo; e tem manifestado a mais decidida aversaõ ao dominio da França, ao qual a força os tinha sujeitado: e eu espero que elle effectivamente possa estar seguro de naõ tornar a ter a mesma desgraça.

No Ducado de Saboia, o mesmo espirito de aversaõ contra a tyrania da Franca, se tem universalmente mostrado. Ja se tem começado huma organisaçaõ no paiz com o fim de manter a sua antiga independencia; nos ainda estamos sem relaçoens circunstanciadas a este respeito; porem tenho esperança da transmittir a V. S. muito cedo, as mais favoraveis noticias daquelle paiz. O corpo de Austriacos, ás ordens do General Biouchi, está occupado em investir Befort: este rendeo a divisaõ do corpo do General Wrede,

que antes estava empregada naquelle serviço e a qual tendo-se reunido áquelle official, ha de avançar a manhaã sobre Colmar. O General Biouchi tem a sua guarda avançada em Vesoul, e tem tido ordem de inviar partidas consideraveis para Langres. Pelas relaçoens daquelle official, sabe-se que os Austriacos tem encontrado o melhor accolhimento possivel nos habitantes de França.

O corpo de Austriacos debaixo das ordens do Principe de Hesse, hade chegar perto de Besançon, no dia 9 deste mez e ha investir aquella praça.

O General Bubna tem enviado destacamentos para a Italia, e para os differentes pontos vantajosos nas estradas de Simplon, St. Bernardo, e St. Gothard. Tambem tem destacado partidas para Lyons.

Um corpo de mil Cossacos foi destacado de Altkirch para Remirmont, Epinal, e Nancy. Estas tropas saõ destinadas para reconhecer o valle do Moselle.

O General Wittgenstein foi mandado passar o Rheno, hoje, nas vizinhanças de Strasburgo, e marchar com a sua vanguarda sobre Soverne: e hade communicar pela sua direita com o General Blucher, o qual haverá passado aquelle rio com huma parte do seu corpo em Oppenheim, e com o resto delle, abaixo de Mayença. Pela sua esquerda hade communicar com o General Wrede, o qual há de avançar desde Kolmar a Schlestat, e desde aquella praça a ligar-se com aquelle official. Naõ se sabe que os Francezes tenham ate gora ajuntado força alguma consideravel em Colmar. O General Wrede ha de atacar á manhaã quem quer lá achar; porem cre-se que o inimigo naõ há de esperar por elle.

Do exercito Austriaco da Italia naõ se tem recebido informaçaõ alguma interessante depois da ultima vez que tive a honra de escrever a V. S. As tropas do commando do General Nugent entraram em Bolonha. O Quartel-general do Principe de Schwartzenberg ha de mudar-se-á manhaã, deste logar para Altkirch. O corpo do General Barclay de Tolly há de ajuntar-se naquella praça no dia 13. O Principe Schwartzenberg hade a esse tempo ter marchado para diante e ha de fazer esforço por se establecer no valle de Moselle. O fogo contra a fortaleza de Huningen começou na noite do dia 29. A segunda parallela ainda naõ está completa; e eu ainda naõ tenho observado que se tenha feito damno algum consideravel as defezas da praça.

O Principe Real de Wirtemberg attravessou o Rheno na ponte de barcos, establecida a baixo de Huningen em

Maerkt, reunio-se ao General Wrede, e ha de co-operar á manhaā com elle no seu movimento.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) BURGHERSH.

Viscende de Castlereagh, &c. &c.

Freyburg em Brisgau, 6 *de Janeiro de* 1814.

My Lord,

A cavallaria de reserva tem passado Freyburg. A manhaā as duas divizoens de guardas de infantaria Russiana, com as guardas de infantaria Prussiana, e hum excellente regimento de guardas de infantaria de Baden, haõ-de marchar por este lugar.—Ellas seraõ seguidas da artilheria de reserva, e de outras tropas.

O Quartel-general do Imperador da Russia hade mover-se com ao guardas, porem S. M. I. hade hir por Schaffhausen, e unir-se-ha á esta força, ajuntada perto de Bazilea, no dia 31 de Dezembro (12 de Janeiro) e provavelmente passara o Rheno no dia seguinte, o anniversario da sua passagem do Niemen.

O General Conde Bubna tem-se feito Senhor de Genebra, do que receberaõ-se hontem noticias officiaes. Tenho a honra de remetter inclusa huma traducçaõ do Bulletin, que se tem aqui impresso esta manhaā. Deste corpo tem-se mandado patrulhas ate Turin. O General Conde Wrede, com o exercito debaixo do seo commando, tem o seo Quartel-general em Colmar. O Principe Real de Wertemberg, está de fronte de Neu Brisac, o qual lugar está bloqueado. O Quartel-general do Generalissimo Principe Schwartzenberg, e juntamente todo o exercito Austriaco estaõ marchando de Altkirchen para Montbeillard. Befort he observado por hum destacamento.

O Conde Wittgenstein tem atravessado o Rheno perto do lugar antigamente *Fort Louis*, e tem-se assenhoreado dos dois fortes Vauban e Alsace, que o inimigo tinha evacuado.

O Marechal Blucher tem tambem passado o Rheno, e occupa Coblentz. O corpo Russiano de Langeron está de fronte de Moguncia na margem esquerda do Rheno, visto Cassel ainda resistir. O General Sacken atravessou o mesmo rio perto de Oppenheim no primeiro de Janeiro na

presença de S. M. o Rei da Prussia, e tendo escalado hum reducto, tomou seis peças de artilheria, e 700 prisioneiros. O General Russiano St. Priest atravessou abaixo de Moguncia.

Todos estes corpos tem achado pouca resistencia, e tem recebido dos habitantes o melhor acatamento. So tenho ouvido hum caso, em que os habitantes das aldeas fizeraõ fogo sobre as tropas,

Varios regimentos de Cossacos tem passado o rio, e tem patrulhado para Nancy, e em differentes direcçoens.

A terrivel febre, que grassou entre os Francezes o anno passado, o que inficionou todo o paiz, pelo qual passaraõ os restos do seo exercito, tem continuado nesta direcçaõ, e nos lugares, que elles tem occupado, em muitos dos quaes a sua violencia esta muito augmentada.

Moguncia, Leipzig, Torgau, e Dresda saõ os lugares, onde presentemente he mais destructiva. Os Francezes saõ as victimas principaes, mas tambem perecem muitos dos habitantes das aldeas adjacentes. Torgau está taõ inficionado, que seria perigozo o ahi introduzir novas tropas.

Os reforços Russianos saõ excellentes, e o exercito goza de boa saude ; tanto a gente com os cavallos estaõ na melhor condiçaõ.

Segundo as ultimas noticias corria voz, que o inimigo tinha doze mil homens em Metz. As Guardas foraõ dahi removidas, e diz-se estarem, reconcentradas ao redor de Paris, á excepçaõ de tres ou quatro mil, que se tem destacado para Flandres.

A força do inimigo em Besançon he inconsideravel ; o General que ahi commanda foi á Lyaõ, a fim de obter soccorros, mas voltou sem successo.

Tem-se aqui recebido Moniteurs datados ate o dia 30 do mez passado, neste ultimo se acha o resposta de Bonaparte á falla do Senado.

Eu tenho a honra de ser, &c.

CATHCART.

Ao Visconde Castlereagh, &c &c.

(Traducçaõ.)

Quartel-general Altkirch, 4 *de Janeiro de* 1814.

Hontem o Capitaõ Baron Wemmer chegou com despachos do *Feld-Marechal* Conde Bubna annunciando o tomada da cidade de Genebra.

Quando as tropas chegaraõ á distancia de tiro de peça Conde Bubna foi informado que a praça intentava render-se. Com tudo as columnas foraõ providas de artilheria, escadas, e fixinas, e se avançaraõ até á distancia de fogo de metralha, quando ellas viraõ a bandeira branca, e a cavallaria do inimigo retirar-se para Chamberg. O Major Conde de St. Quintin, o qual tinha sido enviado á cidade, disse que o Commandante, General Jordis, hum official velho e de merecimento, jazia mui doente com espasmos violentos, rodeado do seo Estado Maior, e que estava incapaz ou de resistir, ou de capitular.—Abriraõ-se as portas da cidade, as tropas entraraõ, e assenhorearaõ-se da cidade e da passagem sobre o Arve.—No dia 29 de Dezembro tinhaõ chegado 50 artilheiros, e corria fama, que varios batalhoens tinhaõ marchado de Turin para reforçar a guarniçaõ de Genebra, e que o Imperador Napoleaõ tinha ordenado ao General Fournier, que defendesse ate o ultimo extremo este importante posto.—Nesta fortaleza acharaõ-se excellentes petrechos de artilheria, 117 peças de canhaõ, das quaes 19 saõ de ferro, e 30 saõ peças de campanha Francezas.

Conde Bubna naõ perdeo tempo em destacar partidas para a estrada de Gex á St. Claude, a fim de segurar a passagem sobre a Jura, e juntamente patrulhas de Martigny para as montes de Simplon, e S. Bernardo.

SECRETARIA DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS,

15 *de Janeiro de* 1814.

Hum despacho, de que damos a seguinte copia, tem sido recebido nesta secretaria, dirigido ao Visconde Castlereagh pelo Tenente General o Hon. Sir Carlos Guilherme Stewart, K. B., datado de

Frankfort, 5 *de Janeiro de* 1814.

My Lord,

O nome do Marechal Blucher será taõ eternizado nos annaes militares pela sua celebre passagem do Elbe, como

pela decisaõ, e rapídez, com que acaba de atravessar o Rheno, e eu sinto muito, que a minha auzencia em Holstein me naõ permittisse presenciar hum facto, o qual eu teria gloria em relatar circunstanciadamente.

Segundo as ultimas noticias, que tenho recebido pela posta o Marechal tem passado o rio com o seo exercito em tres differentes lugares.

O Conde de St. Priest, Tenente General do corpo do Conde de Langeron, atravessou defronte de Coblentz na noite do primeiro e segundo do presente mez. Elle assenhoreou-se desta villa, tomou sete peças d'artilheria, e fez quinhentos prisioneiros.

Os Generaes Conde Langeron, e d'York passaraõ o rio em Kaub, onde o Marechal Blucher achou-se presente; e o inimigo fez pouca resistencia.

No dia 3 do corrente Conde Langeron atacou e levou de assalto Bingen, lugar este que he considerado mui forte em ponto de situaçaõ, e o qual era defendido por hum General de Brigada, com peças de canhaõ, e com infantaria. Conde Langeron fez alguns prisioneiros, e a sua perda he mui inconsideravel. Os postos avançados do Conde Langeron ja estaõ no Salzbuch de fronte de Ingelheim.

O Marechal Blucher tem avançado ate Kreuznach a pezar da inclemencia do tempo, e impracticabilidade das estradas, e os postos avançados do General d'York se encaminhaõ para o Laster.

O corpo do General Baron Sachen depois de ter passado o Rheno, forçou as trincheiras do inimigo perto de Manheim, e dirige-se para Alzey.

Eu tenho sido informado, que o Rei da Prussia estava presente ao assalto de Manheim, e que animava todos ao redor de si, como sempre o tem feito ate agora, com aquelles attributos militares, que tanto o caracterisaõ.

Estas regras eu escrevo a V. S. em quanto mudo de cavallos, e rogo V. S. queira excusar a sua imperfeiçaõ, e a pouca valia, que nellas achará, a ter ja recebido noticias mais exactas e circunstanciadas.

Eu tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CARLOS STEWART.

Tenente General.

CAPITULAÇAÕ

Da Fortaleza de Gluckstadt approvada pelas partes abaixo mencionadas, os Commandantes das forças Alliadas sitiantes por mar e por terra, e o Commandante da guarniçaõ da fortaleza.

1. As tropas navaes e militares, que constituem a guarniçaõ de Gluckstadt marcharaõ fora da fortaleza tocando tambores, e com bandeiras despregadas, e procederaõ no primeiro dia para Itzehoe, e no segundo para Kelinhausen, onde ficaraõ ate receberem ordens de S. A. R. o Principe da Coroa relativamente ao porto, donde devem partir para Sonderburg na ilha de Alsen.

2. A guarniçaõ guardará as suas armas, bagagem, os seos carros de provisoens, e os carros de muniçoens de guerra, com tanto que vazios; naõ serviraõ contra o exercito alliado, ou por mar, ou por terra, por espaço de hum anno e hum dia.

3. Todos os officiaes navaes, militares, e civis pertencentes á guarniçaõ, conservaraõ a sua propriedade particular, e receberaõ dos alliados todo o soccorro necessario para transportarem a sua bagagem, &c. &c.—Elles taobem teraõ o privilegio de conservar os seos cavallos, e tudo o que individualmente lhes pertencer.

4. As forças alliadas daraõ mantimentos á guarniçaõ, ate esta chegar em Sonderburg na ilha de Alsên.

5. A cavallaria da guarniçaõ conservara o seos cavallos, armas, e baggagem.

6. A artilheria á cavallo, constando de cinco peças de calibre trez, e juntamente com os carros de muniçaõ vazios, marchará com a guarniçaõ.

7. Toda a propriedade privada será intacta, e todas as pessoas, que se tem retirado da praça teraõ a faculdade de voltar para a fortaleza com os seos bens.

8. As forças alliadas cederaõ de todos os papeis pertencentes á guarniçaõ, exceptuando os planos da fortaleza de Gluckstadt.

9. As forças alliadas tomaraõ posse das barcas canhoneiras pertencentes á guarniçaõ, no estado em que ellas presentemente se achaõ.

10. Toda a artilheria, muniçoens, petrechos navaes e militares seraõ entregues á guarniçaõ, e ambas as partes nomearaõ commissarios, a fim de tomarem hum inventario dos ditos artigos.

11. Os officiaes occupados em empregos civis poderaõ ficar na fortaleza ate receberem outras ordens.

12. As mulheres e filhos dos officiaes militares, navaes, e civis teraõ a permissaõ de os seguir com a sua propriedade; e se lhes ministrará todo o auxilio necessario para transportarem as suas pessoas e bens á seos maridos. As forças alliadas lhes daraõ o dinheiro, que necessitarem para proseguirem na sua jornada.

13. Os doentes e feridos ficaraõ nos hospitaes, e seraõ tratados por cirurgioens Dinamarquezes á custa dos alliados; restabelecidos que sejaõ, lhes será permittido o hirem ter com a guarniçaõ.

14. Os artigos precedente seraõ assignados, e ratificados no dia 6 deste mez; e as tropas alliadas esta noite tomaraõ posse do ravelim de Krempe Thor com huma guarda de seis homens, podendo a guarniçaõ tambem por huma guarda de seis homens nos postos avançados dos alliados: as chaves da fortaleza seraõ entregues logo que os artigos forem ratificados (dos quaes se tiraraõ tres copias) e as commandantes abaixo assignados se obrigaráõ pelas suas palavras de honra de os observar com a maior exactidaõ.

Feita e assignada em Gluckstadt e Lubchessuchl de fronte da praça de Gluckstadt, a 5 de Janeiro de 1814.

(Assignados) GUSTAVUS BARON DE BOYE, Major General.

ARTHUR FARQUHAR, Commandante da Esquadra Britanica.

CERNIKOFF, Major-General, e Commandant eda Fortaleza de Gluckstadt.

A lista dos mortos e feridos á bordo da Esquadra Britanica, desde do dia 25 do mez passado ate o dia 4 do prezente, consta de tres mortos e dezaseis feridos.

As peças de bronze e ferro tomadas pelos alliados no dia 6 de Janeiro de 1814, saõ 80 peças de bronze; 35 de ferro; 12 obuzes; e 34 morteiros.

(*The Times*, 24 de *Janeiro*, de 1814)

COPIA

De hum Officio, que o Excellentissimo Senhor Marechal W. C. Beresford, Marquez de Campo Maior, dirigio a Sua Excellencia o Snr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Quartel-general d' Ustaritz, 20 *de Dezembro*, 1813.

Illmo. e Exmo. Senhor,

Sua Excellencia o Marechal-general, Duque de Victoria, deve ter sem duvida ja remettido a V. Ex. a relaçaõ de todas as acçoens que tem havido desde 9 do corrente; e a mim só me pertence o enviar agora a V. Ex. a lista incluza dos mortos, feridos, extraviados e prisioneiros que teve o exercito nas sobreditas acçoens. Profundamente sinto que o numero seja taõ grande; porem ao menos tenho a consolaçaõ de poder certificar a V. Ex. que, *o Exercito Portuguez ganhou nesta occaziaõ huma gloria mui superior á toda a que ja tinha adquirido, apezar de ser ja taõ esplendida.*

V. Ex. conhece muito bem que, *taõ alta reputaçaõ militar e tanta gloria* nunca se podem ganhar sem alguma perda; e que por consequencia o nosso prazer e admiraçaõ nunca podem deixar de vir acompanhados de algum dolorozo sentimento; que todavia menor devemos ter por aquelles que taõ gloriozamente morreraõ, doque pelos outros que ficáraõ prizioneiros, principalmente nesta occaziaõ. Sim, eu tenho a satisfacçaõ de poder informar a V. Ex. que todos os officiaes, que foraõ prizioneiros, sofreraõ esta sorte pela *sua firme resoluçaõ de se conservarem nos seòs postos; e desta forma darem athé a ultima extremidade hum exemplo aos soldados, proprio de verdadeiros officiaes.*

(Segue-se a lista dos soldados Portuguezes mortos, feridos, prizioneiros, e extraviados.)

Com hum verdadeiro e bem sincero contentamento lemos na Folha Ingleza o *Times* de 24 de Janeiro a copia do officio que acabamos de transcrever; e esta leitura servio para nos consolar hum pouco da grande magoa que nos tinha cauzado o vermos em outra Gazeta Ingleza—o *Courier*

—a publicaçaõ de huma carta realmente infame, na qual se pertende desacreditar o valor e bizarria do 1. batalhaõ de Caçadores Portuguezes na pessoa do seo Capitaõ Commandante, cujo nome se occulta. Chamamos pois com razaõ a esta carta—*infame*;—porque quando se pertende atacar com o epiteto de *Cobarde*, (epiteto que naõ se acha no Diccionario militar Portuguez) á qualquer corpo de tropas ou a qualquer official, he precizo primeiro que tudo publicar o seo nome, e depois provar o facto com irrefragaveis documentos. Naõ o faz porem assim o briozo official Inglez, que ostentando grandemente na sua carta a sua valentia e a sua fortuna, nem ao menos quiz prezentear o publico com a declaraçaõ da sua pessoa; para que Inglaterra e Portugal conhecessem o *Heroe Britanico*, que taõ insignemente substituio nos combates, de 9 athe 13 de Dezembro, hum desconhecido, mas cobarde, official Portuguez. Com effeito devemos confessar que, a impudencia de taes escriptores e de taes publicadores de cartas merece mais alguma couza do que o desprezo, e a ironia. Quando consideramos que somos Portuguezes; e quando vemos que o exercito Inglez nunca se poude conservar firme no Continente, *sem se ver arrojado ao mar*, em quanto naõ combateo ao lado das tropas Portuguezas; que nunca poude dar hum passo decisivo nas Hespanhas, em quanto o valor Lusitano o naõ auxiliou; que nunca teria entrado Ciudad Rodrigo e Badajos; vencido em Albuera, Salamanca, Vittoria, e sobre e alem dos Pirineos, sem ter no meio de si as misteriozas e invictas Quinas Portuguezes; naõ podemos na realidade deixar de nos resentir altamente deste, e de outros muitos insultos feitos contra nos pelas pennas Inglezas. Mas outra observaçaõ que naõ podemos omittir, he: que nada nos admira que o vaidozo Capitaõ Inglez quizesse ostentar grande brio e valor para com a sua familia, a quem por este modo poderia talvez extorquir algumas libras de mais; porem que o Redactor de huma Gazeta Ingleza, que pertende passar por hum homem de huma politica liberal e generoza, ouze publicar na sua folha de 5 de Janeiro esta carta insultuosa em desdoiro, do bem provado caracter militar Portuguez; e ainda alem disto acrescente, que as *suas particularidades saõ mui interessantes*, mostrando que se compraz com este ataque vergonhozo, feito a nossa bem conhecida valentia; he com effeito huma acçaõ verdadeiramente indigna de hum homem, que dezeja passar por imparcial, e unir cada vez mais os laços de amizade, que prendem as duas naçoens Portugueza e Ingleza.

Porem sirva só *por agora* de resposta a este notavel insulto, feito a todos os Capitaens do 1. batalhaõ de Caça-

dores, pois que nenhum delles se nomeia, o officio do Marechal Beresford, que acima transcrevemos; e outra nenhuma resposta nós julgariamos necessaria, se com tudo a honra pessoal de hum militar se podesse cabalmente desagravar com os elogios geraes dados a todo o exercito Portuguez. Esperamos pois, que este nosso official, assim como todos os seos camaradas, igualmente offendidos, por se naõ designar o nome do culpado, faráõ brevemente conhecer ao mundo toda a atrocidade de huma calumnia, que naõ pode ter outro fim senaõ o excitar odios e funestas rivalidades entre os dois exercitos; e por fim talvez entre as duas naçoens; que tantos interesses tem, iguaes e reciproços, de se amarem, e respeitarem com a maior cordialidade. No em tanto nós continuaremos sempre, quanto está da nossa parte, a patentear a gloria *immensa* de que se tem coberto a valeroza Naçaõ Portugueza; e jamais consentiremos, que naçaõ, ou individuo algum no mundo a ouze manchar na brilhante reputaçaõ, que por tantos titulos e por tantos seculos tem adquirido.

SECRETARIA DE GUERRA.

Downing-street, 20 *de Janeiro, de* 1814.

Extracto de hum Despacho que hoje recebeo o Conde Bathurst, e que lhe foi enviado pelo Feld-Marechal o Marquez de Wellington, datado de

S. Joaõ de Luz, a 9 *de Janeiro, de* 1814.

O inimigo juntou huma força consideravel em Gave no principio da semana; e a 3 do corrente fez retroceder os piquetes de cavallaria que estavaõ postados entre os rios Joyeuse e Bidouze, e entaõ atacou a poziçaõ da brigada Portugueza do Major-General Buchan, que estava sobre o Joyeuse, perto de La Bastida, e todos os postos da 3. divizaõ que occupava Buloe. Tendo assim o inimigo conseguido flanquear a direita da brigada do Major-general Buchan nas alturas de La Costa, e obrigando-o a retirar-se para Briscous, poude em consequencia colocar duas divizoens de infantaria sobre as dittas alturas, e em La Bastida, ficando com o resto do seo exercito sobre o Bidouze e Gave.

O nosso centro e a direita se concentráraõ em hum mo-

mento, e ja estavaõ prontos para mover-se. Reconheci por tanto o inimigo a 4; porem tive que demorar o ataque athe 6. em razaõ do máo estado do tempo, e da enchente dos ribeiros. No combate deste dia entráraõ a 3. e a 4. divizoens, commandadas pelo Tenente-general Sir Thomas Picton, e o Tenente-general Sir Lowery Cole; auxiliadas pela brigada Portugueza do Major-general Buchan, pertencente a divizaõ do General Lecor, e pela cavallaria do commando do Major-general Fane. O inimigo foi conseguintemente desalojado sem perda alguma da nossa parte, e tornámos a occupar os mesmos postos que dantes tinhamos.

As ultimas noticias, que me tem vindo da Catalunha, chegaõ athe 24 do passado, e nada de extraordinario ali tinha acontecido.

Quando estavamos escrevendo este artigo de Inglaterra, em que temos transcripto algumas couzas relativas a Portugal, extrahidas das Gazetas Inglezas, nos chegáraõ as Gazetas de Lisboa, aonde entre outras peças dignas de se publicarem vimos a ordem do dia do Marechal Marquez de Campo Maior, datada de Ustaritz, em 25 de Dezembro de 1813. Sentimos infinitamente o naõ poder-mos publicala neste No. por estar o artigo—Portugal—ja na imprensa; porque sendo huma novo testemunho, do valor e galhardia, com que as nossas tropas taõ emminentemente se houveraõ nos ultimos combates, he taõbem a refutaçaõ mais completa de quantas calumnias podem inventar os invejozos ou os preversos contra a nossa gloria militar. Em o No. seguinte a daremos pois, assim como tudo o mais que acharmos de importante nas dittas Gazetas de Lisboa; ficando no em tanto de intelligencia os nossos Leitores, que tudo o que alli se diz a respeito do valor *inquestionavel* das nossas tropas, he o que S. Ex. o Marechal, Marquez de Campo Maior, ja tem por mil vezes repetido; naõ havendo ja em a nossa lingoa expressoens com que se possa significar completamente toda a valentia e guapa resoluçaõ, que os nossos soldados tem mostrado e continuaõ a mostrar em todos os dias de batalha.

CARTA

De Sua Excellencia o Marquez de Wellington ao Embaixador de Sua Magestade Britannica junto ao Governo Hespanhol, relativa á causa, que deo origem a que se enviassem tropas Britannicas para Cadiz e Carthagena, e juntamente á ordem para que dahi se removessem as ditas tropas.

(Extrahida do Courier de 24 de Janeiro.)

S. Joaõ da Luz, 7 *de Dezembro de* 1813.

Excellentissimo Senhor,

Tenho a honra de incluir huma copia das ordens, que remetti ao commandante das tropas Britannicas em Cadiz e Carthagena, nas quaes mando que sem perda de tempo se tomem as medidas necessarias para que se retirem dos ditos lugares as tropas e effeitos pertencentes á Sua Magestade Britannica; e Vossa Excellencia faça-me o obsequio de communicar ao Governo Hespanhol esta minha resoluçaõ.

Segundo o meo modo de pensar, julgo que as operaçoens da guerra estaõ em tal estado, que naõ he provavel os ditos lugares necessitem outra vez da cooperaçaõ das tropas Britannicas, e consequentemente naõ havendo motivo, para que as ditas tropas ahi permaneçaõ, fazendo avultadas despezas ao Governo Inglez, e detrimento ao serviço de Sua Magestade, eu fiz disto representaçaõ ao meo Governo, e obtive licença do Principe Regente para as mandar retirar.

Eu teria prolongado este meo procedimento ate estar sciente do dezejo do Governo Hespanhol sobre este particular, a naõ ter lido libellos diffamatorios, que circulaõ na Hespanha sobre este assumpto, attacando a honra e boa fe de Sua Magestade Britannica; e a naõ ter percebido os esforços, que se tem feito para persuadir o publico, que as tropas de Sua Magestade se demoravaõ naquelles dous lugares com vistas sinistras; asserçaõ esta destituida de todo o apoio, e contraria á honra de Sua Magestade, como

claramente se conhecera pela verdadeira exposiçaõ do que se passou sobre este objecto, quando as tropas Inglezas foraõ destinadas para Cadiz, e Carthagena.

No principio desta guerra o Governo Britannico fortemente convencido da importancia naval e militar de Cadiz e Ilha de Leaõ, e desejozo, que ahi houvesse huma guarniçaõ competente para preservar a sua segurança entabolou varias negociaçoens sobre este ponto com a Junta de Sevilha, e successivamente com a Junta Geral, porem sem resulta alguma.

Os successos militares sobre o Tejo no fim do anno de 1809, e aquelles na Andalusia no principio do anno de 1810, confirmaraõ, que o Governo Britannico tinha com o maior acerto considerado estes dous postos como as verdadeiras bases das operaçoens da guerra; e sem duvida os nossos successos devem-se em grande parte attribuir á fortuna, que prevenio naquelle tempo que Cadiz cahisse nas maõs do inimigo.

Naquelle tempo (Janeiro de 1810) o Exercito Britannico estava em Portugal, e eu recebi no dia 5 de Fevereiro por meio do predecessor de Vossa Excellencia, Mr. Frere hum despacho da Regencia Interina, pedindo me enviasse o mais cedo possivel hum destacamento de tropas Inglezas, a fim de cooperar para a defeza daquelle lugar; e como havia nesse tempo hum consideravel numero de tropas em Lisboa, eu as mandei sem perda de tempo, propondo alem disso as condiçoens, debaixo das quaes eu me fazia responsavel por separar estas tropas do resto do exercito; huma das quaes era, que ellas receberiaõ raçoens dos armazens Hespanhoes; e eu positivamente ordenei ao General que as commandava, que as naõ fizesse desembarcar, se as ditas condiçoens fossem rejeitadas*.

O Governo Hespanhol deve ter em seo poder os documentos do que se passou nesta occasiaõ; porem no cazo que os naõ tenha conservado, Vossa Excellencia os tem, e por elles se comprovaraõ os factos seguintes. 1. Que as tropas Inglezas se mandaraõ para Cadiz por terem sido pedidas pelo Governo Hespanhol: 2. Que eu insisti nas condiçoens, sem as quaes naõ tivera permittido o desembarque da dita expediçaõ; e por tanto 3. que o Governo Britan-

* Deve-se aqui observar, que naõ obstante o Governo Hespanhol ter annuido á esta condiçaõ, com tudo as Authoridades publicas de Cadiz decralaraõ no fim do primeiro mez, que ellas naõ as podiaõ por mais tempo supprir com provisoens, e desde esse tempo as tropas foraõ mantidas á custa do Governo Britannico.

nico, ou seos Delegados naõ podiaõ ter vistas sinistras em mandar para Cadiz as ditas tropas.

As causas, que deraõ lugar a que algumas tropas Inglezas passassem a guarnecer Carthagena foraõ pouco mais ou menos as mesmas, que as de Cadiz. Os progressos dos inimigos em Valencia, e a derrota do exercito Hespanhol, commandado pelo General Blake naquella provincia, nos fins do anno de 1811, motivaraõ receios sobre a segurança de Carthagena; e Vossa Excellencia me communicou a petiçaõ do Governo Hespanhol dirigida a que se destinasse hum destacamento de tropas Inglezas para coadjuvar na defeza daquella praça. Eu convim nisso debaixo das mesmas condiçoens, que tinha estipulado para guarnecer Cadiz; accrescentando, que os Navios e Petrechos navaes, que se achavaõ em Carthagena, deviaõ immediatamente passar para Mahon.

Vossa Excellencia tem em seo poder todos os Documentos relativos á esta transacçaõ; e estes deveraõ igualmente justificar, que naõ podia haver vistas sinistras em destinar tropas Inglezas para aquella guarniçaõ*.

O Governo Hespanhol (que eu saiba) nunca expressou o dezejo de que as tropas de Sua Magestade se retirassem de nenhuma das duas Praças. O Governo actual hade necessariamente saber destes factos; e certamente me admira muito, que dezejando continue a alliança com Sua Magestade, e conhecendo, como deve conhecer, o interesse de que o Povo Hespanhol esteja convencido de que as vistas do seo Alliado saõ pelo menos honradas, e de que os serviços que tem feito á causa naõ saõ menos desinteressados, do que saõ valiosos e importantes para a Hespanha; naõ se tenha aproveitado de nenhuma occasiaõ para cuidar em remover as impressoens, que tem procurado fazer no Povo aquelles que, sem duvida, se achaõ para esse fim assalariados pelo inimigo.

Espero porem, que as medidas, que acabo de tomar, e que formaõ o objecto desta carta, abriraõ os olhos á Naçaõ sobre este assumpto, e tomo a liberdade de insinuar a Vossa Excellencia, que se sirva mandar publicar esta carta, a qual

* Ainda que Lord Wellington sabia, que o Governo Hespanhol dezejava que se enviassem tropas Britannicas para Carthagena; com tudo negou-se á isso positivamente até ter communicaçaõ de officio sobre este particular.

contem hum resumo historico das transacçoens occorridas neste negocio.

Tenho a honra de ser, Senhor, vosso mais attento servo.

(Assignado) WELLINGTON.

Ao Excellentissimo Senhor Henrique Wellesley, Cavalleiro do Banho, Embaixador de Sua Magestade Britannica na Corte de Hespanha.

A Carta que acima transcrevemos, pode e deve ser hum assumpto de muitas e mui serias reflexoens. No tempo em que a cauza da Peninsula, a cauza da Europa e do mundo se está taõ gloriozamente a concluir, he com effeito bem para lamentar, que a Hespanha, que tanto deve ao auxilio de Inglaterra e Portugal, desconheça estas taõ justas e sanctas obrigaçoens, e tenha hum procedimento com as tropas Inglezas, que naõ era de esperar de huma naçaõ generoza e agradecida. Lord Wellington prova com toda a evidencia, que naõ foi elle, mas foi a Hespanha, ou o seo Governo, quem primeiro pedio o auxilio das tropas Britannicas para fazerem as guarniçoens de Cadiz e Carthagena. Mas pondo de parte esta verdade demonstrada, que teria sido da Hespanha, se os Inglezes e Portuguezes naõ tivessem reforçado a guarniçaõ de Cadiz, e assim naõ impedissem que o inimigo ali podesse entrar, naõ obstante os mais vigorozos esforços que fez para o conseguir? Cadiz era nesse tempo o unico ponto do territorio Hespanhol vedado as baionetas Francezas; era na realidade o verdadeiro *Palladium* da liberdade Peninsular, e talvez de toda a Europa; e se este fosse tomado, aonde se teria refugiado o Governo Hespanhol, e aonde acharia hum ponto seguro no seo continente em que podesse mostrar ás Hespanhas que a cauza da liberdade ainda naõ estava de todo perdida, porque taõbem ainda havia hum ponto sagrado, e superior a todas as tentativas do inimigo? Mas o *Palladium* da independencia da Peninsula tem milhores destinos que o de Troia; seguem-se as brilhantes jornadas de Albuera e Salamanca; o exercito Uzurpador he arrojado pelas pontas das espadas Portuguezas e Inglezas para alem do Ebro; he completamente esmagado de fronte de Victoria; e as bandeiras Alliadas, tremolando

sobre os Pirineos, attestaõ ao universo que a Peninsula está livre. Qual hé entaõ o procedimento da Hespanha a vista destas maravilhas? Em quanto se ve encerrada no pequeno e solitario territorio de Cadiz, quando repara na vergonhoza derrota de Valença, e considera as suas mais bellas provincias do Sul entregues a toda a rapacidade e violencias Francezas, pede humildemente o auxilio e protecçaõ Ingleza; e agora que ja se ve desafrontada, paga com ingratidaõ e com insultos os esforços generozos que huma braço estrangeiro, mas amigo, obrou em seo serviço e liberdade. Com effeito, muito o sentimos dizer, este procedimento naõ só he pouco leal e generozo, mas nos dá ainda a entender, que se a Hespanha ja esteja livre de inimigos, naõ o está ainda cabalmente da sua funesta e fatal influencia.

Nós estamos com tudo ainda muito bem persuadidos, que o Governo Hespanhol, que alias tem patenteado grandes virtudes patrioticas, sendo a principal de todas ou nunca ter desanimado entre a serie immensa dos desastres mais terriveis, reflectira milhor nos seos verdadeiros interesses; e naõ só naõ continuará a pagar com ingratidaõ e com insultos os indisputaveis serviços que lhe tem feito as duas potencias alliadas, Portugal e Inglaterra; mas empregara toda a auctoridade que a constituiçaõ e as leis tem depositado nas suas maõs, para que cessem todos os libellos com que taõ escandalozamente se ataca a lealdade do alliado que mais direitos tem a sua gratidaõ e amizade. Se os exercitos inimigos ja naõ devem cauzar sustos á Hespanha, devem-lhos ainda justamente cauzar a influencia maligna do tirano que a pertendeo subjugar. Agora que elle se ve cahido do mais alto gráo de poder, que a historia moderna nos aprezenta; agora que o seo monstruozo Imperio, a maneira da antiga torre de Babel, está de todo aniquilado pela confuzaõ das lingoas e dos elementos que o compunhaõ, de certo ha de empregar todos aquelles maliciozos artificios que a sua profunda maldade he capaz de sugerir-lhe. Jà elle, segundo se affirma deo a liberdade ao legitimo Rei de Hespanha, debaixo da condiçaõ de assignar huma alliança separada; e ja esta foi remettida ás Cortes para ser por ellas sanccionada: mas nós, apezar de tudo o que acabamos de dizer, ainda somos de opiniaõ, que o Governo e as Cortes de Hespanha desenvolveraõ neste momento critico huma politica mui superior as pequenas e rasteiras paixoens de rivalidade e desconfiança, que agora parecem hum pouco desunir as duas naçoens. A Hespanha toda sabe, assim como a Europa, que se Bonaparte lhe quer restituir agora o seo adorado Fernando, he porque se vê proximo á ser devorado pelo insondavel e

terrivel abismo que as suas uzurpaçoens e os seos crimes lhe abriraõ, e que agora só procura lançar maõ da primeira taboa de refugio, que as circumstancias lhe offerecem. Estamos por conseguinte bem seguros, de que a Hespaha olhará com horror e indignaçaõ todos os seos *dons*, e que ainda mais receios terá das suas offertas insidiozas do que já teve da sua prepotencia clara e manifesta. Naõ lhe resta pois para acabar com honra huma lucta, para que foi taõ perfidamente provocada, senaõ manter se firme na alliança com Inglaterra, e com as mais potencias da Europa, que hoje trabalhaõ para o mesmo fim, e para os mesmos rezultados; que saõ o dar ao mundo huma paz duravel e honroza. E nestes unicos, leaes, e generozos principios he que nos julgamos ainda se conserva e se conservara sempre imperturbavel abrioza Naçaõ Hespanhola, e o seo governo.

Para se ver a justiça com que Lord Wellington se queixa do comportamento Hespanhol, nós vamos transcrever o extracto de huma carta escripta de Cadiz em data de 18 de Dezembro de 1813.

Extracto de huma carta de Cadiz com data de 18 de Dezembro de 1813.

Ha quatorze mezes que vivo neste pesimo clima, passando a maior parte deste longo tempo na cama ou em huma cadeira. A esperança de facilitar huma correspondencia segura com Italia por via de Cagliari temme demorado ate agora, ainda que com pouco ou nenhum proveito. Daqui estou espreitando o primeiro buraco das nossas costas, que se achar livre dos inimigos para ali me estabelecer sem perda de tempo. Que gloriozissimos successos tem coroado em fim tanto no norte como no sul, a nobre emulaçaõ dos Alliados nestes ultimos seis mezes! A posteridade fara por certo a devida justiça aos esforços taõ constantes, e taõ realmente magnanimos de Inglaterra, que socorreu com tanto a certo o espirito generozo dos Peninsulares, tantas vezes desanimados pelas derrotas dos seus exercitos: digo a posteridade, visto que he bem verdade, que hum ridiculo orgulho nacional, ou alguma couza, que com isto se parece, mancha de tal modo os ditos esforços da Gram Bretanha, que diariamente se afixaõ aqui nos cantos das ruas libellos verdadeiramente diffamatorios; e mesmo as Gazettas ministeriaes (ou aquellas que saõ consideradas como taes) estaõ sempre cheias de

insultos que me cahe a pena das maõs todas as vezes que os devo referir. Em huma palavra hum Inglez ou hum seu apaixonado he objecto de horror no recinto desta cidade. Pobre e desgraçada naçaõ, se naõ chega com brevidade huma Pessoa Real, que se ponha a testa de hum governo energico, com a rezoluçaõ de parar a torrente de opinioens democraticas, que transtornaraõ a cabeça a tanta gente! Entretando os Grandes e os ricos, em lugar de trabalhar nos suas feudos para ganhan alguma ascendencia, passaõ o tempo em murmuraçoens, e mostraõ que saõ huma raça de homens degeneradissima.

O Embaixador Sir H. Wellesley partio hoje para Madrid com o seu sequito, e a manham parte a Regencia. Nestas circumstancias tivemos huma prova da ruina em que os inimigos deixaraõ este paiz; apezar de todos os esforços imaginaveis naõ poderaõ ajuntar mais de 100 carruagens de vidros ou calessas; e muitos dos primeiros officiaes de secretaria foraõ obrigados a partir em carros.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 25 Janeiro de 1814.

M. Henrique Addington chegou aqui hontem com despachos, dos quaes damos as seguintes copias, dirigidos ao Visconde Castlereagh pelos General Visconde Cathcart, K.T. o Tenente-general Hon. Sir C. W. Stewart, K. B. e Eduardo Thornton, Esq.

Bazilea, 14 *de Janeiro, de* 1814.

My Lord,

O Imperador da Russia chegou á Lorrach a 11, e no decurso deste e do seguinte dia tendo-se ajuntado as reservas do exercito, S. M. I. depois de ter assistido ao officio divino atravessou o Rheno acompanhado por S. M. o Rei da Prussia.

O Imperador da Austria, que tinha chegado a Bazilea na noite precedente veio sahir ao encontro do Imperoder Alexandre; e S. M. Imperiaes e Reaes entraraõ em Bazilea a cavallo á testa das guardas Russianas, e Prussianas, e outros regimentos da reserva. Estas tropas marchâraõ em ordem de batalha diante de S. M., e caminharaõ varias legoas pela

estrada de Montbeillard. A cavallaria chegou a Ferrete na mesma noite. Os reforços que se tem unido ás guardas Russianas, saõ excellentes, e eu nunca vi em periodo algum da campanha estes regimentos apparecerem em taõ grande vigor, ou em melhor condiçaõ. Mesmo á alguns dos regimentos tem-se accrescentado batalhoens.

Eu vi em marcha a artilheria de reserva, parte da qual he inteiramente nova, e he impossivel ter hum corpo militar mais completo quanto á peças, carretas, soldados, e cavallos. Os soldados em particular saõ realmente excellentes. Ha algumas baterias de artilheria a cavallo, que tem peças de calibre 12. A reserva Prussiana está igualmente na melhor condiçaõ.

Ao chegar aqui, as noticias que tenho recebido relativamente aos progressos dos exercitos saõ as seguintes. O Quartel-general do Feld-Marechal estava em Vesoul, e segundo me informaõ está agora movendo-se para Langres, lugar este que tem sido occupado por algum tempo pelo General Giulay. Naõ tenho recebido noticias extractas relativamento ao General Bubna, mas diz se que partira de Genebra para Dole, e que intentava assenhorear-se de Lyons. Dijon seria occupada ao mesmo tempo. Esperava-se que o Marechal Blucher chegasse nesse tempo a Metz. O General Conde Platoff, auxiliado pelo Prince Real de Wurthemberg, teve hum combate entre Epinal, e Nancy, no qual inimigo perdeo muitos homens entre mortos, e prisioneiros. O General Wrede teve tambem huma acçaõ, na qual diz-se o inimigo ter soffrido huma perda consideravel, porem naõ se tem ainda recebido noticias officiaes respectivas á estes acontecimentos.

Eu tenho a honra de ser, &c.

CATHCART.

Ao Visconde Castlereagh.

Bazilea, 14 *de Janeiro de* 1814.

MY LORD,

As columnas dos exercitos alliados continuaõ a avançar-se por todos os lados. O Quartel-general do Marechal Princepe Schwartzenberg estava no dia 12 em Vesoul, e continuava na sua marcha. Chegando a Langres o corpo do General Giulay, os habitantes dispararaõ armas de fogo contra as tropas, porem este he o unico caso, em que os alliados naõ tem sido bem acolhidos. O Quartel-general do

Feld-Marechal esperava-se, que chegasse a Langres a 16 ou 17. O corpo do General Bubna ja tem deixado Dole, e está em marcha para Lyons. O General Bianchi ainda continua as suas operaçoens contra Befort. Besançon esta cercada pelo corpo de Lichtenstein. Os Bavaros debaixo do General Wrede tiveraõ hum combate mui forte perto de S. Drey com o inimigo commandado pelo Marechal Victor. No principio da acçaõ elles foraõ rechaçados, e a cavallaria Franceza debaixo do commando do General Mulhand teve alguma vantagem, porem chegando a brigada Bavara do General Roy, o inimigo foi completamente rechaçado, e retirou-se para Luneville tendo perdido varios officiaes, e alguns centos de prisioneiros. Os Cossacos continuaõ-a avançar-se rapidamente. No meo ultimo despacho eu informei a V. S. quam anciozamente esperavamos ouvir feitos importantes do Marechal Blucher. Porem Marmont se se retirou precipitadamente de Kayserslantern, e passou o Saar. O Marechal Blucher tinha a 10 o seo Quartel-general em Kussel ; e diz-se que elle ja está em Saarbrack, e que chegará a Metz no dia 15 ou 16. Segundo as noticias de Paris o inimigo estava ajuntando alguma força perto de Chalons, e se assim he, elle provavelmente se retirara de Nancy para esse lugar.

Trinta mil homens das Guardas Russianas e Prussianas, e reservas, atravessaraõ o Rheno hontem neste lugar, e desfiláraõ diante dos soberanos Alliados.

He de todo impossivel dar por meio d'uma descripçaõ huma idea adequada destas tropas. O seo aspecto guerreiro, o seo admiravel *equipamento*, a sua perfeiçaõ militar; e quando se considera o que ellas tem soportado, e contemplamos os Russos, que tem atravessado as suas regioens, e marchado em poucos mezes de Moscou ate alem do Rheno, ficamos de todo obsortos em admiraçaõ e pasmo. A cavallaria Russia he digna do maior louvor; e quanto á sua artilheria V. S. sabe naõ pode haver superior.

Eu tenho a honra de ser &c.

CHARLES STEWART.

Ao Visconde Castlereagh, &c. Tenente-general, &c. &c.

Extracto de hum despacho dirigido por E. Thornton, Esq. ao Visconde Castlereagh, datado de Kiel, a 14 de Janeiro de 1814.

He como o maior prazer que a tenho a honra de informar a V. S. que o Baraõ de Weterstedt, o Ministro Sueco, e eu, temos hoje assignado Tratados de Paz com o Plenipotenciario de S. M. El Rey de Dinamarca.

CONSIDERAÇOENS

Sobre o estado actual da França, Invazaõ do seu territorio. Dynastia de Napoleaõ, e progresso para a paz das naçoens.

Em o numero antecedente do nosso jornal, nos apontamos, segundo o que nos parece, a couza principal da queda de Napoleaõ, e do movimento progressivo dos Alliados. Dissemos que o engrandecimento da França, devido a huma actividade viciosa e temporaria, trazia com sigo os principios de hum repentino decahimento. Pelo nosso modo de ver, fundado na razaõ humana, e naõ pelas combinaçoens mysteriosas de huma sciencia taõ intrincada, e obscura, como a politica; he que nos temos pezado os acontecimentos, e calculado os seos rezultados. A historia, e organizaçaõ do homem he quem nos fornece os materiaes, para os nossos raciocinios; e se elles naõ tem o caracter de huma evidencia mathematica, estribaõ se pelo menos em os poderosos axiomas do sentimento gerel, que tem, para nos muito pezo, e de certo mais importancia que muitas desmonstraçoens da philosophia. Desta arte examinando a marcha da revoluçaõ Franceza, vimos sempre, apezar dos seos progressos, a incompatabilidade, que ella tinha de preencher os seos fins, pertendendo a subjugaçaõ universal. Hum estado pode engrandecer-se, e conseguir mesmo huma geral e segura preponderancia, em quanto os principios da sua energia se naõ opposerem ás Leis da natureza humana. Mas hum estado que fundar a sua grandeza sobre a destruiçaõ dos outros estados, e interesses reciprocos dos seos individuos, quanto mais caminhar para os seos fins, mais se deverá aproximar á sua ruina pela successiva defecçaõ de seos meios; á semelhança de essas alluvioens, que alagando os campos sem os fecundar, pouco mais duraõ que a tempestade, que as formara. He certo que os estados possuem de alguma sorte aquella qualidade dos corpos, que os phisicos chamaõ *vis enertiæ*, que se oppoem a toda a mudança, e tende a perpetuar a sua rotina: mas tambem he certo, que todo o movimento dezordenado naõ pode durar, por isso que a ruptura do equilibrio, que o produzira, deve subsidir pela tendencia a co-ordenar-se que tem todos os elementos em lucta. Por este modo de encarar a natureza dos estados, e governos, que os representaõ, naõ nos admi-

ramos da rapida e successiva queda de huns e de outros.— Assim quando nos viamos o poder collossal da França revolucionaria estender seos braços gigantescos desde o Tejo ao Volga, e desde o Tybre ao Elbo; e consideravamos a base instavel e quebradiça, em que elle se apoiava, naõ obstante o assombro, que deste novo Adamastor inspirava, nos agouramos a tremenda ruina, que a sua molle formidavel, e crescente devia occazionar-lhe. Com effeito chegou o termo da sua mal fadada existencia. Duas campanhas, que seraõ sempre famosas, nos annaes do mundo, esgotaraõ esses arsenaes da morte, que a mais soffrega ambiçaõ, e assolador despotismo havia creado para flagello da especie humana. Esse orgulhoso, e imperial chefe da França, que ainda ha dous annos fazia tremer o continente, e dictando-lhe a lei, ameaçava a sua subversaõ: uzando agora de hum tom, que deixar ver a sua fraqueza, e humilhaçaõ, pede a paz aos Alliados, e á vista do perigo, que o rodea, appela para a naçaõ Franceza, para a sua honra, e patriotismo!

Que espontosa liçaõ para o orgulho humano, e sede inextinguivel da cubiça! Que vergonha e confuzaõ para os sectarios de hum systema taõ perverso como contradictorio! A cobardia a inconsequencia, a fatuidade do despotismo tornaõ-se mais visiveis na sua queda. Eis aqui pois o algoz dos Francezes appelando para a naçaõ Franceza, o impudente insultador da innocencia fallando de honra, e o mais insensivel de todos os egoistas recorrendo a patriotismo! Nada ha mais baixo, mais revoltante que a lingoagem da suberba reduzida a pedir soccorro.—Que differença de estilo ao da insolencia feliz? Que diraõ agora os admiradores de Napoleaõ, que seguiaõ enthusiasmados o seu carro de triumpho pelos destroços das naçoens? Que dirá agora esse mesma França, que se deixou identificar no seu rancor contra o genero humano, e assentindo escrava á suas torpezas, correo a saciar a sua voracidade matadora com o sangue de seos filhos, olhando a inutilidade de tantos crimes, e de taõ horrorosos sacrificios? Como vera ella o seu Baal por terra, despido do seu vernix, e aprezentando na sua dissoluçaõ o enxame ascaroso dos vermes, que minaraõ a sua grandeza.

A luctuoza solidaõ de suas familias,—as continuas extorsoens de huma rapina systematica—o arrastamento, e mortifera designaçaõ de seos nascidos, confirmada no degoladouro—a hydra da espionagem enroscando-se cada vez mais pelos seos lares, e sofocando no seio domestico ate os primeiros ais do natureza gemente. A perda gradativa da subsistencia individual; e o enterro diario da publica prosperidade, eis aqui os fructos que a França tirou de

hum mentiroso engrandecimento,—eisaqui o quadro que ella deve ter hoje diante dos olhos se naõ estiver taõ cega, taõ insana, que naõ veja o abismo que lhe cavara o seu despotismo regente. Ella ve hoje de mais a mais prezentes esses males, que arrojou entre os povos, ou que pela sua condescendencia deixou arrojar ; ve no seu territorio a invazaõ dos seos inimigos, que ella provocou. Que fara ella agora ? Destruirá de moto proprio a fonte de seos dezastres, destruindo o seu tyrano ? Naõ he provavel ; naõ he mesmo possivel. Olhando para os individuos que compoem hoje a naçaõ Franceza, vemos huma geraçaõ nascente, para quem se prepararaõ os ferros da escravidaõ civil e mental. Vemos a maior parte da que sobreviveo á revoluçaõ, hir com ella, mais authomaticamente, he verdade, do que principios ; aturdida porem dos horrores revolucionarios, e acalentada pela tyrania reinante com o estrepito, e pompa de hum apparato impostor, ella naõ tem tempo de reflectir. — Amortecida para liberdade, incredula sobre melhoramentos humanos, olha indifferente para toda a idea de restauraçaõ ; e como tocada de contagio, perdeo as suas uzuaes appetencias, e ate o instincto da sua segurança. Mais digna de commiseraçaõ, que de vinganças, ella naõ pode ter o seu livramento senaõ de maons extranhas. Debalde se consultaõ os seos sentimentos ; as mordaças com que a silencea o tyrano, naõ lhe deixaõ escapar nem a voz do seu soffrimento.

He pois ao tyrano, e so ao tyrano que os Alliados dirigem a sua mira devastadora. A França, ao estalar das suas cadeas, aprezentará sem devida esforços de reaçaõ violentissimos ; mas seraõ os esforços do leaõ, que expira, e ve cahir a preza de suas garras convulsivas. He na destruiçaõ de hum throno, que tem manchado a realeza, que se deve buscar a restauraçaõ da França, e segurar o effectuado livramento da Europa. Assim a dynastia de Napoleaõ deverá ser olhada como hum borraõ na chronologia dos reis, ou reprezentada pela fabula, dessa ave escura, e grasnadora, que se vestio com as plumas do pavaõ, e que no despojo do furtado ornamento, naõ achou nem o amparo de seu minho ignobil.

Mas resta consumar a grande obra ; restaõ por tanto difficuldades que vencer. He verdade que a força das armas de Napoleaõ baqueou, senaõ jaz extincta ; mas o seu poder de intriga ainda existe, e hade reforça-lo quanto lhe for possivel. Contra inimigo taõ ardiloso he precizo estar sempre alerta, para segurar-se o golpe da sua destruiçaõ. Os seos agentes, homens corrompidos, mas habeis ; e alguns ainda desses phreneticos que o admiraraõ nas suas obras de sangue, naõ

cessaõ de reprezentar a sua attitude como terrivel ainda aos Alliados; de fallar da energia da naçaõ Franceza, dos seos immensos recursos, e devoçaõ inalienavel pelo seu chefe. Por outra parte os Alliados saõ descriptos, como perfidos aggressores, violando os direitos os mais sagrados, e contra as suas promessas, naõ respeitando os paizes neutros, e invadindo a mesma França. "Que pode esta esperar de huma coalisaõ composta dos mesmos potentados, que dividiraõ a Polonia, que buscaraõ enganar-se huns aos outros, e que antes de virem agora a campo, tinhaõ ja disposto de estados que lhe naõ pertenciaõ? Que sinceras tençoens pode encontrar a França n'hum paiz vizinho, seu rival por natureza, e por systema inimigo da sua prosperidade, e da prosperidade geral? Se o phrenesi d'ambiçaõ levou Bonaparte ate ao seio da Russia; se o fez outra vez passar o Rheno, o Elbo, e invadir o imperio Germanico; que justiça pode authorizar os Alliados a passar as fronteiras de França, contra o que proclamaraõ em Frankfort?" Tal he a linguagem dos assalariados de Bonaparte, e dos seos adherentes tanto em França, como neste paiz, onde a liberdade da imprensa lhes da lugar a dezenvolver os seos insidiosos designios, o menoscabo, ou pelo menos a indifferença que tem pela cauza sagrada da justiça, da religiaõ, e da humanidade.

Tal tem sido a maneira porque Bonaparte conseguio estender tanto as suas conquistas, e surprender as naçoens extranhas a proporçaõ dos traidores, que podia empregar. Taes saõ ainda hoje os meios de que elle se serve, para vencer os embaraços que o cercaõ, e affastar a catastrophe, que de taõ perto o ameaça. Sem duvida elle trabalhará por semear a cizania entre os Alliados, e reforçar a intriga na Peninsula. Mas os seos esforços seraõ baldados. O seos estratagemas seraõ rebatidos pelos Alliados, assim como foraõ confundidas as suas armas. Reina entre elles a mais perfeita harmonia, a mais cordeal cooperaçaõ, pois os vinculos que os unem, saõ os da justiça, e da verdade. Os seos chefes dezenvolvem saber, coragem, magnanimidade, e perseverança. Os seos guerreiros saõ animados pelo mais vivo ardor da liberdade, e do heroismo. Elles estaõ ja no territorio da França—elles avançaõ, naõ como conquistadores sanguinolentos, a maneira dos exercitos de Napoleaõ, nem para se vingar dos attentados, que a França commetteo nos paizes extranhos.— Os Alliados avançaõ para destruir a cauza da calamidade actual, a tyrania uzurpadora do sceptro da França, e das prerogativas dos monarcas, e salvar deste modo o deposito sagrado, que o Ceo confiou a seos esforços—a liberdade do mundo.

Intumecido de orgulho, no meio de seos triumphos, do

seu throno de ferro disse Napoleaõ. " Cumpre so a monarcas daqui em diante julgar os monarcas." Na sua humilhaçaõ, nos lhe diremos. " Cumpre ás naçoens julgar os tyranos, que as accometem."—A sua sentença está lavrada com caracteres indeleveis em todos os coraçoens, onde naõ jas extincta a humanidade. Assim o dia da grande festa para o genero humano, o dia do seu livramento pela destruiçaõ do monstro, deve chegar, naõ sabemos quando; mas apezar das trevas que envolvem este futuro, cremos naõ estar mui longe o suspirado momento que deve trazer a paz ás naçoens.

Naõ receamos pois que as intrigas de Bonaparte prevaleçaõ; assim como nunca receámos que as suas armas fossem invenciveis. Ellas eraõ o seu forte, e cahiraõ. A duplicidade de seu caracter he conhecida. Com tudo, he precizo confessa-lo, pode-se agrilhoar hum estado por intrigas nunca resgata-lo por ellas Isso pertence exclusivamente á energia das naçoens.—Se neste momento Bonaparte parece desistir da sua pertinacia em seguir os planos da sua politica *particular*, restituindo a Hespanha os seos ligitimos soberanos; ve-se claramente que naõ he por hum sentimento de justiça, ou arrependimento das suas uzurpaçoens, que elle assim obra. Mas quando cuida por esse modo levar outra vez a confuzaõ, e a guerra civil a Hespanha, naõ se lembra, que a lealdade, e firmeza do povo Hespanhol tornaraõ inuteis todas as tentativas a mudar huma forma de governo, taõ identificado como seu caracter nacional e taõ connexo com a dignidade da monarquia Hespanhola. Com effeito, que pode a Hespanha recear da volta de seos monarcas, cujo desterro, e prizaõ avivaraõ tanto os seos dezastres, como a sua fidelidade? Traraõ elles affeiçaõ pelo seu verdugo? e a liçaõ de cinco annos de captiveiro naõ os dezenganaria das boas intençoens e amizade de Bonaparte—naõ destruiria aquella fatal confiança, que authorizou as expoliaçoens, e atraiçoamento da privança? Parece-nos taõ absurdo acredita-lo, como suppor, que á chegada dos Bourbons em França, Napoleaõ lhe entregaria o sceptro, que tem uzurpado, para a conservaçaõ do qual, elle fara todos os esforços imaginaveis, menos os da virtude. Neste estado de couzas, que podem os alliados esperar da obstinaçaõ e impenitencia do inexoravel uzurpador, e da apathia da naçaõ que elle tyraniza? Cumpre portanto aos Alliados fazer marchar as suas tropas até Pariz, e ali decidir, se a naçaõ Franceza quer pertencer á grande familia da Europa ja independente, ou merecer a par de Napoleaõ o castigo, que o Eterno lhe decretou, e cuja parte temporal tem visivelmente depozitado nas maons dos homens.

ADVERTENCIA.

As repetidas e volumozas Cartas quese nos remettem, por algumas das quaes havemos tido a condescendencia de pagar 10, 20, e 30 xelins, naõ se lembrando os Snrs. Correspondentes, que isto naõ só he expressamente contrario ás condiçoens do nosso Jornal, mas que seria pouco qualquer dinheiro que tivessemos para manter taes correspondencias em hum paiz, como Inglaterra, aonde he precizo ter vivido para formar huma idea do quanto custaõ aqui semelhantes remessas enviadas pelos correios; obrigaõ-nos hoje a publicar aquillo mesmo que escrevemos no No. I. deste nosso Periodico á pag. 3; e que de hoje em diante taõbem executaremos á risca.

I. Todas as Cartas, Memorias, &c. seraõ remettidas com o seguinte sobre escripto.—Aos Redactores do Investigador Portuguez.—Londres.

II. Os Redactores naõ receberaõ papel algum, cujo porte naõ venha pago.

III. As Subscripçoens se fazem em No. 3, Finsbury Terrace, City Road.

Londres, 29 *de Janeiro de* 1814.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS DO No. XXXI.

Erratas do 1. Canto da Lusiada.

Outas. Argto. ressemblés—lea-se—rassemblés.
Do. de ses bords—lea se—de ces bords.
1. fonderent bien tôt—lea-se—fonderent bientôt.
3. et d'Ulisses—lea-se—et d'Ulysse.
11. Rolland—lea-se—Roland.
12. du Fidele Fuas—lea-se—du fidele Fuas.
19. par court—lea-se—parcourt.
22. s'ettone—lea-se—s'ettonne.
30. triomphalé—lea-se—triomfale.
33. E'galer—lea-se—Egaler.

Pag. 402—fallando—lea-se—fallado.
403—Estado—lea-se—Estudo.
—tantos—lea-se—tanto.
417—maõ—lea-se—máo.
457—na ultima linha onde diz 41—lea se—silica—41.
464—odiosa rancores—lea-se—odios e rancores.
465—se communicavaõ—lea-se—se communicaraõ.
470—desta—lea-se—deste.
—remettes—lea-se—remettestes.
491—sontra a França—lea-se—contra a França.
492—mageado—lea-se—magoado.
513—ceo affecto—lea-se—e o affecto.
549—de hum medo o mais guapo—lea-se—de hum modo o mais guapo.

INDICE GERAL DO VOL. VIII.

No. XXIX.

LITERATURA.

SCIENCIAS.

INDEX.

CORRESPONDENCIA.

POLITICA.

AMERICA.

Rio de Janeiro.

Estados Unidos.

EUROPA.

Prussia.

INDEX.

DINAMARCA.

SUECIA.

FRANÇA.

INDEX.

PORTUGAL.

INGLATERRA.

INDEX.

No. XXX.

LITERATURA PORTUGUEZA.

SCIENCIAS.

CORRESPONDENCIA.

POLITICA.

AMERICA.

INDEX.

EUROPA.

FRANÇA.

NORTE DE ALEMANHA.

SICILIA.

PORTUGAL.

INDEX.

INGLATERRA.

INDEX

No. XXXI.

LITERATURA PORTUGUEZA.

SCIENCIAS.

POLITICA.

AMERICA.

EUROPA.

FRANÇA.

INDEX.

ALEMANHA.

SUISSA.

INGLATERRA.

APPENDICE.

No. XXXII.

LITERATURA PORTUGUEZA.

SCIENCIAS.

CORRESPONDENCIA.

INDEX.

POLITICA.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA.

EUROPA.

FRANÇA.

ALEMANHA.

HOLLANDA.

PORTUGAL.

INDEX.

SICILIA.

INGLATERRA.

FIM DO OITAVO VOLUME.